GEORGE R.R.

MARTIN

A DANÇA DOS DRAGÕES

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO CINCO

LeYa

AGRADECIMENTOS...

Nossos merecidos agradecimentos vão à toda nossa equipe de tradução da .mafia dos livros e de seu Departamento#01 que esteve empenhada na conclusão de mais esse projeto.

Obrigado à vocês, tradutores, revisores e organizadores que desprenderam de seu tempo para uma atividade na qual não esperam nada além de respeito e admiração e é esse o sentimento que temos para com vocês, por isso e graças a vocês somos uma equipe tão forte!

Parabéns por terem nos presenteado com tamanha dedicação e para alguns casos destaco um comprometimento incrível...

Parabéns e Obrigado...

Aos Digitalizadores: Gisely, Gabriel – **Muito Obrigado!**

Á Revisora: Raquel – **Muito Obrigado!**

Ao Revisor Final: Paulo Dornas – **Muito Obrigado!**

À Organização da .mafia dos livros. e do Departamento#01 : Ricardo Pereira, Laila

***E a Organização da revisão em si*:** Paulo Dornas

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Floresta Assombrada
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia do Mar
Skane
BAÍA DAS TOCAS
Lago Largo
Colinas Solitárias
Rio Ulmo
Karhold
Forte do Pavor
N
Winterfell
Praça de Torrhen
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Rio Rosado
Arnele
Porto Branco
Atalaia da Vitória
Fosso Cailin
Castelo Velho
O CARCAJO
DENTADA
Viúvas
Atalaia de Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gêmeas
Pedramare
Ilhas de Ferro
Moonrange
Guardamar
Rio Tumbo
Rio Azul
Nichos da Água
Pomo Sangrento
VALE DE ARRYN
Salt Shore
Pyke
Mapa por James Sinclair
Corrente
Rio Verde

GEORGE R.R.

MARTIN

A DANÇA DOS DRAGÕES

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

LIVRO CINCO

este é para os meus fãs

para Lodey, Trebla, Stego, Pod,
Caress, Yags, X-Ray e Mr. X,
Kate, Chataya, Mormont, Mich,
Jamie, Vanessa, Ro
para Stubby, Louise, Agravaine,
Wert, Malt, Jo, Mouse, Telisiane, Blackfyre,
Bronn Stone, a Filha do Coiote
e o resto dos loucos e das selvagens
da Irmandade Sem Estandartes

para os meus feiticeiros da web
Elio e Linda, senhores de Westeros,
Winter e Fábio do WIC,
e Gibbs de Pedra do Dragão, que a tudo deu início

para os homens e mulheres de Asshai em Espanha,
que nos cantaram sobre um urso e uma bela donzela
e os fabulosos fãs de Itália que me deram tanto vinho
para os meus leitores na Finlândia, Alemanha,
Brasil, Portugal, França e Holanda
e de todas as outras terras distantes
onde têm estado à espera desta dança

e para todos os amigos e fãs
que ainda virei a conhecer

obrigado pela sua paciência

UMA TRIVIALIDADE SOBRE A CRONOLOGIA

Passou-se algum tempo entre livros, bem sei. Portanto, um lembrete pode ser necessário.

O livro que têm nas mãos é a tradução do quinto volume [original] das Crônicas de Gelo e Fogo. O quarto volume foi *A Feast for Crows* [O Festim dos Corvos na edição portuguesa]. No entanto, este volume não se segue a esse no sentido tradicional, antes formam um conjunto com ele.

Tanto *Dance* como *Feast* retomam a história imediatamente após os acontecimentos do terceiro volume [original] da série, *A Storm of Swords* [A Tormenta de Espadas na edição portuguesa]. Enquanto *Feast* se concentrou nos acontecimentos em Porto Real e em volta da cidade, nas Ilhas de Ferro e lá em baixo em Dorne, *Dance* leva-nos para norte, para Castelo Negro e a Muralha (e mais além), e para o outro lado do mar estreito até Pentos e a Baía dos Escravos, a fim de retomar as historias de Tyrion Lannister, Jon Snow, Daenerys Targaryen e todas as outras personagens que não viram no volume anterior. Em vez de serem sequenciais, os dois livros são paralelos… Divididos geograficamente e não cronologicamente.

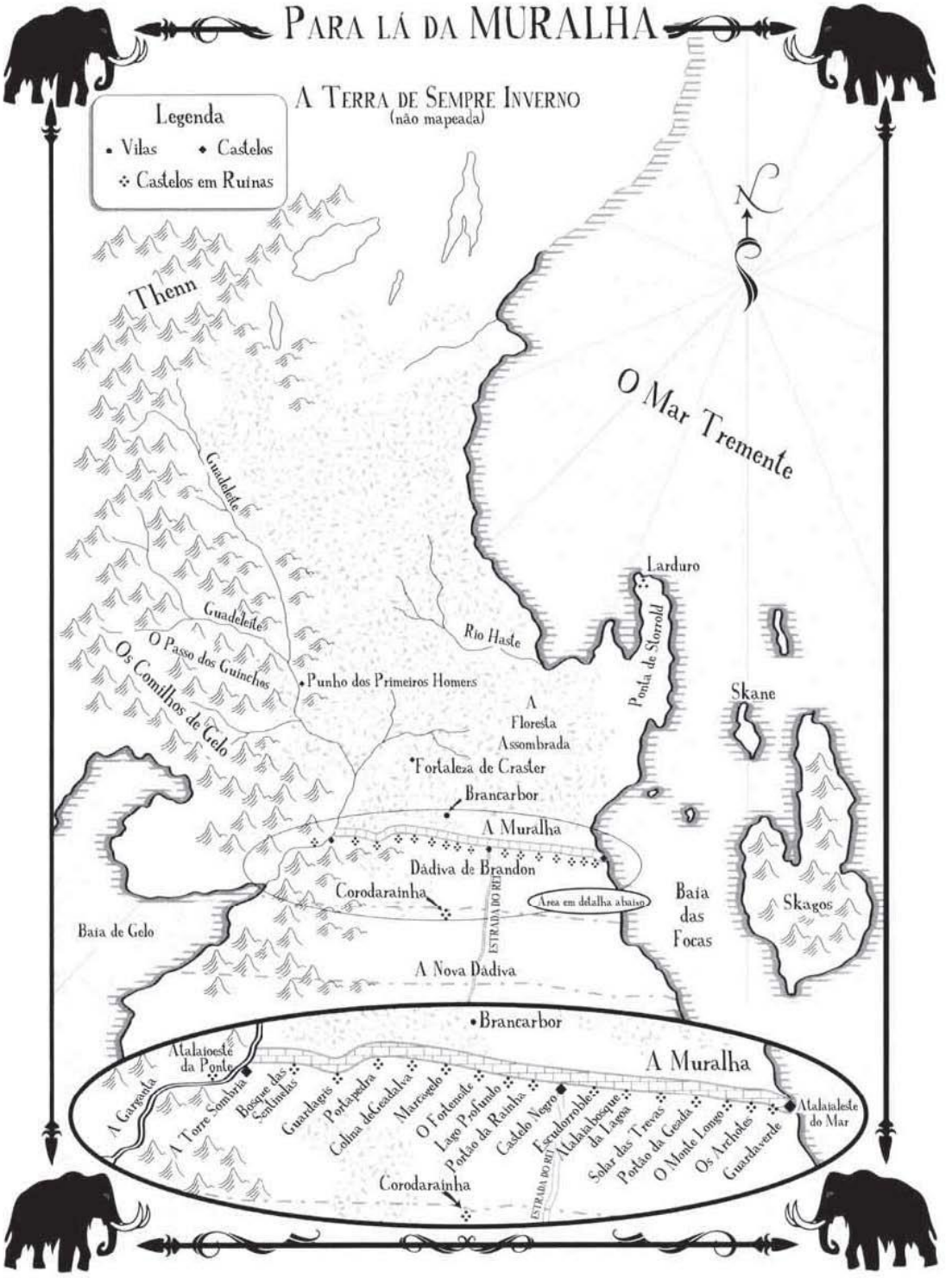
Mas só até certo ponto.

A Dance with Dragons é um livro mais longo do que *A Feast for Crows*, e abarca um período mais longo. Na segunda parte deste volume [isto é: no próximo volume da edição portuguesa] repararão que certos personagens de ponto de vista de *A Feast for Crows* começam a reaparecer. E isso significa precisamente o que vocês pensam que significa: a narrativa avançou até ultrapassar o período coberto por *Feast*, e as duas correntes voltaram a reunir-se.

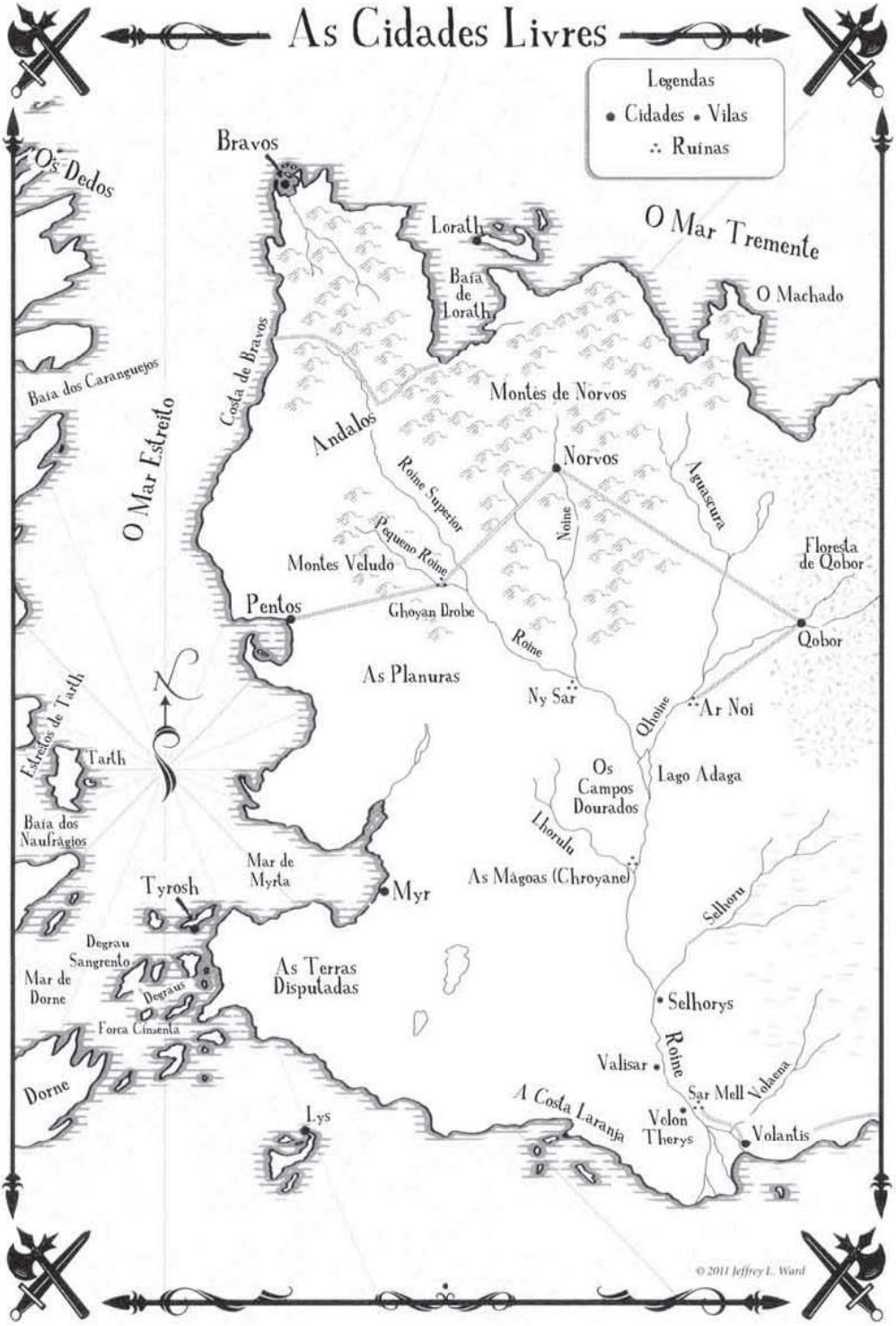
A seguir será *The Winds of Winter*. Onde, espero, todos estarão de novo tremendo juntos.

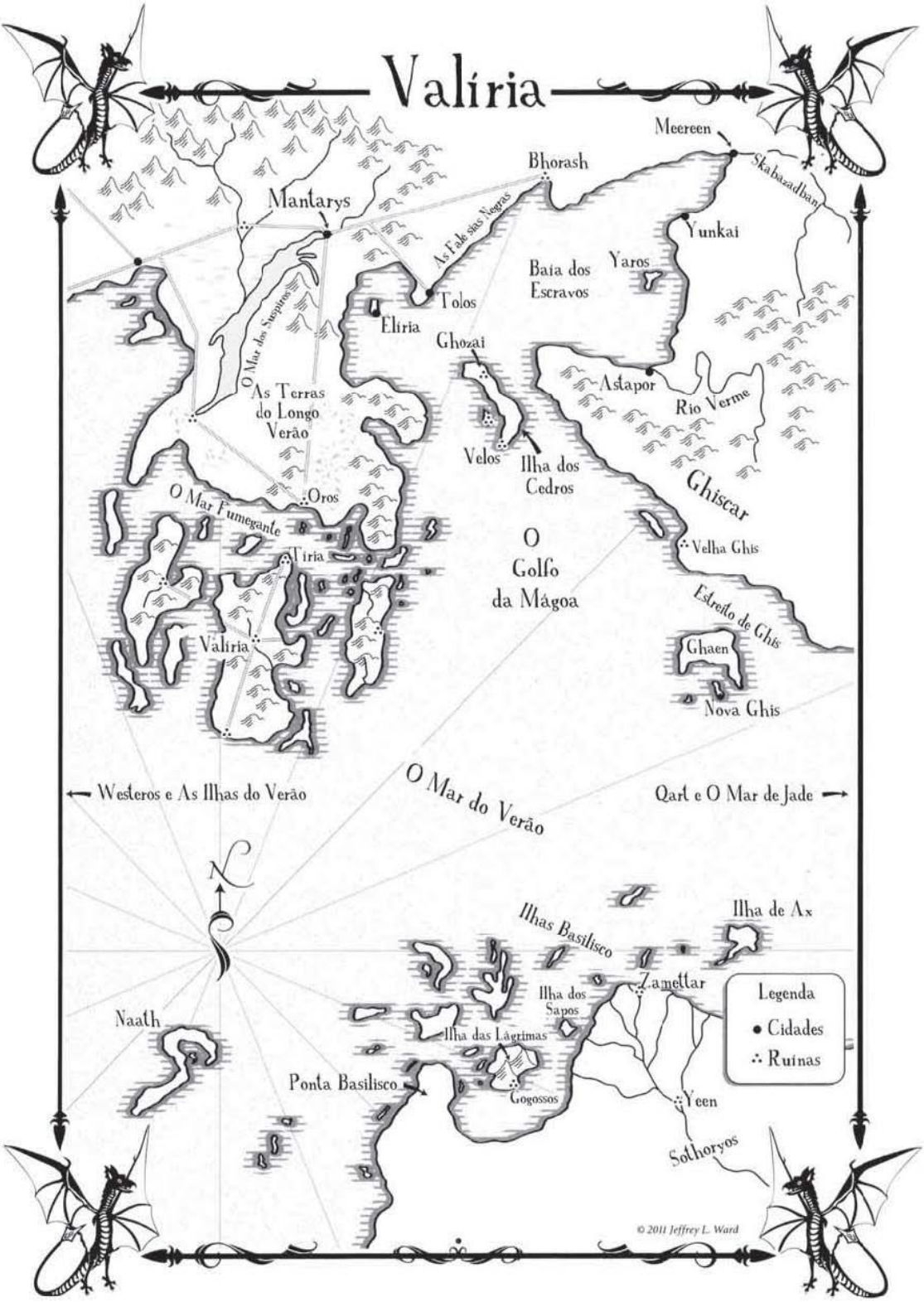
— George R. R. Martin
Abril de 2011

Para lá da Muralha



As Cidades Livres




Valíria
Meereen
Skabazdban
Bhorash
Mantarys
As Falésias Negras
Yunkai
Baía dos Escravos
Yaros
Tolos
Elíria
O Mar dos Suspiros
Ghozai
Astapor
Rio Verme
As Terras do Longo Verão
Velos
Ilha dos Cedros
Ghiscar
O Mar Fumegante
Oros
Tiria
O Golfo da Mágoa
Velha Ghis
Estreito de Ghis
Valíria
Ghaen
Nova Ghis
Westeros e As Ilhas do Verão
O Mar do Verão
Qart e O Mar de Jade
N
Ilhas Basilisco
Ilha de Ax
Zamettar
Ilha dos Sapos
Legenda
Cidades
Ruínas
Naath
Ilha das Lágrimas
Ponta Basilisco
Gogossos
Yeen
Sothoryos
© 2011 Jeffrey L. Ward

CAPÍTULOS

- UMA TRIVIALIDADE SOBRE A CRONOLOGIA 7
- PRÓLOGO 13
- TYRION 28
- DAENERYS 45
- JON 62
- BRAN 78
- TYRION 91
- O ASSISTENTE DO MERCADOR 105
- JON 119
- TYRION 139
- DAVOS 151
- JON 163
- DAENERYS 179
- FEDOR 193
- BRAN 201
- TYRION 211
- DAVOS 224
- DAENERYS 236
- JON 254
- TYRION 269
- DAVOS 282
- FEDOR 295
- JON 311
- TYRION 322

- DAENERYS 342
- O SENHOR PERDIDO 358
- O AVENTADO 374
- A NOIVA DESOBEDIENTE 389
- TYRION 411
- JON 436
- DAVOS 448
- DAENERYS 463
- MELISANDRE 477
- FEDOR 492
- TYRION 509
- BRAN 525
- APÊNDICE 540

PRÓLOGO

A noite estava fétida com o cheiro de homem.

O *warg* parou debaixo de uma árvore e farejou, com a pelagem cinzenta-acastanhada pintalgada de sombras. Um suspiro de vento com aroma de pinheiro trouxe-lhe o odor de homem, por sobre cheiros mais tênues que falavam de raposa e lebre, de foca e veado, mesmo de lobo. O *warg* sabia que estes eram também cheiros de homem; o fedor de peles velhas, mortas e azedas, quase afogadas sob os odores mais fortes de fumo, sangue e podridão. Só o homem despia as peles aos outros animais e as usava.

Os *wargs* não temem o homem como os lobos temem. O ódio e a fome enrolaram-se em sua barriga, e soltou um longo rosnado, chamando pelo irmão zarolho, pela irmã pequena e matreira. Enquanto corria através das árvores, os companheiros de alcateia seguiram-no de perto. Tinham também detectado o cheiro. Enquanto corria, via também através dos olhos deles e vislumbrava-se à sua frente. O hálito da alcateia fazia sair nuvenzinhas tênues e brancas de longas mandíbulas cinzentas. Gelo formara-se entre as patas deles, duro como pedra, mas a caçada estava agora lançada, tinham as presas em frente. *Carne* pensou o *warg*, *comida*.

Um homem sozinho é uma coisa frágil. Grande e forte, com bons olhos aguçados, mas cansado de ouvido e surdo aos cheiros. Veados e alces e mesmo lebres eram mais rápidos, ursos e javalis mais ferozes num combate. Mas homens em alcateias eram perigosos. Quando os lobos se aproximaram das presas, o *warg* ouviu o gemido de uma cria, a crosta da neve da noite anterior quebrando sob patas de homem desajeitadas, o matraquear de peles duras e das longas garras cinzentas que os homens transportavam.

Espadas, murmurou uma voz dentro de si, *lanças*.

Nas árvores tinham nascido dentes gelados, que rosnavam dos ramos nus e castanhos. Um-Olho arremeseu através dos arbustos, fazendo saltar neve para todos os lados. Os seus companheiros de alcateia seguiram-no. Por uma colina acima e pela encosta abaixo, do outro lado, até que a floresta abriu-se à frente deles e os homens ali estavam. Um era fêmea. A trouxa envolta em peles a que se agarrava era a sua cria. *Deixe-a para o fim*, sussurrou à voz, *o perigo são os machos*. Estavam rugindo uns aos outros, como os homens faziam, mas o

warg sentia o cheiro do seu terror. Um tinha um dente de madeira tão alto como ele. Atirou-o, mas tinha a mão tremendo e o dente passou bem alto.

Logo a seguir a alcateia estava em cima deles.

O irmão zarolho atirou o lançador do dente para cima de um monte de neve e lhe rasgou a garganta enquanto ele se debatia. A irmã se esgueirou para trás do outro macho e o apanhou pelas costas. Isso deixou à fêmea e a cria para ele.

A fêmea também tinha um dente, um dente pequeno feito de osso, mas deixou-o cair quando as mandíbulas do *warg* se fecharam em volta da sua perna. Enquanto caía, pôs ambos os braços em volta da cria ruidosa. Por baixo das peles, a fêmea era só pele e osso, mas tinha as tetas cheias de leite. A carne mais doce estava na cria. O lobo guardou os pedaços melhores para o irmão. A toda a volta das carcaças, a neve gelada foi tornando-se cor-de-rosa e vermelha enquanto a alcateia enchia a barriga.

A léguas de distância, numa cabana de divisão única feita de lama e palha com telhado de colmo e um buraco para o fumo e um chão de terra batida, Varamyr estremeceu, tossiu e lambeu os lábios. Tinha os olhos vermelhos, os lábios fendidos, a garganta seca e ressecada, mas os sabores do sangue e da gordura enchiam-lhe a boca, mesmo apesar da barriga distendida gritando por alimento. *A carne de uma criança*, pensou, lembrando-se de Bossa. *Carne humana*. Teria caído suficientemente baixo para sentir fome de carne humana? Quase conseguia ouvir Haggon rosnando-lhe.

— Os homens podem comer a carne de animais e os animais a carne dos homens, mas o homem que come a carne do homem é uma abominação.

Abominação. Sempre foi essa a palavra preferida de Haggon. *Abominação, abominação, abominação*. Comer carne humana era uma abominação, acasalar como um lobo com um lobo era uma abominação e capturar o corpo de outro homem era a pior abominação de todas. *Haggon era fraco, tinha medo do seu próprio poder. Morreu chorando e sozinho quando lhe arranquei a segunda vida*. Varamyr devorara-lhe pessoalmente o coração. *Ele ensinou-me muito e mais ainda, e a última coisa que aprendi com ele foi o sabor da carne humana.*

Contudo, isso fora enquanto lobo. Nunca comera a carne de homens com dentes humanos. Mas não negaria à alcateia o seu banquete. Os lobos estavam tão famintos como ele, estavam descarnados e tinham frio e fome, e as presas… *dois homens e uma mulher, um bebê de peito, fugindo da derrota para a*

morte. Em qualquer caso, teriam morrido em breve, de frio ou de fome. Assim foi melhor, foi mais rápido. Uma misericórdia.

— Uma misericórdia — disse em voz alta. Tinha a garganta em carne viva, mas era bom ouvir uma voz humana, mesmo que fosse a sua. O ar cheirava a bafo e a umidade, o chão era frio e duro, e a sua fogueira estava dando mais fumo do que calor. Aproximou-se das chamas tanto quanto se atreveu, tossindo quando não tremia e tremendo quando não tossia, com o flanco latejando onde o ferimento lhe abrira. Sangue lhe ensopara as calças até o joelho e secara numa crosta dura e castanha. Thistle o avisou de que isso poderia acontecer.

— Eu a cosi o melhor que pude — disse — mas precisa descansar e de deixar que se sare caso contrário à pele vai voltar a se abrir.

Thistle fora a última dos seus companheiros, uma esposa de lanças dura como uma velha raiz, verrugosa, queimada pelo vento e velha. Os outros foram abandonando-os ao longo do caminho. Um por um, foram se deixando ficar para trás ou avançando em frente, dirigindo-se às suas antigas aldeias, ou ao Guadeleite, ou a Larduro, ou a uma morte solitária na floresta. Varamyr não sabia e não queria saber. Devia ter capturado um deles quando tive possibilidade. Um dos gêmeos, ou o grandalhão da cara marcada, ou o jovem com o cabelo ruivo. Mas tivera medo. Um dos outros podia ter percebido o que estava acontecendo. E teriam se virado contra ele e teriam o matado. E as palavras de Haggon tinham-no atormentado, de modo que a oportunidade passara.

Após a batalha tinha havido centenas deles atravessando penosamente a floresta, esfomeados, assustados, fugindo da carnificina que caiu sobre eles junto à Muralha. Alguns falavam de regressar para as casas que tinham abandonado, outros de organizar um segundo assalto contra o portão, mas a maior parte estava perdida, sem qualquer ideia sobre para onde ir ou o que fazer. Tinham fugido dos corvos cobertos de negro e dos cavaleiros com o seu aço cinzento, mas inimigos mais implacáveis perseguiam-nos agora. Cada dia deixava mais cadáveres na margem dos caminhos. Alguns morriam de fome, alguns de frio, alguns de doenças. Outros eram mortos por aqueles que tinham sido seus irmãos de armas quando marcharam para sul com Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha.

Mance caiu, diziam os sobreviventes uns aos outros em vozes desesperadas, *Mance foi capturado, Mance está morto*.

— Harma está morta e Mance foi capturado, o resto fugiu e nos abandonou — afirmara Thistle enquanto lhe cosia o ferimento. — Tormund, o Chorão, o Seis-Peles, todos eles corajosos corsários. Onde estão agora?

Ela não me reconhece, percebeu-se então Varamyr, *e porque haveria de reconhecer?* Sem os seus animais não se parecia com um grande homem. *Eu era Varamyr Seis-Peles, que quebrava pão com Mance Rayder*. Chamara-me de Varamyr quando tinha dez anos. *Um nome adequado para um lorde, um nome bom para canções, um nome poderoso e temível*. Mas fugiu dos corvos como um coelho assustado. O terrível Senhor Varamyr tornara-se covarde, mas não conseguia suportar que ela o soubesse, portanto, dissera à esposa de lanças que o seu nome era Haggon. Mais tarde perguntara-se porque teria aquele nome subido aos lábios, entre todos os que poderia ter escolhido. *Comi-lhe o coração e bebi-lhe o sangue, e ainda me assombra.*

Um dia, enquanto fugiam, um cavaleiro chegou a galope pela floresta num esquálido cavalo branco, gritando que deveriam todos se dirigir para o Guadeleite, que Chorão estava reunindo guerreiros para atravessar a Ponte das Caveiras e tomar Torre Sombria. Muitos o seguiram; mais não o fizeram. Mais tarde, um guerreiro severo vestido de peles e âmbar andara de fogueira em fogueira, incentivando todos os sobreviventes a rumarem a norte e a se refugiarem no vale dos Thenn. Varamyr nunca soubera por que pensaria o homem que estariam lá a salvo quando os próprios Thenn tinham fugido desse local, mas foram centenas os que o seguiram. Mais centenas partiram com a bruxa da floresta que tinha tido uma visão de uma frota de navios que viria levar o povo livre para sul.

— Temos de ir à procura do mar — gritara a Mãe Toupeira, e os seus seguidores viraram-se para leste.

Varamyr podia ter estado entre eles, se tivesse mais força. Mas o mar era cinzento, frio e distante, e sabia que nunca viveria o suficiente para o ver. Estava nove vezes morto e morrendo, e aquela seria a sua morte verdadeira. *Um manto de pele de esquilo,* recordou, *ele me apunhalou por um manto de pele de esquilo.*

A dona do manto estava morta, com a nuca esmagada até se transformar em polpa rubra salpicada de fragmentos de osso, mas o manto parecia quente e grosso. Estava nevando, e Varamyr perdera os seus mantos junto da Muralha. As suas peles para dormir e a roupa de baixo de lã, as botas de pele de ovelha e as luvas forradas de pele, a sua reserva de hidromel e de comida estocada, as madeixas de cabelo que tirava das mulheres com que se deitava, até as braçadeiras em ouro que Mance lhe dera, tudo perdido e deixado para trás. *Ardi e morri, e depois fugi, meio louco de dor e terror*. A recordação ainda o

envergonhava, mas não estivera só. Outros tinham também fugido, centenas deles, milhares. *A batalha estava perdida. Os cavaleiros tinham chegado, invencíveis no seu aço, matando todos os que ficaram para lutar. Foi fugir ou morrer.*

Mas não era assim tão fácil fazer com que a morte ficasse para trás. E assim, quando Varamyr se deparou com a morta na floresta, ajoelhara para lhe despir o manto, e só vira o rapaz quando ele saltara do esconderijo para lhe enfiar a longa faca de osso no flanco e lhe arrancar o manto dos dedos que o agarravam.

— Da mãe dele — dissera-lhe Thistle mais tarde, depois do rapaz fugir. — Era o manto da mãe dele, e quando te viu roubando-a…

— Ela estava morta — dissera Varamyr, contraindo-se quando a agulha de osso da mulher lhe perfurara a pele. — Alguém lhe esmagou a cabeça. Um corvo qualquer.

— Não foi um corvo. Foram homens de Cornopé. Eu vi. — A agulha dela fechara o profundo golpe que ele tinha no flanco. — Selvagens, e quem resta para domá-los? — Ninguém. *Se Mance está morto, o povo livre está condenado*. Os Thenn, os gigantes e os homens de Cornopé, os cavernícolas com os seus dentes limados e os homens da costa ocidental com as suas bigas de osso… todos estavam também condenados. Até os corvos. Eles podiam ainda não saber, mas aqueles bastardos cobertos de negro morreriam com os outros. O inimigo vinha aí. A voz rude de Haggon ecoou na sua cabeça.

— Vai morrer uma dúzia de mortes, rapaz, e todas elas doerão… mas quando chegar a sua morte verdadeira voltará a viver. Dizem que a segunda vida é mais simples e mais doce.

Varamyr Seis-Peles conheceria bem depressa a verdade que naquilo haveria. Conseguia saborear a sua morte verdadeira no fumo que pairava, acre, no ar, sentia-a no calor sob os dedos quando enfiava a mão por baixo da roupa para tocar o ferimento. Mas também tinha em si o gelo, bem fundo nos ossos. Daquela vez seria o frio que o mataria.

A última morte fora pelo fogo. *Ardi*. A princípio, na sua confusão, julgara que um arqueiro qualquer na Muralha o trespassara com uma seta em chamas… mas o fogo estivera *dentro* dele, consumindo-o. E a dor…

Varamyr morrera antes nove mortes. Morrera uma vez de uma estocada com uma lança, uma vez com os dentes de um urso na garganta, e uma vez numa torrente de sangue ao dar à luz uma cria morta. Morrera a primeira morte quando tinha apenas seis anos, quando o machado do pai arremetera através do seu

crânio. Nem essa fora tão agonizante como o fogo nas entranhas, crepitando ao longo das suas asas, devorando-o. Quando tentara afastar-se dele voando, o terror atiçara as chamas e as fizera arder mais quentes. Num momento estivera pairando sobre a Muralha, observando com os seus olhos de águia os movimentos dos homens lá em baixo. E no seguinte as chamas tinham-lhe transformado o coração num carvão enegrecido e enviara-lhe o espírito, aos gritos, de volta para a própria pele, e durante um curto espaço de tempo enlouquecera. Até a memória bastava para fazê-lo estremecer.

Foi então que reparou que o fogo se apagara. Só restava um emaranhado cinzento e negro de madeira carbonizada, com algumas brasas brilhando entre as cinzas. *Ainda há fumo, só precisa de lenha*. Cerrando os dentes contra a dor, Varamyr rastejou até à pilha de ramos partidos que Thistle reunira antes de ir caçar, e atirou alguns paus para as cinzas.

— Pegue — rosnou. — *Arde*. — Soprou as brasas e dirigiu umas preces em palavras aos deuses sem nome da floresta, das colinas e dos campos.

Os deuses não deram resposta. Passado algum tempo, o fumo também deixou de subir. A pequena cabana já estava ficando mais fria. Varamyr não tinha pederneira, não tinha acendalhas, não tinha gravetos secos. Nunca conseguiria voltar, sozinho, a pôr a fogueira a arder.

— Thistle — gritou, com a voz rouca e debruada de dor. — *Thistle!*

O queixo dela era pontiagudo e o nariz achatado, e numa bochecha tinha um sinal do qual cresciam quatro pelos escuros. Uma cara feia e dura, mas teria dado muito para vê-la à porta da cabana. *Devia tê-la capturado antes de sair*. Partira há quanto tempo? Dois dias? Três? Varamyr não tinha certeza. Estava escuro dentro da cabana, e esteve à deriva entre o sono e a vigília, sem nunca saber bem se seria dia ou noite lá fora.

— Espera — dissera ela. — Eu volto com comida. — E ele, como um idiota, esperou, sonhando com Haggon e Bossa e todas as maldades que comeseu na sua longa vida, mas tinham-se passado dias e noites e Thistle não regressou. *Ela não vai voltar*. Varamyr perguntou-se se teria se denunciado. Seria ela capaz de compreender o que ele estava pensando só pelo olhar, ou teria ele murmurado no seu sonho febril?

Abominação, ouviu Haggon dizendo. Era quase como se estivesse ali, precisamente naquela sala.

— Ela é só uma feia esposa de lanças qualquer — disse-lhe Varamyr.

— Eu sou um grande homem. Sou Varamyr, o *warg*, o troca-peles, não está certo que ela viva e eu morra. — Ninguém respondeu. Não havia ninguém ali. Thistle desaparecera. Abandonara-o, tal como todos os outros.

A sua própria mãe também o abandonara. *Ela chorou por Bossa, mas nunca chorou por mim.* Na manhã em que seu pai o arrancara da cama para entrega-lo a Haggon, ela nem sequer quisera olhá-lo. Guinchara e esperneara enquanto era arrastado para a floresta, até que o pai o esbofeteara e lhe dissera para se calar.

— O seu lugar é com os da sua laia — foi tudo o que lhe dissera, quando o atirou ao chão aos pés de Haggon.

Ele não estava errado, pensou Varamyr, tremendo. Haggon ensinou-me muito e mais ainda. Ensinou-me como caçar e pescar, como cortar uma carcaça e limpar um peixe, como me orientar na floresta. E me ensinou os costumes dos wargs e os segredos dos troca-peles, embora o meu dom fosse mais forte do que o dele.

Anos mais tarde, tentara encontrar os pais, para lhes dizer que o seu Grumo se transformara no grande Varamyr Seis-Peles, mas ambos estavam mortos e queimados. *Tinham partido para as árvores e ribeirinhos, para as rochas e a terra. Tinham partido para o pó e as cinzas.* Tinha sido isso que a bruxa da floresta disse a sua mãe no dia em que Bossa morrera. Grumo não quis ser um torrão de terra. O rapaz sonhara com um dia em que os bardos cantariam sobre os seus feitos e moças bonitas o beijariam. *Quando crescer, serei o Rei-para-lá-da-Muralha*, prometera Grumo para si. Nunca o foi, mas chegou perto. Varamyr Seis-Peles era um nome que os homens temiam. Cavalgava para a batalha sobre o dorso de uma ursa das neves com quatro metros de altura, tinha três lobos e um gato-das-sombras como servos e sentava-se à direita de Mance Rayder. Foi Mance quem me trouxe para este local. *Não lhe devia ter dado ouvidos. Devia ter-me enfiado dentro da minha ursa e devia tê-lo feito em pedaços.*

Antes de Mance, Varamyr Seis-Peles foi uma espécie de senhor. Vivia sozinho num palácio de musgo e lama e troncos cortados que fora em tempos de Haggon, servido pelos seus animais. Uma dúzia de aldeias prestava-lhe homenagem em pão, sal e cidra, oferecendo-lhe fruta dos seus pomares e legumes dos seus jardins. A carne era ele próprio que a obtinha. Sempre que desejava uma mulher, mandava o gato-das-neves persegui-la, e qualquer mulher sobre a qual deitava o olho seguiria docilmente para a sua cama. Algumas

choravam, sim, mas mesmo assim vinham. Varamyr entregava-lhes a sua semente, tirava-lhes uma madeixa de cabelo para recordá-las, e mandava-as de volta. De tempos a tempos, qualquer herói de aldeia aparecia de lança na mão para matar o *warg* e salvar uma irmã ou uma amante ou uma filha. A esses, matava, mas nunca fazia mal às mulheres. A algumas até abençoava com filhos. *Porcarias. Coisas pequenas, insignificantes, como Grumo, e nenhum com o dom.*

O medo o pôs de pé, entontecido. Agarrando-se ao flanco para estancar o fluxo de sangue do ferimento, Varamyr cambaleou até à porta e afastou a pele esfarrapada que a cobria para enfrentar uma muralha de branco. *Neve*. Não admirava que tivesse ficado tão escuro e enfumarado lá dentro. A nevasca enterrara a cabana.

Quando Varamyr a empurrou, a neve desabou e cedeu, ainda mole e úmida. Lá fora, a noite estava branca como a morte; pálidas nuvens finas dançavam ao serviço de uma lua prateada, enquanto mil estrelas observavam friamente. Conseguia ver as formas corcovadas de outras cabanas enterradas sob montes de neve acumulados pelo vento, e atrás delas a sombra clara de um represeiro couraçado de gelo. Para sul e oeste, as colinas eram uma vasta região selvagem e branca onde nada se movia exceto a neve cegante.

— Thistle — chamou debilmente Varamyr, se perguntando até quão longe ela podia ter ido. — *Thistle. Mulher. Onde está?*

Ao longe, um lobo uivou.

Um arrepio percorreu Varamyr. Conhecia tão bem aquele uivo como Grumo conhecera em tempos a voz da mãe. *Um-Olho*. Era o mais velho dos seus três, o maior, o mais feroz. *Furtivo* era mais esguio, mais rápido, mais novo, *Matreira* mais astuciosa, mas ambos tinham medo de Um-Olho. O velho lobo era destemido, implacável, selvagem.

Varamyr perdeu o controle dos seus outros animais na agonia da morte da águia. O gato-das-sombras correu para a floresta, enquanto a ursa das neves virou as garras contra aqueles que a rodeavam, desfazendo quatro homens antes de cair vítima de uma lança. Teria matado Varamyr se ele tivesse surgido ao seu alcance. A ursa odiava-o, enfurecera-se de todas as vezes que ele usara a sua pele ou lhe subira para o dorso.

Mas os lobos…

Os meus irmãos. A minha alcateia. Em muitas noites frias dormira com os seus lobos, com os corpos peludos dos animais empilhados à sua volta para ajudar a mantê-lo quente. *Quando eu morrer, banquetearão com a minha carne e*

deixarão os ossos para saudar o degelo quando a primavera chegar. A ideia era estranhamente reconfortante. Os seus lobos tinham caçado muitas vezes para ele enquanto perambulavam pela floresta; parecia plenamente adequado que os alimentasse no fim. Podia perfeitamente dar início à sua segunda vida rasgando a carne morta e morna do próprio cadáver.

Os cães eram os animais mais simples para criar um vínculo; viviam tão perto dos homens que eram quase humanos. Deslizar para dentro da pele de um cão era como calçar uma bota velha, com o couro amolecido pelo uso. Assim como uma bota tinha a forma certa para receber um pé, um cão tinha-a certa para aceitar uma coleira, mesmo uma coleira que nenhum olho humano conseguisse ver. Os lobos eram mais difíceis. Um homem podia travar amizade com um lobo, podia mesmo quebrar um lobo, mas nenhum homem conseguiria realmente *domar* um lobo.

— Os lobos e as mulheres casam para a vida — dizia Haggon com frequência. — Se te ligas a um, é um casamento. O lobo torna-se parte de ti desse dia em diante, e você parte dele. Ambos mudarão.

Quanto aos outros animais, era melhor deixá-los em paz, declarara o caçador. Os gatos eram vaidosos e cruéis, sempre prontos para se virarem contra nós. Alces e veados eram presas; usando as peles deles durante muito tempo transformava até o mais corajoso dos homens num covarde. Ursos, javalis, texugos, doninhas… Haggon não aprovava tais criaturas.

— Há algumas peles que nunca vai querer usar, rapaz. Não ia gostar daquilo em que te transformava. — Segundo o que ele dizia, as aves eram as piores. — Os homens não estão destinados a abandonar a terra. Se passar muito tempo nas nuvens, nunca vai querer voltar para baixo. Conheço troca-peles que experimentaram falcões, mochos, corvos. Mesmo nas suas próprias peles ficam aluados, de olhos fixos na porcaria do azul.

Contudo, nem todos os troca-peles sentiam o mesmo. Uma vez, quando tinha dez anos, Haggon levara-o a uma reunião dessa gente. No grupo, os mais numerosos eram os *wargs*, os irmãos de lobos, mas o rapaz achara os outros mais estranhos e mais fascinantes. Borroq parecia-se tanto com o seu javali que só lhe faltavam às presas, Orell tinha a sua águia, Briar o seu gato-das-sombras (no momento em que os viu, Grumo desejou ter um gato-das-sombras seu), a mulher-cabra, Grisella…

Mas nenhum deles foi tão forte como Varamyr Seis-Peles, nem mesmo Haggon, alto e severo com as suas mãos duras como pedra. O caçador morreu de

chorar depois de Varamyr lhe roubar Pelegris, afastando-o para reivindicar o animal para si. *Não há segunda vida para você, velho*. Nessa época se autonomeara Varamyr Três-Peles. Pelegris somara a quarta, embora o velho lobo estivesse débil, quase desdentado e depressa tivesse seguido Haggon para a morte.

Varamyr conseguia capturar qualquer animal que desejasse, submetê-lo à sua vontade, tornar sua a sua carne. Cão ou lobo, urso ou texugo…

Thistle, pensou.

Haggon chamaria de uma abominação, o mais negro pecado de todos, mas Haggon estava morto, devorado e queimado. Mance também o teria amaldiçoado, mas Mance foi assassinado ou capturado. *Nunca ninguém saberá. Serei Thistle, a esposa de lanças, e Varamyr Seis-Peles estará morto*. Calculava que o dom pereceria com o corpo. Podia libertar os seus lobos e viver o resto dos seus dias como uma mulher magricela e verrugosa… mas viveria. *Se ela voltar. Se ainda estiver suficientemente forte para capturá-la.*

Uma ponta de tontura cobriu Varamyr. Deu por si de joelhos, com as mãos enterradas num monte de neve. Pegou num monte de neve e encheu com ele a boca, esfregando através da barba e contra os lábios fendidos, sugando a umidade. A água estava tão fria que quase não conseguia obrigar-se a engolir, e de novo percebeu de como estava quente.

A neve derretida só o deixou com mais fome. Era por comida que a sua barriga ansiava, não por água. A neve tinha parado de cair, mas o vento estava aumentando, enchendo o ar de cristais, esbofeteando-o no rosto enquanto lutava para ultrapassar a neve acumulada, com o ferimento no seu flanco abrindo-se e voltando a se fechar. A sua respiração gerava uma nuvem branca e irregular. Quando chegou ao represeiro, descobriu um ramo caído suficientemente longo para usar como muleta. Apoiando-se pesadamente nele, cambaleou na direção da cabana mais próxima. Era possível que os aldeões tivessem se esquecido de alguma coisa quando fugiram… um saco de maçãs, alguma carne seca, qualquer coisa para mantê-lo vivo até ao regresso de Thistle.

Estava quase lá quando a muleta se partiu sob o seu peso e as pernas cederam por baixo do corpo.

Varamyr não poderia dizer quanto tempo esteve ali estatelado, com o sangue avermelhando a neve. *A neve me enterrará. Seria uma morte pacífica. Dizem que nos sentimos quentes perto do fim, quentes e sonolentos*. Seria bom voltar a sentir-se quente, embora o entristecesse pensar que agora nunca veria as

terras verdes, as terras quentes para lá da Muralha sobre as quais Mance costumava cantar.

— O mundo para lá da Muralha não é para a nossa espécie de gente — costumava Haggon dizer. — O povo livre teme os troca-peles, mas também nos prestam honrarias. Ao sul da Muralha, os ajoelhadores nos perseguem e nos massacram como se fôssemos porcos.

Você me avisou, pensou Varamyr, *mas também foi você que me mostrou Atalaialeste.* Não podia ter tido mais do que dez anos. Haggon trocara uma dúzia de fios de âmbar e um trenó carregado com uma grande pilha de peles por seis odres de vinho, um bloco de sal e uma panela de cobre. Atalaialeste era um lugar melhor para comercializar do que Castelo Negro; era ali que os navios chegavam, carregados de bens vindos das terras lendárias do outro lado do mar. Os corvos sabiam que Haggon era caçador e amigo da Patrulha da Noite, e recebiam bem as notícias que ele trazia sobre a vida para-lá-da-sua-Muralha. Alguns também sabiam que era um troca-peles, mas disso ninguém falava. Foi ali, em Atalaialeste-do-Mar, que o rapaz que ele foi começou a sonhar com o quente sul.

Varamyr conseguia sentir os flocos de neve derretendo na testa. *Isto não é tão mau como arder. Deixe-me dormir e nunca acordar, me deixe dar início à minha segunda vida.* Os seus lobos estavam agora próximos. Conseguia senti-los. Deixaria a sua débil carne para trás, se tornaria um com eles, passando a noite caçando e uivando à Lua. O *warg* se transformaria num verdadeiro lobo. *Mas em qual?*

Em Matreira não. Haggon teria chamado isso de abominação, mas Varamyr enfiara-se frequentemente na pele dela enquanto a loba estava sendo montada por Um-Olho. Contudo, não queria passar a sua nova vida como uma loba, a menos que não tivesse outra hipótese. Furtivo, o macho mais novo poderia lhe servir melhor… se bem que Um-Olho fosse maior e mais feroz e fosse Um-Olho quem montava Matreira sempre que ela entrava no cio.

— Dizem que se esquece — dissera-lhe Haggon, algumas semanas antes da sua morte. — Quando a carne do homem morre, o seu espírito continua vivendo dentro do animal, mas a memória vai-se desvanecendo todos os dias, e o animal torna-se um pouco menos um *warg*, um pouco mais um lobo, até que nada reste do homem e só fique a fera.

Varamyr sabia que aquilo era verdade. Quando reclamara para si a águia que fora de Orell, conseguira sentir o outro troca-peles se enfurecer com a

sua presença. Orell tinha sido morto pelo corvo vira-casaca Jon Snow, e o ódio que sentia pelo seu assassino fora tão forte que Varamyr dera por odiar também o rapaz. Compreendera o que Snow era no momento em que vira aquele grande lobo gigante branco caminhando em silêncio a seu lado. Um troca-peles era sempre capaz de detectar outro. *Mance deveria ter me deixado capturar o lobo gigante. Aí estaria uma segunda vida digna de um rei.* Poderia ter feito, não duvidava. O dom era forte em Snow, mas o jovem não foi ensinado e ainda combatia a sua natureza quando devia ter exultado com ela.

Varamyr conseguia ver os olhos vermelhos do represeiro fitá-lo do tronco branco. *Os deuses estão me avaliando*. Foi percorrido por um arrepio. Fizera coisas más, coisas terríveis. Roubara, matara, violara. Empanturrara-se de carne humana e lambera o sangue de moribundos enquanto ele jorrava rubro e quente das gargantas rasgadas. Perseguira inimigos através dos bosques, caíra sobre eles enquanto dormiam, rasgara-lhes as barrigas fazendo sair às entranhas, e espalhara-as pela terra lamacenta. Que bem soube a carne deles.

— Isso foi o animal, não eu — disse num sussurro rouco. — Isso foi o dom que me concederam.

Os deuses não responderam. A sua respiração pairou pálida e brumosa no ar. Conseguia sentir gelo formando em sua barba. Varamyr Seis-Peles fechou os olhos.

Sonhou um velho sonho sobre uma choupana junto ao mar, três cães ganindo, lágrimas de uma mulher.

Bossa. Ela chora por Bossa, mas nunca chorou por mim.

Grumo nascera um mês antes do tempo, e estava tantas vezes doente que ninguém esperava que sobrevivesse. A mãe esperara até ele ter quase quatro anos para lhe dar um nome como devia ser, e por essa altura era tarde demais. Toda a aldeia se habituara a chamar-lhe Grumo, o nome que a irmã Meha lhe dera quando ainda estava na barriga da mãe. Meha também dera o nome a Bossa, mas o irmãozinho de Grumo nascera no tempo certo, grande, vermelho e robusto, sugando avidamente as tetas da mãe. Ela ia dar-lhe o nome do pai. Mas ele morreu. Morreu quando tinha dois anos e eu seis, três dias antes do dia do seu nome.

— O seu pequenino está agora com os deuses — dissera a bruxa da floresta à mãe enquanto ela chorava. — Nunca mais terá dores, nunca terá fome, nunca chorará. Os deuses levaram-no para a terra, para as árvores. Os deuses

estão a toda a nossa volta, nas rochas e nos ribeirões, nas aves e nos animais. O seu Bossa foi se juntar a eles. Será o mundo e tudo o que existe no mundo.

As palavras da velha tinham atravessado Grumo como uma faca. *Bossa vê. Está me observando.* Ele sabe. Grumo não se podia esconder dele, não podia se enfiar atrás das saias da mãe ou fugir com os cães para escapar à fúria do pai. Os cães. Rabo-Cortado, Farejo, Rosnão. Eram bons cães. Eram meus amigos.

Quando o pai encontrara os cães farejando em volta do corpo de Bossa, não tivera maneira de saber qual deles o fizera, portanto, passara todos os três pelo machado. As mãos tremiam-lhe tanto que precisara de dois golpes para silenciar Farejo e quatro para abater Rosnão. O cheiro do sangue pairara pesado, no ar, e os sons que os cães moribundos fizeram tinham sido terríveis de ouvir, mas mesmo assim Rabo-Cortado foi até ele quando o pai o chamara. Era o cão mais velho, e o treino sobrepusera-se nele ao terror. Quando Grumo deslizara para dentro da pele do cão era tarde demais.

Não, pai, por favor, tentou dizer, mas os cães não conseguem falar as línguas dos homens e, por isso, tudo o que saiu foi um ganido digno de dó. O machado abatera-se sobre o meio do crânio do velho cão, e dentro da choupana o rapaz deixara sair um grito. Foi assim que eles souberam. Dois dias mais tarde, o pai arrastara-o para a floresta. Trouxera o machado, e Grumo julgara que tencionava abatê-lo tal como fizera com os cães. Mas em vez disso, dera-o a Haggon.

Varamyr acordou de repente, com violência, com o corpo inteiro tremendo.

— Levanta — estava uma voz gritando — levanta-se, temos de ir. Eles são centenas. — A neve cobrira-o com uma manta rígida e branca. *Tão fria*. Quando tentou se mover, descobriu que a mão congelara e colara-se ao chão. Deixou alguma pele para trás quando a soltou. — Levanta-se —voltou ela a gritar — eles vêm aí.

Thistle regressara para junto dele. Agarrara-o pelos ombros e estava sacudindo-o, gritando-lhe na cara. Varamyr conseguia cheirar-lhe o hálito e sentir o calor que ele trazia com bochechas adormecidas pelo frio. *Agora, pensou, fáça agora ou então morre.*

Convocou todas as forças que ainda havia em si, saltou para fora da sua própria pele, e forçou a entrada nela.

Thistle arqueou as costas e gritou.

Abominação. Seria ela, ele ou Haggon? Nunca soube. A sua velha carne voltou a cair no monte de neve quando os dedos dela se descontraíram. A esposa de lanças torceu-se com violência, aos guinchos. O gato-das-sombras de Varamyr costumava combatê-lo selvagemente, e a ursa das neves ficara meio louca durante algum tempo, tentando morder árvores, pedras e ar vazio, mas aquilo era pior.

— Sai, sai! — ouviu a sua própria boca de mulher gritando. O corpo cambaleou, caiu e voltou a se levantar, as pernas abanaram, as mãos sacudiram-se para aqui e para ali, numa dança grotesca qualquer, enquanto o seu espírito e o dela combatiam pela carne. Engoliu um gole de ar gélido, e Varamyr teve meio segundo para rejubilar com o sabor do ar e com a força daquele corpo jovem antes dos dentes dela cerrarem-se com força e lhe encherem a boca de sangue. Ela levou as mãos à cara dele. Tentou empurrá-las de novo para baixo, mas as mãos não queriam obedecer, e ela pôs-se a lhe repuxar os olhos. *Abominação*, recordou, afogando-se em sangue, dor e loucura. Quando tentou gritar, ela cuspiu a língua de ambos.

O mundo branco girou e caiu. Por um momento, foi como se estivesse dentro do represeiro, olhando através de olhos esculpidos e vermelhos enquanto um moribundo se contorcia debilmente no chão e uma louca dançava cega e ensanguentada, sob a Lua, chorando lágrimas vermelhas e rasgando a roupa. Depois ambos desapareceram e ele viu-se subir, derretendo, com o espírito levado por um vento frio qualquer. Estava na neve e nas nuvens, era um pardal, um esquilo, um carvalho. Um bufo voou em silêncio por entre as suas árvores, caçando uma lebre; Varamyr estava dentro do bufo, dentro da lebre, dentro das árvores. Profundamente enterradas sob o chão gelado, minhocas escavavam cegamente na escuridão, e também eram elas. *Sou a floresta, e tudo o que ela contém*, pensou exultante. Uma centena de corvos levantou voo, crocitando ao senti-lo passar. Um grande alce trombeteou, perturbando as crianças que se agarravam ao seu dorso. Um lobo gigante adormecido ergueu a cabeça para rosnar ao ar vazio. Antes que os corações de todos eles tivessem tempo de voltar a bater, ele já tinha passado, procurando os seus, procurando Um-Olho, Matreira e Furtivo, procurando a alcateia. Disse a si mesmo que os seus lobos o salvariam.

Esse foi o seu último pensamento enquanto homem.

A morte verdadeira chegou de súbito; sentiu um choque de frio, como se tivesse sido mergulhado nas águas geladas de um lago congelado. Depois deu por si correndo por neves iluminadas pelo luar com os companheiros de alcateia

logo atrás de si. Metade do mundo estava escuro. *Um-Olho* compreendeu. Soltou um latido e Matreira e Furtivo serviram-lhe de eco.

Quando chegaram ao cume, os lobos fizeram uma pausa. *Thistle* recordou, e uma parte de si sentiu dor por aquilo que perdera, e outra parte pelo que fizera. Em baixo, o mundo transformara-se em gelo. Dedos de geada subiam lentamente pelo represeiro, tentando alcançarem-se uns aos outros. A aldeia vazia já não estava vazia. Sombras de olhos azuis caminhavam por entre os montes de neve. Algumas usavam roupa castanha, algumas preta e algumas estavam nuas, com a pele tornada branca como neve. Um vento suspirava pelas colinas, pesado com os seus odores: carne morta, sangue seco, peles que fediam a mofo, podridão e urina. Matreira rosnou e arreganhou os dentes, com a pelagem na nuca eriçando-se. Não são homens. *Não são presas. Aqueles não.*

As coisas lá em baixo mexiam-se, mas não viviam. Uma por uma, ergueram as cabeças para os três lobos na colina. A última a olhar foi a coisa que fora Thistle. Usava lã, peles e couro, e por cima disso usava uma cobertura de geada que crepitava quando se mexia e cintilava ao luar. Pálidos pingentes rosados pendiam das pontas dos seus dedos, dez longas facas de sangue congelado. E nos poços onde os seus olhos tinham estado, uma luz azul clara estava tremeluzindo, emprestando às suas feições rudes uma beleza fantasmagórica que nunca tinham conhecido em vida.

Ela me vê.

TYRION

Atravessou o mar estreito bebendo.

O navio era pequeno, a sua cabine menor ainda, mas o capitão não queria deixá-lo subir ao convés. O balançar da coberta sob os pés deixava-lhe o estômago agitado, e a maldita comida sabia ser ainda pior quando voltava para cima num vômito. Mas para que queria ele carne de vaca salgada, queijo duro e pão repleto de vermes quando tinha vinho com que se nutrir? Era tinto e amargo, muito forte. Às vezes também vomitava o vinho, mas havia sempre mais.

— O mundo está cheio de vinho — resmungou na umidade fria da cabine. O pai nunca quis bêbados para nada, mas que importava isso? O pai estava morto. Foi ele que o matara. *Um dardo na barriga, senhor, e todo para você. Se eu fosse melhor com uma besta teria atravessado essa pica com que me fizeste, bastardo dum raio.* Abaixo do convés não havia nem noite nem dia. Tyrion contava o tempo pelas idas e vindas do criado de bordo que trazia as refeições que não comia. O rapaz trazia sempre também uma escova e um balde, para limpar.

— Isto é vinho de Dorne? — perguntara-lhe Tyrion uma vez, enquanto destampava um odre. — Faz-me lembrar uma certa serpente que conheço. Um tipo engraçado, até que uma montanha lhe caiu em cima.

O criado de bordo não respondeu. Era um rapaz feio, embora Tyrion admitisse que fosse melhor aparecido do que um certo anão com meio nariz e uma cicatriz do olho ao queixo.

— Te ofendi? — perguntara Tyrion, enquanto o rapaz escovava. — Te ordenaram para não falar comigo? Ou será que algum anão te vigarizou a mãe? — aquilo também não obteve resposta. — Para onde nos dirigimos? Diga-me isso. — Jaime mencionara as Cidades Livres, mas não chegara a dizer qual delas. — É Bravos? Tyrosh? Myr? — Tyrion teria preferido ir para Dorne. *Myrcella é mais velha do que Tommen, pela lei dornesa o Trono de Ferro é seu. Vou ajudá-la a reclamar os seus direitos como o Príncipe Oberyn sugeriu.*

Mas Oberyn estava morto, com a cabeça esmagada até se transformar numa ruína sangrenta pelo punho couraçado de Sor Gregor Clegane. E sem a Víbora Vermelha para instigá-lo a avançar, iria Doran Martell sequer pensar em pôr em prática um plano tão arriscado? *Em vez disso, pode me acorrentar e me devolver à minha querida irmã.* A Muralha poderia ser mais segura. O Velho

Urso Mormont disse que a Patrulha da Noite tinha necessidade de homens como Tyrion. *Mas Mormont pode estar morto. Por esta altura pode ser Slynt o Senhor Comandante.* Não era provável que aquele filho de carniceiro tivesse se esquecido de quem o enviara para a Muralha. *Quer mesmo passar o resto da vida comendo carne de vaca salgada e papas de aveia com assassinos e ladrões?* Não que o resto da sua vida fosse durar muito. Janos Slynt trataria disso.

O criado de bordo molhou a escova e continuou esfregando intrepidamente.

— Alguma vez visitaste as casas de prazer de Lys? — inquiriu o anão. — Poderá ser para lá que as rameiras vão? — Tyrion não parecia capaz de recordar a palavra valiriana para rameira, e fosse como fosse era tarde demais. O rapaz voltou a atirar a escova para dentro do balde e retirou-se.

O vinho me enevoou o espírito. Aprendera a ler alto valiriano ainda muito novo, se bem que aquilo que falavam nas Nove Cidades Livres… bem, não era tanto um dialeto, mas nove dialetos a caminho de se transformarem em línguas separadas. Tyrion sabia algum bravosiano e tinha umas noções de myrano. Em tyroshi podia ser capaz de amaldiçoar os deuses, chamar batoteiro a um homem e pedir uma cerveja, graças a um mercenário que conheceu a tempos no Rochedo. *Pelo menos em Dorne falam o idioma comum*. Tal como acontecia com a comida dornesa e a lei de Dorne, a fala dornesa era temperada com os sabores de Roine, mas um homem compreendia-a. *Dorne, sim, para mim é Dorne*. Engatinhou para o beliche, agarrando-se a essa ideia como uma criança a uma boneca.

O sono nunca chegava facilmente para Tyrion Lannister. A bordo daquele navio raramente chegava de todo, embora de vez em quando conseguisse beber vinho suficiente para desmaiar durante algum tempo. Pelo menos, não sonhava. Já sonhara o suficiente para uma pequena vida. *E com tolices tão grandes: amor, justiça, amizade, glória. Mais valia sonhar com ser alto*. Tyrion sabia agora que tudo aquilo estava fora do seu alcance. Mas não sabia para onde iam as rameiras.

— *Onde quer que as rameiras vão* — dissera o pai. *As suas últimas palavras, e que palavras elas foram*. A besta soltara um *tuang*, Lorde Tywin voltara a se sentar, e Tyrion Lannister dera por si a bambolear-se pelas trevas com Varys a seu lado. Devia ter voltado a descer a chaminé, duzentos e trinta degraus até ao local onde brasas cor de laranja brilhavam na boca de um dragão de ferro. Não se lembrava de nada disso. Só do som que a besta fizera, e do fedor

das tripas do pai se abrindo. *Até na morte arranjou maneira de cagar em mim.*

Varys o acompanhara pelos túneis, mas não se falaram até saírem junto à Água Negra, onde Tyrion conquistara uma vitória famosa e perdera um nariz. Foi então que o anão virara-se para o eunuco e dissera "Matei o meu pai," no mesmo tom que um homem poderia usar para dizer "Dei uma topada com o pé."

O mestre dos murmúrios estava vestido como um irmão mendicante, trajando uma túnica castanha de tecido grosseiro comido pelas traças, com um capuz que lhe escondia as bochechas lisas e gordas e a cabeça careca e redonda.

— Não devia ter subido aquela escada — dissera, numa censura.

— Onde quer que as rameiras vão. — Tyrion avisou o pai para não dizer aquela palavra. *Se não tivesse disparado, ele teria visto que as minhas ameaças eram ocas. Teria me tirado a besta das mãos, como um dia me tirou Tysha dos braços. Estava se levantando quando o matei.*

— Também matei Shae — confessara a Varys.

— Sabía o que ela era.

— Sabia. Mas nunca soube o que ele era. Varys soltara um risinho sufocado.

E agora sabia.

Também devia ter matado o eunuco. Um pouco mais de sangue nas mãos, que importaria? Não sabia dizer o que lhe detivera o punhal. Não fora gratidão. Varys salvara-o da espada de um carrasco, mas só porque Jaime o forçara a isso. *Jaime… não, é melhor nem pensar em Jaime.*

Em vez disso, encontrou um odre novo de vinho, e pôs-se a chupá-lo como se fosse o seio de uma mulher. O tinto amargo lhe escorreu queixo abaixo e lhe ensopou a túnica porca, a mesma que usara na cela. A coberta estava oscilando sob os seus pés e, quando tentou se levantar, ela ergueu-se para o lado e o atirou com força contra uma antepara. *Uma tempestade,* compreendeu, *ou então estou ainda mais bêbado do que pensava*. Vomitou o vinho e ficou algum tempo deitado em cima dele, se perguntando se o navio afundaria. *É esta a tua vingança, pai? O Pai no Céu fez de ti sua Mão?*

— Tais são as recompensas daqueles que matam parentes — disse enquanto o vento uivava lá fora. Não parecia justo afogar o criado de bordo, o capitão e todos os outros por algo que ele fizera, mas quando teriam os deuses sido justos? E mais ou menos por essa altura, a escuridão engoliu-o.

Quando voltou a despertar, sentia a cabeça pronta a se arrebentar e o navio rodopiava descrevendo círculos estonteantes, embora o capitão insistisse

que tinham chegado ao porto. Tyrion disse-lhe para se calar, e esperneou debilmente quando um enorme marinheiro calvo o enfiou debaixo de um braço e o levou se contorcendo para o porão, onde um barril vazio de vinho o aguardava. Era um barrilzinho atarracado, e era apertado mesmo para um anão. Tyrion mijou-se enquanto se debatia, embora nada tivesse lucrado com isso. Foi espremido para dentro do barril com a cara para baixo e os joelhos foram-lhe empurrados contra as orelhas. O toco do nariz dava-lhe uma comichão horrível, mas os braços estavam tão apertados que não conseguia erguer a mão para coçá-lo. *Um palanquim adequado a um homem da minha envergadura*, pensou enquanto fechavam a tampa à martelada. Conseguiu ouvir vozes gritando quando foi içado. Cada sacudidela atirava-lhe a cabeça contra o fundo do barril. O mundo pôs-se a rodopiar quando o barril rolou para baixo, e depois parou com um estrondo que lhe deu vontade de gritar. Outro barril colidiu com o seu, e Tyrion mordeu a língua.

Aquela foi a mais longa viagem que fez na vida, embora não pudesse ter durado mais de meia hora. Foi erguido e baixado, rolado e empilhado, virado de pernas para o ar, endireitado e rolado de novo. Através das aduelas de madeira ouvia homens gritando, e uma vez um cavalo relinchou ali perto. Começou a sentir cãibras nas pernas atrofiadas, e em breve elas doíam tanto que se esqueceu do martelar na sua cabeça.

Tudo terminou como começara, com outro rodopio que o deixou tonto e mais sacolejos. Lá fora, vozes de estranhos estavam falando numa língua que não conhecia. Alguém começou a bater no topo do barril e a tampa abriu-se de repente. O interior foi inundado por luz e também por ar fresco. Tyrion arquejou avidamente e tentou levantar-se, mas só conseguiu fazer o barril cair de lado e derramar-se para cima de um chão de terra batida.

Acima dele erguia-se um gordo grotesco com uma barba bifurcada amarela, que tinha nas mãos um martelo de madeira e um cinzel de ferro. O roupão que trazia vestido era suficientemente grande para ser usado como pavilhão de torneio, mas o cinto mal atado tinha-se desatado, expondo uma enorme barriga branca e um par de pesados seios que pendiam como sacos de sebo cobertos de pelos amarelos e pouco densos. Fez lembrar a Tyrion um manatim morto que dera um dia à costa, nas cavernas sob o Rochedo Casterly. O gordo olhou para baixo e sorriu.

— Um anão bêbado — disse, no idioma comum de Westeros.

— Um manatim putrefato. — A boca de Tyrion estava cheia de sangue.

Cuspiu-o aos pés do gordo. Estavam numa longa adega mal iluminada, de teto arqueado, com paredes de pedra manchadas de salitre. Barris de vinho e cerveja rodeavam-nos, bebida mais do que suficiente para fazer companhia a um anão sedento durante a noite. *Ou durante uma vida.*

— É insolente. Gosto disso num anão. — Quando o gordo riu, a sua carne sacolejou com tal vigor que Tyrion teve medo que o outro caísse e o esmagasse. — Tem fome, meu amiguinho? Está cansado?

— Tenho sede. — Tyrion pôs-se de joelhos com dificuldade. — E estou imundo.

O gordo farejou-o.

— Um banho primeiro, isso mesmo. Depois comida e uma cama macia, sim? Os meus criados tratarão disso. — O anfitrião de Tyrion pôs de lado o martelo e o cinzel. — A minha casa é sua. Qualquer amigo do meu amigo do outro lado do mar é um amigo de Illyrio Mopatis, sim.

Qualquer amigo de Varys, a Aranha, é alguém em que eu confiarei só até onde o possa atirar.

Contudo, o gordo cumpriu a promessa do banho. Assim que Tyrion entrou e se baixou na água quente, fechou os olhos e adormeceu profundamente. Acordou nu sobre um colchão de penugem de ganso, tão suave que se sentiu como se tivesse sido engolido por uma nuvem. Sentia a língua, a saber, a papéis de música e a garganta em carne viva, mas tinha a pica tão dura como uma barra de ferro. Rolou para fora da cama, descobriu um penico e começou a enchê-lo, com um gemido de prazer.

O quarto estava obscurecido, mas havia barras de luz amarela vendo-se entre as ripas das janelas. Tyrion sacudiu as últimas gotas e sacolejou-se por cima dos padrões de tapetes de Myr tão suaves como erva nova de primavera. Desajeitadamente, trepou para cima do banco de janela e escancarou as janelas para ver para onde Varys e os deuses o tinham enviado.

Sob a sua janela, seis cerejeiras estavam de sentinela em volta de uma piscina de mármore, com ramos esguios despidos e castanhos. Um rapaz nu estava na água, em pose de duelo, com uma lâmina de espadachim na mão. Era ágil e bem-parecido e não teria mais de dezesseis anos, com um cabelo louro e liso que lhe roçava pelos ombros. Parecia tão natural que o anão precisou de um longo momento para perceber que era feito de mármore pintado, embora a espada cintilasse como aço verdadeiro.

Atrás da piscina erguia-se um muro de tijolo com três metros e meio de

altura e espigões de ferro ao longo do topo. Atrás do muro ficava a cidade. Um mar de telhados aglomeravam-se apertadamente em volta de uma baía. Viu torres quadradas de tijolo, um grande templo vermelho, uma mansão distante no topo de uma colina. Na distância longínqua, a luz do sol cintilava em águas profundas. Barcos de pesca moviam-se pela baía, com as velas ondulando ao vento, e Tyrion conseguia ver os mastros de navios maiores espetando-se ao longo da costa. *Certamente haverá algum com rumo a Dorne, ou a Atalaialeste-do-Mar*. Mas não tinha meios para pagar a passagem, e não era feito para puxar um remo. *Suponho que podia me alistar como criado de bordo e ganhar a passagem deixando a tripulação me enrabar de um lado ao outro do mar estreito*.

Perguntou-se onde estaria. *Aqui até o ar tem um cheiro diferente*. Estranhas especiarias aromatizavam o vento gélido de outono, e ouvia gritos ténues pairando por sobre o muro, vindos das ruas mais adiante. Soavam algo semelhante ao valiriano, mas não reconhecia mais do que uma palavra em cinco. *Não é Bravos*, concluiu, *nem Tyrosh*. Aqueles ramos nus e o frio no ar também argumentavam contra Lys, Myr e Volantis.

Quando ouviu a porta se abrir atrás de si, Tyrion virou-se para enfrentar o seu gordo anfitrião.

— Isto é Pentos, não é?

— Precisamente. Que outro lugar seria?

Pentos. Bem, não era Porto Real, pelo menos isso podia dizer-se em prol do lugar.

— Para onde vão as rameiras? — ouviu-se perguntando.

— Encontram-se aqui rameiras em bordéis, tal como em Westeros. Não terá necessidade de tal, meu pequeno amigo. Escolha de entre as minhas criadas. Nenhuma se atreverá a te recusar.

— Escravas? — perguntou o anão sem rodeios.

O gordo afagou uma das pontas da sua barba amarela e oleada, um gesto que Tyrion achou notavelmente obsceno.

— A escravatura é proibida em Pentos, segundo os termos do tratado que os bravosianos nos impuseram há cem anos. Mesmo assim, elas não lhe recusarão. — Illyrio fez uma imponente meia mesura. — Mas agora o meu pequeno amigo terá de me dar licença. Tenho a honra de ser um magíster nesta grande cidade, e o príncipe convocou-nos para uma reunião. — Sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. — Explore a mansão e a propriedade como quiser, mas em nenhum caso vagueie para além dos muros. É

melhor que ninguém saiba que esteve aqui.

— *Estive*? Fui a algum lado?

— Haverá bastante tempo para conversar sobre isso esta noite. O meu pequeno amigo e eu comeremos e beberemos e faremos grandes planos, sim?

— Sim, meu gordo amigo — respondeu Tyrion. *Ele pensa em me usar para lucro próprio*. Tudo se resumia a lucro com os príncipes mercadores das Cidades Livres. O senhor seu pai chamava-lhes "soldados das especiarias e senhores do queijo", com desprezo. Se amanhecesse um dia em que Illyrio Mopatis visse mais lucro num anão morto do que num vivo, daria por si envasilhado noutro barril de vinho ao pôr-do-sol. *Seria bom se eu tivesse ido embora antes de esse dia chegar*. Não duvidava de que chegaria; não era provável que Cersei o esquecesse, e mesmo Jaime poderia ficar contrariado por descobrir um dardo na barriga do pai.

Um vento ligeiro estava a encrespar as águas da piscina, lá em baixo, a toda a volta do espadachim nu. Fez-lhe lembrar do modo como Tysha lhe passava a mão pelo cabelo durante a falsa primavera do seu casamento, antes de Tyrion ajudar os guardas do pai a violá-la. Pensara nesses guardas durante a fuga, tentando lembrar-se de quantos tinham sido. Julgava que se lembraria disso, mas não. Uma dúzia? Uma vintena? Uma centena? Não sabia dizer. Tinham sido todos homens feitos, altos e fortes… embora todos os homens fossem altos para um anão de treze anos. *Tysha sabia quantos eram*. Cada um lhe dera um veado de prata, de modo que só precisaria de contar as moedas. *Um de prata para cada um deles e um de ouro para mim*. O pai insistira que ele também lhe pagasse. *Um Lannister paga sempre as suas dívidas*.

— Onde quer que as rameiras vão — ouviu o Lorde Tywin dizer mais uma vez, e mais uma vez a corda da besta soltou um *tuang*.

O magíster convidara-o para explorar a mansão. Descobriu roupa limpa numa arca de cedro com embutidos de lápis-lazúli e madrepérola. Ao lutar por se enfiar na roupa, percebeu que fora feita para um rapazinho. Os tecidos eram bastante ricos, ainda que algo mofado, mas o corte era longo demais nas pernas e muito curto nos braços, com um colarinho que lhe teria deixado a cara tão negra como a de Joffrey se tivesse arranjado maneira de fechá-lo. Traças também tinham andado a roendo. *Pelo menos não fede a vômito*.

Tyrion deu início à exploração pela cozinha, onde duas mulheres gordas e um jovem latrineiro o observaram com prudência enquanto se servia de queijo, pão e figos.

— Bons dias para vocês, belas senhoras — disse com uma mesura. — Sabem para onde vão as rameiras? — Quando não responderam, repetiu a pergunta em alto valiriano, embora tivesse de dizer *cortesã* em vez de *rameira*. Dessa vez, a cozinheira mais jovem e mais gorda dirigiu-lhe um encolher de ombros.

Perguntou-se o que fariam elas se lhes pegasse nas mãos e as arrastasse para o seu quarto. *Nenhuma se atreverá a recusar-lo*, afirmara Illyrio, mas, por um motivo qualquer, parecia a Tyrion que ele não se referia àquelas duas. A mais nova era suficientemente velha para ser sua mãe, e a mais velha era provavelmente mãe *da outra*. Ambas eram quase tão gordas como Illyrio, com tetas maiores do que a sua cabeça. *Podia sufocar-me em carne*. Havia maneiras piores de morrer. A maneira como o senhor seu pai morrera, por exemplo. *Devia tê-lo obrigado a cagar um pouco de ouro antes de expirar*. Lorde Tywin podia ter sido avaro com a sua aprovação e afeto, mas sempre fora um mão aberta quando se tratava de dinheiro. *A única coisa mais digna de dó do que um anão sem nariz é um anão sem nariz que não tem nenhum ouro*.

Tyrion deixou as gordas com os seus rolos e panelas e foi à procura da adega onde Illyrio o decantara na noite anterior. Não foi difícil de achar.

Havia lá vinho suficiente para mantê-lo bêbado durante cem anos; tintos doces da Campina e tintos amargos de Dorne, pálidos vinhos ambarinos de Pentos, o néctar verde de Myr, trinta barris de dourado da Árvore, até vinhos do fabuloso leste, de Qarth e Yi Ti e Asshai da Sombra. Por fim, Tyrion escolheu um barril de vinho-forte marcado como reserva particular do Lorde Runceford Redwyne, o avô do atual Senhor da Árvore. O sabor da bebida na sua língua era langoroso e capitoso, a cor era um púrpura tão escuro que parecia quase negro na adega mal iluminada. Tyrion encheu uma taça, e já agora também um jarro, e levou-os para os jardins, a fim de beber à sombra daquelas cerejeiras que vira.

Aconteceu-lhe sair pela porta errada e não chegar a descobrir a piscina que vira da janela, mas não se importou. Os jardins por trás da mansão eram igualmente agradáveis e muito mais extensos. Vagueou através deles por algum tempo, bebendo. Os muros teriam envergonhado qualquer castelo, e os espigões ornamentais de ferro ao longo do topo pareciam estranhamente despidos sem cabeças a adorná-los. Tyrion imaginou como ficaria a cabeça da irmã lá em cima, com alcatrão no cabelo dourado e moscas entrando e saindo, zumbindo, da sua boca. *Sim, e Jaime deve ficar com o espigão ao lado dela*, decidiu. *Nunca ninguém se deve interpor entre o meu irmão e a minha irmã*.

Com uma corda e um arpão podia conseguir ultrapassar aquele muro. Tinha braços fortes e não pesava muito. Devia ser capaz de trepar até ao outro lado, se não se empalasse num espigão. *Amanhã vou procurar uma corda*, decidiu.

Viu três portões durante as suas deambulações; a entrada principal, com a sua casa de portão, uma poterna junto dos canis, e um portão de jardim, oculto por trás de um emaranhado de trepadeiras claras. Este último estava acorrentado, os outros guardados. Os guardas eram rechonchudos, com caras tão lisas como o traseiro de um bebê, e cada um desses homens usava um capacete de bronze com espigão. Tyrion reconhecia eunucos quando os via. Conhecia aquela espécie de gente pela reputação. Nada temiam e não sentiam qualquer dor, segundo se dizia, e eram leais aos seus amos até à morte. *Podia dar bom uso a algumas centenas que fossem minhas*, refletiu. *Uma pena que não tivesse pensado nisso antes de me tornar pedinte*.

Caminhou ao longo de uma galeria provida de colunas, atravessou um arco de ponta em bico e deu-se num pátio enladrilhado onde uma mulher estava lavando roupa num poço. Parecia ter a sua idade, e mostrava um cabelo ruivo sem brilho e uma cara larga salpicada de sardas.

— Quer um pouco de vinho? — perguntou-lhe. Ela olhou-o com incerteza. — Não tenho taça para ti, teremos de partilhar. — A lavadeira regressou à sua atividade de torcer túnicas e estendê-las a secar. Tyrion instalou-se num banco de pedra com o jarro. — Diga-me, até que ponto devo confiar no Magíster Illyrio?

— O nome levou-a a erguer o olhar. — Até esse ponto? — Aos risinhos, cruzou as pernas atrofiadas e bebeu um gole.

— Sinto aversão por desempenhar o papel que o queijeiro tem em mente para mim, seja ele qual for, mas como posso recusá-lo? Os portões estão guardados. Talvez possas fazer-me sair debaixo das suas saias? Ficava tão grato, olha, até me casava contigo. Já tenho duas esposas, porque não três? Ah, mas onde viveríamos? — dirigiu-lhe o mais agradável sorriso que um homem com meio nariz conseguia arranjar. — Tenho uma sobrinha em Lançassolar, já te tinha dito? Podia fazer muitas travessuras em Dorne com Myrcella. Podia pôr a minha sobrinha e o meu sobrinho em guerra, não era engraçado? — a lavadeira pôs para secar uma das túnicas de Illyrio, suficientemente grande para também servir de vela. — Devia ter vergonha de ter pensamentos tão maldosos, tem toda a razão. Era melhor que procurasse a Muralha. Dizem que todos os crimes são

limpos quando um homem se junta à Patrulha da Noite. Se bem que tema que não me deixassem ficar contigo, doçura. Não há mulheres na Patrulha, não há doces esposas sardentas para nos aquecer a cama à noite, só ventos frios, bacalhau salgado e má cerveja. Acha que eu pareceria mais alto de preto, senhora? — Voltou a encher a taça. — Que diz? Norte ou sul? Deverei expiar velhos pecados ou cometer alguns novos?

A lavadeira deitou-lhe um último relance, pegou no balde e afastou-se. *Parece que não consigo segurar uma esposa por muito tempo*, refletiu Tyrion. Sem que soubesse como, o jarro secara. *Talvez deva voltar aos tropeções para a adega*. Mas o vinho forte estava fazendo-lhe a cabeça rodopiar, e os degraus da adega eram muito íngremes.

— Para onde vão as rameiras? — perguntou à roupa lavada que secava na corda. Talvez devesse ter perguntado à lavadeira. *Não estou insinuando que vocêu seja uma rameira, querida, mas talvez saiba para onde elas vão*. Ou melhor ainda, devia ter perguntado ao meu pai.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera Lorde Tywin. *Ela amava-me. Era filha de um caseiro, amava-me e casou comigo, entregou-me a sua confiança*.

O jarro vazio escorregou-lhe da mão e rolou pelo pátio afora. Tyrion empurrou-se para fora do banco e foi buscá-lo. Quando o fez, viu uns quantos cogumelos cresciam em um ladrilho rachado. Eram de um branco claro, com manchas, e tinham uma parte de baixo cheia de lamelas vermelhas tão escuras como sangue. O anão arrancou um e cheirou-o. *Delicioso*, pensou, *e mortífero*.

Os cogumelos eram sete. Talvez os Sete estivessem tentando dizer-lhe qualquer coisa. Colheu-os a todos, tirou uma luva da corda, enrolou-os cuidadosamente, e enfiou-os no bolso. O esforço deixou-o tonto, pelo que voltou em seguida a engatinhar para o banco, enrolou-se e fechou os olhos.

Quando voltou a acordar, estava de volta ao seu quarto, de novo afogando-se no colchão de penugem de ganso enquanto uma moça loira lhe sacudia o ombro.

— Senhor — disse ela — o seu banho aguarda. O Magíster Illyrio o espera à mesa dentro de uma hora. Tyrion apoiou-se às almofadas, com a cabeça nas mãos.

— Estou sonhando ou você fala o idioma comum?

— Sim, senhor. Fui trazida para agradar ao rei. — Tinha olhos azuis e era bonita, jovem e esbelta.

— Tenho a certeza que sim. Preciso de uma taça de vinho. *Ela serviu-o.*

— O Magíster Illyrio disse que devo te esfregar as costas e lhe aquecer a cama. O meu nome…

—… não me interessa para nada. Sabe para onde vão as rameiras? Ela corou.

As rameiras vendem-se por dinheiro. Ou por joias, ou por vestidos, ou por castelos. Mas para onde vão? A menina não conseguia compreender a pergunta.

— É uma adivinha, senhor? Não sou boa com adivinhas. Não me irá dizer a resposta?

Não, pensou. *Pessoalmente, desprezo adivinhas.*

— Não quero-lhe dizer nada. Faz-me o mesmo favor. — *A única parte de você que me interessa é a parte que tem entre as pernas*, quase disse. As palavras estiveram na sua língua, mas sem que soubesse por que nunca lhe ultrapassaram os lábios. *Ela não é a Shae*, disse o anão para si. *É só uma tolinha qualquer que pensa que eu brinco de adivinhas*. Em boa verdade, nem mesmo a sua boceta lhe interessava por algum tempo. *Devo estar doente ou morto*. — Mencionara um banho? Não podemos deixar o grande queijeiro à espera. Enquanto se banhava, a mulher lavou-lhe os pés, esfregou-lhe as costas e escovou-lhe o cabelo. Depois, esfregou-lhe uma pomada com um cheiro doce nas barrigas das pernas para lhe atenuar as dores, e voltou a vesti-lo com roupa de rapaz, um par mofado de calças de cor borgonha e um gibão de veludo azul forrado de fio de ouro.

— O senhor vai querer-me depois de comer? — perguntou ela enquanto lhe atava as botas.

— Não. Para mim acabaram-se as mulheres. — *Rameiras*.

A menina acolheu aquela desilusão bem demais para o gosto de Tyrion.

— Se o senhor preferir um rapaz, posso arranjar um para esperar na sua cama.

O senhor preferia a esposa. O senhor preferia uma moça chamada Tysha.

— Só se ele souber para onde vão as rameiras.

A boca da menina apertou-se. *Ela despreza-me*, percebeu Tyrion, *mas não mais do que eu me desprezo*. Tyrion não duvidava de que tinha fodido muitas mulheres que abominavam o simples ato de o ver, mas as outras tinham ao menos tido a educação de fingir afeição. *Um pouco de desprezo honesto pode*

ser refrescante, como um vinho amargo depois de um muito doce.

— Acho que mudei de ideia — disse-lhe. — Espera por mim na cama. — Nua, por favor, que vou estar bêbado demais para andar às apalpadelas com a sua roupa. Mantém a boca fechada e as pernas abertas e vamos dar-nos magnificamente os dois. — Deitou-lhe um olhar de esguelha, na esperança de ver um pouco de medo, mas tudo o que ela lhe mostrou foi repugnância. *Ninguém teme um anão*. Nem mesmo Lorde Tywin tivera medo, apesar de Tyrion ter uma besta nas mãos. — Gemes quando estás a ser fodida? — perguntou à aquecedora de cama.

— Se agradar ao senhor.

— Pode agradar ao senhor te estrangular. Foi assim que lidei com a minha última rameira. Acha que o seu amo ia levantar objeções? Com certeza que não. Ele tem mais uma centena como você, mas mais ninguém como eu. — Desta vez, quando sorriu, obteve o medo que desejava.

Illyrio estava reclinado num sofá almofadado, devorando pimentas e alho-poró que tirava de uma tigela de madeira. Tinha a testa salpicada de gotículas de suor, e os olhinhos de porco brilhavam por cima das bochechas gordas. Joias dançavam quando ele movia as mãos; ónix e opalas, olhos de tigre e turmalinas, rubis, ametistas, safiras, esmeraldas, azeviche e jade, um diamante preto e uma pérola verde. *Eu poderia viver durante anos dos anéis dele*, refletiu Tyrion, *se bem que precisasse de um cutelo para lhes tirar*.

— Venha sentar-se, meu pequeno amigo. — Illyrio fez-lhe sinal para que se aproximasse.

O anão trepou em uma cadeira. Era enorme para ele, um trono almofadado destinado a acolher as gigantescas nádegas do magíster, com grossas e resistentes pernas para lhe suportar o peso. Tyrion Lannister vivera toda a vida num mundo que era grande demais para ele, mas na mansão de Illyrio Mopatis a sensação de desproporção assumia dimensões grotescas. *Sou um rato no covil de um mamute*, refletiu, *se bem que o mamute tenha uma boa adega. Dos males, o menor*. A ideia deixou-o com sede. Pediu vinho.

— Gostou da moça que lhe enviei? — perguntou Illyrio.

— Se quisesse uma moça, teria pedido uma moça.

— Se ela não conseguiu agradar…

— Ela fez tudo o que lhe foi pedido.

— Espero que sim. Foi treinada em Lys, onde transformam o amor em arte. O rei gostava muito dela.

— Eu mato reis, não te disseram? — Tyrion lançou um sorriso maligno por cima da sua taça de vinho. — Não quero sobras régias.

— Como quiser. Comamos. — Illyrio baseu palmas e apareceram criados correndo.

Começaram por um caldo de caranguejo e tamboril, e também sopa fria de lima com ovo. Depois vieram codornas em mel, um lombo de carneiro, fígados de ganso afogados em vinho, cherovias em manteiga e leitão. Ver tudo aquilo fez Tyrion sentir-se nauseado, mas forçou-se a provar uma colher de sopa, a bom da educação, e depois de prová-la ficou perdido. As cozinheiras podiam ser velhas e gordas, mas conheciam o seu ofício. Nunca comera tão bem, nem mesmo na corte.

Enquanto chupava a carne dos ossos da sua codorniz, interrogou Illyrio sobre a convocatória da manhã. O gordo encolheu os ombros.

— Há problemas no leste. Astapor caiu e Meereen também. Cidades escravagistas ghiscarianas que já eram velhas quando o mundo era novo. — O leitão já fora trinchado. Illyrio estendeu a mão para um bocado de pele, mergulhou-o num molho de ameixa e comeu-o com os dedos.

— A Baía dos Escravos é muito longe de Pentos. — Tyrion atravessou um fígado de ganso com a ponta da faca. *Não há homem mais maldito do que o assassino de parentes*, refletiu, *mas eu podia aprender a gostar deste inferno*.

— Isso é verdade — concordou Illyrio — mas um mundo é uma grande teia, e um homem não se atreve a tocar num fio que seja com medo de que todos os outros tremam. Mais vinho? — Illyrio enfiou um pimenta na boca. — Não, uma coisa melhor. — Baseu palmas. Ao ouvir o som, um criado entrou com um prato tapado. Pousou-o na frente de Tyrion, e Illyrio debruçou-se por cima da mesa para erguer a tampa.

— Cogumelos — anunciou o magíster, enquanto o cheiro se espalhava. — Beijados com alho e banhados em manteiga. Dizem-me que o gosto é requintado. Coma um, meu amigo. Coma dois. Tyrion tinha um cogumelo negro a meio caminho da boca, mas algo na voz de Illyrio o fez parar de repente.

— Depois de você, senhor. — Empurrou o prato na direção do anfitrião.

— Não, não. — O Magíster Illyrio empurrou os cogumelos de volta. Durante um segundo, pareceu que um rapaz traquina estava espreitando de dentro da carne inchada do queijeiro. — Depois de você. Insisto. A cozinheira os fez especialmente para você.

— Ah fez, foi? — recordou a cozinheira, a farinha nas suas mãos, os pesados seios cobertos de veias azuis escuras. — Isso foi gentil da parte dela, mas… não. — Tyrion voltou a pousar o cogumelo no lago de manteiga do qual emergira.

— É muito desconfiado. — Illyrio sorriu através da barba amarela bifurcada. Oleada todas as manhãs para fazê-la cintilar como ouro, suspeitou Tyrion. — É covarde? Não tinha ouvido dizer isso de vós.

Nos Sete Reinos considera-se que envenenar os hóspedes ao jantar é uma grave quebra de hospitalidade.

— Aqui também. — Illyrio Mopatis estendeu a mão para a taça de vinho. — Mas quando um hóspede deseja claramente pôr fim à própria vida, bem, o anfitrião deve fazer-lhe a vontade, não? — Bebeu um gole. — O Magíster Ordello foi envenenado por um cogumelo ainda não há meio ano. A dor não é muito grande, segundo ouvi dizer. Algumas cãibras nas tripas, uma dor súbita debaixo dos olhos, e acabou-se. É melhor um cogumelo do que uma espada espetada no pescoço, não é verdade? Por que morrer com o sabor do sangue na boca, quando podia ser manteiga e alho?

O anão estudou o prato que tinha na frente. O cheiro do alho e da manteiga o fez salivar. Uma parte dele desejava aqueles cogumelos, mesmo sabendo o que eram. Não era suficientemente corajoso para acolher aço frio na barriga, mas um pouco de cogumelo não seria assim tão difícil. Isso o assustou mais do que poderia expressar.

— Está enganado a meu respeito — ouviu-se dizendo.

— Ah sim? Interessante. Se preferir se afogar em vinho, diga, e isso será feito, e depressa. Afogar-lhe taça a taça gasta tanto tempo como vinho.

— Está enganado a meu respeito — voltou Tyrion a dizer, mais alto. Os cogumelos em manteiga cintilavam à luz das lâmpadas, escuros e convidativos. — Não tenho qualquer desejo de morrer, garanto-vos. Tenho…

— A sua voz desvaneceu-se na incerteza. *Que tenho eu? Uma vida para viver? Trabalho a fazer? Filhos para criar, terras para governar, uma mulher para amar?*

— Não tendes nada — concluiu o Magíster Illyrio — mas podemos mudar isso. — Extraiu um cogumelo da manteiga e mastigou-o com vigor.

— Delicioso.

— Os cogumelos não estão envenenados. — Tyrion estava irritado.

— Pois não. Porque haveria eu de querer seu mal? — O Magíster

Illyrio comeu outro. — Temos de mostrar um pouco de confiança, você e eu. Venha, coma. — Voltou a bater palmas. — Temos trabalho a fazer. O meu pequeno amigo tem de conservar as forças.

Os criados trouxeram uma garça-real recheada de figos, costeletas de vitela branqueadas com leite de amêndoa, arenques com natas, cebolas cristalizadas, queijos malcheirosos, pratos de caracóis e timos de vitela fritos, e um cisne negro na sua plumagem. Tyrion recusou o cisne, que lhe fazia lembrar um jantar com a irmã. Mas serviu-se da garça e dos arenques, e de algumas das cebolas doces. E os criados voltavam a encher-lhe a taça de vinho sempre que a esvaziava.

— Bebe bastante vinho, para um homem tão pequeno.

— Matar parentes é trabalho seco. Um homem fica com sede.

Os olhos do gordo cintilaram como as pedras preciosas que tinha nos dedos.

— Há em Westeros quem diga que matar Lorde Tywin foi meramente um bom começo.

— É melhor que não o digam ao alcance dos ouvidos da minha irmã, senão dão por si com uma língua a menos. — O anão partiu ao meio uma fatia de pão. — E é melhor que tenha cuidado com o que diga sobre a minha família, magíster. Assassino de parentes ou não, continuo a ser um leão.

Aquilo pareceu divertir imensamente o senhor dos queijos. Deu uma palmada numa coxa carnuda e disse:

— Voces, de Westeros, são todos iguais. Cosinham um animal qualquer num bocado de seda, e de repente são todos leões, dragões ou águias. Posso trazer-lhe um leão verdadeiro, meu amiguinho. O príncipe tem um grupo de leões na sua coleção. Gostaria de partilhar a jaula com eles? Tyrion tinha de admitir que os senhores dos Sete Reinos realmente dessem muita importância aos seus símbolos.

— Muito bem — concedeu. — Um Lannister não é um leão. Mas continuo a ser filho do meu pai, e Jaime e Cersei são para eu matar.

— Que estranho que mencione a sua bela irmã — disse Illyrio, entre caracóis. — A rainha ofereceu uma senhoria ao homem que traga-lhe a sua cabeça, por mais humilde que seja o seu nascimento. Tyrion não esperava outra coisa.

— Se tenciona aceitar a senhoria, obrige-a também a lhe abrir as pernas. A melhor parte de mim pela melhor parte dela, um negócio justo é assim.

— Pessoalmente preferiria receber o meu peso em ouro. — O queijeiro riu-se com tanta força que Tyrion temeu que estivesse a ponto de explodir. — Todo o ouro do Rochedo Casterly, porque não?

— O ouro posso dar-lhe — disse o anão, aliviado por não estar prestes a afogar-se numa poça de enguias e timos semi-digeridos — mas o Rochedo é meu.

— Precisamente. — O magíster tapou a boca e soltou um poderoso arroto. — Julga que o Rei Stannis lhe daria? Ouvi dizer que ele é grande amigo da lei. O seu irmão usa o manto branco, portanto, segundo todas as leis de Westeros, você é o herdeiro.

— Stannis podia perfeitamente conceder-me o Rochedo Casterly — disse Tyrion — se não fosse o pequeno problema de regicídio e assassinato de parentes. Por isso, me encurtaria uma cabeça e eu já sou suficientemente curto. Mas porque haverei de pensar que eu pretendo juntar-me ao Lorde Stannis?

— Por que outro motivo iria para a Muralha?

— Stannis está na Muralha? — Tyrion esfregou o nariz. — O que, pelo raio dos sete infernos, está Stannis fazendo na Muralha?

— Tremendo, julgo eu. Lá em baixo, em Dorne, faz mais calor. Talvez devesse ter navegado para esse lado.

Tyrion estava começando a suspeitar de que certa lavadeira sardenta conhecia mais da fala comum do que fingira.

— Calha que a minha sobrinha Myrcella está em Dorne. E tenho uma ideiazinha de fazer dela rainha.

Illyrio sorriu enquanto os criados os serviam tigelas de cerejas negras.

— Que lhe fez essa pobre criança para desejar a sua morte?

— Nem mesmo um assassino de parentes é obrigado a matar *todos* os seus parentes — disse Tyrion, magoado. — Eu falei em coroá-la, não em matá-la. O queijeiro encheu uma colher de cerejas e a levou à boca.

— Em Volantis usa-se uma moeda com uma coroa de um lado e a cabeça da morte do outro. Mas é a mesma moeda. Coroá-la é matá-la. Dorne pode erguer-se por Myrcella, mas Dorne sozinho não chega. Se for tão esperto como o nosso amigo insiste que seja, sabe disso.

Tyrion olhou para o gordo com um novo interesse. *Ele tem razão numa coisa e na outra. Coroá-la é matá-la. E eu sabia disso.*

— Tudo o que me resta são gestos fúteis. Este, pelo menos, faria a minha irmã chorar lágrimas amargas. O Magíster Illyrio limpou creme da boca

com as costas da mão gorda.

— A estrada para o Rochedo Casterly não passa por Dorne, meu pequeno amigo. E também não passa à sombra da Muralha. Mas essa estrada existe, digo-lhe.

— Sou acusado de traição, de regicídio e de assassínato de parentes. — Aquela conversa sobre estradas aborrecia-o. *Julgará ele que isto é um jogo?*

— O que um rei faz, outro pode desfazer. Em Pentos temos um príncipe, meu amigo. Ele preside os bailes e às festas e anda pela cidade num palanquim de ouro e marfim. Três arautos seguem à sua frente com a balança dourada do comércio, a espada de ferro da guerra, e o chicote de prata da justiça. No primeiro dia de cada novo ano, ele tem de deflorar a donzela dos campos e a donzela dos mares. — Illyrio inclinou-se para frente, de cotovelos apoiados na mesa. — Mas se uma colheita falhar ou uma guerra for perdida, cortamos a sua garganta para apaziguar os deuses e escolhemos um novo príncipe entre as quarenta famílias.

— Faça-me lembrar para nunca me tornar Príncipe de Pentos.

— Serão os seus Sete Reinos assim tão diferentes? Não há paz em Westeros, não há justiça, não há fé… e muito em breve não haverá comida. Quando os homens passam fome e estão doentes de medo, procuram um salvador.

— Podem procurar, mas se tudo o que encontrarem for Stannis…

— Stannis não. Nem Myrcella. — O sorriso amarelo alargou-se. — *Outro*. Mais forte do que Tommen, mais gentil do que Stannis, com melhor pretensão do que a jovem Myrcella. Um salvador vindo do outro lado do mar para ligar as feridas da ensanguentada Westeros.

— Belas palavras. — Tyrion não estava impressionado. — Palavras são como vento. Quem é o raio desse salvador?

— Um dragão. — O queijeiro viu a expressão no rosto de Tyrion ao ouvir aquilo e riu. — Um dragão com três cabeças.

DAENERYS

Conseguia ouvir o morto subindo as escadas. O som lento e medido dos passos aproximava-se à sua frente, ecoando por entre os pilares purpúreos do seu salão. Daenerys Targaryen aguardava-o sentada no banco de ébano que adotara como trono. Os seus olhos estavam suaves de sono, o cabelo de um loiro prateado estava todo despenteado.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan Selmy, o Senhor Comandante da sua Guarda Real — não há necessidade de ver isto.

— Ele morreu por mim. — Dany apertou ao peito a pele de leão. Por baixo, uma simples túnica de linho cobria-a até meio das coxas. Estava sonhando com uma casa com uma porta vermelha quando Missandei a acordara. Não houvera tempo para se vestir.

— *Khaleesi* — sussurrou Irri — não deveria tocar no morto. Tocar nos mortos dá azar.

— Menos os que fora você a matar. — Jhiqui tinha ossos maiores do que Irri, e possuía ancas largas e seios pesados. — Isso é sabido.

— É sabido — concordou Irri.

Os dothraki eram sábios no que dizia respeito a cavalos, mas conseguiam ser completos tolos em quase todo o resto. *E, além disso, elas não passam de meninas*. As aias tinham a mesma idade que ela; mulheres feitas na aparência, com cabelos negros, pele acobreada e olhos amendoados, mas apesar disso meninas. Tinham-lhe sido dadas quando se casara com Khal Drogo. Fora Drogo que lhe dera a pele que usava, a cabeça e pele de um *hrakkar*, o leão branco do mar dothraki. Era grande demais para ela, e tinha um cheiro boloroso, mas fazia-a se sentir como se o seu sol-e-estrelas ainda estivesse perto de si.

Verme Cinzento apareceu primeiro no topo dos degraus, com um archote na mão. O seu capacete de bronze estava elevado por três espigões. Atrás dele seguiam quatro dos seus Imaculados, trazendo o morto aos ombros. Os capacetes deles tinham um só espigão, e as caras mostravam tão pouco que podiam ter sido também moldadas em bronze. Depuseram o cadáver a seus pés. Sor Barristan afastou o sudário manchado de sangue. Verme Cinzento baixou o archote para ela conseguir ver.

A cara do morto era lisa e sem pelos, embora as bochechas lhe tivessem sido cortadas de orelha a orelha. Foi um homem alto, de olhos azuis e rosto claro.

Algum filho de Lys ou da velha Volantis, arrancado de um navio por corsários e vendido como escravo na rubra Astapor. Embora tivesse os olhos abertos, eram as feridas que sangravam. Havia mais feridas do que conseguia contar.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan — havia uma harpia desenhada nos tijolos no beco onde ele foi encontrado…

—… desenhada em sangue. — Por aquela altura já Daenerys sabia como eram as coisas. Os Filhos da Harpia faziam a carnificina à noite, e por cima de cada morto deixavam a sua marca. — Verme Cinzento, porque estava este homem sozinho? Não tinha parceiro? — Por ordem sua, quando os Imaculados percorriam as ruas de Meereen à noite caminhavam sempre aos pares.

— Minha rainha — respondeu o capitão — o seu criado Escudo Vigoroso não tinha deveres a cumprir ontem à noite. Tinha ido a… a um certo lugar… para beber, e obter companhia.

— Um certo lugar? Que quer dizer?

— Uma casa de prazer, Vossa Graça.

Um bordel. Metade dos seus libertos eram de Yunkai, onde os Sábios Mestres tinham sido afamados por treinar escravos de cama. *O caminho dos sete suspiros*. Bordéis tinham brotado como cogumelos por toda a Meereen. *Não sabem fazer mais nada. Precisam sobreviver*. A comida era mais cara todos os dias, enquanto o preço da carne diminuía. Sabia que nos bairros mais pobres, entre as pirâmides de degraus da nobreza escravagista de Meereen, havia bordéis que satisfaziam todos os gostos eróticos concebíveis. *Mesmo assim…*

— O que podia um eunuco esperar encontrar num bordel?

— Mesmo aqueles que não dispõem dos órgãos de um homem podem ainda ter o coração de um, Vossa Graça — disse Verme Cinzento. — Foi dito a *este* que o seu criado Escudo Vigoroso dava por vezes dinheiro às mulheres dos bordéis para se deitarem com ele e abraçá-lo.

O sangue do dragão não chora.

— Escudo Vigoroso — disse de olhos secos. — Era esse o nome dele?

— Se aprouver a Vossa Graça.

— É um belo nome. — Os Bons Mestres de Astapor nem sequer autorizavam que os seus soldados escravos tivessem nomes. Alguns dos Imaculados de Dany tinham reclamado os seus nomes de nascença depois de ela os libertar; outros haviam escolhido novos nomes para si. — Sabem-se quantos atacantes caíram sobre Escudo Vigoroso?

— Este não sabe. Muitos.

— Seis ou mais — disse Sor Barristan. — Pelo aspeto dos seus ferimentos, atacaram-no por todos os lados. Foi encontrado com a bainha vazia. Pode ter ferido alguns dos seus atacantes.

Dany rezou em silêncio para que em algum lugar um dos Filhos da Harpia estivesse morrendo naquele momento, agarrado à barriga e contorcendo-se de dor.

— Porque foi que lhe cortaram as bochechas desta maneira?

— Graciosa rainha — disse Verme Cinzento — os seus atacantes tinham enfiado os órgãos genitais de um bode pela goela abaixo do seu criado Escudo Vigoroso. Este os removeu antes de trazê-lo para cá.

Não puderam meter-lhe na boca os seus próprios órgãos genitais. Os astapori não lhe deixaram nem a raiz nem o caule.

— Os Filhos estão se tornando mais ousados — observou Dany. Até agora tinham limitado os ataques a libertos desarmados, abatendo-os nas ruas ou assaltando as suas casas protegidos pela noite para assassiná-los nas camas. — Este é o primeiro dos meus soldados que mataram.

— O primeiro — avisou Sor Barristan — mas não será o último.

Continuo em guerra, compreendeu Dany, *só que agora estou combatendo sombras*. Esperara obter uma pausa na matança, para passar algum tempo construindo e curando.

Encolhendo-se para fora da pele de leão, ajoelhou ao lado do cadáver e fechou os olhos do morto, ignorando o arquejo de Jhiqui.

— O Escudo Vigoroso não será esquecido. Manda lavá-lo e vesti-lo para a batalha e enterre-o com capacete, escudo e lanças.

— Será como Vossa Graça ordena — disse Verme Cinzento.

— Envie homens ao Templo das Graças e pergunta se algum homem procurou as Graças Azuis com um ferimento de espada. E passa palavra de que eu pagarei bom ouro pela espada curta de Escudo Vigoroso. Interroge os carniceiros e os pastores, e informe-se sobre quem tem andado castrando bodes nos últimos tempos. — Era possível que algum pastor confessasse.

— De hoje em diante, nenhum dos meus homens caminha sozinho depois de escurecer.

— Estes obedecerão. Daenerys empurrou o cabelo para trás.

— Encontre-me esses covardes. Encontre-os para que eu possa ensinar aos Filhos da Harpia o que significa despertar o dragão. Verme Cinzento saudou-a. Os seus Imaculados voltaram a fechar o sudário, puseram o morto aos ombros

e levaram-no do salão. Sor Barristan Selmy ficou para trás. O seu cabelo era branco e havia rugas nos cantos dos olhos azuis claros. Mas as costas continuavam direitas e os anos ainda não lhe tinham roubado a perícia com as armas.

— Vossa Graça — disse — temo que os seus eunucos sejam pouco adequados para as tarefas que lhes atribuíra.

Dany instalou-se no banco e voltou a enrolar a pele em volta dos ombros.

— Os Imaculados são os meus melhores guerreiros.

Soldados, não guerreiros, se agradar Vossa Graça. Foram feitos para o campo de batalha, para ficarem ombro a ombro por trás dos escudos com as lanças espetadas na sua frente. O treino que têm ensina-lhes a obedecer, sem medo, com perfeição, sem um pensamento ou uma hesitação… não a descobrir segredos ou a fazer perguntas.

— Cavaleiros me serviriam melhor? — Selmy estava treinando cavaleiros para ela, ensinando os filhos de escravos a combater com lança e espada longa ao jeito de Westeros… mas de que serviriam lanças contra covardes que matavam a partir das sombras?

— Nisto, não — admitiu o velho. — E Vossa Graça não tem cavaleiros exceto eu. Passarão anos antes que os rapazes estejam preparados.

— Então quem, se não forem Imaculados? Dothraki seriam ainda piores. — Os dothraki combatiam de cima de cavalos. Homens montados eram mais úteis em campos abertos e colinas do que nas ruas e vielas estreitas da cidade. Para lá das muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen, o domínio de Dany era, no máximo, tênue. Milhares de escravos ainda trabalhavam nas vastas propriedades nas colinas, cultivando trigo e azeitonas, pastoreando ovelhas e cabras, e minando sal e cobre. Os armazéns de Meereen possuíam um amplo abastecimento de cereais, azeite, azeitonas, fruta seca e carne salgada, mas as reservas estavam diminuindo. Por consequência, Dany enviara o seu minúsculo khalasar para subjugar o interior, sob o comando dos seus três companheiros de sangue, enquanto Ben Plumm levava os Segundos Filhos para sul, a fim de se manter de guarda contra incursões yunkaitas.

A tarefa mais crucial de todas foi confiada a Daario Naharis, o verboso Daario com o seu dente de ouro e barba cortada em tridente, lançando o seu sorriso malvado através de pelos purpúreos. Para lá das colinas orientais estendia-se uma cordilheira de montanhas arredondadas de arenito, o Passo de

Khyzai e Lhazar. Se Daario conseguisse convencer os lhazarenos a reabrir as rotas comerciais terrestres, poderia comprar cereal a jusante do rio ou atrás das colinas, conforme fosse necessário… mas os Homens Ovelhas não tinham qualquer motivo para amar Meereen.

— Quando os Corvos Tormentosos regressarem de Lhazar, talvez possa usá-los nas ruas — disse a Sor Barristan — mas até lá só temos os Imaculados. — Dany levantou-se. — Tem de me perdoar, sor. Os peticionários estarão em breve aos meus portões. Tenho de envergar as minhas orelhas de abano e transformar-me outra vez na sua rainha. Chame Reznak e o Tolarrapada, recebo-os assim que estiver vestida.

— Às ordens de Vossa Graça. — Selmy fez uma mesura.

A Grande Pirâmide penetrava duzentos e cinquenta metros no céu, da enorme base quadrada até ao majestoso ápice onde a rainha tinha os seus aposentos privados, rodeados de vegetação e lagoas perfumadas. Quando uma aurora fresca e azul rompeu sobre a cidade, Dany saiu para o terraço. Para oeste, a luz do sol resplandecia nas cúpulas douradas do Templo das Graças, e desenhava profundas sombras por trás das pirâmides de degraus dos poderosos. *Em algumas daquelas pirâmides, os Filhos da Harpia estão planejando novos assassinatos neste mesmo momento, e eu estou impotente para lhes pôr travas*.

Viserion sentiu a sua inquietação. O dragão branco estava deitado, enrolado em volta de uma pereira, com a cabeça pousada na cauda. Quando Dany passou por ele, os olhos abriram-se, duas lagoas de ouro derretido. Os chifres também eram dourados, bem como as escamas que lhe cobriam o dorso, da cabeça à cauda.

— É um preguiçoso — disse-lhe, coçando-o sob o maxilar. As escamas do animal estavam quentes ao toque, como uma armadura deixada durante muito tempo ao sol. *Os dragões são fogo feito carne*. Lera aquilo num dos livros que Sor Jorah lhe dera como presente de casamento.

Devia estar caçando com os seus irmãos. você e Drogon andaram outra vez à luta? — Nos últimos tempos, os dragões estavam ficando violentos. Rhaegal tentara morder Irri, e Viserion incendiara o *tokar* de Reznak da última vez que o senescal a visitara. *Deixei-os muito tempo sozinhos, mas onde arranjo tempo para eles?*

A cauda de Viserion deu uma chicotada para o lado, batendo com tanta força no tronco da árvore que uma pera caiu e foi aterrar aos pés de Dany. As asas se desdobraram, e ele subiu ao parapeito, meio voando, meio saltando. *Está*

crescendo, pensou ela quando o dragão se lançou para o céu. *Estão os três crescendo. Em breve serão suficientemente grandes para suportar o meu peso*. Nessa altura, voaria como Aegon, o Conquistador, voara, para cima e mais para cima, até Meereen ficar tão pequena que poderia tapá-la com o polegar.

Ficou observando Viserion subir em círculos cada vez mais largos até se perder de vista para lá das águas lamacentas do Skahazadhan. Só depois regressou para dentro da pirâmide, onde Irri e Jhiqui estavam à espera para lhe desfazer os nós do cabelo e a vestir como era próprio da Rainha de Meereen, com um *tokar* ghiscariano.

O traje era uma coisa desajeitada, um longo lençol solto e sem forma que tinha de ser enrolado em volta dos quadris, por baixo de um braço e por sobre um ombro, escalando e exibindo cuidadosamente as suas fímbrias pendentes. Enrolado com folga era provável que caísse; muito apertado emaranhava-se, fazia tropeçar e limitava os movimentos. Mesmo enrolado de forma apropriada, o *tokar* exigia que quem o usasse mantivesse no lugar com a mão esquerda. Caminhar com um *tokar a* obrigava a dar passos pequenos e afetados e a um equilíbrio refinado para não se pisar uma dessas pesadas fímbrias. Não era peça de vestuário destinada a qualquer homem que tivesse de trabalhar. O *tokar* era um traje de *amo*, um sinal de riqueza e poder.

Dany quisera banir o *tokar* quando capturara Meereen, mas os seus conselheiros tinham-na convencido do contrário.

— A Mãe de Dragões deve envergar o *tokar* ou ser odiada para sempre — avisara a Graça Verde, Galazza Galare. — Com as lãs de Westeros ou um vestido de renda de Myr, Vossa Radiância permanecerá para sempre uma estranha entre nós, uma estrangeira grotesca, uma conquistadora bárbara. A rainha de Meereen tem de ser uma senhora da Velha Ghis. O Ben Castanho Plumm, o capitão dos Segundos Filhos, colocara o problema de forma mais sucinta.

— Homem que queira ser rei dos coelhos é bom que use um par de orelhas de abano.

As orelhas de abano que escolheu naquele dia eram feitas de puro linho branco, com uma fímbria de borlas douradas. Com a ajuda de Jhiqui, enrolou corretamente o *tokar* em volta de si à terceira tentativa. Irri foi buscar lhe a coroa, esculpida na forma do dragão de três cabeças da sua Casa. O seu corpo serpentino era de ouro, as asas de prata, as três cabeças de marfim, ónix e jade. O pescoço e ombros de Dany ficariam rígidos e doloridos devido ao seu peso antes

de o dia terminar. *Uma coroa não deve ser fácil de trazer na cabeça*. Um dos seus reais antepassados dissera aquilo uma vez. *Algum Aegon, mas qual deles?* Cinco Aegons tinham governado os Sete Reinos de Westeros. Teria havido um sexto, mas os cães do Usurpador tinham matado o filho do irmão de Dany quando não passava de um bebê de peito. *Se ele tivesse sobrevivido, podia ter-me casado com ele. Aegon estaria mais perto da minha idade do que Viserys.* Dany só fora concebida depois de Aegon e a irmã terem sido assassinados. O pai de ambos, o seu irmão Rhaegar, perecera ainda mais cedo, morto pelo Usurpador no Tridente. O irmão Viserys morrera aos gritos em Vaes Dothrak com uma coroa de ouro derretido na cabeça. *Também me matarão se eu o permitir. As facas que mataram o meu Escudo Vigoroso destinavam-se a mim.*

Não esquecera as crianças escravas que os Grandes Mestres tinham pregado ao longo da estrada de Yunkai. Tinham somado cento e sessenta e três, uma criança por cada milha, pregadas a marcos miliares com um braço esticado para lhe indicar o caminho. Depois de Meereen cair, Dany pregara um número semelhante de Grandes Mestres. Enxames de moscas tinham acompanhado as suas lentas mortes, e o fedor permanecera durante muito tempo na praça. Mas havia dias em que temia não ter ido suficientemente longe. Aqueles meereeneses eram um povo matreiro e teimoso que lhe resistia a cada passo. Tinham libertado os escravos, sim… só para voltarem a contrata-los como criados pagando-lhes salários tão baixos que a maioria mal podia dar-se ao luxo de comer. Os velhos ou novos demais para serem úteis tinham sido atirados para as ruas, com os enfermos e os aleijados. E, ainda por cima, os Grandes Mestres reuniam-se no topo das suas imponentes pirâmides para se queixarem de como a rainha dos dragões lhes enchera a nobre cidade com hordas de pedintes imundos, de ladrões e de prostitutas.

Para governar Meereen tenho de conquistar os meereeneses, por mais que os possa desprezar.

— Estou pronta — disse a Irri. Reznak e Skahaz aguardavam no topo das escadas de mármore.

— Grande rainha — declarou Reznak mo Reznak — está hoje tão radiosa que temo olha-la. — O senescal usava um *tokar* de seda castanha com fímbria dourada. Homem pequeno e úmido, cheirava como se tivesse se banhado em perfume e falava uma forma abastardada de alto valiriano, muito corrompida e temperada com um denso rosnado ghiscariano.

— É gentil por dize-lo — respondeu Dany, na mesma língua.

— Minha rainha — rosnou Skahaz mo Kandaq, o da cabeça rapada. O cabelo ghiscariano era denso e crespo; há muito que a moda dos homens das Cidades Escravagistas era penteá-lo em chifres, espigões e asas. Ao rapá-lo, Skahaz pusera a velha Meereen para trás das costas a fim de aceitar a nova, e a sua família fizera o mesmo, seguindo-lhe o exemplo. Outros se seguiram, embora Dany não soubesse dizer se teria sido por medo, moda ou ambição; chamavam-lhes tolarrapadas. Skahaz era *o* Tolarrapada… e o mais vil dos traidores para os Filhos da Harpia e os da sua laia. — Fomos informados sobre o eunuco.

— O nome dele era Escudo Vigoroso.

— Mais morrerão, a menos que os assassinos sejam punidos. — Mesmo com a cabeça raspada, Skahaz tinha uma cara odiosa; uma testa proeminente, olhos pequenos com pesadas olheiras por baixo, um grande nariz escurecido por pontos negros, pele oleosa que parecia mais amarela do que o âmbar habitual dos ghiscarianos. Era uma cara sem rodeios, brutal e zangada. Só podia rezar para que fosse também uma cara honesta.

— Como é que os puno se não sei quem eles são? — perguntou-lhe Dany. — Diga-me, ousado Skahaz.

— Não tens falta de inimigos, Vossa Graça. Vê as suas pirâmides do seu terraço. Zhak, Hazkar, Ghazeen, Merreq, Loraq, todas as velhas famílias escravagistas. Pahl. Acima de tudo, Pahl. Agora uma casa de mulheres. Velhas amargas com gosto por sangue. As mulheres não esquecem. As mulheres não perdoam.

Pois não, pensou Dany, *e os cães do Usurpador ficarão sabendo disso quando eu voltar a Westeros*. Era verdade que havia sangue entre ela e a casa de Pahl. Oznak zo Pahl foi abatido por Belwas, o Forte, em combate singular. O pai, comandante da patrulha de cidade de Meereen, morreu defendendo os portões quando a Pica de Joso os fizera em lascas. Três tios tinham estado entre os cento e sessenta e três da praça.

— Quanto ouro oferecemos por informações a respeito dos Filhos da Harpia? — perguntou.

— Cem honras, se agradar a Vossa Radiância.

— Mil honras os agradariam mais. Faça com que assim seja.

— Vossa Graça não pediu o meu conselho — disse Skahaz Tolarrapada — mas eu digo que o sangue deve ser pago com sangue. Prenda um homem de cada uma das famílias que nomeei e mate-o. Da próxima vez que um dos seus for

morto, prenda dois de cada grande casa e mate-os a ambos. Não haverá um terceiro assassinato. Reznak guinchou de aflição.

— Nãااااão… gentil rainha, tal selvageria atrairá a ira dos deuses. Nós vamos encontrar os assassinos, prometo, e quando o fizermos eles se revelarão escumalha plebeia, verá.

O senescal era tão careca como Skahaz, se bem que no seu caso fossem os deuses os responsáveis.

— Se algum cabelo tiver a insolência de aparecer, o meu barbeiro tem a navalha pronta — assegurara-lhe quando ela o promovera. Havia vezes em que Dany se perguntava se essa navalha não poderia ser melhor empregue na garganta de Reznak. O homem era útil, mas gostava pouco dele e confiava ainda menos. Os Imortais de Qarth tinham-lhe dito que seria traída três vezes. Mirri Maz Duur fora à primeira, Sor Jorah o segundo. Seria Reznak o terceiro? O Tolarrapada? Daario? *Ou será alguém de quem nunca suspeitaria, Sor Barristan ou o Verme Cinzento ou Missandei?*

— Skahaz — disse ela ao Tolarrapada — agradeço-lhe pelo conselho. Reznak, veja o que mil honras são capazes de fazer. — Agarrando o seu *tokar*, Daenerys passou por ambos a passos largos, descendo a larga escada de mármore. Deu um passo de cada vez, para não tropeçar na fímbria e cair de cabeça na corte.

Missandei anunciou-a. A pequena escriba tinha uma voz suave e forte.

— Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queima*da, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens,* Khaleesi *do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.*

O salão enchera-se. Imaculados estavam de costas viradas para os pilares, com escudos e lanças nas mãos, com os espigões nos capacetes a espetarem-se para cima como uma fila de facas. Os meereeneses tinham se reunido sob as janelas orientais. Os seus libertos estavam bem separados dos antigos amos. *Até que se juntem, Meereen não conhecerá paz.*

— Erguei-vos. — Dany instalou-se no banco. O salão ergueu-se. *Pelo menos isto fazem como um só.*

Reznak mo Reznak tinha uma lista. O costume exigia que a rainha começasse pelo emissário de Astapor, um antigo escravo que se chamava de Lorde Ghael, se bem que ninguém parecesse saber de que seria ele senhor.

O Lorde Ghael tinha uma boca cheia de dentes castanhos e apodrecidos e a cara pontiaguda e amarela de uma doninha. Também tinha um presente.

— Cleon, o Grande, envia estes chinelos como sinal do seu amor por Daenerys Filha da Tormenta, a Mãe de Dragões.

Irri enfiou os chinelos nos pés de Dany. Eram de couro dourado, decorados com pérolas verdes de água doce. *Será que o rei carniceiro julga que um par de chinelos bonitos conquistará a minha mão?*

— O Rei Cleon é muito generoso. Pode agradecer-lhe por este adorável presente. — *Adorável, mas feito para uma criança*. Dany tinha pés pequenos, mas os chinelos pontiagudos comprimiam lhe os dedos.

— O Grande Cleon ficará contente por saber que eles vos agradaram — disse o Lorde Ghael. — Sua Magnificência pede-me para dizer que está pronto para defender a Mãe dos Dragões de todos os seus inimigos.

Se ele voltar a propor que eu me case com o Rei Cleon, atiro-lhe o chinelo à cabeça, pensou Dany mas, por uma vez, o emissário de Astapor não fez qualquer menção a um casamento real. Em vez disso, disse:

— Chegou à altura de Astapor e Meereen porem fim ao selvagem reinado dos Sábios Mestres de Yunkai, que são inimigos jurados de todos aqueles que vivem em liberdade. O Grande Cleon pede-me para lhe dizer que ele e os seus novos Imaculados marcharão em breve.

Os seus novos Imaculados são uma chalaça obscena.

— O Rei Cleon seria sensato se cuidasse dos seus próprios jardin se deixasse os yunkaitas tratar dos deles. — Não se dava o caso de Dany nutrir qualquer amor por Yunkai. Estava começando a se arrepender de ter deixado a Cidade Amarela por tomar depois de derrotar o seu exército no campo de batalha. Os Sábios Mestres tinham regressado ao comércio de escravos assim que ela prosseguiu viagem, e andavam ocupados recrutando soldados, contratando mercenários e fazer alianças contra ela.

Contudo, Cleon, o autoproclamado Grande, não era melhor. O Rei Carniceiro restaurara a escravatura em Astapor, e a única mudança era os antigos escravos serem agora os amos e os antigos amos serem agora escravos.

— Eu sou só uma menininha e pouco sei das coisas da guerra —disse ao Lorde Ghael — mas ouvimos dizer que Astapor está passando fome. O Rei Cleon que alimente o seu povo antes de o levar para a batalha. — Fez um gesto de despedida. Ghael retirou-se.

— Magnificência — disse Reznak mo Reznak — queira escutar o nobre Hizdahr zo Loraq?

Outra vez? Dany concordou e Hizdahr avançou; um homem alto, muito esguio, com uma perfeita pele ambarina. Fez uma mesura no mesmo ponto onde o Escudo Vigoroso jazera morto não muito tempo antes. *Preciso deste homem*, se lembrou Dany. Hizdahr era um mercador rico com muitos amigos em Meereen, e mais do outro lado do mar. Visitara Volantis, Lys e Qarth, tinha família em Tolos e Elyria e dizia-se mesmo que detinha alguma influência em Nova Ghis, onde os yunkaitas andavam tentando despertar inimizade contra Dany e o seu governo.

E era rico. Famosa e fabulosamente rico.

E provavelmente ficará mais rico, se aceitar a sua petição. Quando Dany fechara as arenas de luta da cidade, o valor das cotas das arenas fora ao fundo. Hizdahr zo Loraq agarrara-as com ambas as mãos, e agora era dono da maior parte das arenas de luta de Meereen.

O nobre tinha asas de crespo cabelo negro arruivado brotando das têmporas. Faziam com que a sua cabeça parecesse estar prestes a levantar voo. O rosto longo era tornado ainda mais longo por uma barba presa por anéis de ouro. O seu *tokar* purpúreo estava fimbriado com ametistas e pérolas.

— Vossa Radiância deve saber por que motivo estou aqui.

— Ora, deve ser porque não tem outro objetivo a não ser me atormentar. Quantas vezes eu te disse que não?

— Cinco vezes, Magnificência.

— Agora são seis. Não aceito que as arenas de combate reabram.

— Se Vossa Majestade ouvir os meus argumentos…

— Já ouvi. Cinco vezes. Trouxe novos argumentos?

— Argumentos velhos — admitiu Hizdahr — palavras novas. Palavras adoráveis e corteses, mais capazes de influenciar uma rainha.

— É a sua causa que me parece em falta, não as suas cortesias. Já ouvi tantas vezes os seus argumentos que eu mesma poderia defender o seu caso. Quer que o faça? — Dany inclinou-se para frente. — As arenas de combate fizeram parte de Meereen desde que a cidade foi fundada. A natureza dos combates é profundamente religiosa, um sacrifício de sangue aos deuses de Ghis. A *arte mortal* de Ghis não é mera carnificina, mas uma exibição de coragem, perícia e força que muito agrada aos seus deuses. Combatentes vitoriosos são amimados e aclamados, e os mortos são honrados e lembrados. Reabrindo as arenas eu mostraria ao povo de Meereen que respeito as suas tradições e costumes. As

arenas são muito afamadas pelo mundo fora. Atraem comércio a Meereen, e enchem os cofres da cidade com moedas vindas dos cantos da terra. Todos os homens partilham um gosto por sangue, um gosto que as arenas ajudam a saciar. Dessa forma, tornam Meereen mais tranquila. Para criminosos condenados a morrer na areia, as arenas representam um julgamento pela batalha, uma última hipótese de um homem provar a sua inocência. — Voltou a recostar-se, empinando o nariz. — Pronto. Que tal me saí?

— Vossa Radiância defendeu o caso muito melhor do que eu poderia esperar fazê-lo. Vejo que é tão eloquente como bela. Estou perfeitamente convencido.

Dany teve de rir.

— Ah, mas eu não estou.

— Magnificência — sussurrou-lhe Reznak mo Reznak ao ouvido — é costume que a cidade exija um décimo de todos os lucros das arenas de combate, depois de despesas, como imposto. Esse dinheiro podia ser utilizado para muitos fins nobres.

— Pois podia… se bem que, se *fôssemos* reabrir as arenas, deveríamos recolher o nosso décimo *antes* de despesas. Eu sou só uma menininha e pouco sei de tais assuntos, mas habitei durante tempo suficiente com XaroXhoan Daxos para aprender isso. Hizdahr, se conseguísse reunir exércitos como reune argumentos, poderia conquistar o mundo… mas a minha resposta continua a ser *não*. Pela sexta vez.

— A rainha falou. — O homem voltou a fazer uma mesura, tão profunda como antes. As suas pérolas e ametistas matraquearam suavemente no chão de mármore. Hizdahr zo Loraq era um homem muito flexível.

Podia ser bonito, se não fosse aquele cabelo pateta. Reznak e a Graça Verde tinham andado insistindo com Dany para tomar um nobre meereenês como marido, a fim de reconciliar a cidade com o seu governo. Hizdahrzo Loraq podia ser digno de ser examinado com atenção. *Antes ele do que Skahaz*. O Tolarrapada oferecera-se para pôr de lado a mulher por ela, mas a ideia fazia-a estremecer. Hizdahr pelo menos sabia como sorrir.

— Magnificência — disse Reznak, consultando a lista — o nobre Grazdan zo Galare deseja falar-vos. Quereis escutá-lo?

— Terei todo o prazer — disse Dany, admirando a cintilação do ouro e o brilho das pérolas negras nos chinelos de Cleon enquanto fazia os possíveis para ignorar o apertão nos dedos. Fora avisada de que Grazdan era primo da

Graça Verde, cujo apoio achara inestimável. A sacerdotisa era uma voz de paz, aceitação e obediência à legítima autoridade. *Posso conceder ao primo uma audiência respeitosa, seja o que for que ele deseje*.

O que ele desejava revelou ser ouro. Dany recusara-se a compensar qualquer um dos Grandes Mestres pelo valor dos seus escravos, mas os meereeneses não paravam de conceber outras maneiras de espremer moedas do seu bolso. Segundo parecia, o nobre Grazdan fora em tempos dono de uma escrava que era uma tecedeira muito boa; os frutos do seu tear eram muito apreciados, não só em Meereen, mas em Nova Ghis, Astapor e Qarth. Quando essa mulher envelhecera, Grazdan comprara meia dúzia de meninas e ordenara à velha que as instruísse nos segredos do seu ofício. A velha estava agora morta. As novas, libertadas, tinham aberto uma loja perto da muralha do porto para vender tecidos. Grazdan zo Galare pedia que lhe fosse outorgada uma porção dos seus lucros.

— Elas devem a mim a sua perícia — insistia. — Fui eu quem as arrancou ao recinto de leilões e as entregou ao tear.

Dany escutou em silêncio, com a cara imóvel. Quando ele terminou, disse:

— Como se chamava a velha tecedeira?

A escrava? — Grazdan mudou o peso de um pé para o outro, franzindo as sobrancelhas. — Era… talvez fosse Elza. Ou Ella. Morreu há seis anos. Fui dono de tantos escravos, Vossa Graça.

Digamos que era Elza. Eis a nossa decisão. Das meninas, não obterá nada. Foi Elza, não você, quem lhes ensinou a tecer. De ti, as moças obterão um tear novo, o melhor que o dinheiro possa comprar. Isto é por se esquecer do nome da velha.

Reznak teria chamado em seguida outro *tokar*, mas Dany insistiu para que chamasse um liberto. Daí em diante foi alternando entre os antigos amos e os antigos escravos. Eram mais do que muitos os assuntos que eram trazidos à sua consideração envolvendo reparações. Meereen fora brutalmente saqueada depois da queda. As pirâmides de degraus dos poderosos haviam sido poupadas ao pior das pilhagens, mas as partes mais humildes da cidade tinham sido entregues a uma orgia de saque e morte quando os escravos da cidade se revoltaram e as hordas esfomeadas que a seguiram desde Yunkai e Astapor jorraram através dos portões quebrados. Os seus Imaculados tinham acabado por restaurar a ordem,

mas o saque deixara na sua esteira uma praga de problemas. E por esse motivo, eles vinham falar com a rainha.

Apareceu uma mulher rica, cujo marido e filhos tinham morrido defendendo as muralhas da cidade. Durante o saque fugira para junto do irmão, com medo. Quando regressara, descobrira que a sua casa fora transformada num bordel. As rameiras tinham-se adornado com as suas joias e roupas. Queria a casa de volta e as joias também.

— Elas podem ficar com a roupa — concedeu. Dany atribuiu-lhe as joias, mas determinou que a casa foi perdida quando ela a abandonara.

Apareceu um antigo escravo, para acusar certo nobre do Zhak. O homem tomara recentemente como esposa uma liberta que fora a aquecedora de cama do nobre antes de a cidade cair. O nobre tirara-lhe a virgindade, usara-a para seu prazer e deixara-a grávida. O novo marido queria que o nobre fosse castrado pelo crime de violação, e desejava também uma bolsa de ouro, para lhe pagar por criar o bastardo do nobre como seu. Dany concedeu-lhe o ouro, mas não a castração.

— Quando se deitou com ela, a sua mulher era propriedade dele, para fazer com ela o que quisesse. Por lei, não houve qualquer violação. — Dany viu que a decisão não agradou ao homem, mas se castrasse todos os que tinham forçado uma criada de cama depressa se veria a governar uma cidade de eunucos.

Apareceu um rapaz, mais novo do que Dany, franzino e com cicatrizes, vestido com um *tokar* cinzento e puído que arrastava uma fímbria de prata. A voz se quebrou quando falou de como dois dos escravos domésticos do pai tinham se revoltado na noite em que o portão se quebrara. Um matara-lhe o pai, o outro o irmão mais velho. Ambos tinham violado a mãe antes de a matarem também. O rapaz escapara apenas com a cicatriz na cara, mas um dos assassinos continuava a viver na casa do pai e o outro se juntara aos soldados da rainha como um dos Homens da Mãe. Queria vê-los a ambos enforcados.

Sou rainha de uma cidade feita de poeira e morte. Dany não teve alternativa a dizer-lhe que não. Declarara um perdão geral para todos os crimes cometidos durante o saque. E não iria punir escravos por se revoltarem contra os seus amos.

Quando lhe disse, o rapaz correu para ela, mas, aos seus pés, tropeçou no *tokar* e estatelou-se de cabeça sobre o mármore púrpura… Belwas, o Forte, caiu imediatamente sobre ele. O enorme eunuco castanho o pôs em pé só com uma mão e sacudiu-o como um mastim a sacudir uma ratazana.

— Basta, Belwas — gritou Dany. — Liberte-o. — Ao rapaz, disse: — Estima esse *tokar*, porque te salvou a vida. Não passa de um rapaz, portanto, vamos esquecer o que aconteceu aqui. Devia fazer o mesmo. — Mas ao sair, o rapaz olhou-a por sobre o ombro, e quando lhe viu os olhos, Dany pensou: *a harpia tem mais um filho*.

Ao meio-dia, Daenerys já sentia o peso da coroa na cabeça e a dureza do banco sob o corpo. Com tantas pessoas ainda aguardando a sua vontade, não parou para comer. Mandou Jhiqui trazer das cozinhas uma bandeja de pão folha, azeitonas, figos e queijo. Foi mordiscando enquanto escutava, bebendo de uma taça de vinho aguado. Os figos eram bons, as azeitonas ainda melhores, mas o vinho deixou-lhe um amargor metálico na boca. As uvas pequenas e de um amarelo claro, nativas daquelas regiões, produziam colheitas de qualidade notavelmente inferior. *Teremos de fazer comércio de vinho*. Além do mais, os Grandes Mestres tinham queimado os melhores pomares quando queimaram as oliveiras.

À tarde, apareceu um escultor, propondo substituir a cabeça da grande harpia de bronze na Praça da Purificação por outra moldada à imagem de Dany. Ela negou com o máximo de cortesia que conseguiu reunir. Um lúcio de um tamanho sem precedentes fora apanhado no Skahazadhan, e o pescador desejava oferecê-lo à rainha. Dany admirou o peixe com extravagância, recompensou o pescador com uma bolsa de prata e mandou o lúcio para as cozinhas. Um caldeireiro fizera-lhe uma armadura de anéis polidos para levar para a guerra. Aceitou-o com agradecimentos exagerados; era magnífico de contemplar, e todo aquele cobre polido relampejaria lindamente ao sol, embora preferisse estar vestida de aço se houvesse real ameaça de batalha. Até uma menininha que nada sabia dos usos da guerra sabia *isso*.

Os chinelos que o Rei Carniceiro lhe enviara tinham-se tornado muito desconfortáveis. Dany descalçou-os com um pontapé, e sentou-se com um pé aconchegado debaixo do seu corpo e o outro bandeando para frente e para trás. Não era uma pose lá muito régia, mas estava farta de ser régia. A coroa deixara-a com dor de cabeça, e as nádegas tinham-se-lhe adormecido.

— Sor Barristan — chamou — sei de que qualidade um rei mais precisa.

— Coragem, Vossa Graça?

— Nádegas de ferro — brincou. — Não faço nada a não ser sentar-me.

— Vossa Graça chama muita responsabilidade a si. Deveria permitir que os seus conselheiros partilhassem mais os seus fardos.

— Tenho conselheiros de mais e almofadas de menos. — Dany virou-se para Reznak. — Quantos faltam?

— Vinte e três, se agradar a Vossa Magnificência. Com igual número de reclamações. — O senescal consultou uns papéis. — Um vitelo e três cabras. O resto há de ser ovelhas ou carneiros, sem dúvida.

— Vinte e três. — Dany suspirou. — Os meus dragões desenvolveram um gosto prodigioso por carneiro desde que começamos a pagar aos pastores por aquilo que matam. Essas reclamações foram provadas?

— Alguns homens trouxeram ossos queimados.

— Os homens fazem fogueiras. Os homens cozinham carneiro. Ossos queimados nada provam. O Ben Castanho diz que há lobos vermelhos nas colinas fora da cidade, bem como chacais e cães selvagens. Teremos de pagar boa prata por todos os carneiros que se perdem entre Yunkai e o Skahazadhan?

— Não, Magnificência. — Reznak fez uma mesura. — Devo mandar estes patifes embora, ou quer vê-los açoitados? Daenerys mexeu-se no banco.

— Nenhum homem deverá alguma vez ter medo de vir falar comigo.

Não duvidava de que algumas reclamações seriam falsas, mas as genuínas seriam mais. Os dragões tinham crescido muito para se contentarem com ratazanas, gatos e cães. *Quanto mais comerem, maiores ficarão*, avisara Sor Barristan, *e quanto maiores ficarem, mais comerão*. Drogon, em particular, vagueava até bastante longe e podia facilmente devorar uma ovelha por dia. — Pague-lhes o valor dos seus animais — disse a Reznak —mas os reclamantes terão de se apresentar no Templo das Graças e prestar um juramento sagrado perante os deuses de Ghis.

— Assim será feito. — Reznak virou-se para os peticionários. — Sua Magnificência, a Rainha, consentiu em compensar cada um de vocês pelos animais que perderam — disse-lhes, na língua ghiscariana. — Apresentem-se amanhã aos meus agentes, e serão pagos em dinheiro ou em gêneros, como preferirem.

A proclamação foi recebida num silêncio carrancudo. *Julgaria que eles ficariam mais contentes*, pensou Dany. *Obtiveram o que vieram buscar. Não haverá maneira de agradar a essa gente?*

Um homem deixou-se ficar para trás enquanto os outros enfileiravam para sair; um homem atarracado com uma cara queimada pelo vento,

esfarrapadamente vestido. O seu cabelo era um barrete de ásperos fios negros arruivados, cortado em volta das orelhas, e segurava numa mão um saco de pano miserável. Mantinha-se de cabeça baixa, fitando o chão de mármore como se tivesse se esquecido de onde estava. *E o que quer esse? Perguntou-se* Dany.

— *Ajoelhem todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens,* Khaleesi *do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.* — gritou Missandei na sua voz aguda e suave.

Quando Dany se pôs em pé, o seu *tokar* começou a deslizar. Apanhou-o e voltou a pô-lo no lugar.

— Você com o saco — chamou — queria falar conosco? Podes aproximar-te.

Quando ele ergueu a cabeça, tinha os olhos vermelhos e em carne viva como chagas abertas. Dany vislumbrou Sor Barristan deslizando para mais perto, uma sombra branca a seu lado. O homem aproximou-se arrastando os pés como quem tropeça, um passo e depois outro, agarrando-se ao saco. *Estará bêbado ou doente?* Perguntou-se. Havia terra por baixo das unhas rachadas e amarelas do homem.

— O que é? — perguntou Dany. — Tem alguma injustiça para nos apresentar, alguma petição a fazer? O que quer de nós?

A língua do homem passou nervosamente por lábios gretados e estalados.

— Eu… eu trouxe…

— Ossos? — disse ela com impaciência. — Ossos queimados? Ele ergueu o saco e derramou o seu conteúdo no mármore. E eram ossos, ossos partidos e enegrecidos. Os mais longos tinham sido partidos para a obtenção da medula.

— Foi o preto — disse o homem, com um rosnado ghiscariano — a sombra alada. Desceu do céu e… e… *Não*. Dany estremeceu. *Não, não, oh não*.

— Estás surdo, palerma? — perguntou Reznak mo Reznak ao homem. — Não ouviu a minha proclamação? Apresenta-se amanhã aos meus agentes e as ovelhas lhes serão pagas.

— Reznak — disse Sor Barristan em voz baixa — domine a língua e abre os olhos. Aquilo não são ossos de ovelha. *Pois não*, pensou Dany, *aquilo são os ossos de uma criança.*

JON

O lobo branco corria através de uma floresta negra, sob um penhasco branco tão alto como o céu. A lua corria com ele deslizando através de um emaranhado de ramos nus por cima da sua cabeça, no céu estrelado.

— *Snow* — murmurou a Lua. O lobo não deu resposta. A neve rangia sob as suas patas. O vento suspirava por entre as árvores.

À distância, conseguia ouvir os seus companheiros de alcateia o chamando, de igual para igual. Também andavam a caça. Uma violenta chuva castigava o irmão negro enquanto ele dilacerava a carne de uma enorme cabra, lavando o sangue do seu flanco onde o longo chifre da cabra o rasgara. Noutro local, a irmãzinha erguia a cabeça para cantar à Lua, e uma centena de pequenos primos cinzentos interrompia a caçada para cantar com ela. As colinas eram mais quentes onde eles se encontravam, e estavam cheias de comida. Muitas eram as noites em que a alcateia da irmã se empanturrava com a carne de ovelhas, vacas e cavalos, as presas dos homens, e às vezes até com a carne do próprio homem.

— *Snow* — voltou a Lua a chamar, casquinando. O lobo branco avançou ao longo do trilho de homem por baixo do penhasco branco. Tinha sabor de sangue na língua, e os ouvidos ressoavam com a canção dos cem primos. Em tempos tinham sido seis, cinco a ganir, cegos, na neve junto da mãe morta, enquanto ele se afastara sozinho. Restavam quatro… e um deles o lobo branco deixara de conseguir detectar.

— *Snow* — insistiu a Lua.

O lobo branco fugiu dela, correndo na direção da gruta da noite onde o Sol se escondera, com a respiração gelando no ar. Em noites sem estrelas, o grande penhasco era tão negro como pedra, uma escuridão quese erguia bem alto acima do vasto mundo, mas quando a Lua emergia cintilava branco e gélido como um ribeiro congelado. A pelagem do lobo era grossa e expessa, mas quando o vento soprava ao longo do gelo não havia pelos capazes de manter o frio afastado. O lobo sentia que do outro lado o vento era ainda mais frio. Era alí que estava o irmão, o irmão cinzento que cheirava a verão.

— *Snow*. — Um pingente caiu de um ramo. O lobo branco virou-se e descobriu os dentes — *Snow!* — a sua pelagem ergueu-se, eriçada, enquanto a floresta se dissolvia à volta. — *Snow, snow, snow!* — Ouviu o bater de asas. Através das sombras um corvo voou.

Aterrou no peito de Jon Snow com estrondo e um raspar de garras.

— *SNOW!* — gritou-lhe na cara.

— Estou te ouvindo. — O quarto estava escuro, a sua enxergadura. Uma luz cinzenta infiltrava-se através das janelas, prometendo outro dia lúgubre e frio. — Era assim que acordava o Mormont? Tire as penas da minha cara. — Jon contorceu um braço para fora das mantas para enxotar o corvo. Era um pássaro grande, velho, ousado e com mau aspeto, totalmente desprovido de medo.

— *Snow* — gritou, esvoaçando até o poste da cama. — *Snow, snow*.

— Jon encheu o punho com uma almofada e arremessou-a, mas a ave levantou voo. A almofada atingiu a parede e arrebentou, espalhando enchimento por todo o lado no preciso momento em que a cabeça de Edd Tollett assomava na porta.

— Perdão — disse, ignorando a confusão de penas — devo ir buscar um pouco de desjejum para o senhor?

— *Grão* — gritou o corvo. — *Grão, grão*.

— Corvo assado — sugeriu Jon. — E meio quartilho de cerveja. —Ter um intendente para lhe ir buscar coisas e o servir ainda lhe parecia estranho; não havia muito tempo, teria sido ele a buscar o desjejum para o Senhor Comandante Mormont.

— Três grãos e um corvo assado — disse o Edd Doloroso. — Muito bem, senhor, só que Hobb fez ovos cozidos, morcela e maçãs estufadas com ameixas secas. As maçãs estufadas com ameixas estão excelentes, à parte as ameixas. Eu não como ameixas secas. Bem, houve uma vez que Hobb as cortou com castanhas e cenouras e as escondeu numa galinha. Nunca confie num cozinheiro, senhor. Deixam você engalinhado quando menos esperar. — Mais tarde. — O desjejum podia esperar; Stannis não. —Algum problema nas paliçadas ontem à noite?

— Desde que pusemos guardas guardando os guardas não há problemas, senhor.

— Ótimo. — Mil selvagens tinham sido encurralados do lado de lá da Muralha, os cativos que Stannis Baratheon fizera quando os seus cavaleiros esmagaram a hoste em retalhos de Mance Rayder. Muitos dos prisioneiros eram mulheres, e alguns dos guardas tinham andado fazendo-as sair sorrateiramente para lhes aquecerem as camas. Homens do rei, homens da rainha, não parecia

fazer diferença; alguns irmãos negros tinham tentado o mesmo. Homens são homens, e aquelas eram as únicas mulheres em mil léguas.

— Apareceram mais dois selvagens para se renderem — prosseguiu Edd. — Uma mãe com uma criança agarrada às saias. Tinha também um bebê, todo enfaixado em peles, mas estava morto.

— *Morto* — disse o corvo. Era umas das palavras favoritas da ave. — *Morto, morto, morto*.

Aparecia do povo livre quase todas as noites, criaturas esfaimadas e meio congeladas que tinham fugido da batalha junto à Muralha só para rastejarem de volta depois de perceberem de que não havia lugar seguro para onde fugir.

A mãe foi interrogada? — perguntou Jon. Stannis Baratheon tinha esmagado a hoste de Mance Rayder e tornara o Rei-para-lá-da-Muralha seu cativo… mas os selvagens continuavam lá fora, Chorão, e Tormund Terror dos Gigantes e milhares de outros.

Sim, senhor — disse Edd — mas só sabe que fugiu durante a batalha e se escondeu depois na floresta. A enchemos de papas de aveia, a mandamos para os currais e queimamos o bebê.

Queimar crianças mortas já deixara de perturbar Jon Snow; as vivas eram outra coisa. *Dois reis para despertar o dragão. Primeiro o pai e depois o filho, para que ambos morram reis*. As palavras tinham sido murmuradas por um dos homens da rainha enquanto o Meistre Aemon lhe costurava os ferimentos. Jon tentara ignorá-las julgando-as conversa febril. Aemon se contrapôs.

— Há poder no sangue de um rei — avisara o velho meistre — e homens melhores do que Stannis fizeram coisas piores do que esta. — *O rei pode ser duro e implacável, sim, mas um bebê ainda de peito? Só um monstro entregaria às chamas uma criança viva.*

Jon mijou na escuridão, enchendo o penico enquanto o corvo do Velho Urso resmungava queixas. Os sonhos de lobo tinham andado se tornando mais fortes, e dava por si a se lembrar deles mesmo acordado. *Fantasma sabe que o Vento Cinzento está morto*. Robb morrera nas Gêmeas, traído por homens que julgava amigos, e o seu lobo perecera com ele. Bran e Rickon tinham também sido assassinados, decapitados por ordem de Theon Greyjoy, que fora em tempos protegido do senhor seu pai… mas seus sonhos não mentiam, os lobos selvagens de ambos tinham escapado. Em Coroadarrainha, um deles saíra das trevas para salvar a vida de Jon. *Tinha de ter sido Verão. A sua pelagem era cinzenta, e a de*

Cão-Felpudo é preta. Perguntou-se alguma parte dos seus irmãos mortos continuaria a viver dentro dos respetivos lobos.

Encheu a bacia a partir do jarro de água que tinha ao lado da cama, lavou a cara e as mãos, vestiu um conjunto limpo de lãs negras, atou um justilho negro de couro e calçou um par de botas bem usadas. O corvo de Mormont observou com astutos olhos negros, após o que esvoaçou até à janela.

— Me toma por seu servo? — quando Jon abriu a janela com as grossas vidraças em forma de diamante de vidro amarelo, o frio da manhã baseu-lhe no rosto. Respirou fundo para afastar as teias de aranha da noite enquanto o corvo batia as asas e se afastava. *Aquela ave é muito mais esperta do que deveria ser*. Foi o companheiro do Velho Urso durante longos anos, mas isso não o impedira de comer o rosto de Mormont quando este morrera.

Fora do seu quarto, um lance de escadas descia até uma sala maior mobilada com uma mesa de pinho cheia de marcas e uma dúzia de cadeiras de carvalho e couro. Com Stannis na Torre do Rei e a Torre do Senhor Comandante transformada numa casca por um incêndio, Jon instalara-se nos modestos aposentos de Donal Noye por trás do armeiro. A seu tempo, sem dúvida, precisaria de instalações maiores, mas de momento aquelas serviriam, enquanto se acostumava ao comando.

A outorga que o rei lhe apresentara para assinar estava na mesa por baixo de uma taça de prata que fora em tempos de Donal Noye. O ferreiro maneta deixara poucos objetos pessoais: a taça, seis dinheiros e uma estrela de cobre, um broche de nigelo com o pregador partido, um gibão mofado de brocado que ostentava o veado de Ponta Tempestade. *Os tesouros dele eram as ferramentas e as espadas e facas que fazia. A sua vida residia na forja*. Jon pôs a taça de lado e voltou a ler o pergaminho. *Se eu apuser o meu selo a isto, serei para sempre lembrado como o senhor comandante que entregou a Muralha*, pensou, *mas se recusar…*

Stannis Baratheon estava mostrando-se um hóspede suscetível e irrequieto. Cavalgara pela estrada do rei quase até Coroadarrainha, passeara por entre as cabanas vazias de Vila Toupeira, inspecionara os fortes arruinados de Portão da Rainha e Escudorroble. Todas as noites caminhava pelo topo da Muralha com a Senhora Melisandre, e durante os dias visitava as paliçadas, escolhendo cativos para a mulher vermelha interrogar. *Ele não gosta de ser contrariado*. Aquela não seria uma manhã agradável, temeu Jon.

Do armeiro vinha um retinir de escudos e espadas feito pelo último grupo de rapazes e recrutas que se armava. Jon ouviu a voz do Emmett de Ferro dizendo-lhes para se despacharem. Cotter Pyke não ficara satisfeito por perdê-lo, mas o jovem patrulheiro tinha um dom para treinar homens. *Ele adora combater, e irá ensinar os seus rapazes a gostar também*. Pelo menos era a esperança que tinha.

O manto de Jon estava pendurado de uma cavilha ao lado da porta, o cinturão da espada de outra. Envergou-os a ambos e saiu para o armeiro. Viu que o tapete em que Fantasma dormia estava vazio. Dois guardas estavam à porta, do lado de dentro, vestidos com mantos pretos e meios elmos de ferro, com lanças nas mãos.

— O senhor vai querer uma escolta? — perguntou Garse.

— Acho que consigo encontrar a Torre do Rei sozinho. — Jon detestava ter guardas seguindo-o para onde quer que fosse. Fazia-o se sentir como uma mãe pata levando atrás uma procissão de patinhos.

Os rapazes do Emmett de Ferro estavam em plena atividade no pátio, atirando espadas embotadas contra escudos e fazendo-as ressoar umas nas outras. Jon parou para observar no momento em que o Cavalo empurrava o Pisco-Saltitão para o poço. Decidiu que o Cavalo tinha as características de um bom combatente. Era forte e estava tornando-se mais forte, e os seus instintos eram bons. O Pisco-Saltitão era outra história. O pé aleijado já era suficientemente mau, mas, além disso, também tinha medo de ser atingido. *Talvez consigamos fazer dele um intendente*. O combate terminou de forma abrupta, com o Pisco-Saltitão no chão.

— Boa luta — disse Jon ao Cavalo — mas abaixa muito o escudo quando pressiona no ataque. Vai querer corrigir isso, senão é provável que isso lhe mate.

— Sim, senhor. Da próxima vez mantenho-o mais alto. — Cavalo pôs Pisco-Saltitão de pé, e o homem menor fez uma mesura desajeitada.

Alguns dos cavaleiros de Stannis estavam praticando do outro lado do pátio. *Homens do rei num canto e homens da rainha no outro*, não deixou Jon de notar, *mas só alguns. Está frio demais para a maioria*. Enquanto passava por eles a passos largos, uma voz trovejante chamou-o.

— RAPAZ! VOCÊ AÍ! *RAPAZ*!

"Rapaz" não era a pior das coisas que tinham chamado Jon Snow desde que fora escolhido como senhor comandante. Ignorou-o.

— *Snow* — insistiu a voz — *Senhor Comandante*. Desta vez parou.

— Sor? O cavaleiro era quinze centímetros mais alto do que ele.

— Um homem que anda com aço valiriano devia usá-lo para mais do que coçar o cu.

Jon já vira aquele tipo no castelo; um cavaleiro de grande renome, segundo ele próprio contava. Durante a batalha à sombra da Muralha, Sor Godry Ferring matara um gigante em fuga, atacando-o a cavalo e enfiando-lhe uma lança nas costas, desmontando em seguida para cortar a cabeça lamentavelmente pequena da criatura. Os homens da rainha tinham começado a chamar-lhe Godry, o Mata-Gigantes.

Jon lembrou-se de Ygritte, gritando. *Sou o último dos gigantes.*

— Uso a Garralonga quando tenho de usá-la, sor.

— Mas com que perícia? — Sor Godry puxou pela sua espada. — Mostre-nos. Prometo não te magoar, rapaz.

Que gentil da tua parte.

— Outra hora, sor. Temo que tenha outros deveres a cumprir neste momento.

— Temes. Estou vendo que sim. — Sor Godry dirigiu um sorriso aos amigos. — Ele teme — repetiu para os lentos.

— Com licença. — Jon mostrou-lhes as costas.

Castelo Negro parecia um lugar desolado e abandonado à pálida luz da aurora. *O meu comando*, refletiu Jon Snow com tristeza, *é tanto ruína como fortificação*. A Torre do Senhor Comandante era uma casca, a Sala Comum uma pilha de madeira enegrecida, e a Torre de Hardin parecia poder ser derrubada pela próxima rajada de vento… embora tivesse esse aspeto há anos. Por trás erguia-se a Muralha: imensa, ameaçadora, frígida, cheia de construtores que faziam subir uma nova escada em ziguezague para ir se juntar aos restos da antiga. Trabalhavam da aurora ao ocaso. Sem a escada não havia maneira de chegar ao topo da Muralha, exceto através do guincho. Não seria suficiente se os selvagens voltassem a atacar.

Por cima da Torre do Rei, o grande estandarte de batalha dourado da Casa Baratheon estalava como um chicote do telhado que Jon Snow patrulhara de arco na mão não havia muito tempo, matando Thenns e membros do povo livre ao lado de Cetim e do Surdo Dick Follard. Dois homens da rainha estavam em pé, tremendo, nas escadas, com as mãos enfiadas nos sovacos e as lanças encostadas à porta.

— Essas luvas de tecido nunca servirão — disse-lhes Jon. — Procurem Bowen Marsh amanhã, e ele dará a cada um de vocês um par de luvas de couro forradas de pele.

— Procuraremos senhor, e obrigado — disse o guarda mais velho.

— Isso se a porcaria das nossas mãos não tiver congelado até lá — acrescentou o mais novo, com a respiração transformada numa névoa pálida. — Costumava pensar que na Marca de Dorne fazia frio. Que sabia eu?

Nada, pensou Jon Snow, *tal como eu*. Na metade da subida pela escada em caracol encontrou Samwell Tarly, que a descia.

— Veio de falar com o rei? — perguntou-lhe Jon.

— O Meistre Aemon enviou-me com uma carta.

— Estou vendo. — Alguns senhores confiavam nos meistres para lhes lerem as cartas e transmitirem-lhes os respetivos conteúdos, mas Stannis insistia em quebrar pessoalmente os selos. — Como foi que Stannis a encarou?

— Não com alegria, ajuizando pela cara que fez. — Sam baixou a voz até a transformar num sussurro. — Não devo falar do assunto.

— Então não fale. — Jon perguntou-se qual dos vassalos do pai teria recusado jurar obediência ao Rei Stannis daquela vez. *Ele foi bastante rápido em espalhar a notícia quando Karhold lhe declarou o seu apoio*. — Como está você a atirar com o seu arco?

— Encontrei um bom livro sobre o tiro com arco. — Sam franziu o sobrolho. — Mas fazê-lo é mais difícil do que ler sobre o assunto. Fico com bolhas nas mãos.

— Insista. Podemos vir a precisar do seu arco na Muralha se os Outros aparecerem alguma noite escura.

— Oh, espero que não. Mais guardas estavam à porta do aposento privado do rei.— Não são permitidas armas na presença de Vossa Graça, senhor — disse o sargento. — Vou querer essa espada. As facas também. — Jon sabia que de nada serviria protestar. Entregou-lhes as suas armas.

No interior do aposento privado, o ar estava quente. A Senhora Melisandre estava sentada junto da lareira, com o rubi cintilando contra a pele pálida da sua garganta. Ygritte fora beijada pelo fogo; a sacerdotisa vermelha *era* fogo, e o seu cabelo era sangue e chamas. Stannis estava em pé atrás da mesa tosca onde o Velho Urso costumava sentar-se e tomar as refeições. Um grande mapa do norte cobria a mesa, pintado num bocado esfarrapado de pele. Uma vela

de sebo prendia com o seu peso uma ponta do mapa, uma manopla de aço a outra.

O rei usava calças de lã de ovelha e um gibão acolchoado, mas conseguia de algum modo parecer tão rígido e desconfortável como se estivesse vestido de cota de malha e placa de aço. A sua pele era couro branco, a barba estava cortada tão curta que podia ter sido pintada. Uma orla em volta das têmporas era tudo o que restava do cabelo negro. Na mão tinha um pergaminho com um selo quebrado de cera verde escura.

Jon caiu sobre um joelho. O rei franziu-lhe o sobrolho e sacudiu o pergaminho com um ar zangado.

— Ergua-se. Diga-me, quem é *Lyanna Mormont*?

— Uma das filhas da Senhora Maege. Senhor. A mais nova. Recebeu o nome em honra da irmã do senhor meu pai.

— Para procurar captar as boas graças do senhor seu pai, sem dúvida. Sei como se joga esse jogo. Que idade tem esta maldita menina? Jon teve de pensar por um momento.

— Dez anos. Ou tão perto disso que não faz diferença. Posso saber como foi que ela ofendeu Vossa Graça? Stannis leu um trecho da carta.

— *A Ilha dos Ursos não conhece nenhum rei, exceto o Rei no Norte, cujo nome é STARK*. Uma menina de dez anos, você diz, e ousa ralhar com o seu legítimo rei. — A barba cortada curta estendia-se como uma sombra por cima das suas bochechas encovadas. — Assegure-se de guardar para você estas notícias, Lorde Snow. Karhold está comigo, isso é tudo o que os homens precisam saber. Não quero que os seus irmãos troquem histórias sobre como esta criança cuspiu em mim.

— Às suas ordens, senhor. — Jon sabia que Maege Mormont partira para sul com Robb. A filha mais velha juntara-se também à hoste do Jovem Lobo. Contudo, mesmo que ambas tivessem morrido, a Senhora Maege tinha outras filhas, algumas com filhos seus. Teriam elas também ido com Robb? Decerto que a Senhora Maege teria deixado para trás pelo menos uma das filhas mais velhas como castelã. Não compreendia porque haveria Lyanna de estar escrevendo a Stannis, e não conseguia evitar interrogar-se sobre se a resposta da menina poderia ter sido diferente se a carta tivesse sido selada com um lobo gigante em vez de um veado coroado, e assinada por Jon Stark, Senhor de Winterfell. *É tarde demais para tais dúvidas. Fizera a sua escolha.*

— Foram enviadas duas vintenas de corvos — queixou-se o rei — mas não obtemos respostas que não sejam silêncio e desafio. A obediência é o dever e todos os súditos leais para com o seu rei. Mas todos os vassalos do seu pai me viram as costas, à exceção dos Karstark. Será Arnolf Karstark o único homem de honra no norte?

— Arnolf Karstark era tio do falecido Lorde Rickard. Fora nomeado castelão de Karhold quando o sobrinho e os filhos partiram para sul com Robb, e foi o primeiro a responder à exigência de obediência do Rei Stannis, com um corvo declarando a sua submissão. *Os Karstark não têm alternativa*, podia ter dito Jon. Rickard Karstark traíra o lobo gigante e derramara o sangue de leões. O veado era a única esperança de Karhold.

— Em tempos tão confusos como estes, até os homens de honra têm de se perguntar em que reside o seu dever. Vossa Graça não é o único rei no reino a exigir obediência. A Senhora Melisandre mexeu-se.

— Diga-me, Lorde Snow… onde estavam esses outros reis quando a gente selvagem atacou a sua Muralha?

— A mil léguas de distância e surdos para as nossas necessidades — respondeu Jon. — Não me esqueci disso, senhora. Nem esquecerei. Mas os vassalos do meu pai têm esposas e filhos para proteger, e plebeus que morrerão se eles fizerem a escolha errada. Vossa Graça pede-lhes muito. Dai-lhes tempo, e obterá as suas respostas.

— Respostas como esta? — Stannis esmagou a carta de Lyanna no punho.

— Até no norte os homens temem a ira de Tywin Lannister. Os Bolton também dão maus inimigos. Não foi o acaso que lhes pôs um homem esfolado nos estandartes. O norte cavalgou com Robb, sangrou com ele, morreu por ele. Jantaram desgosto e morte, e agora você vem lhes oferecer mais do mesmo. Censura-os por se mostrarem relutantes? Perdoe-me, Vossa Graça, mas alguns olharão para você e verão apenas outro pretendente condenado ao fracasso.

— Se Sua Graça está condenado, o seu reino também está condenado — disse a Senhora Melisandre. — Lembre-se disso, Lorde Snow. É o único verdadeiro rei de Westeros que está na sua frente. Jon manteve a cara numa máscara.

— É como diz, senhora.

Stannis soltou uma fungada.

— Gasta as suas palavras como se cada uma fosse um dragão de ouro. Interrogo-me sobre quanto ouro tereis posto de parte.

— Ouro? — *Serão esses os dragões que a mulher vermelha pretende despertar? Dragões feitos de ouro?* — os impostos que recolhemos são pagos em gêneros, Vossa Graça. A Patrulha é rica em nabos, mas pobre em moedas.

— Não é provável que nabos apaziguem Salladhor Saan. Preciso de ouro ou prata.

— Para isso precisa de Porto Branco. A cidade não pode se comparar com Vilavelha ou Porto Real, mas é, mesmo assim, um porto próspero. O Lorde Manderly é o mais rico dos vassalos do senhor meu pai.

— O Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. — A carta que Lorde Wyman Manderly enviara de Porto Branco falara da sua idade e debilidade e de pouco mais. Stannis ordenara a Jon para também não falar dessa.

— Talvez sua senhoria goste de uma esposa selvagem — disse a Senhora Melisandre. — Esse gordo é casado, Lorde Snow?

— A senhora sua esposa está há muito morta. O Lorde Wyman tem dois filhos adultos e netos, filhos do mais velho. E *é* gordo demais para montar a cavalo, pelo menos duzentos quilos. Val nunca o aceitaria.

— Por uma vez apenas, podia tentar dar-me uma resposta que me agradasse, Lorde Snow — resmungou o rei.

— Tinha a esperança de que a verdade lhe agradasse, senhor. Os seus homens chamam princesa a Val, mas para o povo livre ela é apenas a irmã da esposa morta do seu rei. Se a forçar a casar com um homem que não deseja, é provável que lhe corte a garganta na noite de núpcias. Mesmo se aceitar o marido, isso não quer dizer que os selvagens a sigam, ou a você. O único homem que os pode ligar à sua causa é Mance Rayder.

— Eu sei disso — disse Stannis com um ar infeliz. — Passei horas conversando com o homem. Ele sabe muitíssimo sobre o nosso verdadeiro inimigo, e há nele astúcia, admito. Mas mesmo se renunciasse à coroa, o homem continua a ser um perjuro. Se tolerar que um desertor viva, encorajarei outros a desertar. Não. As leis devem ser feitas de ferro, não de pudim. Mance Rayder perdeu o direito à vida por todas as leis dos Sete Reinos.

— A lei termina na Muralha, Vossa Graça. Podia fazer bom uso de Mance.

— Pretendo fazê-lo. *Vou queimá-lo*, e o norte verá como lido com vira-casacas e traidores. Tenho outros homens para liderar os selvagens. E tenho o

filho de Rayder, não se esqueça. Uma vez que o pai morra, a sua cria será Rei-para-lá-da-Muralha.

— Vossa Graça engana-se. — *Não sabe nada, Jon Snow*, costumava dizer Ygritte, mas ele aprendera. — O bebê não é mais príncipe do que Val é princesa. Uma pessoa não se torna Rei-para-lá-da-Muralha por causa de quem era o seu pai.

— Ótimo — disse Stannis — porque não tolerarei outros reis em Westeros. Assinou a outorga?

— Não, Vossa Graça. — *E aí vem*. Jon fechou os dedos queimados e voltou a abri-los. — Pede muito.

— *Pedir*? Eu lhe *pedi* para ser Senhor de Winterfell e Protetor do Norte. *Exijo* esses castelos.

— Cedemos-lhe Fortenoite.

— Ratazanas e ruínas. É um presente de avarento que nada custa a quem o dá. O seu próprio homem, Yarwyck, diz que levará meio ano até que o castelo possa ficar pronto para habitar.

— Os outros fortes não estão em melhor estado.

— Sei disso. Não importa. São tudo o que temos. Há dezenove fortes ao longo da Muralha, e tem homens apenas em três deles. Tenciono ter todos de novo guarnecidos antes de o ano acabar.

— Não levanto qualquer objeção a isso, senhor, mas também se diz que pretende ceder esses castelos aos seus cavaleiros e senhores, para os defenderem como seus feudos enquanto vassalos de Vossa Graça.

— Espera-se dos reis que sejam generosos para com os seus seguidores. Será que o Lorde Eddard não ensinou nada ao seu bastardo? Muitos dos meus cavaleiros e senhores abandonaram terras ricas e castelos robustos no sul. Deverá a sua lealdade ficar por recompensar?

— Se Vossa Graça desejar perder todos os vassalos do senhor meu pai, não há maneira mais certa do que dando palácios nortenhos a senhores do sul.

— Como posso eu perder homens que não tenho? Se bem se lembra, tive a esperança de outorgar Winterfell a um nortenho. A um filho de Eddard Stark. Ele atirou-me a oferta à cara. — Stannis Baratheon com uma desfeita era como um mastim com um osso; roía-a até a fazer em lascas.

— Pelo direito, Winterfell deve passar para a minha irmã Sansa.

— Refere-se à Senhora Lannister? Está assim tão ansioso por ver o Duende empoleirado no cadeirão do seu pai? Prometo-lhe que tal coisa não

acontecerá enquanto eu for vivo, Lorde Snow. Jon sabia que não valia a pena insistir naquele ponto.

— Senhor, alguns afirmam que pretende atribuir terras e castelos ao Camisa de Chocalho e ao Magnar de Thenn.

— Quem lhe disse isso? O falatório ouvia-se em todo o Castelo Negro.

— Se tem de saber, quem me contou a história foi Goiva.

Quem é essa *Goiva*?

— A ama-de-leite — disse a Senhora Melisandre. — Vossa Graça concedeu-lhe liberdade de castelo.

— Mas não para andar contando histórias. Ela é desejada pelas tetas, não pela língua. Quero dela mais leite e menos *mensagens*. — Castelo Negro não tem falta de bocas inúteis — concordou Jon. —Vou mandar Goiva para sul no próximo navio partindo de Atalaialeste. Melisandre tocou o rubi que trazia ao pescoço.

— Goiva tem dado de mamar não só ao seu filho, como ao de Dalla. Parece cruel da sua parte separar o nosso pequeno príncipe do seu irmão de leite, senhor.

Agora cuidado, cuidado.

— Tudo o que partilham é o leite materno. O filho de Goiva é maior e mais robusto. Distribui pontapés ao príncipe e o belisca e o afasta do seio. O pai dele foi Craster, um homem cruel e ganancioso, e o sangue se revela.

O rei estava confuso.

— Julgava que a ama-de-leite era *filha* desse tal Craster…

— Era filha e esposa, Vossa Graça. Craster casava com todas as filhas. O filho de Goiva foi o fruto dessa união.

Foi o próprio *pai* que gerou nela a criança? — Stannis parecia chocado. — Então é bom nos ver livres dela. Não tolerarei tais abominações aqui. Isto não é Porto Real.

— Posso encontrar outra ama-de-leite. Se não houver nenhuma entre os selvagens, pedirei aos clãs da montanha. Até essa altura, o leite de cabra deverá ser suficiente para o rapaz, se agradar a Vossa Graça.

— Pobre alimentação para um príncipe… mas melhor do que leite de rameira, sim. — Stannis fez tamborilar os dedos no mapa. — Se pudermos regressar à questão destes fortes…

— Vossa Graça — disse Jon, com gélida cortesia — eu abriguei os seus homens e alimentei-os, a um custo terrível para as nossas provisões de inverno. Vesti-os para não congelarem.

Stannis não se mostrou apaziguado.

— Sim, partilhaste o porco salgado e as papas de aveia, e atiraste-nos para cima uns trapos pretos para nos mantermos quentes. Trapos que os selvagens teriam tirado aos seus cadáveres se eu não tivesse vindo para norte.

Jon ignorou aquilo.

— Dei-lhes ração para os cavalos e, depois de a escada estar pronta, emprestarei lhes construtores para restaurar Fortenoite. Até concordei em lhe permitir instalar selvagens na Dádiva, que foi oferecida à Patrulha da Noite para todo o sempre.

— Ofereceu-me terras vazias e desolações, nega-me os castelos de que preciso para recompensar os meus senhores e vassalos.

— Foi a Patrulha da Noite que construiu esses castelos…

— E foi a Patrulha da Noite que os abandonou.

—… para defender a Muralha — concluiu obstinadamente Jon — não como sedes para senhores do sul. A argamassa que une as pedras desses fortes foi feita com o sangue e os ossos dos meus irmãos, há muito mortos. Não posso lhes dar.

— Não pode ou não quer? — os tendões no pescoço do rei projetavam-se, aguçados como espadas. — Ofereci-lhe um nome.

— Eu tenho um nome, Vossa Graça.

— Snow. Terá alguma vez havido nome de pior agouro? — Stannis tocou o cabo da sua espada. — Quem, ao certo, julga você ser?

— O vigilante nas muralhas. A espada na escuridão.

— Não papagueie as suas palavras comigo. — Stannis puxou pela espada a que chamava Luminífera. — A sua espada na escuridão está *aqui*. — Luz ondulou ao longo da lâmina, para cima e para baixo, ora vermelha, ora amarela, logo cor de laranja, pintando a cara do rei com tonalidades duras e brilhantes. — Até um rapaz inexperiente devia ser capaz de ver isso. É cego?

— Não, senhor. Concordo que esses castelos devem ser guarnecidos…

— O rapaz comandante concorda. Que sorte.

—… pela Patrulha da Noite.

— *Você não tem homens suficientes.*

— Então me dê-os, senhor. Fornecerei oficiais para cada um dos fortes abandonados, comandantes experientes que conhecem a Muralha e as terras para lá dela, e como melhor sobreviver ao inverno que se aproxima. Em troca de tudo o que lhes demos, forneça-me os homens para preencher as guarnições. Homens-de-armas, besteiros, rapazes em bruto. Até aceitarei os seus feridos e enfermos.

Stannis fitou-o, incrédulo, e depois soltou uma gargalhada.

— É bastante ousado, Snow, reconheço, mas, se julga que os meus homens vão vestir o negro, está louco.

— Podem vestir mantos das cores que preferirem desde que obedeçam aos meus oficiais como obedeceriam aos seus. O rei mostrou-se intransigente.

— Tenho cavaleiros e senhores ao meu serviço, rebentos de Casas nobres antigas em honra. Não pode esperar-se deles que sirvam às ordens de larápios, camponeses e assassinos.

Ou bastardos, senhor?

— O seu próprio Mão é um contrabandista.

— *Era* um contrabandista. Encurtei-lhe os dedos por isso. Disseram-me que é o nongentésimo nonagésimo oitavo homem a comandar a Patrulha da Noite, Lorde Snow. O que acha que o nongentésimo nonagésimo nono poderá dizer sobre esses castelos? A visão da sua cabeça num espigão pode inspirá-lo a ser mais prestável. — O rei pousou a brilhante espada no mapa, ao longo da muralha, com o aço tremeluzindo como luz do sol em água. — O único motivo por que é senhor comandante é eu tolerá-lo. Faria bem em se lembrar disso.

— Eu sou senhor comandante porque os meus irmãos me escolheram. — Havia manhãs em que o próprio Jon Snow não acreditava bem no fato, quando acordava pensando que aquilo devia ser, sem dúvida, um sonho louco qualquer. *É como vestir roupa nova*, dissera-lhe Sam. *A princípio o corte parece estranho, mas depois de usá-la durante algum tempo acaba por se sentir confortável.*

— Alliser Thorne queixa-se da forma da sua escolha, e não posso dizer que ele não tem razão de queixa. — O mapa estendia-se entre os dois como um campo de batalha, encharcado nas cores da espada cintilante. —A contagem foi feita por um *cego* com o seu amigo gordo a seu lado. E Slynt chama-o de vira-casaca.

E quem o saberia melhor do que Slynt?

— Um vira-casaca diria o que quer ouvir e o trairia mais tarde. Vossa Graça sabe que eu fui escolhido com justiça. O meu pai sempre disse que era um

homem justo. — *Justo, mas rígido* tinham sido as palavras exatas do Lorde Eddard, mas a Jon não parecia que fosse sensato partilhar esse fato.

— Lorde Eddard não foi meu amigo, mas não era desprovido de algum juízo. Ele teria me dado esses castelos.

Nunca.

— Não posso falar do que o meu pai podia ter feito. Prestei um juramento, Vossa Graça. A Muralha é minha.

— Por agora. Veremos o quão bem a defenderá. — Stannis apontou para ele. — Fique com as suas ruínas, visto que significam tanto para você. Mas prometo-lhe que se alguma continuar vazia quando o ano terminar, eu as ocuparei com a sua licença ou sem ela. E se alguma cair nas mãos do inimigo, a sua cabeça depressa a seguirá. E agora saia. A Senhora Melisandre ergueu-se do seu lugar junto da lareira.

— Com a vossa licença, senhor, eu levo Lorde Snow até os seus aposentos.

— Porquê? Ele conhece o caminho. — Stannis fez-lhes sinal para saírem os dois embora. — Faça o que quiser. Devan, comida. Ovos cozidos e água com limão. Após o calor do aposento privado do rei, a escada em caracol parecia fria de gelar ossos.

— O vento está aumentando, senhora — avisou o sargento a Melisandre enquanto devolvia a Jon as suas armas. — Talvez queira um manto mais quente.

— Tenho a minha fé para me aquecer. — A mulher vermelha caminhou ao lado de Jon pela escada abaixo. — Sua Graça está se tornando seu amigo.

— Já reparei. Só ameaçou me decapitar por duas vezes. Melisandre riu.

— São os seus silêncios que deve temer, não as palavras. — Quando saíram para o pátio, o vento inflou o manto de Jon e o fez esvoaçar contra a mulher. A sacerdotisa vermelha afastou a lã negra e enfiou o braço no dele. — Pode acontecer que não se enganaste sobre o rei selvagem. Rezarei ao Senhor da Luz para que me guie. Quando olho as chamas, consigo ver através da pedra e da terra, e descobrir a verdade no interior das almas dos homens. Consigo falar com reis há muito mortos e crianças ainda não nascidas, e ver os anos e as estações a passar, até ao fim dos dias.

— Os seus fogos nunca se enganam?

— Nunca… se bem que nós, os sacerdotes, sejamos mortais e por vezes erramos, confundido *isto tem de acontecer* com *isto pode acontecer*.

Jon conseguia sentir o calor dela, mesmo através da lã e couro fervido. O fato de irem de braço dado estava atraindo olhares curiosos. *Esta noite vai haver cochichos nas casernas*.

— Se realmente é capaz de ver o amanhã nas suas chamas, diga-me quando e aonde chegará o próximo ataque dos selvagens. — Fez deslizar o braço para libertá-lo.

— R'hllor envia-nos as visões que quer enviar, mas eu procurarei esse tal Tormund nas chamas. — Os lábios vermelhos de Melisandre curvaram-se num sorriso. — Vi-o nos meus fogos, Jon Snow.

— Isso é uma ameaça, senhora? Tenciona queimar-me também?

— Entendeu mal o que eu queria dizer. — Deitou-lhe um olhar perscrutador. — Temo que o deixe intranquilo, Lorde Snow. Jon não o negou.

— A Muralha não é lugar para uma mulher.

— Engana-se. Eu sonhei com a sua Muralha, Jon Snow. Grande foi o saber que a ergueu, e grandes são os feitiços que estão trancados sob o seu gelo. Caminhamos à sombra de uma das dobradiças do mundo. — Melisandre ergueu os olhos para ela, com a respiração transformando-se numa nuvem quente e úmida no ar. — Isto é tanto o meu lugar como o seu, e muito em breve poderá vir a ter grande necessidade de mim. Não recuse a minha amizade, Jon. Vi-o na tempestade, muito pressionado, com inimigos por todos os lados. Tem tantos inimigos. Quer que diga os seus nomes?

— Eu conheço os seus nomes.

— Não tenha tanta certeza. — O rubi na garganta de Melisandre cintilou rubro. — Não são os adversários que os amaldiçoam na cara que deve temer, mas aqueles que sorriem quando esta olhando e afiam as facas quando vira as costas. Faria bem em manter o seu lobo bem junto de ti. Gelo, vejo eu, e punhais no escuro. Sangue congelado, vermelho e duro, e aço nu. Estava muito frio.

— Está sempre frio na Muralha.

— Acha que sim?

— Eu *sei* que sim, senhora.

— Então não sabe nada, Jon Snow — murmurou a mulher.

BRAN

Já chegamos?

Bran nunca dizia as palavras em voz alta, mas elas subiam-lhe frequentemente aos lábios enquanto o seu esfarrapado grupo se arrastava através de bosques de antigos carvalhos e altas árvores-sentinelas cinzentas-esverdeadas, passando por sombrios pinheiros marciais e castanheiros nus e castanhos. *Estamos perto?* Perguntava-se o rapaz quando Hodor trepava uma encosta pedregosa, ou descia para dentro de uma abertura escura onde montes de neve suja acumulada pelo vento rangiam sob os seus pés. *Ainda falta muito?* Pensava, enquanto o alce gigante atravessava, esparrinhando, um ribeirão meio gelado. *Quanto falta até lá? Está tão frio. Onde está o corvo de três olhos?*

Balançando no seu cesto de vime às costas de Hodor, o rapaz encolheu-se, baixando a cabeça quando o grande moço de estrebaria passou por baixo de um ramo de carvalho. A neve estava outra vez a cair, úmida e pesada. Hodor caminhava com um olho fechado pelo gelo, com a espessa barba castanha transformada num emaranhado de geada, com pingentes pendendo das pontas do seu cerrado bigode. Uma mão enluvada ainda agarrava a enferrujada espada de ferro que retirara das criptas por baixo de Winterfell, e de vez em quando ele a brandia contra um ramo, fazendo voaruma nuvem de neve.

— Hod-d-d-dor — resmungava, com os dentes batendo.

O som era estranhamente tranquilizador. Na viagem de Winterfell até à Muralha, Bran e os companheiros tinham tornado as milhas mais curtas conversando e contando histórias, mas ali era diferente. Até Hodor o sentia. Os seus *hodor*es surgiam com menos frequência do que a sul da Muralha. Havia uma quietude naquela floresta que não era como nada que Bran tivesse experimentado. Antes de começarem as nevascas, o vento do norte rodopiava em volta deles e nuvens de folhas mortas e castanhas erguiam-se do chão com um tênue som de restolhada que lhe fazia lembrar baratas correndo num armário, mas agora todas as folhas estavam enterradas sob um cobertor de brancura. De tempos a tempos, um corvo voava por cima deles, grandes asas negras batendo contra o ar frio. À parte isso, o mundo estava silencioso.

Mesmo em frente, o alce serpenteava por entre os montes de neve com a cabeça baixa e as enormes armações cobertas de gelo. O patrulheiro seguia sentado no seu largo dorso, sombrio e silencioso. O nome que o gordo Sam lhe

dera era *Mãos-Frias* pois, embora a cara do patrulheiro fosse branca, as mãos eram negras e duras como ferro, e também frias como ferro. O resto dele estava envolto em camadas de lã, couro fervido e cota de malha, e os seus traços eram obscurecidos pelo capuz do manto e por um cachecol negro de lã que enrolava em volta da metade inferior da cara.

Atrás do patrulheiro, Meera Reed envolvia com os braços o irmão, para protegê-lo do vento e do frio com o calor do seu corpo. Uma crosta de ranho congelado formara-se por baixo do nariz de Jojen, e de vez em quando ele tremia violentamente. *Parece tão pequeno*, pensou Bran, enquanto o via oscilar. *Agora parece menor do que eu, e também mais fraco, e o aleijado sou eu.*

Verão fechava a retaguarda do pequeno bando. O hálito do lobo gigante ia gelando o ar da floresta à medida que caminhava atrás deles, ainda a coxear da pata traseira que fora atingida pela seta em Corodarrainha. Bran sentia a dor do velho ferimento sempre que deslizava para dentro dapele do grande lobo. Nos últimos tempos, Bran usava mais frequentemente o corpo de Verão do que o seu; o lobo sentia a mordida do frio, apesar da espessura da pelagem, mas via até mais longe, ouvia melhor e cheirava mais do que o rapaz no cesto, entrouxado como um bebê.

Noutras alturas, quando se fartava de ser lobo, Bran deslizava para dentro da pele de Hodor. O gentil gigante choramingava quando o sentia, e sacudia a cabeça peluda de um lado para o outro, mas não com tanta violência como fizera da primeira vez, em Corodarrainha. *Ele sabe que sou eu*, gostava o rapaz de dizer a si. *Por esta altura já está habituado a mim*. Mesmo assim, nunca se sentia confortável dentro da pele de Hodor. O grande moço de estrebaria nunca compreendia o que estava acontecendo, e Bran conseguia sentir o medo no fundo da boca dele. Dentro de Verão era melhor. *Eu sou ele e ele é eu. Ele sente o que eu sinto.*

Por vezes, Bran conseguia sentir o lobo gigante farejando o alce, se perguntando se seria capaz de abater o grande animal. Verão habituara-se a cavalos em Winterfell, mas aquilo era um alce, e os alces eram presas. O lobo gigante detectava o sangue quente correndo por baixo da pelagem enriçada do alce. Bastava o cheiro para lhe fazer salivar entre as mandíbulas, e quando o fazia a boca de Bran salivava ao pensar em carne rica e escura.

Um corvo soltou um *quorc* num carvalho ali perto, e Bran ouviu o som de asas quando outra das grandes aves negras desceu para pousar ao lado da primeira. De dia, só meia dúzia de corvos permanecia com eles, esvoaçando de

árvore em árvore ou avançando empoleiradas nas hastes do alce. O resto do bando voava em frente ou deixava-se fi car para trás. Mas quando o Sol baixava eles regressavam, descendo do céu em asas negras como a noite até que todos os ramos de todas as árvores ficavam repletos de corvos vários metros ao redor. Alguns voavam até o patrulheiro e resmungavam-lhe, e a Bran parecia que compreendia os seus guinchos e crocitos. *São os seus olhos e ouvidos. Batem o terreno por ele, e murmuram-lhe sobre perigos que há em frente e atrás.*

Como agora. O alce parou de súbito, e o patrulheiro saltou com ligeireza do seu dorso para ir aterrar em neve que lhe dava pelo joelho. Verão rosnou-lhe, com o pelo eriçado. O lobo gigante não gostava do cheiro de Mãos-Frias. *Carne morta, sangue seco, uma ténue lufada de podridão. E frio. Acima de tudo, frio.*

— O que se passa? — quis saber Meera.

— Atrás de nós — anunciou Mãos-Frias, com a voz abafada pelo cachecol de lã negra que lhe cobria o nariz e a boca.

— Lobos? — perguntou Bran. Já sabiam havia dias que estavam sendo seguidos. Todas as noites ouviam os uivos fúnebres da alcateia, e todas as noites os lobos pareciam um pouco mais próximos. *Caçadores, e com fome. Conseguem cheirar a nossa fraqueza*. Era frequente Bran acordar tremendo, horas antes da alvorada, à escuta do barulho que eles faziam a chamarem-se uns aos outros à distância enquanto esperava que o Sol se erguesse. *Se há lobos, deve haver presas*, costumava pensar, até que lhe ocorrera que as presas eram *eles*. O patrulheiro abanou a cabeça.

— Homens. Os lobos continuam mantendo a distância. Estes homens não são tão tímidos.

Meera Reed empurrou o capuz para trás. A neve úmida que o cobrira caiu ao chão com um baque suave.

— Quantos homens? Quem são?

— Inimigos. Eu trato deles.

— Eu vou contigo.

— Você fica. O rapaz tem de ser protegido. Há um lago em frente, completamente gelado. Quando lá chegar, vira para norte e segue a margem. Acabarás por chegar a uma aldeia piscatória. Refugiam-se aí até que eu lhes apanhe. Bran julgou que Meera pretendia discutir, mas o irmão dela disse:

— Faz o que ele diz. Ele conhece esta terra. — Os olhos de Jojen eram de um verde escuro, a cor do musgo, mas estavam pesados com uma fadiga que

Bran nunca antes vira neles. O pequeno avô. A sul da Muralha, o rapaz dos pauis parecera ter uma sabedoria que ultrapassava a sua idade, mas ali em cima estava tão perdido e assustado como os outros. Mesmo assim, Meera dava-lhe sempre ouvidos.

Isso continuava a ser verdade. Mãos-Frias se esgueirou por entre as árvores, regressando pelo caminho por onde tinham vindo, com quatro corvos a esvoaçar atrás dele. Meera viu-o partir, com as bochechas vermelhas de frio, a respiração a gerar nuvenzinhas assim que saía pelas narinas. Voltou a puxar o capuz para cima, deu ao alce um pequeno empurrão e a viagem foi reatada. Mas antes de se afastarem vinte metros, ela virou-se para olhar para trás e disse:

— *Homens*, diz ele. Que homens? Falará de selvagens? Porque é que não quer dizer?

— Disse que ia tratar deles — disse Bran.

— Ele *disse*, sim. Também disse que nos levava ao tal corvo de três olhos. Aquele rio que atravessamos hoje de manhã é o mesmo que atravessamos há quatro dias, juro. Estamos andando em círculos.

— Os rios curvam e torcem-se — disse Bran com incerteza — e onde há lagos e colinas tem de se dar a volta.

— Tem havido muito *dar de volta* — insistiu Meera — e muitos segredos. Não gosto disto. Não gosto *dele*. E não confio nele. Aquelas mãos que tem já são suficientemente más. Esconde a cara e não nos quer dizer o nome. Quem é? *O que* é? Qualquer um pode vestir um manto preto. Qualquer um ou qualquer *coisa*. Ele não come, nunca bebe, não parece sentir o frio.

É verdade. Bran tivera medo de falar do assunto, mas reparara. Sempre que se abrigavam para a noite, enquanto ele, Hodor e os Reed se aninhavam juntos para obter calor, o patrulheiro mantinha-se à parte. Às vezes, Mãos-Frias fechava os olhos, mas Bran julgava que não dormia. E havia mais uma coisa…

— O cachecol. — Bran olhou em volta, inquieto, mas não se via um corvo em lado nenhum. Todas as grandes aves pretas os tinham abandonado quando o patrulheiro o fizera. Ninguém estava ouvindo. Mesmo assim, manteve a voz baixa. — O cachecol por cima da boca dele, nunca fica todo duro com gelo, como a barba de Hodor. Nem sequer quando ele fala.

Meera dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Tem razão. Nunca vimos a sua respiração, não é?

— Não. — Uma baforada de branco anunciava cada um dos *hodor*es de Hodor. Quando Jojen ou a irmã falavam, as suas palavras também se conseguiam ver. Até o alce deixava uma névoa tépida no ar quando exalava.

— Se ele não respira…

Bran deu por si recordando as histórias que a Velha Nan lhe contara quando era pequeno. *Para lá da Muralha vivem os monstros, os gigantes e os vampiros, as sombras caçadoras e os mortos que caminham*, dizia ela, aconchegando-o por baixo da manta de lã que dava comichão, *mas não podem passar enquanto a Muralha se mantiver forte e os homens da Patrulha da Noite forem fiéis. Portanto dorme, meu pequeno Brandon, meu bebezinho, e sonha sonhos doces. Aqui não há monstros*. O patrulheiro usava o negro da Patrulha da Noite, mas e se não fosse um homem? E se fosse um monstro qualquer, que os estivesse levando a outros monstros para serem devorados?

— O patrulheiro salvou Sam e a mulher das criaturas — disse Bran, com hesitação — e está me levando ao corvo de três olhos.

— E porque é que esse corvo de três olhos não vem falar conosco? Porque é que não pôde ser *ele* a se encontrar com a gente na Muralha? Os corvos têm asas. O meu irmão fica mais fraco todos os dias. Durante quanto tempo podemos continuar? Jojen tossiu.

— Durante o tempo necessário para chegarmos lá. Chegaram ao lago que lhes fora prometido não muito tempo depois, e viraram para norte como o patrulheiro lhes pedira. Essa foi à parte fácil.

A água estava congelada, e a neve caíra durante tanto tempo que Bran perdera a conta dos dias, transformando o lago num vasto deserto branco. Onde o gelo era plano e o terreno acidentado, o avanço era fácil, mas onde o vento empurrara a neve formando elevações, era por vezes difícil determinar onde o lago terminava e a margem começava. Mesmo as árvores não eram guias tão infalíveis como poderiam ter esperado, pois havia ilhas arborizadas no lago e vastas áreas em terra onde não crescia qualquer árvore.

O alce seguia para onde queria, independentemente dos desejos de Meera e Jojen, que o montavam. Normalmente, mantinha-se sob as árvores, mas onde a margem se curvava para oeste tomava o caminho mais dire-to através do lago gelado, avançando por entre montes de neve mais altos do que Bran enquanto o gelo estalava sob os seus passos. Aí, o vento era mais forte, um frio vento de norte que uivava por cima do lago, lhes apunhalava as camadas de lã e

couro e os deixava todos tremendo. Quando lhes soprava nas caras, atirava-lhes neve para os olhos e deixava-os praticamente cegos.

Horas passaram em silêncio. Em frente, as sombras começaram avançando furtivamente por entre as árvores, os longos dedos do ocaso. A escuridão chegava cedo ali tão para norte. Bran acabara por temer isso. Cada dia parecia mais curto do que o anterior e, ao passo que os dias eram frios,as noites eram amargamente cruéis.

Meera voltou a fazê-los parar.

— Por esta altura já devíamos ter chegado à aldeia. — A sua voz soou abafada e estranha.

— Será possível termos passado por ela? — perguntou Bran.

— Espero que não. Temos de encontrar abrigo antes de a noite cair. Não se enganava. Os lábios de Jojen estavam azuis, as bochechas de Meera vermelhas escuras. A cara do próprio Bran estava adormecida. A barba de Hodor era gelo sólido. Neve cobria-lhe as pernas quase até ao joelho, e Bran sentira-o cambalear por mais de uma vez. Ninguém era tão forte como Hodor, ninguém. Se até a sua grande força estava fraquejando…

— O Verão pode encontrar a aldeia — disse Bran de súbito, com as palavras transformando-se em névoa no ar. Não esperou para ouvir o que Meera poderia dizer, mas fechou os olhos e deixou-se fluir para fora do seu corpo quebrado.

Quando deslizou para dentro da pele de Verão, a floresta morta ganhou uma súbita vida. Onde antes houvera silêncio, agora ouvia: vento nas árvores, a respiração de Hodor, o alce caminhando em busca de forragem. Cheiros familiares encheram-lhe as narinas: folhas úmidas e erva morta, a carcaça apodrecida de um esquilo que se decompunha entre a vegetação rasteira, o fedor azedo do suor humano, o odor almiscarado do alce. *Comida. Carne*. O alce apercebeu-se do seu interesse. Virou a cabeça para o lobo gigante, cauteloso, e baixou as grandes hastes.

Ele não é presa, sussurrou o rapaz ao animal que partilhava a sua pele. *Deixa-o. Corre.*

Verão correu. Precipitou-se pelo lago afora, levantando atrás de si nuvens de neve com as patas. As árvores erguiam-se, ombro contra ombro, como homens numa linha de batalha, todas cobertas de branco. O lobo gigante correu sobre raízes e rochas, por cima de um monte de neve antiga, cuja crosta estalava sob o seu peso. As suas patas ficaram úmidas e frias. Acolina seguinte estava

coberta de pinheiros, e o penetrante odor das agulhas enchia o ar. Quando chegou ao cume, descreveu um círculo, farejando o ar, após o que levantou a cabeça e uivou.

Os cheiros estavam lá. Cheiros de homem.

Cinzas, pensou Bran, *antigas e ténues, mas cinzas*. Era o cheiro de madeira queimada, de fuligem e de carvão. Uma fogueira apagada.

Sacudiu a neve do focinho. O vento soprava em rajadas, o que fazia com que os cheiros fossem difíceis de seguir. O lobo andou de um lado para o outro, farejando. A toda a volta havia montes de neve e árvores altas vestidas de branco. O lobo deixou a língua pender por entre os dentes, saboreando o ar gélido, com a respiração a transformar-se em névoa enquanto flocos de neve se lhe derretiam na língua. Quando trotou na direção do cheiro, Hodor arrastou-se imediatamente atrás dele. O alce levou mais tempo decidindo, portanto, Bran regressou com relutância ao seu corpo e disse:

— Por ali. Segue o Verão. Eu cheirei a aldeia.

Quando a primeira lasca de um crescente de lua espreitou através das nuvens, tropeçaram por fim na aldeia junto ao lago. Tinham-na quase atravessado. Vista do gelo, a aldeia não parecia diferente de uma dúzia de outros locais ao longo da margem do lago. Enterradas sob montes de neve acumulada pelo vento, as casas redondas de pedra podiam ter sido com igual facilidade pedregulhos, outeiros ou troncos caídos, como a pilha de madeira morta que Jojen confundira com um edifício no dia anterior, antes de a escavarem e descobrirem apenas ramos partidos e troncos putrefatos.

A aldeia estava vazia, abandonada pelos selvagens que tinham ali vivido, como todas as outras aldeias por que tinham passado. Algumas tinham sido queimadas, como se os habitantes quisessem assegurar-se de que não poderiam regressar, mas aquela fora poupada ao archote. Por baixo da neve descobriram uma dúzia de cabanas e um edifício comum, com o seu telhado de colmo e espessas paredes de troncos desbastados.

— Pelo menos vamos ficar fora do alcance do vento — disse Bran.

— Ho*dor* — disse Hodor.

Meera deslizou de cima do alce. Ela e o irmão ajudaram a erguer Brando cesto de vime.

— Pode ser que os selvagens tenham deixado alguma comida para trás — disse.

Aquela revelou ser uma vã esperança. Dentro do edifício comum encontraram as cinzas de uma fogueira, um chão de terra batida, um frio que chegava aos ossos. Mas, pelo menos, tinham um telhado por cima das cabeças e paredes de troncos para manter o vento afastado. Um ribeiro corria ali perto, coberto por uma película de gelo. O alce teve de parti-la com o casco para beber. Depois de Bran, Jojen e Hodor estarem instalados e em segurança, Meera foi buscar uns pedaços de gelo quebrado para eles chuparem. A água derretida era tão fria que fez Bran estremecer.

Verão não os seguiu para dentro do edifício comum. Bran conseguia sentir a fome do grande lobo, uma sombra da sua.

— Vai caçar — disse-lhe — mas deixa o alce em paz. — Parte de si desejava também poder ir caçar. Talvez o fizesse, mais tarde.

O jantar foi um punhado de bolotas, esmagadas e feitas em pasta, tão amarga que Bran teve vômitos quando tentou mantê-la no estômago. Jojen Reed nem sequer fez a tentativa. Mais jovem e mais débil do que a irmã, ia ficando mais fraco todos os dias.

— Jojen, tem de comer — disse-lhe Meera.

— Mais tarde. Só quero descansar. — Jojen fez um sorriso triste. — Não é este o dia em que eu morro, irmã. Prometo.

— Quase caiu do alce.

— Quase. Tenho frio e fome, é só isso.

— Então come.

— Bolotas esmagadas? Dói-me a barriga, mas isso só ia piorar a dor. Deixa-me assim, irmã. Estou sonhando com galinha assada.

— Os sonhos não vão te sustentar. Nem sequer os sonhos verdes.

— Sonhos são aquilo que temos.

Tudo o que temos. A última comida que tinham trazido do sul esgotara-se dez dias antes. Desde então, a fome caminhava ao lado deles, de dia e de noite. Até Verão era incapaz de encontrar caça naquela floresta. Viviam de bolotas esmagadas e de peixe cru. A floresta estava cheia de ribeiros gelados e lagos frios e negros, e Meera era tão boa pescadora com a sua lança para rãs de três dentes como a maior parte dos homens com linha e anzol. Havia dias em que os lábios dela estavam azuis de frio quando regressava para junto deles com o peixe contorcendo-se nos dentes da lança. Mas já tinham se passado três dias desde que Meera apanhara um peixe. Bran sentia a barriga tão vazia que podiam ter sido três anos.

Depois de terem se forçado a engolir o magro jantar, Meera sentou-se com as costas encostadas a uma parede, afiando o punhal numa pedra de amolar. Hodor acocorou-se junto da porta, balançando para trás e para afrente sobre os calcanhares e murmurando “hodor, hodor, hodor.”

Bran fechou os olhos. Estava demasiadamente frio para conversar, e não se atreviam a acender uma fogueira. O Mãos-Frias avisara-os contra isso. *Estas florestas não estão tão vazias como pensam*, dissera. *Não podem saber o que a luz poderá fazer sair da escuridão.* A recordação o fez tremer, apesar do calor de Hodor a seu lado.

O sono não vinha, não podia vir. Em vez disso havia vento, o frio mordente, luar refletido na neve, e fogo. Estava de novo dentro de Verão, a longas léguas de distância, e a noite fedia a sangue. O cheiro era forte. *Uma matança, não muito longe*. A carne ainda estaria quente. Saliva correu-lhe entre os dentes quando a fome despertou dentro de si. *Não é alce. Não é veado. Isto não*.

O lobo gigante deslocou-se na direção da carne, uma magra sombra cinzenta deslizando de árvore em árvore, através de lagoas de luar e sobre montes de neve. O vento soprava em rajadas à volta dele, mudando de direção. Perdeu o cheiro, encontrou-o, depois voltou a perdê-lo. Enquanto o procurava de novo, um som distante fez com que as orelhas se lhe espetassem.

Lobo, compreendeu de imediato. Verão avançou furtivamente na direção do som, agora cauteloso. Depressa o odor a sangue regressava, mas agora havia outros cheiros; mijo e peles mortas, caca de pássaro, penas e lobo, lobo, lobo. *Uma alcateia*. Ia ter de lutar pela carne.

Eles também o cheiraram. Quando avançou do seio da escuridão das árvores para a clareira ensanguentada, eles estavam a vigiá-lo. A fêmea roía uma bota de couro que ainda tinha metade de uma perna nela enfi ada, mas deixou-a cair quando ele se aproximou. O líder da alcateia, um velho macho com um focinho branco encanecido e um olho cego, avançou ao seu encontro, rosnando, revelando os dentes. Atrás dele, um macho mais jovem mostrava também os colmilhos.

Os olhos amarelos claros do lobo gigante absorveram o que o rodeava. Um emaranhado de entranhas enrolava-se por dentro de um arbusto, misturado com os ramos. Vapor erguia-se de uma barriga aberta, carregado com os cheiros de sangue e de carne. Uma cabeça que fitava sem ver um crescente de lua, com a cara rasgada e dilacerada até ao osso ensanguentado, poços no lugar de olhos e o

pescoço terminando num coto irregular. Uma poça de sangue congelado, cintilando rubra e negra.

Homens. O fedor que deles vinha enchia o mundo. Vivos, tinham sido tantos como os dedos de uma pata de homem, mas agora não eram nenhum. *Mortos. Acabados. Carne*. Cobertos com mantos e capuzes, em tempos, mas os lobos tinham-lhes feito à roupa em bocados no frenesi de chegar à carne. Aqueles que ainda tinham caras usavam densas barbas cobertas com uma crosta de gelo e ranho congelado. A neve que caía começara a enterrar o que deles restava, tão pálida contra o negro de mantos e bragas negras e esfarrapadas. *Negro*.

A longas léguas de distância, o rapaz agitou-se, inquieto.

Negro. Patrulha da Noite. Eles eram da Patrulha da Noite.

O lobo gigante não se importava. Eram carne. Ele tinha fome.

Os olhos dos três lobos brilhavam, amarelos. O lobo gigante sacudiu a cabeça de um lado para o outro, com as narinas dilatadas, após o que descobriu os colmilhos num rosnido. O macho mais novo recuou. O lobo gigante conseguiu cheirar nele o medo. *Cauda*, compreendeu. Mas o lobo zarolho respondeu com um rugido e avançou para bloquear o seu avanço. *Cabeça. E não tem medo de mim, embora tenha o dobro do seu tamanho.*

Os olhos de ambos encontraram-se.

Warg!

Então, os dois precipitaram-se um contra o outro, lobo e lobo gigante, e deixou de haver tempo para pensamentos. O mundo reduziu-se a dentes e garras, a neve voando enquanto eles rolavam e giravam e se mordiam um ao outro, e os outros lobos rosnavam e atiravam dentadas à volta deles. As maxilas de Verão cerraram-se em pelo eriçado e escorregadio de geada, num membro fino como um pau seco, mas o lobo zarolho arranhou-lhe abarriga com as garras e libertou-se, rolou, atirou-se a ele. Colmilhos amarelos cerraram-se-lhe na garganta, mas Verão sacudiu o primo cinzento para longe como teria sacudido uma ratazana, após o que caiu sobre ele, atirando-o ao chão. Rolando, dilacerando, esperneando, lutaram até fi carem os dois em desalinho e sangue fresco salpicar a neve que os rodeava.

Mas, por fim, o lobo zarolho deitou-se e mostrou a barriga. O lobo gigante mordeu-o mais duas vezes, farejou-lhe o traseiro, e depois levantou uma pata por cima dele.

Algumas dentadas e um rosnido de aviso, e a fêmea e o cauda também se submeteram. A alcateia era sua.

As presas também. Deslocou-se de homem em homem, farejando, até se decidir pelo maior, uma coisa sem cara que segurava ferro negro numa mão. A outra mão estava em falta, cortada pelo pulso, e o coto estavaligado com couro. Sangue fluía, espesso e vagaroso, do rasgão que tinha na garganta. O lobo bebeu-o com a língua, lambeu a rasgada ruína sem olhos do seu nariz e bochechas e depois enfiou o focinho no pescoço e abriu-o, devorando um bocado de carne saborosa. Nunca nenhuma carne lhe caíra tão bem.

Quando acabou com aquele homem, passou ao seguinte e devorou-lhe também os melhores bocados. Corvos observavam-no das árvores, agachados nos ramos, de olhos escuros e em silêncio, enquanto a neve caía lentamente à volta deles. Os outros lobos satisfizeram-se com os seus restos; o macho velho alimentou-se primeiro, depois a fêmea, depois o cauda. Agora eram dele. Eram alcateia.

Não, murmurou o rapaz, *temos outra alcateia. A Lady está morta, e o Vento Cinzento talvez também esteja, mas o Cão-Felpudo, a Nymeria e o Fantasma ainda estão em algum lugar. Lembras-se do Fantasma?*

A neve caia e os lobos banquetearam e começaram a esbater-se. O calor baseu-lhe na cara, reconfortante como beijos de uma mãe. *Fogo*, pensou, *fumo*. O nariz torceu-se com o cheiro de carne assando. E então a floresta desvaneceu-se, e Bran viu-se de regresso ao edifício comum, de regresso ao seu corpo quebrado, fitando uma fogueira. Meera Reed estava virando um bocado de rubra carne crua por cima das chamas, deixando-a tostar e crepitar.

— Mesmo a tempo — disse. Bran esfregou os olhos com a base da mão e torceu-se para trás contra a parede, para se sentar. — Quase passava o jantar dormindo. O patrulheiro encontrou uma porca.

Atrás dela, Hodor estava desfazendo avidamente um pedaço de carne quente e tostada enquanto sangue e gordura lhe caíam para a barba. Fiapos de fumo erguiam-se de entre os seus dedos.

— Hodor — resmungava entre dentadas — hodor, hodor. — A sua espada estava pousada no chão de terra a seu lado. Jojen Reed mordiscava o seu bocado de carne com pequenas dentadas, mastigando cada pedaço uma dúzia de vezes antes de engolir.

O patrulheiro matou um porco. O Mãos-Frias estava em pé ao lado da porta, com um corvo pousado no braço, ambos fitando o fogo. Reflexos das chamas cintilavam em quatro olhos negros. *Ele não come*, lembrou-se Bran, *e tem medo das chamas*.

— Disse para não fazermos fogo — fez lembrar ao patrulheiro.

— As paredes que nos rodeiam escondem a luz, e a aurora está próxima. Depressa estaremos a caminho.

— O que aconteceu aos homens? Os inimigos que nos seguiam?

— Não nos irão causar problemas.

— Quem eram, selvagens?

Meera virou a carne para cozinhar o outro lado. Hodor estava mastigando e engolindo, murmurando, feliz, em surdina. Só Jojen parecia consciente do que estava acontecendo quando Mãos-Frias virou a cabeça para fitar Bran.

— Eram inimigos.

Homens da Patrulha da Noite.

— Você os matou. Você e os corvos. Tinham as caras todas dilaceradas e os olhos tinham desaparecido. — Mãos-Frias não o negou. — Eram seus *irmãos*. Eu vi. Os lobos tinham-lhes rasgado à roupa, mas ainda consegui perceber. Os mantos deles eram pretos. Como as tuas mãos. — Mãos-Frias nada disse. — Quem é você? *Porque é que as tuas mãos são pretas?* O patrulheiro estudou as mãos como se nunca antes tivesse reparado nelas.

— Depois de o coração parar de bater, o sangue de um homem corre para as extremidades, onde espessa e congela. — A voz ressoava-lhe na garganta, tão magra e descarnada como ele. — As mãos e os pés incham-lhe e tornam-se tão pretas como farinheira. O resto dele torna-se branco comoleite.

Meera Reed levantou-se, com a lança para rãs na mão, ainda com um bocado de carne fumegante empalado nos seus dentes.

— Mostra-nos a tua cara. O patrulheiro não fez qualquer movimento para obedecer.

— Ele está morto. — Bran sentia o sabor da bílis na garganta. — Meera, ele é uma coisa morta qualquer. A Velha Nan costumava dizer que os monstros não podem passar enquanto a Muralha permanecer em pé e os homens da Patrulha da Noite se mantiverem fiéis. Ele veio encontrar-se conosco na Muralha, mas não pôde passar. Mandou o Sam, com aquela mulçher selvagem.

A mão enluvada de Meera apertou-se em volta do cabo da sua lança para rãs.

— Quem foi que te enviou? Quem é esse tal corvo de três olhos?

— Um amigo. Sonhador, feiticeiro, chame-o como quiser. O último vidente verde. — A porta de madeira do edifício comum abriu-se com estrondo.

Lá fora, o vento noturno uivava, gelado e negro. As árvores estavam cheias de corvos aos gritos. O Mãos-Frias não se mexeu.

— Um monstro — disse Bran. O patrulheiro olhou para Bran como se os outros não existissem.

— O seu monstro, Brandon Stark.

— *Seu* — disse o corvo que ele tinha ao ombro, num eco. Fora das portas, os corvos nas árvores imitaram o grito, até a floresta noturna ecoar com a canção assassinada de "*Seu, seu, seu*."

Jojen, sonhou isto? — perguntou Meera ao irmão. — Quem é ele? O que é ele? O que fazemos agora?

— Vamos com o patrulheiro — disse Jojen. — Chegamos muito longe para voltarmos agora para trás, Meera. Nunca conseguiríamos regressar à Muralha vivos. Ou vamos com o monstro de Bran, ou morremos.

TYRION

Partiram de Pentos através do Portão Nascente, embora Tyrion Lannister não chegasse a vislumbrar o Sol nascente.

Será como se nunca tivésse vindo a Pentos, meu pequeno amigo — prometera o Magíster Illyrio quando fechara as cortinas de veludo púrpura da liteira. — Nenhum homem pode ve-lo abandonar a cidade, como nenhum homem o viu entrar.

Nenhum homem exceto os marinheiros que me enfiaram naquel barril, o criado de bordo que limpou a cabine onde viajei, a mulher que enviou para me aquecer a cama e aquela traiçoeira lavadeira das sardas. Oh, e os seus guardas. A menos que lhes tenha tirado os miolos quando lhes tiraram os tomates, eles sabem que não está sozinho aqui dentro. — A liteira estava suspensa entre oito gigantescos cavalos de carga, presa por pesadas tiras de couro. Quatro eunucos seguiam a pé ao lado dos cavalos, dois de cada lado, e mais caminhavam atrás para defender a bagagem.

Imaculados não contam histórias — assegurou-lhe Illyrio. — E a galé que tes entregou está a caminho de Asshai neste momento. Passarão dois anos até que regresse, se os mares forem gentis. Quanto ao meu pessoal, gosta bastante de mim. Nenhum me trairá.

Acaricie essa ideia, meu gordo amigo. Um dia entalharemos essas palavras na tua cripta.

— Devíamos estar a bordo dessa galé — disse o anão. — A maneira mais rápida de chegar a Volantis é por mar.

— O mar é perigoso — respondeu Illyrio. — O outono é uma estação cheia de tempestades e piratas ainda fazem os seus covis nos Degraus e daí partem para depredar os homens honestos. Não seria nada bom que o meu pequeno amigo caísse em tais mãos.

— Também há piratas no Roine.

— Piratas fluviais. — O queijeiro soltou um bocejo, cobrindo a boca com as costas da mão. — Capitães-baratas correndo atrás de migalhas.

— Uma pessoa também ouve falar de homens de pedra.

— Esses são bem reais, pobres coisas condenadas. Mas por que falar dessas coisas? O dia está muito agradável para tais conversas. Em breve veremos o Roine, e aí se livrará de Illyrio e da sua grande barriga. Até lá, bebamos e

sonhemos. Temos vinho doce e aperitivos para saborear, para quê pensar em doença e morte?

De fato, para quê? Tyrion voltou a ouvir o *trum* de uma besta e espantou-se. A liteira oscilava de um lado para o outro, um movimento calmante que o fazia sentir-se como uma criança a ser embalada para dormir nos braços da mãe. *Não que eu saiba como isso é.* Almofadas de seda estofadas com penugem de ganso afagavam-lhe as nádegas. As paredes de veludo púrpura curvavam-se por cima da sua cabeça para formar um teto, deixando uma temperatura agradavelmente morna lá dentro, apesar do frio de outono lá fora.

Uma fila de mulas seguia atrás deles, trazendo arcas, barris, e cestas de delícias para evitar que o senhor do queijo sentisse apetite. Naquela manhã mordiscaram salsichas com especiarias, empurradas para baixo por um vinho castanho de baga-fumo. Enguias em gelatina e tintos de Dorne preencheram-lhes à tarde. Ao chegar a noite, houve presuntos em fatias, ovos cozidos e cotovias assadas recheadas com alho e cebolas, com cervejas louras e vinhos ardentes de Myr para ajudar à digestão. Mas a liteira era tão lenta como confortável, e o anão depressa deu por si cheio de impaciência.

— Vamos demorar quantos dias a chegar ao rio? — perguntou a Illyrio naquela noite. — A este ritmo, os dragões da sua rainha serão maiores do que os três de Aegon antes de eu pôr os olhos neles.

— Seria bom que assim fosse. Um dragão grande é mais temível do que um pequeno. — O magíster encolheu os ombros. — Por muito que me agradasse dar as boas-vindas à Rainha Daenerys em Volantis, tenho de confiar em vós e em Griff para isso. Posso servi-la melhor em Pentos, suavizando o caminho para o seu regresso. Mas enquanto estou com você... Bem, um velho gordo tem de ter os seus confortos, sim? Vá, beba uma taça de vinho.

— Diga-me — disse Tyrion enquanto bebia — porque haveria um magíster de Pentos de ter algum interesse em quem usa a coroa em Westeros? Onde está para você o lucro neste empreendimento, senhor? O gordo limpou com pancadinhas a gordura dos lábios.

— Eu sou um velho, cansado deste mundo e das suas traições. Será assim tão estranho que deseje fazer algum bem antes de os meus dias chegarem ao fim, para ajudar uma doce menininha a reconquistar aquilo que é seu direito de nascimento?

A seguir vai me oferecer uma armadura mágica e um palácio em Valíria.

— Se Daenerys não for mais do que uma doce menininha, o Trono de Ferro vai cortá-la em doces pedacinhos.

— Não temas, meu pequeno amigo. O sangue de Aegon, o Dragão, corre-lhe nas veias.

Juntamente com o sangue de Aegon, o Indigno, Maegor, o Cruel, e Baelor, o Confundido.

— Fale-me mais dela. O gordo ficou pensativo.

— Daenerys era praticamente uma criança quando veio falar comigo, mas era ainda mais bonita do que a minha segunda esposa, tão adorável que me senti tentado a ficar com ela para mim. Mas era uma coisinha tão temerosa e furtiva que soube que não obteria qualquer alegria em me ligar a ela. Em vez disso, chamei uma aquecedora de cama e fodi-a vigorosamente até a loucura passar. Em boa verdade, não pensei que Daenerys sobrevivesse durante muito tempo entre os senhores dos cavalos.

— Isso não lhe impediu de a vender a Khal Drogo…

— Os dothraki nem compram nem vendem. Diga antes que o irmão Viserys a ofereceu a Drogo para ganhar a amizade do khal. Um jovem presunçoso e ganancioso. Viserys desejava intensamente o trono do pai, mas também desejava Daenerys, e abominava a ideia de abrir mão dela. Na véspera do casamento da princesa, tentou esgueirar-se para dentro da sua cama, insistindo que, se não podia obter a mão dela, obteria a virgindade. Se eu não tivesse tomado a precaução de pôr guardas à porta dela, Viserys podia ter desfeito anos de planeamento.

— Parece um completo idiota.

— Viserys era filho do Louco Aerys, sem dúvida. Daenerys… Daenerys é bastante diferente. — Enfiou uma cotovia na boca e esmagou-a ruidosamente, com ossos e tudo. — A criança assustada que se abrigou na minha mansão morreu no mar Dothraki, e renasceu em sangue e fogo. Esta rainha dos dragões que usa o seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando enviei navios para trazê-la para casa, desviou-os para a Baía dos Escravos. Em poucos dias, conquistou Astapor, fez Yunkai dobrar o joelho e saqueou Meereen. Mantarys será a próxima, se marchar para oeste pelasvelhas estradas valirianas. Se vier por mar, bem… a sua frota terá de embarcar comida e água em Volantis.— Por terra ou por mar, há longas léguas entre Meereen e Volantis —observou Tyrion.

— Quinhentas e cinquenta, em voo de dragão, por desertos, montanhas, pântanos e ruínas assombradas por demônios. Serão mais do que muitos os que

perecerão, mas aqueles que sobreviverem estarão mais fortes quando chegarem a Volantis… aí o encontrarão à espera deles com Griff, com forças descansadas e navios suficientes para cruzar com todos o mar até Westeros.

Tyrion pensou em tudo o que sabia sobre Volantis, a mais antiga e mais orgulhosa das Nove Cidades Livres. Havia ali algo de errado. Mesmo com meio nariz conseguia cheirá-lo.

— Diz-se que há cinco escravos por cada homem livre em Volantis.

Porque haveriam os patriarcas de ajudar uma rainha que esmagou o comércio de escravos? — Apontou para Illyrio. — E, já agora, porque haveria você de o fazer? A escravatura pode ser proibida pelas leis de Pentos, mas você também tem um dedo nesse negócio, talvez mesmo uma mão inteira. E, no entanto, conspira em prol da rainha dos dragões, e não contra ela. Porquê? O que espera ganhar com a Rainha Daenerys?

— Voltámos outra vez a isso? É um homenzinho persistente. —Illyrio soltou uma gargalhada e deu uma palmada na barriga. — Como quiser. O Rei Pedinte jurou que eu seria o seu mestre da moeda, e também um senhor importante. Quando pusesse na cabeça a sua coroa dourada, eu podia escolher os castelos que quisesse… mesmo Rochedo Casterly, se o desejasse.

Tyrion deitou vinho pelo coto deformado que fora o seu nariz.

— O meu pai teria adorado ouvir isso.

— O senhor vosso pai não tinha motivos de preocupação. Porque haveria eu de querer um rochedo? A minha mansão é suficientemente grande para qualquer homem, e mais confortável do que os seus castelos de Westeros com as suas correntes de ar. Agora, mestre da moeda… — O gordo descascou outro ovo. — Eu gosto de moedas. Haverá algum som mais agradável do que o tinir de ouro em ouro?

Os gritos de uma irmã.

— Tem mesmo a certeza de que Daenerys cumprirá as promessas do irmão?

— Ou cumprirá ou não cumprirá. — Illyrio cortou metade do ovo com uma dentada. — Já o tinha dito, meu pequeno amigo, nem tudo o que um homem faz é feito pelo lucro. Acredite no que quiser, mas até velhos patetas gordos como eu têm amigos, e dívidas de afeto a pagar.

Mentiroso, pensou Tyrion. *Há qualquer coisa neste empreendimento que vale mais para ti do que dinheiro ou castelos*.

— Encontram-se tão poucos homens que dão mais valor à amizade do que ao ouro nos dias que correm.

— É bem verdade — disse o gordo, surdo à ironia.

— Como foi que a Aranha se tornou tão preciosa para você?

— Passamos a juventude juntos, dois rapazes inexperientes em Pentos.

— Varys veio de Myr.

— Pois veio. Conheci-o não muito tempo depois de chegar, um passo à frente dos escravagistas. De dia dormia nos esgotos, de noite percorria os telhados como um gato. Eu era quase tão pobre como ele, um espadachim vestido de seda suja, vivendo da minha espada. Talvez tenha calhado ver a estátua perto da minha piscina? Pytho Malanon esculpiu aquilo quando eu tinha dezesseis anos. Uma coisa adorável, embora eu agora chore ao vê-la.

— A idade transforma-nos a todos em ruínas. Ainda estou de luto pelo meu nariz. Mas Varys…

— Em Myr era um príncipe de ladrões, até que um ladrão rival o denunciou. Em Pentos, o sotaque identificava-o, e depois de se saber que era um eunuco foi desprezado e espancado. Nunca saberei por que me escolheu para protegê-lo, mas chegámos a um acordo. Varys espiava ladrões menores e roubava o que eles roubavam. Eu oferecia-me para ajudar as vítimas, prometendo recuperar os seus objetos de valor em troca de uma gratificação. Depressa todos os homens que tinham sofrido uma perda ficaram sabendo que deviam vir falar comigo, enquanto os larápios e carteiristas da cidade procuravam Varys… metade para lhe cortar a garganta, a outra metade para lhe vender o que tinham roubado. Ambos enriquecemos e ficamos ainda mais ricos quando Varys treinou os seus ratos.

— Em Porto Real criava passarinhos.

— Nessa altura chamava-lhes ratos. Os ladrões mais velhos eram idiotas que não pensavam mais longe do que em transformar em vinho o saque de uma noite. Varys preferia rapazes órfãos e menininhas. Escolhia os menores, aqueles que eram rápidos e discretos, e ensinava-lhes a escalar muros e a descer por chaminés. Ensinamos-lhes também a ler. Deixávamos o ouro e as pedras preciosas para os ladrões comuns. Em vez disso, os nossos ratos roubavam cartas, livros-mestres, planos… mais tarde, passaram a lê-los e a deixá-los onde estavam. *Os segredos valem mais do que prata ou safiras*, afirmava Varys. Exatamente. Eu tornei-me tão respeitável que um primo do Príncipe de Pentos me deixou casar com a sua filha donzela, enquanto murmúrios sobre os talentos

de um certo eunuco atravessavam o mar estreito e chegavam aos ouvidos de um certo rei. Um rei muito *ansioso*, que não confiava por completo no filho, nem na esposa, nem no Mão, um amigo de juventude que se tornara arrogante e muito orgulhoso. Julgo que conhece o resto desta história, não é verdade?

— Muita dela — admitiu Tyrion. — Vejo que afinal é algo mais do que um queijeiro. Illyrio inclinou a cabeça.

— É bondade vossa dizê-lo, meu pequeno amigo. E pela minha parte, vejo que é precisamente tão rápido de entendimento como o Lorde Varys afirmou. — Sorriu, mostrando todos os dentes tortos e amarelos, e gritou por outra garrafa de vinho ardente de Myr.

Quando o magíster adormeceu abraçado à garrafa de vinho, Tyrion gatinhou pelas almofadas para a soltar da sua prisão de carne e servir-se de uma taça. Emborcou-a, bocejou e voltou a enchê-la. *Se beber suficiente vinho ardente*, disse a si próprio, *talvez sonhe com dragões*.

Quando era ainda uma criança solitária nas profundezas de Rochedo Casterly, era frequente montar dragões pelas noites fora, fingindo ser qualquer principelho perdido Targaryen, ou um senhor dos dragões valiriano pairando bem alto sobre campos e montanhas. Uma vez, quando os tios lhe perguntaram que presente desejava pelo dia do seu nome,suplicara-lhes um dragão.

— Não precisa de ser grande. Pode ser pequeno, como eu. — O tio Gerion achara que aquela era a coisa mais engraçada que já ouvira, mas o tio Tygett dissera:

— O último dragão morreu há um século, rapaz. — Aquilo parecera tão monstruosamente injusto que o rapaz chorara até adormecer naquela noite.

Mas se fosse possível acreditar no senhor do queijo, a filha do Rei Louco chocara três dragões vivos. *Mais dois do que até uma Targaryen devia necessitar*. Tyrion tinha quase pena de ter matado o pai. Teria gostado de ver a cara do Lorde Tywin quando soubesse que havia uma rainha Targaryen a caminho de Westeros com três dragões, apoiada por um eunuco cheio de intrigas e um queijeiro com metade do tamanho de Rochedo Casterly.

O anão estava tão cheio que teve de desafivelar o cinto e desatar os nós superiores das bragas. A roupa de rapaz com que o seu anfitrião o vestira fazia com que se sentisse como quatro quilos de salsicha numa pele para dois quilos. *Se comermos assim todos os dias, chegarei ao tamanho de Illyrio antes de conhecer esta rainha dos dragões*. Fora da liteira a noite caíra. Dentro, tudo era escuridão. Tyrion escutou os roncos de Illyrio, o ranger das tiras de couro, o lento

clop clop dos cascos ferrados de ferro dos cavalos na dura estrada valiriana, mas o seu coração estava à escuta dos batimentos de asas de couro.

Quando acordou, a aurora chegara. Os cavalos continuavam avançando pesadamente, com a liteira a ranger e a oscilar entre eles. Tyrion puxou a cortina um centímetro para trás a fim de espreitar o exterior, mas havia pouco para ver além de campos em tons de ocre, ulmeiros nus e castanhos,e a própria estrada, uma larga via de pedra que corria direita como uma lança até ao horizonte. Lera sobre as estradas valirianas, mas aquela era a primeira que via. O alcance da Cidade Livre chegara até Pedra do Dragão, mas nunca atingira Westeros propriamente dito. *Estranho, isso. Pedra do Dragão não passa de um rochedo. A riqueza estava mais para oeste, mas eles tinham dragões. Com certeza sabiam que estava lá.*

Bebera muito na noite anterior. Tinha a cabeça latejando, e mesmo o suave balanço da liteira era suficiente para lhe revolver o estômago.

Embora não soltasse uma palavra de queixa, a sua aflição deve ter sido evidente para Illyrio Mopatis.

— Vá, beba comigo — disse o gordo. — Uma escama do dragão que lhe queimou, como se costuma dizer. — Serviu-os de um jarro de vinho de amoras silvestres, tão doce que atraía mais moscas do que mel. Tyrion enxotou-as com as costas da mão e bebeu profundamente. O sabor era tão enjoativo que foi com grande dificuldade que manteve o vinho na barriga. Mas a segunda taça desceu com mais facilidade. Mesmo assim, não tinha apetite, e quando Illyrio lhe ofereceu uma tigela de amoras silvestres com creme, recusou com um gesto.

— Sonhei com a rainha — disse. — Estava de joelhos à sua frente, jurando fidelidade, mas ela confundiu-me com o meu irmão Jaime e deu-me de comer aos dragões.

— Esperemos que esse sonho não seja profético. É um anão inteligente, como Varys disse, e Daenerys vai ter necessidade de homens inteligentes à sua volta. Sor Barristan é um cavaleiro valente e fiel, mas ninguém,penso eu, alguma vez lhe chamou astucioso.

— Os cavaleiros só conhecem uma maneira de resolver um problema. Baixam a lança e arremetem. Um anão tem uma maneira diferente de olhar para o mundo. Mas e você? Você também é um homem inteligente.

Lisonjea-me. — Illyrio abanou a mão. — Infelizmente, não fui feito para viajar, portanto, enviarei você a Daenerys em meu lugar. Prestaste um grande serviço a Sua Graça quando mataste o seu pai, e tenho a esperança de que

lhe preste muitos mais. Daenerys não é a idiota que o irmão era. Ela irá usa-lo bem.

Como lumo?, pensou Tyrion, sorrindo de forma agradável.

Só trocaram de cavalos três vezes nesse dia, mas pareceram parar pelo menos duas vezes por hora para que Illyrio pudesse descer da liteira e dar uma mijada. *O nosso senhor do queijo é do tamanho de um elefante, mas tem uma bexiga parecida com um amendoim*, matutou o anão. Durante uma das paradas, usou o tempo para examinar melhor a estrada. Tyrion sabia o que iria encontrar; não terra batida nem tijolos nem pedras, mas uma fita de pedra fundida, erguida quinze centímetros acima do chão a fim de permitir que a chuva e a neve escorressem. Ao contrário dos trilhos lamacentos que passavam por estradas nos Sete Reinos, as estradas valirianas tinham largura suficiente para três carroças passarem lado a lado, e nem o tempo, nem o tráfego as estragavam. Ainda resistiam, imutáveis, quatro séculos depois de a própria Valíria ter encontrado a sua Perdição. Procurou sulcos e rachaduras, mas encontrou apenas uma pilha de bosta quente depositada por um dos cavalos.

A bosta o fez pensar no senhor seu pai. *Está em algum inferno, pai? Um inferno simpático e frio de onde pode olhar para cima e ver-me ajudar a devolver o Trono de Ferro à filha do Louco Aerys?*

Quando reataram a viagem, Illyrio apresentou um saco de castanhas assadas e recomeçou a falar da rainha dos dragões.

— Temo que as nossas últimas notícias sobre a Rainha Daenerys sejam antigas e mofadas. Temos de partir do princípio de que por esta altura tenha abandonado Meereen. Tem finalmente a sua hoste, uma hoste dissonante de mercenários, senhores dos cavalos dothraki e infantaria Imaculada, e sem dúvida que os trará para oeste, a fim de retomar o trono do pai. — O Magíster Illyrio abriu um frasco de caracóis em alho, cheirou-os e sorriu. — Temos de ter esperança de que em Volantis obtenha notícias frescas sobre Daenerys — disse, enquanto chupava um caracol para fora dacasca. — Tanto os dragões como as mulheres são caprichosos, e pode ser que tenha de ajustar os seus planos. Griff saberá o que fazer. Quer um caracol? O alho vem dos meus próprios jardins.

Eu podia montar um caracol e avançar mais depressa do que esta tua liteira. Tyrion afastou o prato com um gesto.

— Atribui bastante confiança a esse tal Griff. Outro amigo de infância?

— Não. Você o chamaria de um mercenário, mas é nascido em Westeros. Daenerys precisa de homens dignos da sua causa. — Illyrio ergueu

uma mão. — Eu sei! Esta pensando: "*os mercenários põem o ouro à frente da honra. Este tal Griff vai vender-me à minha irmã*." Não é verdade. Confio em Griff como confiaria num irmão.

Outro erro fatal.

— Então eu farei o mesmo.

— A Companhia Dourada marcha para Volantis neste mesmo momento, para esperar aí a chegada da nossa rainha do leste.

Sob o ouro, o aço amargo.

— Tinha ouvido dizer que a Companhia Dourada estava sob contrato com uma das cidades livres.

— Myr. — Illyrio fez um sorrisinho afetado. — Contratos podem ser quebrados.— Há mais dinheiro no queijo do que eu pensava — disse Tyrion. — Como conseguiu isso? O magíster sacudiu os dedos gordos.

— Alguns contratos são escritos com tinta, alguns com sangue. Nada mais direi.

O anão refletiu sobre aquilo. A Companhia Dourada tinha a reputação de ser a melhor das companhias livres, fundada um século antes por Açamargo, um filho bastardo de Aegon, o Indigno. Quando outro dos Grandiosos Bastardos de Aegon tentara tirar o Trono de Ferro ao seu meio-irmão legítimo, Açamargo juntara-se à revolta. Contudo, Daemon Blackfyre perecera no Campo da Erva Rubra e a sua rebelião perecera com ele. Os seguidores do Dragão Negro que sobreviveram à batalha, mas se recusaram a dobrar o joelho, fugiram para o outro lado do mar estreito, incluindo os filhos mais novos de Daemon, Açamargo e centenas de senhoresbe cavaleiros sem terras que depressa se viram forçados a vender as espadas para comer. Alguns juntaram-se ao Estandarte Esfarrapado, alguns aos Segundos Filhos ou aos Homens da Donzela. Açamargo vira a força da Casa Blackfyre espalhar-se aos quatro ventos, por isso, formara a Companhia Dourada para unir os exilados.

Desse dia até o presente, os homens da Companhia Dourada tinham vivido e morrido nas Terras Disputadas, combatendo por Myr, Lys ou Tyrosh nas suas guerrinhas sem sentido, e sonhando com a terra que os pais haviam perdido. Eram exilados e filhos de exilados, despojados e nunca perdoados… mas ainda formidáveis combatentes.

— Admiro o seu poder de persuasão — disse Tyrion a Illyrio. —Como convenceu a Companhia Dourada a apoiar a causa da nossa querida rainha quando passaram tanta da sua história a lutar *contra* os Targaryen?

Illyrio enxotou a objeção como se fosse uma mosca.

— Preto ou vermelho, um dragão é um dragão. Quando Maelys, o Monstruoso, morreu nos Degraus, foi o fim da linhagem masculina da Casa Blackfyre. — O queijeiro sorriu através da barba bifurcada. — E Daenerys dará aos exilados o que Açamargo e os Blackfyre nunca conseguiram dar. Leva-los para casa.

Com fogo e espadas. Era também o tipo de regresso a casa que Tyrion desejava.

— Dez mil espadas são um presente principesco, admito. Sua Graça ficará muito satisfeita.

O magíster baixou com modéstia a cabeça, fazendo abanar os queixos.

— Nunca ousaria dizer o que poderá satisfazer Sua Graça. *É prudente da tua parte*. Tyrion sabia mais do que gostaria de saber sobre a gratidão dos reis. Porque haveriam as rainhas de ser diferentes?

Pouco depois o magíster adormeceu profundamente, deixando Tyrion matutando sozinho. Perguntou-se o que Barristan Selmy pensaria de partir para a batalha com a Companhia Dourada. Durante a Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros, Selmy abrira um caminho sangrento pelas suas fileiras para matar o último dos Pretendentes Blackfyre. *A rebelião cria estranhos companheiros de cama. E nenhuns são mais estranhos doque este gordo e eu.*

O queijeiro acordou quando pararam para trocar os cavalos e mandou buscar mais uma cesta.

— Já avançámos muito? — perguntou-lhe o anão enquanto se atafulhavam com capão frio e um aperitivo feito de cenouras, passas e bocados de lima e laranja.

Isto é Andalos, meu amigo. A terra de onde os seus ândalos vieram. Tomaram-na aos homens peludos que viviam aqui antes deles, primos dos homens peludos de Ib. O coração do antigo reino de Hugor fica a norte de nós, mas estamos passando pelas suas marcas meridionais. Em Pentos, chama-se a isto as Planuras. Mais para leste erguem-se os Montes Veludo, aos quais nos dirigimos.

Andalos. A Fé ensinava que os próprios Sete tinham em tempos percorrido as colinas de Andalos sob forma humana.

— O Pai ergueu a mão até aos céus e puxou para baixo sete estrelas — recitou Tyrion de memória — e as pôs uma a uma na testa de Hugor da Colina para fazer uma coroa brilhante.O Magíster Illyrio deitou-lhe um olhar curioso.

— Não sonhava que o meu pequeno amigo fosse tão devoto. O anão encolheu os ombros.

— Uma relíquia da minha meninice. Sabia que não podia ser um cavaleiro, portanto decidi ser Alto Septão. Essa coroa de cristal acrescenta trinta centímetros à altura de um homem. Estudei os livros sagrados e rezei até ter crostas em ambos os joelhos, mas a minha demanda chegou a um fim trágico. Cheguei a uma certa idade e apaixonei-me.

— Uma donzela? Sei como isso é. — Illyrio enfiou a mão direita na manga esquerda e tirou de lá um medalhão de prata. Lá dentro estava o retrato pintado de uma mulher de grandes olhos azuis e cabelo loiro claro com madeixas brancas. — Serra. Encontrei-a numa casa de almofadas lisena e trouxe-a para casa para me aquecer a cama, mas por fim casei com ela. Eu, cuja primeira esposa tinha sido prima do Príncipe de Pentos. As portas do palácio fecharam-se para mim daí em diante, mas não me importei. Por Serra, o preço foi bastante baixo.

— Como foi que ela morreu? — Tyrion sabia que a mulher estava morta; nenhum homem falava com tanto carinho de uma mulher que o tivesse abandonado.

— Uma galé mercante de Bravos aportou em Pentos de regresso do Mar de Jade. A *Tesouro* transportava cravinho e açafrão, âmbar-negro e jade, samito escarlate, seda verde… e a morte cinzenta. Matamos os seus remadores quando o navio acostou e o queimamos ao longe, mas as ratazanas rastejaram ao longo dos remos e desceram para o cais sobre frias patas de pedra. A praga levou duas mil pessoas antes de desaparecer. — O Magíster Illyrio fechou o medalhão. — Conservo as mãos dela no meu quarto. Umas mãos que eram tão suaves…

Tyrion pensou em Tysha. Olhou os campos por onde os deuses em tempos tinham caminhado.

— Que tipo de deuses fazem ratazanas, pragas e anões? — Ocorreu-lhe outra passagem da *Estrela de Sete Pontas*. — A Donzela trouxe-lhe uma moça flexível como um salgueiro com olhos que eram como profundas lagoas azuis, e Hugor declarou que a tomaria como noiva. E assim a Mãe tornou-a fértil, e a Velha predisse que ela daria ao rei quarenta e quatro poderosos filhos. O Guerreiro deu força aos seus braços ao passo que o Ferreiro fez para cada um uma armadura de placas de aço.

— O seu Ferreiro deve ter sido de Roine — gracejou Illyrio. — Os ândalos aprenderam a arte de trabalhar o ferro com os roinares que viviam ao longo do rio. É sabido.

— Não pelos nossos septões. — Tyrion indicou os campos com um gesto. — Quem vive nestas planícies?

— Agricultores e trabalhadores, ligados a terra. Há pomares, quintas, minas… Eu próprio sou dono de algumas, embora raramente as visite. Porque haveria de passar os meus dias aqui, com a miríade de delícias de Pentos à mão?

— Miríade de delícias. — *E enormes e grossas muralhas*. Tyrion fez o vinho girar na taça. — Não vimos vilas desde Pentos.

— Há ruínas. — Illyrio indicou as cortinas com uma perna de frango.

— Os senhores dos cavalos vêm nesta direção sempre que um *khal* qualquer mete na cabeça ver o mar. Os dothraki não gostam de vilas, devem saber disto até em Westeros.

— Caí sobre um desses *khalasares* e destruí-o e descobrireis que os dothraki deixam de ser tão rápidos a atravessar o Roine.

— Sai mais barato comprar os inimigos com comida e presentes.

Se eu tivesse pensado em trazer um belo queijo para a batalha da Água Negra podia ainda ter o meu nariz completo. O Lorde Tywin sempre nutrira desprezo pelas Cidades Livres. *Combatem com moedas em vez de espadas*, costumava dizer. *O ouro tem os seus usos, mas as guerras são ganhas com ferro.*

— O meu pai sempre disse que se der ouro a um inimigo ele se limitará a vir buscar mais.

— Esse é o mesmo pai que assassinastes? — Illyrio atirou o osso de galinha para fora da liteira. — Mercenários não resistem contra cavaleiros dothraki. Isso ficou provado em Qohor.

— Nem sequer o seu bravo Griff? — troçou Tyrion.

— O Griff é diferente. Tem um filho que adora. Jovem Griff é como o rapaz se chama. Nunca houve rapaz mais nobre. O vinho, a comida, o sol, o balanço da liteira, tudo conspirava para o deixar sonolento. E por isso dormiu, acordou, bebeu. Illyrio acompanhava-o taça por taça. E quando o céu tomou o tom púrpura do ocaso, o gordo começou a ressonar.

Nessa noite, Tyrion Lannister sonhou com uma batalha que tornou os montes de Westeros vermelhos como sangue. Estava no meio dela, entregando a morte com um machado do seu tamanho, combatendo lado a lado com Barristan, o Ousado, e Açamargo, enquanto dragões rodopiavam pelo céu por cima deles.

No sonho, tinha duas cabeças, ambas sem nariz. O pai liderava o inimigo, de modo que o matou outra vez. Depois matou o irmão Jaime, atacando-lhe a cara até a transformar numa ruína rubra, rindo-se de todas as vezes que dava um golpe. Foi só quando o combate terminou que se percebeu de que a sua segunda cabeça estava chorando.

Quando acordou, tinha as pernas atrofiadas rígidas como ferro. Illyrio estava comendo azeitonas.

— Onde estamos? — perguntou-lhe Tyrion.

— Ainda não saímos das Planícies, meu apressado amigo. Em breve, a nossa estrada entrará nos Montes Veludo. Começamos aí a ascensão até Ghoyan Drohe, nas margens do Pequeno Roine.

Ghoyan Drohe fora uma cidade roinar até que os dragões de Valíria a reduziram a uma desolação em brasa. *Estou viajando tanto ao longo de léguas como de anos*, refletiu Tyrion, *regressando na história até aos dias em que os dragões governavam a terra*.

Tyrion dormiu, acordou e voltou a dormir, e o dia e a noite pareceram não importar. Os Montes Veludo revelaram-se uma desilusão.

— Metade das rameiras de Lanisporto tem seios maiores do que estes montes — disse a Illyrio. — Devíam chamar-lhes Tetas Veludo. — Viram um círculo de pedras verticais que Illyrio afirmou terem sido erguidas por gigantes, e mais tarde um lago profundo.

— Aqui vivia um grupo de salteadores que atacava todos os que passavam por cá — disse Illyrio — Diz-se que ainda vivem debaixo de água. Aqueles que pescam no lago são puxados para baixo e devorados. — Na noite seguinte chegaram a uma enorme esfinge valiriana acocorada ao lado da estrada. Tinha corpo de dragão e cara de mulher.

— Uma rainha dragão — disse Tyrion. — Um presságio agradável.

— Falta o rei dela. — Illyrio apontou para o plinto liso de pedra sobre o qual estivera em tempos a segunda esfinge, agora coberto de musgo e trepadeiras em flor. — Os senhores dos cavalos construíram rodas de pedra por baixo dele e arrastaram-no para Vaes Dothrak.

Isso também é um presságio, pensou Tyrion, *mas não tão esperançoso*.

Nessa noite, mais bêbado do que de costume, desatou subitamente a cantar.

Cavalgou pelas ruas da cidade,
desde o alto da sua colina,

Por becos e degraus e calçadas,
para os braços da sua menina.
Porque ela era o secreto tesouro,
a sua vergonha e seu prazer.
E corrente e forte nada são,
comparados com beijos de mulher.

Aquela era toda a letra que conhecia, à parte o refrão. *Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher*. As mãos de Shae tinham-lhe batido enquanto as mãos de ouro se enterravam na sua garganta. Não se lembrava se nelas houvera calor ou não. À medida que as forças lhe iam esgotando, os seus golpes tinham-se transformado em traças esvoaçando em volta do rosto. De cada vez que dava à corrente mais um torção, as mãos de ouro enterravam-se mais. *E corrente e forte nada são, comparados com beijos de mulher.* A teria beijado uma última vez, depois de estar morta? Não conseguia lembrar-se… embora ainda recordasse a primeira vez que a beijara, na sua tenda ao lado do Ramo Verde. Que bem soubera a sua boca.

Também se lembrava da primeira vez com Tysha. *Ela não sabia como se fazia, tal como eu. Andavamos sempre a dar encontrões com os narizes,mas quando lhe toquei na língua com a minha, ela tremeu*. Tyrion fechou os olhos para evocar a cara dela, mas em vez disso viu o pai, acocorado numa latrina com o roupão erguido em volta da cintura.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin, e a besta fizera *trum*.

O anão virou-se ao contrário, enterrando profundamente meio nariz nas almofadas de seda. O sono abriu-se debaixo dele como um poço, e Tyrion atirou-se lá para dentro determinado a deixar que a escuridão odevorasse.

O ASSISTENTE DO MERCADOR

O *Aventura* fedia.

Ostentava sessenta remos, uma única vela, e um longo casco esguio que prometia velocidade. *Pequeno, mas talvez sirva*, pensou Quentyn quando o viu, mas isso foi antes de subir a bordo e o cheirar bem. *Porcos*, foi o seu primeiro pensamento, mas depois de uma segunda farejada mudou de ideias. Os porcos tinham um cheiro mais limpo. Aquele fedor era mijo, carne podre e dejetos, aquele era o Fedor de carne de cadáver e de chagas em pus e de ferimentos gangrenados, tão forte que esmagava o ar salgado e o cheiro a peixe do porto.

— Quero vomitar — disse a Gerris Drinkwater. Estavam à espera do aparecimento do capitão do navio, sufocando de calor enquanto o fedor que exalava da coberta por baixo deles.

— Se o capitão cheirar nem que seja um bocadinho como este navio, pode confundir o seu vômito com perfume — respondeu Gerris. Quentyn aprestava-se a sugerir que tentassem outro navio quando o capitão finalmente apareceu, com dois tripulantes mal encarados a seu lado. Gerris cumprimentou-o com um sorriso. Embora não falasse tão bem a língua volantena como Quentyn, o estratagema exigia que falasse por ambos. Em Vila Tabueira, Quentyn desempenhara o papel de vendedor de vinho, mas irritara-se com a mascarada, e quando os dorneses tinham mudado de navio em Lys, tinham também mudado de papéis. A bordo do *Cotovia-dos-Prados*, Cletus Yronwood passara a ser o mercador, Quentyn o criado; em Volantis, com Cletus morto, Gerris assumira o papel do chefe.

Alto e de pele clara, com olhos azuis esverdeados, um cabelo cor deareia com madeixas causadas pelo sol e um corpo esguio e bem feito, Gerris Drinkwater tinha em si altivez, uma confiança que roçava a arrogância. Nunca parecia pouco à vontade, e mesmo quando não falava a língua tinha maneiras de se fazer entender. Quentyn fazia fraca figura em comparação; com pernas curtas e atarracado, de constituição larga, com cabelo do castanho da terra recém remexida. A sua testa era alta demais, o queixo demasiadamente quadrado, o nariz largo demais. *Uma cara boa e honesta*, chamara-lhe um dia uma moça, *mas devia sorrir mais*.

Os sorrisos nunca tinham sido fáceis para Quentyn Martell, tal como acontecia com o senhor seu pai.

— Quão rápido é o seu *Aventura*? — perguntou Gerris, numa aproximação hesitante ao alto valiriano.

O capitão do *Aventura* reconheceu o sotaque e respondeu no idioma comum de Westeros.

— Não há navio mais rápido, honrado senhor. O *Aventura* consegue apanhar o próprio vento. Diga-me para onde quer navegar, e o levare rapidamente até lá.

— Procuro passagem para Meereen, para mim e para dois criados. Isso fez o capitão hesitar.

— Meereen não me é estranha. Era capaz de voltar a encontrar a cidade, sim… mas por quê? Não há escravos a venda em Meereen, não se encontra lá lucro. A rainha prateada pôs fim a isso. Até fechou as arenas de combate, de modo que um pobre marinheiro nem sequer se pode divertir enquanto espera que os porões se encham. Diga-me, meu amigo de Westeros, o que há em Meereen para querer ir até lá?

A mais bela mulher do mundo, pensou Quentyn. *A minha futura esposa, se os deuses forem bons*. Às vezes, à noite, ficava acordado imaginando sua face e silhueta, e se perguntava por que motivo uma mulher assim haveria de querer casar com ele, entre todos os príncipes do mundo. *Eu sou Dorne*, disse a si próprio. *Ela vai querer Dorne*. Gerris respondeu com a história que tinham congeminado.

— O negócio da nossa família é o vinho. O meu pai tem grande extensão de vinhedos em Dorne, e quer que eu encontre novos mercados. É nossa esperança que a boa gente de Meereen acolha bem aquilo que eu vendo.

— Vinho? Vinho de *Dorne*? — o capitão não estava convencido. — As cidades dos escravos estão em guerra. Será possível que não saiba disso?

— Os combates são entre Yunkai e Astapor, segundo ouvimos dizer. Meereen não está envolvida.

— Ainda não. Mas depressa estará. Um emissário da Cidade Amarela está em Volantis neste preciso momento, contratando espadas. Os Longas-lanças já embarcaram para Yunkai, e os Aventados e a Companhia do Gato os seguirão assim que acabarem de preencher as fileiras. A Companhia Dourada também marcha para leste. Tudo isto é conhecido.

— Se você diz. Eu negocio em vinho, não em guerras. O vinho de Ghis tem fraca qualidade, todos concordam. Os meereeneses pagarão bom preço pelas minhas belas colheitas dornesas.

— Mortos não se importam com o tipo de vinho que bebem. — O capitão do *Aventura* afagou a barba. — Parece-me que não sou o primeiro capitão que abordaste. Nem o décimo.

— Pois não — admitiu Gerris.

— Então quantos foram? Cem?

Bem perto disso, pensou Quentyn. Os volantenos gostavam de se gabar de que as cem ilhas de Braavos podiam ser mergulhadas no seu porto profundo e afogadas. Quentyn nunca vira Braavos, mas conseguia acreditar nisso. Rica, madura e podre, Volatis cobria a foz do Roine como um morno beijo úmido cobria uma boca, estendendo-se por colinas e pântanos de ambos os lados do rio. Havia navios por todo o lado, descendo o rio ou dirigindo-se para o mar, enchendo os cais e os molhes, embarcando carga ou descarregando-a; navios de guerra e baleeiros e galés mercantes, carracas e esquifes, cocas, grandes cocas, dracares, navios-cisne, navios de Lys, Tyrosh e Pentos, especiarieiros grandes como palácios, navios de Tolose Yunkai e das Basilisco. Tantos que Quentyn, ao ver o porto pela primeira vez do convés do *Cotovia-dos-Prados*, dissera aos amigos que só ficariam ali durante três dias.

Mas tinham-se passado vinte e ali permaneciam, ainda sem navio. Os capitães do *Melantino*, da *Filha do Triarca* e do *Beijo da Sereia* tinham-nos recusado. Um imediato no *Ousado Viajante* rira-lhes na cara. O capitão do *Golfinho* enfurecera-se com eles por lhe fazerem perder tempo, e o dono do *Sétimo Filho* acusara-os de serem piratas. Tudo no primeiro dia.

Só o capitão do *Enho* dera- lhes motivos para a recusa.

— É verdade que vou zarpar para leste — dissera-lhes, à frente de vinho aguado. — Para sul em volta de Valíria e depois para o nascente. Embarcamos água e provisões em Nova Ghis e depois dobramos os remos para Qarth e os Portões de Jade. Todas as viagens têm perigos, e as longas mais do que a maioria. Porque haveria eu de procurar mais perigos virando para a Baía dos Escravos? É com o *Enho* que ganho a vida. Não irei arriscá-lo para levar três dorneses loucos para o meio de uma guerra.

Quentyn começara a pensar que poderiam ter feito melhor se tivessem comprado o seu próprio navio em Vila Tabueira. Mas isso teria atraído atenções indesejadas. A Aranha tinha informantes por todo lado, até nos salões de Lançassolar.

— Dorne sangrará se o seu propósito for descoberto — prevenira o pai enquanto observavam as crianças brincando nas piscinas e fontanários dos

Jardins de Água. — O que fazemos é traição, não se iluda. Confia só nos seus companheiros, e faz tudo o que puder para evitar atrair atenções.

E assim Gerris Drinkwater concedeu ao capitão do *Aventura* o seu sorriso mais desarmante.

— Para dizer a verdade, não contei todos os covardes que nos disseram não, mas na Casa dos Mercadores ouvi dizer que você é de um tipo de homem mais ousado, do tipo de homem que poderia arriscar qualquer coisa por ouro suficiente.

Um contrabandista, pensou Quentyn. Era isso que os outros mercadores tinham chamado ao capitão do *Aventura* na Casa dos Mercadores.

— Ele é um contrabandista e um escravagista, meio pirata e meio proxeneta, mas pode acontecer que seja a sua melhor esperança — dissera-lhes o estalajadeiro.

O capitão esfregou o indicador no polegar.

— E quanto ouro acharia suficiente para uma viagem como essa?

— O triplo do seu preço normal para a Baía dos Escravos.

— Por cada um de vocês? — o capitão mostrou os dentes em algo cuja intenção podia ser um sorriso, embora desse à sua cara estreita um ar ferino. — Talvez. É verdade, eu sou um homem mais ousado do que a maioria. Quando querem partir?

— Amanhã não seria cedo demais.

— Feito. Regressem uma hora antes da primeira luz da aurora, com os seus amigos e os seus vinhos. É melhor nos por a caminho enquanto Volantis dorme, para que ninguém nos faça perguntas inconvenientes sobre o nosso destino.

— Como quiser. Uma hora antes da primeira luz. O sorriso do capitão alargou-se.

— Estou contente por poder te ajudar. Vamos ter uma viagem feliz, sim?

— Tenho a certeza que sim — disse Gerris. O capitão pediu então cerveja, e os dois beberam um brinde ao empreendimento de ambos.

— Uma doçura de homem — disse Gerris mais tarde, enquanto ele e Quentyn se dirigiam ao início do molhe onde o *hathay* que tinham alugado os aguardava. O ar pairava quente e pesado, e o sol era tão brilhante que ambos estavam a cerrar os olhos.

— Isto é uma doçura de cidade — concordou Quentyn. *Suficientemente doce para nos apodrecer os dentes*. Beterrabas doces eram profusamente cultivadas por ali, e eram servidas em quase todas as refeições. Os volantenos faziam também com elas uma sopa fria, tão espessa e rica como mel purpúreo. Os vinhos deles também eram doces. — Mas temo que a nossa viagem acabe por ser curta. Aquela doçura de homem não tenciona levar-nos até Meereen. Foi muito rápido a aceitar a nossa proposta. Vai receber o triplo do preço habitual, sem dúvida, e depois de nos ter a bordo e fora de vista de terra, vai cortar-nos as goelas e roubar também o resto do nosso ouro.

— Ou acorrentar-nos a um remo, ao lado daqueles desgraçados que estavamos cheirando. Acho que precisamos encontrar uma espécie melhor de contrabandista.

O condutor aguardava-os ao lado do *hathay*. Em Westeros, o veículo podia ter recebido o nome de carro de boi, embora fosse muito mais ornamentado do que qualquer carro que Quentyn tivesse visto em Dorne e lhe faltasse um boi. O *hathay* era puxado por um elefante anão, com uma pele da cor de neve suja. As ruas da Velha Volantis estavam cheias de tais animais.

Quentyn teria preferido caminhar, mas estava a milhas da estalagem. Além disso, o estalajadeiro na Casa dos Mercadores tinha-o avisado de que viajar a pé os macularia aos olhos tanto de capitães estrangeiros como de volantenos nativos. Pessoas de categoria viajavam de palanquim ou na parte de trás de um *hathay*… e calhava ao estalajeiro ter um primo que era dono de vários desses aparelhos e ficaria feliz por servi-los nesse campo.

O condutor era um dos escravos do primo, um homem pequeno com uma roda tatuada numa bochecha, nu à exceção de uma tanga e de um par de sandálias. A pele era da cor da teca, os olhos lascas de sílex. Depois de os ajudar a subir para o banco almofadado entre as duas enormes rodas de madeira do carro, trepou para o dorso do elefante.

— A Casa dos Mercadores — disse-lhe Quentyn — mas vai ao longo dos cais. — Para lá da zona ribeirinha e das suas brisas, as ruas e vielas de Volantis eram suficientemente quentes para afogar um homem no próprio suor, pelo menos daquele lado do rio.

O condutor gritou qualquer coisa ao elefante na língua local. O animal começou a deslocar-se, balançando a tromba de um lado para o outro. O carro avançou pesadamente atrás dele, enquanto o condutor gritava tanto a marinheiros como a escravos para abrirem caminho. Era bastante simples distinguir estes

daqueles. Os escravos estavam todos tatuados; uma máscara de penas azuis, um relâmpago que ia do queixo à testa, uma moeda na bochecha, malhas de leopardo, um crânio, uma caneca. O Meistre Kedry dizia que havia cinco escravos por cada homem livre em Volantis, embora não tivesse sobrevivido durante tempo suficiente para verificar essa estimativa. Perecera na manhã em que os corsários abordaram o *Cotovia-dos-Prados*.

Quentyn perdera mais dois amigos no mesmo dia; Willam Wells com as suas sardas e os seus dentes tortos, destemido com uma lança, e Cletus Yronwood, bem-parecido apesar do olho vesgo, sempre turbulento, sempre rindo. Cletus fora o amigo mais querido de Quentyn ao longo de metade da vida, um irmão em tudo menos no sangue.

— Dá à tua noiva um beijo por mim — murmurara-lhe Cletus logo antes de morrer.

Os corsários tinham subido a bordo na escuridão que precedia a aurora, quando o *Cotovia-dos-Prados* estava ancorado ao largo das Terras Disputadas. A tripulação repelira-os, com o preço de doze vidas. Depois, os marinheiros tinham despido os corsários mortos de botas, cintos e armas, dividido as suas bolsas, e arrancado pedras preciosas das suas orelhas e anéis dos seus dedos. Um dos cadáveres fora tão gordo que o cozinheiro do navio tivera de lhe cortar os dedos com um cutelo para recuperar os anéis. Tinham sido necessárias três Cotovias para rolar o corpo para o mar. Os outros piratas foram abandonados depois dele, sem uma palavra de preceou cerimónia.

Os seus mortos receberam tratamento mais afetuoso. Os marinheiros coseram os corpos em tela e acrescentaram-lhes pedras de lastro para se afundarem mais depressa. O capitão do *Cotovia-dos-Prados* liderara a tripulação numa oração pelas almas dos camaradas mortos. Depois se virara para os passageiros dorneses, os três que restavam dos seis que tinham embarcado em Vila Tabueira. Até o grandalhão subira ao convés, pálido, enjoado e instável sobre as pernas, lutando por emergir das profundezas do porão do navio para fazer a sua última homenagem.

— Um de vocês deveria dizer algumas palavras pelos seus mortos, antes de os entregarmos ao mar — dissera o capitão. Gerris fizera-lhe a vontade, mentindo palavra sim, palavra não, visto que não se atrevia a dizer a verdade sobre quem eles tinham sido ou por que motivo tinham vindo.

As coisas não deviam ter terminado assim para eles.

— Esta será uma história para contar aos nossos netos — declarara Cletus no dia em que partiram do castelo do pai. Will respondera àquilo com uma careta e dissera:

— Uma história para contar a mulheres de taberna, você quer dizer, na esperança de que elas levantem as saias. Cletus dera-lhe um tapa nas costas.

— Para netos precisa de filhos. Para filhos, precisas de levantar umas saias.

Mais tarde, em Vila Tabueira, os dorneses tinham brindado à futura noiva de Quentyn, tinham feito gracejos obscenos sobre a noite de núpcias que teria, e tinham conversado sobre as coisas que veriam, os feitos que fariam, a glória que conquistariam. *Tudo o que conquistaram foi um saco de tela cheio de pedras de lastro.*

Por mais que sofresse pela perda de Will e Cletus, era a perda do meistre que Quentyn sentia com mais agudeza. Kedry fora fluente nas línguas de todas as Cidades Livres e até no ghiscari mestiço que os homens falavam ao longo das costas da Baía dos Escravos.

— O Meistre Kedry vai te acompanhar — dissera o pai na noite em que partiram. — Dê ouvidos aos seus conselhos. Ele dedicou metade da vida ao estudo das Nove Cidades Livres. — Quentyn perguntou-se as coisas não teriam corrido mais facilmente se ele estivesse ali para guiá-los.

— Eu vendia a minha mãe por um pouco de brisa — disse Gerris, enquanto rolavam através das multidões das docas. — O ar já está úmido como a boceta da Donzela, e ainda nem meio-dia é. Odeio esta cidade.

Quentyn partilhava aquele sentimento. O obstinado calor úmido de Volantis esgotava-lhe as forças e deixava-o a sentir-se sujo. A pior parte era saber que o cair da noite não traria qualquer alívio. Nos prados de altitude ao norte das propriedades do Lorde Yronwood, o ar era sempre vivificante e fresco depois de escurecer, por mais quente que o dia tivesse sido. Ali não. Em Volantis, as noites eram quase tão quentes como os dias.

— A *Deusa* zarpa para Nova Ghis amanhã — fez-lhe lembrar Gerris.

— Isso pelo menos iria levar-nos para mais perto.

— Nova Ghis é uma ilha, e um porto muito menor do que este. Estaríamos mais perto, sim, mas podíamos dar por nós lá presos. E Nova Ghis aliou-se aos yunkaitas. — Essa notícia não surpreendera Quentyn. Tanto Nova Ghis como Yunkai eram cidades ghiscaritas. — Se Volantis também se aliar a eles…

— Precisamos encontrar um navio vindo de Westeros — sugeriu Gerris — um mercador qualquer vindo de Lannisporto ou de Vilavelha.

— Poucos vêm até tão longe, e os que vêm enchem os porões com seda e especiarias vindas do Mar de Jade, após o que viram os remos para casa.

— Talvez um navio bravosiano? Ouve-se falar de velas purpúreas em lugares tão distantes como Asshai e as ilhas do Mar de Jade.

— Os bravosianos são descendentes de escravos fugidos. Não fazem negócio na Baía dos Escravos.

— Temos ouro suficiente para *comprar* um navio?

— E quem iria manobrá-lo? Você? Eu? — os dorneses nunca tinham sido navegadores, pelo menos desde que Nymeria queimara os seus dez mil navios. — Os mares em volta de Valíria são perigosos e estão repletos de corsários.

— Já tive corsários que chegue. Proponho comprarmos um navio.

Isto continua a não passar de um jogo para ele, percebeu-se Quentyn, *sem nada de diferente em relação à altura em que levou seis de nós para as montanhas para encontrar o velho covil do Rei Abutre*. Não estava na natureza de Gerris Drinkwater imaginar que podiam falhar, muito menos que poderiam morrer. Nem as mortes de três amigos lhe tinham servido de emenda, ao que parecia. *Ele deixa isso comigo. Sabe que a minha natureza é tão cautelosa como a sua é ousada.*

— O grandalhão talvez tenha razão — disse Sor Gerris. — Caguemos no mar, podemos acabar a viagem por terra.

— Tu sabes por que é que ele diz isso — disse Quentyn. — Preferia morrer a pôr os pés noutro navio. — O grandalhão passara enjoado todos os dias da viagem. Em Lys precisara de quatro dias para recuperar as forças. Tinham tido de se hospedar numa estalagem para que o Meistre Kedry pudesse enfiá-lo numa cama com colchão de penas e alimentá-lo de caldos e poções até que alguma tonalidade rosada regressasse ao seu rosto.

Era possível ir por terra até Meereen, isso era verdade. As velhas estradas valirianas os levariam até lá. *Estradas de dragões*, eram como os homens chamavam às grandes estradas de pedra da Cidade Franca, mas a que seguia para leste de Volantis até Meereen ganhara um nome mais sinistro: *a estrada dos demônios*.

— A estrada dos demônios é perigosa e muito *lenta* — disse Quentyn. — Tywin Lannister vai enviar os seus homens atrás da rainha, assim que as

notícias sobre ela chegarem a Porto Real. — O seu pai tivera a certeza disso. — Os dele virão com facas. Se chegarem a ela primeiro…

— Esperemos que os dragões dela os farejem e os comam — disse Gerris. — Bem, se não conseguimos encontrar um navio e você não quer nos deixar seguir a cavalo, é melhor que compremos passagens de regresso a Dorne.

Rastejar de volta para Lançassolar derrotado, com o rabo entre as pernas? A desilusão do pai seria mais do que Quentyn conseguiria suportar, e o escárnio das Serpentes de Areia seria mordaz. Doran Martell pusera o destino de Dorne em suas mãos, não podia falhar-lhe enquanto lhe restasse vida.

Torvelinhos de calor erguiam-se da rua enquanto o *hathay* ia chacoalhando e sacudindo-se sobre as suas rodas de aros de ferro, emprestando às redondezas um ar onírico. Por entre os armazéns e os cais, lojas e bancadas de todos os tipos atafulhavam a borda-d'água. Aqui podiam comprar-se ostras frescas, ali correntes e grilhões de ferro, acolá peças de *cryvasse* esculpidas em marfim e jade. Aqui se encontravam também templos, onde os marinheiros iam fazer sacrifícios a deuses estrangeiros, encostados a casas de almofadas onde mulheres chamavam das varandas os homens que passavam embaixo.

— Olha para aquela — instou Gerris, quando passaram por uma casa de almofadas. — Acho que está apaixonada por você. *E quanto custa o amor de uma rameira?* Em boa verdade, as mulheres deixavam Quentyn ansioso, especialmente as bonitas.

Quando chegara a Paloferro, ficou encantado com Ynys, a mais velha das filhas do Lorde Yronwood. Embora nunca chegasse a dizer uma palavra sobre os seus sentimentos, acarinhara os sonhos durante anos… até o dia em que ela fora enviada para desposar Sor Ryon Allyrion, o herdeiro de Graçadivina. Da última vez que a vira, tinha um rapaz ao peito e outro agarrado as saias.

Depois de Ynys, tinham sido as gêmeas Drinkwater, um par de morenas e jovens donzelas que adoravam fazer falcoaria, caçar, escalar rochedos e fazer Quentyn corar. Uma delas dera-lhe o primeiro beijo, embora nunca tivesse sabido qual fora. Como filhas de um cavaleiro com terras, as gêmeas eram muito mal nascidas para se casar com elas, mas Cletus não achava que isso fosse motivo para que não as beijasse.

— Depois de se casar, pode ficar com uma como amante. Ou com as duas, porque não? — mas Quentyn pensara em vários motivos por que não, e fizera os possíveis para evitar as gêmeas daí em diante, e não houvera um segundo beijo.

Mais recentemente, a mais nova das filhas do Lorde Yronwood pusera-se a segui-lo pelo castelo. Gwyneth não tinha mais de doze anos, e era uma moça pequena e magricela cujos olhos escuros e cabelo castanho a distinguiam naquela casa de loiros de olhos azuis. Mas era esperta, tão rápida com as palavras como com as mãos, e gostava de dizer a Quentyn que ele tinha de esperar que ela florescesse para poder casar com ele.

Isso fora antes do Príncipe Doran o chamar aos Jardins de Água. E agora a mais bela mulher do mundo estava à espera em Meereen, e ele pretendia cumprir o seu dever e reclamá-la como noiva. *Ela não me recusará. Irá honrar o acordo*. Daenerys Targaryen precisaria de Dorne para conquistar os Sete Reinos, e isso queria dizer que precisaria dele. *Mas não quer dizer que me ame. Pode nem sequer gostar de mim.*

A rua curvava onde o rio se encontrava com o mar e aí, ao longo da curva, uma quantidade de vendedores de animais aglomerava-se, todos juntos, oferecendo lagartos, gigantescas serpentes aneladas e ágeis macaquinhos com caudas listradas e inteligentes mãos cor-de-rosa.

— A sua rainha talvez goste de um macaco — disse Gerris.

Quentyn não fazia a mínima ideia do que Daenerys Targaryen poderia apreciar. Prometera ao pai que a traria de volta a Dorne, mas cada vez mais se interrogava sobre se estaria à altura da tarefa.

Nunca pedi isto, pensou.

Para lá da larga extensão azul do Roine, via a Muralha Negra que foi erguida pelos valirianos quando Volantis não passava de um posto avançado do seu império; uma grande oval de rocha fundida com sessenta metros de altura e tão espessa que seis quadrigas podiam fazer uma corrida lado a lado ao longo do seu topo, como fazia todos os anos para festejar a fundação da cidade. Estrangeiros e libertos não eram permitidos dentro da Muralha Negra, exceto a convite daqueles que viviam lá dentro, descendentes de Sangue Antigo cuja ancestralidade remontava à própria Valíria.

O tráfego era ali mais denso. Estavam perto da extremidade oriental da Ponte Longa, que ligava as duas metades da cidade. Carros, carroças e *hathays* atulhavam as ruas, todos a dirigirem-se para a ponte ou vindos de lá. Havia escravos por toda a parte, numerosos como baratas, correndo de um lado para o outro a tratar dos assuntos dos seus amos.

Não muito longe da Praça dos Peixeiros e da Casa dos Mercadores, irromperam gritos de uma rua perpendicular àquela que seguiam e uma dúzia de

lanceiros Imaculados em armaduras ornamentadas e mantos de pele de tigre surgiram como que vindos de nenhum lugar, fazendo sinal a toda a gente para que se afastasse, a fim de que o triarca pudesse passar empoleirado no seu elefante e escolta. O elefante do triarca era um monstro de pele cinzenta vestido com uma complicada armadura esmaltada que matraqueava suavemente quando ele se mexia, e o castelo que levava ao dorso era tão alto que raspava no topo do arco de pedra ornamental sob o qual estava a passar.

— Acha-se que os triarcas têm uma categoria tão elevada que não se permite que os seus pés toquem o chão durante o ano em que prestam serviço — disse Quentyn ao companheiro. — Vão para todo o lado montados em elefantes.

— Bloqueam as ruas e deixam pilhas de bosta com que gente como nós tem de lidar — disse Gerris. — Nunca saberei por que Volantis precisa de três príncipes quando Dorne se governa com um.

— Os triarcas não são nem reis nem príncipes. Volantis é uma cidade franca, como a Valyria de antigamente. Todos os proprietários de terras nascidos livres partilham o governo. Até as mulheres podem votar, desde que possuam terras. Os três triarcas são escolhidos de entre as famílias nobres que conseguirem provar ascendência nunca interrompida até à velha Valíria, para servirem até ao primeiro dia do novo ano. E saberia tudo isto se tivesse se incomodado de ler o livro que o Meistre Kedry te deu.

— Não tinha imagens.

— Havia mapas.

— Os mapas não contam. Se ele me tivesse dito que era sobre tigres e elefantes, podia ter tentado. Parecia-se de forma suspeita com uma história.

Quando o *hathay* chegou à Praça dos Peixeiros, o elefante que o puxava ergueu a tromba e soltou um som de buzina como se fosse algum enorme ganso branco, relutante em mergulhar no emaranhado de carroças, palanquins e tráfego a pé que tinha em frente. O condutor espetou-lhe os calcanhares e manteve-o em movimento.

Os vendedores de peixe estavam em força na rua, gritando as capturas da manhã. Quentyn compreendia uma palavra em duas, no máximo, mas não precisava de conhecer as palavras para conhecer os peixes. Viu bacalhaus, agulhões e sardinhas, barricas de mexilhões e amêijoas. Enguias estavam penduradas à frente de uma bancada. Outra mostrava uma gigantesca tartaruga, presa pelas patas com correntes de ferro, pesada como um cavalo. Caranguejos esgravatavam dentro de barris de salmoura e algas. Vários dos vendedores

estavam fritando porções de peixe com cebolas e beterrabas, ou vendendo guisado de peixe picante que tiravam de pequenas panelas de ferro.

No centro da praça, sob a estátua estalada e sem cabeça de um triarca morto, uma multidão tinha começado a reunir-se em volta de uns anões que montavam um espetáculo. Os homenzinhos envergavam armaduras de madeira, cavaleiros em miniatura que se preparavam para uma justa. Quentyn viu um deles montar um cão, enquanto o outro saltava para cima de um porco… só para escorregar imediatamente para o chão, entre gargalhadas dispersas.

— Parecem divertidos — disse Gerris. — Paramos para vê-los lutar? Uma gargalhada podia fazer-te bem, *Quent*. Parece um velho que já não usa as tripas há meio ano.

Tenho dezoito anos, sou seis anos mais novo do que você, pensou Quentyn. *Não sou nenhum velho*. Mas em vez disso, disse:

— Não tenho necessidade nenhuma de anões cômicos. A menos que tenham um navio.

— Um pequeno, imagino.

Com quatro andares de altura, a Casa dos Mercadores dominava as docas, molhes e armazéns que a rodeavam. Ali, mercadores vindos de Vilavelha e Porto Real misturavam-se com os seus homólogos de Bravos, Pentos e Myr, com Ibbeneses peludos, com viajantes de pele clara de Qarth, com ilhéus do Verão negros como carvão vestidos com mantos de penas, até com umbromantes mascarados de Asshai da Sombra.

Quentyn sentiu as pedras do pavimento quentes sob os pés quando desceu do *hathay*, mesmo através do couro das botas. À porta da Casados Mercadores tinha sido montada uma mesa à sombra, decorada com flâmulas às riscas azuis e brancas que esvoaçavam a cada sopro de ar. Quatro mercenários de olhos duros preguiçavam em volta da mesa, chamando todos os homens e rapazes que por ali passavam. *Aventados*, compreendeu Quentyn. Os sargentos andavam a procura de carne fresca para preencher as fileiras antes de embarcarem para a Baía dos Escravos. *E cada homem que alistarem é mais uma espada para Yunkai, outra lâmina destinada a beber o sangue da minha futura noiva*.

Um dos Aventados gritou-lhes.

— Não falo a sua língua — respondeu Quentyn. Embora soubesse ler e escrever alto valiriano, tinha pouca prática do falar. E a maçã volantena rolara até uma distância razoável da árvore valiriana.

— De Westeros? — respondeu o homem no idioma comum.

— Dorneses. O meu amo é vendedor de vinhos.

— Amo? Que se foda. É escravo? Venha conosco e seja o seu próprio amo. Quer morrer na cama? Nós lhe ensinamos a combater com espada e lança. Irá para a batalha com o Príncipe Esfarrapado e voltarás para casa mais rico do que um lorde. Rapazes, meninas, ouro, tudo o que quiserem, se for suficientemente homem para agarrá-lo. Nós somos os Aventados, e fodemos a deusa massacre pelo cu acima.

Dois dos mercenários começaram a cantar, berrando a letra de uma canção de marcha qualquer. Quentyn compreendeu o suficiente para apanhar a essência da coisa. *Nós somos os Aventados*, cantavam eles. *Sopre-nos para leste para a Baía dos Escravos, e mataremos o rei carniceiro e foderemos a rainha dos dragões.*

— Se Cletus e Will ainda estivessem conosco, podíamos voltar com o grandalhão e matá-los todos — disse Gerris.

Cletus e Will estão mortos.

— Não ligue para eles — disse Quentyn. Os mercenários atiraram provocações às suas costas enquanto eles cruzavam as portas da Casa dos Mercadores, chamando-os de covardes sem sangue e meninas assustadas.

O grandalhão esperava-os nos aposentos que tinham alugado no segundo andar. Embora a estalagem tivesse sido recomendada pelo capitão do *Cotovia-dos-Prados*, isso não queria dizer que Quentyn estivesse disposto a deixar os bens e o ouro sem proteção. Todos os portos tinham ladrões, ratazanas e rameiras, e Volantis tinha mais do que a maioria.

— Estava quase a ir à sua procura — disse Sor Archibald Yronwood, enquanto fazia deslizar a tranca para deixá-los entrar. Fora o primo Cletus quem começara a lhe chamar "*grandalhão*", mas o nome era bastante merecido. Arch tinha dois metros de altura, era largo de ombros, possuía uma barriga enorme, as pernas eram como troncos de árvores, as mãos tinham o tamanho de presuntos e não tinha pescoço de que valesse a pena falar. Alguma enfermidade de infância fizera-lhe cair todo o cabelo. A sua cabeça calva fazia lembrar a Quentyn um pedregulho liso e cor-de-rosa. — Então — perguntou o grandalhão — que disse o contrabandista? Temos barco?

— Navio — corrigiu Quentyn. — Sim, ele nos leva, mas só até ao inferno mais próximo. Gerris sentou-se numa cama decaída ao meio e descalçou as botas.

Dorne parece mais atraente a cada momento que passa. O grandalhão disse:

— Continuo dizendo que faríamos melhor se cavalgássemos pela estrada dos demônios. Pode ser que não seja tão perigosa como os homens dizem. E se for, isso só significa mais glória para os que se atrevem a enfrentá-la. Quem se atreveria a incomodar-nos? O Drink com a sua espada, eu com o meu martelo, somos mais do que qualquer demônio consegue digerir.

— E se Daenerys morrer antes de chegarmos junto dela? — questionou Quentyn. — Temos de arranjar navio. Mesmo se for o *Aventura*. Gerris riu.

— Deve estar mais desesperado pela Daenerys do que eu pensava, se está disposto a aguentar aquele pivete durante meses sem parar. Passados três dias, eu punha-me a pedir-lhes que me assassinassem. Não meu príncipe, te suplico, o *Aventura* não.

— Tem maneira melhor? — perguntou-lhe Quentyn.

— Tenho. Acabou de me ocorrer. Tem os seus riscos, e não é aquilo que eu chamaria honroso, admito… mas te levará a sua rainha mais depressa do que a estrada dos demônios.

— Conte-me — disse Quentyn Martell.

JON

Jon Snow releu a carta até as palavras começarem a desfocar-se e a confundir-se umas com as outras. *Não posso assinar isto. Não assinarei isto.*

Quase queimou o pergaminho ali e naquele momento. Mas em vez disso, bebeu um trago de cerveja, o que restou da meia taça que sobrou do seu jantar solitário na noite anterior. *Tenho de assinar. Eles escolheram-me para ser seu senhor comandante. A Muralha é minha e a Patrulha também. A Patrulha da Noite não participa.*

Foi um alívio quando o Edd Doloroso Tollett abriu a porta para lhe dizer que Goiva estava lá fora. Jon pôs a carta do Meistre Aemon de lado.

— Eu a recebo. — Temia aquilo. — Vai à procura do Sam. Vou querer falar com ele a seguir.

Ele deve estar lá em baixo com os livros. O meu velho septão costumava dizer que os livros são os mortos falando. O que eu digo é que os mortos deviam ficar sossegados. Ninguém quer ouvir o falar de um morto. — O Edd Doloroso saiu resmungando sobre vermes e aranhas.

Quando Goiva entrou, caiu imediatamente de joelhos. Jon deu a volta à mesa e a pôs em pé.

— Não precisa de se ajoelhar à minha frente. Isso é só para reis. — Embora fosse esposa e mãe, Goiva ainda lhe parecia meio criança, uma coisinha esguia enrolada num dos mantos velhos de Sam. O manto ficava-lhe tão grande que podia ter escondido várias outras meninas sob as suas dobras. — Os bebês estão bem? — perguntou-lhe.

A menina selvagem sorriu timidamente de dentro do capuz.

— Sim, senhor. Tinha medo de não ter leite suficiente para os dois, mas quanto mais mamam mais leite tenho. Eles são fortes.

— Tenho uma coisa difícil para te dizer. — Quase disse *pedir*, mas segurou-se no último instante.

— É o Mance? Val suplicou ao rei para poupá-lo. Disse que deixava que um ajoelhador qualquer se casasse com ela e nunca lhe cortaria a goela se Mance pudesse viver. Aquele Senhor dos Ossos, ele vai ser poupado. O Craster sempre jurou que o matava se mostrasse a cara na fortaleza. Mance nunca fez metade das coisas que ele fez.

Tudo o que Mance fez foi liderar um exército contra o reino que tinha jurado proteger.

— Mance proferiu as nossas palavras, Goiva. Depois virou o manto, casou com Dalla e coroou-se Rei-para-lá-da-Muralha. A vida dele está agora nas mãos do rei. Não é sobre ele que temos de falar. É sobre o filho dele. O filho de Dalla.

O bebê? — a voz dela tremeu. — Ele nunca quebrou nenhum juramento, senhor. Dorme, e chora e mama, só isso, nunca fez mal nenhum a ninguém. Não os deixei queimá-lo. Salve-o, por favor.

— Só tu pode fazer isso, Goiva — Jon disse-lhe como.

Outra mulher teria gritado, teria o amaldiçoado, o teria condenado aos sete infernos. Outra mulher podia ter-se atirado a ele numa raiva, podia tê-lo esbofeteado, pontapeado, esgatanhado os olhos com as unhas. Outra mulher podia ter-lhe atirado o desafio aos dentes.

Goiva abanou a cabeça.

— Não. Por favor, não. O corvo pegou na palavra. — *Não* — gritou.

— Se recusar, o rapaz vai arder. Não amanhã, não no dia seguinte… mas em breve, quando Melisandre precisar despertar um dragão ou levantar um vento ou fazer outro feitiço que precise do sangue de um rei. Por essa altura, Mance será cinza e ossos, portanto, exigirá o filho dele para o fogo, e Stannis não o negará. Se não levar o rapaz para longe, *ela vai queimá-lo*.

— Eu vou — disse Goiva. — Eu levo-o, levo os dois, o miúdo de Dalla *e* o meu. — Lágrimas correram-lhe pela cara abaixo. Se não fosse pelo modo como a vela cintilava, Jon podia não se ter percebido de que ela estava chorando. *As mulheres de Craster devem ter ensinado as filhas a derramar as lágrimas para uma almofada. Talvez saíssem de casa para chorar, bem para longe dos punhos de Craster.*

Jon fechou os dedos da mão da espada.

— Se levar os dois rapazes, os homens da rainha vão atrás de ti e lhe arrastam de volta. O rapaz arderá da mesma maneira… e você com ele. — *Se a confortar, ela pode julgar que lágrimas me conseguem demover. Tem de compreender que eu não irei ceder*. — Vai levar um rapaz, e esse rapaz será o de Dalla.

— Uma mãe não pode abandonar o filho, senão fica amaldiçoada para todo o sempre. Um *filho* não. Nós o *salvamos*, eu e o Sam. Por favor. Por favor, senhor. Salvamo-o do frio.

— Os homens dizem que morrer gelado é quase pacífico. Mas o fogo… vê a vela, Goiva? Ela olhou para a chama.

— Sim.

— Toca-a. Põe a mão por cima da chama.

Os seus grandes olhos castanhos tornaram-se ainda maiores. Não se mexeu.

— Faz o que te digo. — *Mata o rapaz*. — Já.

Tremendo, a moça estendeu a mão e a deteve bem acima da chama tremeluzente da vela.

— Para baixo. Deixa que ela te beije.

Goiva baixou a mão. Um centímetro. Outro. Quando a chama lambeu-lhe a pele, puxou a mão de repente e desatou a soluçar.

— O fogo é uma maneira cruel de morrer. Dalla morreu para dar vida a esta criança, mas você a alimentou, a acaricio. Você salvou o seu rapaz do gelo. Agora salva o dela do fogo.

— Mas assim eles vão queimar o meu bebê. A mulher vermelha. Se ela não puder ter o da Dalla, vai queimar o meu.

— O seu filho não tem nenhum sangue de rei. Melisandre não ganha nada em entregá-lo ao fogo. Stannis quer que o povo livre lute por ele, não irá queimar um inocente sem um bom motivo. O seu rapaz ficará em segurança. Eu arranjo-lhe uma ama-de-leite, e ele será criado aqui em Castelo Negro sob a minha proteção. Aprenderá a caçar e a montar a cavalo, a combater com espada, machado e arco. Até me assegurarei de que seja ensinado a ler e a escrever. — Sam gostaria daquilo. — E quando tiver idade suficiente, aprenderá a verdade sobre quem é. Será livre de ir à sua procura, se for isso que quiser.

— Irá fazer dele um corvo. — Ela limpou as lágrimas com as costas de uma mão pálida e pequena. — Não deixo. Não deixo. *Mata o rapaz*, pensou Jon.

— Vai deixar. Senão, te prometo que no dia em que queimarem o rapaz de Dalla o seu morre também.

— *Morre* — guinchou o corvo do Velho Urso. — *Morre, morre, morre*. A menina ficou encolhida e enrolada sobre si, fitando a chama da vela, com lágrimas cintilando nos olhos.

Por fim, Jon disse:

— Tem a minha licença para saír. Não fale disto, mas trata de estar pronta para partir uma hora antes da primeira luz da aurora. Os meus homens irão te buscar.

Goiva pôs-se em pé. Partiu pálida e sem palavras, sem lhe deitar um olhar. Jon ouviu os seus passos a atravessar apressadamente o armeiro. Ia quase correndo.

Quando foi fechar a porta, Jon viu que Fantasma estava estendido ao lado da bigorna, roendo o osso de um boi. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando se aproximou.

— Já era mais que tempo de estar de volta. — Regressou à sua cadeira, para voltar a reler a carta do Meistre Aemon.

Samwell Tarly apareceu alguns momentos mais tarde agarrado a uma pilha de livros. Assim que ele entrou, o corvo de Mormont voou para ele exigindo milho. Sam fez o que pôde para lhe cumprir a vontade, oferecendo alguns grãos tirados do saco que estava ao lado da porta. O corvo fez o que pôde para trespassar- lhe a palma da mão com uma bicada. Sam soltou um uivo, a ave voou para longe, o milho espalhou-se pelo chão.

Esse patife lhe rompeu a pele? — perguntou Jon. Sam descalçou cuidadosamente a luva.

Rompeu. Estou *sangrando*.

— Todos derramamos o nosso sangue pela Patrulha. Use luvas mais grossas. — Jon empurrou uma cadeira para ele com um pé. — Sente-se e dê uma olhadela nisto. — Entregou o pergaminho a Sam.

— O que é?

— Um escudo de papel. Sam leu-o lentamente.

— Uma carta para o Rei Tommen?

— Em Winterfell, Tommen lutou com o meu irmão Bran com espadas de madeira — disse Jon, recordando. — Estava tão almofadado que parecia um ganso estufado. Bran atirou-o ao chão. — Foi até à janela e abriu as janelas. O ar lá fora estava frio e tonificante, embora o céu mostrasse um cinzento monótono. — Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de cara rosada está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre os seus caracóis dourados.

Aquilo obteve um olhar estranho de Sam, o qual por um momento pareceu querer dizer qualquer coisa. Mas, em vez disso, engoliu em seco evoltou a virar-se para o pergaminho.

— Não assinou a carta. Jon abanou a cabeça.

— O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará com que os Lannister

gostem mais de nós. Em especial, depois de ouvirem dizer que temos ajudado Stannis.

— Só a defender a Muralha, não na sua rebelião. É o que aqui *diz*.

— A diferença pode escapar ao Lorde Tywin. — Jon voltou a agarrar na carta. — Porque haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

— Bem, ele não vai querer que se dissesse que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen estava brincando com os seus brinquedos. Isso faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

— O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a destruição, não o escárnio. — Jon leu um trecho da carta. — *A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos. Os nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrível perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra os inimigos vindos do além-Muralha, embora nós não sejamos seus homens ...*

Sam torceu-se na cadeira.

— Bem, e *não* somos. Somos?

— Eu dei a Stannis alimentos, abrigo e Fortenoite, além de autorização para instalar algum povo livre na Dádiva. É tudo.

— O Lorde Tywin dirá que foi muito.

— Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais der a um rei, mais ele vai querer. Estamos percorrendo uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

— Sim, mas… se os Lannister prevalecerem e o Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isso poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou o Lorde Stannis na Água Negra.

— A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e perdeu na mesma a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o Norte… Sam hesitou, depois disse:

— Os Lannister têm os seus próprios nortenhos. O Lorde Bolton e o seu bastardo.

— Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco…

— Se — sublinhou Sam. — Se não… senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

— Suponho que sim. — *Tanto ele como Aemon*. Tivera alguma esperança de que Sam Tarly pudesse ver o assunto de forma diferente. *É só tinta e pergaminho*. Resignado, pegou na pena e assinou. — Traga-me a cera de selar. — *Antes que eu mude de ideia*. Sam apressou-se a obedecer. Jon fixou o selo do Senhor Comandante e entregou-lhe a carta. — Leva isto ao Meistre Aemon quando saír e diz-lhe para despachar uma ave para PortoReal.

— Farei. — Sam pareceu aliviado. — Senhor, posso perguntar… vi Goiva saindo. Quase chorando.

— Val enviou-a outra vez para suplicar por Mance — mentiu Jon, e conversaram durante algum tempo sobre Mance, Stannis e Melisandre de Ashai, até que o corvo comeu o último grão de milho e gritou:

— *Sangue!*

— Vou mandar Goiva embora — disse a Sam. — Ela e o rapaz. Teremos de arranjar outra ama-de-leite para o seu irmão de leite.

— Leite de cabra pode servir, até que a encontre. É melhor para um bebê do que o de vaca. — Era claro que falar sobre seios deixava Sam desconfortável, e de súbito desatou a falar de história e de rapazes comandantes que tinham vivido e morrido centenas de anos antes. Jon interrompeu-o:

— Diga-me algo de útil. Me fala do nosso inimigo.

— Os Outros. — Sam lambeu os lábios. — São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns dos livros mais antigos estão caindo aos poucos. As páginas se desfazem quando tento virá-las. E os livros *realmente* velhos… ou se desfizeram por completo ou estão enterrados em algum local onde ainda não procurei, ou… bem, pode acontecer que esses livros não existam e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em pedras, de modo que tudo o que julgamos saber acerca da Era dos Heróis e da Era da Alvorada vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que reinaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de *haver* cavaleiros. Conhece as histórias, Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela, o Rei da Noite… dizemos que você é o nongentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei

mostra seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante…

— Há muito tempo — interrompeu Jon. — E os Outros?

— Encontrei menções a vidro de dragão. Os filhos da floresta costumavam oferecer à Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. A maior parte das histórias concorda que os Outros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem-se quando os céus limpam-se. Escondem-se da luz do sol e emergem à noite… ou então à noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados nos cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou o Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, portanto, essa parte é claramente verdade. Al-guns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros têm de ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a erguer-se como seus servos.

— Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

— A armadura dos Outros é à prova da maior parte das lâminas comuns, se é possível crer nas histórias, e as espadas que eles usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo desencoraja-os, e são vulneráveis à obsidiana. Encontrei um relato da Longa Noite que falava do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resistir-lhe.

— Aço de dragão? — o termo era novo para Jon. — Aço *valiriano*?

— Foi também essa a minha primeira ideia.

— Então se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a darem-nos as suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isso não há de ser difícil. — *Não será mais difícil do que pedir-lhes para entregarem o dinheiro e os castelos*. Soltou uma gargalhada amarga. — Descobriu quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

— Ainda não, senhor, mas pode ser que tenha simplesmente andado lendo os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dê-me mais tempo, e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

— Não há mais tempo. Você tem de juntar as suas coisas, Sam. Vai com Goiva.

— Vou? — Sam olhou-o de boca aberta, como se não compreendesse o significado da palavra. — Eu vou? Para Atalaialeste, senhor? Ou… para onde…

— Vilavelha.

— *Vilavelha?* — repetiu Sam, num guincho agudo.

— Aemon também.

— Aemon? O *Meistre* Aemon? Mas… ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode… está mandando ele *e* a mim? Quem tratará dos corvos? Se adoecerem ou se ferirem, quem…

— Clydas. Ele está com Aemon há anos.

— Clydas é só um intendente, e está perdendo a visão. Precisa de um *meistre*. O Meistre Aemon está tão fraco que uma viagem marítima… isso pode… ele é velho, e…

— A sua vida estará em risco. Estou consciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços…

— Oh. — A cor pareceu escoar-se das bochechas gordas de Sam.

— Daeron juntará a você em Atalaialeste. A minha esperança é que as suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O *Melro* os desembarcará em Braavos. A partir daí, arranjará você a passagem para Vilavelha. Se ainda quiser assumir o bebê de Goiva como seu bastardo, manda-a e à criança para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

— Meu b-b-bastardo. Sim, eu… a minha mãe e irmãs ajudarão Goiva a criar a criança. Daeron podia levá-la para Vilavelha tão bem como eu. Eu sou… tenho andado treinando o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenou… bem, menos quando estou nas caves, mas disse-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco me faz doer os ombros e me faz crescer bolhas nos dedos. — Mostrou a mão a Jon. — Mas continuo treinando. Agora já são mais as vezes que acerto no alvo do que as que não acerto, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer. Alguém tem de escrevê-las e de colocá-las num livro.

— Faça você isso. Têm pergaminhos e tinta na Cidadela, e também têm arcos. Conto que continue com o seu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma seta, mas só uma mão cheia sabe ler ou escrever. Preciso que se torne no meu novo meistre.

— Senhor, eu… o meu trabalho é aqui, os livros…

—… ainda aqui estarão quando voltar para nós. Sam levou uma mão à garganta.

— Senhor, a Cidadela… lá nos obrigam a cortar cadáveres. Não posso usar uma corrente.

— Pode. Usará. O Meistre Aemon está velho e cego. As suas forças estão abandonando-o. Quem tomará o seu lugar quando morrer? O Meistre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e o Meistre Harmune de Atalaialeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

— Se pedir mais meistres à Cidadela…

— Tenciono pedir. Teremos falta de todos os que nos mandarem. Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen. — *Isto não está correndo como eu esperava*. Sabia que Goiva seria difícil, mas partiu do princípio de que Sam ficaria contente por trocar os perigos da Muralha pelo calor deVilavelha. — Estava convencido de que isto te agradaria — disse, confundido. — Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter a esperança de ler a todos. Dar-se-á bem por lá, Sam. Eu sei que sim.

— Não. Podia ler os livros, mas… um m-meistre tem de ser um curandeiro e o s-s-sangue me faz desmaiar. — A mão tremeu-lhe para demonstrar a verdade do que dizia. — Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

— Assustado? Com quê? As censuras de velhos? Sam, tu viu as criaturas atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Matou um Outro.

— Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

— Cale-se — exclamou Jon. Depois de Goiva, não tinha paciência para os medos do gordo. — Mentiu, maquinou e conspirou para fazer de mim senhor comandante. *Irá* me obedecer. Irá para a Cidadela e forjará uma corrente, e se tiver de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vilavelha os cadáveres não levantarão objeções.

— O senhor meu p-p-p-pai, o Lorde Randyll, ele, ele, ele, ele, ele… a vida de um meistre é uma vida de *servidão*. Nenhum filho da Casa Tarly alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes. Jon, não posso desobedecer ao meu *pai*.

Mata o rapaz, pensou Jon. *O rapaz em ti, e o rapaz nele. Mata-os ambos, maldito bastardo.*

— Tu não tem pai. Só irmãos. Só tem a nós. A sua vida pertence à Patrulha da Noite, por isso, vai enfiar a sua roupa num saco, com o que quer que

queira levar para Vilavelha. Partirá uma hora antes do nascer do Sol. E eis outra ordem. Deste dia em diante, *não se* chamará de covarde. Enfrentou mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens enfrenta no tempo de uma vida. Pode enfrentar a Cidadela, mas irá enfrentá-la como Irmão Juramentado da Patrulha da Noite. Não te posso ordenar que seja valente, mas *posso* ordenar-te que esconda os seus medos. Proferiu as palavras, Sam. Lembras-se?

— Eu… eu vou tentar.

— Não vai tentar. Vai obedecer.

— *Obedecer*. — O corvo de Mormont baseu as suas grandes asas pretas.Sam pareceu fraquejar.

— Às suas ordens, senhor. O… o Meistre Aemon sabe?

— Isto foi tanto ideia dele como minha. — Jon abriu-lhe a porta. — Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disto, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Sam fugiu dele, tal como Goiva fugira.

Jon estava cansado. *Preciso dormir*. Estive de pé metade da noite examinando mapas, escrevendo cartas e fazendo planos com o Meistre Aemon. Mesmo depois de tropeçar para dentro da sua estreita cama, o descanso não chegara facilmente. Sabia o que enfrentaria naquele dia, e dera por si a mexer-se irrequieto enquanto matutava nas últimas palavras do Meistre Aemon.

— Permita-me dar ao meu senhor um último conselho — disse o velho — o mesmo conselho que dei em tempos ao meu irmão quando nos separamos pela última vez. Ele tinha trinta e três anos quando o Grande Conselho o escolheu para subir ao Trono de Ferro. Um homem feito com filhos seus, mas em alguns aspetos ainda um rapaz. Egg tinha em si uma inocência, uma doçura que todos amavamos. *Mata o rapaz em ti*, disse-lhe eu no dia em que embarquei para a Muralha. *É preciso um homem para governar. Um Aegon, não um Egg. Mata o rapaz e deixa que o homem nasça*.

— O velho apalpara a cara de Jon. — Você tem metade da idade que o Egg tinha, e temo que o seu fardo seja mais cruel. Obterá poucas alegrias com o seu comando, mas acho que tem em ti a força necessária para fazer aquilo que tem de ser feito. Mate o rapaz, Jon Snow. O inverno já quase chegou. Mate o rapaz e deixe que o homem nasça.

Jon envergou o manto e saiu a passos largos. Fazia uma ronda por Castelo Negro todos os dias, visitando os homens de vigia e ouvindo em primeira mão os relatórios, observando Ulmer e os seus subordinados nos alvos para

arqueiros, conversando tanto com homens da rainha como com homens do rei, percorrendo o gelo no topo da Muralha para dar uma olhada à floresta. Fantasma seguia atrás dele, uma sombra branca a seu lado.

Kedge Olhobranco estava encarregado da Muralha quando Jon fez a sua ascensão. Kedge vira quarenta e tal dias do seu nome, trinta dos quais passados na Muralha. O seu olho esquerdo era cego, o direito era maldoso. Nas zonas selvagens, sozinho com machado e garrano, era tão bom patrulheiro como qualquer outro na Patrulha, mas nunca se dera bem com os outros homens.

— Um dia sossegado — disse a Jon. — Nada a relatar, exceto os patrulheiros do lado errado.

— Os patrulheiros do lado errado? — perguntou Jon. Kedge fez um sorriso.

— Um par de cavaleiros. Partiram a cavalo há uma hora, para sul ao longo da estrada de rei. Quando Dywen os viu a dar à sola disse que os palermas sulistas estavam cavalgando no sentido errado.

— Estou vendo — disse Jon.

Ficou sabendo mais através do próprio Dywen, enquanto o velho patrulheiro servia uma tigela de caldo de cevada nas casernas.

— Pois, senhor, vi-os. Eram o Horpe e o Massey. Disseram que Stannis os mandou lá para fora, mas não disseram para onde nem para quê nem quando é que voltam.

Sor Richard Horpe e Sor Justin Massey eram ambos homens da rainha, e ocupavam posições elevadas no conselho do rei. *Um par de comuns cavaleiros livres teria servido se Stannis só tivesse em mente bater o terreno*, refletiu Jon Snow, *mas cavaleiros são mais adequados para agir como mensageiros ou emissários*. Cotter Pyke mandara de Atalaialeste a notícia de que o Cavaleiro da Cebola e Salladhor Saan tinham zarpado para Porto Branco, a fim de negociar com o Lorde Manderly. Fazia sentido que Stannis enviasse outros mensageiros. Sua Graça não era um homem paciente.

Se os patrulheiros do lado errado regressariam ou não era outra questão. Até podiam ser cavaleiros, mas não conheciam o norte. *Haverá olhos ao longo da estrada de rei, e nem todos serão amigáveis*. Mas aquilo não dizia respeito a Jon. *Que Stannis fique com os seus segredos. Os deuses bem sabem que eu tenho os meus.*

Fantasma dormiu aos pés da cama nessa noite, e por uma vez Jon não sonhou que era um lobo. Mesmo assim, dormiu aos arrancos, mexendo-se

durante horas na cama antes de deslizar para um pesadelo. Goiva entrava nele, chorando, suplicando-lhe que deixasse os seus bebês em paz, mas ele arrancou-lhe as crianças dos braços e cortou-lhes as cabeças, após o que as trocou e lhe disse para voltar a costura-las.

Quando acordou, foi encontrar Edd Tollett em pé por cima dele na escuridão do seu quarto.

— Senhor? Está na hora. Na hora do lobo. Deixaste ordens para ser acordado.

— Traga-me qualquer coisa quente. — Jon atirou as mantas para o lado.

Edd regressou na hora em que Jon acabava de se vestir, enfiando-lhe uma chávena fumegante nas mãos. Jon esperava vinho quente com especiarias, e ficou surpreendido por descobrir que era sopa, um caldo fino que cheirava a alho-poró e cenoura, mas parecia não ter nem alho-poró nem cenoura. *Os cheiros são mais fortes nos meus sonhos de lobo*, refletiu, *e a comida também desce melhor. Fantasma está mais vivo do que eu*. Deixou a chávena vazia em cima da forja.

Era Barricas quem estava à sua porta naquela manhã.

— Vou querer falar com Bedwyck e com Janos Slynt — disse-lhe Jon.

— Traga-os à primeira luz da aurora.

No exterior, o mundo estava negro e imóvel. Frio, mas não perigosamente frio. *Ainda não. Ficará mais quente quando o Sol surgir. Se os deuses forem bons, a Muralha pode chorar*. Quando chegaram ao cemitério, a coluna já se formara. Jon entregara ao Jack BlackBulwer o comando da escolta, com uma dúzia de patrulheiros a cavalo às suas ordens e duas carroças.Uma levava uma grande pilha de arcas, caixotes e sacos, provisões para a viagem. A outra tinha um teto rígido de couro fervido para manter o vento afastado. O Meistre Aemon estava sentado na parte de trás, aconchegado a uma pele de urso que o fazia parecer pequeno como uma criança. Sam e Goiva estavam ali perto, em pé. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, mas tinha o rapaz nos braços, bem entrouxado. Não podia ter a certeza se era o filho dela ou o de Dalla. Só vira os dois juntos algumas vezes. O filho de Goiva era mais velho, o de Dalla mais robusto, mas eram suficientemente próximos em idade e tamanho para que ninguém que não os conhecesse bem conseguisse distingui-los facilmente um do outro.

— Lorde Snow — chamou o Meistre Aemon — deixei-lhe um livro nos meus aposentos. O *Compêndio de Jade*. Foi escrito pelo aventureiro

volanteno Colloquo Votar, que viajou até ao oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que pode achar interessante. Disse a Clydas para marca-la.

— Certamente que a lerei. O Meistre Aemon limpou o nariz.

— O conhecimento é uma arma, Jon. Arma-o bem antes de partir para a batalha.

— O farei. — Jon sentiu algo de úmido e frio na cara. Quando ergueu os olhos, viu que estava nevando. Um mau presságio. Virou-se para Jack BlackBulwer. — Faça o melhor tempo que puder, mas não corra riscos desnecessários. Tem um velho e um bebê de peito contigo. Trate de mantê-los quentes e bem alimentados.

— Faça o mesmo, senhor. — Goiva não parecia ter pressa nenhuma de subir para a carroça. — Faça o mesmo com o outro. Encontre outra ama de leite, como disse. Promeseu-me isso. O rapaz… o rapaz de Dalla… o principezinho, quer dizer… arranje uma boa mulher qualquer, para que ele cresça grande e forte.

— Tem a minha palavra quanto a isso.

— Não lhe dê nome. Não faça isso até ele ter mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda ‘tão ao peito. Vocês, os corvos, pode não saber isso, mas é verdade.

— Às suas ordens, senhora.

— Não me chame disso. Eu sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster e uma *mãe*. — Entregou o bebê ao Edd Doloroso quando subiu na carroça e cobriu-se com peles. Quando Edd lhe devolveu a criança, Goiva levou-a ao seio. Sam afastou os olhos da cena, corado, e içou-se para cima da sua égua.

— *Vamos a isto* — ordenou o Jack BlackBulwer, fazendo estalar o chicote. As carroças rolaram em frente. Sam deixou-se ficar por um momento.

— Bem — disse — até à vista.

— Até à vista, Sam — disse o Edd Doloroso. — Não é provável que o seu navio se afunde, parece-me. Os navios só se afundam quando eu vou a bordo.

Jon estava recordando.

— Da primeira vez que vi Goiva, ela estava encostada à parede da Fortaleza de Craster, esta menina magricela de cabelo escuro com a sua grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha-se metido no meio dos coelhos dela, e me parece que tinha receio que a abrisse e devorasse o bebê… mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, pois não?

— Ela tem mais coragem do que julga — disse Sam.

— E você também, Sam. Faça uma viagem rápida e segura, e cuida dela, de Aemon e da criança. — Os pingos frios que lhe escorriam pela cara fizeram lembrar a Jon o dia em que se despediu de Robb em Winterfell, sem saber que seria pela última vez. — E puxa o capuz para cima. Os flocos de neve estão derretendo-se no seu cabelo.

Quando a pequena coluna minguou à distância, o céu oriental já passara de negro a cinzento e a neve caía em grande quantidade.

— O Gigante deve estar à espera das ordens do senhor comandante — fez-lhe lembrar o Edd Doloroso. — Janos Slynt também.

— Sim. — Jon Snow ergueu os olhos para a Muralha, que se erguia acima deles como uma falésia de gelo. *Cem léguas de ponta a ponta e duzentos metros de altura*. A força da Muralha residia na sua altura; o comprimento da Muralha era a sua fraqueza. Jon lembrou-se de uma coisa que o pai dissera um dia. *Uma muralha só tem a força dos homens que a defendem*. Os homens da Patrulha da Noite eram bastante corajosos, mas eram muito menos do que tinham de ser para a tarefa que os aguardava. O Gigante esperava no armeiro. O seu verdadeiro nome era Bedwyck. Com pouco mais de metro e meio, era o homem menor da Patrulhada Noite. Jon foi direito ao assunto.

— Precisamos de mais olhos ao longo da Muralha. De castelos intermediários onde as nossas patrulhas se possam abrigar do frio e encontrar comida quente e uma montada repousada. Vou pôr uma guarnição em Marcagelo e vou te dar o comando. O Gigante enfiou a ponta do seu mindinho na orelha para limpar a cera.

— Comando? Eu? O senhor sabe que eu sou só filho dum caseiro e estou na Muralha por caça furtiva?

— És patrulheiro há uma dúzia de anos. Sobreviveste ao Punho dos Primeiros Homens e à Fortaleza de Craster e voltaste para contar a história. Os homens mais novos olham-te de baixo. O pequeno homem riu-se.

— Só anões me olham de baixo. Não sei ler, senhor. Num dia bom, consigo escrever o meu nome.

— Mandei uma mensagem para Vilavelha pedindo mais meistres. Terá dois corvos para quando as tuas necessidades forem urgentes. Quando não forem, envia cavaleiros. Até termos mais meistres e mais aves, pretendo estabelecer uma linha de torres sinaleiras ao longo do topo da Muralha.

— E quantos pobres tolos irão eu comandar?

— Vinte, da Patrulha — disse Jon — e metade desse número de homens de Stannis. — *Velhos, verdes ou feridos*. — Não serão os seus melhores homens, e nenhum vestirá o preto, mas obedecerão. Use-os como puder. Quatro dos irmãos que vou enviar contigo serão portorrealenses que vieram para a Muralha com o Lorde Slynt. Mantém esse grupo debaixo de um olho, e fica atento a trepadores com o outro.

— Podemos vigiar senhor, mas se suficientes trepadores chegarem ao topo da Muralha, trinta homens não vão bastar para os atirar lá para baixo.

Trezentos podem não ser suficientes. Jon guardou essa dúvida para si. Era verdade que os trepadores estavam desesperadamente vulneráveis durante a ascensão. Podia-se fazer chover sobre eles pedras, lanças e potes de piche ardendo, e tudo o que eles podiam fazer era agarrarem-se desesperadamente ao gelo. Às vezes, a própria Muralha parecia sacudi-los, como um cão sacudiria pulgas. Jon vira isso pessoalmente, quando um lençol de gelo se soltara sob o amante de Val, Jarl, atirando-o para a morte.

Contudo, se os trepadores atingissem o topo da Muralha sem serem detectados tudo mudava. A seu tempo podiam estabelecer uma testa-de-ponte lá em cima, erguendo fortificações próprias e fazendo descer cordas e escadas para centenas de outros subirem depois deles. Foi assim que Raymun BarbaVermelha o fizera, o Raymun que fora Rei-para-lá-da-Muralha nos tempos do avô do seu avô. Jack Musgood fora o senhor comandante nesses tempos. “Alegre Jack” era como lhe chamavam antes de BarbaVermelha cair sobre o norte; “Dorminhoco Jack” depois disso e para sempre. A hoste de Raymun encontrara um fim sangrento nas margens do LagoLongo, apanhada entre o Lorde Willam de Winterfell e o Gigante Bêbado, Harmond Umber. O BarbaVermelha fora morto por Artos, o Implacável, irmão mais novo do Lorde Willam. A Patrulha chegara tarde demais para combater os selvagens, mas a tempo de os enterrar, tarefa essa que Artos Stark lhes atribuíra em fúria enquanto chorava o corpo decapitado do seu irmão caído.

Jon não pretendia ser lembrado como Dorminhoco Jon Snow.

— Trinta homens terão melhores hipóteses do que nenhum — disse ao Gigante.

— É bem verdade — disse o pequeno homem. — Então é só Marcagelo, ou o senhor vai também abrir os outros fortes?

— Tenciono guarnecê-los a todos, a seu tempo — disse Jon — mas de momento será só Marcagelo e Guardagris.

— E o senhor já decidiu quem vai comandar em Guardagris?

— Janos Slynt — disse Jon. *Que os deuses nos protejam*. — Um homem não ascende ao comando dos mantos dourados se não tiver qualidades. Slynt nasceu filho de um carniceiro. Era capitão do Portão de Ferro quando Manly Stokeworth morreu, e Jon Arryn promoveu-o e pôs a defesa de Porto Real nas suas mãos. Lorde Janos não pode ser um idiota tão grande como parece. — *E eu quero-o bem longe de Alliser Thorne*.

— Pode ser que sim — disse o Gigante — mas eu continuaria a preferir mandá-lo para as cozinhas para ajudar o Hobb Três-Dedos cortando os nabos.

Se o fizesse nunca mais me atreveria a comer um nabo.

Metade da manhã se passou até que Lorde Janos se apresentasse conforme ordenado. Jon estava limpando Garralonga. Alguns homens teriam entregado tal tarefa a um intendente ou a um escudeiro, mas o Lorde Eddard ensinara os filhos a cuidar das próprias armas. Quando o Barricas e o Edd Doloroso chegaram com Slynt, Jon agradeceu-lhes e disse ao Lorde Janos para se sentar.

Isso ele fez, embora com fraca elegância, cruzando os braços, franzindo o sobrolho e ignorando o aço nu nas mãos do senhor comandante. Jon fez deslizar o oleado ao longo da sua espada bastarda, observando o jogo que a luz da manhã fazia com as ondulações, pensando em quão facilmente a lâmina deslizaria por pele, gordura e tendões para separar a feia cabeça de Slynt do seu corpo. Todos os crimes de um homem eram anulados quando envergava o negro, e todas as suas lealdades também, mas Jon achava difícil pensar em Janos Slynt como num irmão. *Há sangue entre nós. Este homem ajudou a matar o meu pai, e fez também o melhor que pôde para matar a mim.*

— Lorde Janos — Jon embainhou a espada. — Vou dar-lhe o comando de Guardagris.Aquilo surpreendeu Slynt.

— Guardagris… Guardagris foi onde subiu a Muralha com os seus amigos selvagens.

— Pois sim. O forte está num estado lastimável, admito. Irá restaurá-lo o melhor possível. Comece por desmatar a floresta junto à Muralha.Tire pedras das estruturas que ruíram para reparar as que continuam em pé. — *O trabalho será duro e brutal*, podia ter acrescentado. *Vai dormir em cama de pedra, muito exausto para se queixar ou conspirar, e depressa se esquecerás de como era estar quente, mas pode ser que se lembre de como era ser um homem*. — Terá

trinta homens. Dez daqui, dez da Torre Sombria, e dez emprestados à Patrulha pelo Rei Stannis.

A cara de Slynt ficara da cor de uma ameixa. As suas papadas carnudas começaram a estremecer.

— Julga que eu não vejo o que estás fazendo? Janos Slynt não é homem para ser enganado assim tão facilmente. Fui encarregado da defesa de Porto Real quando você estava sujando as fraldas. Fica com a sua ruína, bastardo.

Estou a te dar uma hipótese, senhor. É mais do que dera ao meu pai.

— Está me compreendendo mal, senhor — disse Jon. — Aquilo foi uma ordem, não uma oferta. São quarenta léguas até Guardagris. Embale as armas e a armadura, faça as suas despedidas, e apronte-se para partir à primeira luz da aurora.

— Não. — O Lorde Janos pôs-se em pé de um salto, fazendo a cadeira cair para trás. — Eu *não* partirei docilmente para congelar e morrer. Nenhum bastardo de traidor dá ordens a Janos Slynt! Não sou desprovido de amigos, lhe aviso. Aqui, e também em Porto Real. Fui Senhor de Harrenhal! Dê a sua ruína a um dos idiotas cegos que depositaram uma pedra por ti, eu não a aceito. Está ouvindo-me, rapaz? *Eu não a aceito!*

— Aceitará.

Slynt não se dignou a responder aquilo e deu um pontapé para longe a cadeira ao partir.

Ainda me vê como um rapaz, pensou Jon, *um rapazinho verde, intimidável por palavras zangadas*. Só podia esperar que uma noite de sono trouxesse juízo ao Lorde Janos.

A manhã seguinte provou que essa esperança era vã.

Jon foi encontrar Slynt quebrando o jejum na sala comum. Sor Alliser Thorne estava com ele, bem como vários dos seus compinchas. Estavam rindo de qualquer coisa quando Jon desceu a escada com o Emmett de Ferro e o Edd Doloroso e, atrás, Mully, o Cavalo, o Jack Vermelho Crabb, RustyFlowers e o Owen Idiota. O Hobb Três-Dedos estava servindo conchadas de papas que tirava da panela. Homens da rainha, homens do rei e irmãos negros sentavam-se nas suas mesas separadas, alguns dobrados sobre tigelas de papas de aveia, outros enchendo as barrigas com pão frito e bacon. Jon viu Pyp e Grenn a uma mesa, Bowen Marsh a outra. O ar cheirava a fumo e gordura, e o tinir de facas e colheres ecoava no teto abobadado.

Todas as vozes morreram imediatamente.

— Lorde Janos — disse Jon — vou dar-lhe uma última chance. Pouse essa colher e vá aos estábulos. Mandei selar e ajaezar o seu cavalo. A estrada até Guardagris é longa e dura.

— Então é melhor por você a caminho, rapaz. — Slynt riu, fazendo pingar papas sobre o peito. — Estou aqui pensando que Guardagris é um bom lugar para gente como você. Bem longe das pessoas decentes e piedosas. Tem em você o sinal da besta, bastardo.

— Esta recusando obedecer à minha ordem?

— Pode enfiar a sua ordem no seu cu de bastardo — disse Slynt, com os queixos tremendo.

Alliser Thorne esboçou um fino sorriso, com os olhos negros fixos em Jon. Noutra mesa, o Godry Mata-Gigantes começou a rir.

— Como quiserdes. — Jon dirigiu um aceno ao Emmett de Ferro. — Por favor, leva o Lorde Janos para a Muralha…

… *e confina-o a uma cela de gelo*, poderia ele ter dito. Jon não duvidava de que um ou dez dias apertado dentro do gelo o deixaria tremendo, febril e suplicando libertação. *E no momento em que sair, ele e Thorne recomeçarão a conspirar*.

… *e ata-o ao cavalo*, poderia ele ter dito. Se Slynt não desejava ir para Guardagris como comandante, podia ir como cozinheiro. *Mas então seria só uma questão de tempo até desertar. E quantos mais levaria consigo?*

— … e enforque-o — concluiu Jon.

A cara de Janos Slynt ficou branca como leite. A colher deslizou-lhe de entre os dedos. Edd e Emmett atravessaram a sala, fazendo ressoar os passos no chão de pedra. A boca de Bowen Marsh abriu-se e se fechou, embora nenhuma palavra tivesse saído. Sor Alliser Thorne estendeu a mão para o cabo da espada. *Continua*, pensou Jon. Tinha Garralonga a tiracolo. *Mostra o seu aço. Dá-me um motivo para fazer o mesmo.*

Metade dos homens no salão estava de pé. Cavaleiros e homens-de-armas sulistas, leais do Rei Stannis ou à mulher vermelha ou a ambos, e Irmãos Juramentados da Patrulha da Noite. Alguns tinham escolhido Jon para ser o seu senhor comandante. Outros tinham depositado pedras por Bowen Marsh, por Sor Denys Mallister, por Cotter Pyke… e alguns por Janos Slynt. *Centenas deles, se bem me lembro*. Jon se perguntou quantos desses homens estariam na adega naquela altura. Por um momento, o mundo equilibrou-se no gume de uma espada.

Alliser Thorne tirou a mão da espada e afastou-se para deixar Edd Tollett passar.

O Edd Doloroso pegou em Slynt por um braço, o Emmett de Ferro pelo outro. Juntos içaram-no do banco.

— Não — protestou o Lorde Janos, com salpicos de papas de aveia voando dos lábios. — Não, largue-me. Ele é só um rapaz, um *bastardo*. O pai era um traidor. Tem nele o sinal da besta, aquele seu lobo… *Largue-me! Vão* se arrepender do dia em que puseram as mãos em Janos Slynt. Tenho amigos em Porto Real. Aviso-vos… — Ainda estava protestando quando o levaram, meio andando, meio arrastado, pelos degraus acima.

Jon seguiu-os até lá fora. Atrás de si, a cave esvaziou-se. Junto da gaiola, Slynt conseguiu soltar-se por um momento e tentou fugir, mas o Emmett de Ferro agarrou-o pela garganta e atirou-o contra as barras de ferro até que ele desistiu. Por essa altura, todo o Castelo Negro tinha vindo para fora a fim de assistir. Até Val estava à sua janela, com a longa trança dourada por sobre um ombro. Stannis estava em pé nos degraus da Torre do Rei, rodeado pelos seus cavaleiros.

— Se o rapaz julga que consegue assustar-me, está enganado — ouviram Lorde Janos dizer. — Ele não se atreverá a enforcar-me. Janos Slynt tem amigos, amigos *importantes*, verão… — O vento varreu o resto das suas palavras.

Isto está mal, pensou Jon.

— Pare. Emmett virou-se para trás, franzindo o sobrolho.

— Senhor?

— Não o quero enforcar — disse Jon. — Traga-o para aqui.

— Oh, que os Sete nos salvem — ouviu Bowen Marsh gritar.

O sorriso que o Lorde Janos Slynt fez então tinha toda a doçura de manteiga rançosa. Até que Jon disse:

— Edd, traga-me um cepo — e desembainhou Garralonga.

Durante o tempo que demoraram para encontrar um cepo adequado, o Lorde Janos foi recuando até se enfiar na gaiola do guincho, mas Emmett de Ferro entrou atrás dele e arrastou-o para fora.

— Não — gritou Slynt, quando Emmett o obrigou a atravessar o pátio, em parte puxando, em parte empurrando. — Largue-me… não pode… quando Tywin Lannister ouvir falar disso, arrependerão todos…

Emmett tirou-lhe o apoio das pernas com um pontapé. Edd Doloroso plantou-lhe um pé nas costas para mantê-lo de joelhos enquanto Emmett lhe metia o cepo debaixo da cabeça.

— Isto será mais fácil se ficar quieto — promeseu-lhe Jon Snow.

— Se você se mexer para evitar o golpe, morrerá na mesma, mas a sua morte será mais feia. Estique o pescoço, senhor. — O pálido sol da manhã percorreu-lhe a lâmina de cima a baixo quando Jon agarrou no cabo da espada bastarda com ambas as mãos e a ergueu bem alto. — Se tendes últimas palavras, agora é a hora de as dizer — disse, esperando uma última praga.

Janos Slynt torceu o pescoço para o fitar.

— Por favor, senhor. Misericórdia. Eu vou, vou mesmo, eu… *Não*, pensou Jon. *Tu fechaste essa porta*. Garralonga desceu.

— Posso ficar com as botas dele? — perguntou o Owen Idiota quando a cabeça de Janos Slynt partiu rolando pelo terreno lamacento. — São quase novas, aquelas botas. Forradas de pele.

Jon olhou de relance para Stannis. Por um instante, os olhos dos dois cruzaram-se. Depois, o rei fez um aceno com a cabeça e regressou para dentro da sua torre.

TYRION

Acordou sozinho e descobriu que a liteira estava parada.

Uma pilha de almofadas esmagadas permanecia para mostrar o local onde Illyrio estivera deitado. O anão sentia a garganta seca e áspera. Sonhara… O que sonhara ele? Não se lembrava.

Lá fora, vozes estavam conversando numa língua que não conhecia.Tyrion ultrapassou as cortinas com as pernas e saltou para o chão, indo encontrar o Magíster Illyrio em pé junto dos cavalos com dois cavaleiros erguerendo-se acima dele. Ambos usavam camisas de couro desgastado por baixo de mantos de lã castanha escura, mas tinham as espadas embainhadas e o gordo não parecia estar em perigo.

— Preciso de dar uma mijada — anunciou o anão. Bamboleou-se até sair da estrada, desatou as bragas e aliviou-se para dentro de um emaranhado de espinhos. Demorou um tempo considerável.

— Ele mija bem, pelo menos — observou uma voz.Tyrion sacudiu as últimas gotas e guardou o membro.

— Mijar é o menor dos meus talentos. Devias me ver cagar. — Virou-se para o Magíster Illyrio. — Estes dois são seus conhecidos, magíster? Parecem fora-da-lei. Deverei ir buscar o meu machado?

— O seu machado? — exclamou o mais alto dos cavaleiros, um homem musculoso com uma barba hirsuta e um matagal de cabelo cor de laranja. — Ouviu aquilo, Haldon? O homenzinho quer lutar conosco!

O companheiro do homem era mais velho, estava escanhoado e tinha uma cara enrugada e ascética. O cabelo fora puxado para trás e preso num nó atrás da cabeça.

— É frequente que os homens pequenos sintam necessidade de demonstrar a sua coragem com gabarolices impróprias — declarou. — Duvido que ele seja capaz de matar um pato.

Tyrion encolheu os ombros.

— Vai buscar o pato.

— Se insiste. — O cavaleiro olhou o companheiro de relance. O homem musculoso desembainhou uma espada bastarda.

— Eu sou o Pato, seu penicozinho linguarudo.

Oh, pela bondade dos deuses.

— Tinha um pato menor em mente. O grandalhão rugiu, às gargalhadas.

— Ouviu, Haldon? Ele quer um Pato *menor*!

— Eu de bom grado aceitaria um mais silencioso. — O homem chamado Haldon estudou Tyrion com frios olhos cinzentos antes de voltar a se virar para Illyrio. — Tem umas arcas para nós?

— E mulas para carregá-las.

— Mulas são lentas demais. Temos cavalos de carga, mudamos as arcas para eles. Pato, trate disso.

— Porque é que é sempre o Pato a tratar das coisas? — o grandalhão voltou a enfiar a espada na bainha. — De que tratas você, Haldon? Quem é aqui o cavaleiro, você ou eu? — mas afastou-se na mesma, batendo com os pés, na direção das mulas de carga.

— Como passa o nosso rapaz? — perguntou Illyrio enquanto as arcas eram presas. Tyrion contou seis arcas de carvalho com ferrolhos de ferro.O Pato mudava-as com bastante facilidade, transportando-as em cima de um ombro.

— Está já tão alto como o Griff. Há três dias atirou o Pato para dentro de uma manjedoura.

— Não fui *atirado*. Caí lá dentro só para fazê-lo rir.

— O seu estratagema foi um sucesso — disse Haldon. — Eu próprio ri-me.

— Há um presente para o rapaz numa das arcas. Um pouco de gengibre cristalizado. Ele sempre gostou disso. — Illyrio parecia estranhamente triste. — Pensei talvez prosseguir até Ghoyan Drohe com você. Um banquete de despedida antes de começar a descer o rio…

— Não temos tempo para banquetes, senhor — disse Haldon. — Griff quer partir rio abaixo no instante em que regressarmos. Têm havido notícias subindo o rio, nenhuma delas boa. Foram vistos dothraki a norte do Lago Adaga, batedores do *khalasar* do velho Motho, e o Khal Zekko não vem muito atrás dele, deslocando-se através da Floresta de Qohor. O gordo soltou um ruído malcriado.

— Zekko visita Qohor a cada três ou quatro anos. Os qohoritas dão-lhe um saco de ouro e ele volta a virar para leste. E quanto a Motho, os seus homens são quase tão velhos como ele, e há menos todos os anos. A ameaça é…

— … Khal Pono — concluiu Haldon. — Motho e Zekko estão fugindo dele, se as histórias forem verdadeiras. Os últimos relatórios põem Pono perto das nascentes do Selhoru com um *khalasar* de trinta mil pessoas. Griff não quer

se arriscar a ser apanhado na travessia se Pono decidir arriscar o Roine. — Haldon olhou de relance para Tyrion. — O seu anão monta tão bem como mija?

— Ele monta — interrompeu Tyrion, antes de o senhor do queijo ter tempo de responder por ele — embora monte melhor com uma sela especial e um cavalo que conheça bem. E também fala.

— Realmente fala. Eu sou Haldon, o curandeiro no nosso pequeno bando de irmãos. Há quem me chame Semi-meistre. O meu companheiro é Sor Pato.

— Sor Rolly — disse o grandalhão. — Rolly Campopato. Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro e Griff armou-me. E tu, anão?

Illyrio interveio rapidamente.

— Chamam-lhe Yollo.

Yollo? Yollo parece qualquer coisa que se pode chamar a um macaco. Pior, era um nome pentoshi, e qualquer idiota conseguia ver que Tyrion não era pentoshi.

— Em Pentos sou Yollo — disse depressa, para consertar o que fosse possível — mas a minha mãe chamou-me Hugor Hill.

— E é um reizinho ou um bastardinho? — perguntou Haldon.

Tyrion percebeu-se de que faria bem em ser cauteloso nas imediações de Haldon Semi-meistre.

— Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

— Sem dúvida. Bem, Hugor Hill, responde-me isto. Como foi que Serwyn do Escudo Espelhado matou o dragão Urrax?

— Aproximou-se por trás do escudo. Urrax só viu o seu próprio reflexo até que Serwyn saltou e lhe mergulhou a lança num olho. Haldon não se mostrou impressionado.

— Até o Pato conhece essa história. Sabe dizer-me o nome do cavaleiro que tentou usar o mesmo estratagema com Vhagar durante a Dança dos Dragões?

Tyrion sorriu.

— Sor Byron Swann. Foi assado pelo incômodo… só que o dragão foi Syrax, não Vhagar.

— Temo que se engane. Em *A Dança dos Dragões, Um Relato Verdadeiro*, o Meistre Munkun escreve…

— … que foi Vhagar. O *Grande* Meistre Munkun erra. O escudeiro de Sor Byron viu o seu amo morrer, e escreveu à filha descrevendo a forma como ele morreu. O seu relato diz que foi Syrax, a dragoa de Rhaenyra, o que faz mais

sentido do que a versão de Munken. Swann era filho de um senhor das marcas, e Ponta Tempestade apoiava Aegon. Vhagar era montado pelo Príncipe Armond, irmão de Aegon. Porque haveria Swann de querer matá-lo?

Haldon projetou os lábios.

— Tenta não cair do cavalo. Se caír, o melhor é bambolear-se de volta para Pentos. A nossa tímida donzela não esperará nem por homens, nem por anões.

— Donzelas tímidas são o meu tipo preferido. À parte as descaradas. Diz-me, para onde vão as rameiras?

— Tenho ar de ser um homem que frequenta rameiras?O Pato soltou uma gargalhada irónica.

— Não se atreve. Lemore obrigava-o a rezar por perdão, o rapaz iria querer ir também, e o Griff talvez lhe cortasse a pica e a enfiasse pela goela abaixo.

Bem — disse Tyrion — um meistre não precisa de pica.

— Mas Haldon é só meio meistre.

— Parece achar o anão divertido, Pato — disse Haldon. — Ele pode seguir montado contigo. — Fez a montaria dar meia volta.

O Pato demorou mais alguns momentos prendendo as arcas de Illyrio aos três cavalos de carga. Por essa altura, já Haldon desaparecera. Pato não pareceu preocupado. Saltou para a sela, agarrou em Tyrion pelo colarinho e içou o homenzinho para a sua frente.

— Agarra-te bem ao arção e não terá problemas. A égua tem um belo passo agradável, e a estrada dos dragões é lisa como um cu de donzela.

— Agarrando as rédeas com a mão direita e as arreatas com a esquerda, Sor Rolly partiu a trote vivo.

— Boa sorte — gritou Illyrio atrás deles. — Diz ao rapaz que tenho pena de não estar com ele para o casamento. Me juntarei a vocês em Westeros. Isso juro, pelas mãos da minha doce Serra.

Quanto Tyrion Lannister viu pela última vez Illyrio Mopatis, o magíster estava em pé ao lado da liteira vestido com as suas vestes de brocado, com os maciços ombros descaídos. À medida que a sua silhueta ia diminuindo na poeira que levantavam, o senhor do queijo foi parecendo quase pequeno.

O Pato apanhou Haldon Semi-meistre a um quarto de milha de distância. Daí em diante, os cavaleiros avançaram lado a lado. Tyrion agarrava-se

ao arção elevado da sela, com as pernas curtas abertas desajeitadamente para fora, sabendo que o esperavam bolhas, cãibras e esfoladuras de sela.

— Me pergunto o que os piratas do Lago Adaga acharão do nosso anão — disse Haldon enquanto avançavam.

— Bom para fazer guisado de anão? — sugeriu o Pato.

— Urho, o Imundo, é o pior deles — confidenciou Halden. — Basta o fedor que deita para matar um homem. Tyrion encolheu os ombros.

— Felizmente, eu não tenho nariz. Haldon concedeu-lhe um sorriso fino.

— Se encontrarmos a Senhora Korra no *Dentes da Bruxa*, podem vir a te faltar em breve outros bocados também. Korra, a Cruel, é como lhe chamam. O navio é tripulado por belas e jovens donzelas que castram todos os machos que capturam.

— Aterrorizador. Posso bem mijar-me nas bragas.

É melhor não — avisou o Pato, sombrio.

— Como quiser. Se encontrarmos essa Senhora Korra, limito-me a enfiar-me numa saia e digo que sou Cersei, a famosa beldade barbuda de Porto Real. Daquela vez o Pato riu-se e Haldon disse:

— Que tipinho engraçado que você é, Yollo. Diga-se que o Senhor Amortalhado concede uma mercê a qualquer homem que consiga fazê-lo rir. Sua Graça Cinzenta talvez te escolha para ornamentar a sua pétrea corte. O Pato deitou um relance inquieto ao companheiro.

— Não é bom brincar sobre esse, especialmente estando nós tão perto do Roine. Ele ouve.

— Sabedoria vinda de um pato — disse Haldon. — Peço perdão, Yollo. Não vale a pena ficar tão pálido, estava só brincando contigo. O Príncipe das Mágoas não concede o seu beijo cinzento com ligeireza.

O seu beijo cinzento. A ideia encheu-o de pele de galinha. A morte perdera o seu terror para Tyrion Lannister, mas a escamagris era outra coisa. *O Senhor Amortalhado é só uma lenda*, disse a si, *não é mais real do que o fantasma de Lann, o Esperto, que alguns afirmam que assombra o Rochedo Casterly*. Mesmo assim, conteve a língua.

O súbito silêncio do anão passou despercebido, pois o Pato começara a regalá-lo com a história da sua vida. O pai fora armeiro em Pontamarga, segundo disse, portanto ele nascera com o som do aço ressoando-lhe nos ouvidos e dedicara-se à esgrima numa idade precoce. Um rapaz tão grande e promissor

atraíra a atenção do velho Lorde Caswell, que lhe oferecera um lugar na sua guarnição, mas o rapaz quisera mais. Vira o filho fracote de Caswell ser nomeado pajem, escudeiro e finalmente cavaleiro.

— Era um covardola esgalgado de cara chupada, mas o velho senhor tinha quatro filhas e só aquele filho, de modo que ninguém podia dizer uma palavra contra ele. Os outros escudeiros quase nem se atreviam a pôr um dedo nele no pátio de treinos.

— Mas você não era tão receoso. — Tyrion via com bastante facilidade para onde aquela história se dirigia.

— O meu pai fez-me uma espada longa para assinalar o décimo sexto dia do meu nome — disse Pato — mas Lorent gostou tanto do aspecto dela que ficou com a espada para si, e o sacana do meu pai não se atreveu a dizer-lhe que não. Quando me queixei, Lorent disse-me na cara que a minha mão tinha sido feita para pegar num martelo, não numa espada. De modo que fui buscar um martelo e dei-lhe com ele até ficar com os dois braços e metade das costelas partidas. Depois disso tive de sair da Campina o mais depressa possível. Consegui atravessar o mar até à Companhia Dourada. Passei alguns anos como aprendiz de ferreiro, mas depois o Sor Harry Strickland recebeu-me como escudeiro. Quando o Griff mandou dizer rio abaixo que precisava de alguém que ajudasse a treinar o filho com as armas, Harry enviou-me.

— E Griff te armou cavaleiro?

— Um ano depois. O Haldon Semi-meistre fez um sorriso astuto.

— Porque é que não conta ao nosso pequeno amigo como arranjou o nome?

— Um cavaleiro precisa de mais do que só o nome próprio — insistiu o grandalhão — e, bem, estávamos num campo quando ele me armou cavaleiro, e eu olhei para cima e vi uns patos, de modo que… ora, não terias.

Logo depois do pôr-do-sol abandonaram a estrada para descansar num pátio coberto de ervas daninhas ao lado de um velho poço de pedra. Tyrion saltou para o chão, a fim de fazer desaparecer as cãibras das barrigas das pernas enquanto Pato e Haldon davam de beber aos cavalos. Uma erva dura e castanha e árvores daninhas brotavam dos espaços entre as pedras, e das paredes cobertas de musgo do que em tempos poderia ter sido uma enorme mansão de pedra. Depois de terem cuidado dos animais, os cavaleiros partilharam um jantar simples de porco salgado e feijão branco e frio, empurrado para baixo com cerveja. Tyrion

achou a comida simples uma mudança agradável em relação à comida rica que comera com Illyrio.

— Estas arcas que lhes trouxemos — disse enquanto mastigavam. — A princípio pensei que fosse ouro para a Companhia Dourada, até ver Sor Rolly içar uma delas para cima de um ombro. Se estivesse cheia de dinheiro, nunca lhe teria pegado tão facilmente.

— São só armaduras — disse o Pato, encolhendo os ombros.

— E também roupa — interrompeu Haldon. — Roupa de corte, para todo o nosso grupo. Boas lãs, veludos, mantos de seda. Uma pessoa não se apresenta a uma rainha com roupa maltrapilha… nem de mãos vazias. O magíster teve a bondade de nos fornecer presentes adequados.

Ao nascer da Lua estavam de volta às selas, trotando para leste sob um manto de estrelas. A velha estrada valiriana cintilava à frente deles como uma longa fita de prata serpenteando através de bosques e vales. Durante algum tempo, Tyrion Lannister sentiu-se quase em paz.

— O Lomas Longstrider disse a verdade. A estrada é uma maravilha.

— Lomas Longstrider? — perguntou o Pato.

— Um escriba, há muito morto — disse Haldon. — Passou a vida viajando pelo mundo e escrevendo sobre as terras que visitou em dois livros a que chamou *Maravilhas* e *Maravilhas Feitas Pelo Homem*.

— Um tio meu ofereceu-me quando eu era rapaz — disse Tyrion. —Li-os até se desfazerem em pedaços.

— *Os deuses fizeram sete maravilhas, e os mortais fizeram nove* — citou o Semi-meistre. — Foi bastante ímpio da parte dos mortais fazerem mais duas do que os deuses, mas pronto. As estradas de pedra de Valíria eram uma das nove do Longstrider. A quinta, creio eu.

— A quarta — disse Tyrion, o qual decorara todas as dezesseis maravilhas em rapaz. O tio Gerion gostava de fazê-lo subir para cima da mesa durante os banquetes e de o pôr a recitá-las. *Gostava bastante daquilo, não gostava? Estar ali em pé entre as bandejas com todos os olhos postos em mim, demonstrando como era um anãozinho esperto.* Ao longo de anos, mais tarde, acariciara o sonho de um dia viajar pelo mundo e ver pessoalmente as maravilhas de Longstrider. O Lorde Tywin pusera fim a essa esperança dez dias antes do décimo sexto dia do nome do seu filho anão, quando Tyrion pedira para fazer uma viagem pelas Nove Cidades Livres como os tios tinham feito na mesma idade.

— Podia confiar-se nos meus irmãos para não trazerem a vergonha à Casa Lannister — respondera o pai. — Nunca nenhum se casou com uma rameira. — E quando Tyrion fizera lhe lembrar de que dentro de dez dias seria um homem feito, livre para viajar para onde quisesse, o Lorde Tywin dissera:

— Nenhum homem é livre. Só as crianças e os tolos pensam o contrário. Vai, à vontade. Usa roupa de retalhos e faz o pino para divertir os senhores das especiarias e os reis do queijo. Basta que trate de pagar as suas passagens e que ponhas de parte quailquer ideia que possa ter sobre regressar. — Perante aquilo, o desafio do rapaz ruíra. — Se é ocupação útil que quer, será ocupação útil que terás — dissera o pai. E, portanto, para assinalar a sua passagem à idade adulta, Tyrion fora encarregado de todos os escoadouros e cisternas no interior do Rochedo Casterly. *Ele se calhar esperava que eu caísse em alguma*. O Lorde Tywin, nisso, ficara desapontado. Os escoadouros nunca escoaram tão bem como quando estiveram sob a sua responsabilidade.

Preciso de uma taça de vinho, para lavar da boca o sabor a Tywin. Um odre de vinho me serviria ainda melhor.

Cavalgaram a noite inteira, com Tyrion dormindo aos arrancos, cochilando contra o arção e acordando de repente. De vez em quando, começava a deslizar da sela para o lado, mas Sor Rolly deitava-lhe uma mão e voltava a endireitá-lo. Pela madrugada, as pernas do anão doíam e as suas nádegas estavam esfoladas e em carne viva.

Foi só no dia seguinte que chegaram ao local de Ghoyan Drohe, mesmo ao lado do rio.

— O lendário Roine — disse Tyrion, quando vislumbrou o lento e verde curso de água do cume de uma elevação.

— O Pequeno Roine — disse o Pato.

— É isso, sim. — *Um rio bastante agradável suponho, mas o ramo menor do Tridente tem o dobro da largura e todos os três correm mais depressa*. A cidade não era mais impressionante. Ghoyan Drohe nunca foi grande, segundo Tyrion recordava das suas histórias, mas foi um lugar bonito, verde e florescente, uma cidade de canais e fontanários. *Até à guerra. Até à chegada dos dragões*. Mil anos mais tarde, os canais estavam afogados em ervas daninhas e lama, e lagoas de água estagnada geravam enxames de moscas. As pedras quebradas de templos e palácios estavam afundando-se de regresso a terra, e velhos salgueiros nodosos cresciam densos ao longo das margens do rio.

Algumas pessoas ainda continuavam vivendo naquela miséria, cuidando de pequenos jardins entre as ervas daninhas. O som de cascos de cavalos ressoando na velha estrada valiriana pôs a maioria a se precipitar de regresso aos buracos de onde tinham saído, mas as mais ousadas deixaram-se ficar ao sol durante tempo suficiente para fitar os cavaleiros de passagem com olhos mortiços e incuriosos. Uma mulher nua com lama até os joelhos não parecia ser capaz de tirar os olhos de Tyrion. *Ela nunca tinha visto um anão*, compreendeu. *Muito menos um anão sem nariz*. Fez uma careta e deitou a língua de fora, e a menina desatou a chorar.

— O que foi que você fez? — perguntou Pato.

— Soprei-lhe um beijo. Todas as mulheres choram quando as beijo.

Atrás dos salgueiros emaranhados, a estrada terminava abruptamente e viraram para norte, para um curto percurso, cavalgando ao lado da água até que a vegetação rasteira desapareceu e deram por si num velho cais de pedra, meio submerso e rodeado de altas e castanhas ervas daninha.

— *Pato!* — soou um grito. — *Haldon!* — Tyrion espetou a cabeça para um lado e viu um rapaz em pé no telhado de um edifício baixo de madeira, acenando com um chapéu de palha de aba larga. Era um jovem ágil e bem feito, com uma constituição esguia e uma cabeleira azul escura. O anão estimou-lhe a idade em quinze, dezesseis anos, ou tão perto disso que não faria diferença.

O telhado sobre o qual o rapaz se encontrava veio a revelar-se a cabine da *Tímida Donzela*, um velho e decrépito barco de varejo com um só mastro. Era largo e de baixo calado, ideal para abrir caminho pelos menores dos cursos d'água e para caranguejar por cima de bancos de areia. *Uma feia donzela*, pensou Tyrion, *mas às vezes as mais feias são as mais famintas quando caem na cama*. Os barcos de varejo que percorriam regularmente os rios de Dorne eram com frequência pintados em cores berrantes e cobertos de talha requintada, mas aquela donzela não. A sua pintura era de um castanho acinzentado de lama, manchada e a descascar, a sua grande e curva cana do leme era simplese sem adornos. *Parece um bocado de terra*, pensou, *mas sem dúvida que é esse o objetivo*.

Por essa altura, já o Pato respondia às saudações. A égua fez esparrinhar água nos baixios, espezinhando os juncos. O rapaz saltou do teto da cabine para o convés do barco de varejo e o resto da tripulação da *Tímida Donzela* fez a sua aparição. Um casal mais idoso com uma qualidade roinar nas feições estava ao lado da cana do leme, ao passo que uma bonita septã vestida

com um suave traje branco atravessou a porta da cabine e afastou dos olhos uma madeixa de cabelo castanho escuro.

Mas Griff era inconfundível.

— Já chega de gritaria — disse. Um súbito silêncio caiu sobre o rio. *Este vai dar problemas*, compreendeu Tyrion de imediato. O manto de Griff fora feito com a pele e a cabeça de um lobo vermelho do Roine. Sob a pele usava couro castanho enrijecido com anéis de ferro. A cara escanhoada também era coriácea, com rugas nos cantos dos olhos. Embora o cabelo fosse tão azul como o do filho, tinha raízes ruivas e sobrancelhas ainda mais ruivas. Ao quadril pendia uma espada e um punhal. Se estava contente por ter Pato e Haldon de volta, escondia-o bem, mas não se preocupou em ocultar o desprazer que sentiu ao ver Tyrion.

— Um anão? O que é isto?

— Eu sei, estava à espera de uma rodela de queijo. — Tyrion virou-se para o Jovem Griff e dirigiu ao rapaz o seu sorriso mais desarmante. —Cabelo azul pode servir-te bem em Tyrosh, mas em Westeros as crianças lhe atiriam pedras e as mulheres ririam na sua cara. O rapaz foi apanhado de surpresa.

— A minha mãe foi uma senhora de Tyrosh. Pinto o cabelo em sua memória.

— Que criatura é esta? — exigiu saber Griff.

— Illyrio mandou uma carta explicando.

— Então a quero. Leva o anão para a minha cabine.

Não gosto dos olhos dele, refletiu Tyrion quando o mercenário se sentou na sua frente na relativa escuridão do interior do barco, com uma mesa cheia de marcas e uma vela de sebo entre ambos. Eram de um azul de gelo, claros, frios. O anão não gostava de olhos claros. Os olhos de Tywin tinham sido verdes claros, e pintalgados de dourado.

Observou o mercenário enquanto lia. Que *soubesse* ler já dizia algo em si mesmo. Quantos mercenários podiam gabar-se de tal coisa? *Ele quase nem mexe os lábios*, refletiu Tyrion.

Por fim, Griff ergueu os olhos do pergaminho e aqueles olhos claros estreitaram-se.

— Tywin Lannister está morto? Pelas s*uas* mãos?

— Ao meu dedo. Este. — Tyrion ergueu-o para que Griff o admirasse. — O Lorde Tywin estava sentado numa latrina, portanto, espetei-lhe um dardo de besta nas tripas para ver se ele cagaria mesmo ouro. Não cagava. Uma pena,

algum ouro podia ter-me sido útil. E também matei a minha mãe, algo mais cedo. Oh, e o meu sobrinho Joffrey, envenenei-o no banquete de casamento e vi-o sufocar até à morte. O queijeiro esqueceu-se dessa parte? Pretendo acrescentar o meu irmão e a minha irmã à lista antes de acabar, se agradar à sua rainha.

— *Agradar*-lhe? Terá Illyrio perdido o juízo? Porque é que ele imagina que Sua Graça aceitará os serviços de um confesso regicida e traidor? *Uma questão pertinente*, pensou Tyrion, mas o que disse foi:

— O rei que matei estava sentado no trono dela, e todos aqueles que traí eram leões, por isso, parece-me que já prestei à rainha bons serviços. — Coçou o toco do nariz. — Não tenha medo, não vou matar-lhe, não é da minha família. Posso ver o que o queijeiro escreveu? Tenho um fraquinho por ler a meu respeito.

Griff ignorou o pedido. Em vez de lhe dar resposta levou a carta à chama da vela e ficou observando o pergaminho a enegrecer, enrolar e incendiar-se.

— Há sangue entre Targaryen e Lannister. Porque haveria você de apoiar a causa da Rainha Daenerys?

— Por ouro e pela glória — disse o anão num tom alegre. — Oh, e por ódio. Se tivesse conhecido a minha irmã, compreenderia.

— Eu compreendo o ódio bastante bem. — Pelo modo como Griff disse a palavra, Tyrion compreendeu que aquilo era verdade. *Este também jantou ódio. Foi aquecendo-o durante a noite ao longo de anos.*

— Então temos isso em comum, sor.

— Não sou cavaleiro nenhum.

Não só é mentiroso, como é mal mentiroso. Isso foi desastrado e estúpido, senhor.

— E, no entanto, Sor Pato diz que o armou cavaleiro.

— Pato fala demais.

— Alguns poderiam espantar-se por um pato conseguir falar de todo. Não importa, *Griff*. Não é cavaleiro nenhum e eu sou Hugor Hill, um monstrinho. O *seu* monstrinho, se quiser. Tem a minha palavra, tudo o que desejo é ser um leal servo da sua rainha dos dragões.

— E como é que propõe servi-la?

— Com a língua. — Lambeu os dedos, um por um. — Posso dizer a Sua Graça como a minha querida irmã pensa, se é que é possível chamar aquilo pensar. Posso dizer aos seus capitães qual a melhor maneira de derrotar o meu

irmão Jaime em batalha. Sei quais dos senhores têm coragem e quais são covardes, quais são leais e quais são venais. Posso entregar-lhe aliados. E sei muitíssimo sobre dragões, como o seu semi-meistre te dirá. E também sou divertido, e não como muito. Considera-me o seu leal duende. Griff refletiu naquilo por um momento.

— Compreende o seguinte, anão. É o último e o menos importante do nosso grupo. Domina a língua e faz o que lhe é dito, senão depressa desejará tê-lo feito.

Sim, pai, quase disse Tyrion.

— Como quiser, senhor.

— Não sou senhor nenhum.

Mentiroso.

— Era uma cortesia, meu amigo.

— Também não sou seu amigo.

Não é cavaleiro, não é senhor, não és amigo.

— É uma pena.

— Poupe-me da sua ironia. Levo-te até Volantis. Se mostrar-se obediente e útil, poderá ficar conosco, para servir a rainha o melhor que puder. Se mostrar que dá mais problemas do que os que vale, pode seguir o seu próprio caminho.

Sim, e o meu caminho irá levar-me ao fundo do Roine com peixes mordiscando o que me resta de nariz. — Valar dohaeris.

— Pode dormir no convés ou no porão, como preferir. A Ysilla vai lhe arranjar mantas.

— Que bondade a dela. — Tyrion fez uma mesura bamboleante, mas ao chegar à porta da cabine virou-se para trás. — E se encontrarmos a rainha e descobrirmos que esta conversa de dragões não passou da fantasia ébria de um marinheiro qualquer? O vasto mundo está cheio desse tipo de histórias loucas. Gramequins e *snarks*, fantasmas e vampiros, sereias, demônios das rochas, cavalos alados, porcos alados… leões alados.

Griff fitou-o, franzindo o semblante.

— Te avisei Lannister. Ou controla a sua língua ou a perde. Há aqui reinos em risco. As nossas vidas, os nossos nomes, a nossa honra. Isto não é nenhum jogo que estamos jogando para seu divertimento.

Claro que é, pensou Tyrion. *O jogo dos tronos*.

— Às suas ordens, capitão — murmurou, voltando a fazer uma venia.

DAVOS

O relâmpago dividiu o céu setentrional, delineando a torre negra da Lâmpada da Noite contra o céu branco azulado. Seis segundos mais tarde chegou o trovão, como um tambor distante.

Os guardas levaram Davos Seaworth por uma ponte de basalto negro e sob uma porta levadiça de ferro que mostrava sinais de ferrugem. Atrás dela ficava um profundo fosso salgado e uma porta levadiça suportada por um par de enormes correntes. Águas verdes ergueram-se por baixo, atirando para cima plumas de borrifos que iam se esmagar contra as fundações do castelo. Depois apareceu uma segunda casa de portão, maior do que a primeira, cujas pedras eram barbadas por algas verdes. Davos atravessou aos tropeções um pátio lamacento com as mãos presas pelos pulsos. Uma chuva fria picou-lhe os olhos. Os guardas empurraram-no pela escada acima, para dentro da cavernosa fortaleza de pedra de Quebrágua.

Uma vez lá dentro, o capitão tirou o manto e pendurou-o em um pino, para não deixar poças no gasto tapete de Myr. Davos fez o mesmo, remexendo no pregador com as mãos atadas. Não tinha esquecido as cortesias que aprendera em Pedra do Dragão durante os seus anos de serviço.

Foram encontrar o senhor sozinho nas sombras do seu salão, comendo um jantar de cerveja, pão e estufado das irmãs. Vinte arandelas de ferro estavam montadas ao longo das espessas paredes de pedra, mas só quatro continham archotes, e nenhum deles estava aceso. Duas grossas velas de sebo davam uma luz parca e tremeluzente. Davos ouvia a chuva açoitando as paredes e um pingar constante vindo de onde, no telhado, se abrira uma goteira.

— Senhor — disse o capitão — encontramos este homem na Barriga da Baleia, tentando comprar passagem pra fora da ilha. Tinha doze dragões com ele, e também esta coisa. — O capitão colocou na mesa ao lado do senhor: uma fita larga de veludo negro ornada com pano de ouro e ostentando três selos; um veado coroado estampado em cera de abelha dourada, um coração flamejante em vermelho, uma mão em branco.

Davos esperou, molhado e pingando, com os pulsos arranhados onde a corda úmida se enterrava na pele. Bastaria uma palavra daquele senhor para ele estar em breve pendurado do Portão da Forca de Vilirmãs, mas pelo menos estava fora da chuva, com pedra sólida debaixo dos pés em vez de um convés

oscilante. Estava ensopado, dolorido e descomposto, perturbado pelo desgosto e a traição, e mortalmente farto de tempestades.

O senhor limpou a boca com as costas da mão e pegou na fita para observar mais de perto. Um relâmpago brilhou lá fora, fazendo as seteiras cintilar azuis e brancas durante meio segundo. Um, dois, três, quatro, contou Davos, antes de chegar o trovão. Quando se silenciou, pôs-se à escuta do gotejar da água e do rugido mais indistinto sob os seus pés, onde as ondas se esmagavam contra os enormes arcos de pedra de Quebrágua e rodopiavam através das suas masmorras. Podia perfeitamente acabar lá em baixo, acorrentado a um úmido chão de pedra e deixado para se afogar quando a maré invadisse a masmorra. Não, tentou dizer a si, um contrabandista podia morrer assim, mas um Mão do Rei não. Valho mais se ele me vender à sua rainha.

O senhor passou os dedos pela fita, franzindo o semblante aos selos. Era um homem feio, grande e carnudo, com os ombros espessos de um remador e sem pescoço. Barba por fazer, irregular e grisalha, cobria-lhe as bochechas e o queixo, com manchas onde crescia branca. Por cima de uma testa maciça, era calvo. O nariz era grumoso e tornado vermelho por veias rotas, os labios eram grossos, e tinha uma espécie de membrana entre os três dedos intermediarios da mão direita. Davos ouvira dizer que alguns dos senhores das Três Irmãs tinham mãos e pés membranosos, mas sempre encarara a história como mais um relato de marinheiros.

O senhor recostou-se.

— Cortem as cordas — disse — e descalçem essas luvas. Quero ver suas mãos.

O capitão fez o que lhe era dito. Quando puxou para cima a mutilada mão esquerda do cativo, o relâmpago voltou a brilhar, derramando a sombra dos dedos encurtados de Davos Seaworth sobre a cara rude e brutal de Godric Borrell, Senhor de Irmã Doce.

— Qualquer homem pode roubar uma fita — disse o senhor — mas esses dedos não mentem. — É o cavaleiro das cebolas.

— Chamam-me disso, senhor. — O próprio Davos era senhor, e já era cavaleiro há muitos anos, mas no seu íntimo continuava a ser o que sempre fora, um contrabandista de nascimento plebeu que comprara o grau de cavaleiro com um porão de cebolas e peixe salgado. — Também me chamam de coisas piores.

— Pois sim. Traidor. Rebelde. Vira-casaca.

Irritou-se com a última palavra.

— Nunca virei à casaca, senhor. Sou um homem do rei.

— Só se Stannis for um rei. — O senhor avaliou-o com duros olhos negros. — A maioria dos cavaleiros que desembarcam nas minhas costas procura-me no meu palácio, não na Barriga da Baleia. Vil covil de contrabandistas, esse. Está regressando ao seu antigo ofício, cavaleiro das cebolas?

— Não, senhor. Procurava passagem para Porto Branco. O rei enviou-me, com uma mensagem para o senhor da cidade.

— Então está no lugar errado com o senhor errado. — O Lorde Godric pareceu divertido. — Isto é Vilirmãs, na Irmã Doce.

— Eu sei que é. — Nada havia de doce em Vilirmãs, porém. *Era uma vila maligna, uma pocilga, pequena, má e fétida dos odores a caca de porco e peixe podre.* Davos lembrava-se bem dela dos seus dias de contrabandista. As Três Irmãs eram pouso favorito para contrabandistas há centenas de anos, e antes disso tinham sido um ninho de piratas. As ruas de Vilirmãs eram lama e tábuas, as suas casas eram cabanas de taipa com telhados de palha, e junto do Portão da Forca havia sempre enforcados com as entranhas pendentes.

— Tem amigos aqui, não duvido — disse o senhor. — Todos os contrabandistas têm amigos nas Irmãs. Alguns deles são também meus amigos. Aqueles que não são, enforco-os. Deixo-os sufocar lentamente, com as tripas batendo nos joelhos. — O salão voltou a iluminar-se quando um relâmpago brilhou nas janelas. Dois segundos mais tarde, chegou o trovão. — Se é Porto Branco que quer, porque você está em Vilirmãs? O que te trouxe aqui?

Uma ordem de um rei e uma traição de um amigo, podia ter dito Davos. Em vez disso, respondeu:

— Tempestades.

Vinte e nove navios tinham zarpado da Muralha. Se metade deles continuassem flutuando, Davos se sentiria chocado. Céus negros, ventos amargos e chuvas cortantes tinham os perseguido ao longo de toda a costa. As galés *Oledo* e *Filho da Velha Mãe* tinham sido atiradas contra os rochedos de Skagos, a ilha de unicórnios e canibais onde até o Bastardo Cego temera acostar; a grande coca Saathos Saan fora a pique ao largo dos Penhascos Cinzentos.

— Stannis pagará por elas — enfurecera-se Salladhor Saan. — Pagará por elas com bom ouro, por cada uma. — Era como se algum deus furioso estivesse reclamando o pagamento da viagem fácil que tinham tido para norte, empurrado por um vento constante de sul desde Pedra do Dragão até à Muralha.

Outra tormenta rasgara o velame da *Farta Colheita*, forçando Salla a rebocá-la. Dez léguas ao norte da Atalaia da Viúva os mares tinham voltado a encapelar-se, atirando a Colheita contra uma das galés que a rebocava e afundando-as a ambas. O resto da frota lisena fora espalhada pelo mar estreito. Alguns dos navios acabariam por ir dar a um ou outro porto. Outros nunca mais seriam vistos.

— Salladhor, o Pedinte, foi isso o que o seu rei fez de mim — queixara-se Salladhor Saan a Davos quando os restos da sua frota atravessaram coxeando a Dentada. — Salladhor, o Esmagado. Onde estão os meus navios? E o meu ouro, onde está todo o ouro que me foi prometido? — quando Davos tentara assegurar-lhe que obteria o seu pagamento, Salla explodira. — *Quando, quando? Amanhã, na lua nova, quando o cometa vermelho voltar? Ele está prometendo-me ouro e pedras preciosas, sempre prometendo, mas o seu ouro eu não vi. Tenho a palavra dele, diz ele, oh, sim, a sua régia palavra, ele escreve-a. Será que Salladhor Saan pode comer a palavra do rei? Pode matar a sede com pergaminhos e selos de cera? Pode atirar promessas para uma cama de penas e fodê-las até guincharem?*

Davos tentara persuadi-lo a manter-se fiel. Fizera notar que se Salla abandonasse Stannis e a sua causa, abandonava todas as esperanças de receber o ouro que lhe era devido. Afinal de contas, não era provável que um Rei Tommen vitorioso pagasse as dívidas do seu tio derrotado. A única esperança de Salla era permanecer leal a Stannis Baratheon até este conquistar o Trono de Ferro. De outro modo, nunca veria um tostão do seu dinheiro. Tinha de ter paciência.

Talvez algum lorde com mel na língua pudesse ter feito o príncipe pirata liseno mudar de ideia, mas Davos era um cavaleiro de cebolas e as suas palavras só tinham levado Salla a nova indignação.

— *Em Pedra do Dragão tive paciência* — dissera — *quando a mulher vermelha queimou deuses de madeira e homens aos gritos. Ao longo de todo o caminho até à Muralha, tive paciência. Em Atalaialeste, tive paciência e frio, tanto frio. Bah, digo eu. Bah para a tua paciência, e bah para o seu rei. Os meus homens têm fome. Estão desejando voltar a foder as mulheres, contar os filhos, ver os Degraus e os jardins de prazer de Lys. Gelo e tempestades e promessas vazias, isto não estão desejando. Este norte é frio demais, e está ficando mais frio.*

Eu sabia que este dia chegaria, pensou Davos. Gostava do velho patife, mas nunca fui suficientemente tolo para confiar nele.

— Tempestades. — O Lorde Godric pronunciou a palavra com tanto carinho como outro homem poderia pronunciar o nome da sua amante. — As tempestades já eram sagradas nas Irmãs antes da chegada dos ândalos. Os nossos deuses de antigamente eram a Senhora das Ondas e o Senhor dos Céus. Faziam tempestades sempre que acasalavam. — Inclinou-se para frente. — Esses reis nunca se incomodam com as Irmãs. Porque haveriam de se incomodar? Somos pequenos e pobres. E, no entanto, está aqui. Entregue em minhas mãos pelas tempestades.

Entregue a ti por um amigo, pensou Davos.

O Lorde Godric virou-se para o seu capitão.

— Deixa este homem comigo. Ele nunca esteve aqui. — Não, senhor. Nunca. — O capitão retirou-se, deixando com as botas molhadas pegadas úmidas no tapete. Por baixo do chão, o mar estava rumorejante e desassossegado, arremetendo contra os pés do castelo. A porta exterior fechou-se com um som que era como um trovão distante, e de novo surgiu o relâmpago, como que em resposta.

— Senhor — disse Davos — se me enviar para Porto Branco, Sua Graça contaria tal ato como um ato de amizade.

— Podia enviar-vos para Porto Branco — concedeu o senhor. — Ou então podia enviar-vos para qualquer inferno úmido e frio.

Vilirmãs é inferno que chegue. Davos temeu o pior. As Três Irmãs eram umas cabras volúveis, leais apenas a si mesmas. Supostamente, estavam juramentadas aos Arryn do Vale, mas o domínio do Ninho de Águia sobre as ilhas era no máximo tênue.

— Sunderland quereria que eu o entregasse, se soubesse de tí. — Os Borrell recebiam vassalagem da Irmã Doce, tal como os Longthorpe da Irmã Longa e os Torrent da Irmã Pequena; todos estavam juramentados a Triston Sunderland, o Senhor das Três Irmãs. — O venderia à rainha, por um pote daquele ouro Lannister. O pobre do homem precisa de cada dragão, com sete filhos todos decididos a serem cavaleiros. — O lorde pegou numa colher de pau e voltou a atacar o estufado. — Eu costumava amaldiçoar os deuses que só me deram filhas, até ouvir Triston lamentar o custo de cavalos de guerra. Ficaria surpreendido por saber quantos peixes são precisos para comprar um conjunto decente de armadura de placas de aço e cota de malha.

— Eu também tive sete filhos, mas quatro estão queimados e mortos. — O Lorde Sunderland está juramentado ao Ninho de Águia — disse Davos. —

Pelo direito, devia entregar-me à Senhora Arryn. — Julgava que teria melhores hipóteses com ela do que com os Lannister. Embora não tivesse participado na Guerra dos Cinco Reis, Lysa Arryn era filha de Correrrio e tia do Jovem Lobo.

— Lysa Arryn está morta — disse o Lorde Godric — assassinada por um cantor qualquer. Quem governa agora o vale é o Lorde Mindinho. Onde estão os piratas? — quando Davos não respondeu, deu uma pancada na mesa com a colher. — Os lisenos. O Torrent viu-lhes as velas da Irmã Pequena, e antes dele os Flint também as viram da Atalaia da Viúva. Velas cor de laranja, verdes e cor-de-rosa. Salladhor Saan. Onde está ele?

— No mar. — Salla deveria estar velejando em volta dos Dedos e ao longo do mar estreito. Ia regressar aos Degraus com os poucos navios que lhe restavam. Talvez adquirisse mais alguns no caminho, se deparasse com mercadores promissores. Um pouco de pirataria para ajudar as léguas a passar. — Sua Graça mandou-o para sul, para incomodar os Lannister e os seus amigos. — A mentira tinha sido ensaiada, enquanto remava através da chuva na direção de Vilirmãs. Mais tarde ou mais cedo, o mundo ficaria sabendo que Salladhor Saan abandonara Stannis Baratheon, deixando-o sem frota, mas não o ouviria dos lábios de Davos Seaworth.

O Lorde Godric mexeu o estofado.

— Esse velho pirata do Saan o obrigou a nadar até à costa?

— Vim para terra num bote, senhor. — Salla esperara até que o feixe da Lâmpada da Noite brilhasse a bombordo da proa da *Valiriana* antes de o pôr fora do navio. A amizade entre ambos, pelo menos, valera isso. Reconhecia que o liseno o teria levado de bom grado para sul com ele, mas Davos recusara. Stannis precisava de Wyman Manderly, e confiara nele para conquistá-lo. Dissera a Salla que não trairia essa confiança.

— Bah — respondera o príncipe pirata — ele vai matar-te com essas honrarias, velho amigo. Ele vai matar-te.

— Nunca antes tinha tido um Mão do Rei debaixo do meu teto — disse Lorde Godric. — Me pergunto se Stannis o resgataria.

Resgataria? Stannis dera a Davos terras, títulos e cargos, mas pagaria bom ouro para comprar a sua vida de volta? Ele não tem ouro. Se tivesse ainda teria o Salla.

— Encontrará Sua Graça em Castelo Negro, se quiser lhe perguntar isso.

Borrell soltou um grunhido. — O Duende também está em Castelo Negro?

— O Duende? — Davos não compreendeu a pergunta. — O Duende está em Porto Real, condenado a morrer pelo assassinato do sobrinho.

— O meu pai costumava dizer que a Muralha é a última a saber. O anão fugiu. Enfiou-se por entre as barras da sua cela e rasgou o pai em pedaços com as mãos nuas. Um guarda o viu fugir, vermelho dos pés à cabeça, como se tivesse tomado banho em sangue. A rainha fará um senhor de qualquer homem que o mate.

Davos lutou por acreditar naquilo que estava ouvindo.

— Está a me dizer que Tywin Lannister está morto?

— Está me dizendo que Tywin Lannister está morto?

— Pelas mãos do filho, pois sim. — O senhor bebeu um gole de cerveja. — Quando havia reis nas Irmãs não tolerávamos que anões sobrevivessem. Atirávamo-los todos ao mar, como oferenda aos deuses. Os septões nos fizeram parar com isso. Uma matilha de idiotas piedosos. Porque haveriam os deuses de dar uma tal forma a um homem, se não fosse para o identificar como monstro?

O Lorde Tywin morto. Isto muda tudo.

— Senhor, me dá licença para enviar um corvo para a Muralha? Sua Graça vai querer saber da morte do Lorde Tywin.

— Ele saberá. Mas não por mim. Nem por você, enquanto estiver aqui debaixo do meu telhado esburacado. Não quero que se diga que dei a Stannis ajuda e conselhos. Os Sunderland arrastaram as Irmãs para duas das rebeliões Blackfyre, e todos sofremos bastante com isso. — O Lorde Godric indicou uma cadeira com um aceno de colher. — Sente-se. Antes que caia, sor. O meu salão é frio, úmido e escuro, mas não é desprovido de alguma cortesia. Arranjaremos roupa seca, mas primeiro comerá. — Soltou um grito e uma mulher entrou no salão. — Temos um hóspede para alimentar. Traz cerveja, pão e estufado das irmãs.

A cerveja era castanha, o pão preto, o estufado de um branco cremoso. Ela serviu-o num trincho aberto num pão duro. Estava carregado de alho-poró, cenoura, cevada e nabos brancos e amarelos, bem como amêdoas e pedaços de bacalhau e polpa de caranguejo, nadando num caldo de creme e manteiga. Era a espécie de estufado que aquecia um homem até aos ossos, precisamente a coisa certa para uma noite úmida e fria. Davos emborcou-o, sentindo-se grato.

— Já tínha provado estufado das irmãs?

— Já, senhor. — O mesmo estufado era servido em todas as Três Irmãs, em todas as estalagens e tabernas.

— Isto é melhor do que o que comera antes. É a Gella que o faz. A filha da minha filha. É casado, cavaleiro da cebola?

— Sou, senhor.

— Uma pena. A Gella não é. As mulheres modestas dão as melhores esposas. Há aí três tipos de caranguejo. Caranguejos vermelhos, caranguejos-aranhas e conquistadores. Eu não como aranhas exceto no estufado das irmãs. Faz com que me sinta meio canibal. — Sua senhoria indicou com um gesto o estandarte que pendia por cima da lareira fria e negra. Um caranguejo-aranha estava aí bordado, branco num campo de verde acinzentado. — Ouvimos histórias sobre Stannis ter queimado o seu Mão.

— O Mão que me antecedeu. Melisandre entregara Alester Florent ao seu deus em Pedra do Dragão, a fim de conjurar o vento que os levara para norte. O Lorde Florent mantivera-se forte e silencioso enquanto os homens da rainha o atavam ao poste, mostrando tanta dignidade como qualquer homem seminu podia esperar mostrar, mas quando as chamas lhe lamberam as pernas começara a gritar, e os seus gritos tinham-nos levado ao longo de todo o caminho até Ataialeste-do-Mar, crendo no que a mulher vermelha dizia. Davos não gostara daquele vento. Parecera-lhe cheirar a carne queimada, e o seu som era angustiado enquanto brincava no cordame. Podia com igual facilidade ter sido eu.

— Não ardi — assegurou ao Lorde Godric — embora Atalaialeste quase me tenha congelado.

— A Muralha faz dessas coisas. — A mulher trouxe-lhes mais um pão, ainda quente do forno. Quando Davos viu a mão dela, ficou olhando. Isso não passou despercebido ao Lorde Godric. — Pois, ela tem a marca. Como todos os Borrell, desde há cinco mil anos. Filha da minha filha. Não aquela que faz o estufado. — Partiu o pão ao meio e ofereceu metade a Davos. — Coma. É bom.

E era, embora qualquer côdea bolorenta tivesse descido igualmente bem a Davos; significava que era ali um hóspede, pelo menos por aquela noite. Os senhores das Três Irmãs tinham uma reputação negra, e nenhum a tinha pior do que Godric Borrell, Senhor da Irmã Doce, Escudo de Vilirmãs, Mestre do Castelo de Quebrágua e Guardião da Lâmpada da Noite... Mas mesmo senhores ladrões e causadores de naufrágios estavam sujeitos às antigas leis da

hospitalidade. Pelo menos verei a alvorada, disse Davos a si. Comi do seu pão e sal.

Embora houvesse temperos mais estranhos do que sal naquele estufado das irmãs.

— Isto que estou saboreando é açafrão? — açafrão valia mais do que ouro. Davos só provara tal coisa uma vez, quando o Rei Robert lhe mandara meio peixe num banquete em Pedra do Dragão.

— É. De Qarth. E também há pimenta. — O Lorde Godric recolheu uma pitada entre o polegar e o indicador e espalhou-a pelo seu trincho. — Pimenta preta de primeira vinda de Volantis, não há nada melhor. Use toda a que quiser, se você estiver se sentindo apimentado. Tenho quarenta arcas dela. Já para não falar de cravinho e noz-moscada e uma libra de açafrão. Tirei-a de uma donzela de olhos amendoados. — Riu-se. Davos viu que o outro ainda tinha todos os seus dentes, embora a maioria fosse amarelos e um no maxilar superior estivesse negro e morto. — Dirigia-se a Bravos, mas uma tormenta atirou-a para a Dentada e baseu contra umas das minhas rochas. Portanto, como vê, não sou o único presente que as tempestades me trouxeram. O mar é coisa traiçoeira e cruel.

Não tão traiçoeiro como os homens, pensou Davos. Os antepassados do Lorde Godric tinham sido reis piratas até que os Stark tinham caído sobre eles com fogo e espada. Nos dias que corriam, os homens das irmãs deixavam a pirataria descarada para Salladhor Saan e os da sua laia e limitavam-se a causar naufrágios. Os faróis que ardiam ao longo das costas das Três Irmãs destinavam-se a avisar contra baixios, recifes e rochedos e a indicar o caminho para a segurança, mas em noites tempestuosas e de nevoeiro os homens das Irmãs usavam falsas luzes para atrair capitães incautos para a desgraça.

— As tempestades fizera-nos um favor, soprando-o para a minha porta — disse o Lorde Godric.

— Encontraria umas frias boas-vindas em Porto Branco. Chegastes tarde demais, sor. O Lorde Wyman pretende dobrar o joelho, e não a Stannis. — Bebeu um gole de cerveja. — Os Manderly não são nortenhos, no fundo não o são. Não foi há mais de novecentos anos que vieram para norte, carregados com todo o seu ouro e os seus deuses. Tinham sido grandes senhores no Vago até terem excedido e as mãos verdes os terem posto no lugar. O rei dos lobos ficou-lhes com o ouro, mas deu-lhes terras e deixou-os ficar com os seus deuses. — Mergulhou um bocado de pão no estufado. — Se Stannis julga que o gordo vai

montar o veado, engana-se. O Leostrela aportou a Vil irmãs há doze dias, para encher os barris de água. Conhece o navio? Velas carmesim e um leão dourado à proa. E cheio de Freys, a caminho de Porto Branco.

— Freys? — aquela era a última coisa que Davos teria esperado. — Ouvimos dizer que os Frey mataram o filho do Lorde Wyman.

— Pois — disse o Lorde Godric — e o gordo ficou tão furioso que jurou viver de pão e vinho até ter a sua vingança. Mas antes de o dia chegar ao fim estava outra vez enfiando amêijoas e bolos na boca. Há sempre navios navegando entre as Irmãs e Porto Branco. Nós vendemos-lhes caranguejos, peixe e queijo de cabra, eles vendem-nos madeira, lã e peles. Segundo o que tenho ouvido, sua senhoria está mais gorda do que nunca. Lá se foi o juramento. As palavras são vento, e o vento vindo da boca de Manderly não tem mais significado do que aquele que se lhe escapa do traseiro. — O lorde partiu mais um bocado de pão para limpar o fundo ao trincho. — Os Frey estavam levando ao idiota do gordo um saco de ossos. Alguns chamam a isso cortesia, trazer a um homem os ossos do filho morto. Se tivesse sido o meu filho, eu teria devolvido a cortesia e agradecido aos Frey antes de enforcá-los, mas o gordo é nobre demais para isso. — Enfiou o pão na boca, mastigou, engoliu. — Eu recebi os Frey ao jantar. Um sentou-se mesmo aí onde está sentado. Rhaegar, chamou ele a si. Quase ri na cara dele. Que tinha perdido a mulher, disse o homem, mas pretendia arranjar uma nova em Porto Branco. Corvos tinham andado voando de um lado para o outro. O Lorde Wyman e o Lorde Walder fizeram um pacto, e pretendem selá-lo com um casamento.

Davos sentiu-se como se o lorde o tivesse esmurrado na barriga. Se o que ele diz é verdade, o meu rei está perdido. Stannis Baratheon tinha uma necessidade desesperada de Porto Branco. Se Winterfell era o coração do norte, Porto Branco era a sua boca. O seu estuário permanecera livre de gelo, mesmo nas profundezas do inverno, durante séculos. Com o inverno chegando, isso podia ter um significado enorme. E a prata da cidade também. Os Lannister tinham todo o ouro de Rochedo Casterly, e tinham-se casado com a riqueza de Jardim de Cima. Os cofres do Rei Stannis estavam esgotados. Tenho de tentar; pelo menos. Pode haver alguma maneira de impedir este casamento.

— Tenho de chegar a Porto Branco — disse. — Senhor, suplico-lhe, ajude-me.

O Lorde Godric começou a comer o trincho, partindo-o com as grandes mãos. O estufado amolecera o pão duro.

— Não sinto amor nenhum por nortenhos — anunciou. — Os meistres dizem que a Violação das Três Irmãs foi há mil anos, mas Vilirmãs não esqueceu. Antes disso éramos um povo livre, com os nossos reis a nos governar. Depois, tivemos de dobrar os joelhos ao Ninho de Águia para expulsar os nortenhos. O lobo e o falcão levaram mil anos lutando por nós até, entre os dois, terem roído toda a gordura e a carne de cima dos ossos destas pobres ilhas. Quanto ao seu Rei Stannis, quando foi mestre dos navios de Robert enviou uma frota para o meu porto sem a minha licença, e obrigou-me a enforcar uma dúzia de bons amigos. Homens como você. Chegou ao ponto de ameaçar enforcar a mim se encalhasse algum navio à costa por a Lâmpada da Noite se ter apagado. Tive de engolir a arrogância dele. — Comeu um pouco do trincho. — Agora vem para norte rebaixado, com o rabo entre as pernas. Porque haveria de lhe prestar alguma assistência? Respondei-me a isto.

Porque é o seu legítimo rei, pensou Davos. *Porque é um homem forte e justo; o único homem que pode recuperar o reino e defendê-lo contra o perigo que se reúne a norte. Porque tem uma espada mágica que brilha com a luz do sol.* As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Nenhuma delas faria o Senhor da Irmã Doce mudar de idéia. Nenhuma o colocaria dez centímetros mais próximo de Porto Branco. *Que resposta quer ele? Terei de lhe prometer ouro que não temos? Um marido bem nascido para a filha da filha? Terras, honrarias, títulos?* O Lorde Alester Florent tentara jogar esse jogo, e o rei queimara-o por isso.

— A Mão perdeu a língua, parece. Ou não gosta do estufado das irmãs ou da verdade. — O Lorde Godric limpou a boca.

— O leão está morto — disse Davos, lentamente. — Aí tem a sua verdade, senhor. Tywin Lannister está morto.

— E se estiver?

— Quem governa agora em Porto Real? Tommen não é, ele não passa de uma criança. É Sor Kevan?

A luz das velas cintilou nos olhos negros do Lorde Godric.

— Se fosse, estaria acorrentado. Quem governa é a rainha.

Davos compreendeu. Ele alimenta dúvidas. Não quer dar por si do lado perdedor.

— Stannis defendeu Ponta Tempestade contra os Tyrell e os Redwyne. Tomou Pedra do Dragão aos últimos Targaryen. Esmagou a Frota de Ferro ao largo da Ilha Bela. Esta criança rei não prevalecerá contra ele.

— Esta criança rei controla a riqueza do Rochedo Casterly e o poder de Jardim de Cima. Tem os Bolton e os Frey. — O Lorde Godric esfregou o queixo. — Mesmo assim... Neste mundo só o inverno é certo. Ned Stark disse isso ao meu pai, precisamente aqui neste salão.

— Ned Stark esteve aqui?

— Na aurora da Rebelião de Robert. O Rei Louco tinha enviado uma mensagem ao Ninho de Águia exigindo a cabeça do Stark, mas Jon Arryn enviou-lhe o desafio em resposta. Mas Vila Gaivota permaneceu leal ao trono. Para chegar a casa e convocar os vassalos, o Stark teve de atravessar as montanhas até aos Dedos e arranjar um pescador que o levasse para o outro lado da Dentada. Uma tempestade apanhou-os no caminho. O pescador afogou-se, mas a filha fez o Stark chegar às Irmãs antes de o barco ir ao fundo. Diz-se que ele a deixou com um saco de prata e um bastardo na barriga. A moça chamou-lhe Jon Snow, em homenagem ao Arryn.

— Mas adiante. O meu pai estava sentado onde eu estou agora quando o Lorde Eddard veio a Vilirmãs. O nosso meistre incentivou-nos a enviar a Aerys a cabeça do Stark, para provar a nossa lealdade. Isso teria implicado uma rica recompensa. O Rei Louco era generoso com aqueles que lhe agradavam. Mas por essa altura já sabíamos que Jon Arryn tinha tomado Vila Gaivotas. Robert foi o primeiro homem a ultrapassar a muralha, e matou Marq Grafton com as próprias mãos. *Este Baratheon é destemido,* disse eu. *Combate como um rei deve combater.* O nosso meistre riu-se de mim e disse-nos que o Príncipe Rhaegar ia com certeza derrotar aquele rebelde. Foi então que o Stark disse: *Neste mundo só o inverno é certo. Podemos perder as cabeças, é verdade... Mas e se prevalecermos?* O meu pai mandou-o embora ainda com a cabeça sobre os ombros. *Se perderdes, disse ao Lorde Eddard, Nunca estiveste aqui.*

—Tal como eu nunca estive — disse Davos Seaworth.

JON

Trouxeram o Rei-para-lá-da-Muralha com as mãos atadas por corda de cânhamo e um laço em volta do pescoço.

A outra ponta da corda estava enrolada em volta do grande arção da sela do corcel de Sor Godry Farring. Mata-Gigantes e a sua montaria estavam couraçados de aço prateado com embutidos de nigelo. Mance Rayder usava apenas uma túnica fina que lhe deixava os membros expostos ao frio. *Podiam ter deixado que ficasse com o manto*, pensou Jon Snow, *aquele que a mulher selvagem remendou com faixas de seda carmesim.*

Pouco admirava que a Muralha estivesse chorando.

— Mance conhece melhor a floresta assombrada do que qualquer patrulheiro — disse Jon ao Rei Stannis, num último esforço para convencer Sua Graça de que o Rei-para-lá-da-Muralha lhes seria mais útil vivo do que morto. — Ele conhece Tormund Terror dos Gigantes. Combaseu os Outros. E tinha o Corno de Joramun e não o soprou. Não derrubou a Muralha quando podia tê-lo feito.

As suas palavras caíram em orelhas moucas. Stannis permanecera inabalável. A lei era simples; a vida de um desertor estava perdida.

Por baixo da Muralha chorosa, a Senhora Melisandre ergueu as pálidas mãos brancas.

— *Todos temos de escolher* — proclamou. — Homem ou mulher, jovem ou velho, senhor ou camponês, as nossas escolhas são as mesmas. — A voz dela fazia Jon Snow pensar em anis, noz-moscada e cravinho. Estava ao lado do rei em cima de um patíbulo de madeira erguido acima do fosso. — Ou escolhemos a luz ou escolhemos a escuridão. Ou escolhemos o bem ou escolhemos o mal. Ou escolhemos o deus verdadeiro ou o falso.

O espesso cabelo castanho-acinzentado de Mance Rayder soprou em volta do rosto enquanto caminhava. Afastou-o dos olhos com ambas as mãos, sorrindo. Mas quando viu a gaiola, a coragem falhou-lhe. Os homens da rainha tinham-na feito com as árvores da floresta assombrada, com árvores jovens e ramos flexíveis, com galhos de pinheiro pegajosos de seiva, e com os dedos brancos como ossos dos represeiros. Tinham-nos dobrado e torcido em volta e através uns dos outros a fim de tecer um gradeado de madeira, e depois tinham-

no pendurado bem alto por cima de um profundo fosso cheio de madeiros, folhas e gravetos.

O rei selvagem recuou ao ver aquilo.

— Não — gritou — *misericórdia.* Isto não está certo, eu não sou o rei, eles...

Sor Godry deu um puxão à corda. O Rei-para-lá-da-Muralha não teve alternativa a não ser tropeçar atrás dele, com a corda estrangulando-lhe as palavras. Quando perdeu o apoio dos pés, Godry o arrastou pelo resto do caminho. Mance estava ensanguentado quando os homens da rainha o enfiaram na gaiola, em parte empurrando-o, em parte carregando com ele. Uma dúzia de homens-de-armas esforçou-se para içá-lo no ar.

A Senhora Melisandre viu-o subir.

— *POVO LIVRE!* Aqui está o seu rei de mentiras. E aqui está o corno que ele promeseu que derrubaria a Muralha. — Dois dos homens da rainha apresentaram o Corno de Joramun, negro e reforçado com ouro antigo, com dois metros e meio de ponta a ponta. Estavam esculpidas runas nas faixas de ouro, a escrita dos Primeiros Homens. Joramun morrera havia milhares de anos, mas Mance encontrara a sua sepultura sob um glaciar, no alto dos Colmilhos de Gelo. *E Joramun soprou o Corno do Inverno e despertou gigantes da terra.* Ygritte dissera a Jon que Mance não chegara a encontrar o corno. *Ela mentiu, ou então Mance manteve o fato em segredo mesmo para com os seus.*

Mil cativos observaram através das barras de madeira da paliçada quando o corno foi erguido bem alto. Todos estavam esfarrapados e meio mortos de fome. *Selvagens* eram como os Sete Reinos lhes chamavam; eles chamavam a si próprios *o povo livre.* Não pareciam nem selvagens nem livres; só esfomeados, assustados, entorpecidos.

— O Corno de Joramun? — disse Melisandre. — Não. Chame-lhe o Corno das Trevas. Se a Muralha cair, a noite também cai, a longa noite que nunca termina. Isso não pode acontecer, não *irá* acontecer! O Senhor da Luz viu os seus filhos em perigo e enviou-lhes um campeão, Azor Ahai renascido. — Apontou com uma mão para Stannis e o grande rubi que trazia à garganta pulsou de luz.

Ele é pedra e ela é fogo. Os olhos do rei eram pisaduras azuis, profundamente afundadas numa cara encovada. Usava placa de aço cinzenta, com um manto de pano de ouro forrado de peles a escorrer dos largos ombros. A placa de peito tinha um coração flamejante embutido por cima do seu. Cingindo-lhe a testa encontrava-se uma coroa de ouro avermelhado com pontas que eram

como chamas retorcidas. Val estava a seu lado, alta e bonita. Tinham-na coroado com um simples aro de bronze escuro, mas a mulher parecia mais régia com bronze do que Stannis com ouro. Os seus olhos eram cinzentos e destemidos, firmes. Sob um manto de arminho, usava branco e dourado. O cabelo louro como mel tinha sido preso numa grossa trança que lhe pendia por cima do ombro e descia até à cintura. O frio do ar pusera-lhe cor nas bochechas.

A Senhora Melisandre não usava coroa, mas todos os homens ali presentes sabiam que era a verdadeira rainha de Stannis Baratheon, em vez da feia mulher que ele deixara tremendo em Atalaialeste-do-Mar. Segundo se dizia, o rei não pretendia mandar buscar a Rainha Selyse e a filha de ambos até que Fortenoite ficasse pronto a habitar. Jon sentiu pena delas. A Muralha oferecia poucos dos confortos a que as senhoras do sul e as meninas bem nascidas estavam acostumadas, e Fortenoite não oferecia nenhum. Esse era um lugar sombrio, mesmo no melhor dos tempos.

— *POVO LIVRE!* — gritou Melisandre. — Contemple o destino daqueles que escolhem as trevas!

O Corno de Joramun rebentou em chamas.

Incendiou-se com um *uuuch* quando línguas rodopiantes de fogo verde e amarelo saltaram crepitando ao longo de todo o seu comprimento. O garrano de Jon recuou nervosamente, e ao longo das fileiras outros lutaram também por acalmar as montadas. Um gemido ergueu-se da paliçada quando o povo livre viu a sua esperança em chamas. Alguns começaram a gritar e a praguejar, mas a maioria ficou em silêncio. Durante meio segundo as runas gravadas nas faixas de ouro pareceram brilhar no ar. Os homens da rainha deram um balanço e atiraram o corno, rodopiando, para dentro do fosso.

Dentro da gaiola, Mance Rayder esgatanhou o laço em volta da garganta com as mãos atadas e soltou gritos incoerentes sobre traições e bruxarias, negando a sua condição de rei, renegando o seu povo, negando o seu nome, renegando tudo o que alguma vez fora. Guinchou por misericórdia, amaldiçoou a mulher vermelha e desatou a rir histericamente.

Jon observou sem pestanejar. Não se atrevia a parecer muito escrupuloso perante os seus irmãos. Ordenara a saída de duzentos homens, mais de metade da guarnição de Castelo Negro. Montados em solenes fileiras de negro com grandes lanças nas mãos, tinham erguido os capuzes para ocultar os rostos... E esconder o fato de tantos deles serem homens grisalhos ou inexperientes. O

povo livre temia a Patrulha. Jon queria que levassem com eles esse medo para os seus novos lares a sul da Muralha.

O corno colidiu com o madeiramento, as folhas e os gravetos. Três segundos depois, todo o fosso estava em chamas. Agarrando-se às barras da gaiola com ambas as mãos, Mance soluçou e suplicou. Quando o fogo o atingiu fez uma pequena dança. Os seus gritos transformaram-se num longo guincho inarticulado de medo e dor. Esvoaçou no interior da sua gaiola como uma folha incendiada, uma traça apanhada na chama de uma vela.

Jon deu por si a se lembrar de uma canção.

"Irmãos, oh irmãos, os meus dias estão no fim,
o dornês minha vida desfez,
Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer;
e eu provei a mulher do dornês/"

Val mantinha-se de pé na plataforma, tão imóvel como se tivesse sido esculpida em sal. *Ela não irá chorar nem irá desviar o olhar.* Jon perguntou-se o que Ygritte teria feito no seu lugar. *Fortes são as mulheres.* Deu por pensar em Sam e no Meistre Aemon, em Goiva e no bebê. *Ela vai me amaldiçoar com o seu último fôlego, mas eu vi que não havia outra maneira.* Atalaialeste relatara tempestades violentas no mar estreito. *Queria mante-los a salvo. Terei em vez disso dado eles de comer aos caranguejos?* Na noite anterior sonhara com Sam se afogando, com Ygritte morrendo com a sua seta nela espetada (a seta não foi sua, mas nos seus sonhos era sempre), com Goiva chorando lágrimas de sangue.

Jon Snow viu o suficiente.

— Agora — disse.

O Ulmer da Mata Real espetou a lança no chão, pegou no arco que trazia a tiracolo e tirou da aljava uma seta negra. O Doce Donnel Hill atirou o capuz para trás para fazer o mesmo. Garth Greyfeather e o Ben Barbudo encaixaram setas, dobraram os arcos e largaram.

Uma seta atingiu Mance Rayder no peito, uma na barriga, uma na garganta. A quarta espetou-se numa das barras de madeira da gaiola e estremeceu por um instante antes de pegar fogo. Os soluços de uma mulher ecoaram na Muralha quando o rei selvagem deslizou sem forças para o chão da gaiola, engrinaldado de fogo.

— E agora a sua vigia está feita — murmurou Jon suavemente. Mance Rayder foi em tempos um homem da Patrulha da Noite, antes de trocar o manto negro por um manto cortado de brilhante seda vermelha.

Em cima da plataforma, Stannis estava com o aspecto carrancudo. Jon recusou-se a olhá-lo nos olhos. O fundo da gaiola de madeira caíra, e as barras estavam se desfazendo. De todas as vezes que o fogo saltava para o alto, mais ramos se libertavam, vermelhos-cereja e negros.

— O Senhor da Luz fez o Sol, a Lua e as estrelas para iluminar o nosso caminho e deu-nos o fogo para manter a noite afastada — disse Melisandre aos selvagens. — Ninguém pode suportar as suas chamas.

— *Ninguém pode suportar as suas chamas* — ecoaram os homens da rainha.

As vestes de profundo escarlate da mulher vermelha rodopiaram em volta dela, e o seu cabelo de cobre criou um halo em volta do rosto. Altas chamas amarelas dançaram das pontas dos seus dedos como garras.

— *POVO LIVRE!* Os seus falsos deuses não podem ajuda-los. O seu falso corno só os trouxe morte, desespero, derrota... Mas aqui está o verdadeiro rei. *CONTEMPLAI A SUA GLÓRIA!*

Stannis Baratheon puxou pela Luminífera.

A espada brilhou rubra, amarela e laranja, viva de luz. Jon já antes vira o espetáculo... Mas não *assim*, nunca antes assim. A Luminífera era o sol feito aço. Quando Stannis ergueu a lâmina acima da cabeça, os homens tiveram de virar as cabeças para tapar os olhos. Cavalos assustaram-se, e um derrubou o cavaleiro. O incêndio no fosso pareceu encolher-se perante aquela tempestade de luz, como um cão pequeno a retrair-se perante outro maior. A própria Muralha tornou-se vermelha, rósea e laranja quando ondas de cor dançaram pelo gelo fora.

É este o poder do sangue de um rei?

— Westeros só tem um rei — disse Stannis. A sua voz ressoou, dura, sem nenhuma da música de Melisandre. — Com esta espada defendo os meus súditos e destruo aqueles que os ameaçam. Dobrem o joelho e prometo-lhes comida, terras e justiça. Ajoelhem e viverão. Ou então partam e morrerão. A escolha é sua. — Enfiou a Luminífera na bainha, e o mundo voltou a escurecer, como se o Sol se tivesse ocultado por trás de uma nuvem. — Abra os portões.

— *ABRA OS PORTÕES* — berrou Sor Clayton Suggs, numa voz profunda como um corno de guerra.

— *ABRA OS PORTÕES* — ecoou sor Corliss Penny, que comandava os guardas.

— *ABRA OS PORTÕES* — gritaram os sargentos. Homens precipitaram-se para obedecer. Estacas aguçadas foram arrancadas do chão, tábuas foram deitadas sobre profundas valas, e os portões da paliçada foram escancarados. Jon Snow ergueu a mão e baixou-a, e as suas fileiras negras afastaram-se para a esquerda e para a direita, abrindo um caminho até à Muralha, onde Edd Doloroso abriu o portão de ferro.

— Venha — instigou Melisandre. — Venha para a luz... Ou fujam de volta para as trevas. No fosso por baixo dela, o fogo crepitava. — Se escolherem a vida, venha até mim.

E vieram. Devagar a princípio, alguns coxeando ou apoiados nos companheiros, os cativos começaram a sair do seu curral toscamente construído. *Se quiserem comer, venha até mim*, pensou Jon. *Se não quiserem morrer de frio ou à fome, submeteiem-se*. Hesitante, desconfiado de alguma armadilha, o primeiro punhado de prisioneiros atravessou lentamente as tábuas e o anel de estacas, aproximando-se de Melisandre e da Muralha. Mais os seguiram quando viram que nenhum mal acontecera aos que avançaram primeiro. Depois mais, até se transformarem num fluxo contínuo. Homens da rainha, trajando jalecas tachonadas e com meios elmos nas cabeças, entregavam a todos os homens, mulheres e crianças que por eles passavam um bocado de represeiro branco: um pau, um ramo estilhaçado tão branco como osso quebrado, um ramo de folhas rubras como sangue. *Um pouco dos deuses antigos para alimentar o novo*. Jon flexionou os dedos da sua mão da espada.

O calor vindo do fosso era palpável mesmo à distância; para os selvagens tinha de ser abrasador. Viu homens a encolherem-se quando se aproximaram das chamas, ouviu crianças chorando. Alguns viraram para a floresta. Viu uma mulher jovem partir aos tropeções com uma criança em cada mão. De poucos em poucos passos, olhava para trás para se assegurar de que ninguém vinha atrás dela, e quando se aproximou das árvores desatou a correr. Um homem grisalho pegou no ramo de represeiro que lhe deram e usou-o como arma, brandindo-o em volta até que os homens da rainha convergiram sobre ele com lanças. Os outros tiveram de rodear o seu corpo até Sor Corliss mandar atirá-lo à fogueira. Depois disso, foram mais os do povo livre que escolheram a floresta; um em dez, talvez.

Mas a maioria veio. Atrás deles só havia o frio e a morte. Em frente havia esperança. Vieram, agarrando os seus bocados de madeira até chegar a altura de entregá-los às chamas. R'hllor era uma divindade ciumenta, sempre faminta. E assim o novo deus devorou o cadáver do antigo, e projetou gigantescas sombras de Stannis e Melisandre sobre a Muralha, negras contra os reflexos rubros no gelo.

Sigorn foi o primeiro a ajoelhar perante o rei. O novo Magnar de Thenn era uma versão mais nova e mais baixa do pai; esguio, perdendo o cabelo, envergando grevas de bronze e uma camisa de couro com escamas de bronze nela cosidas. A seguir veio o Camisa de Chocalho numa estrepitosa armadura feita de ossos e couro fervido e com um crânio de gigante por elmo. Sob os ossos escondia-se uma criatura arruinada e desgraçada com dentes partidos e castanhos e um tom amarelado no branco dos olhos. *Um homem pequeno, malicioso e traiçoeiro, tão estúpido como cruel.* Jon não acreditava nem por um momento que ele cumprisse a palavra dada. Perguntou-se o que estaria Val sentindo enquanto o via ajoelhar, perdoado.

Chefes menores seguiram-se. Dois chefes de clã dos homens de Cornopé, cujos pés eram negros e duros. Uma velha sábia, reverenciada pelos povos do Guadeleite. Um rapaz escanzelado de olhos escuros com doze anos, filho de Alíyn Mata-Corvos. Halleck, irmão de Harma Cabeça de Cão, com os porcos dela. Cada um ajoelhou perante o rei.

Está frio demais para este espetáculo, pensou Jon.

— O povo livre despreza ajoelhadores — Jon avisara Stannis. — Deixe-os manter o seu orgulho, e gostarão mais de tí. — Sua Graça não quis dar-lhe ouvidos. Dissera:

— O que deles preciso é espadas, não beijos.

Depois de se ajoelharem, os selvagens passaram a arrastar os pés pelas fileiras de irmãos negros na direção do portão. Jon destacara o Cavalo, o Cetim e meia dúzia de outros homens para levá-los através da Muralha com archotes. Do outro lado aguardavam-nos tigelas de sopa quente de cebola e bocados de pão preto com salsichas. E também roupa: mantos, bragas, botas, túnicas, boas luvas de couro. Dormiriam em pilhas de palha limpa, com fogos ardendo para manter afastado o frio da noite. Aquele rei não devia nada ao método. Mais cedo ou mais tarde, contudo, Tormund Terror de Gigantes voltaria a assaltar a Muralha, e Jon perguntava-se que lado escolheriam os novos súditos de Stannis quando essa

hora chegasse. *Pode dar-lhes terras e misericórdia, mas o povo livre escolhe os seus próprios reis, e foi Mance que escolheram, não você.*

Bowen Marsh aproximou a montada da de Jon.

— Este é um dia que nunca julguei ver. — O Senhor Intendente emagrecera visivelmente desde que sofrera um ferimento na cabeça na Ponte dos Crânios. Parte de uma orelha desaparecera. *Já não se parece lá muito com uma romã,* pensou Jon. Marsh disse: — Sangramos para travar os selvagens na Garganta. Bons homens foram alí mortos, amigos e irmãos. Para quê?

— O reino amaldiçoará a todos nós por isto — declarou Sor Alliser Thorne, num tom venenoso. — Todos os homens honestos de Westeros vão virar a cabeça e cuspir quando se mencionar a Patrulha da Noite.

Que sabes tu sobre homens honestos?

— Silêncio nas fileiras. — Sor Alliser tornara-se mais discreto desde que Lorde Janos perdera a cabeça, mas a malícia ainda lá estava. Jon brincara com a ideia de lhe entregar o comando que Slynt recusara, mas queria o homem por perto. Sempre foi o mais perigoso dos dois. *Em vez disso, despachara um intendente grisalho da Torre Sombria para assumir o comando em Guardagris.*

Esperava que as duas novas guarnições fizessem alguma diferença. A Patrulha pode fazer o povo livre sangrar; mas no fim de contas não podemos ter esperança de lhes pôr travas. Entregar Mance Rayder ao fogo não mudava a verdade desse fato. *Continuamos a ser poucos demais e eles continuam a ser muitos, e sem patrulheiros estamos, na prática, cegos. Tenho de enviar homens lá para fora. Mas, se o fizer, regressarão?*

O túnel através da Muralha era estreito e retorcido, e muitos dos selvagens eram velhos ou estavam doentes ou feridos, de modo que o avanço era dolorosamente lento. Quando os últimos dobraram o joelho, a noite já caíra. O fogo no fosso ardia com pouca força, e a sombra do rei na Muralha encolhera até um quarto da sua anterior altura. Jon Snow conseguia ver a sua respiração no ar. *Frio,* pensou, *e ficando mais frio. Este espetáculo de saltimbancos já durou tempo suficiente.*

Duas vintenas de cativos permaneciam junto da paliçada. Quatro gigantes estavam entre eles, criaturas monumentais e peludas com ombros inclinados, pernas tão grandes como troncos de árvore, e enormes pés chatos. Apesar de serem tão grandes, talvez ainda conseguissem atravessar a Muralha, mas um deles não queria abandonar o seu mamute e os outros não queriam deixá-lo. Os outros que permaneciam eram todos de estatura humana. Alguns estavam

mortos e alguns moribundos; mais eram familiares ou companheiros próximos daqueles, nada dispostos a abandoná-los mesmo que em troca de uma tigela de sopa de cebolas.

Alguns tremendo, outros muito entorpecidos para tremer, escutaram quando a voz do rei ecoou na Muralha, trovejante.

— São livres de partir — disse-lhes Stannis. — Conte ao seu povo o que testemunharam. Conte-lhes que viram o verdadeiro rei, e que são bem-vindos ao seu reino, desde que mantenham a paz. Se assim não for, é melhor que fujam ou se escondam. Não tolerarei mais ataques contra a minha Muralha.

— *Um reino, um deus, um rei!* — gritou a Senhora Melisandre.

Os homens da rainha repetiram o grito, batendo com os cabos das lanças nos escudos.

—*Um reino, um deus, um rei! STANNIS! STANNIS! UM REINO, UM DEUS, UM REI!*

Jon reparou que Val não se juntara ao cântico. Nem os irmãos da Patrulha da Noite. Durante o tumulto, os poucos selvagens que restavam dissolveram-se entre as árvores. Os gigantes foram os últimos a partir, dois montados sobre o dorso do mamute, os outros dois a pé. Só os mortos foram deixados para trás. Jon viu Stannis descer da plataforma, com Melisandre a seu lado. *A sua sombra vermelha. Nunca sai do seu lado durante muito tempo.* A guarda de honra do rei tomou posições à volta deles; Sor Godry, Sor Clayton e uma dúzia de outros cavaleiros, todos homens da rainha. O luar cintilou nas suas armaduras e o vento sacudiu-lhes os mantos.

— Senhor Intendente — disse Jon a Marsh — quebre aquela paliçada, use-a para lenha e atire os cadáveres às chamas.

— Às ordens, senhor. — Marsh ladrou ordens, e um enxame dos seus intendentes abandonou as fileiras para atacar as muralhas de madeira. O Senhor Intendente observou-os, franzindo o semblante. — Aqueles selvagens... acha que vão cumprir o prometido, senhor?

— Alguns cumprirão. Todos não. Nós temos os nossos covardes e os nossos velhacos, os nossos fracotes e os nossos idiotas, tal como eles os têm.

— Os nossos votos... Juramos proteger o reino...

— Depois do povo livre se instalar na Dádiva, se tornarão parte do reino — fez Jon notar. — Vivemos dias desesperados, e que provavelmente se tornarão mais desesperados. Vimos o rosto do nosso verdadeiro inimigo, um rosto morto e branco com brilhantes olhos azuis. O povo livre também viu esse

rosto. Stannis não está errado nisto. Temos de fazer causa comum com os selvagens.

— Causa comum contra um inimigo comum, eu podia concordar com isso — disse Bowen Marsh. — Mas isso não quer dizer que devamos deixar que dezenas de milhares de bárbaros meio mortos de fome atravessem a Muralha. Eles que voltem para as suas aldeias e combatam lá os Outros, enquanto nós selamos os portões. Não será difícil, segundo Othell me diz. Só precisamos encher os túneis com pedra e de despejar água pelos alçapões. A Muralha faz o resto. O frio, o peso... Numa volta de Lua seria como se nunca nenhum portão tivesse existido. Qualquer inimigo teria de abrir caminho à machadada.

— Ou de trepar.

— Improvável — disse Bowen Marsh. — Estes homens não são salteadores, tentando roubar uma mulher e algum saque. Tormund terá consigo velhas, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, até *mamutes*. Precisa de um *portão* e só restam três. E se enviasse trepadores, bem, nos defender contra trepadores é tão simples como aguilhoar peixes numa panela.

Os peixes nunca trepam para fora da panela nem te espetam uma lança na barriga. O próprio Jon trepara a Muralha.

Marsh prosseguiu.

— Os arqueiros de Mance Rayder devem ter disparado dez mil setas contra nós, ajuizando pelo número de hastes que recolhemos. Foram menos de cem as que chegaram aos nossos homens no topo da Muralha, a maioria das quais elevadas por uma rajada casual de vento. O Alyn Vermelho da Mata de Rosas foi o único homem a morrer lá em cima e foi a queda que o matou, não a seta que lhe atingiu a perna. Donal Noye morreu defendendo o portão. Um ato galante, sim... Mas se o portão tivesse estado selado, o nosso corajoso amieiro podia ainda estar entre nós. Quer enfrentemos cem inimigos quer cem mil, desde que estejamos no topo da Muralha, e eles lá em baixo, não nos podem fazer mal.

Ele não está errado. A hoste de Mance Rayder quebrara-se contra a Muralha como uma onda numa costa pedregosa, embora os defensores não fossem mais do que um punhado de velhos, rapazes inexperientes e aleijados. Mas o que Bowen estava sugerindo contrariava todos os instintos de Jon.

— Se selarmos os portões não podemos enviar patrulheiros — fez notar. — Estaremos, na prática, cegos.

— A última patrulha do Lorde Mormont custou à Patrulha um quarto dos seus homens, senhor. Precisamos conservar as forças que nos restam. Todas

as mortes nos diminuem, e estamos já tão no limite... Ocupar o terreno elevado e vencer a batalha, como o meu tio costumava dizer. Não há terreno mais elevado do que a Muralha, senhor comandante.

— Stannis promete terras, comida e justiça a todos os selvagens que dobrem o joelho. Nunca nos permitiria selar os portões.

Marsh hesitou.

— Lorde Snow, não sou homem para contar histórias, mas tern-se andado a dizer que você está tornando-se muito... Muito amigável com o Lorde Stannis. Alguns sugerem mesmo que é... Um...

Um rebelde e um vira-casaca, pois, e, além disso, um bastardo e um warg. Janos Slynt podia ter morrido, mas as suas mentiras sobreviviam.

— Eu sei o que eles dizem. — Jon ouvira os murmúrios, vira homens virar-lhe as costas quando atravessava o pátio. — O que querem eles que eu faça, que pegue em armas tanto contra Stannis como contra os selvagens? Sua Graça tem o triplo de combatentes que nós temos, e além disso é nosso hóspede. As leis da hospitalidade protegem-no. E temos uma dívida para com ele e os seus.

— O Lorde Stannis ajudou-nos quando precisamos de ajuda — disse Marsh, obstinado — mas continua a ser um rebelde, e a sua causa está condenada. Tão condenada como nós estaremos, se o Trono de Ferro nos marcar como traidores. Temos de nos assegurarmos de que não escolhemos o lado perdedor.

— Não é minha intenção escolher nenhum lado — disse Jon — mas não estou tão certo do resultado desta guerra como você parece estar, senhor. Especialmente com o Lorde Tywin morto.

— Se era possível crer nas histórias que subiam a estrada de rei, o Mão do Rei foi assassinado pelo filho anão enquanto estava sentado numa latrina. Jon conheceu brevemente Tyrion Lannister. *Ele pegou-me na mão e chamou-me amigo.* Era difícil acreditar que o homenzinho tivesse em si o necessário para assassinar o próprio pai, mas o falecimento do Lorde Tywin parecia estar fora de dúvida. — O leão em Porto Real não passa de uma cria e o Trono de Ferro é conhecido por fazer adultos em tiras.

— Ele pode ser um rapaz, senhor, mas... O Rei Robert era bem amado, e a maior parte dos homens ainda aceita que Tommen é seu filho. Quanto mais vêem o Lorde Stannis menos gostam dele, e são menos ainda os que têm simpatia pela Senhora Melisandre com as suas fogueiras e este seu severo Deus Vermelho.

Eles queixam-se.

— Também se queixavam do Senhor Comandante Mormont. Ele disse-me uma vez que os homens adoram queixar-se das mulheres e dos senhores. Os que não têm mulheres queixam-se duplamente dos senhores. — Jon Snow olhou a paliçada de relance. Duas paredes tinham sido derrubadas, e uma terceira caía depressa. — Vou deixa-lo a acabar isto, Bowen. Assegure-se de que todos os cadáveres são queimados. Obrigado pelos seus conselhos. Prometo-lhe que pensarei em tudo o que me disse.

Fumo e cinzas ainda pairavam no ar em volta do fosso quando Jon trotou de regresso ao portão. Aí, desmontou, para levar o garrano pela arreata através do gelo até ao lado sul. Edd Doloroso seguiu à sua frente com um archote. As chamas deste lambiam o teto, e lágrimas frias pingavam sobre eles a cada passo.

— Foi um alívio ver aquele corno arder, senhor — disse Edd. — Ainda ontem à noite sonhei que estava mijando da Muralha quando alguém decidiu dar uma apitadela no corno. Não que me esteja me queixando. Foi melhor do que o meu antigo sonho, no qual Harma Cabeça de Cão estava a me dar de comer aos porcos dela.

— A Harma está morta — disse Jon.

— Mas os porcos não estão. Olham para mim como o Matador costumava olhar para presunto. Não estou querendo dizer que os selvagens nos queiram mal. Sim, desfizemos-lhes os deuses e os obrigamos a queimar os bocados, mas demos-lhes sopa de cebola. O que é um deus comparado com uma bela tigela de sopa de cebola? Eu próprio comia uma de bom grado.

Os odores de fumo e a carne queimada ainda aderiam aos panos negros de Jon. Sabia que tinha de comer, mas aquilo por que ansiava era companhia, não comida. *Uma taça de vinho com o Meistre Aemon, umas palavras calmas trocadas com o Sam, algumas gargalhadas com o Pyp, Grenn e o Sapo.* Mas Aemon e Sam tinham partido, e os seus outros amigos...

— Esta noite vou jantar com os homens.

— Carne de vaca cozida e beterrabas. — Edd Doloroso parecia saber sempre o que estava sendo leito nas cozinhas. — Mas Hobb diz que já não tem rabanetes. Para que serve carne cozida sem rabanetes?

Desde que os selvagens tinham queimado a antiga sala comum, os homens da Patrulha da Noite tomavam as refeições na antiga cave de pedra por baixo do armeiro, um espaço cavernoso dividido por duas fileiras de pilares quadrados de pedra, com tetos abobadados e grandes barris de vinho e cerveja ao

longo das paredes. Quando Jon entrou, quatro construtores estavam jogando as pedras na mesa mais próxima da escada. Mais perto do fogo estava sentado um grupo de patrulheiros e alguns homens do rei, conversando em voz baixa.

Os homens mais jovens estavam reunidos a outra mesa, onde Pyp apunhalara um nabo com a faca.

— A noite é escura e cheia de nabos — anunciou numa voz solene. — Rezemos todos por carne de veado, meus filhos, com umas cebolas e um pouco de saboroso molho de carne. — Os amigos riram; Grenn, Sapo, Cetim, o grupo inteiro.

Jon Snow não se juntou aos risos.

— Troçar das preces de outro homem é tolice, Pyp. E perigoso.

— Se o deus vermelho está ofendido, ele que me abata.

Todos os sorrisos tinham morrido.

— Era da sacerdotisa que estávamos rindo — disse Cetim, um jovem flexível e bonito que foi em tempos prostituto em Vilavelha. — Estávamos só gracejando, senhor.

— Vocês tem os seus deuses e ela tem os dela. Deixe-a em paz.

— Ela não quer deixar os nossos deuses em paz — argumentou Sapo. — Chama aos Sete falsos deuses, senhor. Aos deuses antigos também. Obrigou os selvagens a queimar ramos de represeiro. Você viu.

— A Senhora Melisandre não faz parte do meu comando. Você sim. Não quero rancores entre os homens do rei e os meus.

Pyp pousou uma mão no braço do Sapo.

— Não coaxes mais, corajoso Sapo, que o nosso Grande Lorde Snow falou. — Pôs-se em pé de um salto e dirigiu a Jon uma mesura trocista. — Peço perdão. De agora em diante, nem sequer abanarei as orelhas exceto com senhorial autorização de vossa senhoria.

Ele julga que isto é tudo um jogo. Jon quis enfiar-lhe algum juízo no corpo com um abanão.

— Abana as orelhas sempre que quiser. É o abanar da tua língua que causa problemas.

— Eu tratarei de que ele tenha mais cuidado — promeseu Grenn — e se não tiver dou-lhe um cascudo. — Hesitou. — Senhor, quer jantar conosco? Owen, afasta-te e dá espaço ao Jon.

Não havia nada que Jon mais desejasse. *Não*, teve de dizer a si, *esses dias acabaram.* Compreender isso fez lhe torcer as tripas como uma faca. Eles

tinham-no escolhido para governar. A Muralha era sua, e as vidas deles também eram suas. Jon conseguia ouvir o senhor seu pai a dizer: *Um senhor pode amar os homens que comanda, mas não pode ser amigo deles. Um dia pode precisar julgá-los; ou de envia-los para a morte.*

— Noutro dia — mentiu o Senhor Comandante. — Edd, é melhor tratar do seu jantar. Eu tenho trabalho a terminar.

O ar do exterior parecia ainda mais frio do que antes. Conseguia ver luz de velas brilhando nas janelas da Torre do Rei, do outro lado do castelo.

Val estava em pé no telhado da torre, fitando a Muralha. Stannis mantinha-a rigidamente encurralada em aposentos por cima dos seus, mas permitia-lhe percorrer as ameias para fazer exercício. *Tem um ar solitário,* pensou Jon. *Solitário e adorável.* Ygritte fora bonita à sua maneira, com o cabelo ruivo beijado pelo fogo, mas fora o seu sorriso que lhe fazia o rosto ganhar vida. Val não precisava sorrir; teria feito virar as cabeças dos homens em qualquer corte do mundo inteiro.

Mesmo assim, a princesa selvagem não era amada pelos seus carcereiros. Escarnecia de todos eles chamando-Ihes "ajoelhadores" e tinha tentado fugir por três vezes. Quando um homem-de-armas se tornara descuidado na sua presença, ela tirara-lhe o punhal da bainha e apunhalara-o no pescoço. Um par de centímetros para a esquerda, e o homem poderia ter morrido. *Solitária, adorável e letal*, refletiu Jon Snow, *e eu podia tê-la tido. A ela, a Winterfell e ao nome do senhor meu pai.* Em vez disso, escolhera um manto negro e uma muralha de gelo. Em vez disso, escolhera a honra. *Uma espécie de honra de bastardo.*

A Muralha erguia-se à sua direita quando atravessou o pátio. O gelo mais elevado reluzia palidamente, mas mais abaixo tudo era sombras. Junto ao portão, um tênue brilho cor de laranja reluzia através das barras onde os guardas tinham se refugiado do vento. Jon ouvia o ranger das correntes da gaiola do guincho enquanto esta oscilava e raspava no gelo. Lá em cima, as sentinelas deviam estar aconchegadas no barracão de aquecimento em volta de um braseiro, gritando para serem ouvidos por cima do ruído do vento. Ou então teriam desistido do esforço e cada homem estaria mergulhado na sua própria lagoa de silêncio. *Eu devia estar percorrendo o gelo. A Muralha é minha.*

Estava caminhando sob o esqueleto da Torre do Senhor Comandante, junto ao local onde Ygritte morrera nos seus braços, quando Fantasma surgiu ao seu lado, com o hálito morno soltando baforadas no frio. Ao luar, os seus olhos

vermelhos brilhavam como lagoas de fogo. O sabor do sangue quente encheu a boca de Jon, e compreendeu que o Fantasma matara naquela noite. *Não*, pensou. *Eu sou um homem, não um lobo.* Esfregou a boca com as costas de uma mão enluvada e cuspiu.

Clydas ainda ocupava os quartos por baixo da colónia dos corvos. Quando Jon baseu, veio arrastando os pés, de vela na mão, e abriu uma fenda na porta.

— Estou incomodando? — perguntou Jon.

— Nem por sombras. — Clydas abriu mais a porta. — Estava temperando vinho. O senhor aceita uma taça?

— Com prazer. — Tinha as mãos hirtas do frio. Descalçou as luvas e flexionou os dedos.

Clydas regressou à lareira para mexer o vinho. *Ele tem sessenta anos, no mínimo. Um velho. Só parecia novo comparado com Aemon.* Baixo e redondo, tinha os vagos olhos rosados de qualquer criatura noturna. Alguns cabelos brancos aderiam ao seu couro cabeludo. Quando serviu o vinho, Jon pegou na taça com ambas as mãos, cheirou as especiarias, engoliu. O calor espalhou-se-lhe pelo peito. Voltou a beber, longa e profundamente, para lavar da boca o sabor do sangue.

— Os homens da rainha andam a dizer que o Rei-para-lá-da-Muralha morreu cobarde. Que gritou por misericórdia e negou que era um rei.

— É verdade. A Luminífera estava mais brilhante do que alguma vez a tinha visto. Tão brilhante como o Sol. — Jon ergueu a taça. — A Stannis Baratheon e à sua espada mágica. — O vinho era-lhe amargo na boca.

— Sua Graça não é um homem de trato fácil. Poucos que usam uma coroa são. Muitos bons homens foram maus reis, costumava dizer o Meistre Aemon, e alguns homens maus foram bons reis.

— Ele devia saber. — Aemon Targaryen vira nove reis no Trono de Ferro. Fora filho de um rei, irmão de um rei, tio de um rei. — Dei uma olhadela naquele livro que o Meistre Aemon me deixou. O *Compêndio de Jade.* As páginas que falavam de Azor Ahai. A Luminífera era a espada dele. Temperada com o sangue da mulher, se é que se pode acreditar em Votar. Daí em diante, a Luminífera nunca foi fria ao toque, mas quente como Nissa Nissa o fora. Em batalha, a lâmina queimava com um calor fogoso. Uma vez, Azor Ahai combaseu um monstro. Quando enfiou a espada na barriga da fera, o sangue dele começou a

ferver. Fumo e vapor jorraram da sua boca, os seus olhos derreteram-se e pingaram-lhe pela cara abaixo, e o corpo se arrebentou em chamas.

Clydas pestanejou.

— Uma espada que cria o seu próprio calor...

—... Seria uma bela coisa na Muralha. — Jon pôs à parte a taça de vinho e calçou as luvas negras de pele de toupeira. — É uma pena que a espada que Stannis brande seja fria. Vou ter curiosidade de ver como é que a Luminífera *dele* se comporta em batalha. Obrigado pelo vinho. Fantasma, comigo. — Jon subiu o capuz do manto e puxou pela porta. O lobo branco seguiu-o de volta para a noite.

O amieiro estava escuro e silencioso. Jon fez um aceno aos guardas antes de passar pelas filas silenciosas de lanças na direção dos seus aposentos. Pendurou o cinturão da espada numa cavilha junto da porta e o manto noutra. Quando descalçou as luvas, as mãos estavam rígidas e frias. Precisou de muito tempo para conseguir acender as velas. Fantasma enrolou-se no tapete e adormeceu, mas Jon não podia ainda descansar. A mesa de pinho desgastada estava coberta com mapas da Muralha e das terras que se estendiam atrás dela, uma lista de patrulheiros e uma carta vinda da Torre Sombria, escrita na letra fluida de Sor Denys Mallister.

Voltou a ler a carta da Torre Sombria, afiou uma pena e destampou um frasco de espessa tinta preta. Escreveu duas cartas, a primeira a Sor Denys, a segunda a Cotter Pyke. Ambos tinham andado atormentando-o com pedidos de mais homens. Despachou Halder e Sapo para oeste, para a Torre Sombria, Grenn e Pyp para Atalaialeste-do-Mar. A tinta não queria fluir como devia ser, e todas as suas palavras pareciam secas, cruas e desajeitadas, mas persistiu.

Quando finalmente pousou a pena, a sala estava sombria e gelada, e ele sentia as paredes a aproximarem-se. Empoleirado por cima da janela, o corvo do Velho Urso espreitou-o com olhos negros sagazes. *O meu último amigo*, pensou Jon com tristeza. *E é melhor que te sobreviva, senão também come a minha cara.* Fantasma não contava. Fantasma era mais próximo do que um amigo. Fantasma era parte de si.

Jon se levantou e subiu a escada que levava à cama estreita que pertencera em tempos a Donal Noye. *Isto é o que coube a mim em sorte*, compreendeu enquanto se despia, *de agora até ao fim dos meus dias.*

DAENERYS

O que é? — gritou quando Irri a abanou suavemente pelo ombro. Lá fora, a noite era cerrada. Há algo de errado, compreendeu de imediato. — É Daario? O que aconteceu? — No seu sonho tinham sido marido e mulher, gente simples que vivia uma vida simples numa alta casa de pedra com uma porta vermelha. No seu sonho, ele estivera a beijá-la por todo o lado; na boca, no pescoço, nos seios.

— Não, khaleesi — murmurou Irri — é o seu eunuco Verme Cinzento e os carecas. Quer recebê-los?

— Sim. — Dany percebeu que tinha o cabelo desarrumado e a roupa de cama toda enrolada. — Me ajude a vestir. Quero também um copo de vinho. Para me limpar a cabeça. — Para me afogar o sonho. Conseguia ouvir os suaves sons de soluços. — De quem é aquele choro?

— Da sua *escrava* Missandei. — Jhiqui tinha uma vela na mão.

— Da minha criada. Não tenho escravos. — Dany não compreendia.

— Porque está ela chorando?

— Por aquele que foi seu irmão — disse-lhe Irri.

— O resto ouviu das bocas de Skahaz, Reznak e Verme Cinzento quando foram trazidos à sua presença. Dany soube que as notícias eram más antes de uma palavra ser proferida. Um relance à feia cara do Tolarrapada bastou para lhe dizer isso.

— Os Filhos da Harpia?

Skahaz confirmou com a cabeça. Tinha uma expressão severa na boca.

— Quantos mortos?

Reznak torceu as mãos.

— N-nove, Magnificência. Foi trabalho sujo e maligno. Uma noite terrível, terrível.

Nove. A palavra era um punhal no seu coração. Todas as noites, a guerra de sombras era de novo travada sob as pirâmides de degraus de Meereen. Todas as manhãs, o Sol se erguia sobre novos cadáveres, com harpias desenhadas em sangue nos tijolos a seu lado. Qualquer liberto que se tornasse muito próspero ou muito expressivo estava marcado para morrer. Mas nove numa noite... Aquilo a assustou.

— Conte-me.

Verme Cinzento respondeu.

— Os seus criados foram emboscados enquanto percorriam os tijolos de Meereen para manter a paz de Vossa Graça. Todos estavam bem armados, com lanças, escudos e espadas curtas. Caminhavam dois a dois, e dois a dois morreram. Os seus criados Punho Negro e Cetherys foram mortos por dardos de besta no Labirinto de Mazdhan. Os seus criados Mossador e Duran foram

esmagados por pedras caídas por baixo da mura¬lha do rio. Os seus criados Eladon Cabelo-Dourado e Lança Leal foram envenenados numa taberna onde paravam habitualmente todas as noites quando faziam as rondas.

Mossador. Dany cerrou a mão num punho. Missandei e os irmãos tinham sido levados da sua casa por atacantes das Ilhas Basilisco, e vendidos para a escravatura em Astapor. Jovem como era, Missandei mostrara tal dom para as línguas que os Bons Mestres tinham feito dela uma escriba. Mossador e Marselen não haviam tido tanta sorte. Tinham sido castrados e transformados em Imaculados.

— Algum dos assassinos foi capturado?

— Os seus criados prenderam o dono da taberna e as filhas dele. Afirmam ignorância e suplicam misericórdia.

— Todos eles afirmam ignorância e suplicam misericórdia.

— Dê-os ao Tolarrapada. — Skahaz, nos mantém separados uns dos outros e interroge-os.

— Será feito, Vossa Reverência. Quer que os interrogue suavemente ou com dureza?

— Suavemente, para começar. Ouve as histórias que eles contam e que nomes lhe fornecem. Pode ser que não tenham desempenhado nenhum papel nisto. — Hesitou. — O nobre Reznak disse nove. Quem mais?

— Três libertos, assassinados em suas casas — disse o Tolarrapada. — Um prestamista, um sapateiro e a harpista Rylona Rhee. Cortaram-lhe os dedos antes de a matarem.

A rainha estremeceu. Rylona Rhee tocara harpa tão docemente como a Donzela. Quando fora escrava em Yunkai, tocara para todas as famílias bem-nascidas da cidade. Em Meereen tornara-se uma líder entre os libertos de Yunkai, a voz deles nos conselhos de Dany.

— Não temos cativos além desse vendedor de vinho?

— Nenhum, dói a este confessar. Pedimos-vos perdão.

Misericórdia, pensou Dany. Eles terão a misericórdia do dragão.

— Skahaz, mudei de ideias. Interroga o homem com dureza.

— Podia fazê-lo. Ou podia interrogar as filhas com dureza enquanto o pai vê. Isso iria arrancar-lhe alguns nomes.

— Faz o que achar melhor, mas traga-me nomes. — A sua fúria era um fogo na barriga. — Não quero mais Imaculados massacrados. — Verme Cinzento, recolhe os seus homens nas casernas. De hoje em diante, eles que guardem as minhas muralhas, os meus portões e a minha pessoa. Deste dia em diante, caberá aos meereeneses manter a paz em Meereen. Skahaz, cria-me uma nova patrulha, composta em partes iguais de tolarrapadas e libertos.

— Às suas ordens. Quantos homens?

— Tantos quantos julgue necessário.

Reznak mo Reznak soltou um arquejo.

— Magnificência, de onde virá o dinheiro para pagar salários a tantos homens?

— Das pirâmides. Chame-lhes um imposto de sangue. Quero cem peças de ouro de cada pirâmide por cada liberto que os Filhos da Harpia mataram.

— Aquilo trouxe um sorriso à cara do Tolarrapada.

— Assim será feito — disse — mas Vossa Radiância deve saber que os Grandes Mestres de Zhak e Merreq estão fazendo preparativos para abandonar as suas pirâmides e sair da cidade.

Daenerys estava mortalmente farta de Zhak e Merreq; estava farta de todos os meereeneses, tanto grandes como pequenos.

— Deixe-os ir, mas assegura-te de que não levam mais do que a roupa que têm vestida. Assegure-se de que todo o seu ouro fique aqui conosco. E as suas reservas de comida também.

— Magnificência — murmurou Reznak mo Reznak — não podemos ter certeza de que esses grandes nobres pretendem juntar-se aos seus inimigos. É mais provável que estejam simplesmente dirigindo-se para as suas propriedades nos montes.

— Nesse caso não se importarão que mantenhamos o seu ouro a salvo. Nos montes não há nada para comprar.

— Têm medo pelos seus filhos — disse Reznak.

Sim, pensou Daenerys, *e eu também.*

— Teremos também de mante-los a salvo. Quero duas crianças de cada um deles. E das outras pirâmides também. Um rapaz e uma moça.

— Reféns — disse Skahaz, feliz.

— Pajens e copeiras. Se os Grandes Mestres levantarem objeções, explique-lhes que em Westeros é uma grande honra que uma criança seja escolhida para servir na corte. — Deixou o resto por dizer. — Vá e faça o que eu ordenei. Tenho os meus mortos a chorar.

Quando regressou aos seus aposentos no topo da pirâmide, encontrou Missandei chorando baixinho na sua enxerga, tentando abafar o melhor possível o som dos soluços.

— Vem dormir comigo — disse ela à pequena escriba. — A alvorada não chegará ainda durante horas.

— Vossa Graça é bondosa comigo. — Missandei enfiou-se entre os lençóis. — Ele era um bom irmão.

Dany envolveu a menina nos braços.

— Fala-me dele.

— Ensinou-me a subir a uma árvore quando éramos pequenos. Conseguia apanhar peixe com as mãos. Uma vez fui encontrá-lo dormindo no nosso jardim com cem borboletas em cima dele. Parecia tão lindo naquela manhã, esta... Quer dizer, eu amava-o.

— Tal como ele te amava. — Dany afagou o cabelo da menina.

— Basta dizer, querida, e eu mando-lhe embora deste lugar horrível. Arranjarei uma maneira de encontrar um navio, e mando-lhe para casa. Para Naath.

— Preferia ficar com você. Em Naath teria medo. E se os caçadores de escravos voltassem? Sinto-me segura quando estou contigo.

Segura. A palavra fez os olhos de Dany encherem-se de lágrimas.

— Quero manter-lhe segura. — *Missandei não passava de uma criança. Com ela, sentia-se como se também pudesse ser uma criança. — Nunca ninguém me manteve segura quando eu era pequena. Bem, Sor Willem o fez, mas depois morreu, e Viserys... Eu quero proteger-te, mas... É tão difícil. Ser forte. Nem sempre sei o que devo fazer. Mas tenho de saber. Sou tudo o que eles têm. Sou a rainha... a... a...*

—... mãe — sussurrou Missandei.

— *Mãe de dragões.* — Dany estremeceu.

— Não. Mãe de todos nós. — Missandei abraçou-a com mais força. — Vossa Graça devia dormir. A alvorada chegará em breve, e a corte também.

— Vamos as duas dormir e sonhar com dias melhores. Feche os olhos.

Quando ela o fez, Dany beijou-lhe as pálpebras e a fez soltar um risinho.

Porém, os beijos chegavam mais facilmente do que o sono. Dany fechou os olhos e tentou pensar em casa, em Pedra do Dragão e em Porto Real e em todos os outros lugares de que Viserys lhe falara, numa terra mais gentil do que aquela... mas os seus pensamentos não paravam de regressar à Baía dos Escravos, como se fossem navios presos por um vento amargo. Quando Missandei adormeceu profundamente, Dany soltou-se dos seus braços e saiu para o ar que antecedia a alvorada, para ir se encostar ao frio parapeito de tijolos e observar a cidade. Mil telhados estendiam-se abaixo dela, pintados em tons de marfim e prata pela Lua.

Em algum lugar, sob esses telhados, os Filhos da Harpia estavam reunidos congeminando maneiras de a matar e a todos os que a amavam e de voltarem a pôr os seus filhos a ferros. Em algum lugar, lá em baixo, uma criança faminta chorava por leite. Em algum lugar, uma velha jazia, morrendo. Em algum lugar, um homem e uma donzela abraçavam-se e remexiam as roupas um do outro com mãos ávidas. Mas, ali em cima, só havia os reflexos do luar em pirâmides e fossos, sem qualquer sugestão do que haveria por baixo. *Ali em cima só havia ela, sozinha.*

Era do sangue do dragão. Podia matar os Filhos da Harpia, e os filhos dos filhos, e os filhos dos filhos dos filhos. Mas um dragão não podia alimentar uma criança com fome nem atenuar a dor de uma moribunda. E quem se atreveria algum dia a amar um dragão?

Deu por pensar uma vez mais em Daario Naharis, *Daario com o seu dente de ouro e a barba em tridente, as mãos fortes repousando nos cabos do arakh e punhal, cabos trabalhados em ouro na forma de mulheres nuas.* No dia

em que se despedira dela, enquanto ela lhe dizia adeus, ele esfregara levemente os cabos com o polegar, de um lado para o outro. Estou com ciúmes do cabo de uma espada, compreendera, de mulheres feitas de ouro. Enviá-lo aos Homens Ovelha fora sensato. Ela era uma rainha, e Daario Naharis não era do material de que se faziam os reis.

— Já foi há tanto tempo — dissera ainda no dia anterior a Sor Barristan. — E se Daario me traiu e se passou para os meus inimigos? — Conhecerás três traições. — E se conheceu outra mulher, uma princesa dos lhazarenos?

Dany sabia que o velho cavaleiro nem gostava de Daario nem confiava nele. Mesmo assim, dera uma resposta galante.

— Não há mulher mais adorável do que Vossa Graça. Só um cego poderia acreditar noutra coisa, e Daario Naharis não é cego.

Pois não, pensara. Os seus olhos são de um azul profundo, quase púrpura, e o seu dente de ouro cintila quando me sorri.

Mas Sor Barristan tinha a certeza de que ele regressaria. Dany só podia rezar para que tivesse razão.

Um banho vai ajudar a acalmar-me. Caminhou descalça sobre a relva até à sua lagoa de terraço. A água pareceu-lhe fria, dando-lhe pele de galinha. Peixinhos mordiscaram-lhe os braços e as pernas. Fechou os olhos e flutuou.

Uma suave restolhada a fez voltar a abri-los. Sentou-se com um pequeno esparrinhar de água.

— Missandei? — chamou. — Irri? Jhiqui?

— Elas dormem — foi a resposta.

Estava uma mulher em pé sob o diospireiro, vestida com uma veste com capuz que roçava pela relva. Sob o capuz, a sua cara parecia dura e brilhante. Ela está usando uma máscara, soube Dany, uma máscara de madeira com acabamentos de laque vermelho-escuro.

— Quaithe? Estou sonhando? — beliscou a orelha e encolheu-se com a dor. — Sonhei com você na Balerion quando viemos para Astapor.

Não sonhou. Nessa altura ou agora.

— O que está fazendo aqui? Como passou pelos meus guardas?

— Vim por outro caminho. Os seus guardas não me viram.

— Se gritar eles a matarão.

— Jurarão que eu não estou aqui.

— Está aqui?

— *Não.* Escute-me, Daenerys Targaryen. As velas de vidro estão ardendo. *Em breve, chegará à água branca e depois dela virão os outros. Lula gigante e chama escura, leão e grifo, o filho do sol e o dragão do pantomineiro.* Não confie em nenhum deles. Lembre-se dos Imortais. Tenha cautela com o senescal perfumado.

— Reznak? Porque haveria de temê-lo? — Dany ergueu-se da lagoa. Água escorreu-lhe ao longo das pernas e pele de galinha cobriu-lhe os braços no

ar frio da noite. — Se tem algum aviso para mim, fale com clareza. O que quer de mim, Quaithe?

O luar brilhou nos olhos da mulher.

— Quero mostrar-lhe o caminho.

— Eu lembro-me do caminho. *Vou para norte para ir para sul, para leste para ir para oeste, para trás para ir em frente. E para tocar a luz tenho de passar sob a sombra.* — Escorreu a água do seu cabelo prateado. — Estou meio farta de adivinhas. Em Qarth era uma pedinte, mas aqui sou uma rainha. Ordeno-vos...

— Daenerys. Lembre-se dos Imortais. Lembre-se de quem és.

— O sangue do dragão. — Mas os meus dragões estão rugindo nas trevas. — Eu lembro-me dos Imortais. Chamaram-me filha de três. *Prometeram-me três montarias, três fogos e três traições. Uma por sangue e uma por ouro e uma por...*

— Vossa Graça? — Missandei estava em pé à porta do quarto da rainha, com uma lanterna na mão. — Com quem está falando?

Dany olhou de relance para trás, para o diospireiro. Não estava alí mulher alguma. Nenhuma veste de capuz, nenhuma máscara de laque, nenhuma Quaithe.

Uma sombra. Uma memória. Ninguém. Ela era do sangue do dragão, mas Sor Barristan avisara-a de que nesse sangue havia uma mácula. Será possível que esteja enlouquecendo? Em tempos tinham chamado louco ao seu pai.

— Estava rezando — disse à mulher naatina. — Em breve haverá luz. É melhor que eu coma qualquer coisa, antes da corte.

De novo só, Dany deu uma volta completa à pirâmide na esperança de encontrar Quaithe, passando pelas árvores queimadas e terra calcinada onde os seus homens tinham tentado capturar Drogon. Mas o único som era o vento nas árvores de fruto, e as únicas criaturas nos jardins eram algumas pálidas mariposas.

Missandei regressou com um melão e uma tigela de ovos cozidos, mas Dany descobriu que não tinha apetite. Enquanto o céu clareava e as estrelas se desvaneciam uma por uma, Irri e Jhiqui ajudaram-na a envergar um tokar de seda violeta fimbriado a ouro.

Quando Reznak e Skahaz apareceram, deu-se por olhá-los de esguelha, com as três traições em mente. Cautela com o senescal perfumado. Farejou desconfiada Reznak mo Reznak. Podia ordenar ao Tolarrapada que o prendesse e o sujeitasse a interrogatório. Poderia isso antecipar-se à profecia? Ou iria outro traidor qualquer tomar o seu lugar? As profecias são traiçoeiras, lembrou-se, e Reznak pode não ser mais do que aquilo que aparenta ser.

No salão púrpura, Dany foi encontrar o banco de ébano sob uma grande pilha de almofadas de cetim. A cena trouxe-lhe um sorriso tristonho aos lábios. *Obra de Sor Barristan*, compreendeu. O velho cavaleiro era um bom homem,

mas por vezes muito literal. Foi só um gracejo, sor, pensou, mas sentou-se em uma das almofadas.

A sua noite sem dormir depressa se fez sentir. Não muito depois se viu combatendo um bocejo enquanto Reznak pairava sobre as guildas de artesãos. Parecia que os pedreiros estavam irados com ela. Os assentadores de tijolos também. Certos antigos escravos andavam cortando pedra e assentando tijolo, roubando trabalho tanto aos empregados da guilda como aos mestres.

— Os libertos trabalham a um preço muitoo baixo, Magnificência — disse Reznak. — Alguns chamam-se trabalhadores, ou mesmo mestres, títulos que por direito pertencem apenas aos artesãos das guildas. Os pedreiros e os assentadores de tijolo peticionam respeitosamente a Vossa Reverência para que proteja os seus antigos direitos e costumes.

— Os libertos trabalham a preço baixo porque têm fome — fez Dany notar. — Se os proibir de cortar pedra ou assentar tijolo, os fabricantes de velas, os tecelões e os ourives depressa me virão bater à porta pedindo que os exclua também desses ofícios. — Refletiu por um momento. — Que seja escrito que de hoje em diante só membros das guildas sejam autorizados de se chamar trabalhadores ou mestres... Desde que as guildas abram a entrada a quaisquer libertos que consiga demonstrar possuir as aptidões necessárias.

— Assim será proclamado — disse Reznak. — Aprazeria a Vossa Reverência escutar o nobre Hizdahr zo Loraq?

Será que ele nunca vai admitir a derrota?

— Ele que avance.

Naquele dia, Hizdahr não vinha vestido com um tokar. Em vez disso usava uma simples veste cinzenta e azul. Também estava rapado. Fez a barba e cortou o cabelo, percebeu-se Dany. O homem não se tornara tolarrapada, não propriamente, mas pelo menos aquelas suas absurdas asas tinham desaparecido.

— O seu barbeiro prestou-lhe bom serviço, Hizdahr. Espero que tenha vindo mostrar-me o trabalho dele e não me atormentar mais sobre as arenas de luta.

Ele fez uma profunda mesura.

— Vossa Graça, temo que tenha de fazê-lo.

Dany fez uma careta. Nem a sua própria gente lhe dava descanso com aquele assunto. Reznak mo Reznak sublinhava o dinheiro que se poderia obter através dos impostos. A Graça Verde dizia que reabrir as arenas agradaria aos deuses. O Tolarrapada sentia que isso lhe conquistaria apoio contra os Filhos da Harpia.

Deixe-os lutar — grunhia Belwas, o Forte, que foi em tempos um campeão nas arenas. Sor Barristan sugeria em alternativa um torneio; os seus órfãos podiam cavalgar contra anéis e combater um corpo-a-corpo com armas embotadas, dizia, uma sugestão que Dany sabia ser tão impraticável como bem intencionada. Era sangue que os meereeneses ansiavam por ver, não perícia. Se

assim não fosse, os escravos combatentes teriam usado armaduras. Só a pequena escriba Missandei parecia partilhar das incertezas da rainha.

— Recusei-lhe por seis vezes — fez Dany lembrar a Hizdahr.

— Vossa Radiância tem sete deuses, portanto, talvez olhe a minha sétima súplica com favor. Hoje não venho sozinho. Aceite escutar os meus amigos? São também sete. — Apresentou-os um por um. — Este é Khrazz. Esta é Barsena Cabelopreto, sempre valente. Estes são Camarron da Contagem e Goghor, o Gigante. Este é o Gato Malhado, e este o Destemido Ithoke. Por fim Belaquo Quebra-Ossos. Vieram somar as suas vozes à minha, e pedir a Vossa Graça para permitir que as arenas de luta reabram.

Dany conhecia os sete dele, de nome mesmo que não de vista. Todos tinham estado entre os mais afamados dos escravos de combate de Meereen... e tinham sido os escravos de combate, libertados das grilhetas pelas suas ratazanas de esgoto, que tinham liderado a revolta que a levara à conquista da cidade. Devia-lhes uma dívida de sangue.

— Escutar-lhes-ei — concedeu.

Um por um, todos lhe pediram para deixar que as arenas de combate reabrissem.

— Porquê? — perguntou depois de Ithoke terminar. — Vocês já não são escravos, condenados a morrer segundo o capricho de um amo. Eu libertei-os. Porque haveriam de desejar terminar as suas vidas nas areias vermelhas?

— Eu treinei desde os três anos — disse Goghor, o Gigante. — Mato desde os seis. Mãe dos Dragões diz: eu sou livre. Porque não livre para lutar?

— Se é lutar que queres, lute por mim. Ajuramentem as suas espadas aos Homens da Mãe, aos Irmãos Livres ou aos Escudos Vigorosos. Ensine a outros libertos como combater.

Goghor abanou a cabeça.

— Antes, eu luto para um mestre. Você diz: lutae para você. Eu digo: lute para mim. — O enorme homem baseu no peito com um punho grande como um presunto. — Por ouro. Por glória.

— Goghor fala por todos nós. — O Gato Malhado usava uma pele de leopardo sobre um ombro. — Da última vez que fui vendido, o preço foi trezentas mil honras. Quando era escravo dormia em peles e comia carne de primeira. Agora que sou livre, durmo em palha e como peixe salgado, quando consigo arranjá-lo.

Hizdahr jura que os vencedores partilharão metade de todo o dinheiro recolhido à porta — disse Khrazz. — Metade, jura ele, e Hizdahr é um homem de honra.

Não, é um homem de astúcia. Daenerys sentiu-se encurralada.

— E os perdedores? O que receberão eles?

— Os seus nomes serão gravados nos Portões do Destino entre os outros valentes caídos — declarou Barsena. Dizia-se que durante oito anos ela

matara todas as outras mulheres enviadas contra si. — Todos os homens têm de morrer, e as mulheres também... mas nem todos serão recordados.

Dany não tinha resposta a dar àquilo. Se for realmente isto que o meu povo deseja terei eu o direito de lhes negar? Esta cidade era deles antes de ser minha, e são as suas próprias vidas que querem malbaratar.

— Levarei em conta tudo o que disseram. Obrigada pelos seus conselhos. — Levantou-se. — Reataremos amanhã.

— Ajoelhem todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões — gritou Missandei.

Sor Barristan escoltou-a de volta aos seus aposentos.

— Conte-me uma história, sor — disse Dany enquanto subiam. — Uma história de valor com final feliz. — Sentia-se necessitada de finais felizes. — Conte-me como escapaste ao Usurpador.

— Vossa Graça. Não há valor em fugir para conservar a vida.

Dany sentou-se numa almofada, cruzou as pernas, e ergueu os olhos para ele.

— Por favor. Foi o Jovem Usurpador que o demitiu da Guarda Real...

— Joffrey, sim. Apresentaram a minha idade como motivo, embora a verdade fosse outra. O rapaz queria um manto branco para o seu cão, Sandor Clegane, e a mãe queria que o Regicida fosse o seu Senhor Comandante. Quando me disseram, eu... eu despi o manto como me ordenaram, atirei a espada aos pés de Joffrey e falei insensatamente.

— O que disseste?

— A verdade... mas a verdade nunca foi bem-vinda naquela corte. Saí da sala do trono de cabeça erguida, embora não soubesse para onde iria. Não tinha um lar que não fosse a Torre da Espada Branca. Sabia que os meus primos arranjariam lugar para mim em Solar de Colheitas, mas não tinha qualquer desejo de fazer cair sobre eles o desprazer de Joffrey. Estava juntando as minhas coisas quando me ocorreu que foi eu a causar que aquilo me acontecesse, por aceitar o perdão de Robert. Ele foi um bom cavaleiro, mas um mal rei, porque não tinha direito ao trono em que se sentava. Foi nesse momento que compreendi que, para me redimir, teria de encontrar o verdadeiro rei e de servi-lo lealmente com todas as forças que ainda me restavam.

— O meu irmão Viserys.

— Era essa a minha intenção. Quando cheguei aos estábulos, os de manto dourado tentaram capturar-me. Joffrey oferecera-me uma torre onde morrer, mas eu desdenhara essa oferta, por isso agora pretendia oferecer-me uma masmorra. Foi o próprio comandante da Patrulha da Cidade que me enfrentou, encorajado pela minha bainha vazia, mas ele só tinha três homens consigo e eu ainda possuía a minha faca. Abri a cara de um homem quando ele me pôs as mãos em cima, e atropelei os outros à cavalo. Enquanto o esporeava na direção

dos portões, ouvi Janos Slynt gritar-lhes para irem atrás de mim. Depois de sair da Fortaleza Vermelha, as ruas estavam congestionadas; se assim não fosse poderia ter escapado sem problemas. Em vez disso, apanharam-me junto do Portão do Rio. Os homens de mantos dourados que me tinham perseguido desde o castelo gritaram àqueles que estavam no portão para me pararem, de modo que cruzaram as lanças para me obstruir o caminho.

— E você sem espada? Como foi que passaou por eles?

— Um verdadeiro cavaleiro vale dez guardas. Os homens ao portão foram apanhados de surpresa. Atropelei um deles, arranquei-lhe a lança das mãos, e espetei-a na garganta do perseguidor mais próximo. O outro desistiu depois de eu atravessar o portão, portanto, esporeei o cavalo pondo-o a galope e cavalguei implacavelmente ao longo do rio até a cidade ficar perdida de vista atrás de mim. Nessa noite troquei o cavalo por um punhado de moedas e uns trapos, e na manhã seguinte juntei-me à corrente de plebeus que se dirigia a Porto Real. Tinha saído pelo Portão da Lama, e regressei através do Portão dos Deuses, com sujeira na cara, a barba por fazer e nenhuma arma além de um bastão de madeira. Com roupa de tecido grosseiro e botas cobertas de lama, era apenas mais um velho qualquer fugindo da guerra. Os homens de mantos dourados receberam um veado de mim e deixaram-me entrar. Porto Real estava repleta de plebeus que tinham vindo em busca de refúgio contra os combates. Perdi-me entre eles. Tinha alguma prata, mas precisava dela para pagar a passagem para o outro lado do mar estreito, por isso, dormi em septos e vielas e tomei as refeições em casas de pasto. Deixei a barba crescer e ocultei-me na idade. No dia em que o Lorde Stark perdeu a cabeça eu estava lá, observando. Depois entrei no Grande Septo e agradeci aos sete deuses por Joffrey ter me tirado o manto.

— O Lorde Stark era um traidor que teve um fim de traidor.

— Vossa Graça — disse Selmy — Eddard Stark desempenhou um papel na queda do seu pai, mas não lhe tinha má vontade. Quando o eunuco Varys nos disse que estáva grávida, Robert quis que fôsse morta, mas o Lorde Stark interveio contra a ideia. Em vez de sancionar o assassato de crianças, disse a Robert para arranjar outra Mão.

— Esqueceu-se da Princesa Rhaenys e do Príncipe Aegon?

— Nunca. Isso foi obra dos Lannister, Vossa Graça.

— Lannister ou Stark, qual é a diferença? Viserys costumava chamar-lhes os cães do Usurpador. Se uma criança for atacada por uma matilha de cães, será que importa qual deles lhe rasga a goela? Todos os cães são igualmente culpados. A culpa... — A palavra ficou-lhe presa na garganta. Hazzea, pensou, e de súbito ouviu-se a dizer: — Tenho de ver o fosso — numa voz tão sumida como um sussurro de criança. — Leve-me lá abaixo, sor, por favor.

Um bruxuleio de desaprovação cruzou a cara do velho, mas não era seu costume questionar a sua rainha.

— *Às suas ordens.*

As escadas dos criados eram a maneira mais rápida de descer; não eram grandiosas, mas íngremes, diretas e estreitas, ocultas nas paredes. Sor Barristan levou uma lanterna, para que ela não caísse. Tijolos de vinte cores diferentes comprimiam-se, bem perto, à volta deles, desvanecendo-se para cinzento e negro para lá da luz da lanterna. Por três vezes passaram por guardas Imaculados, em pé como se tivessem sido esculpidos em pedra. O único som era o suave raspar dos pés nos degraus.

Ao nível do chão, a Grande Pirâmide de Meereen era um local silencioso, cheio de poeira e sombras. As suas paredes exteriores tinham nove metros de espessura. Lá dentro, os sons ecoavam em arcos de tijolos multicoloridos, e entre os estábulos, cocheiras e armazéns. Passaram sob três enormes arcos, desceram uma rampa iluminada por archotes até às caves por baixo da pirâmide, passando por cisternas, masmorras e câmaras de tortura onde escravos tinham sido açoitados, esfolados e queimados com rubros ferros em brasa. Por fim, chegaram a um par de enormes portas de ferro com dobradiças enferrujadas, guardadas por Imaculados.

Às suas ordens, um apresentou uma chave de ferro. A porta abriu-se, com as dobradiças guinchando. Daenerys Targaryen entrou no quente coração das trevas e parou à beira de um profundo fosso. Doze metros mais abaixo, os seus dragões ergueram as cabeças. Quatro olhos arderam através das sombras; dois de ouro derretido e dois de bronze.

Sor Barristan pegou-lhe pelo braço.

— Mais perto, não.

— Julga que eles fariam mal a mim?

— Não sei, Vossa Graça, mas preferia não arriscar a sua pessoa para saber a resposta.

Quando Rhaegal rugiu, um jorro de chamas amarelas transformou a escuridão em dia durante meio segundo. O fogo lambeu as paredes e Dany sentiu o calor na cara, como o sopro vindo de um forno. Do outro lado do fosso, as asas de Viserion desdobraram-se, agitando o ar parado. Tentou voar até ela, mas as correntes retesaram-se quando se ergueu e fizeram-no cair sobre a barriga. Elos tão grandes como o punho de um homem prendiam-lhe as patas ao chão. A coleira de ferro que lhe envolvia o pescoço estava presa à parede atrás de si. Rhaegal usava correntes iguais. À luz da lanterna de Selmy, as suas escamas reluziam como jade. Fumo ergueu-se de entre os seus dentes. Havia ossos espalhados pelo chão a seus pés, fendidos, carbonizados e lascados. O ar era desconfortavelmente quente e cheirava a enxofre e a carne esturricada.

— Estão maiores. — A voz de Dany ecoou nas chamuscadas paredes de pedra. Uma gota de suor escorreu-lhe pela testa e caiu-lhe no seio. — É verdade que os dragões nunca param de crescer?

— Se tiverem comida suficiente e espaço para crescer. Mas aqui acorrentados...

Os Grandes Mestres tinham usado o fosso como prisão. Era suficientemente grande para conter quinhentos homens... e mais do que amplo para dois dragões. Mas durante quanto tempo? O que acontecerá quando se tornarem grandes demais para o fosso? Irão virar-se um contra o outro com chamas e garras? Tornarão-se enfermiços e fracos com flancos enrugados e asas atrofiadas? Os seus fogos se apagarão antes do fim?

Que tipo de mãe deixa os filhos apodrecer nas trevas?

Se olhar para trás estou perdida, pensou Dany... mas como podia não olhar para trás? Devia ter visto que isto se aproximava. Terei sido assim tão cega ou será que fechei voluntariamente os olhos, para não ter de ver o preço do poder?

Viserys contara-lhe todas as histórias quando era pequena. Ele adorava falar de dragões. Dany sabia como Harrenhal caíra. Conhecia o Campo de Fogo e a Dança dos Dragões. Um dos seus antepassados, o terceiro Aegon, vira a sua própria mãe devorada pelo dragão do tio. E havia incontáveis canções sobre aldeias e reinos que viviam aterrorizados por dragões até que algum corajoso matador de dragões os salvava. Em Astapor, os olhos do escravagista tinham derretido. Na estrada para Yunkai, quando Daario despejara as cabeças de Sallor, o Calvo, e de Prendahl na Ghezn a seus pés, os seus filhos tinham-nas transformado num banquete. Os dragões não tinham medo dos homens. E um dragão suficientemente grande para se empanturrar de ovelhas podia capturar uma criança com igual facilidade.

O nome dela fora Hazzea. Tinha quatro anos. A menos que o pai tivesse mentido. Ele podia ter mentido. Ninguém viu o dragão além dele. A sua prova era ossos queimados, mas ossos queimados nada provavam. Ele próprio podia ter matado a menininha, queimando-a depois. O Tolarrapada afirmava que não teria sido o primeiro pai a livrar-se de uma filha indesejada. Os Filhos da Harpia podiam tê-lo feito e ter feito com que parecesse obra do dragão para levar a cidade a odiar-me. Dany desejava acreditar nisso... mas, se assim fosse, porque teria o pai de Hazzea esperado até que o salão de audiências estivesse quase vazio para avançar? Se o seu objetivo tivesse sido inflamar os meereeneses contra ela, teria contado a sua história quando o salão estivesse cheio de ouvidos para ouvir.

O Tolarrapada incentivara-a a mandar matar o homem.

Pelo menos lhe arranque a língua. A mentira deste homem podia destruir-nos a todos, Magnificência. — Mas Dany decidira pagar o preço de sangue. Ninguém podia- lhe dizer quanto valia uma filha, portanto definira-o como cem vezes o valor de um carneiro.

Eu lhe devolveria Hazzea se pudesse — dissera ao pai — mas há coisas que estão para lá até do poder de uma rainha. Os ossos dela jazerão no Templo das Graças, e cem velas arderão dia e noite em sua memória. Volta à minha presença todos os anos no dia do nome dela, e aos seus outros nada faltará... mas esta história não pode nunca mais voltar a cruzar-te os lábios.

— Os homens vão fazer perguntas — dissera o pai enlutado. — Vão-me perguntar onde está a Hazzea e como foi que ela morreu.

— Ela morreu da mordida de uma cobra — insistira Reznak mo Reznak. — Um lobo voraz levou-a. Foi acometida de uma doença súbita. Diz-lhes o que quiser, mas nunca fales de dragões.

As garras de Viserion esgravataram nas pedras, e as enormes correntes chacoalharam quando voltou a tentar chegar até ela. Quando não conseguiu, soltou um rugido, torceu a cabeça para trás o máximo que lhe foi possível e cuspiu chamas douradas sobre a parede atrás dele. Quanto tempo faltará até que o fogo que sopra seja suficientemente quente para rachar pedra e derreter ferro?

Tempos atrás, não muito distantes, o dragão seguira empoleirado no seu ombro com a cauda enrolada no seu braço. Tempos atrás, ela alimentara-o à mão com porções de carne esturricada. Fora o primeiro a ser acorrentado. Fora à própria Daenerys a levá-lo para o fosso e a fechá-lo lá dentro com vários bois. Depois de se empanturrar ficara sonolento. Tinham-no acorrentado enquanto dormia.

Rhaegal fora mais difícil. Talvez conseguisse ouvir o irmão enfurecendo-se no fosso, apesar das paredes de tijolo e pedra que se interpunham entre ambos. No fim tinham tido de cobri-lo com uma rede de pesada malha de ferro enquanto ele apanhava sol no terraço, e o dragão lutara com tal ferocidade que tinham demorado três dias a levá-lo pelas escadas dos criados, contorcendo-se e tentando morder. Seis homens tinham ficado queimados na luta.

E Drogon...

A sombra alada, chamara-lhe o pai enlutado. Era o maior dos três de Dany, o mais feroz, o mais violento, com escamas negras como a noite e olhos que eram como poços de fogo.

Drogon caçava até bem longe, mas quando estava saciado gostava de se aquecer ao sol no topo da Grande Pirâmide, onde, em tempos, se erguera a harpia de Meereen. Por três vezes o tinham tentado apanhar aí, e por três vezes tinham falhado. Duas dezenas dos seus homens mais corajosos tinham-se posto em risco tentando capturá-lo. Quase todos tinham sofrido queimaduras, e quatro tinham morrido. A última vez que vira Drogon fora ao pôr-do-sol do dia da terceira tentativa. O dragão negro estivera voando para norte por cima do Shahazadhan, na direção das altas ervas do mar dothraki. Não regressara.

Mãe de dragões, pensou Daenerys. Mãe de monstros. O que foi que deixei à solta no mundo? Sou uma rainha, mas o meu trono é feito de ossos queimados e está assentado em areias movediças. Sem dragões, como podia ter esperança de manter o controle de Meereen, já para não falar de reconquistar Westeros? Sou do sangue do dragão, pensou. Se eles são monstros, eu também sou.

FEDOR

A ratazana guinchou quando a mordeu, esperneando violentamente em suas mãos, num frenesi para fugir. A barriga era a parte mais mole. Rasgou a carne doce, com o sangue quente escorrendo pelos lábios. Era tão bom que lhe trouxe lágrimas aos olhos. A sua barriga trovejou e ele engoliu. À terceira dentada a ratazana parou de lutar, e ele estava sentindo-se quase satisfeito.

Então ouviu o som de vozes do outro lado da porta da masmorra.

Aquietou-se de imediato, temendo até mastigar. A sua boca estava cheia de sangue, carne e pelos, mas não se atrevia a cuspir ou a engolir. Escutou aterrorizado, duro como pedra, o raspar de botas e o tilintar de chaves de ferro. *Não,* pensou, *não, por favor, deuses, agora não, agora não.* Levara tanto tempo até apanhar a ratazana. Se me apanharem agora com ela vão leva-la e depois vão contar, e o Lorde Ramsay vai me magoar.

Sabia que devia esconder a ratazana, mas tinha tanta fome. Tinham-se passado dois dias desde que comera, ou talvez três. Ali em baixo, no escuro, era difícil saber. Apesar dos seus braços e pernas estarem magros como juncos, tinha a barriga inchada e oca e doía-lhe tanto que descobrira que não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos dava se lembrar-se da Senhora Hornwood. Depois do casamento de ambos, o Lorde Ramsay a trancara numa torre e a matara de fome. No fim, ela comera os próprios dedos.

Agachou-se a um canto da cela, agarrando a presa sob o queixo. Sangue escorreu pelos cantos da boca enquanto mordiscava a ratazana com o que restava dos seus dentes, tentando devorar o máximo da carne morna que pudesse antes de a cela ser aberta. A carne era fibrosa, mas tão rica que pensou que talvez fosse ficar mal disposto. Mastigou e engoliu, tirando pequenos ossos dos buracos nas gengivas de onde dentes tinham sido arrancados. Doía mastigar, mas ele tinha tanta fome que não conseguia parar.

Os sons estavam ficando mais fortes. Por favor, deuses, ele não vem me buscar, rezou, arrancando uma das patas da ratazana. Passara-se muito tempo desde que alguém viera buscá-lo. Havia outras celas, outros prisioneiros. Às vezes ouvia-os gritando, mesmo através das espessas paredes de pedra. São sempre as mulheres que gritam mais alto. Chupou a carne crua e tentou cuspir o osso da pata, mas este se limitou a escorregar sobre o lábio inferior e a emaranhar-se na barba. Vai embora, rezou, vai embora, passa por mim, por favor, por favor.

Mas os passos pararam precisamente quando eram mais ruidosos, e as chaves tilintaram mesmo junto da porta. A ratazana caiu dos seus dedos. Limpou os dedos ensanguentados nas calças.

— *Não* — resmungou — *nãããão.* — Os seus calcanhares procuraram na palha quando tentou se empurrar para o canto, para dentro das paredes frias e úmidas de pedra.

O som da tranca girando foi o mais terrível de todos. Quando a luz atingiu-o em cheio na cara, soltou um guincho. Teve de cobrir os olhos com as mãos. Podia tê-los arrancado com as unhas se se atrevesse, de tanto que a cabeça doía.

— Leve-a daqui, faça no escuro, por favor, oh por favor.

— Aquilo não é ele — disse uma voz de rapaz. — Olha para ele. Temos a cela errada.

— Última cela da esquerda — respondeu outro rapaz. — Esta é a última cela da esquerda, não é?

— Sim. — Uma pausa. — O que ele está dizendo?

Acho que não gosta da luz.

— E você gostaria, se tivesse aquele aspecto? — o rapaz puxou um escarro e cuspiu-o. — E o fedor que tem. Ainda sufoco.

— Tem andado comendo ratazanas — disse o segundo rapaz. — Olha.

O primeiro rapaz riu.

— Pois é. É engraçado.

Tinha que comê-las. As ratazanas o mordiam quando dormia, roendo seus dedos das mãos e dos pés, roendo mesmo a cara, por isso quando conseguira apanhar uma não hesitara. Comer ou ser comido, eram essas as únicas alternativas.

— É verdade — resmungou — é verdade, é mesmo, comi, elas me fazem o mesmo, por favor...

Os rapazes aproximaram-se mais, esmagando suavemente a palha sob os seus pés.

— Fala comigo — disse um deles. Era o menor dos dois, um rapaz magro, mas esperto. — Se lembra de quem é?

O medo se ergueu a borbulhar dentro dele, e gemeu.

— Fala comigo. Diga-me o seu nome.

O meu nome. Um grito se prendeu na garganta. Eles tinham-lhe ensinado o seu nome, tinham mesmo, tinham mesmo, mas foi a tanto tempo que se esquecera. Se o disser errado, ele vai tirar outro dedo, ou pior, vai... vai... Não queria pensar nisso, não podia pensar nisso. Havia agulhas no seu queixo, nos olhos. Tinha a cabeça latejando.

— Por favor —-guinchou, com a voz fina e fraca. Soava como se tivesse cem anos. Talvez tivesse. Há quanto tempo estou eu aqui? — Vai — resmungou por entre dentes quebrados e dedos quebrados, com os olhos bem fechados contra a terrível luz brilhante — por favor, pode ficar com a ratazana, não me faça mal...

— Fedor — disse o maior dos rapazes. — O seu nome é Fedor. Lembra? — Era o que tinha o archote. O rapaz menor tinha o aro de chaves de ferro.

— Fedor? Lágrimas escorreram pela cara.

— Lembro-me. Lembro mesmo. — A sua boca abriu-se e fechou-se. — O meu nome é Fedor. Rima com vapor. — Na escuridão não precisava de nome, e era fácil esquecer. Fedor, Fedor, o meu nome é Fedor. Não nasceu com aquele nome. Em outra vida fora outra pessoa, mas ali e naquele momento o seu nome era Fedor. Lembrava-se.

Também se lembrava dos rapazes. Traziam vestidos gibões de lã condizentes, cinza prateados, ornamentados de azul-escuro. Ambos eram escudeiros, ambos tinham oito anos, e ambos eram Walder Frey. O Grande Walder e o Pequeno Walder... Só que o grande era Pequeno e o pequeno era Grande, o que divertia os rapazes e confundia o resto do mundo.

— Eu os conheço — sussurrou por entre lábios estalados. — Conheço os seus nomes.

— Vai ter de vir conosco — disse o Pequeno Walder.

— Sua senhoria tem necessidade de ti — disse o Grande Walder.

O medo atravessou-o como uma faca. Eles são só crianças, pensou. Dois rapazes de oito anos. Certamente poderia dominar dois rapazes de oito anos. Mesmo fraco como estava, podia tirar-lhes o archote, tirar-lhes as chaves, tirar o punhal embainhado à cintura do Pequeno Walder, fugir. Não. Não, é fácil demais. É uma armadilha. Se eu fugir, ele vai me tirar outro dedo, vai tirar mais dos meus dentes.

Já fugira antes. Há anos, segundo parecia, quando ainda lhe restava alguma força, quando ainda era desafiador. Dessa vez foi Kyra com as chaves. Disse-lhe que as roubou, que conhecia uma porta que nunca estava guardada.

— Me leve de volta pra Winterfell, senhor — suplicara, pálida e tremendo. — Eu não conheço o caminho. Não posso fugir sozinha. Venha comigo, por favor. — E ele foi. O carcereiro estava completamente bêbado numa poça de vinho, com as calças caídas até aos tornozelos. A porta das masmorras estava aberta e a porta não estava guardada, tal como ela dissera. Esperaram até que a Lua se esconder detrás de uma nuvem, e depois fugiram do castelo e atravessaram a chapinhar o Águas Chorosas, tropeçando em pedras, semicongeladas pelo gelado curso de água. Na outra margem, ele a beijou.

— Você nos salvou — disse.

Palerma. Palerma.

Foi tudo uma armadilha, um jogo, uma brincadeira. O Lorde Ramsay adorava a caça, e preferia caçar presas de duas pernas. Correram toda a noite pela floresta sombria, mas quando o Sol surgiu, o som de um corno distante chegara tenue através das árvores, e ouviram o ladrar de uma matilha de cães.

Devíamos nos dividir — disse Kyra quando os cães se aproximaram. — Eles não podem seguir nós dois — Mas a mulher estava enlouquecida de medo e

se recusava a sair de perto dele, mesmo quando ele jurara pôr um exército de homens de ferro em pé de guerra e voltar para vir busca-la, se fosse a ela que os cães seguissem.

Antes de a hora chegar ao fim, tinham sido apanhados. Um cão atirara-o ao chão, e um segundo mordeu Kyra na perna enquanto ela tentava subir a vertente de uma colina. O resto rodeara-os, ladrando e rosnando, tentando mordê-los todas as vezes que se mexiam, mantendo-os ali até que Ramsay Snow chegasse a cavalo com os seus caçadores. Nessa altura ainda era um bastardo, ainda não era um Bolton.

Aí está você — disse, sorrindo-lhes de cima da sela. — Me feriu, fugindo desta maneira. Cansou assim tão depressa da minha hospitalidade? — foi nessa altura que Kyra pegou numa pedra e lhe atirara à cabeça. Falhou por uns bons trinta centímetros, e Ramsay sorrira. — Tem que ser castigada.

Fedor lembrava-se da expressão desesperada, aterrorizada, nos olhos de Kyra. Nunca parecera tão nova como naquele momento, ainda meio menina, mas nada havia que ele pudesse fazer. Foi ela que os atraiu até nós, pensou. Se tivéssemos nos separado como eu queria, um de nós podia ter escapado.

A recordação tornava difícil respirar. Fedor afastou a cara do archote, com lágrimas tremeluzindo nos olhos. O que quer ele de mim desta vez? pensou, desesperando. Porque é que não me deixa simplesmente em paz? Não fiz nada de mal desta vez, porque é que eles não me deixam simplesmente no escuro? Comeu uma ratazana, uma gorda, quente e a espernear...

— Devíamos lavá-lo? — perguntou o Pequeno Walder.

— Sua senhoria gosta dele fedorento — disse o Grande Walder. — Foi por isso que lhe chamou Fedor.

Fedor. O meu nome é Fedor, rima com calor. Tinha de se lembrar daquilo. Serve e obedeça e lembre- se de quem é e não te acontecerá mais nada de mal. Ele promeseu, sua senhoria promeseu. Mesmo se tivesse querido resistir, não tinha força para isso. A força lhe foi arrancada à chicotada, à fome, à esfolada. Quando o Pequeno Walder o puxou pondo-o em pé e o Grande Walder brandiu o archote na sua direção para encaminhá-lo para fora da cela, foi com eles, dócil como um cão. Se tivesse uma cauda, teria a enfiado entre as pernas.

Se eu tivesse uma cauda, o Bastardo já a teria cortado. O pensamento chegou sem ser pedido, um pensamento vil, perigoso. Sua senhoria já não era bastardo. Bolton, não Snow. O rei rapaz no Trono de Ferro tornara o Lorde Ramsay legítimo, dando-lhe o direito de usar o nome do senhor seu pai. Chamar-lhe Snow fazia-lhe lembrar da sua bastardia e o colocava numa raiva negra. Tinha de se lembrar disso. E do seu nome, tinha de se lembrar do seu nome. Durante meio segundo fugiu-lhe, e isso o assustou tanto que tropeçou nos íngremes degraus da masmorra e rasgou as calças na pedra, começando a sangrar. O Pequeno Walder teve de machucar-lhe com o archote para o pôr outra vez em pé e a se mexer.

Lá fora, no pátio, a noite estava caindo sobre o Forte do Pavor e uma Lua cheia erguia-se sobre as muralhas orientais do castelo. A sua luz pálida fazia cair às sombras dos altos merlões triangulares sobre o chão gelado, uma linha de aguçados dentes negros. O ar estava frio, úmido e cheio de cheiros meio esquecidos. *O mundo*, disse Fedor a si próprio, *é assim que cheira o mundo*. Não sabia quanto tempo passou lá em baixo nas masmorras, mas tinha de ter sido pelo menos meio ano. Esse tempo todo, ou mais ainda. E se foram cinco anos, ou dez, ou vinte? Eu saberia? E se enlouqueci lá em baixo e se passou metade da minha vida? Mas não, isso era uma loucura. Não podia ter passado tanto tempo. Os rapazes ainda eram rapazes. Se tivessem passado dez anos, teriam crescido até se tornarem homens. Tinha de se lembrar disso. Não posso deixar que ele me enlouqueça. Pode me tirar os dedos das mãos e dos pés, pode me arrancar os olhos e me cortar as orelhas, mas não pode me tirar o juízo a menos que eu deixe.

O Pequeno Walder indicou o caminho de archote na mão. Fedor seguiu-o docilmente com Grande Walder logo atrás de si. Os cães nos canis ladraram quando eles passaram. Vento rodopiou pelo pátio, cortando através do pano fino dos farrapos imundos que usava e enchendo-o de pele de galinha. O ar noturno estava frio e úmido, mas não viu sinal de neve, embora o inverno certamente estivesse próximo. Fedor perguntou a si próprio se estaria vivo para ver a neve chegar. Quantos dedos terei nas mãos? E nos pés? Quando ergueu uma mão, ficou chocado por ver como se tornara branca, como se tornara descamada. *Pele e ossos*, pensou. Tenho as mãos de um velho. *Poderia ter se enganado sobre os rapazes? E se afinal não fossem o Pequeno Walder e o Grande Walder, mas os filhos dos rapazes que conhecera?*

O grande salão estava sombrio e fumarento. Fileiras de archotes ardiam à esquerda e à direita, seguros por esqueléticas mãos humanas que se projetavam das paredes. Bem alto havia traves de madeira negras de fumo, e um teto abobadado perdido nas sombras. O ar estava pesado com os cheiros do vinho, da cerveja e da carne assada. O estômago de Fedor ribombou ruidosamente ao sentir os cheiros, e a sua boca começou a salivar.

O Pequeno Walder empurrou-o aos tropeções, fazendo-o passar pelas longas mesas onde os homens da guarnição estavam comendo. Conseguia sentir os olhos deles postos em si. Os melhores lugares, perto do estrado, eram ocupados pelos favoritos de Ramsay, os Rapazes do Bastardo. Ben Ossos, o velho que tratava dos amados cães de caça de sua senhoria. Damon, chamado Damon-Dança-Para-Mim, de cabelo claro e arrapazado. O Grunhido, que perdera a língua por falar descuidadamente ao alcance dos ouvidos do Lorde Roose. O Alyn Azedo. O Esfolador. O Pica Amarela. Mais longe, abaixo do sal, estavam outros que Fedor conhecia de vista, quando não pelo nome; espadas juramentadas e sargentos, soldados, carcereiros e torturadores. Mas também havia estranhos, caras que não conhecia. Alguns franziram os narizes quando passou, enquanto outros riram ao vê-lo. Hóspedes, pensou o Fedor, amigos de sua senhoria, e eu

fui trazido até aqui acima para diverti-los. Um estremecimento de medo percorreu-o.

Na mesa elevada, o Bastardo de Bolton estava sentado na cadeira do senhor seu pai, bebendo da taça do pai. Dois velhos partilhavam com ele a mesa elevada, e Fedor percebeu com um relance que ambos eram senhores. Um era descarnado, com olhos insensíveis, uma longa barba branca e uma cara tão dura como geada de inverno. O seu colete era uma pele irregular de urso, gasta e oleosa. Por baixo usava um Camisa de cota de malha, mesmo ali à mesa. O segundo senhor também era magro, mas era torcido onde o primeiro era direito. Um dos seus ombros era muito mais alto do que o outro, e debruçava-se sobre o prato como um abutre sobre carne podre. Os seus olhos eram cinzentos e avarentos, os dentes amarelos, a barba bifurcada num emaranhado de neve e prata. Só alguns farrapos de cabelo branco ainda aderiam ao seu crânio malhado, mas o manto que usava era suave e de boa qualidade, lã cinzenta guarnecida com zibelina negra e presa ao ombro com um esplendor feito de prata martelada.

Ramsay estava vestido de negro e rosa; botas negras, cinturão e bainha negros, colete negro de couro sobre um gibão de veludo rosa cortado de cetim vermelho-escuro. Na orelha direita cintilava uma granada cortada na forma de uma gota de sangue. Mas, apesar de todo o esplendor do vestuário, continuava a ser um homem feio, de ossos grandes e ombros inclinados, com uma qualidade carnuda que sugeria que mais tarde na vida se tornaria gordo. A sua pele era rósea e manchada, o nariz largo, a boca pequena, o cabelo longo, escuro e seco. Os lábios eram largos e carnudos, mas quando os homens o olhavam era nos olhos que primeiro reparavam. Tinha os olhos do senhor seu pai; pequenos, juntos, estranhamente claros. Alguns homens chamavam à cor cinzenta de fantasma, mas na verdade os olhos dele eram praticamente desprovidos de cor, como duas lascas de gelo sujo.

Ao ver Fedor, esboçou um sorriso de lábios úmidos.

— Aí está ele. O nosso velho e ácido amigo. — Aos homens a seu lado disse: — Fedor está comigo desde que eu era rapaz. O senhor meu pai me deu, em sinal do seu amor.

Os dois senhores trocaram um olhar.

— Tinha ouvido dizer que o seu criado estava morto — disse o de ombro inclinado. — Que tinha sido morto pelos Stark.

O Lorde Ramsey soltou um risinho.

— Os homens de ferro dizem que o que está morto não pode morrer, mas volta a erguer-se, mais duro e mais forte. Como Fedor. Mas cheira a sepultura, isso admito.

— Cheira a dejetos e a vomito velho. — O velho lorde de ombros inclinados cuspiu o osso que estivava roendo e limpou os dedos na toalha da mesa. — Há algum motivo para ter de vê-lo enquanto estamos comendo?

O segundo lorde, o velho de costas direitas com o Camisa de cota de malha, estudou Fedor com olhos de pedra.

— Volte a olhar — pediu ao outro senhor. — O cabelo dele ficou branco e está vinte quilos mais magro, sim, mas este não é criado nenhum. Esqueceu?

O lorde corcunda voltou a olhar e soltou uma súbita fungadela.

— Ele? Será possível? O protegido do Stark. A sorrir, sempre a sorrir.

— Ele agora sorri com menos frequência — confessou o Lorde Ramsay. — Posso ter partido alguns dos seus lindos dentes brancos.

— Teria feito melhor em cortar-lhe a goela — disse o lorde da cota de malha. — Um cão que se volta contra o dono não presta para nada a não ser o esfolamento.

— Oh, ele foi esfolado, aqui e ali — disse Ramsay.

— Sim, senhor. Eu fui mau, senhor. Insolente e... — Lambeu o lábio, tentando pensar no que mais teria feito. Serve e obedece, disse a si próprio, e ele te deixa viver e ficar com os órgãos que ainda tens. Serve e obedece e lembra-se do seu nome. Fedor, Fedor, rima com pavor. —... mal e...

— Tem sangue na boca — observou Ramsay. — Tem andado outra vez roendo os dedos, Fedor?

— Não. Não, senhor, juro. — Fedor tentava uma vez arrancar à dentada o dedo anelar, para fazer com que parasse de doer depois de lhe terem arrancado a pele. O Lorde Ramsay nunca se limitava a cortar o dedo de homem. Preferia esfolá-lo, e deixar a carne exposta secar, estalar e infetar-se. Fedor foi chicoteado, supliciado e cortado, mas não havia dor nem de perto tão atroz como a que se seguia ao esfolamento. Era o tipo de dor que levava os homens à loucura, e não podia ser suportada por muito tempo. Mais tarde ou mais cedo, a vítima gritaria "Por favor, basta, basta, pare com a dor, corte-o" e o Lorde Ramsay fazia esse favor. Era um jogo que eles jogavam. Fedor aprendeu as regras, como as suas mãos e pés podiam comprovar, mas dessa vez esqueceu-se e tentou ele mesmo pôr fim à dor, com os dentes. Ramsay não ficou contente, e a ofensa custou ao Fedor outro dedo de um pé. — Comi uma ratazana — resmungou.

— Uma ratazana? — os olhos claros de Ramsay cintilaram à luz dos archotes. — Todas as ratazanas do Forte do Pavor pertencem ao senhor meu pai. Como se atreve a transformar uma em refeição sem a minha autorização?

Fedor não sabia o que dizer, portanto nada disse. Uma palavra errada podia custar-lhe outro dedo de um pé, ou mesmo de uma mão. Até àquele momento, perdera dois dedos da mão esquerda e o mindinho da direita, mas só o mindinho do pé direito contra três dedos do esquerdo. Às vezes Ramsay fazia gracejos sobre equilibrá-lo. *O meu senhor está só brincando*, tentou dizer a si próprio. Não quer me magoar, ele me disse, só o faz quando lhe dou motivos. O seu senhor era misericordioso e bom. Podia ter-lhe esfolado a cara por algumas das coisas que Fedor dissera, antes de aprender o seu verdadeiro nome e o lugar que lhe cabia.

— Isto se torna um aborrecimento — disse o lorde com o Camisa de cota de malha. — Mate-o e acabe com isto.

Lorde Ramsay encheu a taça com cerveja.

Isso estragaria a nossa festa, senhor. Fedor, tenho notícias alegres para te dar. Vou me casar. O senhor meu pai está me trazendo uma menina Stark. Filha do Lorde Eddard, a Arya. Lembra-se da pequena Arya, não lembra?

Arya Debaixo-dos-Pés, quase disse ele. Arya Cara-de-Cavalo. A irmã mais nova de Robb, de cabelo castanho, cara comprida, magricela como um pau, sempre suja. A bonita era a Sansa. Lembrou-se de uma vez em que pensou que Lorde Eddard talvez o casasse com Sansa e o reclamasse como filho, mas isso foi apenas uma fantasia de criança. Mas a Arya...

— Eu me lembro dela. Arya.

— Vai ser a Senhora de Winterfell, e eu o seu senhor.

Ela não passa de uma menina.

— Sim, senhor. Parabéns.

— Servirá-me no meu casamento, Fedor?

Hesitou.

— Se o desejar, senhor.

— Oh, desejo.

Voltou a hesitar, perguntando se aquilo seria alguma armadilha cruel.

— Sim, senhor. Se te agradar. Ficaria honrado.

Então temos de te tirar daquela horrível masmorra. Voltar a te esfregar até ficar cor de rosa, te arranjar umas roupas limpas, alguma comida para comer. Umas papas de aveia, saborosas e moles, gostaria? Talvez uma torta de ervilhas enfeitada com bacon. Tenho uma tarefazinha para você, e vai precisar ter as forças de volta para me servir. Você quer me servir que eu sei.

— Sim, senhor. Mais do que qualquer coisa. — Foi percorrido por um arrepio. — Sou o seu Fedor. Por favor, me deixa te servir. Por favor.

— Já que pede com tanto jeitinho, como posso dizer que não? — Ramsay Bolton sorriu. — Parto para a guerra, Fedor. E você vai vir comigo, para me ajudar a trazer para casa a minha noiva virgem.

BRAN

Qualquer coisa no modo como o corvo gritou pôs um arrepio a percorrer a espinha de Bran. Sou quase um homem feito, teve de lembrar a si próprio. Agora tenho de ser corajoso.

Mas o ar estava penetrante e frio e cheio de medo. Mesmo Verão estava com medo. O pelo no seu pescoço estava eriçado. Sombras estendiam-se contra a vertente da colina, negras e esfomeadas. Todas as árvores estavam dobradas e torcidas pelo peso do gelo que suportavam. Algumas quase nem pareciam árvores. Enterradas das raízes às copas em neve congelada, aninhavam-se na colina como gigantes, criaturas monstruosas e deformadas, enroladas sobre si próprias contra o vento gélido.

— Eles estão aqui. — O patrulheiro puxou pela espada.

— Onde? — a voz de Meera soou murmurada.

— Perto. Não sei. Em algum lugar.

O corvo voltou a guinchar.

— Hodor — murmurou Hodor. Tinha as mãos enfiadas nos sovacos. Pingentes pendiam-lhe das raízes castanhas da barba e o seu bigode era um torrão de ranho congelado, reluzindo, vermelho, à luz do pôr-do-sol.

— Os lobos também estão próximos — avisou Bran. — Aqueles que têm nos seguido. Verão consegue cheirá-los sempre que o vento sopra na nossa direção.

— Lobos são o menor dos nossos problemas — disse Mãos-Frias. — Temos de subir. Ficará escuro em breve. Faremos bem em estar lá dentro antes de a noite chegar. O calor de vocês irá atraí-los. — Deu um relance para oeste, onde a luz do sol poente podia ser vista de uma forma pouco nítida através das árvores, como se fosse o brilho de uma fogueira distante.

— Esta é a única entrada? — perguntou Meera.

— A entrada de trás fica três léguas para norte, num poço natural.

Era tudo o que precisava dizer. Nem mesmo Hodor podia descer a um poço com Bran pesando em suas costas, e Jojen não seria mais capaz de caminhar três léguas do que de correr mil.

Meera examinou a colina por cima de si.

— O caminho parece livre.

— Parece — resmungou sombriamente o patrulheiro. — Sente o frio? Há qualquer coisa aqui. Onde estão eles?

— Dentro da gruta?— sugeriu Meera.

— A gruta está protegida. Eles não podem passar. — O patrulheiro usou a espada para apontar. — Pode ver a entrada ali. A meio caminho do cume, entre os represeiros, aquela fenda na rocha.

— Estou vendo — disse Bran. Corvos estavam voando para dentro e para fora.

Hodor mudou o peso de uma perna para a outra.

— Hodor.

— Uma dobra na rocha, é tudo o que eu vejo — disse Meera.

— Há ali uma passagem. íngreme e retorcida a princípio, um canal estreito na rocha. Se conseguirem alcançá-la ficarão a salvo.

— E você?

— A gruta está protegida.

Meera estudou a fenda na vertente da colina.

— Não podem ser mais de novecentos metros daqui até lá.

Não, pensou Bran, mas todos esses metros são de subida. A colina era íngreme e densamente arborizada. A neve parara de cair três dias antes, mas nenhuma derretera. Sob as árvores, o chão estava atapetado de branco, ainda intocado e sem rastros.

— Não tem ninguém aqui — disse Bran com valentia. — Olhe para a neve. Não há pegadas.

— Os caminhantes brancos pisam levemente na neve — disse o patrulheiro. — Não encontrará pegadas mostrando a sua passagem. — Um corvo caiu desde o alto para ir se instalar no seu ombro. Só uma dúzia das grandes aves negras permanecia com eles. O resto desapareceu ao longo do caminho; a cada alvorada, quando acordavam, havia menos.

— *Vem* — crocitou a ave. — *Vem, vem.*

O corvo de três olhos, pensou Bran. O vidente verde.

— Não é assim tão longe — disse. — Uma subidazinha e ficaremos em segurança. Talvez possamos fazer uma fogueira. — Todos tinham frio, estavam molhados e com fome, exceto o patrulheiro, e Jojen Reed estava fraco demais para caminhar sem ajuda.

— Vai você. — Meera Reed abaixou-se ao lado do irmão. Este estava instalado no buraco de um carvalho, de olhos fechados, tremendo com violência. O pouco da sua cara que se conseguia ver sob o capuz e o cachecol estava tão incolor como a neve que os rodeava, mas a respiração ainda criava tênues baforadas de vapor sempre que ele exalava pelas narinas. Meera o carregou o dia inteiro. *Comida e um fogo o deixarão outra vez bom*, tentou Bran dizer a si, embora não tivesse a certeza de isso ser verdade. — Não posso lutar ao mesmo tempo que carrego Jojen, a subida é muito íngreme —Meera disse. — Hodor, leve Bran para aquela gruta.

— Hodor. — Hodor baseu palmas.

— Jojen só precisa comer — disse Bran em tom infeliz. Tinham se passado doze dias desde que o alce caíra pela terceira e última vez, desde que Mãos-Frias ajoelhou a seu lado no banco de neve e murmurou uma bênção numa língua estranha qualquer enquanto lhe cortava a garganta. Bran chorou como uma menininha quando o sangue brilhante saiu em jorro. Nunca se sentiu mais

aleijado do que nesse momento, observando impotente enquanto Meera Reed e Mãos-Frias esquartejavam o corajoso animal que os transportara até tão longe. Disse a si próprio que não comeria, que passar fome seria melhor do que banquetear-se com um amigo, mas, por fim, comeu duas vezes, uma na sua própria pele, e outra na de Verão. Embora o alce estivesse magro e esfomeado, os bifes que o patrulheiro cortou do seu corpo tinham os sustentado durante sete dias, até acabarem com o último aninhados junto a uma fogueira nas ruínas de um velho cume fortificado.

— Ele precisa comer — concordou Meera, alisando a testa do irmão. — Todos nós precisamos, mas aqui não há comida. Vai.

Bran reprimiu uma lágrima, pestanejando, e sentiu a bochecha congelando. Mãos-Frias pegou num braço de Hodor.

— A luz está a sumindo. Se eles não estão aqui ainda, estarão em bre¬ve. Anda.

Sem palavras, para variar, Hodor sacudiu com palmadas a neve das pernas, e começou a subir através dos montes de neve acumulada pelo vento com Bran às costas. Mãos-Frias caminhava ao lado deles, com a espada numa mão negra. Verão vinha atrás. Em alguns locais, a neve era mais alta do que ele, e o grande lobo gigante tinha que parar e se sacudir antes de mergulhar através da fina crosta. Enquanto subiam, Bran virou-se desajeitadamente no cesto para ver Meera enfiar um braço sob o irmão para ajuda-lo a pôr-se em pé. Ele é pesado demais para ela. Está meio morta de fome, não é tão forte como era antes. A menina pegou a lança para rãs com a outra mão, espetando os dentes na neve a fim de obter um pouco mais de apoio. Meera tinha começado a subir esforçadamente a colina, trazendo o irmão mais novo entre arrastado e carregado, quando Hodor passou entre duas árvores e Bran os perdeu de vista.

A colina tornou-se mais íngreme. Montes de neve rangiam sob as botas de Hodor. Uma vez, uma pedra mexeu-se sob o seu pé e ele deslizou para trás, e quase caiu às cambalhotas pela colina abaixo. O patrulheiro o pegou pelo braço e o salvou.

— Hodor — disse Hodor. Cada rajada de vento enchia o ar com um fino pó branco que brilhava como vidro à última luz do dia. Corvos esvoaçavam à volta deles. Um voou em frente e desapareceu dentro da gruta. Só faltam setenta metros, pensou Bran, não é nada longe.

Verão parou de súbito na base de uma íngreme extensão de alva neve intocada. O lobo gigante virou a cabeça, farejou o ar, depois rosnou. Com a pelagem eriçada, começou a recuar.

— Hodor, para — disse Bran. — Hodor. Espera. — Havia algo de errado. Verão cheirava-o, e ele também. Algo de mal. Algo próximo. — Hodor, não, volta para trás.

Mãos-Frias continuava a subir, e Hodor queria acompanhá-lo.

— *Hodor, hodor, hodor* — resmungou sonoramente, a fim de subjugar as queixas de Bran. A respiração tornou-se cansada. Uma névoa pálida enchia o ar.

Subiu um passo e depois outro. Ali, a neve chegava quase à cintura, e a encosta era muito íngreme. Hodor estava se inclinando para frente, agarrando-se a pedras e árvores com as mãos enquanto subia. Outro passo. Outro. A neve que Hodor perturbava deslizava pela colina abaixo, dando início a uma pequena avalanche abaixo deles.

Cinquenta metros. Bran esticou-se para o lado para ver melhor a gruta. Então viu outra coisa.

— Uma fogueira! — Na pequena fenda entre os represeiros via-se um brilho tremeluzente, uma luz avermelhada que chamava entre a escuridão que se aprofundava. — Olhe, alguém...

Hodor gritou. Torceu-se, tropeçou, caiu.

Bran sentiu o mundo deslizar para o lado quando o grande moço de estrebaria deu uma violenta volta sobre si próprio. Um forte impacto deixou-o sem fôlego. Sentiu a boca cheia de sangue e Hodor agitou os braços e rolou, esmagando o rapaz aleijado debaixo de si.

Qualquer coisa lhe prendeu a perna. Durante meio segundo, Bran pensou que talvez uma raiz tivesse se emaranhado em volta do seu tornozelo... até que a raiz se mexeu. Uma mão, viu ele, na altura em que o resto da criatura irrompeu de debaixo da neve.

Hodor pontapeou-a, atirando um calcanhar coberto de neve em cheio contra a cara da coisa, mas o morto nem sequer pareceu senti-lo. Depois, os dois engalfinharam, esmurrando e arranhando, deslizando pela colina abaixo. Neve encheu a boca e o nariz de Bran quando os outros rolaram, e meio segundo depois viu-se outra vez rolando para cima. Qualquer coisa lhe baseu na cabeça, uma pedra, um bocado de gelo ou o punho de um morto, não soube dizer, e deu por si fora do cesto, estatelado na vertente da colina, cuspindo neve, com a mão enluvada cheia de cabelo que arrancou da cabeça de Hodor.

A toda a sua volta, criaturas estavam erguendo-se de debaixo da neve.

Duas, três, quatro. Bran perdeu a conta. Saltavam violentamente por entre súbitas nuvens de neve. Algumas usavam mantos negros, algumas peles esfarrapadas, algumas nada. Todas tinham pele pálida e mãos pretas. Os seus olhos brilhavam como estrelas azuis claras.

Três delas caíram sobre o patrulheiro. Bran viu Mãos-Frias golpeando uma na cara. A coisa continuou avançando como se nada fosse, empurrando-o para os braços de outra. Outras duas estavam dirigindo-se para Hodor, avançando desajeitadamente pela ladeira abaixo. Com uma sensação doentia de terror impotente, Bran percebeu que Meera ia subir para o meio daquilo. Baseu na neve e gritou um aviso.

Algo o agarrou.

Foi nessa altura que o grito se transformou num berro. Bran encheu um punho de neve e atirou-o, mas a criatura nem sequer pestanejou. Uma mão preta tateou a sua cara, outra a barriga. Os dedos da coisa pareciam ferro. *Ele vai arrancar minhas tripas.*

Mas, de súbito, Verão interpôs-se entre eles. Bran viu pele rasgando como tecido barato, ouviu o estilhaçar de ossos. Viu uma mão e um pulso soltando, dedos pálidos contorcendo, a manga de tecido grosseiro desbotado de negro. Negro, pensou, ele está vestido de negro, era um membro da Patrulha. Verão jogou o braço fora, torceu-se e mergulhou os dentes no pescoço do morto, sob o queixo. Quando o grande lobo cinzento se soltou, arrancou a maior parte da garganta da criatura numa explosão de carne pálida e podre.

A mão cortada continuava se mexendo. Bran rolou para longe dela. Deitado de barriga, arranhando a neve, viu as árvores lá em cima, pálidas e cobertas de neve, com o brilho cor de laranja entre elas.

Quarenta metros. Se conseguisse a se arrastar quarenta metros, eles não conseguiriam apanhá-lo. A umidade infiltrou em suas luvas enquanto ele se agarrava a raízes e pedras, rastejando na direção da luz. Um pouco mais, só um pouco mais. Depois pode descansar ao lado do fogo.

Por essa altura a última luz já desaparecia entre as árvores. A noite caiu. Mãos-Frias golpeava e dilacerava o círculo de mortos que o rodeava. Verão rasgava aquele que matou, com a cara da criatura entre os dentes. Ninguém estava prestando nenhuma atenção a Bran. Rastejou para um pouco mais alto, arrastando as pernas inúteis atrás de si. Se conseguir chegar áquela gruta...

— Hoooodor — soou um lamento, vindo de algum lugar mais abaixo.

E, de súbito, ele deixou de ser Bran, o rapaz quebrado que rastejava pela neve, passando a ser Hodor, a meio da vertente, com a criatura tentando arranhar seus olhos. Rugindo, pôs-se hesitantemente em pé, atirando com violência a coisa para o lado. Ela caiu sobre um joelho, recomeçou a se levantar. Bran tirou a espada longa de Hodor do seu cinto. Lá muito no fundo, ainda ouvia o pobre Hodor choramingando, mas por fora era dois metros e dez de fúria com ferro antigo na mão. Ergueu a espada e a fez cair sobre o morto, grunhindo quando a lâmina rasgou lã úmida, cota de malha enferrujada e couro apodrecido, penetrando profundamente nos ossos e na carne que havia por baixo.

— HODOR! — berrou, e deu outro golpe. Desta vez cortou a cabeça da criatura pelo pescoço, e por meio momento se alvoroçou... até que um par de mãos mortas tentou às apalpadas cegas agarrar a sua garganta.

Bran recuou, sangrando, e Meera Reed apareceu lá, espetando profundamente a lança para rãs nas costas da criatura.

— Hodor — voltou a rugir Bran, fazendo sinal para ela subir a colina. — Hodor; hodor. — Jojen estava contorcendo-se debilmente onde ela o colocou. Bran foi ao seu encontro, largou a espada, recolheu o rapaz no braço de Hodor, e voltou a pôr-se em pé. — HODOR! — berrou.

Meera liderou o avanço pela colina acima, atirando estocadas às criaturas quando se aproximavam. As coisas não podiam ser feridas, mas eram lentas e desajeitadas.

— Hodor — dizia Hodor a cada passo. — Hodor, hodor. — Perguntou a si próprio o que pensaria Meera se lhe dissesse de repente que a amava.

Acima deles, silhuetas em chamas estavam dançando na neve.

As criaturas, compreendeu Bran. Alguém incendiou as criaturas. Verão rosnava e atirava dentadas enquanto dançava em volta da mais próxima das criaturas, uma grande ruína de um homem envolta em chamas rodopiantes. Ele não devia se aproximar tanto, que está fazendo? Depois viu-se a si próprio, estatelado na neve de cara para baixo. Verão estava tentando afastar a coisa de si. *O que acontecerá se a coisa me matar?* perguntou o rapaz a si próprio. *Serei Hodor para sempre? Voltarei para a pele de Verão? Ou ficarei simplesmente morto?*

O mundo moveu-se rapidamente à sua volta. Árvores brancas, céu negro, chamas vermelhas, estava tudo rodopiando, alterando, girando. Sentiu-se tropeçar. Conseguia ouvir Hodor gritando: *"Hodor hodor hodor hodor. Hodor hodor hodor hodor. Hodor hodor hodor hodor hodor."* Uma nuvem de corvos estava jorrando da gruta, e viu uma menininha com um archote na mão correndo de um lado para o outro. Por um momento, Bran pensou que fosse a irmã, Arya... loucamente, pois sabia que a irmã estava a mil léguas de distância, ou morta. E, no entanto, ali estava ela, rodopiando, uma coisinha magricela, esfarrapada, selvagem, com o cabelo todo emaranhado. Lágrimas encheram os olhos de Hodor e congelaram lá.

Tudo se virou ao contrário e de pernas para o ar, e Bran deu por si de volta à própria pele, meio enterrado na neve. A criatura incendiada erguia-se acima dele, delineado, alto, contra as árvores e os sudários nevados que as tapavam. Bran viu que era uma das criaturas nuas um instante antes de a árvore mais próxima largar a neve que a cobria e deixá-la cair, toda, em cima da sua cabeça.

Quando voltou a si, estava deitado numa cama de agulhas de pinheiro sob um escuro teto de pedra. A gruta. Estou na gruta. A boca ainda sangrava onde mordeu a língua, mas uma fogueira estava ardendo à sua direita, com o calor cobrindo a sua cara, e nunca sentiu nada tão bom. Verão estava lá, farejando à sua volta, e Hodor também, completamente ensopado. Meera embalava a cabeça de Jojen no colo. E a coisa Arya estava em pé por cima deles, agarrada ao archote.

— A neve — disse Bran. — Caiu em cima de mim. Me enterrou.

— Te escondeu. Eu te puxei para fora. — Meera indicou a menina com um aceno. — Mas foi ela que nos salvou. O archote... o fogo mata-os.

— O fogo queima-os. O fogo está sempre com fome.

Aquela não era a voz de Arya, nem de nenhuma criança. Era uma voz de mulher, aguda e doce, dotada de uma estranha música que não se assemelhava a nenhuma que Bran tivesse ouvido, e uma tristeza que achou que talvez lhe quebrasse o coração. Bran semicerrou os olhos para vê-la melhor. Era uma menina, mas menor do que Arya, com a pele sarapintada como a de uma corça sob um manto de folhas. Os seus olhos eram estranhos; grandes e líquidos, dourados e verdes, fendidos como os olhos de um gato. Ninguém tem olhos

como aqueles. O seu cabelo era um emaranhado de castanho, vermelho e dourado, cores de outono, com trepadeiras, gravetos e flores murchas a ele atadas.

— Quem é você? —Meera Reed perguntou.

Bran sabia.

— É uma criança. Uma filha da floresta. — Estremeceu, tanto de espanto como de frio. Tinham caído numa das histórias da Velha Nan.

— Os Primeiros Homens nos deram esse nome — disse a mulherzinha. — Os gigantes chamavam-nos *woh dak naggran*, o povo esquilo, porque éramos pequenos e rápidos e gostávamos de árvores, mas não somos nem esquilos nem crianças. O nosso nome no idioma verdadeiro significa aqueles que cantam a canção da terra. Antes de o seu idioma antigo começar a ser falado, já cantávamos as nossas canções há dez mil anos.

Meera disse:

— Agora fala o idioma comum.

— Por ele. O rapaz Bran. Nasci no tempo do dragão, e percorri o mundo dos homens durante duzentos anos, para observar, escutar e aprender. Podia ainda estar percorrendo, mas as minhas pernas estavam cansadas e o meu coração cansado, portanto virei os pés para casa.

— Duzentos anos?— disse Meera.

A criança sorriu.

— Homens, são eles as crianças.

— Tem nome? — perguntou Bran.

— Quando preciso de um. — Indicou com o archote a fenda negra na parede do fundo da gruta. — O nosso caminho é para baixo. Tem que vir comigo agora.

Bran voltou a estremecer.

— O patrulheiro...

— Ele não pode vir.

— Vão matá-lo.

— Não. Já o mataram há muito tempo. Agora venha. Lá no fundo faz mais calor, e lá ninguém os fará mal. Ele está à nossa espera.

— O corvo de três olhos? — perguntou Meera.

— O vidente verde. — E com aquilo foi embora, e não teve alternativa a não ser segui-la. Meera ajudou Bran a voltar a subir as costas de Hodor, apesar de o cesto estar meio esmagado e úmido de neve derretida. Depois pôs um braço em volta do irmão e voltou a colocá-lo em pé. Os olhos dele se abriram.

— O que é? — disse. — Meera? Onde estamos? — quando viu a fogueira sorriu. — Tive o mais estranho dos sonhos.

O caminho era estreito e retorcido, e tão baixo que Hodor depressa teve de se abaixar. Bran encolheu-se o melhor que podia, mas mesmo assim depressa o cocuruto da sua cabeça começou a raspar e a bater no teto. Terra solta desfazia-se a cada toque e caía para os olhos e cabelo, e uma vez baseu com a testa numa

grossa raiz branca que crescia da parede do túnel, com gavinhas penduradas e teias de aranha entre as suas ramificações.

A filha da floresta seguia à frente com o archote na mão, fazendo sussurrar atrás de si o seu manto de folhas, mas a passagem tinha tantas curvas que Bran depressa a perdeu de vista. Depois, a única luz passou a ser a que se refletia nas paredes da passagem. Depois de terem descido um pouco, a gruta se dividiu, mas um ramo estava escuro como breu, e até Hodor compreendeu que devia seguir o archote em movimento pelo outro lado.

O modo como as sombras se moviam fazia parecer que as paredes também estavam se mexendo. Bran viu grandes serpentes brancas deslizando para dentro e para fora da terra que o rodeava, e o seu coração saltou de medo. Perguntou a si próprio se teriam tropeçado num ninho de cobras de leite ou de gigantescos vermes sepulcrais, moles, brancos e úmidos. Vermes sepulcrais têm dentes. Hodor também os viu.

— Hodor — choramingou, relutante em continuar. Mas quando a filha da floresta parou para permitir que a vissem, a luz do archote estabilizou e Bran percebeu que as cobras eram só raízes brancas como aquela em que baseu com a cabeça.

— São raízes de represeiro — disse. — Lembra da árvore coração no bosque sagrado, Hodor? A árvore branca com as folhas vermelhas? Uma árvore não pode te fazer mal.

— Hodor. — Hodor mergulhou em frente, apressando-se a seguir a filha da floresta e o seu archote, penetrando mais profundamente na terra. Passaram por outra ramificação, e por outra, e depois chegaram a uma caverna cheia de ecos, tão grande como o enorme salão de Winterfell, com dentes de pedra pendurados do teto e mais se projetando para cima desde o chão. A criança da floresta teceu um caminho entre eles. De tempos em tempos, parava e acenava impacientemente com o archote. Por aqui, parecia dizer, por aqui, por aqui, mais depressa.

Houve mais passagens laterais depois disso, mais salas, e Bran ouviu água pingando em algum lugar à sua direita. Quando olhou nessa direção viu olhos a olhá-los de volta, olhos fendidos que resplandeciam brilhantemente, refletindo de volta a luz do archote. *Mais filhos da floresta,* disse a si próprio, a menina não é a única, mas a história da Velha Nan sobre os filhos de Gendel também lhe veio à mente.

Havia raízes por todo o lado, se retorcendo através da terra e da pedra, fechando algumas passagens e sustentando os tetos de outras. Toda a cor desapareceu, compreendeu Bran de súbito. O mundo era solo negro e madeira branca. A árvore coração em Winterfell tinha raízes tão grossas como a perna de um gigante, mas aquelas eram ainda mais grossas. E Bran nunca vira tantas. Deve haver um bosque inteiro de represeiros crescendo por cima de nós.

A luz voltou a minguar. Apesar de tão pequena, a criança-que-não-era-uma-criança movia-se depressa quando queria. Quando Hodor a seguiu batendo

os pés, algo fez um ruído de esmagamento debaixo deles. A sua parada foi tão súbita que Meera e Jojen quase colidiram com as suas costas.

— Ossos — disse Bran. — São ossos. — O chão da passagem estava cheio com os ossos de aves e animais. Mas havia também outros, ossos grandes que deviam vir de gigantes, e ossos pequenos que podiam ter pertencido a filhos da floresta. De ambos os lados, em nichos esculpidos na rocha, crânios os olhavam. Bran viu um crânio de urso e um crânio de lobo, meia dúzia de crânios humanos e quase outros tantos de gigantes. Todos os outros eram pequenos, com formas estranhas. Filhos da floresta. As raízes tinham crescido sobre, em volta e através deles, de todos eles. Alguns tinham corvos empoleirados em cima, vendo-os passar com brilhan¬tes olhos pretos.

A última parte da sua escura viagem foi a mais íngreme. Hodor fez a última descida de costas, ressaltando e deslizando para baixo num estridor de ossos partidos, terra solta e pedrinhas. A filha da floresta estava à espera deles, em pé no início de uma ponte natural sobre um abismo escancarado. Lá em baixo, nas trevas, Bran ouviu o som de água corrente. Um rio subterrâneo.

— Temos que atravessar? — perguntou Bran quando os Reed apareceram deslizando atrás dele. A ideia o assustava. Se Hodor escorregasse naquela ponte estreita, cairiam e cairiam...

— Não, rapaz — disse a criança. — Atrás de você. — Levantou mais o archote, e a luz pareceu deslocar-se e mudar. Num momento as chamas arderam em tons de laranja e amarelo, enchendo a caverna com um brilho avermelhado; depois todas as cores sumiram, deixando apenas preto e branco. Atrás deles, Meera soltou um arquejo. Hodor virou-se.

À frente deles estava sentado um lorde pálido adornado de ébano, sonhando, num emaranhado ninho de raízes, um trono entretecido de represeiro que abraçava os seus membros mirrados como uma mãe abraça um filho.

O seu corpo era tão esquelético e a roupa estava tão apodrecida que a princípio Bran o tomou por outro cadáver, um morto escorado há tanto tempo que as raízes tinham crescido por cima dele, por baixo dele e através dele. A pele que o lorde cadáver mostrava era branca, exceto uma mancha sangrenta que lhe subia pelo pescoço até a bochecha. O cabelo branco era fino e estreito como pelos de raízes e suficientemente comprido para roçar no chão de terra. Raízes enrolavam-se em volta das suas pernas como serpentes de madeira. Uma enterrava nas calças e penetrava na carne ressecada da sua coxa, para voltar a emergir do ombro. Um rebento de folhas vermelhas escuras brotava do crânio, e cogumelos cinzentos pintavam a sua testa. Restava um pouco de pele, esticada sobre a sua cara, apertada e dura como couro branco, mas mesmo essa estava rasgando e aqui e ali aparecia o osso castanho e amarelo que tinha por baixo.

— Você é o corvo de três olhos? — ouviu Bran perguntar. Um corvo de três olhos devia ter três olhos. Ele só tem um, e esse é vermelho. Bran conseguia sentir o olho o fitando, brilhando como uma lagoa de sangue à luz dos archotes.

Onde o seu outro olho devia ter estado, uma fina raiz branca crescia de uma órbita vazia, pela cara abaixo e para dentro do seu pescoço.

— Um... corvo? — a voz do lorde pálido era seca. Os seus lábios moviam-se lentamente, como se tivessem se esquecido de como formar palavras. — Em tempos, sim. Negro de vestuário e negro de sangue. — A roupa que ele usava estava apodrecida e desbotada, manchada de bolor e comida pelos vermes, mas em tempos tinha sido negra. — Eu fui muitas coisas, Bran. Agora sou como me vê e agora compreenderá por que motivo não pude ir até você... Exceto em sonhos. Observo-te há muito tempo, te observei com mil e um olhos. Vi o seu nascimento e o do senhor seu pai antes de você. Vi o seu primeiro passo, ouvi a sua primeira palavra, fiz parte do seu primeiro sonho. Estava te observando quando caiu. E agora veio finalmente ao meu encontro, Brandon Stark, embora a hora seja tardia.

— Estou aqui — disse Bran — só que estou quebrado. Você vai... você vai me consertar? Consertar as minhas pernas, quero eu dizer.

— Não — disse o pálido lorde. — Isso está para lá dos meus poderes.

Os olhos de Bran se encheram de lágrimas. Percorremos um caminho tão longo. A sala ecoou com o som do rio negro.

— Nunca mais voltará a andar, Bran — prometeram os pálidos lábios — mas irá voar.

TYRION

Durante muito tempo não se mexeu, ficou imóvel em cima da pilha de sacos velhos que lhe servia de cama, à escuta do vento nas cordas, do bater do rio contra o casco.

Uma Lua cheia flutuava sobre o mastro. *Está me seguindo rio abaixo, me observando como se fosse um grande olho.* Apesar do calor das peles quentes que o cobriam, um arrepio percorreu o homenzinho. *Preciso de uma taça de vinho. De uma dúzia de taças de vinho.* Mas a Lua pestanejaria antes daquele filho da puta do Griffome deixar matar a sede. Em vez de vinho, bebia água, e era condenado a noites sem dormir e a dias de suores e tremores.

O anão sentou-se, apoiando a cabeça nas mãos. *Terei sonhado?* Todas as memórias do sonho lhe tinham fugido. As noites nunca tinham sido bondosas para Tyrion Lannister. Dormia mal mesmo em suaves colchões de penas. Na *Tímida Donzela* fazia a cama no topo do teto da cabine com um rolo de corda de cânhamo como almofada. Gostava mais desse lugar do que do pequeno porão do barco. O ar era mais fresco, e os sons do rio eram mais suaves do que o ressonar de Pato. Havia um preço a pagar por essas alegrias, porém; o convés era duro, e ele acordava duro e dolorido, com cãibras e dores nas pernas.

Agora estavam latejando, com as barrigas duras como madeira. Mas as afagou com os dedos, tentando afastar a dor com uma esfregadela, mas quando se pôs em pé a dor ainda foi suficiente para levá-lo a fazer uma careta. *Preciso tomar banho.* A sua roupa de rapaz fedia, e ele também. Os outros se banhavam no rio, mas até naquele momento não se juntava a eles. Algumas das tartarugas que vira nos baixios pareciam suficientemente grandes para fazê-lo em dois com uma dentada. Pato os chamava de "quebra-ossos". Além do mais, não queria que Lemore o visse nu.

Uma escada de madeira descia do teto da cabine. Tyrion calçou as botas e desceu para a cobertura da popa, onde Griff estava sentado enrolado num manto de pele de lobo ao lado de um braseiro de ferro. O mercenário guardava para si a vigia da noite, levantando-se quando o resto do bando ia em busca das camas e recolhendo-se quando o Sol nascia.

Tyrion acocorou-se na frente dele e aqueceu as mãos por cima das brasas. Para lá da água cantavam rouxinóis.

— Depressa será dia — disse a Griff.

— Não suficientemente depressa. Precisamos nos colocar a caminho. — Se dependesse de Griff, a *Tímida Donzela* continuaria descendo o rio tanto de dia como de noite, mas Tandry e Ysilla recusavam-se a arriscar o seu barco de varejo no escuro. O Roine Superior estava cheio de obstáculos submarinos e troncos flutuantes, qualquer um dos quais seria capaz de rasgar o casco da *Tímida Donzela.* Griff não queria saber disso. O que queria era Volantis.

Os olhos do mercenário estavam sempre mexendo, investigando a noite em busca de... Quê? *Piratas? Homens de pedra? Caçadores de escravos?* O rio tinha perigos, o anão bem o sabia, mas o próprio Griff parecia a Tyrion mais perigoso do que qualquer um desses perigos. Ele o fazia se lembrar de Bronn, embora Bronn tivesse o humor negro de um mercenário e Griff não possuísse humor nenhum.

— Estou capaz de matar por uma taça de vinho — resmungou Tyrion.

Griff não respondeu. *Vai morrer antes de beber*, pareciam dizer os seus olhos claros. Tyrion embebedou-se até cair na primeira noite que passou na *Tímida Donzela.* No dia seguinte, acordou com dragões lutando no seu crânio. Griff deu-lhe uma olhadela a vomitar da borda do barco de varejo e disse:

— Acabou a bebida para você.

— O vinho me ajuda a dormir — protestara Tyrion. O *vinho afoga os meus sonhos*, poderia ter dito.

— Então fica acordado — replicou Griff, implacável.

Para leste, a primeira pálida luz do dia espalhava-se pelo céu, sobre o rio. As águas do Roine passaram lentamente de negras a azuis, para combinar com o cabelo e a barba do mercenário. Griff pôs-se em pé.

— Os outros devem acordar em breve. O convés é seu. — À medida que os rouxinóis foram silenciando, as aves do rio foram nos substituindo na canção. Garças chapinhavam entre os juncos e deixavam os seus rastos nos bancos de areia. As nuvens no céu estavam afogueadas; róseas e purpúreas, castanhas e douradas, cor de pérola e açafrão. Uma parecia um dragão. *Uma vez que um homem veja um dragão em voo*$_f$ *que fique em casa e cuide satisfeito do jardim*, escrevera alguém um dia, *pois este vasto mundo não possui maior maravilha.* Tyrion coçou a cicatriz e tentou se recordar do nome do autor. Os dragões tinham andado muito nos seus pensamentos nos últimos tempos.

— Bom dia, Hugor. — A septã Lemore apareceu com as suas vestes brancas, cingidas à cintura por um cinto tecido de sete cores. O cabelo fluía solto em volta dos ombros. — Dormiu bem?

— Aos arrancos, minha boa senhora. Voltei a sonhar com você. — *Um sonho acordado.* Não conseguia dormir, portanto, enfiou uma mão entre as pernas e imaginou a septã em cima dele, de seios balançando.

— Um sonho perverso, sem dúvida. É um homem perverso. Quer rezar comigo e pedir perdão pelos seus pecados?

Só se rezarmos à moda das Ilhas do Verão.

— Não, mas dê a Donzela um longo e doce beijo da minha parte.

Rindo, a septã se dirigiu à proa do barco. Era seu costume se banhar no rio todas as manhãs.

— É evidente que este barco não foi batizado em sua honra — gritou Tyrion enquanto ela se despia.

— A Mãe e o Pai nos fizeram à sua imagem, Hugor. Devíamos nos alegrar com os nossos corpos, pois são a obra de deuses.

Os deuses deviam estar bêbados quando chegou a minha vez. O anão observou enquanto Lemore deslizava para dentro da água. A cena deixava-o sempre duro. Havia algo de maravilhosamente perverso na ideia de arrancar da septã aquelas castas vestes brancas e de lhe abrir as pernas. *Inocência roubada*, pensou... Embora Lemore não fosse nem por sombras tão inocente como parecia. Tinha estrias na barriga que só podiam vir de um parto.

Yandry e Ysilla tinham se levantado com o sol e estavam tratando dos seus assuntos. Yandry deitava olhares à Septã Lemore enquanto verificava as cordas. A sua pequena e escura mulher, Ysilla, não reparava. Alimentou o braseiro da pavimento de popa com algumas lascas de madeira, mexeu as brasas com uma lâmina enegrecida, e começou a trabalhar a massa para os biscoitos matinais.

Quando Lemore voltou a subir para o convés, Tyrion saboreou a visão da água escorrendo entre os seios, da sua pele suave brilhando dourada à luz da manhã. Tinha mais de quarenta anos, era mais atraente do que bonita, mas continuava a ser agradável à vista. *Depois de estar bêbado, a melhor coisa é a luxúria*, decidiu. Fazia-o se sentir ainda vivo.

— Viu a tartaruga, Hugor? — perguntou a septã, torcendo o cabelo para secá-lo. — A grande corcunda?

O início da manhã era a melhor hora para ver tartarugas. Durante o dia nadavam para o fundo, ou se escondiam em covas ao longo das margens, mas logo após o nascer do Sol vinham à superfície. Algumas gostavam de nadar junto do barco. Tyrion vira uma dúzia de espécies diferentes; tartarugas grandes e pequenas, chatas e de ouvido vermelho, de carapaça mole e quebra-ossos, tartarugas castanhas, tartarugas verdes, tartarugas pretas, tartarugas de garras e tartarugas de chifres, tartarugas cujas carapaças corcundas e ornamentadas estavam cobertas de volutas de ouro, jade e creme. Algumas eram tão grandes que podiam ter sustentado um homem sobre o dorso. Yandry jurava que os príncipes roinares costumavam montá-las no rio. Ele e a mulher tinham nascido no Sangueverde, um par de órfãos dorneses regressados a casa, à Mãe Roine.

— Não vi a corcunda. — *Estava observando a mulher nua.*

— Me sinto triste por você. — Lemore enfiou a veste pela cabeça. — Sei que só se levanta tão cedo na esperança de ver tartarugas.

— Também gosto de ver o Sol nascer. — Era como ver uma donzela sair nua do banho. Algumas podiam ser mais bonitas do que outras, mas estavam todas cheias de promessas. — As tartarugas têm os seus encantos, admito. Nada me delicia tanto como ver um belo par de bem torneadas... carapaças.

A Septã Lemore soltou uma gargalhada. Como todos os outros a bordo da *Tímida Donzela*, tinha os seus segredos. Que lhe fizessem bom proveito. *Não quero conhecê-la, só quero fodê-la.* E ela também sabia. Quando pendurou o cristal de septã ao pescoço, aninhando-o na cova entre os seios, provocou-o com um sorriso.

Yandry levantou âncora, fez deslizar uma das grandes varas para fora do teto da cabine e as empurrou para o rio. Duas das garças ergueram as cabeças para observar quando a *Tímida Donzela* se afastou da margem e penetrou na corrente. Lentamente, o barco começou a se mover para jusante. Yandry se dirigiu à alavanca do leme. Ysilla estava virando os biscoitos. Colocou um tacho de ferro em cima do braseiro e pois o bacon lá dentro. Havia dias em que cozinhava biscoitos e bacon, em outros bacon e biscoitos. Uma vez por quinzena talvez houvesse um peixe, mas naquele dia não.

Quando Ysilla virou as costas, Tyrion roubou um biscoito do braseiro, fugindo a tempo de evitar apanhar com a sua temível colher de pau. Os biscoitos eram melhores quando eram comidos quentes, pingando mel e manteiga. O cheiro do bacon cozinhando depressa trouxe Pato do porão. Farejou por cima do braseiro, recebeu uma pancada da colher de Ysilla, e foi dar a sua mijada matinal à popa do barco.

Tyrion se moveu para se juntar a ele.

— Ora aqui está uma cena digna de se ver — brincou enquanto esvaziavam as bexigas — um anão e um pato, tornando o poderoso Roine mais poderoso ainda.

Yandry soltou uma fungadela de zombaria.

— A Mãe Roine não precisa da sua água, Yollo. É o maior rio do mundo.

Tyrion sacudiu as últimas gotas.

— É suficientemente grande para afogar um anão, admito. Mas o Vago é igualmente largo. E o Tridente também, perto da foz. A Água Negra é mais profunda.

— Não conhece o rio. Espera e verá.

O bacon estalou, os biscoitos ficaram num tom dourado de castanho. O Jovem Griff subiu ao convés aos tropeções e a bocejar.

— Bom dia a todos. — O rapaz era mais baixo do que Pato, mas a sua constituição esguia sugeria que ainda não tinha chegado à sua altura completa. *Este rapaz sem barba podia obter qualquer donzela dos Sete Reinos, com cabelo azul ou sem ele.* Aqueles as derreteriam. Como o pai, o Jovem Griff tinha olhos azuis, mas enquanto os do pai eram claros, os do filho eram escuros. À luz das lâmpadas se tornavam negros, e à luz do crepúsculo pareciam purpúreos. As pestanas eram tão longas como as de qualquer mulher.

— Cheiro bacon — disse o rapaz, calçando as botas.

— Bom bacon — disse Ysilla. — Sente.

Deu a eles de comer na cobertura da popa, pressionando o Jovem GrifF a comer biscoitos com mel e batendo na mão do Pato com a colher sempre que este tentava pegar mais bacon. Tyrion partiu dois biscoitos, encheu-os com bacon e levou um a Yandry, que estava na alavanca do leme. Depois ajudou Pato

a içar a grande vela triangular da *Tímida Donzela.* Yandry os levou para o centro do rio, onde a corrente era mais forte. A *Tímida Donzela* era um bom barco. Tinha um calado tão baixo que podia abrir caminho mesmo pelo menor dos afluentes do rio, navegando por entre bancos de areia que teriam encalhado embarcações maiores, mas com a vela içada e uma corrente por baixo conseguia atingir uma boa velocidade. Yandry afirmava que isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte nos trechos superiores do Roine.

— Acima das Mágoas não há lei, e há mil anos que é assim.

— E também não h*á gente,* que eu veja. — Vislumbrara algumas ruínas ao longo das margens, pilhas de pedras cobertas de trepadeiras, musgo e flores, mas nenhum outro sinal de habitação humana.

— Não conhece o rio, Yollo. Um barco pirata pode estar escondido em qualquer ribeiro, e escravos fugidos se escondem com frequência entre as ruínas. Os caçadores de escravos raramente vêm tão para norte.

— Caçadores de escravos seriam uma mudança bem-vinda relativamente às tartarugas. — Não sendo um escravo fugido, Tyrion não precisava temer ser apanhado. E não era provável que um pirata incomodasse um barco de varejo se deslocando para jusante. Os bens valiosos vinham rio acima desde Volantis.

Quando o bacon acabou, Pato deu um murro no ombro do Jovem Griff.

— Está na altura de ganhar umas nódoas negras. Hoje é espadas, parece-me.

— Espadas? — o Jovem Griff fez um sorriso. — Espadas será bom.

Tyrion ajudou-o a vestir-se para o combate, com calças pesadas, gibão almofadado e uma armadura amolgada de velho aço. Sor Rolly enfiou-se na sua cota de malha e couro fervido. Ambos puseram elmos na cabeça e tiraram espadas longas sem fio do fardo guardado na arca das armas. Foram combater para a coberta de popa, atacando-se energicamente um ao outro enquanto o resto do grupo matinal os observava.

Quando combatiam com maça de armas ou machado embotado, o tamanho e a força superiores de Sor Rolly depressa se sobrepunham ao seu aluno. Com espadas, os desafios eram mais equilibrados. Nenhum dos homens tinha pegado num escudo naquela manhã, de modo que foi um jogo de golpe e parada, para trás e para diante pela coberta fora. O rio ressoava com o ruído do combate. O Jovem Griff acertou mais estocadas, embora as do Pato fossem mais fortes. Passado algum tempo, o homem maior começou a cansar-se. Os seus golpes começaram a chegar um pouco mais lentos, um pouco mais baixos. O Jovem Griff afastou-os a todos e desencadeou um furioso ataque que forçou Sor Rolly a recuar. Quando chegaram à popa, o rapaz prendeu as lâminas e atirou um ombro contra Pato, e o grandalhão caiu ao rio.

Reapareceu a cuspir e a praguejar, berrando por alguém que o pescasse antes de uma quebra-ossos lhe comer as partes pudendas. Tyrion atirou-lhe uma corda.

— Os patos deviam nadar melhor do que isso — disse, enquanto ele e Yandry voltavam a içar o cavaleiro para bordo da *Tímida Donzela*.

Sor Rolly agarrou em Tyrion pelo colarinho.

— Vejamos como nadam os anões — disse, atirando-o de cabeça ao Roine.

O anão foi o último a rir; conseguia chapinhar razoavelmente bem, e foi o que fez até começar a sentir cãibras nas pernas. O Jovem Griff estendeu-lhe uma vara.

— Não é o primeiro a tentar afogar-me — disse ao Pato enquanto despejava água do rio da bota. — O meu pai atirou-me a um poço no dia em que nasci, mas eu era tão feio que a bruxa de água que vivia lá em baixo me cuspiu de volta. — Descalçou a outra bota, após o que fez a roda pelo convés fora, salpicando-os a todos.

O Jovem Griff riu-se.

— Onde aprendeste a fazer isso?

— Os saltimbancos ensinaram-me — mentiu. — A minha mãe gostava mais de mim do que do resto dos filhos porque eu era tão pequeno. Amamentou-me até ter sete anos. Isso deixou os meus irmãos com ciúmes, por isso enfiaram-me num saco e venderam-me a uma trupe de saltimbancos. Quando tentei fugir, o chefe dos saltimbancos cortou-me metade do nariz, portanto não tive alternativa senão seguir com eles e aprender a ser divertido.

A verdade era bastante diferente. O tio ensinara-lhe um pouco de malabarismo aos seis ou sete anos. Tyrion dedicara-se a isso com avidez. Durante meio ano, andara alegremente a fazer rodas por todo o Rochedo Casterly, trazendo sorrisos tanto às caras de septões, como às de escudeiros e criados. Até Cersei rira uma ou duas vezes ao vê-lo.

Tudo isso terminara abruptamente no dia em que o pai regressara de uma estadia em Porto Real. Nessa noite, ao jantar, Tyrion surpreendera o seu progenitor percorrendo toda a mesa elevada a fazer o pino. O Lorde Tywin não ficara contente.

— Os deuses fizeram-te anão. Terás também de ser bobo? Nasceu leão, não macaco.

E tu és um cadáver, pai, portanto, farei as cabriolas que quiser.

— Tem o dom para fazer os homens sorrir — disse a Septã Lemore a Tyrion enquanto este secava os dedos dos pés. — Devia agradecer ao Pai no Céu. Ele dá dons a todos os seus filhos.

— Pois dá — concordou o anão num tom agradável. *E quando eu morrer; por favor que me enterrem com uma besta para poder agradecer ao Pai no Céu pelos seus dons da mesma forma que agradeci ao pai na terra.*

Ainda tinha a roupa ensopada do mergulho involuntário, colando-se-lhe desconfortavelmente aos braços e às pernas. Quando o Jovem Griff se foi embora com a Septã Lemore para ser instruído nos mistérios da Fé, Tyrion despiu a roupa molhada e vestiu outra seca. Pato soltou uma valente gargalhada quando

ele voltou a aparecer no convés. Não podia censurá-lo. Vestido como estava era uma visão cômica. O gibão estava dividido ao meio; o lado esquerdo era de veludo púrpura com tachões de bronze, o direito de lã amarela bordada com padrões florais verdes. As bragas estavam divididas de forma semelhante; a perna direita era verde, a esquerda listada de vermelho e branco. Uma das arcas de Illyrio fora enchida com roupa de criança, bafienta mas bem feita. A Septã Lemore cortara ao meio cada peça de roupa e depois voltara a cosê-las, juntando metade disto com metade daquilo para arranjar retalhos improvisados. Griff insistira mesmo que Tyrion ajudasse a cortar e a coser. Não havia dúvida de que pretendera que a atividade o humilhasse, mas Tyrion gostara da costura. Lemore era sempre uma companhia agradável, apesar da queda que tinha para repreendê-lo sempre que ele dizia qualquer coisa rude sobre os deuses. *Se Griff me quer pôr no papel de bobo,jogarei esse jogo.* Em algum lugar, bem sabia, Lorde Tywin Lannister estava horrorizado, e isso fazia com que o fato não o picasse.

O seu outro dever era tudo menos pateta. O *Pato tem a sua espada, eu a minha pena e o meu pergaminho.* Griff ordenara-lhe que tomasse nota de tudo o que sabia sobre dragões. A tarefa era gigantesca, mas o anão trabalhava nela todos os dias, escrevendo o melhor que podia enquanto se mantinha sentado de pernas cruzadas no teto da cabine.

Tyrion lera muitíssimo sobre dragões ao longo dos anos. A maioria desses relatos eram histórias vãs em que não era possível confiar, e os livros que Illyrio lhes fornecera não eram aqueles que poderia ter desejado. O que realmente queria era o texto completo de *Os Fogos da Cidade Franca*, a história de Valíria escrita por Galendro. Mas nenhuma cópia completa era conhecida em Westeros; até à Cidadela faltavam vinte e sete rolos. *Decerto que deverão ter uma biblioteca na Velha Volantis. Poderei encontrar aí uma cópia melhor; se conseguir arranjar maneira de atravessar as Muralhas Negras e entrar no coração da cidade.*

Sentia menos esperança a respeito dos *Dragões*, Wyrms *e Serpes: A Sua História Não-Natural*, do Septão Barth. Barth fora um filho de ferreiro que ascendera a Mão do Rei durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Os seus inimigos sempre tinham afirmado que era mais feiticeiro do que septão. Baelor, o Abençoado, ordenara a destruição de todos os escritos de Barth quando ascendera ao Trono de Ferro. Dez anos antes, Tyrion lera um fragmento da *História Não-Natural* que tinha escapado ao Amado Baelor, mas duvidava de que algum do trabalho de Barth tivesse chegado ao outro lado do mar estreito. E claro que havia ainda menos hipóteses de se deparar com o tomo fragmentário, anônimo e ensopado de sangue por vezes chamado *Sangue e Fogo* e outras vezes *A Morte de Dragões*, cuja única cópia sobrevivente estava supostamente escondida numa cave trancada sob a Cidadela.

Quando o Semi-meistre surgiu no convés, bocejando, o anão estava escrevendo aquilo de que se lembrava a respeito dos hábitos de acasalamento dos dragões, assunto sobre o qual Barth, Munkun e Thomax defendiam pontos de

vista marcadamente diferentes. Haldon caminhou a passos largos até à popa para mijar para o local onde o sol cintilava na água, quebrado por cada sopro de vento.

— Devemos chegar à junção com o Noine antes de cair a noite, Yollo — gritou o Semi-meistre.

Tyrion ergueu o olhar do que estava escrevendo.

— O meu nome é Hugor. O Yollo está escondido nas minhas calças. Quer que o tire para brincar?

— É melhor que não. Podia assustar as tartarugas. — O sorriso de Haldon era tão penetrante como a lâmina de um punhal. — Como era o nome da tal rua em Lannisporto onde me disse que tinha nascido, Yollo?

— Era uma viela. Não tinha nome. — Tyrion retirava um prazer mordaz de inventar os detalhes da colorida vida de Hugor Hill, também conhecido como Yollo, um bastardo originário de Lannisporto. *As melhores mentiras estão temperadas com um pouco de verdade.* O anão sabia que soava como um ocidental, e um ocidental bem nascido, ainda por cima, pelo que Hugor teria de ser bastardo de um fidalgote qualquer. Nascido em Lannisporto porque conhecia essa cidade melhor do que Vilavelha ou Porto Real, e porque era nas cidades que a maioria dos anões acabavam, mesmo aqueles que eram paridos pela Governanta Saloia no meio do nabal. O campo não tinha espetáculos de aberrações ou de saltimbancos... Embora tivesse fartura de poços, para engolir gatinhos indesejados, bezerros de três cabeças e bebês como ele.

— Vejo que tem andado estragando mais do bom pergaminho, Yollo. — Haldon voltou a atar as bragas.

— Nem todos podemos ser meios meistres. — Tyrion estava com cãibras na mão. Pôs a pena de parte e flexionou os dedos curtos. — Lhe agrada outro jogo de *cyvasse*[7]. — o Semi-meistre derrotava-o sempre, mas era uma maneira de passar o tempo.

— Esta noite. Não te quer se juntar a nós para a aula do Jovem Griff?

— Porque não? Alguém tem de corrigir os seus erros.

Havia quatro cabines na *Tímida Donzela.* Yandry e Ysilla partilhavam uma, Griff e o Jovem Griff outra. A Septã Lemore tinha uma cabine para si, e Haldon também. A cabine do Semi-meistre era a maior das quatro. Uma das paredes estava coberta de prateleiras e caixas atafulhadas de velhos rolos e pergaminhos; outra tinha estantes de unguentos, ervas e poções. Uma luz dourada entrava em diagonal pelo ondulado vidro amarelo da janela redonda. A mobília incluía um beliche, uma mesa para escrever, uma cadeira, um banco e a mesa de *cyvasse* do Semi-meistre, coberta de peças esculpidas de madeira.

A aula começou pelas línguas. O Jovem Griff falava o idioma comum como se fosse a sua língua natal, e era fluente em alto valiriano, nos dialetos inferiores de Pentos, Tyrosh, Myr e Lys e na língua comercial dos marinheiros. O dialeto volanteno era tão novo para ele como para Tyrion, de modo que aprendiam todos os dias mais algumas palavras enquanto Haldon lhes corrigia os

erros. O meereenês era mais difícil; as suas raízes também eram valirianas, mas a árvore fora enxertada com a dura e feia língua da Velha Ghis.

— É preciso enfiar uma abelha no nariz para falar ghiscari como deve ser — queixou-se Tyrion. O Jovem Griff riu-se, mas o Semimeistre apenas disse:

— Outra vez. — O rapaz obedeceu, embora daquela vez fizesse rolar os olhos com os seus *zzzs. Ele tem melhor ouvido do que eu*, Tyrion foi forçado a admitir, *se bem que aposto que a minha língua continua a ser mais ágil.*

A geometria seguiu-se às línguas. Aí, o rapaz era menos hábil, mas Haldon era um professor paciente, e Tyrion conseguiu também tornar-se útil. Aprendera os mistérios dos quadrados, círculos e triângulos com os meistres do pai no Rochedo Casterly, e voltaram-lhe à memória mais depressa do que teria julgado possível.

Quando se viraram para a história, o Jovem Griff estava ficando irrequieto.

— Estávamos discutindo a história de Volantis — disse-lhe Haldon. — Pode explicar a Yollo qual a diferença entre um tigre e um elefante?

— Volantis é a mais antiga das Nove Cidades Livres, a primeira filha de Valíria — respondeu o rapaz com uma voz aborrecida. — Depois da Destruição, agradou aos volantenos considerarem-se os herdeiros da Cidade Franca e os legítimos governantes do mundo, mas estavam divididos quanto a como o domínio poderia ser melhor alcançado. O Sangue Antigo preferia a espada, enquanto os mercadores e os prestamistas defendiam o comércio. Enquanto competiam pelo governo da cidade, as fações tornaram-se conhecidas como tigres e elefantes, respetivamente. Os tigres imperaram durante quase um século após a Destruição de Valíria. Durante algum tempo foram bem sucedidos. Uma frota volantena conquistou Lys e um exército volanteno capturou Myr, e durante duas gerações as três cidades foram governadas do interior das Muralhas Negras. Isso acabou quando os tigres tentaram engolir Tyrosh. Pentos entrou na guerra do lado de Tyrosh, juntamente com o Rei da Tempestade de Westeros. Bravos forneceu a um exilado liseno cem navios de guerra, Aegon Targaryen voou de Pedra do Dragão montado no Terror Negro, e Myr e Lys ergueram-se em rebelião. A guerra transformou as Terras Disputadas num deserto, e libertou Lys e Myr do jugo. Os tigres sofreram também outras derrotas. A frota que enviaram para reclamar Valíria desapareceu no Mar Fumegante. Qohor e Norvos quebraram o seu poderio no Roine quando as galés de fogo combateram no Lago Adaga. Do leste vieram os dothraki, expulsando os plebeus das suas cabanas e os nobres das suas propriedades, até só restar erva e ruínas entre a floresta de Qohor e as nascentes do Selhoru. Depois de um século de guerra, Volantis deu por si quebrada, falida e despovoada. Foi então que os elefantes se ergueram. Tem imperado desde então. Há anos em que os tigres elegem um triarca, e há anos em que não elegem, mas nunca mais do que um, de modo que os elefantes governam a cidade há trezentos anos.

— É isso mesmo — disse Haldon. — E os triarcas atuais?

— Malaquo é um tigre, Nyessos e Doniphos são elefantes.

— E que lição podemos retirar da história volantena?

— Se queremos conquistar o mundo é bom que tenhamos dragões.

Tyrion não conseguiu evitar uma gargalhada.

Mais tarde, quando o Jovem Griff subiu ao convés para ajudar Yandry com as velas e as varas, Haldon preparou a mesa de *cyvasse* para o jogo com Tyrion. Este observou com olhos desiguais e disse:

— O rapaz é inteligente. Saiu-se bem com ele. Metade dos senhores de Westeros são menos instruídos, infelizmente. Línguas, história, canções, somas... É um guisado e peras para o filho de um mercenário qualquer.

— Um livro pode ser tão perigoso como uma espada nas mãos certas — disse Haldon. — Tente me dar melhor batalha desta vez, Yollo. Joga *cyvasse* tão mal como cabriolas.

— Estou tentando te levar a uma falsa sensação de confiança — disse Tyrion enquanto organizavam as peças de ambos os lados de um anteparo de madeira entalhada. — Você *pensa* que me ensinou a jogar, mas as coisas nem sempre são o que parecem. Talvez tenha aprendido o jogo com o queijeiro, já pensou nisso?

— Illyrio não joga *cyvasse.*

Pois não, pensou o anão, *joga o jogo de tronos, e você, Griff e Pato não passam de peças, para serem movidas para onde ele quiser e sacrificadas conforme necessário, tal como sacrificou Viserys.*

— Então a culpa tem de te caber a ti. Se eu jogo mal, é obra sua.

O Semi-meistre soltou um risinho.

— Yollo, vou sentir a sua falta quando os piratas te cortarem a goela.

— Onde estão esses famosos piratas? Estou começando a achar que você e Illyrio os inventaram todos.

— Onde há mais é no troço de rio entre Ar Noy e as Mágoas. Acima das ruínas de Ar Noy, os qohorik governam o rio, e abaixo das Mágoas as galés de Volantis imperam, mas nenhuma cidade reclama as águas intermediarias, portanto, os piratas tornaram-nas suas. O Lago Adaga está cheio de ilhas onde eles espreitam de grutas escondidas e fortes secretos. Estás pronto?

— Para você? Sem qualquer dúvida. Para os piratas? Menos.

Haldon removeu o anteparo. Cada um contemplou a formação de abertura do outro.

— Está aprendendo — disse o Semimeistre.

Tyrion quase agarrou no dragão, mas pensou melhor. No último jogo tinha-o feito avançar cedo demais e perdera-o para um trabuco.

— Se encontrarmos mesmo esses célebres piratas talvez me junte a eles. Vou dizer-lhes que me chamo Hugor Semimeistre. — Moveu a cavalaria ligeira em direção das montanhas de Haldon.

Este respondeu com um elefante.

— Hugor Semisperto condizia melhor contigo.

— Só preciso de metade da minha esperteza para me igualar a você. — Tyrion moveu a cavalaria pesada em apoio da ligeira. — Talvez queira apostar no resultado?

O Semimeistre arqueou uma sobrancelha.

— Quanto?

— Não tenho dinheiro. Jogaremos a segredos.

— Griff me cortaria a língua.

— Medinho, hã? Eu também teria, se fosse você.

— O dia em que me derrotar no *cyvasse* será o dia em que tartarugas saem do meu cu rastejando. — O Semimeistre moveu as lanças. — Aceito a sua aposta, homenzinho.

Tyrion estendeu uma mão para o dragão.

Foi três horas mais tarde que o homenzinho finalmente voltou para o convés a fim de esvaziar a bexiga. Pato estava ajudando Yandry a puxar a vela para baixo, enquanto Ysilla manejava o leme. O Sol pairava baixo sobre os canaviais ao longo da margem ocidental, enquanto o vento começava a soprar em rajadas. *Preciso do tal odre de vinho*, pensou o anão. Tinha cãibras nas pernas de estar acocorado naquele banco, e sentia a cabeça tão leve que se achava com sorte por não cair ao rio.

— Yollo — chamou o Pato. — Onde está Haldon?

— Foi para a cama, com um certo desconforto. Estão-lhe a sair tartarugas do cu. — Deixou o cavaleiro a tentar entender o que aquilo queria dizer e subiu a escada para o teto da cabine. Para leste, havia escuridão juntando por trás de uma ilha rochosa.

A Septã Lemore foi lá ter com ele.

— Consegue sentir as tempestades no ar, Hugor Hill? À nossa frente está o Lago Adaga, onde piratas vagueiam em busca de presas. E depois do lago ficam as Mágoas.

As minhas não. Eu levo as minhas próprias mágoas comigo, para onde quer que vá. Pensou em Tysha e sentiu curiosidade de saber para onde iriam as rameiras. *Porque não Volantis? Talvez a encontre lá. Um homem devia agarrar-se à esperança.* Perguntou-se o que lhe diria. *Lamento por ter deixado que te violassem, amor. Julgava que era uma rameira. Conseguirás encontrar no coração maneira de me perdoar? Quero regressar à nossa cabana, a como as coisas eram quando fomos marido e mulher.*

A ilha afastou-se atrás deles. Tyrion viu ruínas erguendo-se ao longo da margem oriental; paredes tortas e torres caídas, cúpulas quebradas e fileiras de pilares podres de madeira, ruas afogadas em lama e cobertas de musgo púrpura. *Outra cidade morta, dez vezes maior do que Ghoyan Drohe.* Agora viviam ali tartarugas, grandes quebra-ossos. O anão via-as se refastelando ao sol, montículos castanhos e negros com cristas denteadas ao longo do centro das carapaças. Algumas viram a *Tímida Donzela* e deslizaram para dentro de água, deixando ondulações na sua esteira. Aquele não seria bom lugar para um banho.

Então, através das árvores retorcidas e meio afogadas e as largas ruas úmidas, vislumbrou o reflexo prateado da luz do sol em água. *Outro rio,*compreendeu de imediato, *correndo para o Roine.* As ruínas foram ficando mais altas à medida que a terra foi se tornando mais estreita, até que a cidade terminou numa ponta de terra onde se erguiam os restos de um colossal palácio de mármore rosa e verde, com cúpulas arruinadas e coruchéus quebrados a erguerem-se bem alto sobre uma fileira de arcadas cobertas. Tyrion viu mais quebra-ossos dormindo nas rampas onde meia centena de navios podia ter atracado em tempos. Nesse momento soube onde estava. *Aquele era o palácio de Nymeria, e isto é tudo o que resta de Ny Sar, a sua cidade.*

— Yollo — gritou Yandry quando a *Tímida Donzela* passou pelo cabo — fala-me lá outra vez desses rios de Westeros tão grandes como a Mãe Roine.

— Não sabia — gritou ele em resposta. — Nenhum rio nos Sete Reinos tem metade da largura deste. — O novo rio que acabara de se juntar-lhes era praticamente gêmeo daquele ao longo do qual vinham navegando, e esse, sozinho, quase igualara o Vago ou o Tridente.

— Isto é Ny Sar, onde a Mãe reúne a si a sua Filha Selvagem, Noine — disse Yandry — mas não chegará ao seu ponto mais largo até encontrar as outras filhas. No Lago Adaga, o Qhoine junta-se a este, A Filha Escura, cheia de ouro e âmbar provenientes do Machado e de pinhas da Floresta de Qohor. A sul, a Mãe encontra-se com Lhorulu, a Filha Sorridente dos Campos Dourados. Onde se unem, erguia-se em tempos Choryane, a cidade festival, onde as ruas eram feitas de água e as casas feitas de ouro. Depois é outra vez para sul e para leste durante longas léguas, até que por fim aparece Selhoru, a Filha Tímida que esconde o seu leito em juncos e se contorce. Aí a Mãe Roine faz-se tão larga que um homem num barco no centro da corrente não consegue ver a margem de ambos os lados. Verá, meu pequeno amigo.

Verei, estava o anão pensando, quando detectou uma ondulação em frente, a menos de seis metros do barco. Aprestava-se a fazê-la notar a Lemore quando a coisa veio à superfície com uma onda de água que fez a *Tímida Donzela* balançar de lado.

Era outra tartaruga, uma cornuda de um tamanho enorme, com a carapaça verde-escura pintalgada de castanho e coberta de limos e moluscos fluviais duros e negros. Ergueu a cabeça e berrou, um rugido gutural a trovejante, mais forte do que qualquer corno de guerra que Tyrion tivesse ouvido.

— Fomos abençoados — estava Ysilla gritando ruidosamente, enquanto lágrimas lhe corriam pela cara. — Fomos abençoados, fomos abençoados.

Pato estava aos gritos e o Jovem Griff também. Haldon veio ao convés para saber qual fora a causa do alvoroço... Mas tarde demais. A gigantesca tartaruga voltara a desaparecer debaixo de água.

— Qual foi a causa de todo aquele barulho? — perguntou o Semimeistre.

— Uma tartaruga — disse Tyrion. — Uma tartaruga maior do que este barco.

— Era *ele* — gritou Yandry. — O Velho do Rio.

E porque não? Tyrion sorriu. *Aparecem sempre deuses e maravilhas para assistir ao nascimento de reis.*

DAVOS

A *Alegre Parteira* entrou furtivamente em Porto Branco na maré da noite, com a vela remendada ondulando a cada rajada de vento.

Era uma velha coca, e mesmo na juventude nunca ninguém a achava bonita. A figura da proa mostrava uma mulher rindo e agarrando um bebê por um pé, mas as bochechas da mulher e o rabo do bebê estavam esburacados por bichos. Incontáveis camadas de monótona tinta castanha cobriam o casco; as velas eram cinzentas e esfarrapadas. Não um era navio que atraísse um segundo olhar, a menos que fosse para tentar perceber como permanecia à tona de água. Além disso, a *Alegre Parteira* era conhecida em Porto Branco. Durante anos realizou diligentemente um humilde comércio entre esse porto e Vilirmãs.

Não era o tipo de chegada que Davos Seaworth esperava quando zarpou com Salla e sua frota. Nessa altura, tudo aquilo parecera mais simples. Os corvos não tinham trazido ao Rei Stannis a aliança de Porto Branco, portanto, Sua Graça mandaria um emissário para negociar pessoalmente com o Lorde Manderly. Como exibição de força, Davos chegaria a bordo da galé *Valiriana*, de Salla, com o resto da frota lisena atrás. Todos os cascos seriam listrados: de preto e amarelo, rosa e azul, verde e branco, púrpura e ouro. Os lisenos adoravam tons vivos, e Salladhor Saan era o mais colorido de todos. *Salladhor, o Esplêndido*, pensou Davos, *mas as tempestades escreveram o fim de tudo isso.*

Em vez da entrada triunfal, ia se contrabandear para dentro da cidade, como poderia ter feito vinte anos antes. Até saber em que pé estavam às coisas, era mais prudente desempenhar o papel de marinheiro comum, não de lorde.

As muralhas de pedra caiada de Porto Branco ergueram-se na frente deles, na margem oriental, onde a Faca Branca mergulhava no golfo. Algumas das defesas da cidade tinham sido fortalecidas desde a última vez que Davos estivera lá, meia dúzia de anos antes. O quebra-mar que dividia o porto interior do exterior foi fortificado com uma longa muralha de pedra com nove metros de altura e quase uma milha de comprimento, com torres a cada cem metros. Havia também fumo erguendo-se do Rochedo das Focas, onde em tempos tinham existido apenas ruínas. *Isso pode ser bom ou mau, dependendo do lado que Lorde Wyman escolher.*

Davos sempre gostou daquela cidade, desde a primeira vez que viera até ali como criado a bordo do *Gato da Calçada*. Embora fosse pequena quando

comparada com Vilavelha e Porto Real, era limpa e bem ordenada, com ruas calcetadas largas e direitas que faziam com que fosse fácil a um homem se orientar. As casas eram feitas de pedra caiada, com telhados muito inclinados de ardósia cinzenta-escura. Roro Uhoris, o velho e rabugento capitão do *Gato da Calçada*, costumava dizer que era capaz de distinguir um porto de outro só pelo modo como cheiravam. As cidades eram como mulheres, insistia; cada uma tinha o seu próprio e único odor. Vilavelha era tão florida como uma viúva perfumada. Lannisporto era uma ama-de-leite, fresca e terra-a-terra, com fumo de lenha no cabelo. Porto Real fedia como uma rameira por lavar. Mas o odor de Porto Branco era penetrante e salgado, e também cheirava um pouco a peixe.

— Cheira como uma sereia deve cheirar — dizia Roro. — Cheira a mar.

E ainda cheira, pensou Davos, mas também conseguia cheirar o fumo de turfa que pairava vindo do Rochedo das Focas. A pedra marinha dominava as abordagens ao porto exterior, um maciço afloramento verde acinzentado que se erguia quinze metros acima das águas. O seu topo estava coroado por um círculo de pedras gastas, um forte anelar dos Primeiros Homens que se manteve desolado e abandonado por centenas de anos. Agora não estava abandonado. Davos via balistas e catapultas de fogo por trás das pedras verticais, e besteiros a espreitar entre elas. *Ali em cima deve estar frio e úmido.* Em todas as suas visitas anteriores podiam se ver focas se aquecendo ao sol sobre as pedras partidas, lá em baixo. O Bastardo Cego o obrigava sempre a contá-las quando o *Gato da Calçada* zarpava de Porto Branco; quanto mais focas houvesse, dizia Roro, mais sorte teriam na viagem. Agora não havia focas. O fumo e os soldados as tinham espantado para longe. *Um homem mais sensato veria nisso uma advertência. Se eu tivesse um dedal de bom senso, teria ido com Salla.* Podia ter voltado para sul, para junto de Marya e dos filhos. *Perdi quatro filhos ao serviço do rei, e o quinto serve como seu escudeiro. Devia ter o direito de dar carinho os dois rapazes que ainda restam. Passou-se muito tempo desde que os vi pela última vez.*

Em Atalaialeste, os irmãos negros lhe tinham dito que não havia amizade entre os Manderly de Porto Branco e os Bolton do Forte do Pavor. O Trono de Ferro fizera ascender Roose Bolton a Protetor do Norte, pelo que fazia sentido que Wyman Manderly declarasse o seu apoio a Stannis. *Porto Branco não pode resistir sozinho. A cidade precisa de um aliado, um protetor. O Lorde Wyman precisa tanto do Rei Stannis como Stannis precisa dele.* Pelo menos foi o que pareceu em Atalaialeste.

Vilirmãs corroerá essa esperança. Se o Lorde Borrell falava a verdade, se os Manderly tencionavam juntar as suas forças aos Bolton e aos Frey... *não, não remoeria essa ideia. Em breve conheceria a verdade. Rezava para* não ter chegado tarde demais.

Aquela muralha do quebra-mar oculta o porto interior, compreendeu na altura em que a *Alegre Parteira* arriava a vela. O porto exterior era maior, mas o porto interior oferecia melhor ancoragem, abrigado pela muralha da cidade de um lado e pela elevada massa do Covil do Lobo do outro, e agora também pela muralha do quebra-mar. Em Atalaialeste-do-Mar, Cotter Pyke disse a Davos que Lorde Wyman estava construindo galés de guerra. Podia haver uma vintena de navios escondidos atrás daquelas muralhas, à espera apenas de uma ordem para se lançarem ao mar.

Por trás das espessas muralhas brancas da cidade, o Novo Castelo erguia-se orgulhoso e pálido na sua colina. Davos viu também o telhado abobadado do Septo das Neves, coroado por altas estátuas dos Sete. Os Manderly tinham trazido a Fé para o norte quando foram expulsos da Campina. Porto Branco possuía também o seu bosque sagrado, um melancólico emaranhado de raízes, ramos e rochas trancado por trás das arruinadas muralhas negras do Covil do Lobo, uma antiga fortaleza que agora servia apenas como prisão. Mas eram principalmente os septões a dominar ali.

O tritão da Casa Manderly estava em evidência por todo o lado, esvoaçando nas torres do Novo Castelo, por cima do Portão das Focas, e ao longo das muralhas da cidade. Em Atalaialeste, os nortenhos insistiam que Porto Branco nunca abandonaria a sua fidelidade a Winterfell, mas Davos não viu qualquer sinal do lobo gigante dos Stark. *Também não há leões. Lorde Wyman não pode ter se declarado por Tommen ainda, de contrário teria içado a sua bandeira.*

Os pontões estavam repletos. Um aglomerado de barcos menores estava amarrado ao longo do mercado de peixe, desembarcando pescado. Viu também três corredores de rio, barcos longos e esguios, feitos de forma resistente para enfrentar as rápidas correntes e os rápidos pedregosos da Faca Branca. Mas eram as embarcações marítimas que lhe interessaram mais; um par de carracas tão sem graça e andrajosas como a *Alegre Parteira*, a galé mercante *Dançarina da Tempestade*, as cocas *Bravo Magíster* e *Cornucópia*, um galeão de Bravos identificado pelo casco e velas de cor púrpura...

... e ali, mais atrás, o navio de guerra.

Vê-lo atravessou-lhe a esperança com uma faca. O casco era negro e dourado, a figura da proa mostrava um leão com uma pata levantada. *Leostrela*, diziam as letras na sua popa, por baixo de um estandarte flutuante que ostentava as armas do rei rapaz sentado no Trono de Ferro. Um ano antes, não teria sido capaz de lê-las, mas o Meistre Pylos lhe ensinou algumas das letras em Pedra do Dragão. Por uma vez, a leitura lhe deu pouco prazer. Davos rezava pela galé ter se perdido nas mesmas tempestades que tinham assolado a frota de Salla, mas os deuses não tinham mostrado essa bondade. Os Frey estavam ali, e ele teria de enfrentá-los.

A *Alegre Parteira* foi amarrada à ponta de um desgastado pontão de madeira no porto exterior, bem longe da *Leostrela*. Enquanto a tripulação a prendia aos pilares e baixava uma prancha de embarque, o capitão aproximou-se descontraidamente de Davos. Casso Mogat era um mestiço do mar estreito, gerado por um baleeiro ibbenês e por uma rameira de Vilirmãs. Com só um metro e meio de altura e muito peludo, pintava o cabelo e as suíças de um verde musgoso. Isso o fazia parecer um toco de árvore com botas amarelas. Apesar da aparência, parecia ser um bom marinheiro, embora fosse um chefe duro para a tripulação.

— Quanto tempo fica em terra?

— Pelo menos um dia. Pode ser mais. — Davos descobriu que os lordes gostavam de manter as pessoas à espera. Suspeitava de que o faziam para deixá-las ansiosas e para demonstrar o seu poder.

— A *Parteira* fica aqui três dias. Mais nenhum. Vão me procurar lá em Vilirmãs.

— Se as coisas correrem bem, posso estar de volta amanhã de manhã.

— E se essas coisas correrem mal?

Posso não regressar.

— Não precisa esperar por mim.

Um par de homens da alfândega estava subindo a bordo quando Davos desceu a prancha, mas nenhum lhe deu sequer um relance. Estavam ali para falar com o capitão e inspecionar o porão; marinheiros comuns não lhes diziam respeito, e poucos homens pareciam tão comuns como Davos. Tinha uma altura mediana, a sua astuta cara de camponês estava bronzeada pelo vento e pelo sol, a barba grisalha e o cabelo castanho eram bem salgados de cinzento. O vestuário era simples também: botas velhas, calças castanhas e túnica azul, uma capa de lã por tingir, presa com um pregador de madeira. Usava um par de luvas de couro

manchadas pelo sal para esconder os dedos da mão que Stannis encurtou tantos anos antes. Davos quase nem parecia um lorde, muito menos a Mão de um rei. E ainda bem que era assim, até saber em que pé as coisas estavam ali.

Abriu caminho ao longo do pontão e pelo meio do mercado de peixe. O *Bravo Magísteres* estava embarcando hidromel. Pilhas com quatro barris de altura distribuíam-se pelo cais. Atrás de uma pilha viu três marinheiros jogando dados. Mais à frente, as peixeiras divulgavam a colheita do dia, e um rapaz estava batendo um ritmo num tambor enquanto um velho urso com um ar miserável dançava em círculo para um anel de corredores do rio. Dois lanceiros tinham sido colocados no Portão das Focas, com o símbolo da Casa Manderly no peito, mas estavam muito concentrados em namoriscar com uma rameira das docas para prestar qualquer atenção a Davos. O portão estava aberto, com a porta levadiça erguida. Juntou-se ao tráfego que o atravessava.

Lá dentro ficava uma praça empedrada com um fontanário no centro. Um tritão de pedra erguia-se das suas águas, com seis metros de altura da cauda à coroa. A sua barba encaracolada estava verde e branca de líquens, e um dos dentes do tridente partira-se antes de Davos nascer, mas mesmo assim ainda conseguia impressionar. Os indígenas o chamavam de *Velho Pés-de-Peixe.* A praça tinha o nome de um lorde morto qualquer, mas nunca ninguém a chamava de coisa que não fosse Praça do Pés-de-Peixe.

A praça estava cheia de gente naquela tarde. Uma mulher lavava a roupa de baixo no fontanário do Pés-de-Peixe, e a pendurava no tridente para secar. Sob os arcos da coluna dos vendedores ambulantes, os escribas e os cambistas tinham se instalado para o negócio, juntamente com um feiticeiro andante, uma ervanária e um malabarista muito ruim. Um homem vendia maçãs que trazia num carrinho de mão e uma mulher oferecia arenques com rodelas de cebola. Tropeçava em galinhas e crianças por todo o lado. As enormes portas de carvalho e ferro da Velha Casa da Moeda tinham estado sempre fechadas quando Davos estivera na Praça do Pés-de-Peixe, mas hoje encontravam-se abertas. Lá dentro vislumbrou centenas de mulheres, crianças e velhos, aglomerados no chão sobre pilhas de peles. Alguns tinham ardendo pequenas fogueiras para cozinhar.

Davos parou sob a coluna e trocou meio dinheiro por uma maçã.

— Há gente vivendo na Velha Casa da Moeda? — perguntou ao vendedor.

— Os que não têm outro lugar para viver. A maior parte é de plebeus vindos da Faca Branca. Gente dos Hornwood também. Com aquele Bastardo do

Bolton à solta, toda gente quer estar dentro das muralhas. Não sei o que sua senhoria pensa fazer com todos eles. A maioria apareceu só com trapos às costas.

Davos sentiu uma pontada de culpa. *Vieram para cá em busca de refúgio, vieram para uma cidade intocada pelos combates, e aqui apareço para voltá-los a se arrastar para a guerra.* Deu uma dentada na maçã e sentiu-se também culpado por isso.

— Como é que comem?

O vendedor de maçãs encolheu os ombros.

— Uns pedem. Outros roubam. Montes de mocinhas a entrar pro negócio, como as moças fazem sempre quando não têm mais nada pra vender. Qualquer rapaz de metro e meio consegue arranjar lugar nas casernas de sua senhoria, desde que consiga agarrar numa lança.

Então está recrutando homens. Isso podia ser bom ou mau, dependia. A maçã era seca e farinhenta, mas Davos obrigou-se a dar outra dentada.

— O Lorde Wyman pretende juntar-se ao Bastardo?

— Bom — disse o vendedor de maçãs — da próxima vez que sua senhoria vier cá abaixo com fome de maçãs, tentarei me lembrar de lhe perguntar.

— Ouvi dizer que a filha ia casar com um Frey qualquer.

— A neta. Também ouvi dizer isso, mas sua senhoria esqueceu-se de me convidar pro casamento. Olha, vai acabar com isso? Eu aceito o resto de volta. Essas sementes são boas.

Davos atirou-lhe o caroço. *Uma maçã má, mas ficar sabendo que Manderly está recrutando valeu meio dinheiro.* Deu a volta ao Velho Pés-de-Peixe, passou por onde uma jovem estava vendendo xícaras de leite fresco acabado de obter da sua cabra leiteira. Estava recordando mais da cidade, agora que estava ali. Depois do lugar para onde o tridente do Velho Pés-de-Peixe apontava, ficava uma viela onde se vendia bacalhau frito, estaladiço e dourado por fora e branco e laminoso por dentro. Ali ficava um bordel mais limpo do que a maioria, onde um marinheiro podia desfrutar de uma mulher sem temer ser assaltado ou morto. Do outro lado, numa daquelas casas que se agarravam às muralhas do Covil do Lobo como cracas a um velho casco, costumava ficar uma cervejaria onde faziam uma cerveja preta tão pesada e saborosa que um barril dela podia dar tanto lucro como dourado da Árvore em Bravos e no Porto de Ibben, desde que os indígenas deixassem ao cervejeiro alguma cerveja para vender.

Mas era vinho que ele queria; amargo, escuro e muito ruim. Atravessou a praça a passos largos e desceu uma escada que levava a uma taberna chamada Enguia Preguiçosa, por baixo de um armazém cheio de peles de ovelha. Nos seus dias de contrabando, a Enguia foi renomada por oferecer as rameiras mais velhas e o vinho mais nojento de Porto Branco, além de empadões de carne cheios de toucinho e cartilagem que eram incomestíveis nos melhores dias e venenosos nos piores. Com comida daquela, a maior parte dos indígenas evitava o lugar, deixando-o para marinheiros que não conheciam outros melhores. Nunca se via um guarda da cidade na Enguia Preguiçosa, e um funcionário da alfândega também não.

Havia coisas que nunca mudavam. Dentro da Enguia, o tempo não passava. O teto abobadado estava enegrecido de fuligem, o chão era de terra batida, o ar cheirava a fumo, carne estragada e vômito rançoso. As gordas velas de sebo que havia sobre as mesas davam mais fumo do que luz, e o vinho que Davos pediu parecia mais castanho do que tinto àquela luz escassa. Quatro rameiras estavam sentadas perto da porta, bebendo. Uma deu-lhe um sorriso esperançoso quando ele entrou. Quando Davos abanou a cabeça, a mulher disse qualquer coisa que fez as companheiras rir. Depois disso, nenhuma delas lhe prestou qualquer atenção.

À parte as rameiras e o proprietário, Davos tinha a Enguia para si. A cave era grande, cheia de recantos e nichos sombrios onde um homem podia ficar sozinho. Levou o vinho para um deles e sentou-se para esperar, com as costas encostadas a uma parede.

Não muito tempo depois deu por si a fitar a lareira. A mulher vermelha conseguia ver o futuro no fogo, mas tudo o que Davos Seaworth via eram as sombras do passado: os navios ardendo, a corrente em fogo, as sombras verdes relampejando na barriga das nuvens, a Fortaleza Vermelha por cima de tudo, melancólica. Davos era um homem simples, que ascendera por sorte, pela guerra e por Stannis. Não compreendia porque os deuses haveriam de levar quatro rapazes tão jovens e fortes como os filhos, mas poupar o seu fatigado pai. Havia noites em que julgava ter sido deixado na terra para salvar Edric Storm mas, nessa altura, o filho bastardo do Rei Robert estava a salvo nos Degraus, e, no entanto, Davos ainda continuava vivo. *Será que os deuses têm mais alguma tarefa para mim?* perguntou a si próprio. *Se tiverem, Porto Branco pode ser uma parte dela.* Provou o vinho, e depois despejou metade da taça no chão ao lado do pé.

Quando o pôr-do-sol caiu lá fora, os bancos da Enguia começaram se encher de marinheiros. Davos gritou ao proprietário, pedindo mais uma taça. Quando o homem lhe trouxe, trouxe também uma vela.

— Quere comida? — perguntou. — Temos empadões de carne.

— Que tipo de carne está lá dentro?

— O tipo do costume. É bom.

As rameiras riram.

— O que ele quer dizer é que é cinzenta — disse uma delas.

— Fecha a porra dessa boca. Você come.

— Eu como todos os tipos de merda. Não quer dizer que goste.

Davos apagou a vela assim que o proprietário se afastou e recostou-se nas sombras. Os marinheiros eram os maiores mexeriqueiros do mundo quando o vinho fluía, mesmo vinho tão barato como aquele. Bastava escutar.

A maior parte do que ouviu já soubera em Vilirmãs, através do Lorde Godric ou dos indígenas da Barriga da Baleia. Tywin Lannister estava morto, assassinado pelo filho anão; o seu cadáver federa tanto que depois ninguém conseguiu entrar no Grande Septo de Baelor durante dias; a Senhora do Ninho de Águia foi assassinada por um cantor; quem governava agora o Vale era Mindinho, mas Bronze Yohn Royce jurava derrubá-lo; Balon Greyjoy também morrera, e os irmãos combatiam pela Cadeira da Pedra do Mar; Sandor Clegane tornara-se fora-da-lei e andava saqueando e matando nas terras ao longo do Tridente; Myr, Lys e Tyrosh estavam enredados em outra guerra; uma revolta de escravos enfurecia-se a leste.

Outras novas eram mais interessantes. Robett Glover estava na cidade e andava tentando recrutar homens, com pouco sucesso. Lorde Manderly virou um ouvido surdo às suas suplicas. Dizia-se que afirmava que Porto Branco estava fatigado de guerra. Isso era mau. Os Ryswell e os Dustin tinham surpreendido os homens de ferro no Rio Febre e passaram os seus dracares pelo archote. Isso era pior. E agora o Bastardo de Bolton estava cavalgando para sul com Hother Umber para se juntar e desencadear um ataque contra Fosso Cailin.

— O Terror das Rameiras em pessoa — afirmou um homem do rio que acabava de trazer uma carga de peles e madeira pelo Faca Branca abaixo — com trezentos lanceiros e cem arqueiros. Alguns homens de Hornwood juntaram-se a eles, e também homens dos Cerwyn. — Isso era o pior de tudo.

— É melhor que o Lorde Wyman mande alguns homens para combater se sabe o que é bom para ele — disse o velhote na ponta da mesa. — O Lorde

Roose é agora o Protetor. Porto Branco está obrigado pela honra a responder às suas convocatórias.

— Que soube alguma vez algum Bolton sobre honra? — disse o proprietário da Enguia, enquanto lhes enchia as taças com mais vinho castanho.

— O Lorde Wyman não vai a lugar nenhum. É gordo demais.

— Ouvi dizer que está doente. Não faz nada a não ser dormir e chorar, dizem. Tá doente demais pra sair da cama quase todos os dias.

— *Gordo* demais, quer dizer.

— Gordo ou magro nada tem nada a ver com a coisa — disse o proprietário da Enguia. — Os leões têm o filho dele.

Ninguém falou do Rei Stannis. Ninguém sequer parecia saber que Sua Graça viera para norte ajudar a defender a Muralha. Em Atalaialeste só se falava de selvagens, criaturas e gigantes, mas ali ninguém parecia dedicar-lhes sequer um pensamento.

Davos inclinou-se para a luz.

— Julgava que os Frey tinham matado o filho. Foi o que ouvimos dizer em Vilirmãs.

— Mataram Sor Wendel — disse o proprietário. — Os ossos dele repousam no Septo Nevado com velas a toda a volta, se quiser dar uma olhada. Mas Sor Wylis ainda é cativo.

Cada vez pior. Davos soube que Lorde Wynian teve dois filhos, mas julgara que ambos estivessem mortos. *Se o Trono de Ferro tem um refém...* O próprio Davos foi pai de sete filhos, e perdeu quatro na Água Negra. Sabia que faria qualquer coisa que os deuses ou os homens lhe exigissem para proteger os outros três. Steffon e Stannis estavam a milhares de léguas dos combates e em segurança, mas Devan estava em Castelo Negro, era um escudeiro do rei. *O rei cuja causa pode erguer-se ou cair com Porto Branco.*

Os que bebiam com ele estavam agora conversando sobre dragões.

— É um doido varrido — disse um remador da *Dançarina da Tempestade.* — O Rei pedinte está morto há anos. Um senhor qualquer dos cavalos dothraki lhe cortou a cabeça.

— É o que nos dizem — disse o velho. — Mas se calhar estão mentindo. Ele morreu a meio mundo de distância, se é que morreu mesmo. Quem saberá? Se um rei me quisesse morto, podia ser que eu lhe fizesse a vontade e fingisse ser cadáver. Nunca nenhum de nós viu o corpo dele.

— Eu nunca vi o cadáver de Joffrey, nem o de Robert — rosnou o proprietário da Enguia. — Se calhar também estão vivos. Se calhar Baelor, o Abençoado, esteja só tirando uma soneca durante todos estes anos.

O velho fez uma careta.

— O Príncipe Viserys não era o único dragão, pois não? Temos a certeza de que mataram o filho do Príncipe Rhaegar? Era um bebê.

— Não havia também uma princesa qualquer? — perguntou uma rameira. Era a mesma que disse que a carne era cinzenta.

— Duas — disse o velho. — Uma era filha de Rhaegar, a outra irmã dele.

— Daena — disse o homem do tio. — A irmã. Daena de Pedra do Dragão. Ou seria Daera?

— Daena era a mulher do velho Rei Baelor — disse o remador. — Eu em tempos remei num navio batizado em honra dela. O *Princesa Daena.*

— Se era mulher de um rei, era uma rainha.

— Baelor nunca teve uma rainha. Era santo.

— Não quer dizer que nunca tenha se casado com a irmã — disse a rameira. — Nunca dormiu com ela, nem nada. Quando o fizeram rei, trancou-a numa torre. E às outras irmãs também. Haviam três.

— Daenela — disse ruidosamente o proprietário. — O nome dela era esse. Da filha do Rei Louco, hã? não do raio da mulher do Baelor.

— *Daenerys* — disse Davos. — Foi batizada em honra da Daenerys que casou com o Príncipe de Dorne durante o reinado de Daeron Segundo. Não sei o que foi feito dela.

— Eu sei — disse o homem que começou com a conversa dos dragões, um remador bravosiano com uma escura brigantina de lã. — Quando estivemos lá em baixo, em Pentos, ancoramos ao lado de um navio mercante chamado *Donzela de Olhos Amendoados*, e andei bebendo com o criado do capitão. Ele me contou uma bela história sobre uma miudinha franzina que tinha vindo a bordo em Qarth, para tentar arranjar passagem para Westeros para si e para três dragões. Tinha cabelo prateado e olhos púrpura. "Fui eu próprio a levá-la ao capitão," jurou-me este criado, "mas ele não quis saber daquilo. Há mais lucro em cravinho e açafrão, ele me disse, e as especiarias não te dão fogo às velas."

Gargalhadas varreram a cave. Davos não se juntou a eles. Sabia o que acontecera à *Donzela de Olhos Amendoados.* Os deuses eram cruéis por permitirem que um homem velejasse por meio mundo e depois o levarem a

perseguir uma falsa luz quando estava quase em casa. *Aquele capitão era um homem mais corajoso do que eu*, pensou, enquanto se dirigia à porta. Uma viagem ao oriente, e um homem podia viver rico como um lorde até ao fim dos seus dias. Quando foi mais jovem, Davos sonhava em fazer tais viagens, mas os anos passaram dançando como traças em volta de uma chama, e de algum modo a altura nunca pareceu certa. *Um dia*, disse a si próprio. *Um dia, depois que a guerra terminar e o Rei Stannis estiver sentado no Trono de Ferro e não ter mais necessidade de cavaleiros das cebolas. Levarei Devan comigo. Steffe e Stanny também, se tiverem idade para isso. Veremos esses dragões, e todas as maravilhas do mundo.*

Lá fora, o vento soprava em rajadas, fazendo as chamas tremerem nas candeias que iluminavam a praça. Ficou frio desde que o Sol se pôs, mas Davos lembrava-se atravessando até o manto mais quente para congelar o sangue de um homem nas veias. Porto Branco era um banho quente por comparação.

Havia outros lugares onde podia encher as orelhas; uma estalagem famosa pelos seus empadões de lampreia, a cervejaria onde os fatores de lã e os homens da alfândega costumavam beber, uma sala de saltimbancos onde se podia obter divertimentos devassos por algum dinheiro. Mas Davos sentia que já ouvira o suficiente. *Cheguei tarde demais.* Um velho instinto o fez levar a mão ao peito, onde em tempos guardava os ossos de seus dedos num pequeno saco pendurado com um fio de couro. Nada aí se encontrava. Perdeu a sorte nos incêndios da Água Negra, quando perdeu o navio e os filhos.

O *que devo fazer agora?* Aconchegou melhor a capa. *Subo a colina e me apresento aos portões do Castelo Novo, para fazer uma súplica fútil? Regresso a Vilirmãs? Volto para junto de Marya e dos rapazes? Compro um cavalo e cavalgo pela estrada do rei, para dizer a Stannis que não tem amigos em Porto Branco e também não tem esperança?*

A Rainha Selyse deu um banquete a Salla e aos seus capitães, na véspera da frota zarpar. Cotter Pyke se juntou a eles, bem como quatro outros oficiais superiores da Patrulha da Noite. A Princesa Shireen também foi autorizada a estar presente. Enquanto o salmão era servido, Sor Axell Florent divertiu a mesa com a história de um príncipe Targaryen que tinha um macaco como animal de estimação. Este príncipe gostava de vestir a criatura com a roupa do seu filho morto e fingir que ela era uma criança, segundo afirmava Sor Axell, e de vez em quando propunha casamentos para ela. Os senhores assim honrados declinavam sempre educadamente, mas claro que declinavam.

— Mesmo vestido de seda e veludo, um macaco continua a ser um macaco — dissera Sor Axell. — Um príncipe mais sensato teria sabido que não se podia mandar um macaco fazer um trabalho de homem. — Os homens da rainha tinham rido, e vários dirigiram sorrisos a Davos. *Não sou macaco nenhum*, pensou. *Sou tanto um senhor como vocês, e um homem melhor.* Mas a recordação ainda o magoava.

O Portão das Focas foi fechado para a noite. Davos não poderia regressar à *Alegre Parteira* até à alvorada. Estava ali para passar a noite. Olhou para o Velho Pés-de-Peixe com o seu tridente quebrado. *Atravessei chuvas, naufrágios e tempestades. Não regressarei sem fazer o que vim fazer, por mais inútil que isso possa parecer.* Podia ter perdido os dedos e a sorte, mas não era nenhum macaco vestido de veludo. Era a Mão de um rei.

A Escada do Castelo era uma rua com degraus, uma larga via de pedra branca que levava do Covil do Lobo, ao rés da água, ao Castelo Novo na sua colina. Tritões de mármore iluminavam o caminho enquanto Davos subia, com tigelas de óleo de baleia ardendo aninhadas nos braços. Quando chegou ao topo, virou-se para olhar para trás. Dali conseguia olhar para baixo, para os portos. Ambos. Por trás da muralha do quebra-mar, o porto interior estava repleto de galés de guerra. Davos contou vinte e três. O Lorde Wyman era um homem gordo, mas não um homem ocioso, aparentemente.

Os portões do Castelo Novo tinham sido fechados, mas uma poterna se abriu quando ele gritou, e um guarda apareceu para lhe perguntar o que queria. Davos mostrou-lhe a fita preta e dourada que ostentava os selos reais.

— Preciso falar imediatamente com o Lorde Manderly — disse. — O que quero é com ele e só com ele.

DAENERYS

Os dançarinos tremeluziam, com os lustrosos corpos raspados cobertos por uma fina película de óleo. Archotes ardendo rodopiavam de mão em mão ao ritmo de tambores e dos trinados de uma flauta. Sempre que dois archotes se cruzavam no ar, uma mulher nua saltava entre eles, em cambalhota. A luz dos archotes refletia em membros, seios e nádegas oleados.

Os três homens estavam eretos. A visão da sua excitação era excitante, embora Daenerys Targaryen também a achasse cômica. Os homens eram todos da mesma altura, com longas pernas e barrigas lisas, com todos os músculos tão nitidamente esculpidos como se tivessem sido esculpidos em pedra. Até as suas caras pareciam iguais, de algum modo, o que era mais do que estranho, uma vez que um tinha uma pele escura como ébano, enquanto o segundo era branco como leite e o terceiro reluzia como cobre polido.

Eles estão destinados a me excitar? Dany mexeu-se entre as almofadas de seda. Os seus Imaculados erguiam-se frente aos pilares como estátuas com capacetes de espigão, sem expressão nas caras lisas. Com os homens completos não acontecia o mesmo. A boca de Reznak mo Reznak estava aberta, e os seus lábios reluziam de humidade enquanto observava. Hizdahrzo Loraq estava dizendo qualquer coisa ao homem que se encontrava a seu lado, mas os olhos não abandonavam nem por um momento as dançarinas. A feia cara oleosa de Tolarrapada estava tão severa como sempre, mas nada lhe escapava.

Era mais difícil saber com que sonhava o seu convidado de honra. O homem pálido, esguio e de cara de falcão que partilhava a sua mesa elevada resplandecia em vestes de seda castanha e de pano de ouro, com a cabeça calva brilhando a luz dos archotes enquanto devorava um figo com dentadas pequenas, precisas e elegantes. Opalas piscavam ao longo do nariz de Xaro Xhoan Daxos quando a sua cabeça se virava para seguir os dançarinos.

Em sua honra, Daenerys usava um vestido qarteno, uma confecção simples de samito violeta cortada por forma a deixar o seio esquerdo nu. O cabelo loiro prateado lhe roçava levemente no ombro, caindo quase até ao mamilo. Metade dos homens presentes no salão roubara-lhe olhares, mas Xaro não. *Foi a mesma coisa em Qarth.* Não podia influenciar o príncipe mercador daquela forma. *Mas tenho de influenciá-lo.* Ele viera de Qarth no galeão *Nuvem Sedosa* com trinta galés a acompanhá-lo, constituindo a sua frota a resposta a

uma prece. O comércio de Meereen reduzira-se a nada desde que Dany pusera fim à escravatura, mas Xaro tinha o poder de restaurá-lo.

Quando os tambores se lançaram num crescente, três das mulheres saltaram por cima das chamas, girando no ar. Os dançarinos agarraram-nas pelas cinturas, e fizeram-nas descer sobre os membros. Dany observou enquanto as mulheres arqueavam as costas e envolviam os parceiros com as pernas e as flautas choravam e os homens empurravam em compasso com a música. Antes já vira o ato do amor; os Dothraki acasalavam tão abertamente como as suas éguas e garanhões. Mas aquela era a primeira vez que via a luxúria posta em música.

Sentia a cara morna. O *vinho*, pensou. Mas de algum modo deu-se pensando em Daario Naharis. O mensageiro dele chegou naquela manhã. Os Corvos Tormentosos estavam regressando de Lhazar. O seu capitão regressava para junto de si, trazendo a amizade dos Homens Ovelha. *Comida e comércio*, fez lembrar a si. *Ele não me falhou, nem falhará. Daario me ajudará a salvar a minha cidade.* A rainha ansiava por ver a cara dele, por afagar a sua barba de três pontas, por lhe contar os seus problemas... mas os Corvos Tormentosos estavam ainda a muitos dias de distância, para lá do Passo de Khyzai, e ela tinha um reino para governar.

Pairava fumo entre os pilares púrpura. Os dançarinos ajoelharam, de cabeça baixa.

— Foram magníficos — disse Dany. — Raramente vi tanta elegância, tanta beleza. — Chamou com um gesto Reznak mo Reznak, e o senescal correu para junto dela. Gotículas de suor cobriam sua cabeça calva e enrugada. — Leve os nossos convidados aos banhos, para poderem se refrescar, e leve a eles comida e bebida.

— Será uma grande honra para mim, Magnificência.

Daenerys ergueu a taça para Irri voltar a enchê-la. O vinho era doce e forte, suave com o odor das especiarias orientais, muito superior aos aguados vinhos ghiscariotas que lhe tinham enchido a taça nos últimos tempos. Xaro examinou cuidadosamente os frutos na bandeja que Jhiqui lhe ofereceu e escolheu um dióspiro A pele cor de laranja do fruto combinava com a cor do coral que Xaro tinha no nariz. Deu uma dentada e espetou os lábios.

— Ácido.

— O senhor preferiria algo mais doce?

— A doçura enjoa. Fruta ácida e mulheres ácidas dão à vida o seu sabor. — Xaro deu outra dentada, mastigou, engoliu. — Daenerys, querida

rainha, não sou capaz de lhe transmitir o prazer que me dá me deliciar outra vez com a sua presença. Uma criança partiu de Qarth, tão perdida como adorável. Temi que estivesse viajando para a perdição, mas aqui a encontro estabilizada, senhora de uma cidade antiga, rodeada por uma hoste poderosa que reuniu a partir de sonhos.

Não, pensou ela, *a partir de sangue e fogo.*

— Estou contente por ter vindo me ver. É bom voltar a ver a sua cara, meu amigo. — *Não vou confiar em você, mas preciso de você. Preciso dos seus Treze, preciso dos seus navios, preciso do seu comércio.*

Durante séculos, Meereen e as cidades irmãs Yunkai e Astapor tinham sido as charneiras do comércio de escravos, o lugar onde os *khals* dothraki e os corsários das Ilhas Basilisco vendiam os cativos e o resto do mundo vinha comprar. Sem escravos, Meereen tinha pouco a oferecer aos mercadores. Havia fartura de cobre nos montes ghiscariotas, mas o metal não era tão valioso como foi quando o bronze dominava o mundo. Os cedros que tinham em tempos crescido altaneiros ao longo da costa já não cresciam, abatidos pelos machados do Velho Império ou consumidos por fogo de dragão quando Ghis fez a guerra contra Valíria. Depois de as árvores desaparecerem, o solo cozeu sob o sol quente e foi soprado para longe em densas nuvens vermelhas.

— Foram essas calamidades que transformaram o meu povo em negociantes de escravos — dissera-lhe Galazza Galare, no Templo das Graças. *E eu sou a calamidade que voltará a transformar os escravagistas em gente*, jurou Dany.

— Tinha que vir — disse Xaro numa voz lânguida. — Mesmo lá longe, em Qarth, chegaram aos ouvidos histórias temíveis. Chorei quando as ouvi. Diz-se que os seus inimigos prometeram riquezas e glória e cem escravas virgens a qualquer homem que te mate.

— Os Filhos da Harpia. — *Como ele sabe disto?* — escrevem nas paredes à noite, e cortam as gargantas de honestos libertos enquanto dormem. Quando o Sol se levanta, escondem-se como baratas. Temem as minhas Feras de Bronze. — Skahaz mo Kandaq deu-lhe a nova patrulha que pediu, composta em números iguais por libertos e meereeneses tolarrapadas. Percorriam as ruas tanto de dia como de noite, com capuzes escuros e máscaras de bronze. Os Filhos da Harpia tinham prometido uma morte macabra a qualquer traidor que se atrevesse a servir a rainha dos dragões e também aos seus amigos e parentes, portanto, os homens do Tolarrapada andavam pela cidade como chacais, corujas e outros

animais, mantendo ocultas as verdadeiras caras. — Podia ter motivo para temer os Filhos se me vissem passeando sozinha pelas ruas, mas só se fosse de noite e eu estivesse nua e desarmada. São criaturas covardes.

— A faca de um covarde consegue matar uma rainha tão facilmente como a de um herói. Eu dormiria melhor se soubesse que a delícia do meu coração tinha mantido os seus ferozes senhores dos cavalos bem perto à sua volta. Em Qarth tinha três companheiros de sangue que nunca saíam de junto de você. Para onde foram?

— Aggo, Jhoqo e Rakharo ainda me servem. — *Está jogando comigo.* Dany também podia jogar. — Eu sou só uma menininha e pouco sei dessas coisas, mas homens mais velhos e mais sábios me dizem que para conservar Meereen, tenho que controlar o seu interior, toda a terra a oeste de Lhazar para sul até aos montes de Yunkai.

— As suas terras do interior não são preciosas para mim. Você sim. Se algum mal te acontecer, este mundo perderá o seu sabor.

— O senhor é bom por se importar tanto comigo, mas estou bem protegida. — Dany indicou com um gesto o local onde Barristan Selmy estava com uma mão pousada no cabo da sua espada. — Chamam-lhe Barristan, o Ousado. Já me salvou de assassinos duas vezes.

Xaro dedicou a Selmy uma inspeção apressada.

— Barristan, o Usado,você disse? O seu cavaleiro do urso era mais novo e era dedicado.

— Não desejo falar de Jorah Mormont.

— Com certeza. O homem era rude e peludo. — O príncipe mercador debruçou-se sobre a mesa. — Falemos antes de amor, de sonhos, desejo e Daenerys, a mais bela mulher deste mundo. Estou bêbado de te ver.

Dany não desconhecia as cortesias empoladas de Qarth.

— Se está bêbado, culpe o vinho.

— Não há vinho que suba à cabeça como a sua beleza, nem de longe. A minha mansão tem parecido tão vazia como uma tumba desde que Daenerys partiu, e todos os prazeres da Rainha das Cidades foram como cinzas na minha boca. Porque me abandonou?

Fui corrida da sua cidade temendo pela vida.

— Estava na hora. Qarth desejava-me longe.

— Quem? Os Puronatos? Eles têm água nas veias. Os mercadores de especiarias? Têm coalhada entre as orelhas. E os Imortais estão todos mortos.

Devia ter me aceitado como marido. Tenho quase a certeza de ter pedido a mão. Suplicado, até.

— *Só meia centena de vezes — provocou Dany. — Desistiu com muita facilidade, senhor. Porque eu* tenho *de casar, toda a gente concorda.*

— *Uma* khaleesi *tem de ter um* khal — *disse Irri enquanto voltava a encher a taça da rainha. — É sabido.*

— *Devo voltar a pedir? — perguntou Xaro. — Não, conheço esse sorriso. A rainha que joga com os corações dos homens é uma rainha cruel. — Humildes mercadores como eu não passam de pedras sob as suas sandálias cravejadas de jóias. — Uma lágrima isolada correu lentamente pela cara branca.*

Dany conhecia-o bem demais para ficar comovida. Os homens qartenos conseguiam chorar sempre que quisessem.

— Oh, pare com isso. — Tirou uma cereja da tigela que estava em cima da mesa e atirou-lhe no nariz. — Eu posso ser uma menininha, mas não sou suficientemente tola para casar com um homem que acha uma bandeja de fruta mais tentadora do que o meu seio. Eu vi quais dos dançarinos estava observando.

Xaro limpou a lágrima.

— Os mesmos que Vossa Graça estava seguindo, julgo eu. Veja, somos parecidos. Se não quizer me tomar como marido, me contento em ser seu escravo.

— Não quero escravos. Liberto-os. — O nariz cravejado de jóias do homem constituía um alvo tentador. Daquela vez, Dany atirou-lhe um damasco.

Xaro apanhou-o no ar e deu uma dentada.

— De onde veio esta loucura? Deveria me achar afortunado por não ter libertado os meus escravos quando foi minha hóspede em Qarth?

Eu era uma rainha pedinte e você era Xaro dos Treze, pensou Dany *e tudo o que queria era os meus dragões.*

— *Os seus escravos pareciam bem tratados e satisfeitos. Foi só em Astapor que os meus olhos se abriram. Sabe como os Imaculados são feitos e treinados?*

— *Cruelmente, não duvido. Quando um ferreiro faz uma espada, enfia a lâmina no fogo, bate com um martelo e depois a mergulha em água gelada para temperar o aço. Se quer saborear o doce sabor da fruta, tem que irrigar a árvore.*

— *Esta árvore foi irrigada com sangue.*

— E de que outra forma se criaria um soldado? Vossa Radiância apreciou os meus dançarinos. Você se surpreenderia em saber que são escravos, criados e treinados em Yunkai? Dançam desde que tiveram idade suficiente para caminhar. De que outra forma seria possível atingir tal perfeição? *— bebeu um gole de vinho. — E também são especialistas em todas as artes eróticas. Tinha pensado em presentear Vossa Graça com eles.*

— Com certeza. — Dany não se sentia surpreendida. — Eu os libertarei.

Aquilo o fez estremecer.

— E o que eles farão com a liberdade? É o mesmo que dar a um peixe um Camisa de cota de malha. Eles foram feitos para dançar.

— Feitos por quem? Pelos seus donos? Os seus dançarinos talvez preferissem construir, cozinhar ou cultivar a terra. Perguntou a eles?

— Os seus elefantes talvez preferissem ser rouxinóis. Em vez de doces canções, as noites de Meereen estariam cheias com trovejantes bramidos, e as suas árvores se estilhaçariam sob o peso de grandes pássaros cinzentos. — Xaro suspirou. — Daenerys, minha delícia, sob esse doce e jovem seio bate um coração gentil... mas aceite o conselho de uma cabeça mais velha e mais sensata. As coisas nem sempre são o que parecem. Muito do que pode parecer mau pode ser bom. Pense na chuva.

— *A chuva?* — Será que ele me toma por uma tola, ou só por uma criança?

— Nós amaldiçoamos a chuva quando cai em nossas cabeças, mas sem ela passaríamos fome. O mundo *precisa* de chuva... e de escravos. Fez uma careta, mas é verdade. Pense em Qarth. Em arte, música, magia, comércio, tudo o que faz de nós mais do que animais, Qarth está acima do resto da humanidade tal como você está no cume desta pirâmide... mas em baixo, em lugar de tijolos, a magnificência que é a Rainha das Cidades repousa nos dorsos de *escravos.* Pergunte a sí própria, se todos os homens tivessem de fossar na terra para obter comida, como ergueria fosse quem fosse os olhos para contemplar as estrelas? Se cada um de nós tiver de quebrar as costas para construir uma cabana, quem erguerá os templos para glorificar os deuses? Para que alguns homens sejam grandes, outros têm de ser escravizados.

O homem era muito eloquente para ela. Dany não tinha resposta para lhe dar, só uma crua sensação na barriga.

— A escravatura não é igual à chuva — insistiu. — Já apanhei com chuva em cima, e já fui vendida. *Não é a mesma coisa.* Nenhum homem deseja ser *possuído.*

Xaro encolheu languidamente os ombros.

— Acontece que quando desembarquei na sua adorável cidade, calhou-me ver na margem do rio um homem que tinha sido um dia hóspede na minha mansão, um mercador que negociava com especiarias raras e vinhos de primeira. Estava nu da cintura para cima, vermelho e queimando, e parecia estar cavando um buraco.

— Um buraco, não. Uma vala, para trazer água do rio para os campos. Queremos plantar feijões. Os campos de feijões têm que ter água.

— Que bondade a do meu velho amigo por te ajudar na escavação. É tão estranho nele. Será possível que não tenha sido dada a ele alternativa? Não, certamente que não. Você não tem escravos em Meereen.

Dany corou.

— O seu amigo está sendo pago com comida e abrigo. Não posso lhe devolver a riqueza. Meereen precisa mais de feijões do que de especiarias raras, e os feijões precisam de água.

— Colocará também os meus dançarinos para cavar valas? Querida rainha, quando me viu, o meu velho amigo caiu de joelhos e me suplicou que o comprasse como escravo e o levasse para Qarth.

Dany sentiu-se como se Xaro tivesse a esbofeteado.

— Então compre-o.

— Se te agradar. Sei que a *ele* agradaria. — Pousou a mão no braço dela. — Há verdades que só um amigo poderia te dizer. Ajudei-te quando chegou a Qarth como pedinte, e cruzei longas léguas e mares tempestuosos para te ajudar uma vez mais. Haverá aqui algum lugar em que possamos falar francamente?

Dany sentia o calor dos dedos dele. *Ele em Qarth também era quente,* recordou, *até o dia em que deixou de ter utilidade para mim.* Pôs-se em pé.

— Venha — disse, e Xaro seguiu-a por entre os pilares até à larga escada de mármore que levava aos seus aposentos privados no topo da pirâmide.

— Oh, mais bela das mulheres — disse Xaro quando começaram a subir — há passos atrás de nós. Somos seguidos.

— O meu velho cavaleiro não te assusta, decerto? Sor Barristan jurou guardar os meus segredos.

Levou-o para o terraço que dava para a cidade. Uma Lua cheia nadava no céu negro por cima de Meereen.

— Passeamos? — Dany deu-lhe o braço. O ar estava pesado com o odor de flores noturnas. — Falou de ajuda. Então negocie comigo. Meereen tem sal para vender, e vinho.

— Vinho ghiscariota? — Xaro fez uma careta. — O mar dá todo o sal de que Qarth precisa, mas de bom grado levaria todas as azeitonas que queira me vender. E azeite também.

— Não tenho nada disso para oferecer. Os escravagistas queimaram as árvores. — Existiu cultivo de azeitona ao longo das costas da Baía dos Escravos durante séculos, mas os meereeneses tinham passado os seus antigos pomares pelo archote quando a hoste de Dany avançava contra eles, fazendo-a atravessar um deserto enegrecido. — Estamos replantando, mas são precisos sete anos para uma oliveira começar a dar fruto e trinta até que possa realmente considerar-se produtiva. Então e cobre?

— Um metal bonito, mas volúvel como uma mulher. Ouro, por outro lado... o ouro é *sincero*. Qarth te dará ouro de bom grado, em troca de escravos.

— Meereen é uma cidade livre, de homens livres.

— Uma cidade pobre que, em tempos, foi rica. Uma cidade faminta que, em tempos, foi gorda. Uma cidade sangrenta que, em tempos, foi pacífica.

As acusações dele feriam. Havia nelas muita verdade.

— Meereen voltará a ser rica, gorda e pacífica, e também livre. Vá falar com os dothraki, se precisa ter escravos.

— Os dothraki fazem escravos, os ghiscariotas treinam-nos. E para chegarem a Qarth, os senhores dos cavalos têm de conduzir os seus cativos pelo deserto vermelho. Centenas morreriam, talvez até milhares... e muitos cavalos também, motivo pelo qual nenhum *khal* arriscaria a travessia. E há o seguinte: Qarth não quer *khalasares* fervendo à volta das nossas muralhas. O fedor de todos aqueles cavalos... sem ofensa, *khaleesi*.

— Um cavalo tem um cheiro honesto. Isso é mais do que pode ser dito de certos grandes senhores e príncipes mercadores.

Xaro não pareceu reparar na interrupção.

— Daenerys, me deixe ser honesto com você, como é próprio de um amigo. Você *não* irá fazer Meereen rica, gorda e pacífica. Só a levará à destruição, como fez com Astapor. Está consciente de que se travou batalha nos

Chifres de Hazzat? O Rei Carniceiro fugiu de volta para o seu palácio, com os novos Imaculados fugindo logo atrás.

— Isso é sabido. — Ben Castanho Plumm enviou a notícia da batalha. — Os yunkaitas contrataram novos mercenários, e duas legiões de Nova Ghis lutaram a seu lado.

— Duas depressa se tornarão quatro, e depois dez. E foram mandados emissários yunkaitas a Myr e a Volantis para contratar mais espadas. A Companhia do Gato, as Longas Lanças, os Aventados. Há quem diga que os Sábios Mestres também contrataram a Companhia Dourada.

O irmão Viserys ofereceu um dia um banquete aos capitães da Companhia Dourada, na esperança de se juntarem à sua causa. *Comeram a comida dele, ouviram os seus apelos e riram dele.* Dany era apenas uma menininha, mas lembrava-se.

— Eu também tenho mercenários.

— Duas companhias. Os yunkaitas mandarão vinte contra você, se for necessário. E quando se puserem em marcha não marcharão sozinhos. Tolos e Mantarys concordaram com uma aliança.

Aquilo era uma má notícia, se fosse verdadeira. Daenerys enviou missões a Tolos e Mantarys, esperando encontrar novos amigos a oeste para contrabalançar a inimizade de Yunkai a sul. Os emissários não tinham regressado.

— Meereen fez aliança com Lhazar.

Aquilo limitou-se a causar um risinho a Xaro.

— Os senhores dos cavalos chamam aos lhazarenos Homens Ovelha. Quando são tosquiados limitam-se a balir. Não são um povo marcial.

Até um amigo ovino é melhor do que nenhum.

— Os Sábios Mestres deviam seguir o exemplo. Poupei Yunkai uma vez, mas não voltarei a cometer esse erro. Se se atreverem a me atacar, desta vez arrasarei a Cidade Amarela.

— E enquanto estiver arrasando Yunkai, minha querida, Meereen se revoltará atrás de você. Não feche os olhos ao perigo em que você encontrará, Daenerys. Os seus eunucos são bons soldados, mas são poucos demais para igualar as hostes que Yunkai mandará contra você, depois de Astapor cair.

— Os meus libertos... — começou Dany.

— Escravos de cama, barbeiros e fabricantes de tijolos não vencem batalhas.

Nisso, enganava-se, esperava ela. Os libertos tinham sido em tempos uma ralé, mas organizou em companhias os homens em idade de lutar e ordenou ao Verme Cinzento para os transformar em soldados. *Ele que pense o que quiser.*

— Esqueceu? Eu tenho *dragões.*

— Ah tem? Em Qarth raramente era vista sem um dragão ao ombro... mas agora observo que esse bem torneado ombro está tão belo e nu como o seu adorável seio.

— Os meus dragões cresceram, os meus ombros não. Eles andam longe, pelo interior, à caça. — *Hazzea, me perdoe.* Perguntou a si própria o que saberia Xaro, que murmúrios teria ouvido. — Pergunte pelos meus dragões aos Bons Mestres de Astapor, se duvida da sua existência. — *Vi os olhos de um escravagista derreter e escorrer pela cara abaixo.* — Me diga a verdade, velho amigo, porque me procurou se não foi para negociar?

— Para trazer um presente para a rainha do meu coração.

— *Continue.* — Que armadilha é esta agora?

— O presente que me suplicou em Qarth. Navios. Há treze galés na baía. Suas, se as aceitar. Trouxe uma frota para te levar para casa, para Westeros.

Uma frota. Era mais do que podia ter esperado, o que a deixou prudente. Em Qarth, Xaro oferecera-lhe trinta navios... por um dragão.

— E que preço pede por esses navios?

— Nenhum. Já não anseio por dragões. Vi o trabalho deles em Astapor a caminho de cá, quando a minha *Nuvem Sedosa* aportou para embarcar água. Os navios são seus, querida rainha. Treze galés, e homens para puxar os remos.

Treze. Com certeza. Xaro era um dos Treze. Sem dúvida que teria convencido cada um dos outros membros a abrir mão de um navio. Conhecia o príncipe mercador bem demais para pensar que sacrificaria treze dos *seus próprios* navios.

— Tenho de refletir sobre isso. Posso inspecionar esses navios?

— Se tornou desconfiada, Daenerys.

Sempre.

— *Me tornei sensata, Xaro.*

— *Inspecione tudo o que desejar. Quando ficar satisfeita, me jure que regressará imediatamente a Westeros e os navios são seus. Jure pelos seus dragões e o seu deus de sete caras e as cinzas dos seus pais, e* vá.

— *E se eu decidir esperar um ano ou dois?*

Uma expressão lúgubre atravessou a cara de Xaro.

— Isso me deixaria muito triste, minha doce delícia... pois por mais jovem e forte que pareça agora, não viverá tanto tempo. Aqui não.

Ele oferece o favo de mel com uma mão e me mostra o chicote com a outra.

— *Os yunkaitas não são assim tão temíveis.*

— *Nem todos os seus inimigos estão na Cidade Amarela. Tenha cuidado com homens de corações frios e lábios azuis. Ainda não tinha partido de Qarth há uma quinzena quando Pyat Pree partiu com três dos seus colegas feiticeiros, para te procurar em Pentos.*

Dany ficou mais divertida do que temerosa.

— Então é bom que tenha me afastado do meu rumo. Pentos fica a meio mundo de distância de Meereen.

— É verdade — concedeu ele — mas mais cedo ou mais tarde terão que chegar notícias sobre a rainha dos dragões da Baía dos Escravos.

— Isso destina-se a me assustar? Vivi em medo durante catorze anos, senhor. Acordava com medo todas as manhãs e ia dormir com medo todas as noites... mas os meus medos desapareceram, incendiados, no dia em que saí da fogueira. Agora só uma coisa me assusta.

— E o que é que teme, querida rainha?

— Eu sou só uma menininha tola. — Dany colocou-se nas pontas dos pés e beijou-o na cara. — Mas não suficientemente tola para te dizer isso. Os meus homens examinarão esses navios. Depois terá a minha resposta.

— Como quiser. — Tocou-lhe levemente o seio descoberto, e sussurrou: — Me deixe ficar e ajudar a te persuadir.

Por um momento, sentiu-se tentada. Afinal era possível que os dançarinos tivessem mexido com ela. *Podia fechar os olhos e fingir que ele é Daario.* Um Daario de sonho seria mais seguro do que o verdadeiro. Mas afastou a ideia.

— Não, senhor. Agradeço-lhe, mas não. — Dany escorregou para fora dos braços dele. — Talvez em outra noite qualquer.

— Em outra noite qualquer. — A boca dele estava triste, mas os olhos pareciam mais aliviados do que desapontados.

Se eu fosse um dragão podia voar para Westeros, pensou depois de ele ir embora. *Não teria necessidade de Xaro nem dos seus navios.* Dany perguntou a si própria quantos homens treze galés poderiam transportar. Tinham sido necessárias três para a levar ao seu *khalasar* de Qarth para Astapor, mas isso foi

antes de adquirir oito mil Imaculados, mil mercenários e uma vasta horda de libertos. *E os dragões, o que vou eu fazer com eles?*

— Drogon — sussurrou suavemente — onde está? — por um momento quase conseguiu vê-lo passar pelo céu, com as asas negras engolindo as estrelas.

Virou costas à noite, dirigindo-se para o local onde Barristan Selmy estava em silêncio nas sombras.

— O meu irmão me contou uma vez uma adivinha de Westeros. Quem escuta tudo mas não ouve nada?

— Um cavaleiro da Guarda Real. — A voz de Selmy soou solene.

— Ouviu Xaro fazer a sua oferta?

— Ouvi, Vossa Graça. — O velho cavaleiro esforçava-se ao máximo para não olhar para o seu seio nu enquanto falava com ela.

Sor Jorah não afastaria o olhar. Ele me amava como mulher; enquanto Sor Barristan me ama só como sua rainha. Mormont foi um informador, prestando relatórios aos seus inimigos em Westeros, mas também lhe deu bons conselhos.

— O que pensa dela? E dele?

— Dele menos que pouco. Mas aqueles navios... Vossa Graça, com aqueles navios podíamos estar em casa antes de o ano chegar ao fim.

Dany nunca conheceu uma casa. Em Bravos houvera uma casa com uma porta vermelha, mas nunca passou disso.

— Cuidado com Qartenos que trazem presentes, especialmente mercadores dos Treze. Há aqui alguma armadilha. Os navios talvez estejam apodrecidos, ou...

— Se fossem tão incapazes de aguentar o mar, não poderiam ter feito a travessia desde Qarth — fez notar Sor Barristan — mas Vossa Graça foi sensata em ter insistido na inspeção. Levarei o Almirante Groleo às galés, à primeira luz da aurora, com os seus capitães e vinte marinheiros. Podemos examinar cada centímetro daqueles navios.

Era um bom conselho.

— *Sim, faça isso.* —Westeros. Casa. *Mas se partisse o que aconteceria à sua cidade?* Meereen nunca foi a sua cidade, *pareceu murmurar a voz do irmão.* As suas cidades estão do outro lado do mar. Os seus sete reinos, onde os seus inimigos te esperam. Nasceu para lhes servir sangue e fogo.

Sor Barristan pigarreou e disse:

— Aquele feiticeiro de que o mercador falou...

— Pyat Pree. — Tentou se lembrar da cara dele, mas só conseguiu ver os lábios. O vinho dos feiticeiros tornara-os azuis. Chamava-se *sombra da tarde.*

— Se um feitiço de feiticeiro pudesse me matar, por esta altura já estaria morta. Deixei o palácio deles em cinzas. — *Drogon me salvou quando eles tentaram drenar a minha vida. Drogon queimou-os todos.*

— É como diz, Vossa Graça. Ainda assim, ficarei vigilante.

Ela beijou-o na bochecha.

— Eu sei que sim. Venha, me acompanhe de volta ao banquete.

Na manhã seguinte, Dany acordou mais cheia de esperança do que alguma vez esteve desde que chegou à Baía dos Escravos. Daario depressa estaria de novo ao seu lado e juntos viajariam para Westeros. *Para casa.* Um dos seus jovens reféns trouxe-lhe a refeição da manhã, uma menina tímida e rechonchuda chamada Mezzara, cujo pai geria a pirâmide de Merreq, e Dany deu-lhe um abraço feliz e agradeceu-lhe com um beijo.

— Xaro Xhoan Daxos me ofereceu treze galés — disse a Irri e a Jhiqui enquanto a vestiam para a corte.

— Treze é um mau número, *khaleesi* — murmurou Jhiqui na língua dos dothraki. — É sabido.

— É sabido — concordou Irri.

— Trinta seria melhor — concordou Daenerys. — Trezentos ainda melhor. Mas treze podem ser suficientes para nos levar para Westeros.

As duas mulheres dothraki trocaram um olhar.

— A água envenenada está amaldiçoada, *khaleesi* — disse Irri. — Os cavalos não a podem beber.

— Não pretendo bebê-la — prometeu-lhes Dany.

Só quatro peticionários a aguardavam naquela manhã. Como sempre, Lorde Grael foi o primeiro a apresentar-se, parecendo ainda mais desgraçado do que o normal. — Vossa Radiância — gemeu, quando caiu ao mármore a seus pés — os exércitos dos yunkaitas caem sobre Astapor. Suplico, venha para sul com todas as suas forças!

— Eu avisei o seu rei de que esta sua guerra era uma loucura — fez-lhe lembrar Dany. — Ele não me quis dar ouvidos.

— O Grande Cleon só procurou abater os vis escravagistas de Yunkai.

— O próprio Grande Cleon é um escravagista.

— Eu sei que a Mãe de Dragões não nos abandonaria na nossa hora de perigo. Empreste os seus Imaculados para defendermos as nossas muralhas.

E se o fizer, quem defenderá as minhas?

— Muitos dos meus libertos foram escravos em Astapor. Alguns talvez queiram ajudar a defender o seu rei. Essa opção é deles, na condição de homens livres. Eu dei a Astapor a sua liberdade. Cabe a vocês defendê-la.

— Então estamos todos mortos. Deu-nos a morte, não a liberdade.

— Ghael pôs-se em pé de um salto e cuspiu em sua cara.

Belvvas, o Forte, agarrou-o pelo ombro e atirou-o com tanta força ao mármore que Dany ouviu os dentes do homem partindo. Tolarrapada teria feito pior, mas ela o impediu.

— Basta — disse, esfregando levemente a cara com a ponta do *tokar*.

— Nunca ninguém morreu de cuspe. Leve-o daqui.

Arrastaram-no pelos pés, deixando para trás vários dentes partidos e um rastro de sangue. Dany teria de bom grado mandado embora o resto dos peticionários... mas ainda era sua rainha, portanto escutou-os e fez o melhor que pôde para lhes conceder justiça.

Ao fim dessa tarde, o Almirante Groleo e Sor Barristan regressaram da inspeção das galés. Dany reuniu o seu conselho para ouvi-los. Verme Cinzento estava lá em representação dos Imaculados, Skahaz mo Kandaq pelas Feras de Bronze. Na ausência dos seus companheiros de sangue, um engelhado *jaqqa rhan* chamado Rommo, vesgo e de pernas arqueadas, veio falar pelos dothraki. Os libertos eram representados pelos capitães das três companhias que formou; Mollono Yos Dob dos Escudos Vigorosos, Symon Dorsolistado dos Irmãos Livres, Marselen dos Homens da Mãe. Reznak mo Reznak pairava ao lado da rainha, e Belvvas, o Forte, mantinha-se em pé atrás dela com os braços cruzados. Conselhos não faltariam a Dany.

Groleo foi um homem muito infeliz desde que tinham desfeito o seu navio para construir as máquinas de cerco com que a rainha conquistou Meereen. Dany tentou consolá-lo nomeando-o o seu senhor almirante, mas a honraria não tinha substância; a frota meereenesa zarpara para Yunkai quando a hoste de Dany se aproximou da cidade, e o velho pentoshi era um almirante sem navios. Agora, porém, sorria através da sua irregular barba manchada de sal de uma maneira que a rainha quase não recordava.

— Quer dizer que os navios são bons? — disse, esperançosa.

— Suficientemente bons, Vossa Graça. São velhos, sim, mas a maioria está bem conservada. O casco da *Legítima Princesa* está carcomido. Não queira levá-lo a perder de vista da terra. O *Narraqqa* não desdenharia um leme e um

cordame novos e o *Lagarto Listado* tem uns quantos remos rachados, mas servem. Os remadores são escravos, mas, se lhes oferecermos um salário honesto de remador, a maior parte ficará connosco. Não sabem fazer nada a não ser remar. Os que forem embora podem ser substituídos pelos meus tripulantes. A viagem até Westeros é longa e dura, mas aqueles navios estão num estado suficientemente bom para nos levar até lá, parece-me.

Reznak mo Reznak soltou um gemido de dar dó.

— Então é verdade. Vossa Reverência pretende nos abandonar. — Torceu as mãos. — Os yunkaitas restaurarão o poder dos Grandes Mestres no instante em que partir e aqueles de nós que tão fielmente serviram a sua causa serão atravessados pela espada, e as nossas queridas esposas e filhas donzelas serão violadas e escravizadas.

— As minhas não — resmungou o Skahaz Tolarrapada. — Antes disso, mato-as com as minhas próprias mãos. — Deu uma palmada no cabo da espada.

Dany sentiu-se como se a palmada tivesse sido dada na sua cara.

— Se teme o que se pode seguir à minha partida, venha comigo para Westeros.

— Para onde quer que a Mãe de Dragões vá, os Homens da Mãe irão também — anunciou Marselen, o irmão que restava a Missandei.

— Como? — perguntou Symon Dorsolistado, cujo nome vinha do emaranhado de cicatrizes que lhe sulcavam as costas e os ombros, um lembrete das açoitadas que sofrera enquanto foi escravo em Astapor. — Treze navios... não chega. Uma centena de navios podia não ser suficiente.

— Cavalos de madeira não prestam — objetou Rommo, o velho *jaqqa rhan.* — Os dothraki irão a cavalo.

— Estes podiam marchar por terra ao longo da costa — sugeriu o Verme Cinzento. — Os navios podiam acompanhá-los e reabastecer a coluna.

— Isso podia resultar até chegarem às ruínas de Bhorash — disse o Tolarrapada. — Mais para diante, os seus navios teriam que virar para sul, passando por Tolos e pela Ilha dos Cedros e velejar em volta de Valíria, enquanto a infantaria prosseguiria até Mantarys pela velha estrada dos dragões.

— *Estrada dos demônios* é como lhe chamam agora — disse Mollono Yos Dob. O rechonchudo comandante dos Escudos Vigorosos parecia mais escriba que soldado, com as mãos manchadas de tinta e pesada pança, mas era difícil encontrar homem mais esperto. — Morreriam mais que muitos de nós.

— Os que fossem deixados para trás em Meereen invejariam as mortes fáceis — gemeu Reznak. — Eles vão fazer de nós *escravos*, ou nos atirar para as arenas. Tudo será como era, ou pior.

— Onde está a sua coragem? — explodiu Sor Barristan. — Sua Graça os libertou das correntes. Cabe a vocês afiar as espadas e defender a sua liberdade quando ela partir.

— Corajosas palavras, para alguém que pretende velejar para poente — rosnou Symon Dorsolistado em resposta. — Olhará para trás para nos ver morrer?

— Vossa Graça...

— Magnificência...

— Vossa Reverência...

— *Basta*. — Dany deu uma palmada na mesa. — Ninguém será abandonado à morte. São todos o meu povo. — Os seus sonhos sobre o amor e um lar a tinham cegado. — Não abandonarei Meereen ao destino de Astapor. Dói-me dizê-lo, mas Westeros terá de esperar.

Groleo ficou horrorizado.

— *Temos* que aceitar aqueles navios. Se recusarmos este presente...

Sor Barristan caiu sobre um joelho à frente dela.

— Minha rainha, o seu reino tem necessidade de você. Aqui não é desejada, mas em Westeros os homens convergirão aos milhares sobre os seus estandartes, grandes senhores e nobres cavaleiros. "*Ela voltou,"* gritarão uns aos outros, em vozes alegres. "*A irmã do Príncipe Rhaegar finalmente veio para casa?*

— Se me amam assim tanto, esperarão por mim. — Dany pôs-se em pé. — Reznak, chame Xaro Xhoan Daxos.

Recebeu o príncipe mercador sozinha, sentada no seu banco de ébano polido, sobre as almofadas que Sor Barristan lhe trouxera. Quatro marinheiros de Qarth acompanhavam-no, trazendo ao ombro uma tapeçaria enrolada.

— Trouxe outro presente para a rainha do meu coração — anunciou Xaro. — Está nos cofres da minha família desde antes da Destruição que levou Valíria.

Os marinheiros desenrolaram a tapeçaria no chão. Era velha, poeirenta, desbotada... e enorme. Dany teve de ir ao lado de Xaro para que o padrão se tornasse claro.

— Um mapa? É belo. — Cobria metade do chão. Os mares eram azuis, as terras verdes, as montanhas negras e castanhas. Cidades eram indicadas como estrelas em fio de ouro ou de prata. *Não existe Mar Fumegante*, compreendeu. *Valíria ainda não é uma ilha.* –

— Ali vê Astapor, Yunkai e Meereen. — Xaro apontou para três estrelas de prata junto ao azul da Baía dos Escravos. — Westeros fica... em algum lugar lá ao fundo. — A sua mão acenou vagamente na direção da parte mais distante do salão. — Virou para norte quando devia ter continuado para sul e para oeste, atravessando o Mar do Verão, mas com o meu presente depressa estará de volta ao lugar que é próprio. Aceite as minhas galés de coração alegre, e dobre os remos para oeste.

Faria se pudesse.

— Senhor, aceitarei alegremente esses navios, mas não posso te dar a promessa que pede. — Pegou em na mão. — Me dê as galés, e juro que Qarth terá a amizade de Meereen até que as estrelas se apaguem. Deixe-me fazer comércio com elas, e ficará com uma boa parte dos lucros.

O sorriso satisfeito de Xaro morreu em seus lábios.

— O que está dizendo? Está me dizendo que não quer ir embora?

— Não *posso* ir.

Lágrimas jorraram-lhe dos olhos, escorregando pelo nariz abaixo, passando por esmeraldas, ametistas e diamantes negros.

— Eu disse aos Treze que daria ouvidos à minha sensatez. Dói-me perceber que me enganei. Aceite estes navios e zarpe daqui, caso contrário irá certamente morrer aos gritos. Não pode saber quantos inimigos fez.

Sei que um está agora na minha frente, chorando lágrimas de saltimbanco. Perceber isso a entristeceu.

— Quando entrei no Salão dos Mil Tronos para suplicar junto dos Puronatos pela sua vida, disse que não passava de uma criança — prosseguiu Xaro — mas Egon Emeros, o Requintado, levantou-se e disse: "Ela é uma criança tola*, louca e inconsciente e muito perigosa para ficar viva." Quando os seus dragões eram pequenos, eram uma maravilha. Crescidos, são morte e devastação, uma espada em chamas sobre o mundo. — Limpou as lágrimas. — Devia ter te matado em Qarth.*

— Eu fui uma hóspede sob o seu teto, e comi do seu pão e bebi do seu vinho — disse ela. — Em memória de tudo o que fez por mim, perdoarei essas palavras... uma vez... *mas nunca ouse voltar a me ameaçar.*

— *Xaro Xhoan Daxos não ameaça. Promete.*

A tristeza dela transformou-se em fúria.

— E eu prometo que se não tiver ido embora antes de o Sol nascer, ficará sabendo quão boas são as lágrimas de um mentiroso apagando fogo de dragão. Saí da minha frente, Xaro. *Depressa.*

Ele foi, mas deixou o mundo atrás de si. Dany voltou a sentar-se no seu banco e fitou o mar azul de seda, na direção da distante Westeros. *Um dia*, promeseu a si própria.

Na manhã seguinte, os galeões de Xaro tinham desaparecido, mas o "presente" que lhe trouxe ficou para trás na Baía dos Piratas. Longas flâmulas vermelhas esvoaçavam dos mastros das treze galés qartenas, contorcendo-se ao vento. E quando Daenerys desceu para dar audiência, um mensageiro vindo dos navios a aguardava. Não proferiu palavra, mas depositou a seus pés uma almofada de cetim negro, sobre a qual repousava uma única luva manchada de sangue.

— O que é isto? — perguntou Skahaz. — Uma luva ensanguentada..

— ... significa guerra — disse a rainha.

JON

— Cuidado com as ratazanas, senhor. — Edd Doloroso indicou o caminho a Jon, escadas abaixo, com uma lanterna numa mão. — Soltam um guincho horrível quando a gente as pisa. A minha mãe costumava fazer um som parecido quando eu era rapaz. Devia ter nela um pouco de ratazana, agora que penso nisso. Cabelo castanho, olhinhos pequenos e brilhantes, gostava de queijo. Pode ser que também tivesse um rabo, nunca fui ver.

Todo o Castelo Negro estava interligado, no subsolo, por um labirinto de túneis que os irmãos chamavam "os caminhos de minhoca." Por baixo de terra era escuro e sombrio, e por isso os caminhos de minhoca eram pouco usados de verão, mas quando os ventos de inverno começavam a soprar e as neves começavam a cair, os túneis transformavam-se na maneira mais rápida de andar pelo castelo. Os intendentes já estavam a usá-los. Jon viu velas ardendo em vários nichos enquanto abriam caminho ao longo do túnel, com os passos ecoando na sua frente.

Bowen Marsh estava à espera numa encruzilhada, onde se juntavam quatro caminhos de minhoca. Tinha consigo o Wick Palito, alto e magro como uma lança.

— São estas as contagens há três turnos — disse Marsh a Jon, entregando-lhe um grosso maço de papéis — para comparar com as reservas atuais. Começamos pelos celeiros?

Atravessaram as sombras cinzentas debaixo da terra. Cada armazém tinha uma sólida porta de carvalho fechada com um cadeado de ferro do tamanho de um prato.

— Os roubos são um problema? — perguntou Jon.

— Ainda não — disse Bowen Marsh. — Mas quando o inverno chegar, o senhor seria sensato em colocar guardas aqui em baixo.

O Wick Palito trazia as chaves num aro em volta do pescoço. A Jon pareciam todas iguais, mas Wick conseguia de algum modo encontrar a chave certa para cada porta. Uma vez lá dentro, tirava da bolsa um pouco de giz do tamanho de um punho e marcava cada pipa, saca e barril à medida que ia- os contando, enquanto Marsh comparava a nova contagem com a antiga.

Nos celeiros havia aveia, trigo e cevada e barris de grossa farinha moída. Nas caves dos tubérculos, cordas de cebolas e alhos pendiam das vigas e sacos de cenouras, cherovias, rabanetes e nabos brancos e amarelos enchiam as prateleiras. Um armazém continha rodas de queijo tão grandes que eram precisos dois homens para deslocá-las. No outro a seguir, pipas de carne salgada de vaca, de porco e de carneiro e bacalhau salgado estavam empilhadas até uma altura de três metros. Trezentos presuntos e três mil longas morcelas pendiam de vigas do

teto por baixo do fumeiro. No armário das especiarias encontraram grãos de pimenta, cravinho e canela, sementes de mostarda, coentros, salva e alegria-dos-jardins, salsa e blocos de sal. Noutros pontos havia pipas de maçãs e peras, ervilhas secas, figos secos, sacos de nozes, sacos de castanhas, sacos de amêndoas, reservas de salmão, seco e defumado, jarros de barro repletos de azeitonas em azeite e selados com cera. Um armazém continha lebres de conserva, quartos de veado conservados em mel, couves em vinagre, beterrabas em vinagre, cebolas em vinagre, ovos em vinagre e arenque em vinagre.

À medida que iam se deslocando de uma cave para a seguinte, os caminhos de minhoca pareciam ir ficando mais frios. Jon não demorou muito a começar a ver o hálito dos três congelando à luz da lanterna.

— Estamos por baixo da Muralha.

— E em breve estaremos dentro dela — disse Marsh. — A carne não se estraga no frio. Para armazenamento longo é melhor do que a salmoura.

Aquela porta era feita de ferro enferrujado. Atrás dela havia um lance de degraus de madeira. Edd Doloroso seguiu à frente com a lanterna. No topo da escada encontraram um túnel tão longo como o grande salão de Winterfell, embora não fosse mais largo do que os caminhos de minhoca. As paredes eram de gelo eriçadas de ganchos de ferro. De cada gancho pendia uma carcaça; veados e alces esfolados, quartos de carne de vaca, enormes porcos balançando do teto, ovelhas e cabras sem cabeças, até cavalos e ursos. Uma condensação de gelo cobria tudo.

Enquanto faziam a contagem, Jon descalçou a luva da mão esquerda e tocou no quadril de veado mais próximo. Sentiu os dedos colando-se, e quando os puxou perdeu um bocado de pele. Tinha as pontas dos dedos dormentes. *O que você esperava? Há uma montanha de gelo por cima da tua cabeça, mais toneladas do que até Bowen Marsh conseguiria contar.* Mesmo assim, a sala parecia mais fria do que devia estar.

— É pior do que eu temia, senhor — anunciou Marsh quando acabou. Parecia mais sombrio do que o Edd Doloroso.

Jon acabara de pensar que toda a carne do mundo os rodeava. *Não sabes nada, Jon Snow.*

— Então? Isto a mim parece bastante comida.

— Foi um longo verão. As colheitas foram fartas, os senhores generosos. Tínhamos o suficiente em armazém para nos sustentar durante três anos de inverno. Quatro, com algum racionamento. Mas agora, se tivermos de continuar a sustentar todos aqueles homens do rei e homens da rainha e selvagens... Só Vila Toupeira tem mil bocas inúteis, e continuam chegando. Ontem apareceram mais três aos portões, uma dúzia na véspera. Isto não pode continuar. Instalá-los na Dádiva está muito bem, mas é tarde demais para fazer plantios. Estaremos reduzidos a nabos e papas de ervilhas antes de o ano acabar. Depois disso, beberemos o sangue dos nossos próprios cavalos.

— Que bom — declarou Edd Doloroso. — Não há nada melhor do que uma chávena quente de sangue de cavalo numa noite fria. Gosto do meu com uma pitada de canela espalhada por cima.

O Senhor Intendente não lhe prestou atenção.

— Também vai haver doenças — prosseguiu — gengivas sangrentas e dentes caídos. O Meistre Aemon costumava dizer que sumo de lima e carne fresca remediavam isso, mas as nossas limas acabaram-se há um ano e não temos ração suficiente para sustentar rebanhos para arranjar carne fresca. Devíamos abater todos os animais, menos alguns pares de criação. Já é mais que tempo. Em invernos anteriores, a comida podia ser trazida do sul pela estrada de rei, mas com a guerra... ainda é outono, eu sei, mas aconselharia a começarmos mesmo assim com rações de inverno, se agradar ao senhor.

Os homens vão adorar.

— Se tiver de ser. Vamos cortar a porção de todos os homens em um quarto. — *Se os meus irmãos estão se queixando de mim agora, o que dirão quando comerem neve e pasta de bolotas?*

— Isso ajudará, senhor. — O tom de voz do Senhor Intendente tornava claro que não achava que ajudasse o *suficiente.*

Edd Doloroso disse:

— Agora entendo porque foi que o Rei Stannis deixou os selvagens atravessar a Muralha. Quer que nós os comamos.

Jon teve de sorrir.

— Não chegaremos a tanto.

— Oh, ótimo — disse Edd. — Parecem ser uns tipos cheios de tendões, e os meus dentes já não são tão afiados como quando eu era mais novo.

— Se tivéssemos dinheiro suficiente, podíamos comprar comida ao sul e trazê-la por mar — disse o Senhor Intendente.

Podíamos, pensou Jon, *se tivéssemos o ouro e alguém disposto a vender-nos comida.* Ambas essas condições estavam ausentes. *A nossa melhor esperança pode ser o Ninho de Águia.* A fertilidade do Vale de Arryn era famosa, e o Vale atravessara os combates incólume. Jon se perguntou o que sentiria a irmã da Senhora Catelyn sobre alimentar o bastardo de Ned Stark. Quando rapaz, era frequente sentir que a senhora nutria má vontade por cada uma das suas dentadas.

— Podemos sempre caçar, se for necessário — interveio o Wick Palito. — Ainda há caça nos bosques.

— E selvagens e coisas mais negras — disse Marsh. — Eu não enviaria caçadores para o exterior, senhor. Não o faria.

Pois não. Você fecharia os nossos portões para sempre, e os selaia com pedras e gelo. Bem sabia que metade de Castelo Negro concordava com o ponto de vista do Senhor Intendente. A outra metade enchia-o de escárnio.

— Selar os nossos portões e plantar na Muralha os nossos rabos pretos, pois, e o povo livre há de vir em magote pela Ponte dos Crânios ou por algum

portão que julgava que tinha selado há quinhentos anos — declarara ruidosamente o velho silvícola Dywen ao jantar, duas noites antes. — Não temos homens suficientes pra vigiar cem léguas de Muralha. O Tormund Peida-de-Gigante e o merdas do Chorão tambem sabem disso. Alguma vez viu um pato congelado numa lagoa, com as patas metidas no gelo? Acontece o mesmo aos corvos. — A maior parte dos patrulheiros fazia eco de Dywen, enquanto os intendentes e os construtores tendiam a concordar com Bowen Marsh.

Mas isso era questão para outro dia. Ali e agora, o problema era a comida.

— Não podemos deixar o Rei Stannis e os seus homens com fome, mesmo se quiséssemos — disse Jon. — Se fosse necessário, ele podia simplesmente levar tudo na ponta da espada. Não temos homens suficientes para impedi-los. Os selvagens também têm de ser alimentados.

— Como, senhor? — perguntou Bowen Marsh.

Também gostaria de saber.

— Havemos de arranjar uma maneira.

Quando regressaram à superfície, as sombras da tarde estavam se tornando compridas. Nuvens riscavam o céu como estandartes esfarrapados, cinzentos e brancos e rasgados. O pátio em frente do armeiro estava vazio, mas lá dentro Jon foi encontrar o escudeiro do rei à sua espera. Dcvan era um rapaz magricela de uns doze anos, de cabelo e olhos castanhos. Foram dar com ele gelado junto da forja, quase sem se atrever a mexer-se enquanto Fantasma o farejava de cima a baixo.

— Ele não lhe fará mal — disse Jon, mas o rapaz estremeceu ao ouvir a sua voz, e esse movimento súbito fez o lobo gigante mostrar os dentes. — *Não!* — disse Jon. — Fantasma, deixa-o em paz. *Afasta.* — O lobo regressou ao seu osso de boi, silêncio sobre quatro patas.

Devan parecia tão pálido como Fantasma, com a cara úmida de suor.

— S-se-senhor. Sua Graça e-exige a vossa presença. — O rapaz estava vestido com o ouro e negro dos Baratheon, e tinha o coração flamejante de um homem da rainha cosido por cima do seu.

— Quer dizer que *pede* — disse o Edd Doloroso. — Sua Graça *pede* a presença do Senhor Comandante. Era assim que eu o diria.

— Deixa estar, Edd. — Jon não tinha disposição para aquelas questões.

— Sor Richard e Sor Justin regressaram — disse Devan. — Virá, senhor?

Os patrulheiros do lado errado. Massey e Horpe tinham cavalgado para sul, não para norte. O que quer que tivessem ficado sabendo não dizia respeito à Patrulha da Noite, mas apesar disso Jon sentia-se curioso.

— Se agradar a Sua Graça. — Seguiu o jovem escudeiro pelo pátio. Fantasma pôs-se a caminhar atrás dele até que Jon disse: — Não. *Fique* — Em vez disso, o lobo gigante foi-se embora correndo.

Na Torre do Rei, Jon foi despojado das armas e autorizado a apresentar-se ao rei. O aposento privado estava quente e repleto de gente. Stannis e os capitães estavam reunidos em volta do mapa do norte. Os patrulheiros do lado errado estavam entre eles. Sigorn, o jovem Magnar de Thenn, também lá se encontrava, vestido com um Camisa de couro com escamas de bronze a ele cosidas. O Camisa de Chocalho coçava a grilheta que tinha ao pulso com uma unha rachada e amarela. Uma barba castanha por fazer cobria-lhe as bochechas encovadas e o queixo recuado, e madeixas de cabelo sujo pendiam-lhe sobre os olhos.

— Aí vem ele — disse quando viu Jon — o corajoso rapaz que matou Mance Rayder quando ele estava engaiolado e atado. — A grande pedra preciosa de corte quadrado que adornava a sua algema de ferro reluziu, rubra. — Gosta do meu rubi, Snow? Um sinal de amor da Senhora Vermelha.

Jon ignorou-o e caiu sobre um joelho.

— Vossa Graça — anunciou o escudeiro, Devan — trouxe o Lorde Snow.

— Estou vendo isso. Senhor Comandante. Conhece os meus cavaleiros e capitães, creio.

— Tenho essa honra. — Fizera questão de aprender tudo o que pudesse sobre os homens que rodeavam o rei. *Homens da rainha, todos eles.* Parecia estranho a Jon que não houvesse qualquer homem do rei em volta do rei, mas parecia ser assim que as coisas eram. Os homens do rei tinham incorrido na ira de Stannis em Pedra do Dragão, se o que ouvira dizer era verdade.

— Há vinho. Ou água fervida com limões.

— Obrigado, mas não.

— Como quiser. Tenho um presente para lhe dar, Lorde Snow. — O rei indicou o Camisa de Chocalho com um movimento de mão. — Ele.

A Senhora Melisandre sorriu.

— Disse que queria homens, Lorde Snow. Creio que o nosso Senhor dos Ossos ainda se qualifica.

Jon ficou estarrecido.

— Vossa Graça, este homem não é digno de confiança. Se o mantiver aqui, alguém lhe cortará a goela. Se o enviar em patrulha, ele se limitará a regressar para junto dos selvagens.

— Eu não. Estou farto desses malditos idiotas. — Camisa de Chocalho deu uma pancadinha no rubi que trazia ao pulso. — Pergunta à sua bruxa vermelha, bastardo.

Melisandre falou em voz baixa numa língua estranha. O rubi que trazia à garganta pulsou lentamente, e Jon viu que a pedra menor no pulso de Camisa de Chocalho também estava clareando e escurecendo.

— Desde que ele use a pedra preciosa está vinculado a mim, de sangue e de alma — disse a sacerdotisa vermelha. — Este homem lhe servirá fielmente. As chamas não mentem, Lorde Snow.

Talvez não, pensou Jon, *mas você mente.*

— Eu patrulho por você, bastardo — declarou Camisa de Chocalho. — Dou-lhe sábios conselhos e canto-lhe lindas canções, como preferir. Até luto por você. Só não me peça para usar o seu manto.

Não é digno de um, pensou Jon, mas dominou a língua. Nada de bom viria de querelas em frente do rei.

O Rei Stannis disse:

— Lorde Snow, fale-me de Mors Umber.

A *Patrulha da Noite não participa*, pensou Jon, mas outra voz dentro de si disse: *palavras não são espadas.*

— O mais velho dos tios do Grande-Jon. Chamam-lhe Papa-Corvos. Um corvo uma vez julgou-o morto e arrancou-lhe o olho à bicada. Ele agarrou no corvo com a mão e arrancou-lhe a cabeça à dentada. Quando Mors era novo, era um combatente temível. Os filhos morreram no Tridente, a mulher de parto. A única filha foi levada por selvagens há trinta anos.

— Então é *por isso* que ele quer a cabeça — disse Harwood Fell.

— Pode-se confiar neste Mors? — perguntou Stannis.

Será que Mors Umber dobrou o joelho?

— Vossa Graça devia obrigá-lo a prestar um juramento perante a sua árvore coração.

O Godry Mata-Gigantes soltou uma gargalhada grosseira.

— Tinha-me esquecido que vocês, os nortenhos, adoram árvores.

— Que tipo de deuses deixam-se mijar por cães? — perguntou o compincha de Farring, Clayton Suggs.

Jon preferiu ignorá-los.

Vossa Graça, posso saber se os Umber lhe declararam o seu apoio?

— Metade deles, e só se eu aceitar o preço deste Papa-Corvos — disse Stannis em tom de irritação. — Quer o crânio de Mance Rayder para fazer uma chávena e quer um perdão para o irmão, que foi para sul juntar-se ao Bolton. Chamam-lhe Terror-das-Rameiras.

Sor Godry também se divertiu com aquilo.

— Os nomes que estes nortenhos têm! Este arrancou à dentada a cabeça de alguma rameira?

Jon olhou-o com frieza.

— Posso dizer que sim. Uma rameira que tentou assaltá-lo há cinquenta anos em Vilavelha. — Por estranho que pudesse parecer, o velho Geada Umber julgara em tempos que o filho mais novo tinha estofo de meistre. Mors adorava gabar-se do corvo que lhe levara o olho, mas a história de Hother só era contada em murmúrios... provavelmente porque a rameira que ele esventrara fora um homem. — Houve mais algum lorde a declarar-se também por Bolton?

A sacerdotisa vermelha deslizou para mais perto do rei.

— Eu vi uma vila com muralhas de madeira e ruas de madeira, cheia de homens. Estandartes flutuavam por cima das suas muralhas: um alce, um machado de batalha, três pinheiros, machados de cabo comprido cruzados sob uma coroa, uma cabeça de cavalo com olhos de fogo.

— Hornwood, Cerwyn, Tallhart, Ryswell e Dustin — ajudou Sor Clayton Suggs. — Todos traidores. Paus-mandados dos Lannister.

— Os Ryswell e os Dustin estão ligados à Casa Bolton por casamento — informou Jon. — Os outros perderam os senhores durante os combates. Não sei quem os lidera agora. Mas Papa-Corvos não é pau-mandado nenhum. Vossa Graça faria bem em aceitar as suas condições.

Stannis fez ranger os dentes.

— Ele intòrma-me que Umber não combaterá contra Umber, por nenhum motivo.

Jon não se sentiu surpreendido.

— Se se chegar às espadas, veja onde voa o estandarte de Hother e ponha Mors na outra extremidade da linha de batalha.

O Mata-Gigantes discordou.

— Faria Vossa Graça parecer fraco. Eu digo para mostrar a sua força. Arrase a Última Lareira por completo e parta para a guerra com a cabeça do Papa-Corvos espetada numa lança, como lição para o próximo senhor que ouse prestar meia vassalagem.

— Um belo plano, se o que quiser é que todas as mãos do norte se ergam contra você. Metade é melhor do que nada. Os Umber não nutrem nenhuma amizade pelos Bolton. Se o Terror-das-Rameiras se juntou ao Bastardo só pode ser porque os Lannister têm o Grande-Jon cativo.

— Esse é o pretexto dele, não o motivo — declarou Sor Godry. — Se o sobrinho morrer a ferros, os tios podem reclamar as suas terras e senhoria para si.

— O Grande-Jon tem tanto filhos como filhas. No norte, os frutos do corpo de um homem ainda estão antes dos tios, sor.

— A menos que morram. Crianças mortas estão em último em todo o lado.

— Sugira isso onde Mors Umber consiga ouvir, Sor Godry, e aprenderá mais sobre a morte do que talvez desejas.

— Eu matei um gigante, rapaz. Porque haveria de temer qualquer nortenho pulguento que pinta um no escudo?

— O gigante ia fugindo. Mors não fugirá.

O grande cavaleiro corou.

— Tem uma língua ousada no aposento privado do rei, rapaz. No pátio cantaste outra cantiga.

— Oh, para com isso, Godry — disse Sor Justin Massey, um cavaleiro desembaraçado e carnudo com um sorriso pronto e uma cabeleira loira como estriga de linho. Massey foi um dos patrulheiros do lado errado. — Tenho a

certeza que todos sabemos que tem uma grande e gigantesca espada. Não há necessidade de voltar a sacudi-la nas nossas caras.

— A única coisa que está aqui sacudindo é sua língua, Massey.

— *Calem-se* — explodiu Stannis. — Lorde Snow, preste a atenção. Tenho-me demorado aqui na esperança de que os selvagens sejam suficientemente tolos para desencadear outro ataque contra a Muralha. Como não me fazem a vontade, é tempo de lidar com os meus outros adversários.

— Estou vendo. — O tom de voz de Jon era cauteloso. *Que quer ele de mim*? — Não nutro qualquer amizade pelo Lorde Bolton ou pelo filho dele, mas a Patrulha da Noite não pode pegar em armas contra eles. Os nossos votos proíbem...

— Eu sei tudo acerca dos seus votos. Poupe-me à sua retidão, Lorde Snow, tenho forças suficientes sem você. Tenho ideia de marchar contra o Forte do Pavor. — Quando viu o choque na cara de Jon, sorriu. — Isso o surpreende? Ótimo. O que surpreende um Snow pode vir a surpreender o outro. O Bastardo de Bolton foi para sul, levando com ele Hother Umber. Sobre isso Mors Umber e Arnolf Karstark estão de acordo. O fato só pode querer dizer um ataque contra Fosso Cailin, para abrir caminho para o regresso ao norte do senhor seu pai. O bastardo deve pensar que eu estou muito ocupado com os selvagens para lhe causar problemas. Muito bem. O rapaz mostrou-me a garganta. Tenciono rasgá-la. Roose Bolton pode regressar ao norte, mas quando o fizer irá descobrir que o seu castelo, rebanhos e colheitas me pertencem. Se apanhar o Forte do Pavor de surpresa...

— Não apanhará — disse Jon, sem conseguir conter-se.

Foi como se tivesse dado uma paulada num ninho de vespas. Um dos homens da rainha riu-se, outro cuspiu, outro resmungou uma praga, e todos os outros tentaram falar ao mesmo tempo.

— O rapaz tem aguadilha nas veias — disse Sor Godry, o Mata-Gigantes. E Lorde Sweet se vangloriou:

— O covarde vê um fora-da-lei atrás de cada folha de erva.

Stannis ergueu uma mão pedindo silêncio.

— Explique o que quereis dizer.

Por onde começar? Jon dirigiu-se ao mapa. Tinham sido postas velas sobre os cantos para evitar que a pele se enrolasse. Um dedo de cera quente estava avançando pela Baía das Focas, lento como um glaciar.

— Para chegar ao Forte do Pavor, Vossa Graça tem de viajar pela estrada de rei até depois do Rio Último, virar para sudeste e atravessar os Montes Solitários. — Apontou. — Essas são terras dos Umber, onde eles conhecem cada árvore e cada pedra. A estrada de rei avança ao longo das suas marcas ocidentais durante cem léguas. Mors fará a sua hoste em pedaços, a menos que aceite as suas condições e o conquiste para a sua causa.

— Muito bem. Digamos que eu faço isso.

— Isso os levará até ao Forte do Pavor — disse Jon — mas a menos que a vossa hoste consiga marchar mais depressa do que um corvo ou uma linha de fogueiras sinaleiras, o castelo saberá da sua aproximação. Será fácil para Ramsay Bolton cortar-lhe a possibilidade de retirada e deixar-lhe longe da Muralha, sem comida nem refúgio, rodeado pelos seus inimigos.

— Só se abandonar o cerco a Fosso Cailin.

— Fosso Cailin cairá antes de chegar ao Forte do Pavor. Uma vez que Lorde Roose reúna as forças com as de Ramsay, terão uma superioridade de cinco contra um sobre você.

— O meu irmão venceu batalhas contra probabilidades piores.

— Parta do princípio de que o Fosso Cailin cairá depressa, Snow — objetou Justin Massey — mas os homens de ferro são combatentes determinados e eu ouvi dizer que o Fosso nunca foi tomado.

— *A partir do sul.* Uma pequena guarnição em Fosso Cailin pode lançar o caos sobre qualquer exército que venha pelo talude, mas as ruínas são vulneráveis pelo norte e pelo leste. — Jon voltou a virar-se para Stannis. — Senhor, isto é um golpe ousado, mas o risco... — *A Patrulha da Noite não participa. Baratheon ou Bolton deviam ser o mesmo para mim.* — Se Roose Bolton lhe apanhar à sombra das suas muralhas com as forças principais de que dispõe, isso será o fim para todos vocês.

— O risco faz parte da guerra — declarou Sor Richard Horpe, um cavaleiro esguio com uma cara devastada, cujo gibão almofadado mostrava três borboletas caveira em fundo de cinza e osso. — Cada batalha é uma aposta, Snow. O homem que não faz nada também corre um risco.

— Há riscos e riscos, Sor Richard. Este... é muito, cedo demais, muito longe. Eu conheço o Forte do Pavor. É um castelo forte, todo em pedra, com muralhas espessas e torres maciças. Com o inverno chegando, iria encontrá-lo bem aprovisionado. Há séculos, a Casa Bolton revoltou-se contra o Rei no Norte, e Harlon Stark montou cerco ao Forte do Pavor. Precisou de dois anos para derrotá-los pela fome. Para ter alguma esperança de tomar o castelo, Sua Graça precisaria de máquinas de cerco, de torres, de aríetes...

— Torres de cerco podem ser construídas se for necessário — disse Stannis. — Pode-se abater árvores para fazer aríetes, se houver falta de aríetes. Arnolf Karstark escreve que são menos de cinquenta os homens que permanecem no Forte do Pavor, metade dos quais são criados. Um castelo forte fracamente defendido é fraco.

— Cinquenta homens dentro de um castelo valem quinhentos fora dele.

— Isso depende dos homens — disse Richard Horpe. — Aqueles serão os grisalhos e os rapazes verdes, os homens que aquele bastardo não achou prontos para a batalha. Os nossos homens foram sangrados e testados na Água Negra, e são liderados por cavaleiros.

— Viu como avançamos pelos selvagens dentro. — Sor Justin empurrou para trás uma madeixa de cabelo louro. — Os Karstark juraram juntar-se a nós perto do Forte do Pavor, e também teremos os nossos selvagens. Trezentos homens em idade de combater. Lorde Harwood fez uma contagem quando eles atravessaram o portão. As mulheres deles também combatem.

Stannis deitou-lhe um olhar amargo.

— Por mim não, sor. Não quero viúvas gemendo na minha esteira. As mulheres ficarão aqui, com os velhos, os feridos e as crianças. Servirão como reféns da lealdade dos seus maridos e pais. Os selvagens formarão a minha vanguarda. Magnar os comandará, com os seus próprios chefes como sargentos. Mas primeiro precisamos armá-los.

Ele pretende saquear o nosso armeiro, percebeu Jon. *Comida e roupa, terra e castelos, agora armas. Envolve-me mais todos os dias.* As palavras podiam não ser espadas, mas as *espadas* eram espadas.

— Eu conseguia arranjar trezentas lanças — disse, com relutância.

— Elmos também, se os aceitarem velhos, amolgados e vermelhos de ferrugem.

— Armaduras? — perguntou Magnar. — Placa de aço? Cota de malha?

— *Quando Donal Noye morreu perdemos o nosso armeiro. — Jon deixou o resto por dizer.* Se der cotas de malha aos selvagens, eles serão um perigo duas vezes maior para o reino.

— Couro fervido será suficiente — disse Sor Godry. — Depois de saborearmos a batalha, os sobreviventes podem saquear os mortos.

Os poucos que viverem o suficiente para isso. Se Stannis pusesse o povo livre na vanguarda, a maioria depressa pereceria.

— Beber do crânio de Mance Rayder pode dar prazer a Mors Umber, mas ver selvagens cruzar as suas terras não dará. O povo livre tem atacado os Umber desde a Aurora dos Dias, atravessando a Baía das Focas para obter ouro, ovelhas e mulheres. Uma das que foram levadas foi a *filha* do Papa-Corvos. Vossa Graça, deixe os selvagens aqui. Levá-los só servirá para virar contra sí os vassalos do senhor meu pai.

— Seja como for, os vassalos do seu pai parecem não ter gosto pela minha causa. Tenho de partir do princípio que me veem como... o que foi que me chamou, Lorde Snow? *Outro pretendente condenado ao fracasso?*

— Stannis fitou o mapa. Durante um longo momento, o único som que se ouviu foi o do rei a ranger os dentes. — Deixem-me. Todos vocês. Lorde Snow, fique.

A brusca despedida não caiu bem a Justin Massey, mas ele não teve alternativa a não ser sorrir e se retirar. Horpe seguiu-o para fora da sala, depois de dar a Jon um olhar avaliador. Clayton Suggs esvaziou a taça e resmungou a Harvvood Fell qualquer coisa que fez o homem mais novo rir. "Rapaz" fazia parte da frase. Suggs era um cavaleiro andante que subira na vida, tão grosseiro

como forte. O último homem a retirar-se foi o Camisa de Chocalho. À porta, fez a Jon uma mesura trocista, sorrindo com uma boca cheia de dentes castanhos e quebrados.

"Todos vocês" não parecia incluir a Senhora Melisandre. *A sombra vermelha do rei.* Stannis chamou Devan para trazer mais água com limão. Quando a taça foi enchida, o rei bebeu e disse:

— Horpe e Massey aspiram ao domínio do seu pai. Massey quer também a princesa selvagem. Em tempos serviu o meu irmão Robert como escudeiro, e adquiriu o apetite que ele tinha por carne feminina. Horpe tomará Val como esposa se o ordenar, mas aquilo que o excita é a batalha.

Enquanto escudeiro sonhou com um manto branco, mas Cersei Lannister opôs-se e Robert o recusou. Talvez corretamente. Sor Richard gosta muito de matar. Qual deles prefere como Senhor de Winterfell, Snow? O sorridente ou o matador?

Jon disse:

— Winterfell pertence à minha irmã Sansa.

— Eu já ouvi tudo o que preciso ouvir sobre a Senhora Lannister e a sua pretensão. — O rei pôs a taça de parte. — *Você* podia trazer-me o norte. Os vassalos do seu pai se reuniriam em apoio ao filho de Eddard Stark. Até o Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. Porto Branco me daria uma fonte pronta de abastecimentos, e uma base segura para onde eu poderia me retirar se fosse necessário. Não é tarde demais para remediar a sua loucura, Snow. Ajoelhe e ajuramente-me essa espada bastarda, que você se levantará como Jon Stark, Senhor de Winterfell e Protetor do Norte.

Quantas vezes vai ele obrigar-me a dizê-lo?

— A minha espada está ajuramentada à Patrulha da Noite.

Stannis pareceu descontente.

— O seu pai também era um homem teimoso. Honra, chamava-lhe ele. Bem, a honra tem os seus custos, como Lorde Eddard aprendeu para seu pesar. Se lhe dá algum consolo, Horpe e Massey estão condenados à desilusão. Estou mais inclinado a outorgar Winterfell a Arnolf Karstark. Um bom nortenho.

— Um nortenho. — *Antes um Karstark do que um Bolton ou um Greyjoy*, disse Jon para si, mas a ideia pouca consolação lhe deu. — Os Karstark abandonaram o meu irmão entre os seus inimigos.

— Depois do seu irmão ter cortado a cabeça do Lorde Rickard. Arnolf estava a mil léguas de distância. Tem nele sangue Stark. O sangue de Winterfell.

— Não mais do que metade das outras casas do norte.

— Essas outras casas não se declararam minhas apoiantes.

— Arnolf Karstark é um velho de costas tortas, e mesmo na juventude nunca foi o guerreiro que o Lorde Rickard era. Os rigores da campanha podem perfeitamente matá-lo.

— Tem herdeiros — disse Stannis, com veemência. — Dois filhos, seis netos, algumas filhas. Se Robert tivesse sido pai de filhos legítimos, muitos dos que estão mortos podiam continuar vivos.

— Vossa Graça se sairia melhor com Mors Papa-Corvos.

— O Forte do Pavor servirá para comprovar isso.

— Então pretende ir em frente com esse ataque?

— Apesar do conselho do grande Lorde Snow? Sim. Horpe e Massey podem ser ambiciosos, mas-não estão enganados. Não me atrevo a ficar ocioso enquanto a estrela de Roose Bolton cresce e a minha mingua. Tenho de atacar, e mostrar ao norte que ainda sou um homem a temer.

— O tritão de Manderly não estava entre os estandartes que a Senhora Melisandre viu nos seus fogos — disse Jon. — Se tivesse Porto Branco e os cavaleiros do Lorde Wyman...

— *Se* é uma palavra para tolos. Não recebemos qualquer notícia de Davos. Pode ser que ele não tenha chegado a Porto Branco. Arnolf Karstark escreve que as tempestades têm estado violentas no mar estreito. Seja como for. Não tenho tempo para desgostos, e também não vou ficar à espera dos caprichos do Lorde Gordo-Demais. Tenho de considerar Porto Branco perdido. Sem um filho de Winterfell para se erguer a meu lado, só posso esperar conquistar o norte através da batalha. Isso requer roubar uma folha ao livro do meu irmão. Não que Robert alguma vez tenha lido algum. Tenho de dar um golpe mortal aos meus inimigos antes que saibam que caí sobre eles.

Jon percebeu que as suas palavras eram um desperdício. Stannis tomaria o Forte do Pavor ou morreria tentando. *A Patrulha da Noite não participa*, disse uma voz, mas outra respondeu: *Stannis luta pelo reino, os homens de ferro por servos e saques.*

— Vossa Graça, eu sei onde poderia encontrar mais homens. Dê-me os selvagens, e de bom grado lhe direi onde e como.

— Dei-lhe Camisa de Chocalho. Contente-se com ele.

— Quero todos.

— Alguns dos seus Irmãos Ajuramentados querem levar-me a crer que você mesmo é meio selvagem. É verdade?

— Para você, eles não passam de carne para setas. Eu posso dar-lhes melhor uso na Muralha. Dê-me para fazer com eles o que quiser, e o mostrarei onde encontrará a sua vitória... e também homens.

Stannis esfregou a nuca.

— Regateia como uma velha com um bacalhau, Lorde Snow. Será que Ned Stark o gerou em alguma peixeira? Quantos homens?

— Dois mil. Talvez três.

— Três mil? Que espécie de homens são esses?

— Orgulhosos. Pobres. Suscetíveis no que toca à honra, mas combatentes ferozes.

— É bom que isto não seja algum truque de bastardo. Trocarei eu trezentos combatentes por três mil? Sim, trocarei. Não sou um completo idiota. Se deixar também a mulher contigo tenho a sua palavra em que mantereis a nossa princesa por perto?

Ela não é uma princesa.

— Como quiser, Vossa Graça.

— Tenho de o obrigar a prestar um juramento à frente de uma árvore?

— Não. — *Isto foi um gracejo?* Com Stannis era difícil saber.

— Então está feito. Bom, onde estão esses homens?

— Irá encontrá-los aqui. — Jon abriu a mão queimada por cima do mapa, a oeste da estrada de rei e a sul da Dádiva.

— Nessas montanhas? — Stannis ficou desconfiado. — Não vejo nenhum castelo assinalado aí. Nem estradas, nem vilas, nem aldeias.

— O meu pai dizia frequentemente que o mapa não é o território. Há milhares de anos que os homens vivem nos vales de altitude e nos prados de montanha, governados pelos seus chefes de clã. Voce os chamaría de pequenos senhores, embora eles não usem tais títulos entre si. Os campeões dos clãs combatem com enormes espadas longas de duas mãos, enquanto os plebeus atiram pedras e batem uns nos outros com bastões de freixo de montanha. É uma gente quezilenta, há que dizê-lo. Quando não estão lutando uns com os outros, cuidam dos rebanhos, pescam na Baía do Gelo e criam as mais resistentes montarias que alguma vez montará.

— E crer que lutarão por mim?

— Se lhes pedirem.

— Porque haveria eu de suplicar por algo que me é devido?

— O que eu disse foi *pedir*, não *suplicar*. — Jon recolheu a mão. — Não vale a pena enviar mensagens. Vossa Graça terá de ir pessoalmente falar com eles. Coma do seu pão e sal, beba da sua cerveja, escute os seus gaiteiros, elogie a beleza das suas filhas e a coragem dos seus filhos, e terá as suas espadas. Os clãs não veem um rei desde que Torrhen Stark dobrou o joelho. A sua vinda honra-os. Se lhes ordenar que combatam por você, olharão uns para os outros e dirão: "Quem é este homem? Rei meu é que não é".

— De quantos clãs esta falando?

— Vinte, grandes e pequenos. Flint, Wull, Norrey, Liddle... conquiste o Velho Flint e o Grande Balde, e os outros os seguirão.

— O Grande *Balde?*

— O Wull. Tem a maior barriga das montanhas, e o maior número de homens. Os Wull pescam na Baía de Gelo e avisam os seus pequenos que os homens de ferro os irão levar se não se portarem bem. Mas para chegar junto deles, Vossa Graça terá de passar pelas terras dos Norrey. São os que vivem mais perto da Dádiva, e sempre foram bons amigos da Patrulha. Podia fornecer-lhe guias.

— Podia? — Pouco havia que Stannis deixasse passar. — Ou iria?

— Vou. Você precisará deles. E também de alguns garranos de patas seguras. Os trilhos lá em cima pouco mais são do que caminhos de cabras.

— Caminhos de cabras? — Os olhos do rei estreitaram-se. — Eu falo de me mover rapidamente, e você desperdiça o meu tempo com *caminhos de cabras?*

— Quando o Jovem Dragão conquistou Dorne, usou um caminho de cabras para se desviar das torres de vigia dornesas no Caminho do Espinhaço.

— Eu também conheço essa história, mas Daeron exagerou-lhe a importância naquele seu livro vaidoso. O que venceu essa guerra foram navios, não caminhos de cabras. O Oakenfist quebrou a Vila Tabueira e subiu metade do Sangueverde enquanto as principais forças dornesas estavam em combate no Passo do Príncipe. — Stannis tamborilou no mapa com o dedo. — Estes senhores das montanhas não vão dificultar-me a passagem?

— Só com banquetes. Cada um tentará ultrapassar os outros em hospitalidade. O senhor meu pai dizia que nunca comia melhor do que quando ia visitar os clãs.

— Por três mil homens, suponho que posso aguentar umas gaitas e umas papas — disse o rei, embora o tom de voz até nisso mostrava má vontade.

Jon virou-se para Melisandre.

— Senhora, um aviso leal. Os deuses antigos são fortes naquelas montanhas. Os homens dos clãs não tolerarão insultos às suas árvores-coração.

Aquilo pareceu diverti-la.

— Não tenha medo, Jon Snow, eu não perturbarei os seus selvagens da montanha nem os seus deuses negros. O meu lugar é aqui contigo e com os seus corajosos irmãos.

Aquela era a última coisa que Jon Snow desejaria, mas antes de poder levantar objeções, o rei disse:

— Para onde acha que eu devo levar esses valentes, se não for contra o Forte do Pavor?

Jon baixou os olhos para o mapa.

— Bosque Profundo. — Deu-lhe pancadinhas com o dedo. — Se Bolton pretende combater os homens de ferro, você também o deveria fazer. Bosque Profundo é um castelo de monte e paliçada no meio de floresta densa, que é fácil apanhar de surpresa. Um castelo de *madeira*, defendido por um dique de terra e uma paliçada de troncos. O avanço será mais lento através das montanhas, é certo, mas lá em cima a sua hoste pode deslocar-se sem ser vista, para aparecer quase às portas de Bosque Profundo.

Stannis esfregou o queixo.

— Quando Balon Greyjoy se revoltou da primeira vez, eu venci os homens de ferro no mar, onde são mais ferozes. Em terra, apanhados de surpresa... sim. Conquistei uma vitória sobre os selvagens e o seu Rei-pa- ra-lá-da-Muralha. Se conseguir esmagar também os homens de ferro, o norte saberá que voltou a ter um rei.

Eeu terei mil selvagens, pensou Jon, *e nenhuma maneira de alimentar sequer metade desse número.*

TYRION

A *Tímida Donzela* movia-se através do nevoeiro como um cego percorrendo às apalpadelas um salão que não lhe era familiar.

A Septã Lemore rezava. As névoas abafavam o som da sua voz, fazendo com que parecesse sumida e segredada. Griff andava de um lado para o outro no convés, com a cota de malha tinindo suavemente sob o manto de pele de lobo. De vez em quando tocava na espada, como que para se assegurar de que continuava pendurada do seu flanco. Rolly Campopato empurrava a vara de estibordo, Yandry a de bombordo. Ysilla manejava o leme.

— Não gosto deste lugar — resmungou Haldon Semimeistre.

— Assustado com um nevoeirozinho? — troçou Tyrion, se bem que na verdade o nevoeiro nada tivesse de pequeno. À proa da *Tímida Donzela*, estava o Jovem Griff com a terceira vara, a fim de os afastar de perigos quando estes surgissem por entre as névoas. As lanternas tinham sido acendidas à proa e à popa, mas o nevoeiro era tão denso que tudo o que o anão conseguia ver do meio do barco era uma luz flutuando à sua frente e outra a segui-lo. A sua tarefa era cuidar do braseiro e assegurar-se de que o fogo não se apagava.

— Isto não é nevoeiro comum, Hugor Hill — insistiu Ysilla. — Fede a feitiçaria, como saberia se tivesse nariz para cheirá-lo. Muitos foram os viajantes que se perderam aqui, barcos de varejo e piratas e também grandes galés do rio. Vagueiam perdidas pelas névoas, à procura de um sol que não conseguem encontrar até que a loucura ou a fome reclamam as suas vidas. Há aqui espíritos inquietos no ar, e almas atormentadas debaixo da água.

— Ali está uma agora mesmo — disse Tyrion. A estibordo, uma mão suficientemente grande para esmagar o barco erguia-se das escuras profundezas. Só as pontas de dois dedos rompiam a superfície do rio mas, quando a *Tímida Donzela* passou por ela, Tyrion viu o resto da mão ondulando debaixo da água, e uma cara pálida olhando para cima. Embora o seu tom de voz fosse ligeiro, sentia-se inquieto. Aquele lugar era maligno, fedia a desespero e a morte. *Ysilla não se engana. Este nevoeiro não é natural.* Algo abominável crescia naquelas águas e apodrecia no ar. *Pouco admira que os homens de pedra enlouqueçam.*

— Não devia brincar — avisou Ysilla. — Os mortos sussurrantes odeiam os seres quentes e ágeis e andam sempre à procura de mais almas danadas para se juntarem a eles.

— Duvido que tenham um sudário do meu tamanho. — O anão mexeu as brasas com um atiçador.

— O ódio não desperta tanto os homens de pedra como a fome, nem por sombras. — Haldon Semimeistre tinha enrolado em volta da boca e nariz um lenço amarelo que lhe abafava a voz. — Nada que qualquer homem são queira comer cresce nestes nevoeiros. Três vezes por ano os triarcas de Volantis enviam uma galé rio acima com provisões, mas é frequente que os navios da misericórdia se atrasem, e por vezes trazem mais bocas do que comida.

O Jovem Griff disse:

— Tem de haver peixe no rio.

— Eu não comeria nenhum peixe pescado nestas águas — disse Ysilla. — Não comeria.

— E também faríamos bem em não respirar o nevoeiro — disse Haldon. — A Maldição de Garin está a toda a nossa volta.

A única maneira de não respirar o nevoeiro é não respirar.

— A Maldição de Garin é só escamagris — disse Tyrion. A maldição era frequentemente vista em crianças, especialmente em climas úmidos e frios. A pele atacada enrijecia, calcificava e estalava, embora o anão tivesse lido que o avanço da escamagris podia ser adiado por intermédio de limas, cataplasmas de mostarda, e banhos com água escaldante (segundo os meistres) ou através de oração, sacrifício e jejum (como insistiam os septões). Depois a doença passava, deixando as jovens vítimas desfiguradas, mas vivas. Tanto os meistres como os septões concordavam que as crianças marcadas pela escamagris nunca podiam ser tocadas pela forma mais rara e mortal da doença, nem pelo seu terrível primo rápido, a praga cinzenta. — Diz-se que o culpado é a umidade — disse. — Humores impuros no ar. Não maldições.

— Os conquistadores também não acreditaram, Hugor Hill — disse Ysilla. — Os homens de Volantis e Valíria penduraram Garin numa gaiola dourada e brincaram quando ele chamou a Mãe para destruí-los. Mas à noite, as águas ergueram-se e afogaram-nos, e desse dia até hoje não tiveram descanso. Ainda estão lá em baixo, debaixo da água, aqueles que foram em tempos os senhores do fogo. O seu hálito frio ergue-se da escuridão para produzir estes nevoeiros e a sua carne tornou-se tão dura como os seus corações.

O toco do nariz de Tyrion estava dando-lhe um violento comichão. Deu uma coçadela. *A velha pode ter razão. Este lugar não presta. Sinto-me como se estivesse de volta à latrina, vendo o meu pai morrer.* Também enlouqueceria se tivesse de passar os seus dias naquela sopa cinzenta enquanto a pele e os ossos se lhe transformavam em pedra.

O Jovem Griff não parecia partilhar da sua apreensão.

— Eles que tentem nos incomodar, que lhes mostraremos aquilo de que somos feitos.

— Somos feitos de sangue e osso, à imagem do Pai e da Mãe — disse a Septã Lemore. — Não se ponha a fanfarronices presunçosas, te peço. O orgulho é um grave pecado. Os homens de pedra também eram orgulhosos, e o Senhor Amortalhado era o mais orgulhoso de todos.

O calor vindo dos carvões em brasa trouxe um rubor à cara de Tyrion.

— Existe um Senhor Amortalhado? Ou não passa de alguma lenda?

— O Senhor Amortalhado governa estas névoas desde os tempos de Garin — disse Yandry. — Há quem diga que ele próprio é Garin, regressado da sua sepultura aquática.

— Os mortos não regressam — insistiu Haldon Semimeistre — e ninguém vive mil anos. Sim, existe um senhor amortalhado. Houve uma vintena deles. Quando um morre outro toma o seu lugar. Este é um corsário das Ilhas Basilisco que acreditou que o Roine dava roubos mais ricos do que o Mar do Verão.

— Pois também ouvi dizer isso — disse Pato — mas há outra história de que gosto mais. Aquela que diz que ele não é como os outros homens de pedra, que começou como estátua até que uma mulher cinzenta saiu do nevoeiro e o beijou com lábios tão frios como gelo.

— *Basta* — disse Griff. — Calem-se, todos vocês.

A Septã Lemore prendeu a respiração.

O que foi aquilo?

— Onde? — Tyrion nada via além de nevoeiro.

— Alguma coisa se mexeu. Vi a água ondulando.

— Uma tartaruga — anunciou alegremente o príncipe. — Uma grande quebra-ossos, nada mais do que isso. — Projetou a vara para frente e afastou-os de um grande obelisco verde.

O nevoeiro agarrava-se a eles, úmido e gélido. Um templo afundado ergueu-se do cinzento enquanto Yandry e o Pato se apoiavam às respetivas varas

e avançavam lentamente da proa até à popa, empurrando. Passaram por uma escadaria de mármore que espiralava da lama e terminava irregularmente no ar. Atrás, entrevistas, havia outras silhuetas: torreões estilhaçados, estátuas sem cabeças, árvores com raízes maiores do que o barco.

— Esta era a cidade mais bela do rio, e a mais rica — disse Yandry. — Chroyane, a cidade festival.

Rica demais, *pensou Tyrion,* bela demais. Nunca foi sensato tentar os dragões. *A cidade afogada rodeava-os por completo. Uma silhueta entrevista esvoaçou por cima deles, com pálidas asas coriáceas batendo o nevoeiro. O anão rodou a cabeça para ver melhor, mas a coisa desapareceu tão subitamente como apareceu.*

Não muito tempo depois, outra luz surgiu à vista, flutuando.

— Barco — chamou uma voz por cima da água, de forma tênue. — Quem é você?

— *Tímida Donzela* — gritou Yandry de volta.

— *Rei-Pescador.* Para cima ou para baixo?

— Baixo. Peles e mel, cerveja e sebo.

— Cima. Facas e agulhas, renda e linho, vinho com especiarias.

— Novidades da velha Volantis? — gritou Yandry.

— Guerra — foi a palavra que veio de volta.

— Onde? — gritou Griff. — Quando?

— Quando o ano acabar — veio a resposta — Nyessos e Malaquo andam de mãos dadas, e os elefantes mostram riscas. — A voz desvaneceu-se quando o outro barco se afastou deles. Viram a luz minguar e desaparecer.

— É sensato gritar através do nevoeiro a barcos que não conseguimos ver? — perguntou Tyrion. — E se forem piratas? — Tinham tido sorte no que diz respeito aos piratas, esgueirando-se pelo Lago Adaga durante a noite, sem serem vistos nem incomodados. Uma vez, Pato vislumbrou um casco que, segundo insistia, pertencia a Urho, o Imundo. Contudo, a *Tímida Donzela* estive a favor do vento, e Urho (se é que tinha sido Urho) não mostrou interesse neles.

— Os piratas não viajam até às Mágoas — disse Yandry.

— Elefantes com riscas? — resmungou Griff. — Aquilo era sobre o quê? Nyessos e Malaquo? Illyrio pagou ao Triarca Nyessos o suficiente para ser dono dele oito vezes.

— Em ouro ou em queijo? — gracejou Tyrion.

Griff virou-se para ele.

— A menos que consiga cortar este nevoeiro com a sua próxima gracinha, guarde-a para você.

Sim, pai, quase disse o anão. *Vou ficar calado. Obrigado.* Não conhecia aqueles volantenos, mas parecia-lhe que elefantes e tigres podiam ter bons motivos para fazer causa comum quando confrontados com dragões. *Pode ser que o queijeiro tenha avaliado mal a situação. Pode-se comprar um homem com ouro, mas só o sangue e o aço o manterão leal.*

O homenzinho voltou a mexer as brasas e soprou-as para fazê-las arder mais. *Detesto isto. Detesto este nevoeiro, detesto este lugar e sou menos do que amigo de Griff.* Tyrion ainda tinha os cogumelos venenosos que colheu nos jardins da mansão de Illyrio, e havia dias em que se sentia amargamente tentado a despejá-los no jantar de Griff. O problema era que Griff quase não parecia comer.

Pato e Yandry empurraram as varas. Ysilla virou a alavanca do leme. O Jovem Griff empurrou *Tímida Donzela* para longe de uma torre quebrada cujas janelas olhavam fixamente como se fossem olhos cegos e negros. Por cima, a vela do barco pendia flácida e pesada. A água aprofundou-se sob o casco, até que as varas deixaram de conseguir tocar no fundo, mas a corrente continuou a empurrá-los rio abaixo até que...

Tudo o que Tyrion conseguiu ver foi qualquer coisa enorme erguendo-se do rio, curvada e ameaçadora. Tomou-a por uma colina erguendo-se por cima de uma ilha arborizada, ou por alguma rocha colossal coberta de musgo e fetos e oculta pelo nevoeiro. Mas quando a *Tímida Donzela* se aproximou mais, a forma da coisa tornou-se mais clara. Via-se uma fortaleza de madeira junto da água, apodrecida e coberta de vegetação. Esguios torreões ganharam forma por cima dela, alguns partidos como lanças quebradas. Torres sem telhado apareceram e desapareceram, projetando-se cegamente para cima. Salões e galerias passaram por eles; graciosos pilares, delicados arcos, colunas estriadas, terraços e caramanchões.

Tudo arruinado, tudo desolado, tudo caído.

O musgo cinzento crescia denso ali, cobrindo as pedras caídas em grandes montículos e decorando todas as torres. Trepadeiras negras entravam e saíam de janelas, penetrando em portas e passando por cima de arcadas, subindo grandes muros de pedra. O nevoeiro ocultava três quartos do palácio, mas aquilo que vislumbraram foi suficiente para Tyrion compreender que aquela fortaleza

insular foi em tempos dez vezes maior do que a Fortaleza Vermelha, e cem vezes mais bela. Sabia onde estava.

— O Palácio do Amor — disse em voz baixa.

— Esse era o nome roinar — disse Haldon Semimeistre — mas há mil anos que isto é o Palácio da Mágoa.

A ruína era bastante triste, mas saber o que foi a tornava ainda mais triste. Em tempos houve risos aqui, *pensou Tyrion.* Houve jardins brilhantes de flores, e fontanários que cintilavam dourados ao sol. Aqueles degraus ressoaram em tempos com o som dos passos de amantes, e por baixo daquela cúpula quebrada incontáveis casamentos foram selados com um beijo. *Os pensamentos viraram-se para Tysha, que tão brevemente foi a senhora sua esposa.* Foi Jaime, *pensou, desesperando.* Ele era do meu próprio sangue, e o rneu irmão grande e forte. Quando eu era pequeno me trazia brinquedos, aros de barris e blocos e um leão esculpido em madeira. Deu-me o primeiro pónei, e me ensinou a montá-lo. Quando disse que tinha comprado para mim, não duvidei dele. Porque haveria de duvidar? Ele era Jaime, e você era só uma mulher qualquer que tinha representado um papel. Eu tive medo desde o princípio, desde o momento em que me sorriu pela primeira vez e me deixou tocar sua mão. O meu próprio pai não era capaz de me amar. Como poderia você amar, se não fosse por ouro?

Através dos longos dedos cinzentos do nevoeiro, voltou a ouvir o profundo e tremulo *trum* da corda do arco disparando, o grunhido que Lorde Tywin soltou quando o dardo lhe acertou abaixo da barriga, o bater das nádegas na pedra quando voltou a se sentar para morrer.

— Onde quer que as rameiras vão — disse. *E onde é isso?* queria perguntar Tyrion. *Para onde Tysha foi, pai?*

— Quanto mais deste nevoeiro teremos que suportar?

— Mais uma hora e devemos ter passado pelas Mágoas — disse Haldon Semimeistre. — Daqui em diante, isto deve ser um cruzeiro de prazer. Há uma aldeia depois de cada curva ao longo do Roine inferior. Pomares, vinhedos e searas amadurecendo ao sol, pescadores na água, banhos quentes e vinhos doces. Selhorys, Valisar e Volon Therys são vilas muradas tão grandes que seriam cidades nos Sete Reinos. Acho que vou...

— Luz em frente — avisou o Jovem Griff.

Tyrion também a viu. O Rei-Pescador, *ou outro barco de varejo,* disse a si, mas de alguma forma sabia que não estava certo. Tinha comichão no nariz. Coçou-o furiosamente. A luz tornou-se mais brilhante quando a *Tímida Donzela*

se aproximou dela. Uma suave estrela à distância, brilhava debilmente através do nevoeiro, chamando-os. Depressa se transformou em duas luzes, depois em três; uma fileira irregular de feixes luminosos, erguendo-se da água.

— A Ponte do Sonho — chamou Griff. — Vai haver homens de pedra no vão. Alguns talvez comecem a gemer quando nos aproximarmos, mas não é provável que nos incomodem. A maior parte dos homens de pedra são criaturas débeis, desajeitadas, pesadas, estúpidas. Perto do fim todos enlouquecem, mas é nessa altura que são mais perigosos. Se for necessário, os afastarei com os archotes. Não deixe que os toquem por nenhum motivo.

— Talvez nem sequer nos vejam — disse Haldon Semimeistre. — O nevoeiro irá nos esconder deles até estarmos quase na ponte, e depois passaremos antes que saibam que estamos lá.

Olhos de pedra são olhos cegos, pensou Tyrion. Sabia que a forma mortal de escamagris começava nas extremidades: um formigueiro na ponta de um dedo, uma unha que ficava preta, uma perda de sensação. A medida que a insensibilidade alastrava pela mão ou ultrapassava o pé e subia pela perna, a carne endurecia e esfriava e a pele da vítima tomava um tom acinzentado, lembrando pedra. Ouviu dizer que havia três boas curas para a escamagris: o machado, a espada e o cutelo. Tyrion sabia que cortar as partes atingidas parava o alastrar da doença em alguns casos, mas não em todos. Muitos tinham sido os homens que sacrificaram um braço ou um pé, só para descobrir o outro a se acizentar. Quando isso acontecia, a esperança estava perdida. A cegueira era comum quando a pedra chegava à cara. Nos últimos estágios, a maldição virava-se para dentro, para os músculos, ossos e órgãos internos.

À frente deles, a ponte tornou-se maior. A Ponte do Sonho, chamara Griff, mas aquele sonho estava esmagado e quebrado. Pálidos arcos de pedra desapareciam no nevoeiro, estendendo-se desde o Palácio da Mágoa até à margem ocidental do rio. Metade deles ruíra, puxados para baixo pelo peso do musgo cinzento que os envolvia e das grossas trepadeiras negras que serpenteavam para cima, a partir da água. O largo vão de madeira da ponte estava carcomido, mas algumas das lâmpadas que orlavam o caminho ainda estavam acesas. Quando a *Tímida Donzela* se aproximou mais, Tyrion viu as silhuetas de homens de pedra movendo-se à luz, arrastando os pés sem destino em volta das lâmpadas como se fossem lentas mariposas cinzentas. Alguns estavam nus, outros envergavam mortalhas.

Griff puxou pela espada.

— Yollo, acenda os archotes. Rapaz, leve Lemore para a cabine e fique com ela.

O Jovem Griff deu um olhar obstinado ao pai.

— Lemore sabe onde fica a cabine dela. Eu quero ficar.

— Juramos proteger-lo — disse Lemore numa voz suave.

— Não preciso de ser protegido. Manejo uma espada tão bem quanto Pato. Eu sou meio cavaleiro.

— E meio rapaz — disse Griff. — Faça o que te digo. Já.

O jovem praguejou em surdina e atirou a vara ao convés. O som ecoou estranhamente no nevoeiro, e por um momento foi como se varas estivessem caindo à volta deles.

— Porque tenho de fugir e me esconder? Haldon fica, e Ysilla também. Até Hugor fica.

— Sim — disse Tyrion — mas eu sou suficientemente pequeno para me esconder atrás de um pato. — Atirou meia dúzia de archotes para dentro das brilhantes brasas do braseiro, e viu os trapos cobertos de óleo incendiarem-se. *Não olhe o fogo,* disse a si próprio. As chamas o deixarão preso.

— Você é um *anão* — disse Jovem Griff com escárnio na voz.

— O meu segredo foi revelado — disse Tyrion. —Sim, sou menos da metade de Haldon, e todo mundo está se perguntando se eu vivo ou morro. — *Principalmente eu.* — Agora você... você é tudo.

— Anão — disse Griff— Eu te avisei...

Um gemido tremulo chegou através do nevoeiro, tenue e agudo.

Lemore rodou sobre si própria, tremendo.

— Que os Sete nos salvem a todos.

A ponte quebrada estava meros cinco metros em frente. Em volta dos seus pilares, a água ondulava, branca como a espuma na boca de um louco. Doze metros mais acima, os homens de pedra gemiam e resmungavam sob uma lâmpada tremeluzente. A maioria não prestava mais atenção à *Tímida Donzela* do que a um tronco à deriva. Tyrion agarrou no archote com mais força, e descobriu que estava prendendo a respiração. E depois se viram debaixo da ponte, com muros brancos carregados de cortinas de fungos cinzentos erguendo-se de ambos os lados, e água espumando furiosamente em volta deles. Por um momento, pareceram ir colidir com o pilar da direita, mas Pato ergueu a vara e afastou-o, empurrando o barco para o centro do canal e, alguns segundos mais tarde, tinham atravessado.

Assim que Tyrion exalou, o Jovem Griff agarrou-lhe no braço.

— O que você quer dizer? Eu sou *tudo*[7]. O que querer dizer com isso? Porque é que eu sou tudo?

— Ora — disse Tyrion — se os homens de pedra tivessem levado Yandry, Griff ou a adorável Lemore, teríamos chorado por eles e prosseguido viagem. Se te perdermos, todo este empreendimento se desfaz, e todos estes anos de febris maquinações pelo queijeiro e pelo eunuco terão sido para nada... não é verdade?

O rapaz olhou para Griff.

— Ele sabe quem eu sou.

Se não soubesse, saberia agora. Por essa altura a *Tímida Donzela* estava bem para jusante da Ponte do Sonho. Tudo o que restava era uma luz que minguava à popa, e em breve também isso teria desaparecido.

— É o Jovem Griff, filho de Griff, o mercenário — disse Tyrion. — Ou talvez seja o Guerreiro com disfarce de mortal. Deixe-me ver melhor. — Ergueu o archote para que a luz caísse sobre a cara do Jovem Griff.

— Para com isso — ordenou Griff — senão vai desejar ter parado.

O anão ignorou-o.

— O cabelo azul faz com que os seus olhos pareçam azuis. Isso é bom. E a história sobre o pintar em honra da sua mãe tyroshi morta foi tão comovente que quase me fez chorar. Apesar disso, um homem curioso pode perguntar a si próprio porque haveria a cria de um mercenário qualquer precisar de uma septã maculada para instruí-lo na Fé, ou de um meistre sem corrente para lhe ensinar História e línguas. E um homem esperto poderá questionar o motivo por que seu pai contrataria um cavaleiro andante para te instruir nas armas em vez de te mandar simplesmente como aprendiz para uma das companhias livres. É quase como se alguém quisesse te manter escondido enquanto continuava a se preparar para... o quê? Ora aí está uma perplexidade, mas tenho a certeza de que a seu tempo me ocorrerá. Tenho de admitir que tem umas feições nobres para um rapaz morto.

O rapaz corou.

— *Eu não estou morto.*

— Como não? O senhor meu pai envolveu o seu cadáver num manto carmesim e o depositou ao lado da sua irmã na base do Trono de Ferro, como presente para o novo rei. Aqueles que tiveram estômago para erguer o manto disseram que metade da sua cabeça tinha desaparecido.

O rapaz recuou um passo, confuso.

— O seu...?

—... *pai*, sim. Tywin da Casa Lannister. Talvez tenha ouvido falar dele.

O Jovem Griff hesitou.

— *Lannister*? O seu pai...

— ... está morto. Pela minha mão. Se agradar a Vossa Graça me chamar de Yollo ou Hugor, assim seja, mas saiba que eu nasci Tyrion da Casa Lannister, legítimo filho de Tywin e Joanna, ambos os quais matei. Os homens lhe dirão que sou um regicida, um assassino de parentes e um mentiroso, e metade disso é verdade... mas de resto nós somos um bando de mentirosos, não somos? O seu pai fingido, por exemplo. *Griff*, não é? — O anão soltou um risinho abafado. — Devia agradecer aos deuses por Varys, a Aranha, fazer parte desta sua conspiração. *Griff* não teria enganado a maravilha sem pênis por um instante, tal como não me enganou. *Não sou senhor nenhum*, diz a nossa senhoria, *não sou cavaleiro nenhum.* E eu não sou anão nenhum. Dizer uma coisa não a torna verdadeira. Quem melhor para criar o filho bebê do Príncipe Rhaegar do que o querido amigo do Príncipe Rhaegar, Jon Connington, outrora Senhor do Poleiro do Grifo e Mão do Rei?

— Cale-se. — A voz de Griff soou preocupada.

A bombordo do barco, uma enorme mão de pedra estava visível mesmo por baixo da água. Dois dedos rompiam a superfície. *Quantas coisas destas existem?P*erguntou Tyrion a si próprio. Um regato de humidade correu-lhe pela espinha abaixo e o fez estremecer. As Mágoas foram passando por eles. Espreitando pelas névoas, vislumbrou um torreão quebrado, um herói sem cabeça, uma antiga árvore arrancada do chão e virada ao contrário, com enormes raízes que se contorciam através do telhado e janelas de uma cúpula quebrada.

Porque é que tudo isto parece tão familiar?

Mesmo em frente, uma escadaria inclinada de mármore claro ergueu-se da água escura numa graciosa espiral, terminando abruptamente três metros acima das cabeças deles. *Não*, pensou Tyrion, *isto não é possível.*

— Em frente. — A voz de Lemore soou trémula. — Uma luz.

Todos olharam. Todos a viram.

— O *Rei-Pescador* — disse Griff. — Esse barco ou outro qualquer como ele. — Mas voltou a puxar a espada.

Ninguém disse uma palavra. A *Tímida Donzela* movia-se com a corrente. A vela não foi içada desde que haviam penetrado nas Mágoas. Não

tinha maneira de se deslocar salvo ao sabor do rio. Pato semicerrou os olhos, agarrado à sua vara com ambas as mãos. Passado algum tempo até Yandry parou de empurrar. Todos os olhos estavam postos na luz distante. Quando se aproximaram mais, transformou-se em duas luzes. Depois em três.

— A Ponte do Sonho — disse Tyrion.

— Inconcebível — disse Haldon Semimeistre. — Deixamos a ponte para trás. Os rios só correm num sentido.

— A Mãe Roine corre como lhe deseja — murmurou Yandry.

— Que os Sete nos salvem — disse Lemore.

Em frente, os homens de pedra na ponte começaram a gemer. Alguns estavam apontando para eles.

— Haldon, leva o príncipe para baixo — ordenou Griff.

Era tarde demais. A corrente apanhara-os nos seus dentes. Derivaram inexoravelmente na direção da ponte. Yandry espetou a vara para evitar que se esmagassem contra um pilar. A estocada empurrou-os de lado contra uma cortina de musgo cinzento-claro. Tyrion sentiu gavinhas roçando na cara, suaves como os dedos de uma rameira. Depois ouviu-se um estrondo atrás dele, e o convés inclinou-se tão subitamente que quase perdeu o equilíbrio e foi atirado borda fora.

Um homem de pedra caiu com estrondo no barco.

Aterrou no teto da cabine, tão pesadamente que a *Tímida Donzela* pareceu balançar, e lher rugiu uma palavra numa língua que Tyrion não reconheceu. Um segundo homem de pedra seguiu-o, aterrando lá atrás ao lado da cana do leme. As velhas tábuas estilhaçaram-se sob o impacto e Ysilla soltou um guincho.

Era Pato que estava mais perto dela. O grande homem não perdeu tempo tentando pegar na espada. Em vez disso, brandiu a vara, batendo com ela no peito do homem de pedra e atirando-o para fora do barco, para o rio, onde o homem se afundou de imediato sem soltar um som.

Griff caiu sobre o segundo homem de pedra no instante em que este desceu desajeitadamente do teto da cabine. Com uma espada na mão direita e um archote na esquerda, empurrou a.criatura para trás. Quando a corrente levou a *Tímida Donzela* para baixo da ponte, as suas sombras mutantes dançaram nos pilares cobertos de musgo. O homem de pedra deslocou-se para a popa, e Pato bloqueou o caminho, de vara na mão. Quando foi para frente, Haldon Semimeistre brandiu um segundo archote contra ele e o empurrou para trás. Não

teve alternativa que não fosse vir diretamente contra Griff. O capitão esquivou-se para o lado, fazendo relampejar a espada. Voou uma centelha quando o aço mordeu a calcificada carne cinzenta do homem de pedra, mas o seu braço caiu na mesma ao convés. Griff pontapeou o membro para longe. Yandry e o Pato tinham se aproximado com as respetivas varas. Juntos, forçaram a criatura a cair borda fora, para dentro das águas negras do Roine.

Por essa altura a *Tímida Donzela já* tinha derivado sob a ponte quebrada.

— Apanhamos todos? — perguntou Pato. — Quantos saltaram?

— Dois — disse Tyrion, tremendo.

— Três — disse Haldon. — Atrás de você.

O anão virou-se, e ali estava ele.

O salto estilhaçara-lhe uma das pernas, e um bocado irregular de osso branco projetava-se através do pano apodrecido das calças e da carne cinzenta que estava por baixo. O osso quebrado estava manchado de sangue castanho, mas mesmo assim ele avançou, tentando alcançar o Jovem Griff. A sua mão era cinzenta e rígida, mas sangue jorrou entre os nós dos seus dedos quando tentou fechar os dedos para o agarrar. O rapaz manteve-se de olhos fixos, tão imóvel como se ele também fosse feito de pedra. A sua mão estava no cabo da espada, mas parecia ter se esquecido do motivo.

Tyrion fez com que o rapaz perdesse o apoio das pernas com um pontapé e saltou por cima dele quando caiu, atirando o archote à cara do homem de pedra, fazendo-o recuar, cambaleando sobre a perna estilhaçada, esbracejando contra as chamas, tentando agarrá-las com rígidas mãos cinzentas. O anão bamboleou-se atrás dele, golpeando com o archote, projetando-o contra os olhos do homem de pedra. *Um pouco mais. Para trás, mais um passo, outro.* Estavam no limite do convés quando a criatura correu contra ele, agarrou no archote e arrancou-lhe das mãos. *Foda-se,* pensou Tyrion.

O homem de pedra jogou o archote fora. Ouviu-se um suave silvo quando as águas negras apagaram as chamas. O homem de pedra uivou. Antes foi um ilhéu de verão; o seu queixo e metade do pescoço tinham se transformado em pedra, mas a pele era negra como a meia-noite onde não era cinzenta. Onde agarrouo archote, a pele rachou e abriu. Sangue jorrava dos nós dos seus dedos, embora ele não parecesse senti-lo. Tyrion supunha que isso era uma pequena misericórdia. Embora fosse mortal, pensava que a escamagris não era dolorosa.

— *Afaste-se!* — gritou alguém, muito longe, e outra voz disse: — O príncipe! Protege o rapaz! — o homem de pedra cambaleou em frente, de mãos estendidas e tentando agarrar.

Tyrion atirou um ombro contra ele.

Foi como atirar-se contra a parede de um castelo, mas aquele castelo erguia-se sobre uma perna quebrada. O homem de pedra caiu para trás, agarrando em Tyrion quando caiu. Atingiram o rio levantando uma monumental quantidade de água, e a Mãe Roine engoliu-os.

O súbito frio atingiu Tyrion como um martelo. Enquanto se afundava, sentiu uma mão de pedra a apalpando a sua cara. Outra fechava-se em volta do seu braço, arrastando-o para as trevas, lá em baixo. Cego, com o nariz cheio de rio, sufocado, afundando, esperneou, torceu-se e lutou pra libertar o braço, mas os dedos de pedra não cediam. Ar borbulhou entre os lábios. O mundo era negro e estava tornando-se mais negro. Não conseguia respirar.

Há piores maneiras de morrer do que o afogamento. E para falar a verdade, ele pereceu muito tempo antes, em Porto Real. Só restava o seu cadáver morto-vivo, o pequeno fantasma vingativo que estrangulou Shae e enfiou um dardo de besta nas tripas do grande Lorde Tywin. Ninguém faria luto pela coisa em que se transformou. *Vou assombrar os Sete Reinos*, pensou, afundando-se mais. *Não quiseram me amar vivo, por isso vão me temer morto.*

Quando abriu a boca para os amaldiçoar a todos, água negra encheu seus pulmões, e a escuridão fechou-se à sua volta.

DAVOS

— Sua senhoria vai te ouvir agora, contrabandista.

O cavaleiro usava armadura prateada, as caneleiras e luvas estavam incrustadas de nigelo para sugerir frondes fluidas de algas. O elmo que tinha debaixo do braço era a cabeça do rei bacalhau, com uma coroa de madrepérola e uma barba espetada de azeviche e jade. A barba dele era tão cinzenta como o mar de inverno.

Davos levantou-se.

— Posso saber o seu nome, sor?

— Sor Marlon Manderly. — Era uma cabeça mais alto do que Davos e vinte quilos mais pesado, com olhos cinzentos de ardósia e uma forma altiva de falar. — Tenho a honra de ser primo do Lorde Wyman, e comandante da sua guarnição. *Siga-me.*

Davos veio a Porto Branco como emissário, mas o tinham transformado em cativo. Os seus aposentos eram grandes, arejados e mobilados com elegância, mas havia guardas à porta. Da janela podia ver as ruas de Porto Branco para lá das muralhas do castelo, mas não lhe era permitido percorrê-las. Conseguia também ver o porto, e vira a *Alegre Parteira* descer o braço do mar. Casso Mogat esperou quatro dias em vez de três antes de partir. Outra quinzena se passou desde então.

A guarda doméstica do Lorde Manderly usava mantos de lã verde azulada, e transportava tridentes prateados em vez das lanças comuns. Um guarda seguiu à sua frente, outro atrás e um de cada lado. Passaram pelos estandartes desbotados, escudos quebrados e espadas enferrujadas de uma centena de antigas vitórias, e por uma vintena de esculturas de madeira, estaladas e corroídas por vermes, que só podiam ter adornado as proas de navios.

Dois tritões de mármore flanqueavam a corte de sua senhoria, primos menores de Pés-de-Peixe. Quando os guardas escancararam as portas, um arauto baseu com a base do bastão contra um velho assoalho de madeira.

— Sor Davos da Casa Seaworth — gritou numa voz ressonante.

Apesar de ter visitado Porto Branco tantas vezes, Davos nunca antes pôs os pés no interior de Castelo Novo, muito menos na Corte do Tritão. As suas paredes, chão e teto tinham sido feitos de tábuas de madeira encaixadas engenhosamente e decoradas com todas as criaturas do mar.

Quando se aproximaram do estrado, Davos pisou em pinturas de caranguejos, mexilhões e estrelas-do-mar, meio escondidos por entre retorcidas frondes negras de algas e ossos de marinheiros afogados. Nas paredes, de ambos os lados, pálidos tubarões patrulhavam profundezas verdes-azuladas, enquanto enguias e octópodes deslizavam entre rochas e navios afundados. Cardumes de arenques e grandes bacalhaus nadavam entre as altas janelas arqueadas. Mais acima, perto de onde as velhas redes pendiam das vigas, foi representada a superfície do mar. À sua direita, uma galé de guerra avançava, serena, para o Sol nascente; à esquerda, uma maltratada velha coca corria em frente de uma tempestade, de velas em farrapos. Atrás do estrado, uma lula gigante e um leviatã cinzento estavam unidos em batalha sob as ondas pintadas.

Davos esperara falar com Wyman Manderly a sós, mas foi encontrar uma corte cheia de gente. Ao longo das paredes, as mulheres eram cinco vezes mais numerosas do que os homens; os poucos indivíduos de sexo masculino que viu tinham longas barbas grisalhas ou pareciam ser muito jovens para fazer a barba. Também havia septões, e santas irmãs em togas brancas e cinzentas. Em pé, perto da extremidade do salão, estava uma dúzia de homens com o azul e o cinzento prateado da Casa Frey. As suas caras tinham semelhanças que até um cego teria visto; vários usavam o símbolo das Gémeas, duas torres ligadas por uma ponte.

Davos aprendeu a ler as caras dos homens muito antes do Meistre Pylos lhe ensinar a ler palavras escritas em papel. *Estes Frey de bom grado me veriam morto*, compreendeu com um relance.

E tampouco encontrou quaisquer boas-vindas nos olhos azuis claros de Wyman Manderly. O trono almofadado de sua senhoria era suficientemente largo para receber três homens de tamanho comum, mas Manderly ameaçava transbordar dele. Sua senhoria *esparramava-se* na cadeira, com os ombros descaídos, as pernas muito abertas, as mãos repousando nos braços do trono como se o seu peso fosse muito para suportar. *Pela bondade dos deuses*, pensou Davos quando viu a cara do Lorde Wyman, *este homem parece meio cadáver*. A sua pele estava pálida, com um tom cinzento subjacente.

Segundo o velho ditado, os reis e os cadáveres atraem sempre servidores. Assim era com Manderly. Em pé, à esquerda do cadeirão, estava um meistre quase tão gordo como o senhor que servia, um homem de faces rosadas com lábios grossos e uma cabeça de caracóis dourados. Sor Marlon reclamava o lugar de honra à direita de sua senhoria. Num banco almofadado, a seus pés, empoleirava-se uma rechonchuda senhora rosada. Atrás do Lorde Wyman estavam duas mulheres maig novas, irmãs, ajuizando pelo aspeto. A mais velha tinha o cabelo castanho preso numa longa trança.

A mais nova, com não mais de quinze anos, tinha uma trança ainda mais longa pintada num berrante tom de verde.

Ninguém decidiu honrar Davos com um nome. O meistre foi o primeiro a falar.

— Está perante Wyman Manderly, Senhor de Porto Branco e Protetor da Faca Branca, Escudo da Fé, Defensor dos Despojados, Senhor Marechal do Vago, um cavaleiro da Ordem da Mão Verde — disse. — Na Corte do Tritão é costume que os vassalos e peticionários ajoelhem.

O cavaleiro das cebolas teria dobrado o joelho, mas a Mão de um Rei não podia; fazê-lo sugeriria que o rei que servia era inferior àquele lorde gordo.

— Não vim como peticionário — respondeu Davos. — Também tenho uma cadeia de títulos. Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito, Mão do Rei.

A mulher rechonchuda do banco fez rolar os olhos.

— Um almirante sem navios, uma mão sem dedos, ao serviço de um rei sem trono. Isto que nos apresenta é um cavaleiro ou a resposta a uma adivinha infantil?

— É um mensageiro, nora — disse o Lorde Wyman — uma cebola de mau agouro. Stannis não gostou da resposta que os corvos lhe levaram, portanto enviou este... este *contrabandista.* — Espreitou Davos com olhos meio enterrados em rolos de gordura. — Já havia visitado antes a nossa cidade, julgo eu, nos tirando dinheiro dos bolsos e comida da mesa. Pergunto a mim mesmo quanto me terá roubado.

Não o suficiente para alguma vez ter perdido uma refeição.

— Paguei pelo meu contrabando em Ponta Tempestade, senhor. — Davos descalçou a luva e ergueu a mão esquerda, com os seus quatro dedos encurtados.

— Quatro pontas de dedos por uma vida inteira de roubo? — disse a mulher no banco. O seu cabelo era louro, a cara redonda, cor-de-rosa e carnuda. — Pagou barato, cavaleiro da cebola.

Davos não o negou.

— Se agradar ao senhor, gostaria de pedir uma audiência em privado.

Não agradou ao senhor.

— Não tenho segredos para com a minha família, nem para com os meus leais senhores e cavaleiros, todos bons amigos.

— Senhor disse Davos — não gostaria que as minhas palavras fossem ouvidas pelos inimigos de Sua Graça... ou pelos de sua senhoria.

— Stannis pode ter inimigos neste salão. Eu não tenho.

— Nem sequer os homens que mataram o seu filho? — Davos apontou. — Aqueles Frey estavam entre os seus anfitriões no Casamento Vermelho.

Um dos Frey deu um passo em frente, um cavaleiro alto e de membros esguios, barbeado, à exceção de um bigode cinzento tão fino como um estilete de Myr.

— O Casamento Vermelho foi obra do Jovem Lobo. Ele se transformou em animal perante os nossos olhos e rasgou a garganta do meu primo Guizo, um inofensivo simplório. Teria morto também o senhor meu pai se Sor Wendel não se tivesse posto no caminho.

Lorde Wyman reprimiu lágrimas, pestanejando.

— Wendel sempre foi um rapaz corajoso. Não me surpreende saber que morreu como herói.

A enormidade da mentira fez Davos arquejar.

— Afirma que *Robb Stark* matou Wendel Manderly? — perguntou ao Frey.

— E muitos outros. O meu próprio filho Tytos conta-se entre eles, bem como o marido da minha filha. Quando o Stark se transformou num lobo, os seus nortenhos fizeram o mesmo. A marca da besta estava em todos eles. É bem sabido que os *wargs* geram outros *wargs* com uma dentada. Foi com grande dificuldade que eu e os meus irmãos os abatemos antes de nos matarem a todos.

O homem estava com um *sorrisinho* na cara enquanto contava a história. Davos quis arrancar-lhe a pele dos lábios com uma faca.

— Sor, posso saber o seu nome?

— Sor Jared, da Casa Frey.

— Jared da Casa Frey, te chamo de mentiroso.

Sor Jared pareceu divertido.

— Há homens que choram quando cortam cebolas, mas eu nunca tive tal fraqueza. — Aço sussurrou contra couro quando puxou pela espada. — Se for de fato um cavaleiro, sor, defenderá essa calúnia com o seu corpo.

Os olhos do Lorde Wyman abriram-se, trémulos.

— Não admito derramamento de sangue na Corte do Tritão. Guarde o seu aço, Sor Jared, caso contrário terei que te pedir para que saia da minha presença.

Sor Jared embainhou a espada.

— Sob o teto de sua senhoria, a palavra de sua senhoria é lei... mas eu vou querer um ajuste de contas com este cavaleiro da cebola antes de ele abandonar esta cidade.

— Sangue! — uivou a mulher no banco. — É o que esta maligno da cebola quer de nós, senhor. Vê como causa problemas? Mande-o embora, te suplico. Ele quer o sangue do seu povo, o sangue dos seus corajosos filhos. Mande-o *embora.* Se a rainha ouvir dizer que concedeu uma audiência a este traidor, poderá questionar a nossa lealdade. Ela talvez... ela pode... ela...

— Não chegará a tanto, nora — disse o Lorde Wyman. — O Trono de Ferro não terá qualquer motivo para duvidar de nós.

Davos não gostou de como aquilo soava, mas não percorreu todo aquele caminho para controlar a língua.

— O rapaz no Trono de Ferro é um usurpador — disse — e eu não sou traidor nenhum, mas sim a Mão de Stannis Baratheon, Primeiro do Seu Nome, o legítimo Rei de Westeros.

O meistre gordo pigarreou.

— Stannis Baratheon era irmão do nosso falecido Rei Robert, que o Pai o julgue com justiça. Tommen é fruto do corpo de Robert. As leis de sucessão são claras nesses casos. Um filho tem precedência sobre um irmão.

— O Meistre Theomore fala a verdade — disse o Lorde Wyman. — É sábio em tais matérias e sempre me deu bons conselhos.

— Um filho *legítimo* tem precedência sobre um irmão — concordou Davos — mas Tommen-dito-Baratheon é de nascimento bastardo, tal como o irmão Joffrey era antes dele. Foram gerados pelo Regicida, em desafio a todas as leis dos deuses e dos homens.

Outro dos Frey interveio.

— Ele profere traições com os próprios lábios, senhor. Stannis cortou-lhe os dedos de ladrão. Devia cortar a sua língua de mentiroso.

— Corte antes a cabeça — sugeriu Sor Jared. — Ou deixe que me defronte no campo de honra.

— Que saberia um Frey de honra? — atirou Davos em resposta.

Quatro dos Frey avançaram até que Lorde Wyman os parou com uma mão erguida.

— Recuem, meus amigos. Quero ouvi-lo até ao fim antes de... antes de lidar com ele.

— Pode fornecer alguma prova desse incesto, sor? — perguntou Meistre Theomore, dobrando as suaves mãos em cima da barriga.

Edric Storm, pensou Davos, *mas o mandei para longe, para o outro lado do mar estreito, a fim de o manter a salvo dos fogos de Melisandre.*

— Tem a palavra de Stannis Baratheon de que tudo o que eu disse é verdade.

— Palavras são vento — disse a jovem por trás do cadeirão do Lorde Wyman, a bonita com a longa trança castanha. — E os homens mentem para conseguir o que querem, como qualquer donzela poderá te dizer.

— A prova exige mais do que a palavra sem base de um senhor qualquer — declarou o Meistre Theomore. — Stannis Baratheon não seria o primeiro homem a mentir para conquistar um trono.

A mulher rosada apontou um dedo rechonchudo a Davos.

— Não queremos nada com traição nenhuma, homem. Em Porto Branco somos boa gente, gente cumpridora da lei e leal. Não despeje mais veneno nos nossos ouvidos, senão o meu sogro irá mandá-lo para o Covil do Lobo.

Como foi que ofendi esta?

— Posso ter a honra de saber o nome da senhora?

A mulher cor-de-rosa soltou uma fungadela zangada, e deixou o meistre responder.

— A Senhora Leona é esposa do filho de Lorde Wyman, Sor Wylis, atualmente cativo dos Lannister.

Ela fala por medo. Se Porto Branco declarasse o seu apoio a Stannis, o marido dela responderia com a vida. *Como posso pedir ao Lorde Wyman para condenar o filho à morte? O que faria eu no seu lugar, se Devan fosse refém?*

— Senhor — disse Davos — rezo para que nenhum mal aconteça ao seu filho, ou a qualquer homem de Porto Branco.

— Outra mentira — disse a Senhora Leona do seu banco.

Davos achou melhor ignorá-la.

— Quando Robb Stark pegou em armas contra o bastardo Joffrey-dito-Baratheon, Porto Branco marchou com ele. Lorde Stark caiu, mas a sua guerra prossegue.

— Robb Stark era o senhor meu suserano — disse o Lorde Wyman. — Quem é este Stannis? Porque nos incomoda? Ele nunca tinha sentido necessidade de viajar para norte, tanto quanto me recorde. Mas aparece agora, um cão espancado, com o elmo na mão, pedindo esmola.

— Ele veio salvar o reino, senhor — insistiu Davos. — Veio para defender as suas terras contra os homens de ferro e os selvagens.

Ao lado do cadeirão, Sor Marlon Manderly soltou uma fungadela de desdém.

— Passaram-se séculos desde que Porto Branco viu algum selvagem, e os homens de ferro nunca causaram problemas a esta costa. Será que o Lorde Stannis também propôs defender-nos de *snarks* e gramequins?

Gargalhadas varreram a Corte do Tritão mas, aos pés de Lorde Wyman, a Senhora Leona começou a soluçar.

— Homens de ferro vindos das ilhas, selvagens do outro lado da Muralha, e agora este senhor traidor com os seus fora-da-lei, rebeldes e feiticeiros. — Apontou para Davos com um dedo. — Ouvimos falar da sua bruxa vermelha, ah sim. Ela quer nos virar contra os Sete para nos curvarmos perante um demónio de fogo!

Davos não nutria nenhuma amizade pela sacerdotisa vermelha, mas não se atreveu a deixar a Senhora Leona sem resposta.

— A Senhora Melisandre é uma sacerdotisa do deus vermelho. A Rainha Selyse adotou a sua fé, bem como muitos outros, mas são mais os seguidores de Sua Graça que ainda adoram os Sete. Eu próprio conto-me entre eles. — Rezou para que ninguém lhe pedisse para explicar o que aconteceu ao septo em Pedra do Dragão ou ao bosque sagrado em Ponta Tempestade. *Se perguntarem, terei de dizer a eles. Stannis não aceitaria que eu mentisse.*

— Os Sete protegem Porto Branco — declarou a Senhora Leona. — Não tememos a sua rainha vermelha nem o deus dela. Que envie os feitiços que quiser. As preces de homens pios nos protegerão contra o mal.

— Exato. — Lorde Wyman deu à Senhora Leona uma palmadinha no ombro. — Lorde Davos, se é que *é* um lorde, eu sei o que o seu autoproclamado rei quer de mim. Aço, prata e um joelho dobrado. — Mudou de posição, apoiando-se a um cotovelo. — Antes de ser morto, Lorde Tywin ofereceu a Porto Branco um perdão total pelo nosso apoio ao Jovem Lobo. Promeseu que o meu filho me seria devolvido depois de eu pagar um resgate de três mil dragões e demonstrar a minha lealdade sem deixar lugar a dúvidas. Roose Bolton, que foi nomeado o nosso Protetor do Norte, exige que eu desista da minha pretensão às terras e castelos do Lorde Hornwood, mas jura que as minhas outras propriedades permanecerão intocadas. Walder Frey, o seu sogro, oferece uma das filhas para ser minha esposa, e maridos para as filhas do meu filho que aqui estão atrás de mim. Estes termos parecem-me generosos, uma boa base para uma paz justa e duradoura. Você quer que os despreze. Portanto, pergunto, cavaleiro das cebolas... o que me oferece Lorde Stannis em troca da minha lealdade?

Guerra, pesares e os gritos de homens ardendo, podia Davos ter dito.

— A oportunidade de cumprir o seu dever — preferiu responder. Aquela era a resposta que Stannis teria dado a Wyman Manderly. *A Mão deve falar com a voz do rei.*

Lorde Wyman voltou a se deixar cair na sua cadeira.

— Dever. Estou vendo.

— Porto Branco não tem força suficiente para resistir sozinho. Você precisará tanto de Sua Graça como ele precisa de você. Juntos, podem derrotar os inimigos que tem em comum.

— Senhor — disse Sor Marlon, na sua ornamentada armadura prateada — permite que eu faça algumas perguntas ao Lorde Davos?

— Como quiser, primo. — Lorde Wyman fechou os olhos.

Sor Marlon virou-se para Davos.

— Quantos senhores do Norte se declararam por Stannis? Nos diga isso.

— Arnolf Karstark jurou juntar-se a Sua Graça.

— Arnolf não é um verdadeiro senhor, é só um castelão. Que castelos controla presentemente o Lorde Stannis, diz?

— Sua Graça tomou Fortenoite para sua sede. No sul, controla Ponta Tempestade e Pedra do Dragão.

Meistre Theomore pigarreou.

— Só por enquanto. Ponta Tempestade e Pedra do Dragão estão fracamente defendidas, e devem cair em breve. E Fortenoite é uma ruína assombrada, um lugar lúgubre e medonho.

Sor Marlon prosseguiu.

— Quantos homens pode Stannis pôr em campo, pode me dizer isso? Quantos cavaleiros o acompanham? Quantos arqueiros, quantos cavaleiros livres, quantos homens-de-armas?

Insuficientes, sabia Davos. Stannis viera para norte com não mais de mil e quinhentos homens... mas se lhes dissesse isso a sua missão estava condenada ali. Tentou encontrar palavras, mas não encontrou nenhuma.

— O seu silêncio é toda a resposta de que necessito, sor. O seu rei só nos traz inimigos. — Sor Marlon virou-se para o senhor seu primo. — Vossa senhoria perguntou ao cavaleiro das cebolas o que Stannis nos oferece. Permite-me responder. Oferece-nos derrota e morte. Quer que monte um cavalo de ar e de batalha com uma espada de vento.

O gordo senhor abriu lentamente os olhos, como se o esforço fosse quase muito para si.

— Meu primo vai ao essencial, como sempre. Tem mais alguma coisa a me dizer, cavaleiro das cebolas, ou podemos pôr fim a esta farsa? Começo a me cansar da sua cara.

Davos sentiu uma pontada de desespero. *Sua Graça devia ter mandado outro homem, um senhor; um cavaleiro ou um meistre, alguém que conseguisse falar por ele sem tropeçar na língua.*

— Morte — ouviu-se dizer — haverá morte, sim. Vossa senhoria perdeu um filho no Casamento Vermelho. Eu perdi quatro na Água Negra. E porquê? Porque os Lannister roubaram o trono. Vá a Porto Real e olhe para Tommen com os seus próprios olhos, se duvida do que eu digo. Um cego conseguirá vê-lo. O que os oferece Stannis? Vingança. Vingança pelos meus filhos e pelos seus, pelos seus maridos e os seus pais e os seus irmãos. Vingança pelo seu senhor assassinado, pelo seu rei assassinado, pelos seus príncipes massacrados. *Vingança!*

— Sim — tagarelou uma voz de menina, sumida e aguda.

Pertencia à criança meio crescida com as sobrancelhas louras e a longa trança verde.

— Eles mataram o Lorde Eddard e a Senhora Catelyn e o Rei Robb — disse. — Ele era o nosso *reil* Era corajoso e bom e os Frey o *assassinaram*. Se Lorde Stannis quiser vingá-lo, nós devíamos nos unir ao Lorde Stannis.

Manderly puxou-a para mais perto.

— Wylla, de todas as vezes que abre a boca me faz desejar te mandar para as irmãs silenciosas.

— Eu só disse...

— Nós ouvimos o que você disse — disse a outra menina, sua irmã. — Uma tolice de criança. Não fale mal dos nossos amigos Frey. Um deles será em breve o senhor seu esposo.

— Não — declarou a menina, abanando a cabeça. — Não me caso. *Nunca* casarei. Eles mataram *o rei*.

Lorde Wyman corou.

— Vai casar. Quando chegar o dia marcado, irá proferir os seus votos nupciais, caso contrário se juntará às irmãs silenciosas e nunca voltará a falar.

A pobre menina pareceu magoada.

— Avô, por *favor*...

— Cale-se, pequena — disse a Senhora Leona. — Ouviu o senhor seu avô. *Cale-se!* Não sabe nada.

— Sei da promessa — insistiu a menina. — Meistre Theomore, me disse! Mil anos antes da Conquista, foi feita uma promessa e foram prestados juramentos no Covil do Lobo perante os deuses antigos e os novos. Quando gravemente assediados e sem amigos, corridos das nossas casas e com as vidas em perigo, os lobos nos acolheram, nos nutriram e nos protegeram dos nossos inimigos. A cidade foi construída na terra que eles nos deram. Em troca, juramos que seríamos sempre seus homens. Homens dos *Starkl*

O meistre afagou a corrente que tinha em volta do pescoço.

— Foram feitos juramentos solenes aos Stark de Winterfell, sim. Mas Winterfell caiu e a Casa Stark foi extinta.

— Isso é porque eles os *mataram a todosl*

Outro Frey interveio.

— Lorde Wyman, me dá licença?

Wyman Manderly fez-lhe um aceno.

— Rhaegar. Ficamos sempre contentes por ouvir os seus nobres conselhos.

Rhaegar Frey aceitou o elogio com uma licença. Tinha trinta anos, ou perto disso, uns ombros redondos e uma barriga que parecia uma panela, mas estava ricamente vestido com um gibão de suave lã cinzenta de ovelha, debruada de pano de prata. O seu manto era também de pano de prata, forrado de veiro e preso ao colarinho com um broche com a forma das torres gêmeas.

— Senhora Wylla — disse à menina com a trança verde — a lealdade é uma virtude. Espero que seja igualmente leal ao Pequeno Walder quando estiverem unidos pelo matrimônio. Quanto aos Stark, essa Casa está extinta apenas na linhagem masculina. Os filhos de Lorde Eddard estão mortos, mas as filhas sobrevivem, e a menina mais nova vem para norte a fim de se casar com o bravo Ramsay Bolton.

— Ramsay *Snow* — atirou Wylla Manderly em resposta.

— Seja como quiser. Qualquer que seja o nome, ele em breve estará casado com Arya Stark. Se quer permanecer fiel à sua promessa, entregue a *ele* a sua lealdade, pois será ele o seu Senhor de Winterfell.

— Ele não será nunca *meu* senhor! Obrigou a Senhora Hornvvood a casar com ele, e depois trancou-a numa masmorra e obrigou-a a comer os próprios *dedos.*

Um murmúrio de assentimento percorreu a Corte do Tritão.

— A donzela fala verdade — declarou um homem entroncado vestido de branco e púrpura, cujo manto estava preso com um par de chaves cruzadas de bronze. — Roose Bolton é frio e astucioso, sim, mas um homem consegue lidar com Roose. Todos conhecemos pior. Mas este seu filho bastardo... dizem que é louco e cruel, um monstro.

— *Dizem*? — Rhaegar Frey ostentava uma barba sedosa e um sorriso sardônico. — Os *inimigos* dele dizem, sim... mas quem era o monstro era o Jovem Lobo. Mais animal do que rapaz, empolado de orgulho e sede de sangue. E era indigno de confiança, como o senhor meu pai aprendeu para sua mágoa. — Abriu as mãos. — Não censuro Porto Branco por apoiá-lo. O meu avô comeseu o mesmo grave erro. Em todas as batalhas do Jovem Lobo, Porto Branco e as Gêmeas combateram lado a lado sob os seus estandartes. Robb Stark nos traiu a todos. Abandonou o norte à cruel mercê dos homens de ferro, para conquistar para si um reino mais agradável ao longo do Tridente. Depois abandonou os senhores do rio que tinham arriscado tanto por ele, quebrando o pacto de casamento com o meu avô para se casar com a primeira mulher do ocidente que lhe chamou a atenção. O Jovem Lobo? Era um cão vil, e assim morreu.

A Corte do Tritão tinha se silenciado. Davos conseguia sentir o gelo no ar. Lorde Wyman estava olhando para Rhaegar como se este fosse uma barata precisando de um pisão duro... mas depois, abruptamente, fez um solene aceno que lhe pôs os queixos a oscilar.

— Um cão, sim. Só nos trouxe desgosto e morte. Um cão vil, de fato. Prossiga.

Rhaegar Frey prosseguiu.

— Desgosto e morte, sim... e este cavaleiro da cebola te traz mais com a sua conversa de vingança. Abra os olhos, como o senhor meu avô fez. A Guerra dos Cinco Reis está praticamente acabada. Tommen é o nosso rei, o nosso *único* rei. Temos que o ajudar a ligar os ferimentos desta triste guerra. Como filho legítimo de Robert, o herdeiro do veado e do leão, o Trono de Ferro é legitimamente seu.

— Sábias e verdadeiras palavras — disse o Lorde Wyman Manderly.

— Não *foram*. — Wylla Manderly baseu com o pé no chão.

— Cale-se, criança maldita — repreendeu a Senhora Leona. — As menininhas deviam ser um ornamento para o olho, não uma dor para o ouvido. — Pegou na menina pela trança, e levou-a aos guinchos do salão. *Ali vai a minha única amiga neste salão*, pensou Davos.

— Wylla sempre foi uma criança obstinada — disse a irmã, em jeito de pedido de desculpa. — Temo que dê uma esposa obstinada.

Rhaegar encolheu os ombros.

— Não duvido que o casamento a suavizará. Uma mão firme e uma palavra calma.

— Caso contrário, há as irmãs silenciosas. — O Lorde Wyman mexeu-se no cadeirão. — E quanto a você, cavaleiro das cebolas, já ouvi suficientes palavras traiçoeiras por um dia. Quer que eu ponha em risco a minha cidade por um falso rei e por um falso deus. Quer que sacrifique o meu único filho sobrevivente para que Stannis Baratheon possa plantar o seu enrugado traseiro num trono a que não tem qualquer direito. Não o farei. Nem por você, nem pelo seu senhor, nem por homem algum. — O Senhor de Porto Branco pôs-se em pé. O esforço trouxe um rubor vermelho ao seu pescoço. — Continuou a ser um contrabandista, sor, e veio roubar o meu ouro e o meu sangue. Quer cortar a cabeça do meu filho. Acho que em vez disso vou cortar a sua. *Guardas!* Prendam este homem!

Antes de Davos ter até tempo para pensar mover-se, estava rodeado de tridentes prateados.

— Senhor — disse — sou um emissário.

— É? Entrou dissimuladamente na minha cidade como um contrabandista. Eu digo que não é senhor algum, nem cavaleiro, nem emissário, só um ladrão e um espião, um traficante de mentiras e traições. Devia arrancar sua língua com tenazes em brasa e te entregar ao Forte do Pavor para ser esfolado. Mas a Mãe é misericordiosa, e eu também o sou. — Chamou Sor Marlon com um gesto. — Primo, leve esta criatura para o Covil do Lobo e corte-lhe a cabeça e as mãos. Quero que me sejam trazidas antes do jantar. Não conseguirei comer nem uma dentada até ver a cabeça deste contrabandista num espigão, com uma cebola enfiada entre os seus dentes mentirosos.

FEDOR

Deram-lhe um cavalo e um estandarte, um gibão de lã suave e um manto quente de peles, e soltaram-no. Por uma vez, não fedia.

— Regresse ao castelo — disse Damon-Dança-Para-Mim quando ajudou Fedor a subir, trêmulo, para cima da sela — ou continue em frente e vê se chega muito longe antes de a gente te apanhar. Ele gostaria disso, gostaria mesmo. — Sorrindo, Damon deu uma chicotada na garupa do cavalo, e o velho capado relinchou e pôs-se em movimento.

Fedor não se atreveu a olhar para trás, por temer que Damon, Pica Amarela, Grunhido e os outros viessem atrás dele, que tudo aquilo fosse só mais uma das brincadeiras de Lorde Ramsay, um teste cruel para ver o que ele faria se lhe dessem um cavalo e o libertassem. *Acharão que eu vou fugir?* O castrado que lhe tinham dado era uma coisa miserável, de pernas tortas e meio morto de fome; nunca poderia ter esperança de ganhar distância dos belos cavalos que Lorde Ramsay e os seus caçadores montariam. E não havia nada de que Ramsay mais gostasse do que de pôr as suas mulheres ladrando no rastro de uma presa fresca.

Além disso, para onde fugiria? Atrás dele ficavam os acampamentos, repletos de homens do Forte do Pavor e daqueles que os Ryswell tinham trazido dos Regatos, com a hoste de Vila Acidentada no meio. Ao sul do Fosso Cailin, outro exército subia a rampa, um exército dos Bolton e dos Frey marchando sob os estandartes do Forte do Pavor. Ao leste da estrada ficava uma costa lúgubre e estéril e um mar frio e salgado, a oeste os pântanos do Gargalo, infestados de serpentes, lagartos-leões e demônios dos pântanos com as suas setas envenenadas.

Não fugiria. Não podia fugir.

Entregarei o castelo. Entregarei. Tenho de entregar.

O dia estava cinzento, úmido e brumoso. O vento soprava de sul, úmido como um beijo. As ruínas de Fosso Cailin estavam visíveis à distância, salpicadas de farrapos de névoa matinal. O cavalo avançou a passo na direção delas, fazendo com os cascos tenues ruídos aquosos e viscosos quando os libertava da lama verde-acinzentada.

Já tinha passado por aqui. Era um pensamento perigoso, e se arrependeu imediatamente dele.

— Não — disse — não, isso foi outro homem qualquer, isso foi antes de saber o seu nome. — O seu nome era Fedor. Tinha que se lembrar disso. *Fedor, Fedor, rima com ardor.*

Quando esse outro homem passou por ali, um exército seguiu logo atrás dele, a grande hoste do norte que partia para a guerra sob os estandartes cinzentos e brancos da Casa Stark. Fedor seguia sozinho, agarrado a uma bandeira de paz num mastro de pinho. Quando esse outro homem passou por ali, estava montado num corcel, rápido e fogoso. Fedor montava um castrado em mau estado, todo pele, osso e costelas, e montava-o lentamente com medo de cair. O outro homem foi um bom cavaleiro, mas Fedor estava inquieto sobre o dorso de um cavalo. Passou-se tanto tempo. Ele não era cavaleiro nenhum. Nem sequer era um homem. Era a criatura de Lorde Ramsay, menos que um cão, um verme em pele humana.

— Vai fingir ser um príncipe — disse Lorde Ramsay na noite anterior, enquanto Fedor mergulhava numa banheira de água escaldando — mas nós sabemos a verdade. É Fedor. Será sempre Fedor, por melhor que cheire. O seu nariz pode mentir. Lembre-se do seu nome. Lembre-se de quem é.

— Fedor — disse. — O seu Fedor.

— Faça esta pequena coisa e pode ser o meu cão e comer carne todos os dias — promeseu Lorde Ramsay — Será tentado a me trair. A fugir, a lutar ou a se juntar aos nossos inimigos. Não, cale-se, não quero ouvir você negar agora. Minta para mim, e eu corto sua língua. Um homem *iria* virar-se contra mim no seu lugar, mas nós sabemos o que você é, não sabemos? Traia-me se quiser, não importa... mas conta primeiro os dedos e fica ciente do preço a pagar.

Fedor conhecia o preço a pagar. *Sete*, pensou, *sete dedos. Um homem pode se arranjar com sete dedos. Sete é um número sagrado.* Lembrava-se do quanto doeu quando Lorde Ramsay ordenou ao Esfolador para lhe desnudar o dedo anelar.

O ar estava úmido e pesado e poças de água pouco profundas salpicavam o terreno. Fedor escolheu o seu caminho com cuidado por entre elas, seguindo os restos da estrada de troncos e tábuas que a vanguarda de Robb Stark assentou no terreno mole a fim de tornar mais rápida a passagem da sua hoste. Onde, em tempos, se ergueu uma poderosa muralha exterior, só restavam pedras espalhadas, blocos de basalto negro tão grandes que deviam ter sido necessários cem homens para içá-los para o lugar. Alguns tinham se afundado de tal maneira no pântano que só se via um canto; outros estavam espalhados por ali como os

brinquedos abandonados de um deus qualquer, rachados e se desfazendo, manchados de líquens. A chuva da noite anterior deixarou as enormes pedras úmidas e reluzindo, e o sol da manhã fazia com que parecessem estar revestidas de um óleo fino e negro.

Mais adiante erguiam-se as torres.

A Torre do Bêbado inclinava-se como se estivesse prestes a ruir, como fazia há meio milhar de anos. A Torre dos Filhos projetava-se para o céu à direita como uma lança, mas o seu topo estilhaçado estava aberto ao vento e à chuva. A Torre do Portão, atarracada e larga, era a maior das três, escorregadia de musgo, com uma árvore nodosa crescendo de lado nas pedras do seu lado norte, com fragmentos de muralha quebrada ainda erguendo-se a leste e a oeste. *Os Karstark ocuparam a Torre do Bêbado e os Umber a Torre dos Filhos*, recordou. *Robb exigiu a Torre do Portão para os seus.*

Se fechasse os olhos, podia ver os estandartes no seu olho da mente, esvoaçando corajosamente num vento fresco do norte. *Agora desapareceram todos, caíram todos. O* vento na sua cara soprava do sul, e os únicos estandartes que voavam sobre os restos de Fosso Cailin mostravam uma lula gigante dourada em campo negro.

Estava sendo observado. Conseguia sentir os olhos. Quando olhou para cima, obteve um vislumbre de caras pálidas espreitando de trás das ameias da Torre do Portão e por entre as pedras quebradas que coroavam a Torre dos Filhos, onde a lenda afirmava que os filhos da floresta tinham em tempos chamado o martelo das águas para quebrar as terras de Westeros em duas.

A única estrada seca que atravessava o Gargalo era o talude, e as torres de Fosso Cailin fechavam a sua extremidade norte como uma rolha numa garrafa. A estrada era estreita, e as ruínas estavam posicionadas de tal modo que qualquer inimigo que viesse do sul tinha que passar por baixo e entre elas. Para assaltar qualquer uma das três torres, um atacante tinha de expor a retaguarda a setas vindas das outras duas, enquanto trepava úmidas paredes de pedra engrinaldadas com flâmulas de viscosa e branca pele de fantasma. O terreno pantanoso fora do talude era impossível de atravessar, um atoleiro infinito cheio de remansos, areias movediças e reluzentes relvados verdes que pareciam sólidos ao olho descuidado, mas se transformavam em água no instante em que eram pisados, tudo isso infestado de serpentes e flores venenosas e monstruosos lagartos-leões cujos dentes eram como punhais. Igualmente perigosa era a sua gente, raramente vista, mas sempre à espreita, os habitantes dos pântanos, os comedores de rãs, os

homens da lama. Fenn e Reed, Peat e Boggs, Cray e Quagg, Greengood e Blackmyre, eram estes os tipos de nomes que davam a si próprios. Os nascidos no ferro chamavam a todos demônios dos pântanos.

Fedor passou pela carcaça apodrecida de um cavalo, cujo pescoço se projetava uma seta. Uma longa serpente branca deslizou de dentro da sua órbita vazia quando o homem se aproximou. Viu o cavaleiro por trás do cavalo, ou o que dele restava. Os corvos tinham arrancado a carne da cara do homem, e um cão selvagem se enfiou sob a cota de malha para chegar às entranhas. Mais adiante, outro cadáver afundou-se tanto na lama que só se via a cara e os dedos.

Mais perto das torres, cadáveres juncavam o chão por todos os lados. Flores-de-sangue tinham brotado dos ferimentos abertos, pálidas flores com pétalas rechonchudas e úmidas como os lábios de uma mulher.

A guarnição nunca me reconhecerá. Alguns podiam lembrar-se do rapaz que ele foi antes de aprender o seu nome, mas Fedor seria um estranho para eles. Passou-se muito tempo desde a última vez que olhou para um espelho, mas sabia quão velho devia parecer. O cabelo tornou-se branco; a maior parte caiu, e o que restava era rígido e seco como palha. As masmorras o tinham deixado fraco como uma velha e tão magro que um vento forte podia derrubá-lo.

E as mãos... Ramsay dera-lhe luvas, boas luvas de couro negro, suaves e flexíveis, recheadas de lã para esconder os dedos que tinha faltando, mas se alguém olhasse com atenção veria que três dos seus dedos não se dobravam.

— *Mais perto não!* — ressoou uma voz. — O que quer?

— Conversar. Esporeou o castrado em frente, agitando a bandeira de paz para que não deixassem de vê-la. — Venho desarmado.

Não houve resposta. Sabia que dentro das paredes os homens de ferro estavam discutindo se deveriam deixá-lo entrar ou encher-lhe o peito de setas. *Não importa.* Uma morte rápida ali seria cem vezes melhor do que regressar ao Lorde Ramsay como um fracassado.

Então as portas se escancararam.

— *Depressa.* — Fedor estava virando-se para o som quando a seta chegou. Veio de algum lugar à sua direita, onde bocados quebrados da muralha exterior jaziam meio submersos no pântano. A haste rasgou as dobras da sua bandeira e ficou pendurada, com a ponta a meros trinta centímetros da sua cara. Aquilo o sobressaltou tanto que deixou cair a bandeira de paz e tombou da sela.

— Para dentro — gritou a voz —corra, idiota, corra!

Fedor trepou os degraus sobre as mãos e os joelhos enquanto outra seta flutuava por cima da sua cabeça. Alguém o agarrou e o arrastou para dentro, e ouviu a porta fechar-se com estrondo atrás de si. Foi posto em pé e empurrado contra uma parede. Depois surgiu uma faca junto à sua garganta e uma cara barbuda apareceu tão perto da sua que conseguiria contar os pelos que o homem tinha no nariz.

— Quem é você? O que veio fazer aqui? Agora corra, senão faço a você o mesmo que fiz a ele. — O guarda dirigiu a cabeça para um corpo que apodrecia no chão ao lado da porta, com a pele verde e repleta de vermes.

— Sou nascido no ferro — respondeu Fedor, mentindo. O rapaz que foi antes foi nascido no ferro, é certo, mas Fedor veio ao mundo *nas* masmorras do Forte do Pavor. — Olha para a minha cara. Sou filho do Lorde Balon. O seu príncipe. — Teria dito o nome mas, sem que soubesse porquê, as palavras prenderam-se na garganta. *Fedor, sou Fedor, rima com rancor.* Mas tinha que esquecer aquilo por um tempo. Nunca nenhum homem se renderia a uma criatura como Fedor, por mais desesperada que fosse a situação em que se encontrasse. Tinha que fingir que era de novo um príncipe.

O captor fitou sua cara, semicerrando os olhos, com a boca torcida de suspeita. Os seus dentes eram castanhos e o hálito fedia a cerveja e a cebola.

— Os filhos do Lorde Balon foram mortos.

— Os meus irmãos sim. Eu não. O Lorde Ramsay tomou-me cativo depois de Winterfell. Enviou-me para parlamentar com você. É você que comanda aqui?

— Eu? — o homem baixou a faca e deu um passo para trás, quase tropeçando no cadáver. — Eu não, senhor. — A sua cota de malha estava enferrujada, os couros apodreciam. Nas costas de uma mão, uma ferida aberta sangrava. — Quem tem o comando *é* Raif Kenning. Foi o capitão que disse. Eu estou à porta, nada mais.

— E quem é este? — Fedor deu um pontapé no cadáver.

O guarda fitou o morto como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Ele... ele bebeu a água. Tive que lhe cortar a goela para parar com os gritos que ele dava. Barriga má. Não se pode beber a água. É por isso que temos a cerveja. — O guarda esfregou a cara, os olhos vermelhos e inflamados. — Costumávamos arrastar os mortos para as caves. Estão todas inundadas lá em baixo. Agora ninguém quer ter esse trabalho, portanto, limitamo-nos a deixá-los onde caem.

— A cave é um lugar melhor para eles. Dá água a eles. Ao Deus Afogado.

O homem riu.

— Não há deuses lá em baixo, senhor. Só ratazanas e cobras de água. Coisas brancas, tão grossas como uma perna. Às vezes deslizam pelas escadas acima e nos mordem enquanto dormimos.

Fedor lembrou-se das masmorras sob o Forte do Pavor, da ratazana contorcendo-se entre os seus dentes, do sabor do sangue quente nos lábios. *Se falhar; Ramsay me mandará de volta a isso, mas primeiro arranca a pele de outro dedo.*

— Quanto da guarnição resta?

— Alguma — disse o homem de ferro. — Não sei. Menos do que éramos antes. Também há alguns na Torre do Bêbado, parece. Na Torre dos Filhos não. Dagon Codd foi lá há dias. Só dois homens estavam vivos, disse ele, e estavam comendo os mortos. Matou os dois, se dá para acreditar.

Fosso Cailin já caiu, percebeu então Fedor, *só que ninguém achou por bem dizer-lhes.* Esfregou a boca para esconder os dentes partidos e disse:

— Preciso falar com o seu comandante.

— Kenning? — o guarda pareceu confundido. — Ele não tem tido muito pra dizer nestes dias. Está morrendo. Pode ser que já esteja morto. Não o vejo desde que... não me lembro quando...

— Onde está ele? Me leve lá.

— Quem guarda a porta nesse caso?

— Ele. — Fedor deu um pontapé no cadáver.

Aquilo fez o homem rir.

— Sim. Porque não? Então vem comigo. — Tirou um archote de uma arandela e sacudiu-o até arder brilhante e quente. — Por aqui. — O guarda levou-o através de uma porta e por uma escada em espiral acima, com a luz do archote cintilando em paredes de pedra preta enquanto subiam.

O aposento no topo da escada estava escuro, cheio de fumo e opressivamente quente. Uma pele esfarrapada foi pendurada à frente da janela estreita para manter a umidade lá fora, e um bloco de turfa ardia em uma luz branda num braseiro. O cheiro no quarto era mau, um misto de bolor, mijo e dejetos, a fumo e doença. Esteiras sujas cobriam o chão, enquanto uma pilha de palha no canto passava por uma cama.

Raif Kenning estava tremendo sob uma montanha de peles. As suas armas estavam empilhadas ao seu lado; espada e machado, Camisa de cota de malha, elmo de guerra de ferro. O escudo ostentava a mão nebulosa do deus da tempestade, com o relâmpago estalando dos seus dedos até um mar furioso, mas a tinta estava descolorada e caindo, e a madeira, por baixo, começava a apodrecer.

Raif também estava apodrecendo. Por baixo das peles estava nu e febril, com a carne pálida e entumecida coberta de feridas sanguinolentas e de escaras. A sua cabeça estava deformada, com uma bochecha grotescamente inchada e o pescoço de tal forma congestionado com sangue que ameaçava engolir a cara. O braço do mesmo lado estava grande como um tronco de árvore e repleto de vermes brancos. Ajuizando pelo aspeto, ninguém o banhava nem barbeava há muitos dias. Um olho chorava pus, e tinha a barba colada por vômito seco.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Fedor.

— Estava nas ameias e um demônio dos pântanos qualquer disparou uma seta contra ele. Foi só um ferimento de raspão, mas... eles envenenam as hastes, passam merda e coisas piores nas pontas. Despejamos vinho fervendo na ferida, mas não serviu de nada.

Não posso parlamentar com esta coisa.

— Mate-o — disse Fedor ao guarda. — O juízo dele se foi. Está cheio de sangue e vermes.

O homem olhou-o de boca aberta.

— O capitão o colocou no comando.

— Você mataria um cavalo moribundo.

— Que cavalo? Nunca tive cavalo nenhum.

Eu tive. A recordação regressou de repente. Os gritos de Sorridente tinham parecido quase humanos. Com a crina incendiada, empinou-se nas patas traseiras, cego de dor, escoiceando. *Não, não. Não era meu, ele não era meu, Fedor nunca teve nenhum cavalo.*

— Eu o mato por você. — Fedor tirou a espada de Raif Kenning de onde ela estava, encostada ao escudo dele. Ainda tinha dedos suficientes para pegar no cabo. Quando encostou o gume da espada à garganta inchada da criatura na palha, a pele abriu-se num jorro de sangue negro e pus amarelo. Kenning contorceu-se violentamente e depois ficou imóvel. Um fedor horrível encheu a sala. Fedor precipitou-se para a escada. O ar estava úmido e frio, mas muito mais

limpo em comparação. O homem de ferro saiu aos tropeções da sala atrás dele, pálido e lutando para não vomitar. Fedor agarrou-lhe num braço. — Quem se seguia a ele na hierarquia? Onde está o resto dos homens?

— Lá em cima nas ameias, ou no salão. Dormindo, bebendo. Eu te levo lá se quiser.

— Leve já. — Ramsay só lhe deu um dia.

O salão era de pedra escura, de teto alto e cheio de correntes de ar, estava repleto de fumo e tinha as paredes de pedra enodoadas com enormes manchas de líquens de cor clara. Um fogo de turfa ardia com pouca intensidade numa lareira enegrecida por fogos mais quentes de anos anteriores. Uma enorme mesa de pedra cinzelada enchia o aposento, como fazia há séculos. *Foi ali que me sentei, da última vez que estive aqui,* recordou. *Robb estava na cabeceira da mesa, com Grande-Jon à direita e Roose Bolton à esquerda. Os Glover sentavam-se ao lado de Heiman Tallhart. O Karstark e os filhos estavam na frente deles.*

Duas dúzias de nascidos no ferro estavam bebendo à mesa. Alguns olharam-no com olhos mortiços e sem vida quando ele entrou. O resto o ignorou. Todos eles lhe eram estranhos. Vários usavam mantos presos por broches com a forma de bacalhaus prateados. Os Codd não eram bem vistos nas Ilhas de Ferro; dizia-se que os homens eram ladrões e covardes, e as mulheres libertinas que dormiam com os próprios pais e irmãos. Não o surpreendeu que o tio tivesse decidido deixar aqueles homens para trás quando a Frota de Ferro foi para casa. *Isto tornará a minha tarefa muito mais fácil.*

— Raif Kenning está morto — disse. — Quem comanda aqui?

Os bebedores olharam-no sem expressão. Um riu. Outro cuspiu. Por fim, um dos Codd disse:

— Quem pergunta?

— O filho de Lorde Balon. — *Fedor, o meu nome é Fedor, rima com licor.* — Estou aqui às ordens de Ramsay Bolton, Senhor de Boscorno e herdeiro do Forte do Pavor, o qual me capturou em Winterfell. A sua hoste está a norte de vocês, a do pai a sul, mas Lorde Ramsay está preparado para ser misericordioso se lhe entregar Fosso Cailin antes do pôr do sol. — Puxou a carta que lhe tinham dado e atirou-a para cima da mesa, a frente dos bebedores.

Um deles pegou e virou-a nas mãos, raspando com a unha na cera cor de rosa que a selava. Passado um momento, disse:

— Pergaminho. Para que serve isso? Nós precisamos é de queijo e de carne.

— De aço, você quer dizer — disse o homem que estava a seu lado, um homem grisalho cujo braço esquerdo terminava num toco. — De espadas. De machados. Sim, e de arcos, mais uma centena de arcos, e de homens para disparar as setas.

— Homens de ferro não se rendem — disse uma terceira voz.

— Diz isso ao meu pai. Lorde Balon dobrou o joelho, quando Robert lhe quebrou a muralha. Caso contrário teria morrido. Tal como vocês morrerão se não se renderem. — Indicou o pergaminho com um gesto. — Quebre o selo. Leiam as palavras. Isso é um salvo-conduto, escrito pela mão do próprio Lorde Ramsay. Entreguem as espadas e venham comigo, que sua senhoria os alimentará e os dará licença para marchar sem serem molestados até à Costa Pedregosa e arranjar um navio que os leve para casa. Caso contrário morrerão.

— Isso é uma ameaça? — um dos Codd pôs-se em pé. Um homem grande, mas de olhos esbugalhados e boca larga, com uma pele morta e branca. O aspeto dele era como se o pai o tivesse concebido com um peixe, mas apesar disso usava uma espada longa. — Dagon Codd não se rende a nenhum homem.

Não, por favor, tem de me dar ouvidos. A ideia do que Ramsay lhe faria se se arrastasse de volta ao acampamento sem a rendição da guarnição foi quase suficiente para fazê-lo mijar-se nas calças. *Fedor, Fedor, rima com pavor*.

— A sua resposta é essa? — as palavras ressoaram debilmente nos seus ouvidos. — Este bacalhau fala por todos vocês?

O guarda que o tinha recebido à porta parecia menos certo.

— Victarion ordenou-nos que resistíssemos, é verdade. Ouvi-o com os meus ouvidos. *Resiste aqui até que eu volte*, disse ele a Kenning.

— Sim — disse o maneta. — Foi isso que ele disse. A assembleia de homens livres chamou, mas ele jurou que ia voltar, com uma coroa de madeira trazida pelo mar na cabeça e mil homens atrás de si.

— O meu tio nunca regressará — disse Fedor. — A assembleia de homens livres coroou o irmão Euron, e o Olho de Corvo tem outras guerras a travar. Julga que o meu tio os dá valor? Não dá. Vocês são aqueles que deixou para trás para morrer. Os sacudiu da mesma forma que sacode lama das botas quando vem a terra.

Aquelas palavras atingiram o alvo. Viu nos olhos deles, no modo como olharam uns para os outros ou franziram as sobrancelhas por cima dos seus

copos. *Todos temiam terem sido abandonados, mas precisaram de mim para transformar o medo em certeza.* Aqueles não eram familiares de capitães famosos, nem pertenciam ao sangue das grandes Casas das Ilhas de Ferro. Aqueles eram os filhos de servos e de esposas de sal.

— Se nos rendermos, podemos ir embora? — disse o maneta. — É isso que diz nisto que está aqui escrito? — Empurrou o rolo de pergaminho, ainda com o selo de cera intacto.

— Lê com os seus olhos — respondeu, embora tivesse quase a certeza de que nenhum deles sabia ler. — Lorde Ramsay trata os seus cativos de forma honrosa, desde que não tentem engana-lo. — *Ele só me tirou dedos dos pés e das mãos e aquela outra coisa, quando podia ter tirado a língua, ou arrancado a pele das minhas pernas, do calcanhar à coxa.* — Se lhe entregarem as espadas, sobreviverão.

— Mentiroso. — Dagon Codd puxou pela espada. — Você é aquele a quem chamam Vira-casacas. Porque haveríamos de acreditar nas suas promessas?

Ele está bêbado, compreendeu Fedor. *A cerveja está falando.*

— *Acredite no que quiser. Eu trouxe a mensagem de Lorde Ramsay. Agora tenho de voltar para junto dele. Vamos jantar javali e nabos, empurrados para baixo com vinho tinto e forte. Aqueles que vierem comigo serão bem-vindos ao banquete. O resto morrerá antes de se passar um dia. O Senhor do Forte do Pavor vai trazer os seus cavaleiros pelo talude, enquanto o filho fará cair os seus homens sobre vocês a partir do norte. Não será dado qualquer quartel. Aqueles que morrerem combatendo serão os sortudos. Os que sobreviverem serão entregues aos demônios dos pântanos.*

— Basta — *rosnou Dagon Codd.* — *Julga que pode assustar nascidos em ferro com* palavras*? Desapareça. Volte para junto do seu dono, antes que eu te abra a barriga, te puxe as entranhas para fora e te obrigue a comê-las.*

Podia ter dito mais, mas de súbito os olhos se abriram muito. Um machado de arremesso brotou do centro da sua testa com um sólido *tunc.* A espada de Codd caiu dos dedos. Sacudiu-se como um peixe preso num anzol, depois caiu de cabeça em cima da mesa.

Foi o maneta quem arremessou o machado. Quando se pôs em pé tinha outro na mão.

— Quem mais quer morrer? — perguntou aos outros bebedores. — Falem, que eu trato disso. — Finos riachos vermelhos estavam espalhando pela

pedra, vindos do charco de sangue acumulado onde a cabeça de Dagon Codd acabou repousando. — Já eu quero viver, e isso não quer dizer ficar aqui e apodrecer.

Um homem bebeu um trago de cerveja. Outro virou a taça para lavar um dedo de sangue antes que atingisse o lugar onde estava sentado. Ninguém falou. Quando o maneta voltou a enfiar o machado de arremesso no cinto, Fedor soube que venceu. Quase se sentiu de novo um homem. *Lorde Ramsay ficará contente comigo.*

Arriou a bandeira da lula gigante com as próprias mãos, algo atrapalhado por causa dos dedos que lhe faltavam, mas agradecido por aqueles que Lorde Ramsay lhe permitiu conservar. Até que os nascidos no ferro estivessem prontos a partir demorou a maior parte da tarde. Eles eram mais do que teria suposto; quarenta e sete na Torre do Portão, e outros dezoito na Torre do Bêbado. Dois estavam tão perto da morte que não havia esperança, e outros cinco estavam fracos demais para caminhar. Isso ainda dava cinquenta e oito em condições de combater. Embora estivessem tão fracos, teriam levado consigo três vezes o seu número se Lorde Ramsay tivesse assaltado as ruínas. *Ele fez bem em me mandar,* disse Fedor a si próprio enquanto voltava a subir para o castrado a fim de levar a esfarrapada coluna pelo terreno pantanoso até ao local onde os nortenhos estavam acampados.

— Deixem as armas aqui — disse aos prisioneiros. — Espadas, arcos, punhais. Homens armados serão mortos sem contemplações.

Para cobrir a distância precisaram do triplo do tempo que Fedor demorou sozinho. Liteiras toscas tinham sido improvisadas para quatro dos homens que não conseguiam caminhar; o quinto era transportado pelo filho, às costas. Isso tornou o avanço lento, e todos os nascidos no ferro estavam bem conscientes de como estavam expostos, bem ao alcance dos arcos dos demônios dos pântanos e das suas setas envenenadas. *Se eu morrer.morro.* Fedor só rezava para o arqueiro saber o que estava fazendo, para que a morte fosse rápida e limpa. *Uma morte de homem, não o fim que Raif Kenning sofreu.*

O maneta caminhava à cabeça da procissão, coxeando pesadamente. O seu nome, segundo disse, era Adrack Humble, e tinha uma esposa das rochas e três esposas de sal em Grande Wyk.

— Três das quatro tinham grandes barrigas quando zarpamos — gabou-se — e os Humble são propensos a gêmeos. A primeira coisa que eu preciso de

fazer quando voltar é contar os meus novos filhos. Se calhar até vou batizar algum em sua honra, senhor.

Sim, chame ele de Fedor, pensou, e quando se portar mal pode cortar os dedos dos pés e dar ratazanas para comer. Virou a cabeça e cuspiu, e perguntou a si próprio se o sortudo não teria sido Raif Kenning.

Uma chuva ligeira começou a cair do céu cinzento de ardósia quando o acampamento do Lorde Ramsay apareceu na frente deles. Uma sentinela os viu passar em silêncio. O ar estava cheio de fumo proveniente das fogueiras para cozinhar que se afogavam em chuva. Uma coluna de cavaleiros pôs-se às voltas atrás deles, liderada por um fidalgo com uma cabeça de cavalo no escudo. *Um dos filhos do Lorde Ryswell*, soube Fedor. *Roger, ou talvez Rickard.* Não conseguia distinguir aqueles dois.

— São todos? — perguntou o cavaleiro de cima de um garanhão cor de avelã.

— Todos os que não estavam mortos, senhor.

— Julgava que eram mais. Caímos sobre eles três vezes e por três vezes nos repeliram.

Somos nascidos no ferro, pensou, com um súbito clarão de orgulho, e durante meio segundo voltou a ser um príncipe, o filho do Lorde Balon, do sangue de Pyke. Mas até pensar era perigoso. Tinha de se lembrar do seu nome. *Fedor, o meu nome é Fedor, rima com calor.*

Estavam junto ao acampamento quando os latidos de uma matilha de cães anunciaram a aproximação de Lorde Ramsay. O Terror-das-Rameiras estava com ele, bem como meia dúzia dos seus favoritos, Esfolador, Alyn Azedo e Damon-Dança-Para-Mim, e também os Walder, Grande e Pequeno. Os cães agruparam-se à volta deles, mordendo e rosnando aos estranhos. *As mulheress do Bastardo*, pensou Fedor antes de se lembrar que uma pessoa não podia nunca, nunca, *nunca* usar aquela palavra na presença de Ramsay.

Fedor saltou da sela e caiu sobre um joelho.

— Senhor, Fosso Cailin é seu. Aqui estão os seus últimos defensores.

— Tão poucos. Tinha esperado que fossem mais. Foram uns inimigos tão teimosos. — Os olhos claros de Lorde Ramsay brilharam. — Devem estar esfomeados. Damon, Alyn, tratem deles. Vinho e cerveja, e toda a comida que consigam comer. Esfolador, mostra os seus feridos aos nossos meistres.

— Sim, senhor.

Alguns dos nascidos no ferro resmungaram agradecimentos antes de arrastarem os pés na direção das fogueiras no centro do acampamento. Um dos Codd até tentou beijar o anel do Lorde Ramsay, mas os cães afastaram-no antes de conseguir se aproximar, e Alison cortou-lhe um bocado da orelha. Mesmo enquanto o sangue escorria pelo pescoço abaixo, o homem bandeou a cabeça e fez reverências, elogiando a misericórdia de sua senhoria.

Depois dos últimos deles irem embora, Ramsay Bolton virou o sorriso para Fedor. Agarrou-o pela nuca, puxou-lhe a cara para junto da sua, beijou-o na bochecha e sussurrou:

— O meu velho amigo Fedor. Confundiram-lhe mesmo com o príncipe deles? Que grandes idiotas, aqueles homens de ferro. Os deuses estão rindo.

— Eles só querem ir para casa, senhor.

— E o que é que você quer, meu querido Fedor? — murmurou Ramsay, com a suavidade de um amante. O seu hálito cheirava a vinho com especiarias e a cravinho, tão doce. — Um serviço tão valente merece uma recompensa. Não posso te devolver os dedos, mas certamente haverá alguma coisa que queira de mim. Deverei te libertar? Desligar-te do meu serviço? Quer ir com eles, regressar às suas ilhas desoladas no frio mar cinzento, voltar a ser um príncipe? Ou prefere continuar a ser o meu leal criado?

Uma faca fria arranhou-o pela espinha abaixo. *Tenha cuidado*, disse a si próprio, *tem muito, muito cuidado*. Não gostava do sorriso de sua senhoria, do modo como os seus olhos brilhavam, do cuspe que cintilava aos cantos da sua boca. Já antes vira aqueles sinais. *Não é príncipe nenhum. É Fedor, só Fedor, rima com fervor. Dê a resposta que ele quer*.

— Senhor — disse — o meu lugar é aqui, com você. Sou o seu Fedor. Só quero te servir. Tudo o que peço... um odre de vinho, isso pode ser recompensa suficiente para mim... vinho tinto, do mais forte que tiver, todo o vinho que um homem puder beber...

Lorde Ramsay riu.— Você não é um homem, Fedor. É só a minha criatura. Mas vai ter o seu vinho. Walder, trate disso. E não tema, não lhe vou devolver às masmorras, tem a minha palavra de Bolton. Em vez disso, vamos fazer de você um cão. Carne todos os dias, e até vou deixar lhe dentes suficientes para comer. Pode dormir junto das minhas mulheres. Ben, tem uma coleira para ele?

— Vou mandar fazer uma, senhor — disse o velho Ben Ossos.

O velho fez melhor do que isso. Nessa noite, ao lado da coleira, havia também uma manta esfarrapada e meia galinha. Fedor teve de lutar com os cães pela carne, mas foi a melhor refeição que comeu desde Winterfell.

E o vinho... o vinho era escuro e amargo, mas forte. Agachado entre os cães, Fedor bebeu até ficar com a cabeça nadando, vomitou, limpou a boca e bebeu um pouco mais. Depois deitou-se e fechou os olhos. Quando acordou, um cão estava lambendo vomito da barba, e nuvens escuras passavam apressadamente em frente de um crescente de lua. Em algum lugar na noite, homens gritavam. Afastou o cão, virou-se para o outro lado, e voltou a adormecer.

Na manhã seguinte, Lorde Ramsay enviou três cavaleiros pelo talude a fim de levar ao senhor seu pai a notícia de que o caminho estava livre. O homem esfolado da Casa Bolton foi içado por cima da Torre do Portão, de onde Fedor arriou a lula gigante de Pyke. Ao longo da apodrecida estrada de tábuas, estacas de madeira foram profundamente enterradas no solo pantanoso; aí apodreceram os cadáveres, vermelhos e pingando. *Sessenta e três*, sabia, *eles são sessenta e três.* A um faltava meio braço. Outro tinha um pergaminho enfiado entre os dentes, ainda com o selo de cera intacto.

Três dias mais tarde, a vanguarda da hoste de Roose Bolton abriu caminho por entre as ruínas e ao lado das macabras sentinelas; quatrocentos Frey a cavalo vestidos de azul e cinzento, com as pontas das lanças reluzindo sempre que o sol ultrapassava as nuvens. Dois dos filhos do velho Lorde Walder lideravam a vanguarda. Um era forte, com um grande maxilar projetado e braços cobertos de grossos músculos. O outro tinha olhos famintos, muito juntos por cima de um nariz pontiagudo, uma fina barba castanha que não conseguia esconder o queixo fraco que havia por baixo, uma cabeça calva. *Hosteen e Aenys.* Lembrava-se deles antes de saber o seu nome. Hosteen era um touro, lento a se enfurecer, mas implacável depois de irritado, e tinha a reputação de ser o mais feroz combatente entre a prole de Lorde Walder. Aenys era mais velho, mais cruel e mais inteligente; um comandante, não um espadachim. Ambos eram soldados experimentados.

Os nortenhos seguiam logo atrás da vanguarda, com as bandeiras esfarrapadas esvoaçando ao vento. Fedor viu-os passar. A maioria vinha a pé, e eram tão poucos. Lembrava-se da grande hoste que marchou para sul com o Jovem Lobo, sob o lobo gigante de Winterfell. Vinte mil espadas e lanças tinham

partido para a guerra com Robb, ou tão perto disso que não fazia diferença, mas só dois em cada dez estava de volta, e a maioria eram homens do Forte do Pavor.

Onde a aglomeração era maior no centro da coluna seguia um homem revestido de uma armadura de placas cinzentas escuras por cima de uma túnica almofadada e de couro vermelho de sangue. Os seus rondeis estavam trabalhados em forma de cabeças humanas, com bocas abertas que gritavam em agonia. Dos ombros fluía um manto de lã cor-de-rosa com gotículas de sangue bordadas nele. Longas flâmulas de seda vermelha esvoaçavam do topo do elmo fechado. *Nenhum cranogmano matará Roose Bolton com uma seta envenenada*, pensou Fedor logo que o viu. Uma carroça fechada avançava gemendo a seu lado, puxada por seis pesados cavalos de tração e defendida por besteiros, à frente e à retaguarda. Cortinas de veludo azul-escuro ocultavam os ocupantes da carroça dos olhos vigilantes.

Mais atrás vinha a coluna logística; pesados carros carregados com provisões e com o saque obtido na guerra, e carroças abertas repletas de homens feridos e mutilados. E, à retaguarda, mais Freys. Pelo menos mil, talvez mais; arqueiros, lanceiros, camponeses armados com gadanhas e paus aguçados, cavaleiros livres e arqueiros montados, e mais cem cavaleiros para enrijecê-los.

De coleira posta, a ferros e de novo vestido de farrapos, Fedor seguiu com os outros cães atrás de Lorde Ramsay quando sua senhoria avançou a passos largos para cumprimentar o pai. Quando o cavaleiro da armadura escura removeu o elmo, contudo, a cara que estava por baixo não era uma cara que Fedor conhecesse. O sorriso de Ramsay coalhou ao ver aquilo, e a ira relampejou no seu rosto.

— O que é isto, alguma brincadeira?

— Só cautela — sussurrou Roose Bolton ao emergir de trás das cortinas da carroça fechada.

O Senhor do Forte do Pavor não mostrava uma forte semelhança com o filho bastardo. A cara estava escanhoada e tinha uma pele lisa, e era vulgar, não bonita, mas também não propriamente simples. Embora Roose tivesse estado em batalhas, não ostentava cicatrizes. Apesar de já estar bem para lá dos quarenta anos, mantinha-se por enquanto quase sem uma ruga que assinalasse a passagem do tempo. Os seus lábios eram tão finos que quando os apertava pareciam desaparecer por completo. Havia nele uma ausência de idade, uma quietude; na cara de Roose Bolton, a raiva e o júbilo assemelhavam-se muito. Tudo o que ele e Ramsay tinham em comum era os olhos. *Os seus olhos são gelo.* Fedor

perguntou a si próprio se Roose Bolton alguma vez chorara. *Se chora, será que as lágrimas lhe parecem frias na cara?*

Em tempos, um rapaz chamado Theon Greyjoy gostava de provocar Bolton quando se sentavam em conselho com Robb Stark, troçando da sua voz baixa e fazendo gracejos com sanguessugas. *Ele devia ter sido louco. Este não é homem do qual se graceje.* Bastava olhar para Bolton para saber que tinha mais crueldade no mindinho do que todos os Frey juntos.

— Pai. — Lorde Ramsay ajoelhou perante o progenitor.

Lorde Roose estudou-o por um momento.

— Pode levantar. — Virou-se para ajudar duas jovens a descer da carroça.

A primeira era baixa e muito gorda, com uma cara redonda e vermelha e três queixos balançando por baixo de um capuz de zibelina.

— A minha nova esposa — disse Roose Bolton. — Senhora Walda, este é o meu filho ilegítimo. Beije a mãe da sua madrasta, Ramsay. — Ele fez. — E tenho a certeza de que se lembra da Senhora Arya. A sua prometida.

A menina era magra, e mais alta do que se lembrava, mas isso era de se esperar. *As meninas crescem depressa naquela idade.* O seu vestido era de lã cinzenta debruada de cetim branco; por cima trazia um manto de arminho preso com uma cabeça de lobo em prata. Cabelo castanho-escuro caía-lhe até meio das costas. E os olhos...

Aquela não é filha de Lorde Eddard.

Arya tinha os olhos do pai, os olhos cinzentos dos Stark. Uma menina da sua idade podia deixar crescer o cabelo, acrescentar centímetros à altura, assistir ao enchimento do busto, mas não podia mudar a cor dos olhos. *Aquela é a amiguinha da Sansa, a filha do intendente. O nome dela era Jeyne. Jeyne Poole.*

— Lorde Ramsay. — A menina fez uma reverência na frente dele. Aquilo também estava errado. *A verdadeira Arya Stark teria cuspido em sua cara.* — Rezo para ser para você uma boa esposa e te dar filhos fortes que se pareçam com você.

JON

A vela se apagou num charco de cera, mas a luz da manhã brilhava através da janela. Jon voltou a adormecer em cima do trabalho. Livros cobriam a sua mesa, grandes pilhas deles. Foi ele próprio que os trouxe, depois de passar metade da noite perscrutando caves poeirentas à luz de uma lanterna. Sam teve razão, os livros precisavam desesperadamente de ser organizados, registados e arrumados, mas essa não era tarefa para intendentes que não sabiam ler nem escrever. Teriam de esperar pelo regresso de Sam.

Se ele regressar. Jon temia por Sam e pelo Meistre Aemon. Cotter Pyke escreveu de Atalaialeste para relatar que o *Corvo de Tempestade* avistou destroços de uma galé na costa de Skagos. A tripulação do *Corvo de Tempestade* foi incapaz de determinar se o navio quebrado era o *Melro*, um dos mercenários de Stannis Baratheon ou algum navio mercante de passagem. *Quis enviar Goiva e o bebê para local seguro. Terei em vez disso enviado para as sepulturas?*

O jantar da noite anterior congelou junto do seu cotovelo, quase intocado. Edd Doloroso encheu-lhe o trincho quase deitando por fora, para permitir que o infame estufado de três carnes do Hobb Três-Dedos amolecesse o pão duro. O gracejo entre os irmãos dizia que as três carnes eram carneiro, carneiro e carneiro, mas cenoura, cebola e nabo teriam aproximado mais da verdade. Uma película de gordura fria reluzia em cima dos restos do estufado.

Bowen Marsh insistiu com ele para se mudar para os antigos aposentos do Velho Urso na Torre do Rei depois de Stannis tê-los desocupado, mas Jon declinou. Mudar-se para os aposentos do rei podia ser interpretado com muita facilidade como significando que não esperava que o rei regressasse.

Uma estranha apatia instalara-se em Castelo Negro desde que Stannis marchou para o sul, como se tanto o povo livre como os irmãos negros estivessem segurando a respiração, à espera de ver o que aconteceria. Os pátios e a sala de jantar estavam mais frequentemente vazios do que cheios, a Torre do Senhor Comandante era uma casca, a velha sala comum uma pilha de madeira enegrecida e a Torre de Hardin dava a ideia de que a próxima rajada de vento a derrubaria. O único som de vida que Jon conseguia ouvir era o tênue tinir de espadas que vinha do pátio à porta do armeiro. Emmett de Ferro estava gritando com Robin Saltitão para este manter o escudo erguido. *É melhor que todos nós mantenhamos os escudos erguidos.*

Jon se lavou e se vestiu e abandonou o armeiro, parando no pátio lá fora só o tempo suficiente para dizer algumas palavras de encorajamento ao Robin Saltitão e aos outros homens a cargo de Emmett. Declinou a sugestão de Ty de lhe arranjar comitiva, como normalmente. Naquele dia teria suficientes homens à sua volta; se se chegasse a derramar sangue, mais dois pouco importariam. Mas levou Garralonga, e Fantasma seguiu-o de perto.

Quando chegou ao estábulo, Edd Doloroso tinha o palafrém do Senhor Comandante selado, ajaezado e à sua espera. As carroças estavam alinhando-se sob o olho vigilante de Bowen Marsh. O Senhor Intendente percorria a coluna a trote, apontando e se irritando, com as bochechas vermelhas do frio. Quando viu Jon, elas enrubesceram ainda mais.

— Senhor Comandante. Continua decidido a cometer esta...

— ... loucura? — concluiu Jon. — Por favor, diga-me que não se preparava para dizer "loucura", senhor. Sim, continuo. Já falamos sobre isto. Atalaialeste quer mais homens. A Torre Sombria quer mais homens. Guardagris e Marcagelo também, não duvido, e temos mais catorze castelos ainda vazios, longas léguas de Muralha que permanecem sem ser vigiadas nem defendidas.

Marsh projetou os lábios.

— O Senhor Comandante Mormont...

— ... está morto. E não às mãos de selvagens, mas às mãos dos seus próprios Irmãos Ajuramentados, nos quais confiava. Nem você nem eu podemos saber o que ele teria ou não teria feito no meu lugar. — Jon deu meia volta ao cavalo. — Basta de conversas. A caminho.

Edd Doloroso ouviu toda a conversa. Enquanto Bowen Marsh se afastava a trote, fez um aceno na direção das costas dele e disse:

— Romãs. Todas aquelas sementes. Um homem pode morrer engasgado. Eu preferia um nabo. Nunca ouvi dizer que um nabo fizesse algum mal a um homem.

Era em horas como aquela que Jon mais sentia a falta do Meistre Aemon. Clydas cuidava bastante bem dos corvos, mas não tinha um décimo dos conhecimentos ou da experiência de Aemon Targaryen, e possuía ainda menos da sua sabedoria. Bowen era um bom homem à sua maneira, mas o ferimento que sofreu na Ponte dos Crânios endureceu as suas atitudes, e a única canção que cantava agora era o refrão familiar sobre selar os portões. Othell Yarwyck era tão impassível e desprovido de imaginação como taciturno, e os Primeiros Patrulheiros pareciam morrer tão depressa como eram nomeados. *A Patrulha da*

Noite perdeu muitos dos seus melhores homens, refletiu Jon enquanto as carroças começavam a mover-se. *O Velho Urso, Qhorin Meia-Mão, Donal Noye, Jarmen Buckwell, o meu tio...*

Uma neve ligeira começou a cair enquanto a coluna abria caminho para sul ao longo da estrada de rei, com a longa fila de carroças serpenteando por entre campos e ribeiros e colinas arborizadas, com uma dúzia de lanceiros e uma dúzia de arqueiros servindo de escolta. As últimas viagens tinham assistido a alguma lealdade em Vila Toupeira, a alguns empurrões e puxões, a algumas pragas resmungadas, a muitos olhares carrancudos. Bowen Marsh sentiu que era melhor não correr riscos, e por uma vez ele e Jon estavam de acordo.

O Senhor Intendente seguia à frente. Jon avançava alguns metros mais atrás, com Edd Doloroso Tollett a seu lado. Meia milha a sul de Castelo Negro, Edd levou o garrano para perto do de Jon e disse:

— Senhor? Olhe ali para cima. O grande bêbado na colina.

O bêbado era um grande freixo, torcido para o lado por séculos de vento. E agora tinha uma cara. Uma boca solene, um ramo quebrado por nariz, dois olhos profundamente esculpidos no tronco, a olhar para norte ao longo da estrada de rei, na direção do castelo e da Muralha.

Os selvagens afinal sempre trouxeram os seus deuses consigo. Jon não se sentia surpreendido. Os homens não desistiam assim tão facilmente dos seus deuses. Todo aquele cortejo que a Senhora Melisandre orquestrou para lá da Muralha pareceu de súbito tão vazio como uma farsa de saltimbanco.

— Parece-se um pouco contigo, Edd — disse, tentando retirar importância à árvore.

— Sim, senhor. Não tenho folhas crescendo no meu nariz, mas fora isso... A Senhora Melisandre não vai ficar contente.

— Não é provável que veja aquilo. Assegure-se de que ninguém lhe diga nada.

— Mas ela vê coisas naqueles fogos.

— Fumo e brasas.

— E gente ardendo. Eu, provavelmente. Com folhas enfiadas no nariz. Sempre tive medo de ser queimado, mas esperava morrer primeiro.

Jon voltou a olhar para a cara, perguntando a si próprio quem a teria esculpido. Colocou guardas em volta de Vila Toupeira, tanto para manter os seus corvos longe das mulheres selvagens, como para evitar que o povo livre se escapulisse para atacar o sul. Quem quer que tivesse esculpido o freixo tinha

claramente passado despercebido às sentinelas. E se um homem podia passar através do cordão, outros também poderiam fazê-lo. *Podia voltar a duplicar a guarda*, pensou com amargura. *Desperdiçar o dobro dos homens, homens que de outra forma podiam estar percorrendo a Muralha.*

As carroças prosseguiram a sua lenta viagem para sul através de lama gelada e neve soprada pelo vento. Uma milha mais à frente encontraram uma segunda cara, esculpida num castanheiro que crescia ao lado de um regado congelado, num local em que os olhos da cara podiam observar a velha ponte de tábuas que cruzava o ribeiro.

— O dobro dos problemas — anunciou Edd Doloroso.

O castanheiro estava sem folhas e esquelético, mas os seus ramos nus e castanhos não estavam vazios. Num ramo baixo que se estendia por cima do ribeiro empoleirava-se um corvo, acocorado, com as penas eriçadas contra o frio. Quando viu Jon, estendeu as asas negras e soltou um grito. Quando Jon ergueu o punho e assobiou, a grande ave negra voou para ele, gritando:

— Grão, grão, grão.

— Grão para o povo livre — disse-lhe Jon. — Nenhum para ti. — Perguntou a si próprio se ficariam todos reduzidos a comer corvos antes de terminar o inverno que se aproximava.

Jon não duvidava que os irmãos nas carroças também tinham visto aquela cara. Ninguém falou dela, mas a mensagem tinha uma leitura clara para qualquer homem que tivesse olhos. Jon ouviu em tempos Mance Rayder dizer que a maior parte dos ajoelhadores eram ovelhas.

— Ora, um cão pode pastorear um rebanho de ovelhas — disse o Rei-para-lá-da-Muralha — mas o povo livre, bem, alguns são gatos-das-sombras e outros são pedras. Um dos tipos anda por onde lhe apetece e faz os cães em pedaços. O outro não se mexerá de todo até que o pontapeie. — Não era provável que gatos-das-sombras ou pedras desistissem dos deuses que adoraram toda a vida para se vergar perante um que mal conheciam.

Logo ao norte de Vila Toupeira depararam com o terceiro vigia, esculpido no enorme carvalho que assinalava o perímetro da aldeia, com os profundos olhos fitos na estrada de rei. *Aquela não é uma cara amistosa,* refletiu Jon. Era frequente que as caras que os Primeiros Homens e os filhos da floresta tinham esculpido nos represeiros havia uma eternidade mostrassem fisionomias severas ou selvagens, mas o grande carvalho parecia especialmente zangado, como se estivesse prestes a arrancar as raízes da terra e a correr atrás deles,

rugindo. *Os seus ferimentos são tão frescos como os dos homens que o esculpiram.*

Vila Toupeira sempre foi maior do que parecia; a maior parte dela ficava no subsolo, abrigada do frio e da neve. Isso agora era mais verdadeiro do que nunca. O Magnar de Thenn passou a aldeia vazia pelo archote quando a atravessou a caminho do ataque a Castelo Negro, e só restavam acima do chão pilhas de vigas enegrecidas e velhas pedras chamuscadas...

Mas, por baixo da terra gelada, as caves e túneis e profundas adegas ainda resistiam, e foi alí que o povo livre se refugiou, aglomerando-se no escuro como as toupeiras das quais a aldeia obteve o nome.

As carroças pararam em crescente à frente daquilo que fora, em tempos, a forja da aldeia. Ali perto, um enxame de crianças coradas estavam construindo um forte de neve, mas espalharam-se ao ver os irmãos de mantos negros, desaparecendo por um ou outro buraco. Alguns momentos mais tarde, os adultos começaram a vir à superfície. Com eles veio um fedor, o cheiro de corpos não lavados e roupa suja, de dejetos e urina. Jon viu um dos seus homens franzir o nariz e dizer qualquer coisa ao homem que estava ao seu lado. *Algum gracejo sobre o cheiro da liberdade*, calculou. Muitos dos seus irmãos andavam fazendo gracejos sobre o fedor dos selvagens em Vila Toupeira.

Ignorância crassa, pensou Jon. O povo livre não era diferente dos homens da Patrulha da Noite. Alguns eram limpos, outros porcos, mas a maioria era limpa em certas alturas e porca noutras. Aquele fedor era só o cheiro de mil pessoas enfiadas em caves e túneis que tinham sido escavados para abrigar não mais de cem.

Os selvagens já antes tinham executado aquela dança. Sem palavras, formaram em filas atrás das carroças. Havia três mulheres por cada homem, muitas com filhos, coisas pálidas e desmazeladas que se agarravam às suas saias. Jon viu muito poucos bebês de colo. *Os bebês de colo morreram durante a marcha*, compreendeu, *e aqueles que sobreviveram à batalha morreram na paliçada do rei.*

Os combatentes tinham-se saído melhor. Trezentos homens em idade de combater, afirmou Justin Massey em conselho. O Lorde Warwood Fell contou-os. *Também deverá haver esposas de lanças. Cinquenta, sessenta, talvez cheguem mesmo às cem.* Jon sabia que a contagem de Fell incluíra homens que haviam sofrido ferimentos. Viu uma dezena desses homens; homens apoiados em muletas toscas, homens com mangas vazias e mãos em falta, homens com um

olho ou meia cara, um homem sem pernas transportado entre dois amigos. E todos de caras cinzentas e descarnados. *Homens quebrados,* pensou. *As criaturas não são o único tipo de mortos vivos.*

Mas nem todos os combatentes estavam quebrados. Meia dúzia de Thenns com armaduras de escamas de bronze estavam aglomerados em volta de uma escada de cave, observando, carrancudos, e sem fazer qualquer tentativa para se juntarem aos outros. Nas ruínas do antigo ferreiro da aldeia, Jon viu um homem calvo, grande e largo no qual reconheceu Halleck, o irmão de Harma Cabeça de Cão. Mas os porcos de Harma tinham desaparecido. *Comidos, sem dúvida.* Aqueles dois vestidos de pele eram homens de Cornopé, tão selvagens como descarnados, descalços mesmo na neve. *Ainda há lobos entre essas ovelhas.*

Val o lembrou durante a última visita que lhe fez.

— O povo livre e os ajoelhadores são mais parecidos do que diferentes, Jon Snow. Homens são homens e mulheres são mulheres, independentemente do lado da Muralha em que nascemos. Bons homens e maus, heróis e vilões, homens de honra, mentirosos, covardes, brutos... os temos com fartura, tal como vocês.

Ela não se enganava. A dificuldade estava em distingui-los uns dos outros, em separar as ovelhas das cabras.

Os irmãos negros começaram a distribuir comida. Tinham trazido fatias de carne de vaca dura e salgada, bacalhau seco, feijão seco, nabos, cenouras, sacos de farinha grosseira de cevada e fina de trigo, ovos de salmoura, pipas de cebolas e maçãs.

— Pode ficar com uma cebola ou uma maçã — Jon ouviu Hal Peludo dizer a uma mulher — mas não com as duas coisas. Tem de escolher.

A mulher não pareceu compreender.

— Preciso de duas de cada. Uma de cada pa mim, as outras para meu moço. Ele tá doente, mas uma maçã põe-no bom.

Hal abanou a cabeça.

— Ele tem de vir buscar a sua própria maçã. Ou a cebola. As duas não. Tal como você. Vá, é uma maçã ou uma cebola? Despacha-se que há mais pessoas atrás de você.

— Uma maçã — disse ela, e ele deu-lhe uma, uma coisa velha e seca, pequena e enrugada.

— Mexa-se, mulher — gritou um homem três lugares mais atrás. — Tá frio cá fora.

A mulher não prestou atenção ao grito.

— Outra maçã — disse ao Hal Peludo. — Para meu filho. Por favor. Esta é tão pequena.

Hal olhou para Jon. Jon abanou a cabeça. Ficariam sem maçãs bem depressa. Se começassem a dar duas a toda a gente que queria duas, os últimos a chegar ficariam sem nenhuma.

— Saia da frente — disse uma menina atrás da mulher. Depois deu-lhe um empurrão nas costas. A mulher cambaleou, perdeu a maçã e caiu. Os outros alimentos que levava nos braços voaram. Feijões espalharam-se por todo o lado, um nabo rolou para dentro de uma poça de lama, um saco de farinha rasgou-se e derramou o seu precioso conteúdo na neve.

Ergueram-se vozes zangadas, tanto no idioma antigo como no comum. Mais empurrões começaram junto de outra carroça.

— Não, *chega* — rosnou um velho. — Vocês, malditos corvos, estão nos matando de fome. — A mulher que foi derrubada estava esgravatando, de joelhos, tentando recuperar a comida. Jon viu um relâmpago de aço nu a alguns metros de distância. Os seus arqueiros encaixaram setas nas cordas.

Virou-se na sela.

— Rory. Sossegue-os.

Rory levou o grande corno aos lábios e soprou.

AAAAuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.

O tumulto e os empurrões morreram. Cabeças viraram-se. Uma criança desatou a chorar. O corvo de Mormont caminhou do ombro esquerdo de Jon para o direito, balançando a cabeça e resmungando:

— *Snow*$_y$ *snow, snow.*

Jon esperou até os últimos ecos se desvanecerem, após o que esporeou o palafrém, fazendo-o avançar até onde todos o pudessem ver.

— Estamos alimentando-os o melhor possível, com tudo o que podemos ceder. Maçãs, cebolas, nabos, cenouras... estamos todos perante um longo inverno, e as nossas provisões não são inesgotáveis.

— Vocês, os corvos, comem bastante bem. — Halleck avançou aos encontrões.

Por agora.

— Nós defendemos a Muralha. A Muralha protege o reino... e agora protege a vocês. Conhecem o inimigo que enfrentamos. Sabem o que está nos atacando. Alguns de vocês já os enfrentaram. Criaturas e caminhantes brancos,

coisas mortas com olhos azuis e mãos negras. Eu também os vi, combati-os, mandei alguns para o inferno. Eles matam, e depois mandam contra nós os nossos mortos. Os gigantes não foram capazes de lhes resistir, vocês, os Thenn, também não, nem os cães do rio de gelo, nem os comopés, nem o povo livre... e à medida que os dias encurtam e as noites se tornam mais frias, eles tornam-se mais fortes. Deixaram as suas casas e vieram para o sul às centenas e aos milhares... por quê, se não foi para fugir deles? Para estarem em segurança. Bem, é a Muralha que os mantém em segurança. Somos nós *quem os mantém em segurança, nós, os corvos pretos que desprezam.*

— *Em segurança e esfomeados — disse uma mulher atarracada com uma cara queimada pelo vento, uma esposa de lanças, ajuizando pelo aspecto.*

— *Querem mais comida? — perguntou Jon. — A comida é para combatentes. Ajude-nos a defender a Muralha, e comerão tão bem como qualquer corvo.* — Ou tão mal quando a comida escassear.

Caiu um silêncio. Os selvagens trocaram olhares cautelosos.

— *Comer* — resmungou o corvo. — *Grão, grão.*

— Lutar por vocês? — aquela voz tinha um forte sotaque. Sigorn, o jovem Magnar de Thenn, falava o idioma comum não mais que titubeantemente. — Não lutar por vocês. Matar vocês melhor. Matar todos vocês.

O corvo baseu as asas.

— *Matar. matar.*

O pai de Sigorn, o velho Magnar, foi esmagado sob a escada em queda durante o ataque a Castelo Negro. *Eu sentiria o mesmo se alguém me pedisse para fazer causa comum com os Lannister*, disse Jon a si próprio.

— O seu pai tentou matar a todos — fez lembrar a Sigorn. — O Magnar era um homem corajoso, mas falhou. E se tivesse tido sucesso... quem defenderia a Muralha? — afastou os olhos dos Thenn. — As muralhas de Winterfell também eram fortes, mas Winterfell está hoje em ruínas, queimadas e quebradas. Uma muralha só tem a força dos homens que a defendem.

Um velho com um nabo apertado ao peito disse:

— Vocês nos matam, matam-nos de fome e agora quer nos tornar escravos.

Um homem entroncado de cara vermelha gritou o seu acordo.

— Preferia andar nu a usar um desses trapos pretos às costas.

Urna das esposas de lanças riu.

— Nem mesmo a sua mulher te quer ver nu, Rabos.

Uma dúzia de vozes começou a falar ao mesmo tempo. Os Thenn estavam gritando no idioma antigo. Um rapazinho desatou a chorar. Jon Snow esperou até tudo aquilo se aquietar, após o que se virou para Hal Peludo e disse:

— Hal, o que foi que disse a essa mulher?

Hal pareceu confuso.

— Se refere à comida? Uma maçã ou uma cebola? Foi só isso que disse. Eles têm de escolher.

— *Vocês tem de escolher* — repetiu Jon Snow. — Todos vocês. Ninguém está pedindo para prestarem os nossos juramentos, e não me interessa que deuses adoram. Os meus próprios deuses são os antigos, os deuses do norte, mas podem ficar com o deus vermelho, ou os Sete, ou qualquer outro deus que ouça as suas preces. É de lanças que precisamos. De arcos. De olhos ao longo da Muralha. Eu aceito qualquer rapaz com mais de doze anos que saiba como segurar numa lança ou encordoar um arco. Aceito os seus velhos, os seus feridos e os seus aleijados, até aqueles que já não podem combater. Há outras tarefas que podem ser capazes de levar a cabo. Pôr penas em setas, mugir cabras, juntar lenha, limpar os nossos estábulos. .. o trabalho não tem fim. E sim, também aceito as suas mulheres.

Não tenho nenhuma necessidade de donzelas coradas à procura de quem as proteja, mas aceito todas as esposas de lanças que queiram vir.

— E meninas? — perguntou uma menina. Parecia tão nova como Arya pareceu da última vez que Jon a vira.

— Com mais de dezesseis anos.

— Está aceitando rapazes com doze.

Lá em baixo, nos Sete Reinos, rapazes de doze anos eram frequentemente pajens ou escudeiros; muitos tinham passado anos treinando com armas. Meninas de doze anos eram crianças. *Mas estes são selvagens.*

— Como quiserem. Rapazes *e* meninas com mais de doze anos. Mas só aqueles que saibam como obedecer a uma ordem. Isto vale para todos vocês. Eu nunca os pedirei para ajoelhar perante a mim, mas vou colocar capitães acima de vocês, e sargentos que os dirão quando acordar e quando adormecer, onde comer, quando beber, o que vestir, quando puxar pelas espadas e disparar as setas. Os homens da Patrulha da Noite servem para toda a vida. Não os pedirei isso, mas enquanto estiverem na Muralha estarão sob o meu comando. Desobedeçam a uma ordem, e cortarei suas cabeças. Perguntem aos meus irmãos se não o farei. Eles já me viram fazê-lo.

— *Cortar* — gritou o corvo do Velho Urso. — *Cortar; cortar; cortar.*

— A decisão é suas — disse-lhes Jon Snow. — Aqueles que quiserem nos ajudar a defender a Muralha regressarão comigo a Castelo Negro e eu tratarei de armá-los e alimentá-los. Quanto aos outros, recolham os seus nabos e as suas cebolas e gatinhai de volta para dentro dos seus buracos.

A menina foi a primeira a se apresentar.

— Eu posso lutar. A minha mãe era uma esposa de lanças. — Jon fez-lhe um aceno. *Talvez nem sequer tenha doze anos*, pensou, enquanto a menina se esgueirava entre dois velhos, mas não ia rejeitar a sua única recruta.

Um par de adolescentes seguiu-a, rapazes que não teriam mais de catorze anos. Depois, um homem cheio de cicatrizes com um olho em falta.

— Eu tamem os vi, òs mortos. Até os corvos são melhores do que isso. — Uma esposa de lanças alta, um velho de muletas, um rapaz com uma cara de lua e um braço atrofiado, um jovem cujo cabelo ruivo fez lembrar a Jon de Ygritte.

E depois Halleck.

— Não gosto de você, corvo — rosnou — mas tambem nunca gostei mais do Mance do que da minha irmã. Mesmo assim lutamos por ele. Porque não lutar por você?

Foi então que a represa quebrou. Halleck era um notável. *Mance não se enganava.*

— O povo livre não segue nomes, nem animaizinhos de pano cosidos a uma túnica — disse o Rei-para-lá-da-Muralha. — Não dança em troca de moedas, não lhe interessa como se intitula ou o que quer dizer esse cargo ou quem era o seu avô. Segue a força. Segue o homem.

Os primos de Halleck seguiram Halleck, depois um dos porta-estandartes de Harma, depois homens que tinham combatido com ela, depois outros que tinham ouvido histórias sobre o valor daqueles. Grisalhos e rapazes verdes, combatentes no seu apogeu, feridos e mutilados, uma boa dezena de esposas de lanças, até três homens de Cornopé.

Mas nenhum Thenn. O Magnar virou-se e voltou a desaparecer nos túneis, e os seus subordinados vestidos de bronze seguiram-no de perto.

Depois de entregue a última maçã seca, as carroças encheram-se de selvagens e as suas fileiras tinham mais sessenta e três membros do que quando a coluna partiu de Castelo Negro nessa manhã.

— Que irá fazer deles? — perguntou Bowen Marsh a Jon na viagem pela estrada de rei.

— Vou treiná-los, armá-los e separá-los. Enviá-los para onde forem necessários. Atalaialeste, Torre Sombria, Marcagelo, Guardagris. Também tenciono abrir mais três fortes.

O Senhor Intendente deitou um relance para trás.

— Mulheres também? Os nossos irmãos não estão habituados a ter mulheres entre eles, senhor. Os seus votos... vai haver lutas, violações...

— Estas mulheres têm facas e sabem como usá-las.

— E o que acontece da primeira vez que uma destas esposas de lanças cortar a goela a um dos nossos irmãos?

— Teremos perdido um homem — disse Jon — mas acabamos de ganhar sessenta e três. É bom em fazer contas, senhor. Corrija-me se me engano, mas pelas minhas contas ficamos com um lucro de sessenta e dois.

Marsh não se deixou convencer.

— Acrescentou mais sessenta e três bocas, senhor... mas quantas são de combatentes, e por qual dos lados irão combater? Se forem os Outros a aparecer aos portões, o mais certo é resistirem conosco, admito... mas se for Tormund Terror dos Gigantes ou o Chorão a vir bater à porta com três mil assassinos aos uivos, que acontecerá então?

— Então saberemos. Por isso, esperemos que nunca se chegue a esse ponto.

TYRION

Sonhou com o senhor seu pai e com o Senhor Amortalhado. Sonhou que eram uma e a mesma pessoa e, quando o pai o envolveu em braços de pedra e se dobrou para lhe dar o seu beijo cinzento, acordou com a boca seca e com sabor de sangue e o coração aos saltos no peito.

— O nosso anão morto regressou para junto de nós — disse Haldon.

Tyrion abanou a cabeça para limpar as teias de sonho. *As Mágoas. Eu me* perdi nas Mágoas.

— Não estou morto.

— Isso é o que veremos. — O Semimeistre estava em pé por cima dele. — Pato, seja uma boa ave de capoeira e ferve um pouco de caldo aqui para o nosso amiguinho. Ele deve estar esfomeado.

Tyrion viu que estava na *Tímida Donzela*, sob uma manta áspera que cheirava a vinagre. *As Mágoas estão para trás de nós. Foi só um sonho. Sonhei que estava me afogando.*

— Porque é que estou fedendo a vinagre?

— Lemore tem andado lavando-lhe com ele. Há quem diga que isso ajuda a prevenir a escamagris. Sinto-me inclinado a duvidar, mas não fazia mal tentar. Foi Lemore quem forçou a água a sair dos seus pulmões depois de Griff ter lhe puxado para cima. Estava frio como gelo e tinha os lábios azuis. Yandry disse que devíamos atirar-lhe de volta para o rio, mas o rapaz proibiu-o.

O príncipe. A memória voltou-lhe de chofre; o homem de pedra estendendo para ele mãos cinzentas e estaladas, o sangue brotando dos nós dos seus dedos. *Ele era pesado como um pedregulho, puxando-me para baixo.*

— Griff trouxe-me para cima? — *Deve me odiar, caso contrário teria me deixado morrer.* — Quanto tempo passei dormindo? Que lugar é esse?

— Selhorys. — Haldon retirou da manga uma pequena faca. — Toma — disse, atirando-a dissimuladamente a Tyrion.

O anão retraiu-se. A faca aterrou entre os seus pés, e ficou oscilando no convés. Tyrion arrancou-a.

— O que é isto?

— Tira as botas. Pique cada um dos seus dedos, das mãos e dos pés.

— Isso parece... doloroso.

— Espero que seja. Faz o que te digo.

Tyrion descalçou uma das botas e depois a outra, descalçou as meias, olhou os dedos dos pés com os olhos semicerrados. Parecia-lhe que não tinham um aspecto nem melhor nem pior do que era normalmente. Picou cuidadosamente um dos dedos grandes.

— Com mais força — mandou Haldon Semimeistre.

— Quer que eu sangre?

— Se for preciso.

— Assim fico com uma crosta em cada dedo.

— O objetivo desse teste não é contar-lhe os dedos. Quero vê-lo estremecer. Enquanto as picadas doerem, está seguro. É só quando não consegue sentir a lâmina é que tem razão para ter medo.

Escamagris. Tyrion fez uma careta. Picou outro dedo, soltou uma praga quando uma pérola de sangue brotou em volta da ponta da faca.

— Isso doeu. Está contente?

— Dançando de alegria.

— Os seus pés cheiram pior que os meus, Yollo. — Pato trazia uma taça de caldo. — Griff avisou-lhe para não por as mãos nos homens de pedra.

— Sim, mas esqueceu-se de avisar aos homens de pedra para não porem as mãos em mim.

— Enquanto pica, procura manchas de pele morta e cinzenta ou unhas começando a enegrecer — disse Haldon. — Se vir esses sinais, não hesite. É melhor perder um dedo do que um pé. É melhor perder um braço do que passar os dias gemendo na Ponte do Sonho. Agora o outro pé, faz favor. Depois os dedos das mãos.

O anão voltou a cruzar as pernas atrofiadas e pôs-se a picar o outro conjunto de dedos.

— Também quer que pique a pica?

— Mal não faria.

— O que você quer dizer é que não faria mal *a você.* Se bem que podia perfeitamente cortá-la, pelo uso que lhe dou.

— Está à vontade. Nós depois a curtimos, a estofamos e a vendemos por uma fortuna. Uma pica de anão tem poderes mágicos.

— Tenho andado dizendo isso a todas as mulheres há anos. — Tyrion enfiou a ponta do punhal na ponta do polegar, viu o sangue brotando, chupou-o. — Durante quanto tempo terei de continuar a me torturar? Quando teremos a certeza de que estou limpo?

— Mesmo? — disse o Semimeistre. — Nunca. Engoliu metade do rio. Podes estar ficando cinzento agora mesmo, transformando-se em pedra de dentro para fora, começando pelo coração e pelos pulmões. Se estiver, picar os dedos e tomar banho em vinagre não o salvará. Quando acabar, vem comer um pouco de caldo de carne.

O caldo estava bom, embora Tyrion tivesse reparado que o Semimeistre manteve a mesa entre os dois enquanto comia. A *Tímida Donzela* estava amarrada a um velho pontão na margem oriental do Roine. Dois pontões mais adiante, uma galé de rio volantena estava desembarcando soldados. Lojas, estábulos e armazéns aninhavam-se sob uma muralha de arenito. As torres e cúpulas da cidade estavam visíveis por trás da muralha, enrubescidas pela luz do poente.

Não, não é uma cidade. Selhorys ainda era vista como uma mera vila, e era governada a partir da Velha Volantis. Aquilo não era Westeros.

Lemore surgiu no convés rebocando o príncipe. Quando viu Tyrion, correu convés afora para ir abraça-lo.

— A Mãe é misericordiosa. Rezamos por você, Hugor.

Você rezou, pelo menos.

— Não vou pensar mal de você por isso.

O cumprimento do Jovem Griff foi menos efusivo. O principelho estava de mal humor, zangado por ter sido obrigado a permanecer na *Tímida Donzela* em vez de ir a terra com Yandry e Ysilla.

— Só queremos mantê-lo a salvo — disse-lhe Lemore. — Isso são tempos instáveis.

Haldon Semimeistre explicou.

— Durante o trajeto entre as Mágoas e Selhorys, vimos por três vezes cavaleiros em movimento para sul ao longo da margem oriental do rio Dothraki. Uma vez chegaram tão perto que conseguimos ouvir as campainhas que tilintavam nas suas tranças, e às vezes, à noite, as suas fogueiras ficavam visíveis por trás das colinas orientais. Passamos também por navios de guerra, galés de rio volantenas atafulhadas de soldados escravos. É evidente que os triarcas temem um ataque contra Selhorys.

Tyrion compreendeu aquilo bem depressa. Sozinha, entre as principais localidades do rio, Selhorys erguia-se na margem oriental do Roine, deixando-a muito mais vulnerável aos senhores dos cavalos do que as cidades irmãs do outro lado do rio. *Mesmo assim, o prêmio é pequeno. Se eu fosse um khal, faria uma*

simulação em Selhorys, deixaria os volantenos correr a defendê-la e depois viraria para sul e cavalgaria a grande velocidade para Volantis propriamente dita.

— Eu sei como usar uma espada — estava insistindo o Jovem Griff.

— Mesmo o mais corajoso dos seus antepassados mantinha a Guarda Real por perto em tempos de perigo. — Lemore trocara as suas vestes de septã por trajes mais adequados à mulher ou filha de um mercador próspero. Tyrion observou-a com atenção. Conseguiu farejar com bastante facilidade a verdade que se escondia sob o cabelo pintado de azul de Griff e do Jovem Griff, e Yandry e Ysilla pareciam não ser mais do que afirmavam ser, enquanto Pato era um pouco menos. Lemore, contudo... *Quem é ela, realmente? Porque está aqui? Não é por ouro, julgo. Que lhe é este príncipe? Alguma vez foi uma verdadeira septã?*

Haldon também reparou na sua mudança de traje.

— O que devemos pensar desta súbita perda de fé? Preferia você com as vestes de septã, Lemore.

— Eu a preferia nua — disse Tyrion.

Lemore deitou-lhe um olhar de censura.

— Isso é porque tem uma alma perversa. Vestes de septã gritam Westeros, e podem atrair para nós olhares que não são bem-vindos. — Voltou a virar-se para o Príncipe Aegon. — Não é o único que tem de se esconder.

O rapaz não pareceu apaziguado. *O príncipe perfeito, mas ainda meio criança, apesar de tudo, com menos que pouca experiência do mundo e de todos os seus infortúnios.*

— *Príncipe Aegon — disse Tyrion — uma vez que estamos ambos presos a bordo deste barco, talvez me queira honrar com um jogo de* cyvasse, *para matar as horas?*

O príncipe deitou-lhe um olhar fatigado.

— Estou farto do *cyvasse.*

— Farto de perder com um anão, é isso que quer dizer?

Aquilo espicaçou o orgulho do rapaz, tal como Tyrion sabia que espicaçaria.

— Vai buscar o tabuleiro c as peças. Desta vez tenciono esmaga-lo.

Jogaram no convés, sentados de pernas cruzadas atrás da cabine. O Jovem Griff dispôs o seu exército para o ataque, com dragão, elefantes e cavalaria pesada à frente. *Uma formação de jovem, tão ousada como insensata. Ele*

arrisca tudo pela matança rápida. Deixou o príncipe jogar primeiro. Haldon estava em pé atrás deles, observando o jogo.

Quando o príncipe estendeu a mão para o dragão, Tyrion pigarreou.

— Eu não faria isso, se fosse a você. É um erro fazer avançar o dragão cedo demais. — Fez um sorriso inocente. — O seu pai conhecia os perigos de ser muito ousado.

— Conheceu o meu verdadeiro pai?

— Bem, vi-o duas ou três vezes, mas só tinha onze anos quando Robert o matou, e o meu pai tinha me escondido por baixo de uma rocha. Não, não posso afirmar ter conhecido o Príncipe Rhaegar. Não como o seu pai falso conheceu. O Lorde Connington era o melhor amigo do príncipe, não era?

O Jovem Griff afastou dos olhos uma madeixa de cabelo azul.

— Foram escudeiros ao mesmo tempo em Porto Real.

— Um verdadeiro amigo, o nosso Lorde Connington. Tem de ser, para permanecer tão ferozmente leal ao neto do rei que lhe tirou as terras e títulos e o enviou para o exílio. Isso foi uma pena. De outro modo, o amigo do Príncipe Rhaegar podia estar por perto quando o meu pai saqueou Porto Real, para salvar o precioso filhinho do Príncipe Rhaegar de ter os seus régios miolos atirados contra uma parede.

O rapaz corou.

— Não fui eu. Já tinha lhe dito. Foi o filho de um curtidor qualquer da Curva do Mijo cuja mãe morreu a dá-lo à luz. O pai vendeu-o ao Lorde Varys por um cântaro de dourado da Árvore. Tinha outros filhos, mas nunca tinha provado dourado da Árvore. Varys entregou o rapaz da Curva do Mijo à senhora minha mãe e me levou.

— Sim. — Tyrion moveu os elefantes. — E quando o príncipe do mijo ficou morto e em segurança, o eunuco contrabandeou-os para o outro lado do mar estreito e deu-os ao seu amigo gordo, o queijeiro, que os escondeu num barco de varejo e descobriu um lorde exilado disposto a chamar a si próprio seu pai. Dá uma história magnífica, e os cantores darão grande relevo à sua fuga depois de ocupar o Trono de Ferro... partindo do princípio de que a nossa bela Daenerys o tome como consorte.

— Tomará. Tem de tomar.

— *Tem?* — Tyrion soltou um *tsc*. — Essa não é uma palavra que as rainhas gostam de ouvir. É o seu príncipe perfeito, de acordo, inteligente e ousado e bem parecido como qualquer donzela pode desejar. Mas Daenerys

Targaryen não é donzela alguma. É a viúva de um *khal* dothraki, uma mãe de dragões e uma saqueadora de cidades, Aegon, o Conquistador, com mamas. Pode revelar-se menos disposta do que você gostaría.

— Ela estará disposta. — O Príncipe Aegon pareceu chocado. Era claro que nunca antes pensou na possibilidade da sua futura noiva poder recusá-lo. — Não a conhece. — Pegou na cavalaria pesada e a pôs no tabuleiro com estrondo.

O anão encolheu os ombros.

— Eu sei que ela passou a infância no exílio, empobrecida, vivendo de sonhos e planos, fugindo de uma cidade para a seguinte, sempre com medo, nunca em segurança, sem amigos além de um irmão que era, segundo todos os relatos, meio louco... um irmão que vendeu a sua virgindade aos dothraki em troca da promessa de um exército. Eu sei que em algum lugar, na erva, os dragões eclodiram, e ela também. Sei que é orgulhosa. Como não o ser? O que mais lhe resta a não ser o orgulho? Sei que é forte. Como não o ser? Os dothraki desprezam a fraqueza. Se Daenerys tivesse sido fraca, teria perecido com Viserys. Sei que é feroz. Astapor, Yunkai e Meereen são suficiente prova disso. Atravessou as pradarias e o deserto vermelho, sobreviveu a assassinos e conspirações e terríveis feitiçarias, chorou por um irmão, um marido e um filho, espezinhou as cidades dos escravagistas, fazendo-as em poeira sob os seus graciosos pés calçados de sandálias. Ora, como julga você que essa rainha reagirá quando lhe aparecer de tigela de pedinte na mão e disser: "Bom dia para você, tiazinha. Sou o seu sobrinho Aegon, regressado dos mortos. Tenho estado a vida inteira escondido num barco de varejo, mas agora lavei a tinta azul do cabelo e gostaria de ficar com um dragão, se faz favor... e oh, já referi que a minha pretensão ao Trono de Ferro é mais forte do que a sua?

A boca de Aegon torceu-se em fúria.

— Eu *não* irei falar com a minha tia como pedinte. Irei falar com ela como parente, com um exército.

— Um pqueno exército. — *Pronto, isso deixou-o bem zangado.* O anão não conseguiu evitar pensar em Joffrey. *Tenho um dom para enfurecer príncipes.* — A Rainha Daenerys tem um grande, e não o arranjou graças a você. — Tyrion moveu os besteiros.

— Diga o que quiser. Ela será minha noiva, Lorde Connington tratará disso. Confio tanto nele como se fosse do meu próprio sangue.

— Talvez devesse ser você o bobo no meu lugar. Não confie em ninguém, meu príncipe. Nem no seu meistre sem corrente, nem no seu falso pai,

nem no galante Pato ou na adorável Lemore ou nestes outros belos amigos que o cultivou desde a semente. Acima de tudo, não confie no queijeiro, nem na Aranha, nem nessa rainhazinha dos dragões com quem pretende casar. Toda essa desconfiança o amargará o estômago e o manterá acordado à noite, é certo, mas antes isso do que o longo sono que não termina. — O anão atravessou uma cordilheira com o dragão negro. — Mas que sei eu? O seu falso pai é um grande senhor, e eu sou só um macaquinho retorcido. Mesmo assim, eu faria as coisas de outra forma.

Aquilo chamou a atenção do rapaz.

— De outra forma como?

— Se fosse você? Iria para oeste em vez de ir para leste. Desembarcaria em Dorne e içaria os meus estandartes. Os Sete Reinos nunca estarão mais maduros para a conquista do que estão neste momento. Um rei rapaz ocupa o Trono de Ferro. O norte está num caos, as terras fluviais numa devastação, um rebelde controla Ponta Tempestade e Pedra do Dragão. Quando o inverno chegar, o reino passará fome. E quem resta para lidar com tudo isto, quem governa o reizinho que governa os Sete Reinos? Ora, a minha querida irmãzinha. Não há mais ninguém. O meu irmão Jaime tem sede de batalha, não de poder. Fugiu de todas as hipóteses de governar que teve. O meu tio Kevan daria um regente razoável, se alguém o empurrasse para tal dever, mas nunca tentaria alcançá-lo. Os deuses esculpiram-no para ser um seguidor, não um líder. — *Bem, os deuses e o senhor meu pai.* — Mace Tyrell agarraria de bom grado no cetro, mas não é provável que a minha família se afaste e o dê. E toda a gente odeia Stannis. Quem é que resta? Ora, só Cersei. Westeros está dilacerado e a sangrar, e não duvido de que neste mesmo momento a minha querida irmã esteja ligando as feridas... com sal. Cersei é tão gentil como o Rei Maegor, tão altruísta como Aegon, o Indigno, tão sensata como Aerys, o Louco. Nunca esquece uma afronta, real ou imaginária. Confunde cautela com covardia e divergência com desafio. E é gananciosa. Tem ânsia de poder, de honra, de amor. O reinado de Tommen está sustentado por todas as alianças que o senhor meu pai construiu tão cuidadosamente, mas ela irá destruí-las a todas, bem depressa. Desembarque e içe os estandartes, e os homens convergirão para a sua causa. Grandes e pequenos senhores, e também plebeus. Mas não espere muito, meu príncipe. O momento não durará. A maré que os ergue agora depressa irá baixar. Assegure-se de chegar a Westeros antes de a minha irmã cair e alguém mais competente tomar o seu lugar.

— Mas — disse o Príncipe Aegon — sem Daenerys e os seus dragões, como podemos esperar ganhar?

— Você não *precisa* de ganhar — disse-lhe Tyrion. — Tudo o que precisa de fazer é içar os estandartes, reunir os apoiantes e aguentar até Daenerys chegar para juntar as suas forças às suas.

— Disse que ela podia não me querer.

— Talvez tenha exagerado. Ela pode ter pena de você quando lhes for suplicar a sua mão. — O anão encolheu os ombros. — Quer apostar o seu trono contra os caprichos de uma mulher? Mas se for para Westeros... ah, então será um rebelde, não um pedinte. Ousado, destemido, um verdadeiro rebento da Casa Targaryen, a seguir os passos de Aegon, o Conquistador. Um *dragão.* Eu já te disse que conheço a nossa rainhazinha. Ela que ouça dizer que o filho assassinado do irmão Rhaegar ainda está vivo, que este corajoso rapaz ergueu de novo em Westeros o estandarte do dragão dos seus antepassados e reivindica o Trono de Ferro para a Casa Targaryen, acossado por todos os lados... e voará para junto de você tão depressa como o vento e a água consigam levá-la. É o último da sua linhagem, e essa Mãe de Dragões, esta Quebradora de Correntes, é acima de tudo uma *salvadora.* A menina que decidiu afogar as cidades dos escravagistas em sangue para não deixar estranhos acorrentados dificilmente poderá abandonar o filho do irmão na sua hora de perigo. E quando chegar a Westeros e se encontrar com você pela primeira vez, se encontrarão como iguais, homem e mulher, não rei e suplicante. Como poderá ela evitar ama-lo então?, pergunto. — Sorrindo, pegou no dragão, o fez voar pelo tabuleiro fora. — Espero que Vossa Graça me perdoe. O seu rei está encurralado. Morte em quatro jogadas.

O príncipe fitou o tabuleiro.

— O meu dragão...

— ... está longe demais para o salvar. Devia tê-lo deslocado para o centro da batalha.

— Mas você disse...

— Menti. *Não confie em ninguém.* E mantenha o dragão por perto.

O Jovem Griff pôs-se em pé de um salto e pontapeou o tabuleiro. Voaram peças de *cyvasse* em todas as direções, saltando e rolando pelo convés da *Tímida Donzela.*

— Apanhe-as — ordenou o rapaz.

Ele afinal pode ser mesmo um Targaryen.

—Se aprouver a Vossa Graça. — Tyrion pôs-se de quatro e engatinhou pelo convés afora, juntando as peças.

Já era perto do ocaso quando Yandry e Ysilla regressaram à *Tímida Donzela.* Um carregador trotava logo atrás, empurrando um carrinho de mão carregado com uma grande pilha de provisões; sal e farinha, manteiga batida fresca, fatias de bacon embrulhadas em linho, sacos de laranjas, maçãs e peras. Yandry trazia um barril de vinho ao ombro, enquanto Ysilla atirara um lúcio sobre o seu. O peixe era tão grande como Tyrion.

Quando viu o anão em pé no fim da prancha de embarque, Ysilla parou tão de chofre que Yandry foi colidir com ela, e o lúcio quase lhe deslizou das costas para dentro do rio. O Pato ajudou-a a salvá-lo. Ysilla fitou Tyrion com fúria e fez um peculiar gesto de apunhalar com três dos seus dedos. *Um gesto para afastar o mal.*

— Deixe-me ajudar-te com esse peixe — disse o anão ao Pato.

— Não — exclamou Ysilla. — Fique onde está. Não toque em comida nenhuma além daquela que você próprio come.

O anão ergueu ambas as mãos.

— Às suas ordens.

Yandry deixou cair ruidosamente a pipa de vinho no convés.

— Onde está Griff? — perguntou a Haldon.

— Dormindo.

— Então acorde-o. Tenho notícias que é melhor que ele ouça. O nome da rainha está em todas as línguas em Selhorys. Dizem que ainda está em Meereen, muito assediada. Se puder acreditar no que se diz nos mercados, a Velha Volantis se juntará em breve à guerra contra ela.

Haldon espetou os lábios.

— Os mexericos dos peixeiros não são fidedignos. Ainda assim, suponho que Griff vai quer saber. Sabe como ele é. — O Semimeistre desceu às cobertas.

A menina não avançou para oeste. Sem dúvida que teria bons motivos. Entre Meereen e Volantis estendiam-se quinhentas léguas de desertos, montanhas, pântanos e ruínas, e ainda Mantarys com a sua sinistra reputação. *Uma cidade de monstros, segundo dizem, mas se ela se puser em marcha por terra, para onde mais poderá virar-se em busca de comida e água? O mar seria mais rápido, mas se não tiver navios...*

Quando Griff surgiu no convés, o lúcio estava pingando e chiando por cima do braseiro enquanto Ysilla pairava por cima dele com um limão, a apertá-lo. O mercenário usava a sua cota de malha e o manto de pele de lobo, luvas moles de couro, bragas escuras de lã. Se surpreendeu-se por ver Tyrion acordado não deu sinal além do habitual franzir de sobrancelhas. Levou Yandry para junto da cana do leme, onde conversaram numa voz baixa demais para o anão ouvir.

Por fim, Griff chamou Haldon com um gesto.

— Precisamos saber o que há de verdade nesses boatos. Vai a terra e recolhe a informação que puderes. Qavo saberá, se conseguir encontrá-lo. Tenta o Homem do Rio e a Tartaruga Pintada. Conhece os outros pousos dele.

— Sim. Também vou levar o anão. Quatro ouvidos ouvem melhor do que dois. E sabe como Qavo é com o seu *cyvasse.*

— Como quiser. Volta antes do Sol nascer. Se por algum motivo se atrasar, vai falar com a Companhia Dourada.

Falou como um senhor. Tyrion guardou o pensamento para si.

Haldon envergou um manto com capuz, e Tyrion trocou os seus retalhos caseiros por algo desinteressante e cinzento. Griff deixou que cada um levasse uma bolsa de prata tirada das arcas de Illyrio. "Para soltar línguas."

O ocaso estava cedendo perante as trevas quando abriram caminho pela zona ribeirinha. Alguns dos navios por que passaram pareciam desertos, com as pranchas de embarque recolhidas. Outros estavam repletos de homens armados que os olharam com desconfiança. Sob as muralhas da cidade, lanternas de pergaminho tinham sido acesas por cima das barracas, derramando charcos de luz colorida sobre o caminho empedrado. Tyrion foi observando enquanto a cara de Haldon se tornava verde, depois vermelha, depois purpúrea. Sob a cacofonia de línguas estrangeiras, ouviu estranha música soando vinda de algum lugar mais à frente, uma fina e aguda flauta acompanhada por tambores. Um cão também estava ladrando, atrás deles.

E as rameiras tinham saído. De rio ou de mar, um porto era um porto, e onde quer que se encontrassem marinheiros, encontravam-se rameiras. *Teria sido isso que o meu pai quis dizer? Será para alí que vão as rameiras, para o mar?*

As rameiras de Lanisporto e de Porto Real eram mulheres livres. As suas irmãs de Selhorys eram escravas, com a servidão indicada pelas lágrimas tatuadas sob os olhos direitos. *Velhas como o pecado e duas vezes mais feias, todas elas.* Era quase o suficiente para fazer um homem desistir de rameiras. Tyrion sentia os olhos delas postos neles enquanto passava bamboleando, e as

ouvia aos segredos umas com as outras e aos risinhos por trás das mãos. *Diria que nunca tinham visto um anão.*

Um pelotão de lanceiros volantenos estava de guarda ao portão do rio. Luz de archotes reluzia nas garras de aço que se projetavam das suas manoplas. Os elmos eram máscaras de tigre, e as caras que se viam por baixo estavam marcadas com riscas verdes tatuadas em ambas as bochechas. Tyrion sabia que os soldados escravos de Volantis sentiam um orgulho feroz pelas suas riscas de tigre. *Ansiarão pela liberdade*?, perguntou a si próprio. *O que fariam se esta jovem rainha a concedesse? O que são, se não forem tigres? O que sou eu, se não for um leão?*

Um dos tigres viu o anão e disse qualquer coisa que fez os outros rir. Ao chegarem ao portão, descalçou a manopla provida de garras e a luva suada que tinha por baixo, prendeu um braço em volta do pescoço do anão, e esfregou-lhe rudemente a cabeça. Tyrion ficou muito sobressaltado para resistir. Tudo terminou num segundo.

— Houve algum motivo para aquilo? — perguntou ao Semimeistre.

— Ele diz que dá sorte esfregar a cabeça a um anão — disse Haldon, depois de uma conversa com o guarda na sua própria língua.

Tyrion forçou-se a sorrir ao homem.

— Diga-lhe que ainda dá mais sorte mamar a pica de um anão.

— É melhor não. Há notícia de tigres terem dentes aguçados.

Outro guarda indicou-lhes para atravessarem o portão acenando-lhes impacientemente com um archote. Haldon Semimeistre seguiu à frente para dentro da Selhorys propriamente dita, com Tyrion meneando fatigadamente atrás dele.

Uma grande praça abriu-se na frente de ambos. Mesmo àquela hora, estava cheia de gente ruidosa e repleta de luz. Lanternas balançavam suspensas de correntes de ferro por cima de portas de estalagens e casas de prazer, mas ali no interior dos portões eram feitas de vidro colorido, não de pergaminho. À direita, uma fogueira noturna ardia à porta de um templo de pedra vermelha. Um sacerdote envergando vestes escarlates estava em pé na varanda do templo, arengando à pequena multidão que se reuniu em volta das chamas. Noutros locais, viajantes jogavam *cyvasse* sentados à frente de uma estalagem, soldados bêbados entravam e saíam daquilo que era claramente um bordel, uma mulher espancava uma mula à porta de um estábulo. Uma carroça de duas rodas passou

por eles retumbando, puxada por um elefante anão de cor branca. *Isto é outro mundo*, pensou Tyrion, *mas não é assim tão diferente do mundo que eu conheço.*

A praça era dominada por uma estátua de mármore branco de um homem sem cabeça vestido com uma armadura impossivelmente ornamentada e montado num cavalo de guerra ajaezado de forma semelhante.

— Quem vem a ser aquele? — perguntou Tyrion.

— O Triarca Horonno. Um herói volanteno do Século do Sangue. Foi reeleito triarca todos os anos durante quarenta, até se cansar de eleições e se declarar triarca vitalício. Os volantenos não acharam graça. Foi executado pouco depois. Atado entre dois elefantes e rasgado ao meio.

— À estátua parece faltar uma cabeça.

— Ele era um tigre. Quando os elefantes subiram ao poder, os seus seguidores desencadearam tumultos, derrubando as cabeças das estátuas daqueles que culpavam por todas as guerras e mortes. — Encolheu os ombros. — Isso foi noutra era. Anda, é melhor ouvirmos o que aquele sacerdote está dizendo. Juro que ouvi o nome Daenerys.

Do outro lado da praça, juntaram-se à multidão que crescia à porta do templo vermelho. Com os indígenas erguendo-se acima dele por todos os lados, o homenzinho achou difícil ver muito mais do que os seus traseiros. Conseguia ouvir quase todas as palavras que o sacerdote estava dizendo, mas isso não significava que as compreendesse.

— Percebe o que ele está dizendo? — perguntou a Haldon no idioma comum.

— Percebia, se não tivesse um anão tagarelando ao ouvido.

— Eu não *tagarelo.* — Tyrion cruzou os braços e olhou para trás, estudando as caras dos homens e mulheres que tinham parado para ouvir. Virasse para onde se virasse, via tatuagens. *Escravos. Quatro de cada cinco são escravos.*

— O sacerdote está pedindo aos volantenos para partirem para a guerra — disse-lhe o Semimeistre — mas do lado certo, como soldados do Senhor da Luz, do R'hllor que fez o sol e as estrelas e combate eternamente contra a escuridão. Nyessos e Malaquo viraram costas à luz, diz ele, de corações escurecidos pelas harpias amarelas do leste. Diz...

— *Dragões.* Entendi essa palavra. Ele disse *dragões.*

— Sim. Os dragões chegaram para levá-la à glória.

— A Daenerys?

Haldon confirmou:

— Benerro passou palavra desde Volantis. A chegada dela é a concretização de uma antiga profecia. De fumo e sal nasceu ela para refazer o mundo. É Azor Ahai regressada... e o seu triunfo sobre as trevas trará um verão que nunca terminará... a própria morte dobrará o joelho e todos os que morrerem combatendo pela sua causa renascerão...

— Tenho de renascer neste corpo? — perguntou Tyrion. A multidão estava tornando-se mais densa. Conseguia senti-la comprimindo-se à volta deles. — Quem é Benerro?

Haldon ergueu uma sobrancelha.

— Alto Sacerdote do templo vermelho em Volantis. Chama da Verdade, Luz da Sabedoria, Primeiro Servo do Senhor da Luz, Escravo de Mor.

O único sacerdote vermelho que Tyrion conheceu era Thoros de Myr, o estróina corpulento, jovial e manchado de vinho que rondava a corte de Robert, emborrachando-se com as melhores colheitas do rei e incendiando a espada para as lutas corpo-a-corpo.

— Dê-me sacerdotes que sejam gordos, corruptos e cínicos — disse a Haldon — do tipo que gosta de se sentar em suaves almofadas de cetim, mordiscar doces e vigarizar rapazinhos. São os que acreditam em deus que provocam sarilhos.

— Pode ser que possamos usar este sarilho para nosso benefício. Sei onde poderemos encontrar respostas. — Haldon levou-os para lá do herói sem cabeça até onde uma grande estalagem de pedra se virava para a praça. A carapaça encristada de uma imensa tartaruga pendia por cima da sua porta, pintada de cores garridas. Lá dentro, cem velas vermelhas e pouco luminosas ardiam como estrelas distantes. O ar estava aromatizado com cheiro a carne assada e especiarias e uma escrava com uma tartaruga numa bochecha estava servindo vinho verde claro.

Haldon parou à porta.

— Ali. Aqueles dois.

No nicho estavam sentados dois homens por cima de uma mesa de *cyvasse* esculpida em pedra, observando as peças à luz de uma vela vermelha. Um era magro e macilento, com um cabelo negro em rarefação e um nariz estreito como uma lâmina. O outro tinha ombros largos e uma barriga redonda, com caracóis que lhe caíam para lá do colarinho. Nenhum se dignou a erguer o olhar do jogo até Haldon puxar por uma cadeira entre eles e dizer:

— O meu anão joga melhor *cyvasse* do que vocês dois em conjunto.

O maior dos homens ergueu os olhos para fitar os intrusos com desagrado, e disse qualquer coisa na língua da Velha Volantis, depressa demais para Tyrion ter esperança de entender. O mais magro recostou-se na cadeira.

— Ele está à venda? — perguntou, no idioma comum de Westeros. — O circo de aberrações do triarca precisa de um anão jogador de *cyvasse.*

— Yollo não é escravo.

— Que pena — o magro mudou a posição de um elefante de ónix.

Do outro lado da mesa de *cyvasse*, o homem por trás do exército de alabastro espetou os lábios com desaprovação. Moveu a cavalaria pesada.

— Um deslize — disse Tyrion. Já agora, podia desempenhar o seu papel.

— Exatamente — disse o magro. Respondeu com a sua própria cavalaria pesada. Seguiu-se uma confusão de jogadas rápidas, até que por fim o magro sorriu e disse: — Morte, meu amigo.

O homem olhou furioso o tabuleiro, após o que se levantou e grunhiu qualquer coisa na sua língua. O oponente riu.

— Vá lá. O anão não fede assim tanto. — Indicou a Tyrion a cadeira vazia. — Upa para cima, homenzinho. Põe a prata na mesa, e veremos quão bem joga o jogo.

Qual jogo?, podia ter perguntado Tyrion. Subiu para a cadeira.

— Jogo melhor de barriga cheia e com um copo de vinho à mão. — O magro virou-se prestavelmente e gritou à escrava para lhes trazer comida e bebida.

Haldon disse:

— O nobre Qavo Nogarys é o oficial da alfândega aqui em Selhorys. Nem uma vez o derrotei no *cyvasse.*

Tyrion compreendeu.

— Eu talvez tenha mais sorte. — Abriu a bolsa e empilhou moedas de prata ao lado do tabuleiro, uma em cima da outra até que Qavo, finalmente, sorriu.

Enquanto ambos dispunham as peças por trás do anteparo do *cyvasse*, Haldon disse:

— Que novidades há de jusante? Haverá guerra?

Qavo encolheu os ombros.

— Os yunkaitas querem que haja. Chamam a si próprios Sábios Mestres. Não posso falar da sua sabedoria, mas não lhes falta astúcia. O emissário veio falar conosco com arcas de ouro, pedras preciosas e duzentos escravos, núbeis moças e rapazes de pele lisa treinados no caminho dos sete suspiros. Disseram-me que as suas festas são memoráveis e os subornos são sumtuosos.

— Os yunkaitas compraram os seus triarcas?

— Só Nyessos. — Qavo removeu o anteparo e estudou a disposição do exército de Tyrion. — Malaquo pode ser velho e desdentado, mas continua a ser um tigre, e Doniphos não será reeleito como triarca. A cidade tem sede de guerra.

— Por quê? — perguntou Tyrion. — Meereen fica a longas léguas por mar. Como foi que esta doce rainha criança ofendeu a Velha Volantis?

— Doce? — Qavo riu. — Se metade das histórias que chegam da Baía dos Escravos forem verdadeiras, esta criança é um monstro. Eles dizem que é sedenta de sangue, que aqueles que se lhe opõem são empalados em estacas para morrer uma morte prolongada. Dizem que é uma feiticeira que alimenta os seus dragões com a carne de bebês recém-nascidos, uma perjura que troça dos deuses, quebra tréguas, ameaça emissários e vira-se contra aqueles que a serviram lealmente. Dizem que a sua luxúria não pode ser saciada, que acasala com homens, mulheres, eunucos, até cães e crianças, e que desgraças acontecem aos amantes que não têm sucesso em satisfazê-la. Entrega o corpo aos homens para prender as suas almas em servidão.

Oh$_y$ *que bom*, pensou Tyrion. *Se me entregar o corpo, que a minha alma lhe faça bom proveito, apesar de pequena e deformada.*

— Eles dizem — disse Haldon. — Com *eles* quer dizer os escravagistas, os exilados que ela expulsou de Astapor e Meereen. Meras calúnias.

— As melhores calúnias são temperadas com verdade — sugeriu Qavo — mas o verdadeiro pecado da menina é impossível de negar. Esta criança arrogante resolveu que haveria de esmagar o comércio de escravos, mas esse tráfico nunca esteve confinado à Baía dos Escravos. Fazia parte do mar de comércio que abrangia o mundo, e a rainha do dragão tornou a água turva. Por trás da Muralha Negra, senhores de sangue antigo dormem mal, atentos ao som dos seus criados de cozinha afiando as suas longas facas. São escravos que cultivam a nossa comida, limpam as nossas ruas, ensinam os nossos jovens. Protegem as nossas muralhas, remam nas nossas galés, combatem nas nossas batalhas. E agora, quando olham para leste, veem esta jovem rainha brilhando de longe, esta *quebradora de correntes.* O Sangue Antigo não pode tolerar isso. Os

pobres também a odeiam. Até o mais vil dos pedintes está acima de um escravo. Essa rainha do dragão quer roubar-lhes essa consolação.

Tyrion adiantou os lanceiros. Qavo respondeu com a cavalaria ligeira. Tyrion fez avançar os besteiros um quadrado e disse:

— O sacerdote vermelho, lá fora, parecia pensar que Volantis devia lutar por essa rainha prateada, não contra ela.

— Os sacerdotes vermelhos seriam sensatos em ter tento na língua — disse Qavo Nogarys. — Já houve lutas entre os seus seguidores e os que adoram outros deuses. O palavreado de Benerro só servirá para lhe fazer cair sobre a cabeça uma violenta ira.

— Que palavreado? — perguntou o anão, brincando com a sua populaça.

O volanteno fez um aceno com a mão.

— Em Volantis, milhares de escravos e libertos enchem a praça do templo todas as noites para ouvir Benerro guinchar sobre estrelas sangrando e uma espada de fogo que limpará o mundo. Tem andado pregando que Volantis irá arder de certeza se os triarcas pegarem em armas contra a rainha prateada.

— Essa é uma profecia que até eu podia fazer. Ah, o jantar.

O jantar era um prato de cabra assada servida numa base de fatias de cebola. A carne estava condimentada e odorífera, chamuscada por fora e vermelha e sumarenta por dentro. Tyrion arrancou uma fatia. Estava tão quente que lhe queimou os dedos, mas tão boa que não conseguiu evitar estender a mão para outro bocado. Empurrou-a para baixo com o licor volanteno verde claro, a coisa mais semelhante a vinho que bebia desde há séculos.

— Muito bom — disse, pegando no dragão. — A peça mais poderosa do jogo — anunciou, enquanto removia do tabuleiro um dos elefantes de Qavo. — E Daenerys Targaryen tem três, segundo se diz.

— Três — concedeu Qavo — contra três vezes três mil inimigos. Grazdan mo Eraz não foi o único emissário que foi enviado da Cidade Amarela. Quando os Sábios Mestres avançarem contra Meereen, as legiões de Nova Ghis combaterão a seu lado. Tolosinos. Elirianos. Até os dothraki.

— Vocês têm dothraki aos seus próprios portões — disse Haldon.

— O Khal Pono. — Qavo fez um gesto de indiferença com a mão. — Os senhores dos cavalos aparecem, damos-lhes presentes, os senhores dos cavalos desaparecem. — Voltou a mover a catapulta, fechou a mão em volta do dragão de alabastro de Tyrion, tirou-o do tabuleiro.

O resto foi massacre, embora o anão tivesse aguentado mais uma dúzia de jogadas.

— Chegou o momento das lágrimas amargas — disse Qavo por fim, recolhendo a sua pilha de prata. — Outro jogo?

— Não é necessário — disse Haldon. — O meu anão recebeu a sua lição de humildade. Acho que é melhor que regressemos ao nosso barco.

Lá fora, na praça, a fogueira noturna ainda ardia, mas o sacerdote desapareceu e a multidão dispersara-se há muito. O brilho das velas tremeluzia nas janelas do bordel. De dentro vinha o som dos risos das mulheres.

— A noite ainda é nova — disse Tyrion. — Qavo pode não nos ter dito tudo. E as rameiras ouvem muitas coisas dos homens a quem prestam serviço.

— Precisa assim tanto de uma mulher, Yollo?

— Um homem cansa-se de não ter amantes além dos dedos. — *Pode ser para Selhorys que as rameiras vão.* Tysha pode estar ali agora mesmo, com lágrimas tatuadas na bochecha. — Eu quase que me afoguei. Um homem precisa de uma mulher depois disso. Além do mais, tenho de me assegurar de que o meu pirilau não se transformou em pedra.

O Semimeistre riu.

— Eu espero por você na taberna junto do portão. Não demore muito a tratar dos seus assuntos.

— Oh, quanto a isso não tenha medo. A maioria das mulheres prefere despachar-se comigo o mais depressa que puderem.

O bordel era modesto, comparado com aqueles que o anão costumava frequentar em Lanisporto e em Porto Real. O proprietário não parecia falar nenhuma língua além da de Volantis, mas compreendeu bastante bem o tinir da prata, e levou Tyrion por uma arcada até uma longa sala que cheirava a incenso, por onde quatro escravas aborrecidas vagueavam em vários estados de nudez. Calculou que duas tinham visto pelo menos quarenta dias dos seus nomes chegar e partir; a mais nova teria talvez quinze ou dezesseis anos. Nenhuma era tão hedionda como as rameiras que viu trabalhar nas docas, embora ficassem bem longe da beleza. Uma estava claramente grávida. Outra era só gorda, e ostentava anéis de ferro em ambos os mamilos. Todas as quatro tinham lágrimas tatuadas sob um olho.

— Tem alguma moça que fale a língua de Westeros? — perguntou Tyrion. O proprietário semicerrou os olhos, sem entender, de modo que o anão repetiu a pergunta em alto valiriano. Daquela vez o homem pareceu apanhar duas

ou três palavras e respondeu em volanteno. A única coisa que conseguiu obter da resposta dele foi "moça poente". Deduziu que o significado disso seria uma menina dos Reinos do Poente.

Só havia uma moça assim na casa, e não era Tysha. Tinha bochechas sardentas e pequenos caracóis ruivos na cabeça, o que prometia seios sardentos e pelos ruivos entre as pernas.

— Servirá — disse Tyrion — e também quero um jarro. Vinho tinto com carne ruiva. — A menina estava olhando para a sua cara sem nariz com repulsa nos olhos. — Ofendo-lhe, querida? Sou uma criatura ofensiva, como o meu pai ficaria satisfeito por lhe dizer se não estivesse morto e apodrecendo.

Apesar de parecer ser oriunda de Westeros, a menina não falava uma palavra do idioma comum. *Talvez tenha sido capturada por algum traficante de escravos em criança.* O quarto dela era pequeno, mas havia um tapete de Myr no chão, e um colchão recheado de penas em vez de palha. *Já vi pior.*

— Não me quer fornecer um nome? — perguntou, enquanto aceitava uma taça de vinho que ela lhe estava oferecendo. — Não? — o vinho era forte e amargo e não precisava de tradução. — Suponho que me contentarei com a sua boceta. — Limpou a boca com as costas da mão. — Já alguma vez se deitou com um monstro? Agora é uma hora tão boa como qualquer outra. Fora com a roupa e de costas, se lhe agradar. Ou não.

A moça olhou-o sem entender, até que ele lhe tirou o jarro das mãos e lhe subiu as saias acima da cabeça. Depois disso compreendeu o que se exigia dela, embora não se revelasse a mais ativa das parceiras. Tyrion passou tanto tempo sem mulher que se derramou dentro dela à terceira arremetida.

Rolou para fora dela sentindo-se mais envergonhado do que saciado. *Isto foi um erro. Que criatura desgraçada é esta em que me tornei.*

— Conhece uma mulher que se chama Tysha? — perguntou, enquanto observava a sua semente escorrer de dentro dela para a cama. A rameira não respondeu. — Sabe para onde vão as rameiras? — Também não respondeu a essa pergunta. Tinha nas costas um rendilhado de estrias de tecido cicatricial. *Essa mulher para todos os efeitos está morta. Acabei de foder um cadáver.* Até os seus olhos pareciam mortos. *Nem sequer tem força para me abominar.*

Precisava de vinho. Muito vinho. Pegou no jarro com ambas as mãos e levou-o aos lábios. O vinho correu, rubro. Pela goela abaixo, pelo queixo abaixo. Pingou-lhe da barba e ensopou o colchão de penas. À luz das velas parecia tão escuro como o vinho que envenenou Joffrey. Quando acabou, atirou o jarro vazio

para o lado e desceu da cama, meio rolando, meio cambaleando, procurando um penico às apalpadelas. Não encontrou nenhum. O seu estômago deu uma volta e deu por si de joelhos vomitando no tapete, naquele maravilhoso e grosso tapete de Myr, tão reconfortante como mentiras.

A moça gritou, aflita. *Vão culpá-la por isto*, compreendeu Tyrion, envergonhado.

— Corta-me a cabeça e leva-a para Porto Real — pediu-lhe. — A minha irmã fará de você uma senhora e nunca mais ninguém a chicoteará. — Ela também não compreendeu aquilo, por isso, abriu-lhe as pernas, gatinhou para o meio delas e tomou-a outra vez. Pelo menos isso ela conseguia entender.

Depois, o vinho acabou e ele também, pelo que fez uma bola com a roupa da menina e atirou-a para junto da porta. Ela entendeu a sugestão e fugiu, deixando-o só na escuridão, afundando-se mais no colchão de penas. *Estou bêbado que nem um cacho.* Não se atrevia a fechar os olhos, com medo de adormecer. Por trás do véu do sonho, as Mágoas estavam à sua espera. Degraus de pedra subindo sem fim, íngremes e escorregadios e traiçoeiros, e em algum lugar no topo estava o Senhor Amortalhado. *Não quero encontrar-me com o Senhor Amortalhado*. Tyrion voltou a enfiar-se desajeitadamente na roupa, e foi às apalpadelas até à escada. *Griff vai esfolar-me. Bem, e porque não? Se alguma vez um anão mereceu uma esfoladela, fui eu.*

Ao meio da escada perdeu o apoio num pé. Sem saber como, conseguiu amparar a queda com as mãos e transformá-la numa pirueta desastrada e ruidosa. As rameiras na sala lá em baixo ergueram os olhos, espantadas, quando ele aterrou na base da escada. Tyrion levantou-se com uma cambalhota e dirigiu-lhes uma mesura.

— Sou mais ágil quando estou bêbado. — Virou-se para o proprietário. — Temo que tenha estragado o seu tapete. A menina não tem culpa. Deixe-me pagar. — Puxou por um punhado de moedas e atirou-as ao homem.

— *Duende* — disse uma voz profunda atrás de si.

Ao canto da sala, um homem estava sentado num charco de sombras, com uma puta contorcendo sobre suas coxas. *Não vi aquela moça. Se tivesse visto, tinha-a levado para cima em vez das sardas.* Era mais jovem do que as outras, magra e bonita, com longo cabelo prateado. Lisena, se calhar. .. mas o homem cujo colo enchia era dos Sete Reinos. Corpulento e de ombros largos, com quarenta anos, pelo menos, talvez mais velho. Metade da sua cabeça era

calva, mas uma barba curta e rarefeita cobria-lhe as faces e o queixo, e pelos cresciam-lhe densos nos braços, brotando-lhe mesmo dos nós dos dedos.

Tyrion não gostou do ar do homem. Gostou ainda menos do grande urso negro no seu sobretudo. *Lã. Ele está vestido de lã$_y$ com esse calor. Quem, se não um cavaleiro, seria um doido assim tão varrido?*

— Que agradável ouvir o idioma comum tão longe de casa — obrigou-se a dizer — mas temo que me tenha se confundido. O meu nome é Hugor Hill. Posso pagar-lhe uma taça de vinho, meu amigo?

— Já bebi o suficiente. — O cavaleiro empurrou a sua rameira para o lado e pôs-se de pé. O cinturão da espada estava pendurado de um cabide ao seu lado. Despendurou-o e puxou pela arma. Aço murmurou contra couro. As rameiras estavam observando com avidez, com a luz das velas brilhando-lhes nos olhos. O proprietário desaparecera. — É meu, *Hugor*.

Tyrion não seria mais capaz de fugir do que de vencê-lo em combate. Bêbado como estava, nem sequer podia ter a esperança de vencê-lo em esperteza. Abriu as mãos.

— E o que é que pretende fazer comigo?

— Entrega-lo — disse o cavaleiro — à rainha.

DAENERYS

Galazza Galare chegou à Grande Pirâmide acompanhada por uma dúzia de Graças Brancas, meninas de nascimento nobre que eram ainda novas demais para terem servido o seu ano nos jardins do prazer do templo. Faziam um bonito retrato, a velha orgulhosa toda vestida de verde rodeada pelas menininhas de vestidos e véus brancos, couraçadas com a sua inocência.

A rainha deu-lhes boas-vindas calorosas, após o que chamou Missandei para se assegurar de que as meninas eram alimentadas e entretidas enquanto partilhava um jantar em privado com a Graça Verde.

Os cozinheiros tinham-lhes preparado uma magnífica refeição de carneiro com mel, aromatizado por menta esmagada e servido com os pequenos figos verdes de que tanto gostava. Dois dos reféns preferidos de Dany serviram a comida e mantiveram as taças cheias; uma menina com olhos de corça chamada Qezza e um rapaz magricela chamado Grazhar. Eram irmão e irmã, e primos da Graça Verde, a qual os cumprimentou com beijos quando entrou a passos largos e lhes perguntou se se tinham portado bem.

— São muito queridos, os dois — assegurou-lhe Dany. — Qezza às vezes canta para mim. Tem uma voz adorável. E Sor Barristan tem andado instruindo Grazhar e os outros rapazes nas técnicas da cavalaria ocidental.

— Eles são do meu sangue — disse a Graça Verde enquanto Qezza lhe enchia a taça com um escuro vinho tinto. — É bom saber que agradaram a Vossa Radiância. Espero poder fazer o mesmo. — O cabelo da velha era branco e a sua pele tão fina como pergaminho, mas os anos não lhe tinham feito perder a vivacidade dos olhos. Eram tão verdes como as suas vestes; olhos tristes, cheios de sabedoria. — Se me perdoar por dizê-lo, Vossa Radiância parece... fatigada. Tem dormido?

Dany só com dificuldade evitou rir.

— Mal. Na noite passada três galés qartenas subiram o Skahazadhan a coberto da escuridão. Os Homens da Mãe dispararam enxames de setas incendiárias contra as suas velas e atiraram potes de piche ardendo para os seus conveses, mas as galés passaram depressa e não sofreram danos duradouros. Os qartenos pretendem nos fechar o rio como fecharam a baía. E já não estão sozinhos. Três galés de Nova Ghis se juntaram a eles, bem como uma carraca de Tolos. — Os Tolossinos tinham respondido ao seu pedido de aliança

proclamando-a uma rameira e exigindo que devolvesse Meereen aos Grandes Mestres da cidade. Até isso era preferível à resposta de Mantarys, que chegou numa caravana, numa arca de cedro. Lá dentro encontrou as cabeças dos seus três emissários, em vinagre. — Talvez os seus deuses possam nos ajudar. Pedi-lhes para enviarem uma ventania e varrerem as galés da baía.

— Rezarei e farei sacrifícios. Talvez os deuses de Ghis me ouçam. — Galazza Galare bebericou do vinho, mas os olhos não abandonaram Dany. — Tempestades enfurecem-se tanto no interior das muralhas como no exterior. Morreram mais libertos ontem à noite, ou pelo menos foi o que me foi dito.

— Três. — Dizê-lo deixou-lhe um sabor amargo na boca. — Os covardes assaltaram umas tecedeiras, libertas que não tinham feito mal a ninguém. Tudo o que fizeram foi produzir coisas belas. Tenho uma tapeçaria que me deram pendurada por cima da minha cama. Os Filhos da Harpia quebraram-lhes o tear e violaram-nas antes de lhes cortarem as goelas.

— Foi o que ouvimos dizer. E no entanto Vossa Radiância encontrou a coragem de responder à carnificina com misericórdia. Não fez mal a nenhuma das nobres crianças que tem como reféns.

— Ainda não, é verdade. — Dany ganhou amizade pelos jovens que tinha a cargo. Alguns eram tímidos, alguns ousados, alguns doces, alguns carrancudos, mas todos eram inocentes. — Se matar os meus copeiros, quem me servirá o vinho e o jantar? — disse, tentando tratar a questão com leveza.

A sacerdotisa não sorriu.

— Tolarrapada queria alimentar os seus dragões com eles, segundo se diz. Uma vida por uma vida. Por cada Fera de Bronze abatida, queria que uma criança morresse.

Dany pôs-se brincando com a comida no prato. Não se atrevia a olhar de relance para onde Grazhar e Qezza se encontravam, com medo de poder chorar. *Tolarrapada tem um coração mais duro do que o meu.* Tinham discutido por causa dos reféns meia dúzia de vezes.

— Os Filhos da Harpia estão rindo nas suas pirâmides — disse Skahaz ainda naquela manhã. — Para que servem reféns se não lhes cortar as cabeças? — a seus olhos, ela era apenas uma mulher fraca. *Hazzea foi suficiente. De que serve a paz se tiver de ser comprada com o sangue de crianças?*

— Aqueles assassínatos não são obra deles — disse Dany à Graça Verde, numa voz sumida. — Eu não sou nenhuma rainha carniceira.

— E por isso Meereen lhe agradece — disse Galazza Galare. — Ouvimos dizer que o rei carniceiro de Astapor está morto.

— Morto pelos seus próprios soldados quando lhes ordenou que marchassem para fora da cidade e atacassem os yunkaitas. — As palavras amargavam-lhe a boca. — Mal tinha esfriado quando outro tomou o seu lugar, chamando a si próprio Cleon Segundo. Esse durou oito dias antes de lhe abrirem a goela. Depois, o seu assassino reivindicou a coroa. A concubina do primeiro Cleon fez o mesmo. Os astapori chamaram-lhes o Rei Assassino e a Rainha Rameira. Os seus seguidores estão travando batalhas nas ruas, enquanto os yunkaitas e os seus mercenários esperam fora das muralhas.

— Estes são tempos penosos. Radiância, posso ousar dar-lhe conselhos?

— Sabe o quanto eu aprecio a sua sabedoria.

— Então dê-me agora ouvidos, e case.

— Ah. — Dany já esperava aquilo.

— Muitas vezes ouvi dizer que você é apenas uma menininha. Olhando-a ainda parece meio criança, muito nova e frágil para enfrentar sozinha tais provações. Precisa de um rei a seu lado, para lhe ajudar a suportar estes fardos.

Dany aguilhoou um bocado de carneiro, deu-lhe uma dentada, mastigou lentamente.

— Diga-me, poderá esse rei encher as bochechas de ar e soprar as galés de Xaro de volta para Qarth? Poderá bater palmas e quebrar o cerco a Astapor? Poderá pôr comida nas barrigas dos meus filhos, e devolver a paz às minhas ruas?

— Você pode? — perguntou a Graça Verde. — Um rei não é um deus, mas mesmo assim há muito que um homem forte pode fazer. Quando o meu povo olha para você, vê uma conquistadora do outro lado do mar, vinda para nos assassinar e transformar os nossos filhos em escravos. Um rei poderia alterar isso. Um rei bem nascido de puro sangue ghiscariota podia reconciliar a cidade com o seu domínio. De outra forma, temo, o seu reinado terá de terminar como começou, em sangue e fogo.

Dany brincou com a comida no prato.

— E quem quer os deuses de Ghis que eu aceite como meu rei e consorte?

— Hozdahr zo Loraq — disse Galazza Galare com firmeza.

Dany não se incomodou fingindo surpresa.

— Porquê Hizdahr? Skahaz também é de nascimento nobre.

— Skahaz é Kandaq, Hizdahr é Loraq. Vossa Radiância irá perdoar-me, mas só alguém que não seja ghiscariota não irá compreender a diferença. Frequentemente ouvi dizer que o seu é o sangue de Aegon, o Conquistador, de Jaehaerys, o Sábio e de Daeron, o Dragão. O nobre Hizdahr é do sangue de Mazdhan, o Magnífico, de Hazrak, o Belo, e de Zharaq, o Libertador.

— Os antepassados dele estão tão mortos como os meus. Irá Hizdahr despertar as suas sombras para defender Meereen contra os seus inimigos? Preciso de um homem com chicotes e espadas. Você me oferece antepassados.

— Nós somos um povo antigo. Os antepassados são importantes para nós. Casai com Hizdahr zo Loraq e faça um filho com ele, um filho cujo pai seja a harpia, cuja mãe seja o dragão. Nele, as profecias irão cumprir-se e os seus inimigos derreterão como neve.

Ele será o garanhão que monta o mundo. Dany sabia como eram as profecias. Eram feitas de palavras, e as palavras eram vento. Não haveria filho para Loraq, nenhum herdeiro para unir o dragão e a harpia. *Quando o Sol se erguer a oeste e se puser a leste, quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas.* Só então voltaria o seu ventre a receber vida...

... mas Daenerys Targaryen tinha outros filhos, dezenas de milhares que a tinham saudado como sua mãe quando lhes quebrou as correntes. Pensou em Escudo Vigoroso, no irmão de Missandei, na mulher, Rylona Rhee, que tocou harpa de forma tão bela. Nenhum casamento alguma vez os traria de volta à vida, mas se um marido podia ajudar a pôr fim ao massacre, então devia aos seus mortos casar.

Se casar com Hizdahr, irá isso fazer com que Skahaz se vire contra mim? Confiava mais em Skahaz do que confiava em Hizdahr, mas o Tolarrapada seria um desastre como rei. Era muito rápido a se enfurecer, muito lento a perdoar. Não via qualquer vantagem em casar com um homem tão odiado como ele. Hizdahr era muito respeitado, pelo que conseguia ver.

— Que pensa disso o meu marido em perspetiva? — perguntou à Graça Verde. *Que pensa ele de mim?*

— Vossa Graça só tem de lhe perguntar. O nobre Hizdahr aguarda lá em baixo. Mande buscá-lo, se for essa a sua vontade.

Tem muito atrevimento, sacerdotisa, pensou a rainha, mas engoliu a ira e obrigou-se a sorrir.

— E porque não? — mandou buscar Sor Barristan e disse ao velho cavaleiro para lhe trazer Hizdahr. — É uma longa ascensão. Diga aos Imaculados para o ajudarem a subir.

Quando o nobre concluiu a subida, a Graça Verde terminara a refeição.

— Se aprouver a Vossa Magnificência, retirar-me-ei. Vós e o nobre Hizdahr tendes muitas coisas a discutir, sem dúvida. — A velha limpou dos lábios uma mancha de mel, deu nas testas de Qezza e de Grazhar um beijo de despedida, e prendeu o seu véu de seda sobre a cara. — Regressarei ao Templo das Graças, e rezarei para que os deuses mostrem à minha rainha o rumo da sabedoria.

Quando ela se foi embora, Dany permitiu que Qezza voltasse a encher-lhe a taça, mandou as crianças embora e ordenou que Hizdahr zo Loraq fosse deixado entrar. *E se ele se atrever a dizer uma palavra sobre as suas preciosas arenas de combate, pode ser que mande atirá-lo do terraço.*

Hizdahr usava uma simples túnica verde por baixo de um colete acolchoado. Fez uma profunda mesura quando entrou, com a cara séria.

— Não tem nenhum sorriso para mim? — perguntou-lhe Dany. — Sou assim tão temível?

— Eu fico sempre sério na presença de tal beleza.

Era um bom começo.

— Beba comigo. — Dany encheu-lhe pessoalmente a taça. — Sabe porque está aqui. A Graça Verde parece achar que, se o tomar como marido, todas as minhas aflições desaparecerão.

— Eu nunca farei afirmação tão ousada. Os homens nascem para se empenhar e para sofrer. As nossas aflições só desaparecem quando morremos. Mas posso ser-lhe útil. Tenho ouro, amigos e influência, e o sangue da Velha Ghis corre-me nas veias. Apesar de nunca me ter casado, tenho dois filhos ilegítimos, um rapaz e uma menina, portanto posso dar-lhe herdeiros. Posso reconciliar a cidade com o seu domínio e pôr fim a este massacre noturno nas ruas.

— Ah pode? — Dany estudou-lhe os olhos. — Porque haveriam os Filhos da Harpia de pousar as facas por você? É um deles?

— Não.

— Me diria se fosse?

Ele riu.

— Não.

— O Tolarrapada tem maneiras de descobrir a verdade.

— Não duvido de que Skahaz depressa me levaria a confessar. Um dia com ele, e eu seria um dos Filhos da Harpia. Dois dias, e seria a Harpia. Três, e descobriria que também matei o seu pai, lá nos Reinos do Poente, quando era ainda rapaz. Depois ele me empala numa estaca e você pode me ver morrer... mas depois disso as mortes continuarão. — Hizdahr inclinou-se para mais perto. — Ou então pode casar comigo e deixar-me tentar pôr-lhes fim.

— Porque *você iria querer* me ajudar? Pela coroa?

— Uma coroa seria bastante agradável, não vou negar. Mas é mais do que isso. Será assim tão estranho que eu queira proteger o meu povo como você protege os seus libertos? Meereen não pode passar por outra guerra, Radiância.

Aquela era uma boa resposta, e uma resposta honesta.

— Eu nunca desejei a guerra. Derrotei os yunkaitas uma vez, e poupei-lhes a cidade quando podia tê-la saqueado. Me recusei a me juntar ao Rei Cleon quando marchou contra eles. Mesmo agora, com Astapor cercada, não intervenho. E Qarth... nunca fiz qualquer mal aos qartenos...

— Intencionalmente não, é verdade, mas Qarth é uma cidade de mercadores, e eles adoram o tinir das moedas de prata, o reluzir do ouro amarelo. Quando esmagou o comércio de escravos, o golpe foi sentido de Westeros a Asshai. Qarth depende dos seus escravos. O mesmo acontece com Tolos, Nova Ghis, Lys, Tyrosh, Volantis... a lista é longa, minha rainha.

— Eles que venham. Em mim encontrarão um inimigo mais duro do que Cleon. Antes morrer lutando do que devolver os meus filhos à servidão.

— Pode haver outra opção. Os yunkaitas podem ser convencidos a permitir que os seus libertos permaneçam livres, creio, se Vossa Reverência concordar que a Cidade Amarela pode treinar e vender escravos sem ser molestada deste dia em diante. Não é necessário que corra mais sangue.

— Exceto o sangue desses escravos que os yunkaitas irão *treinar* e *vender* — disse Dany, mas apesar disso reconheceu a verdade nas palavras dele. *Pode ser que esse seja o melhor fim que podemos esperar.* — Não disses que me ama.

— Direi, se aprouver a Vossa Radiância.

— Essa não é a resposta de um homem apaixonado.

— O que é o amor? Desejo? Nenhum homem com todos os seus órgãos poderá olha-la sem a desejar, Daenerys. Mas não é por isso que eu quero casar com você. Antes de chegar, Meereen estava morrendo. Os nossos governantes eram velhos com picas enrugadas e velhas cujas ratas pregueadas eram secas como poeira. Sentavam-se no topo das suas pirâmides bebendo vinho de alperce e falavam das glórias do Velho Império enquanto os séculos passavam por eles e os próprios tijolos da cidade ruíam à sua volta. O costume e a cautela tinham-nos presos com mãos de ferro, até que nos despertou com fogo e sangue. Um novo tempo chegou, e novas coisas são possíveis. Case comigo.

Não é difícil olhá-lo, disse Dany a si própria, *e tem uma língua de rei.*

— Beije-me — ordenou.

Ele voltou a pegar-lhe na mão, e beijou-lhe os dedos.

— Assim não. Beije-me como se eu fosse sua esposa.

Hidzahr pegou-lhe nos ombros tão ternamente como se ela fosse uma ave bebê. Inclinando-se para a frente, encostou os lábios aos seus.

O beijo dele foi ligeiro, seco e rápido. Dany não sentiu qualquer arrebatamento.

— Deverei... voltar a beija-la? — perguntou ele quando terminou.

— Não. — No terraço, na lagoa de banhos, os peixinhos mordiscavam-lhe as pernas enquanto se molhava. Até eles beijavam com mais fervor do que Hizdahr zo Loraq. — Eu não o amo.

Hizdahr encolheu os ombros.

— Isso pode vir, com o tempo. É sabido que por vezes acontece dessa forma.

Com a gente não, pensou ela. *Não enquanto Daario estiver tão próximo. É ele que desejo, não você.*

— Um dia vou querer regressar a Westeros, para reivindicar os Sete Reinos que foram do meu pai.

— Um dia todos os homens têm de morrer, mas não serve de nada passar a vida pensando na morte. Prefiro aceitar cada dia conforme vier.

Dany fechou as mãos uma na outra.

— Palavras são vento, mesmo palavras como *amor* e *paz.* Ponho mais confiança nos atos. Nos meus Sete Reinos, os cavaleiros partem em demandas para se mostrarem merecedores da donzela que amam. Procuram espadas mágicas, arcas de ouro, coroas roubadas do tesouro de um dragão.

Hizdahr arqueou uma sobrancelha.

— Os únicos dragões que conheço são seus, e espadas mágicas são ainda mais escassas. De bom grado lhe trarei anéis e coroas e arcas de ouro, se for esse o seu desejo.

— O meu desejo é a paz. Diga que pode me ajudar a pôr fim à carnificina noturna nas minhas ruas. Eu digo*: faça-o.* Ponha fim a esta guerra de sombras, senhor. É essa a sua demanda. Dê-me noventa dias e noventa noites sem um assassinato, e eu saberei que é merecedor de um trono. Pode fazer isso?

Hizdahr pareceu pensativo.

— Noventa dias e noventa noites sem um cadáver, e no nonagésimo primeiro casamos?

— Talvez — disse Dany, com um olhar recatado. — Embora as menininhas às vezes se mostrem volúveis. Posso ainda vir a querer uma espada mágica.

Hizdahr riu.

— Então também a obterá, Radiância. Os seus desejos são as minhas ordens. É melhor dizer ao seu senescal para começar a fazer preparativos para o nosso casamento.

— Nada agradaria mais ao nobre Reznak. — Se Meereen soubesse que havia um casamento em perspetiva, podia bastar isso para lhe dar algumas noites de descanso, mesmo se os esforços de Hizdahr não dessem em nada. *O Tolarrapada não ficará contente comigo, mas Reznak mo Reznak dançará de alegria.* Dany não sabia qual das duas coisas a preocupava mais. Precisava de Skahaz e das Feras de Bronze, e acabou por desconfiar de todos os conselhos de Reznak. *Cuidado com o senescal perfumado. Terá Reznak feito causa comum com Hizdahr e com a Graça Verde, preparando alguma armadilha para me enredar?*

Assim que Hizdahr zo Loraq se despediu dela, Sor Barristan apareceu atrás de si com o seu longo manto branco. Anos de serviço na Guarda Real tinham ensinado ao cavaleiro branco a permanecer discreto enquanto ela estava recebendo, mas nunca estava longe. *Ele sabe*, viu ela de imediato, *e desaprova.* As rugas em volta da boca do cavaleiro tinham-se aprofundado.

— Então — disse-lhe — parece que talvez volte a me casar. Está contente por mim, sor?

— Se for essa a sua ordem, Vossa Graça.

— Hizdahr não é o marido que teria escolhido para mim.

— Não me cabe escolher o seu marido.

— Pois não — concordou — mas é importante para mim que compreenda. O meu povo sangra. Morre. Uma rainha não pertence a si, mas ao reino. Casamento ou carnificina, são estas as minhas opções. Um casamento ou uma guerra.

— Vossa Graça, posso falar com franqueza?

— Sempre.

— Há uma terceira opção.

— Westeros?

Ele concordou.

— Estou ajuramentado a servir Vossa Graça, e a mante-la a salvo do mal onde quer que vá. O meu lugar é a seu lado, aqui ou em Porto Real... mas o seu lugar é em Westeros, no Trono de Ferro que foi do seu pai. Os Sete Reinos nunca aceitarão Hizdahr zo Loraq como rei.

— Tal como Meereen nunca aceitará Daenerys Targaryen como rainha. A Graça Verde tem razão quanto a isso. Preciso de um rei a meu lado, um rei de antigo sangue ghiscariota. De outra forma me verão sempre como a bárbara bizarra que arremeseu pelos seus portões, empalou os seus familiares em espigões e lhes roubou a riqueza.

— Em Westeros será a filha perdida que regressa para alegrar o coração do pai. O seu povo a seguirá quando passar a cavalo e todos os homens bons a amarão.

— Westeros fica longe.

— Demorar-se aqui não o trará para mais perto. Quanto mais cedo abandonarmos este lugar...

— Eu sei. Sei *mesmo*. — Dany não sabia como levá-lo a compreender. Desejava tanto Westeros como ele, mas primeiro tinha de sarar Meereen. — Noventa dias é muito tempo. Hizdahr pode falhar. E se falhar, a tentativa arranja-me tempo. Tempo para fazer alianças, para fortalecer as minhas defesas, para...

— E se ele não falhar? O que fará Vossa Graça nesse caso?

— O meu dever. — Sentiu a palavra fria na língua. — Viu o meu irmão Rhaegar casar. Diga-me, ele casou por amor ou por dever?

O velho cavaleiro hesitou.

— A Princesa Elia era uma boa mulher, Vossa Graça. Era bondosa e inteligente, com um coração gentil e uma esperteza doce. Sei que o príncipe gostava muito dela.

Gostava, pensou Dany. A palavra era bem eloquente. *Posso acabar por gostar de Hizdahr zo Loraq, com o tempo. Talvez.*

Sor Barristan prosseguiu.

— Também vi o seu pai e a sua mãe casarem. Perdoe-me, mas não havia alí amizade, e o reino pagou caro por isso, minha rainha.

— Porque casaram eles, se não se amavam um ao outro?

— O seu avô ordenou-o. Uma bruxa da floresta tinha-lhe dito que o príncipe que estava prometido nasceria das linhagens deles.

— Uma bruxa da floresta? — Dany estava espantada.

— Veio à corte com Jenny de Pedravelhas. Uma coisa atrofiada, com um ar grotesco. Uma anã, segundo a maior parte das pessoas, embora fosse cara à Senhora Jenny, que sempre afirmou que pertencia aos filhos da floresta.

— O que lhe aconteceu?

— Solarestival. — A palavra estava carregada de fatalidade.

Dany suspirou.

— Agora deixe-me. Estou muito fatigada.

— Às suas ordens. — Sor Barristan fez uma mesura e virou-se para ir embora. Mas à porta parou. — Perdoe-me. Vossa Graça tem um visitante. Devo dizer-lhe para regressar amanhã?

— Quem é?

— Naharis. Os Corvos Tormentosos regressaram à cidade.

Daario. O coração esvoaçou-lhe no peito.

— Há quanto tempo... quando foi que ele...? — não parecia ser capaz de fazer sair as palavras.

Sor Barristan pareceu compreender.

— Vossa Graça estava com a sacerdotisa quando ele chegou. Eu sabia que não quereria ser incomodada. As novidades do capitão podem esperar até amanhã.

— Não. — *Corno posso ter esperança de dormir. sabendo que o meu capitão está tão perto?* — mande-o subir imediatamente. E... já não vou precisar de você esta noite. Ficarei em segurança com Daario. Oh, e chame Irri e Jhiqui, se fizer o favor. E Missandei. — *Preciso de mudar de roupa, de me pôr bela.*

Disse isso mesmo às aias quando elas chegaram.

— O que quer Vossa Graça vestir? — perguntou Missandei.

Luz das estrelas e espuma do mar, pensou Dany, *um vestígio de seda que me deixe o seio esquerdo nu para deleite de Daario. Oh, e flores para o*

cabelo. Logo depois de se terem conhecido, o capitão trouxe-lhe flores todos os dias ao longo de toda a viagem entre Yunkai e Meereen.

— Traga o vestido de linho cinzento com as pérolas no corpete. Oh, e a minha pele de leão branco. — Sentia-se sempre mais segura enrolada na pele de leão de Drogo.

Daenerys recebeu o capitão no terraço, sentada num banco de pedra esculpida por baixo de uma pereira. Uma meia-lua flutuava no céu por cima da cidade, acompanhada por um milhar de estrelas. Daario Naharis entrou pavoneando-se. *Ele pavoneia-se mesmo quando está parado.* O capitão usava calças largas e listradas, enfiadas em botas de cano alto de couro púrpura, uma camisa de seda branca, um colete de argolas douradas. A barba cortada em tridente era púrpura, os extravagantes bigodes dourados, os longos caracóis pintados em partes iguais de ambas as cores. Num lado usava um estilete, no outro um *arakh* dothraki.

— Brilhante rainha — disse — se tornou mais bela na minha ausência. Como é tal coisa possível?

A rainha estava habituada àqueles louvores, mas de alguma forma o elogio tinha mais significado vindo de Daario do que de gente como Reznak, Xaro ou Hizdahr.

— Capitão. Disseram-nos que nos prestou bons serviços em Lhazar. — *Tive tantas saudades.*

— O seu capitão vive para servir a sua cruel rainha.

— Cruel?

O luar cintilou nos olhos dele.

— Correu em frente de todos os seus homens para ver o seu rosto mais depressa, só para ser deixado à espera enquanto ela comia carneiro e figos com uma velha seca qualquer.

Eles não me disseram que estava aqui, pensou Dany, *caso contrário eu podia ter feito figura de tola mandando-lhe buscar imediatamente.*

— Estava jantando com a Graça Verde. — Parecia ser melhor não mencionar Hizdahr. — Tinha uma necessidade urgente dos seus sábios conselhos.

— Eu só tenho uma necessidade urgente: Daenerys.

— Quere que mande vir comida? Deves estar com fome.

— Já não como há dois dias, mas agora que estou aqui basta-me banquetear-me com a sua beleza.

— A minha beleza não vai encher sua barriga. — Colheu uma pera e atirou-lhe. — Coma isto.

— Se a minha rainha o ordena. — Deu uma dentada na pera, com o dente de ouro reluzindo. Sumo escorreu-lhe pela barba púrpura.

A menina em si queria tanto beijá-lo que doía. *Os beijos dele devem ser duros e cruéis*, disse a si própria, *e ele não vai se importar se eu gritar ou lhe ordenar que pare.* Mas a rainha em si sabia que isso seria uma loucura.

— Fale-me da sua viagem.

Ele encolheu os ombros com indiferença.

— Os yunkaitas enviaram uns mercenários para fechar o Passo de Khyzai. Chamam a si próprios Longas Lanças. Caímos sobre eles durante a noite e mandamos alguns para o inferno. Em Lhazar matei dois dos meus próprios sargentos por conspirarem para roubar as pedras preciosas e a bandeja de ouro que a minha rainha me confiou como presente para os Homens Ovelha. Fora isso, tudo se passou como eu tinha prometido.

— Quantos homens perdeu em combate?

— Nove — disse Daario — mas uma dúzia das Longas Lanças decidiram que preferiam ser Corvos Tormentosos a cadáveres, portanto tivemos um lucro de três. Disse-lhes que viveriam mais tempo combatendo com os seus dragões do que contra eles, e viram a sabedoria nas minhas palavras.

Aquilo a deixou desconfiada.

— Podem estar espionando para Yunkai.

— São estúpidos demais para serem espiões. Não os conhece.

— E você também não. Confia neles?

— Confio em todos os meus homens. Só até ao alcance do meu cuspe. — Cuspiu uma semente, e sorriu das suspeitas dela. — Quer que lhe traga as cabeças deles? Trarei, se me ordenar. Um é careca, dois têm tranças e um pinta a barba de quatro cores diferentes. Que espião usaria uma barba assim?, pergunto-lhe. O fundibulário consegue acertar com uma pedra no olho de um mosquito a quarenta passos, e o feio tem jeito para os cavalos, mas se a minha rainha disser que eles têm de morrer...

— Não disse isso. Eu só... assegure-se de que os mantém debaixo de seus olhos, é só isso. — Sentiu-se pateta dizendo aquilo. Sentia-se sempre um pouco pateta quando estava com Daario. *Desajeitada, ameninada e de raciocínio lento. O que pensará ele de mim?* Mudou de assunto. — Os Homens Ovelha vão nos mandar comida?

— Cereais descerão o Skahazadhan em barcaças, minha rainha, e outros bens em caravanas através do Khyzai.

— O Skahazadhan não. O rio está fechado para nós. Os mares também. Deve ter visto os navios na baía. Os qartenos afugentaram um terço da nossa frota de pesca e capturaram outro terço. Os outros estão muito assustados para saírem do porto. O pouco comércio que ainda tínhamos foi impedido.

Daario jogou fora o caroço da pera.

— Os qartenos têm leite nas veias. Deixe-os ver os seus dragões, e fugirão.

Dany não queria falar dos dragões. Continuavam vindo agricultores à sua corte com ossos queimados, queixando-se de ovelhas em falta, apesar de Drogon não ter regressado à cidade. Alguns relatavam tê-lo visto ao norte do rio, sobre a erva do mar dothraki. No fosso, Viserion partiu uma das correntes que o prendiam; ele e Rhaegal tornavam-se mais selvagens a cada dia que passava. Os Imaculados tinham-lhe dito que uma vez as portas de ferro tinham brilhado, vermelhas de tão quentes, e ninguém se atreveu a tocar-lhes durante um dia.

— Astapor também está sob cerco.

— Isso já sabia. Uma das Longas Lanças viveu o suficiente para nos dizer que os homens andavam comendo uns aos outros na Cidade Vermelha. Disse que a vez de Meereen chegaria em breve, por isso cortei-lhe a língua e dei-a a comer a um cão amarelo. Nenhum cão come a língua de um mentiroso. Quando o cão amarelo comeu a dele, soube que tinha dito a verdade.

— Também tenho guerra dentro da cidade. — Falou-lhe dos Filhos da Harpia e das Feras de Bronze, de sangue nos tijolos. — Tenho inimigos a toda a minha volta, dentro da cidade e fora dela.

— Ataque — disse ele de imediato. — Um homem rodeado de inimigos não se pode defender. Se tentar, o machado cai-lhe sobre as costas enquanto está parando a espada. Não. Quando se é confrontado com tantos inimigos, há que escolher o mais fraco, matá-lo, atropelá-lo e fugir.

— Para onde devo eu fugir?

— Para dentro da minha cama. Para dentro dos meus braços. Para dentro do meu coração. — Os cabos do *arakh* e do estilete de Daario tinham sido esculpidos com a forma de mulheres douradas, nuas e libertinas. Roçou nelas os polegares de uma maneira que era notavelmente obscena, e fez um sorriso perverso.

Dany sentiu sangue subindo-lhe pela cara. Era quase como se ele a estivesse acariciando. *Me julgaria também libertina se o puxasse para a cama?* Ele a fazia desejar ser a sua libertina. *Nunca devia encontrar-me com ele sozinha. É muito perigoso tê-lo junto de mim.*

— A Graça Verde diz que tenho de arranjar um rei ghiscariota — disse, corada. — Insiste que me case com o nobre Hizdahr zo Loraq.

— Esse? — Daario soltou uma gargalhada. — E porque não o Verme Cinzento, se deseja um eunuco na sua cama? *Deseja* um rei?

Desejo você.

— Desejo a paz. Dei a Hizdahr noventa dias para pôr fim aos assassinatos. Se o fizer, tomo-o como marido.

— Tome a mim como marido. Eu farei em nove dias.

Sabe que não posso fazer isso, quase disse ela.

— Está combatendo sombras quando devia estar combatendo os homens que as lançam — prosseguiu Daario. — O que eu digo é: mate a todos e fique com os seus tesouros. Sussurre a ordem, e o seu Daario fará com as cabeças deles uma pilha mais alta do que essa pirâmide.

— Se eu soubesse quem eles são...

— Zhak, Pahl e Merreq. Eles e todos os outros. Os Grandes Mestres. Quem mais poderiam ser?

Ele é tão ousado como sedento de sangue.

— Não temos provas de que isso é obra deles. Quer que eu massacre os meus próprios súditos?

— Os seus súditos de bom grado massacrariam a você.

O homem passou tanto tempo longe que Dany quase esqueceu o que ele era. Lembrou a si própria que mercenários eram traiçoeiros por natureza. *Inconstante, infiel, brutal. Ele nunca será mais do que é. Nunca será matéria-prima para um rei.*

— As pirâmides são fortes — explicou. — Só poderíamos tomá-las a grande custo. No momento em que atacarmos uma, as outras se revoltarão contra nós.

— Então tire-os das pirâmides sob algum pretexto. Um casamento pode servir. Porque não? Prometa a sua mão a Hizdahr e todos os Grandes Mestres virão vê-la casar. Quando se reunirem no Templo das Graças, deixe-nos à solta entre eles.

Dany ficou horrorizada. *Ele é um monstro. Um monstro galante, mas um monstro na mesma.*

— Me toma pelo Rei Carniceiro?

— Antes ser o carniceiro do que a carne. Todos os reis são carniceiros. As rainhas serão assim tão diferentes?

— Essa rainha é.

Daario encolheu os ombros.

— A maioria das rainhas não tem utilidade nenhuma além de aquecer a cama de um rei qualquer e pôr pra fora filhos para ele. Se for esse o tipo de rainha que quer ser, é melhor que se case com Hizdahr.

A ira de Dany relampejou.

— Esqueceu quem eu sou?

— Não. Você se esqueceu?

Viserys teria mandado cortar-lhe a cabeça por esta insolência.

— Sou do sangue do dragão. Não se arrogue a me dar lições. — Quando Dany se pôs em pé, a pele de leão deslizou-lhe de cima dos ombros e caiu no chão. — Deixe-me.

Daario fez-lhe uma larga mesura.

— Vivo para obedecer.

Depois de ele se ir embora, Dany chamou Sor Barristan de volta.

— Quero os Corvos Tormentosos outra vez em campo.

— Vossa Graça? Eles acabaram de regressar...

— Quero-os longe. Eles que patrulhem os territórios yunkaitas e deem proteção a qualquer caravana que atravesse o Passo de Khyzai. De hoje em diante, Daario fará os seus relatórios a você. Conceda-lhe todas as honrarias que lhe sejam devidas e assegure-se de que os seus homens sejam bem pagos, mas por nenhum motivo o deixe vir à minha presença.

— Será como diz, Vossa Graça.

Naquela noite não conseguiu dormir; passou-a desassossegadamente às voltas na cama. Até chegou ao ponto de chamar Irri, na esperança de que as suas carícias pudessem facilitar-lhe o caminho até o descanso, mas passado pouco tempo afastou a menina dothraki. Irri era doce, suave e solícita, mas não era Daario.

Que fiz eu? pensou, aninhada na cama vazia. *Esperei tanto tempo pelo regresso dele, e mandei-o embora.*

— Ele me transformaria num monstro — sussurrou — numa rainha carniceira. — Mas depois pensou no distante Drogon e nos dragões que estavam no fosso. *Também há sangue nas minhas mãos e no meu coração. Não somos assim tão diferentes, eu e Daario. Somos ambos monstros.*

O SENHOR PERDIDO

Não devia demorar tanto tempo, disse Griff a si próprio enquanto percorria o convés da *Tímida Donzela.* Teriam perdido Haldon como haviam perdido Tyrion Lannister? Poderiam os volantenos tê-lo capturado? *Eu devia ter mandado o Campopato com ele.* Haldon, sozinho, não era digno de confiança; demonstrou em Selhorys quando deixou o anão fugir.

A *Tímida Donzela* estava amarrada numa das seções mais miseráveis da longa e caótica zona ribeirinha, entre um barco de varejo adernado que não abandonava o cais há anos e a barcaça dos saltimbancos pintada de cores vivas. Os saltimbancos eram um grupo ruidoso e animado, sempre citando discursos uns aos outros e mais frequentemente bêbados do que sóbrios.

O dia estava quente e grudento, como todos os dias tinham estado desde que haviam deixado as Mágoas para trás. Um feroz sol meridional massacrava a repleta zona ribeirinha de Volon Therys, mas o calor era a última e a menor das preocupações de Griff. A Companhia Dourada estava acampada três milhas ao sul da cidade, bem ao norte de onde os esperava, e o Triarca Malaquo veio para norte com cinco mil soldados a pé e mil a cavalo para lhes impedir o avanço até à estrada do delta. Daenerys Targaryen continuava a um mundo de distância, e Tyrion Lannister... bem, podia estar praticamente em qualquer local. Se os deuses fossem bons, a cabeça cortada do Lannister estaria por aquela hora no meio da viagem de regresso a Porto Real, mas era mais provável que o anão estivesse são e inteiro em algum lugar ali perto, bêbado que nem um cacho e a congeminar alguma nova infâmia.

— Onde, com os sete infernos, está Haldon? — queixou-se Griff à Senhora Lemore. — Quanto tempo demorará comprar três cavalos?

Ela encolheu os ombros.

— Senhor, não seria mais seguro deixar o rapaz aqui a bordo do barco?

— Mais seguro, sim. Mais sensato, não. Ele já é um homem feito, e esta é a estrada que nasceu para percorrer. — Griff não tinha paciência para aquelas ninharias. Estava farto de se esconder, farto de esperar, farto de cautelas. *Não tenho tempo suficiente para cautelas.*

— Nos esforçamos o máximo possível para manter o Príncipe Aegon escondido durante todos esses anos — fez-lhe lembrar Lemore. — Chegará o

momento de ele lavar o cabelo e declarar-se, bem sei, mas esse momento não é agora. Não a um acampamento de mercenários.

— Se Harry Strickland lhe quiser fazer mal, escondê-lo na *Tímida Donzela* não o protegerá. O Strickland tem dez mil espadas às suas ordens. Nós temos Pato. Aegon é tudo o que podia desejar-se num príncipe. Eles têm de ver isso, o Strickland e os outros. Aqueles são os seus homens.

— Os seus, porque foram comprados e pagos. Dez mil estranhos armados, mais sequazes e seguidoras de acampamentos. Basta um para levar a todos à ruína. Se a cabeça de Hugor valia honras de lorde, quanto pagará Cersei Lannister pelo legítimo herdeiro do Trono de Ferro? Não conhece aqueles homens, senhor. Passaram-se doze anos desde a última vez que acompanhou a Companhia Dourada, e o seu velho amigo está morto.

O *Coração Negro.* Myles Toyne esteve tão cheio de vida da última vez que Griff se despediu dele que era difícil aceitar que ele se foi. *Um crânio dourado no topo de um poste, e Harry Sem-Abrigo Strickland no seu lugar.* Não faltava razão a Lemore, bem o sabia. Independentemente de quem tivessem sido os seus pais e avôs em Westeros antes do exílio, os homens da Companhia Dourada eram agora mercenários, e não se podia confiar em nenhum mercenário. Mas mesmo assim...

Na noite anterior tinha voltado a sonhar com o Septo de Pedra. Sozinho, de espada na mão, correu de casa em casa, derrubando portas, correndo por escadas acima, saltando de telhado em telhado, enquanto os ouvidos ressoavam com o som de sinos distantes. Profundas ressonâncias de bronze e harmonias de prata estrondeavam no seu crânio, uma cacofonia enlouquecedora de ruído que se ia tornando cada vez mais forte até lhe parecer que a cabeça ia explodir.

Dezessete anos tinham chegado e partido desde a Batalha dos Sinos, mas o som de sinos repicando ainda lhe dava um nó nas tripas. Outros podiam afirmar que o reino ficou perdido quando o Príncipe Rhaegar caíra perante o martelo de guerra de Robert no Tridente, mas a Batalha do Tridente nunca teria sido travada se o grifo tivesse conseguido matar o veado ali no Septo de Pedra. *Os sinos repicaram por todos nós naquele dia. Por Aerys e pela sua rainha, por Elia de Dome e a sua filhinha, por todos os homens leais e mulheres honestas nos Sete Reinos. E pelo meu príncipe prateado.*

— O plano era só revelar o Príncipe Aegon quando alcançássemos a Rainha Daenerys — estava Lemore dizendo.

— Isso foi quando acreditávamos que a menina vinha para oeste. A nossa rainha do dragão fez esse plano em cinzas, e graças àquele palerma gordo em Pentos agarramos a dragoa pela cauda e queimamos os dedos até ao osso.

— Não se podia esperar que Illyrio soubesse que a menina decidiria ficar na Baía dos Escravos.

— Tal como ele não sabia que o Rei Pedinte morreria novo, ou que Khal Drogo o seguiria para a sepultura. Muito pouco do que o gordo previu acabou por acontecer. — Griff baseu no cabo da sua espada com uma mão enluvada. — Levei anos dançando ao som das flautas do gordo, Lemore. O que lucramos com isso? O príncipe é um homem feito. O tempo dele está...

— Griff— gritou Yandry ruidosamente, por cima do clamor do sino dos saltimbancos. — É Haldon.

E era mesmo. O Semimeistre parecia cheio de calor e desarranjado enquanto abria caminho ao longo da zona ribeirinha até ao início do pontão. Suor deixara círculos escuros debaixo dos braços da sua túnica de linho claro, e ele mostrava na longa cara a mesma expressão amarga que teve em Selhorys, quando regressou à *Tímida Donzela* para confessar que o anão desapareceu. Mas trazia três cavalos pela arreata, e só isso importava.

— Traga o rapaz — disse Griff a Lemore. — Certifica-se de que está pronto.

— Às ordens — respondeu ela, pouco contente.

Assim seja. Ganhara amizade por Lemore, mas isso não queria dizer que precisasse da sua aprovação. A tarefa dela foi instruir o príncipe nas doutrinas da Fé, e isso ela fez. Contudo, nenhuma quantidade de orações o poria no Trono de Ferro. Essa era a tarefa de Griff. Falhou uma vez ao Príncipe Rhaegar. Não falharia ao seu filho, pelo menos enquanto restasse vida no seu corpo.

Os cavalos de Haldon não lhe agradaram.

— Esses foram os melhores que encontrou? — protestou com o Semimeistre.

— Foram — disse Haldon, em tom de irritação — e é melhor que não pergunte o que nos custaram. Com os dothraki do outro lado do rio, metade da população de Volon Therys decidiu que preferia estar noutro lugar, de modo que carne de cavalo se torna mais cara todos os dias.

Devia ter ido eu. Depois de Selhorys, achava difícil depositar em Haldon a mesma confiança que anteriormente. *Ele deixou que o anão o*

intrujasse com aquela língua prolixa que tem. Deixou-o entrar num bordel sozinho enquanto ele esperava na praça como um cretino. O encarregado do bordel insistiu que o homenzinho foi levado na ponta de uma espada, mas Griff ainda não estava bem certo de acreditar nisso. O Duende era suficientemente inteligente para ter planejado a sua própria fuga. Aquele captor bêbado de que as rameiras falavam podia ter sido um capanga qualquer a seu soldo. *Eu partilho as culpas. Depois do anão se ter interposto entre Aegon e o homem de pedra baixei a guarda. Devia ter-lhe cortado a goela da primeira vez que lhe pus a vista em cima.*

— Servirão suficientemente bem, suponho — disse a Haldon. — O acampamento está só a três milhas para sul. — A *Tímida Donzela* teria lá chegado mais depressa, mas preferia deixar Harry Strickland na ignorância sobre onde ele e o príncipe tinham estado. E também não lhe agradava a perspetiva de chapinhar pelos baixios para subir uma margem lamacenta. Esse tipo de entrada podia servir para um mercenário e o seu filho, mas não para um grande senhor e o seu príncipe.

Quando o rapaz saiu da cabine com Lemore a seu lado, Griff examinou-o cuidadosamente, da cabeça aos pés. O príncipe usava espada e punhal, botas pretas polidas até reluzirem, um manto preto forrado de seda vermelha de sangue. Com o cabelo lavado e cortado e pintado de fresco com um azul profundo e escuro, os seus olhos também pareciam azuis. À garganta usava três enormes rubis de corte quadrado num fio de ferro preto, um presente do magíster Illyrio. Vermelho e negro. Cores dos dragões. Aquilo era bom.

— Parece um príncipe como deve ser — disse ao rapaz. — O seu pai ficaria orgulhoso se pudesse vê-lo.

O Jovem Griff passou com os dedos pelo cabelo.

— Estou farto desta tinta azul. Devíamos tê-la lavado.

— Em breve. — Griff também ficaria contente por regressar às suas cores verdadeiras, embora o seu cabelo, outrora ruivo, tivesse se tornado grisalho. Deu uma palmada no ombro do rapaz. — Vamos? O seu exército espera a sua chegada.

— Gosto de como isso soa. O meu exército. — Um sorriso relampejou-lhe na cara, depois desapareceu. — Mas será que espera? Eles são mercenários. Yollo avisou-me para não confiar em ninguém.

— Há nisso sabedoria — admitiu Griff. Podia ter sido diferente se o Coração Negro ainda comandasse, mas Myles Toyne estava morto há quatro

anos, e o Harry Sem Abrigo Strickland era de um tipo diferente de homem. Contudo, não queria dizer isso ao rapaz. Aquele anão já plantou dúvidas suficientes na sua jovem cabeça. — Nem todos os homens são o que parecem, e um príncipe, em especial, tem bons motivos para ser cauteloso... mas se seguir até muito longe por essa estrada, a desconfiança pode envenenar-lhe, torna-lo amargo e temeroso. — O *Rei Aerys era assim. No fim, até Rhaegar o viu com bastante clareza.* — Faria melhor em percorrer um caminho intermediario. Deixa que os homens conquistem a sua confiança com serviços leais... mas quando o fizerem, seja generoso e sincero.

O rapaz acenou com a cabeça.

— Me lembrarei.

Entregaram ao príncipe o melhor dos três cavalos, um grande castrado cinzento tão claro que era quase branco. Griff e Haldon seguiram a seu lado em montarias piores. A estrada dirigia-se a sul sob as altas muralhas brancas de Volon Therys ao longo de uma boa meia milha. Depois deixaram a vila para trás, seguindo o curso sinuoso do Roine através de bosques de salgueiros e campos de papoulas, passando por um grande moinho de madeira cujas velas rangiam como velhos ossos enquanto giravam.

Encontraram a Companhia Dourada junto ao rio quando o Sol já baixava ao poente. Era um acampamento que até Arthur Dayne teria aprovado; compacto, ordenado, defensável. Uma profunda vala tinha sido cavada à sua volta, com estacas aguçadas lá dentro. As tendas erguiam-se em fileiras com largas avenidas entre elas. As latrinas tinham sido colocadas junto ao rio, para que a corrente levasse os dejetos. As linhas de cavalos ficavam a norte, e atrás delas duas dúzias de elefantes pastavam junto à água, arrancando caniços com as trombas. Griff passou os olhos pelos grandes animais com aprovação. *Não há um cavalo de batalha em toda Westeros que se aguente contra eles.*

Altos estandartes de batalha de pano de ouro esvoaçavam no topo de majestosos mastros ao longo dos perímetros do acampamento. Por baixo, sentinelas armadas e couraçadas faziam as suas rondas com lanças e bestas, observando todas as abordagens. Griff temeu que a companhia pudesse ter-se tornado negligente sob o comando de Harry Strickland, que sempre pareceu mais preocupado em fazer amigos do que em impor a disciplina, mas parecia que a sua preocupação foi mal dirigida.

Ao portão, Haldon disse qualquer coisa ao sargento dos guardas, e foi enviado um estafeta à procura de um capitão. Quando apareceu, era precisamente

tão feio como da última vez que Griff pôs nele os olhos. Um matulão de grande barriga e desajeitado, o mercenário tinha uma cara marcada, entrecruzada por velhas cicatrizes. A orelha direita tinha o aspecto de ter sido roída por um cão e a esquerda não estava lá.

— Fizeram de *você* um capitão, Flowers? — disse Griff. — Julgava que a Companhia Dourada tinha critérios.

— É pior que isso, meu maricão — disse Franklyn Flowers. — Também me armaram cavaleiro. — Agarrou em Griff pelo antebraço, puxou-o para um abraço de esmagar ossos. — Tem um ar horrível, mesmo para um homem que está morto há uma dúzia de anos. Com que então cabelo azul? Quando Harry disse que tinha aparecido quase me caguei todo. E Haldon, meu coninhas gelado, também é bom ve-lo. Ainda tem esse pau enfiado pelo cu acima? — virou-se para o Jovem Griff. — E este há de ser...

— O meu escudeiro. Rapaz, este é Franklyn Flowers.

O príncipe cumprimentou-o com um aceno.

— Flowers é um nome de bastardo. Você é da Campina.

— Sim. A minha mãe era lavadeira em Solar de Cidra até que um dos filhos do senhor a violou. Me transforma assim numa espécie de Fossoway da maçã castanha, segundo eu vejo as coisas. — Flowers indicou-lhes com um gesto para atravessarem o portão. — Venha comigo. Strickland chamou todos os oficiais à sua tenda. Conselho de guerra. Os sacanas dos volantenos estão chacoalhando as lanças e exigindo saber quais são as nossas intenções.

Os homens da Companhia Dourada estavam à porta das suas tendas, jogando os dados, bebendo e enxotando moscas. Griff perguntou a si próprio quantos deles saberiam quem ele era. *Bem poucos. Doze anos é muito tempo.* Até os homens que o tinham acompanhado poderiam não reconhecer o senhor exilado Jon Connington da fogosa barba ruiva na cara enrugada e escanhoada e no cabelo pintado de azul do mercenário Griff. No que tocava à maior parte deles, Connington matou-se de beber em Lys depois de ter sido afastado da companhia em desgraça por ter roubado da arca de guerra. A vergonha da mentira ainda lhe roía as tripas, mas Varys insistiu que era necessária.

— Não queremos canções sobre o galante exilado — disse o eunuco com um risinho sufocado, naquela sua voz afetada. — Aqueles que morrem mortes heróicas são lembrados por muito tempo, ladrões, bêbados e covardes são esquecidos depressa.

Que sabe um eunuco sobre a honra de um homem? Griff aceitou o plano do eunuco pelo bem do rapaz, mas isso não queria dizer que gostasse dele. *Permiti que viva o suficiente para ver o rapaz sentado no Trono de Ferro, e Varys pagará por aquela desfeita, e por tantas outras coisas. Depois veremos quem é depressa esquecido.*

A tenda do capitão-general era feita de pano de ouro e estava rodeada por um anel de piques rematados por crânios dourados. Um dos crânios era maior do que os outros, grotescamente malformado. Por baixo estava um segundo, que não era maior do que um punho de criança. Maelys, o Monstruoso, e o seu irmão sem nome. Os outros crânios tinham uma mesmice, apesar de vários terem sido rachados e estilhaçados pelos golpes que os tinham matado e de um ostentar dentes aguçados, pontiagudos.

— Qual deles é o Myles? — deu Griff por si perguntando.

— Ali. Na ponta. — Flowers apontou. — Espera. Eu vou lhe anunciar. — Enfiou-se dentro da tenda, deixando Griff contemplando o crânio dourado do seu velho amigo. Em vida, Sor Myles Toyne tinha sido feio como o pecado. O seu famoso antepassado, o escuro e fogoso Terrence Toyne, sobre o qual os cantores cantavam, teve uma cara tão bela que nem a amante do rei conseguiu resistir-lhe, mas Myles foi possuído por orelhas de cântaro, um queixo torto, e o maior nariz que Jon Connington viu na vida. *Quando sorria, porém, nada disso importava.* Os seus homens tinham-no chamado "Coração Negro", devido ao símbolo no seu escudo. Myles adorara o nome e tudo aquilo que ele sugeria.

— Um capitão-general deve ser temido, tanto pelos amigos como pelos inimigos — confessou uma vez. — Se os homens me julgarem cruel, tanto melhor. — A verdade era outra. Soldado até o osso, Toyne era feroz mas sempre justo, um pai para os seus homens, e sempre generoso com o senhor exilado Jon Connington.

A morte roubou-lhe as orelhas, o nariz e todo o calor. O sorriso permanecia, transformado num reluzente esgar de ouro. Todos os crânios sorriam, até o de Açamargo no alto pique central. *Que tem ele que o faça sorrir? Morreu derrotado e sozinho, um homem quebrado numa terra estranha.* Sor Aegor Rivers era famoso por ter ordenado aos seus homens, no leito de morte, para lhe limparem o crânio de carne, fervendo-o, para o mergulharem em ouro e para o levarem à sua frente quando atravessassem o mar para reconquistar Westeros. Os seus sucessores tinham-lhe seguido o exemplo.

Jon Connington podia ter sido um desses sucessores, se o seu exílio tivesse corrido de outra forma. Passou cinco anos com a companhia, subindo nas fileiras até um lugar de honra à direita de Toyne. Se tivesse ficado poderia perfeitamente ter sido para ele e não para Harry Strickland que os homens se teriam virado depois de Myles morrer. Mas Griff não se arrependia do caminho que escolheu. *Quando eu regressara Westeros não será como crânio no topo de um poste.*

Flowers saiu da tenda.

— Entre.

Os oficiais superiores da Companhia Dourada levantaram-se de bancos e cadeiras de acampar quando eles entraram. Velhos amigos cumprimentaram Griff com sorrisos e abraços, os novos homens com mais formalidade. *Nem todos estão tão contentes por nos ver como gostariam de me levar a crer.* Detectou facas por trás de alguns dos sorrisos. Até muito recentemente, a maioria julgou que o Lorde Jon Connington estava em segurança na sua tumba, e não havia dúvida de que muitos sentiam que esse era um belo local para ele, um homem que podia roubar aos seus irmãos de armas. Griff poderia ter sentido o mesmo se estivesse no lugar deles.

Sor Franklyn fez as apresentações. Alguns dos capitães mercenários ostentavam nomes bastardos, tal como Flowers; Rivers, Hill, Stone. Outros reivindicavam nomes que tinham em tempos agigantado nas histórias dos Sete Reinos; Griff contou dois Strongs, três Peakes, um Mudd, um Mandrake, um Lothston, um par de Coles. Sabia que nem todos eram genuínos. Nas companhias livres um homem podia chamar a si próprio tudo o que quisesse. Qualquer que fossem os nomes, os mercenários mostravam um rude esplendor. Tal como muitos no seu ofício, mantinham as riquezas materiais sobre as suas pessoas; espadas cravejadas de jóias, armaduras com embutidos, pesados torques e sedas finas estavam em grande evidência, e cada homem ali presente usava um resgate de lorde em braçadeiras de ouro. Cada braçadeira significava um ano de serviço com a Companhia Dourada. Marq Mandrake, cuja cara marcada pelas bexigas tinha um buraco numa bochecha onde uma marca de escravo foi queimada, usava também uma corrente de crânios de ouro.

Nem todos os capitães tinham sangue de Westeros. O Balaq Preto, um ilhéu do verão de cabelo branco com uma pele negra como fuligem, comandava os arqueiros da companhia, como nos dias do Coração Negro. Usava um manto de penas, verde e cor de laranja, magnífico de contemplar. O volanteno

cadavérico, Gorys Edoryen, substituiu Strickland como tesoureiro. Uma pele de leopardo envolvia-lhe um ombro, e cabelos tão vermelhos como sangue caíam-lhe até os ombros em caracóis oleados, embora a barba pontiaguda fosse preta. O chefe de espionagem era novo para Griff; um liseno chamado Lysono Maar, com olhos lilases, cabelo louro esbranquiçado e lábios que teriam sido a inveja de uma rameira. À primeira vista, Griff quase o confundiu com uma mulher. Tinha as unhas pintadas de púrpura, e dos lóbulos das orelhas pingavam pérolas e ametistas.

Fantasmas e mentirosos, pensou Griff, enquanto examinava as caras deles. *Restos de guerras esquecidas, causas perdidas, rebeliões falhas, uma irmandade dos falhados e dos caídos, dos desgraçados e dos deserdados. É este o meu exército. É esta a nossa melhor esperança.*

Virou-se para Harry Strickland.

Harry Sem Abrigo pouco se parecia com um guerreiro. Robusto, com uma grande cabeça redonda, brandos olhos cinzentos e um cabelo raleado que ele penteava para o lado a fim de esconder um ponto calvo, Strickland estava sentado numa cadeira de acampar ensopando os pés numa bacia de água salgada.

— Me perdoará se não me levanto — disse, em jeito de saudação. — A nossa marcha foi cansativa, e os meus pés são propensos a ganhar bolhas. É uma maldição.

Ê um sinal de fraqueza. Soa como uma velha. Os Strickland faziam parte da Companhia Dourada desde a sua fundação, depois do bisavô de Harry ter perdido as terras quando se ergueu em armas com o Dragão Negro durante a primeira Rebelião Blackfyre.

— Dourado há quatro gerações — gabava-se Harry, como se quatro gerações de exílio e derrota fossem algo de que se orgulhar.

— Posso fazer-lhe um unguento para isso — disse Haldon — e há certos sais minerais que lhe endurecerão a pele.

— É bondade da sua parte. — Strickland chamou o escudeiro com um gesto. — Watkyn, vinho para os nossos amigos.

— Obrigado, mas não — disse Griff. — Nós beberemos água.

— Como preferir. — O capitão-general ergueu um sorriso para o príncipe. — E esse deve ser o seu filho.

Será que ele sabe? perguntou Griff a si próprio. *Quanto lhe disse Myles?* Varys foi bem claro quanto à necessidade de segredo. Os planos que ele e Illyrio tinham feito com o Coração Negro tinham sido conhecidos apenas deles.

O resto da companhia foi deixada na ignorância. O que não sabiam não podiam deixar escapar.

Esse tempo terminou, porém.

— Nenhum homem poderia pedir um filho mais meritório — disse Griff — mas o rapaz não é do meu sangue e o seu nome não é Griff. Senhores, apresento-lhes Aegon Targaryen, filho primogênito de Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão, e da Princesa Elia de Dorne... em breve, com a sua ajuda, Aegon, o Sexto do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens e Senhor dos Sete Reinos.

Silêncio recebeu o seu anúncio. Alguém pigarreou. Um dos Cole voltou a encher a taça com vinho tirado do jarro. Gorys Edoryen brincou com um dos seus caracóis espiralados, e murmurou qualquer coisa numa língua que Griff não conhecia. Laswell Peake tossiu, Mandrake e Lothston trocaram um olhar. *Eles sabem*, compreendeu então Griff. *Sempre souberam.* Virou-se para Harry Strickland.

— Quando foi que lhes disseram?

O capitão-general torceu os dedos dos pés cheios de bolhas dentro de água.

— Quando chegamos ao rio. A companhia estava desassossegada, e com bons motivos. Tínhamos afastado de uma campanha fácil nas Terras Disputadas, e em troca de quê? Para podermos abafar neste calor horrível e ver as nossas moedas derreter e as nossas lâminas enferrujar, enquanto eu rejeito contratos lucrativos?

Aquela novidade pôs Griff em pele de galinha.

— Quem?

— Os yunkaítas. O emissário que enviaram para persuadir Volantis já despachou três companhias livres para a Baía dos Escravos. Quer que sejamos a quarta, e oferece o dobro do que Myr estava nos pagando, mais um escravo por cada homem da companhia, dez por cada oficial e cem donzelas de primeira categoria, todas para mim.

Maldito inferno.

— Para isso seriam necessários milhares de escravos. Onde esperam os yunkaítas encontrar tantos?

— Em Meereen. — Strickland chamou o escudeiro com um gesto. — Watkyn, uma toalha. Esta água está ficando fria e os meus dedos já se enrugaram como passas. Não, essa toalha não, a suave.

— Você disse-lhe que não — disse Griff.

— Disse-lhe que ia pensar na proposta. — Harry estremeceu quando o escudeiro lhe secou os pés com a toalha. — Cuidado com os dedos. Pensa neles como uvas de pele fina, rapaz. Quer secá-los sem os esmagar. *Afaga*, não esfregues. Isso, assim. — Voltou a virar-se para Griff. — Uma recusa sem cerimônia teria sido uma insensatez. Os homens teriam todo o direito de perguntar se eu tinha perdido o juízo.

— Terão trabalho para as armas bem depressa.

— Teremos? — perguntou Lysono Maar. — Presumo que saiba que a menina Targaryen não partiu para oeste.

— Ouvimos essa história em Selhorys.

— Não é história. É a simples verdade. O motivo é mais difícil de abarcar. Saquear Meereen, sim, porque não? Eu teria feito o mesmo no lugar dela. As cidades dos escravos fedem a ouro, e a conquista precisa de dinheiro. Mas por quê ficar lá? Medo? Loucura? Preguiça?

— O porquê da coisa não interessa. — Harry Strickland desenrolou um par de meias de lã às riscas. — Ela está em Meereen e nós estamos aqui, onde os volantenos vão ficando todos os dias mais descontentes com a nossa presença. Viemos buscar um rei e uma rainha que nos levassem para casa, em Westeros, mas essa menina Targaryen parece mais interessada em plantar oliveiras do que em reclamar o trono do pai. Entretanto, os inimigos dela reúnem-se. Yunkai, Nova Ghis, Tolos. Barba Sangrenta e o Príncipe Esfarrapado estarão ambos em campo contra ela... e muito em breve as frotas da Velha Volantis também cairão sobre ela. E ela o que tem? Escravos de cama com paus?

— Imaculados — disse Griff. — E dragões.

— Dragões, sim — disse o capitão-general — mas dragões jovens, pouco mais que recém-nascidos. — Strickland envolveu com cuidado as bolhas e o tornozelo com a meia. — Irão valer-lhe de quê quando todos aqueles exércitos se fecharem em volta dela como um punho?

Tristan Rivers tamborilou no joelho com os dedos.

— Mais um motivo para a alcançarmos rapidamente, digo eu. Se Daenerys não quer vir até a gente, temos de até Daenerys.

— Podemos caminhar por sobre as ondas, sor? — perguntou Lysono Maar. — Volto a dizer-lhe, não podemos chegar à rainha de prata por mar. Eu próprio me esgueirei até Volantis, disfarçado de mercador, para saber quantos navios podem estar disponíveis para nós. O porto está repleto de galés, cocas e

carracas de todos os tipos e tamanhos, mas mesmo assim depressa dei por mim a me associar a contrabandistas e piratas. Temos dez mil homens na companhia, como tenho a certeza que Lorde Connington recorda dos seus tempos de serviço connosco. Quinhentos cavaleiros, cada um com três cavalos. Quinhentos escudeiros, com uma montaria por cabeça. E elefantes, não nos podemos esquecer dos elefantes. Um navio pirata não seria suficiente. Precisaríamos de uma frota pirata... e mesmo se encontrássemos alguma, chegou da Baía dos Piratas a notícia de que Meereen está sob bloqueio.

— Podíamos fingir aceitar a oferta yunkaita — instou Gorys Edoryen. — Deixar que os yunkaitas nos transportassem para leste, e depois devolver-lhes o ouro sob as muralhas de Meereen.

— Um contrato quebrado já é mácula suficiente na honra da companhia. — O Harry Sem Abrigo Strickland fez uma pausa com o pé coberto de bolhas na mão. — Deixe que lhe lembre de que foi Myles Toyne, não eu, quem pôs o selo neste pacto secreto. Eu honraria este acordo se pudesse, mas como? Parece-me claro que a menina Targaryen nunca virá para oeste. Westeros era o reino do pai. Meereen é o dela. Se conseguir quebrar os yunkaitas será a rainha da Baía dos Piratas. Se não, morrerá muito antes de podermos esperar chegar junto dela.

As palavras dele não foram surpresa para Griff. Harry Strickland sempre foi um homem agradável, melhor elaborando contratos do que desbaratando inimigos. Tinha faro para o ouro, mas se tinha ou não estômago para a batalha era outra questão.

— Há a rota por terra — sugeriu Franklyn Flowers.

— A estrada dos demônios significa a morte. Perderemos metade da companhia por deserção se tentarmos essa marcha, e enterraremos metade daqueles que restarem nas bermas da estrada. Dói-me dizê-lo, mas o Magíster Illyrio e os amigos foram insensatos em depositar tanta esperança nesta rainha criança.

Não, pensou Griff, *mas foram muito insensatos em depositar esperança em você.*

E então o Príncipe Aegon falou.

— Então deposite as suas esperanças em mim — disse. — Daenerys é irmã do Príncipe Rhaegar, mas eu sou filho de Rhaegar. Sou o único dragão de que precisam.

Griff pôs uma mão enluvada de preto no ombro do Príncipe Aegon.

— Dito com ousadia — disse — mas pensa no que está dizendo.

— Já pensei — insistiu o rapaz. — Porque haverei de ir correndo até minha tia como se fosse um pedinte? A minha pretensão é melhor do que a dela. Ela que venha falar comigo... em Westeros.

Franklyn Flowers riu.

— Gosto disto. Velejar para oeste, não para leste. Deixar a rainhazinha com as suas azeitonas e sentar o Príncipe Aegon no Trono de Ferro. O rapaz tem tomates, há que admitir.

A expressão que o capitão-general fez foi como se alguém o tivesse esbofeteado.

— O sol coagulou-lhe os miolos, Flowers? Precisamos da menina. Precisamos do casamento. Se Daenerys aceitar o nosso principezinho e o tomar como consorte, os Sete Reinos farão o mesmo. Sem ela, os senhores irão apenas rir da sua pretensão e chamar-lhe fraude e pretendente. E como é que propõe chegar a Westeros? Ouviu o Lysono. Não há navios para contratar.

Este homem tem medo de combater, compreendeu Griff. *Como podem tê-lo escolhido para o lugar do Coração Negro?*

— Não há navios para a Baía dos Escravos. Westeros é outra coisa. É o leste que está fechado para nós, não o mar. Não duvido de que os triarcas se sentiriam satisfeitos por nos verem pelas costas. Até poderiam nos ajudar a arranjar passagem de regresso aos Sete Reinos. Nenhuma cidade quer ter um exército à porta.

— Ele não se engana — disse Lysono Maar.

— Por esta hora de certeza que o leão captou o rastro do dragão — disse um dos Cole — mas a atenção de Cersei deverá estar fixa em Meereen e naquela outra rainha. Nada sabe sobre o nosso príncipe. Depois de desembarcarmos e erguermos os nossos estandartes serão mais do que muitos os que virão em bando se juntar a nós.

— Alguns — concedeu o Harry Sem Abrigo — não *muitos*. A irmã de Rhaegar tem *dragões*. O filho de Rhaegar não tem. Não temos força suficiente para tomar o reino sem Daenerys e o seu exército. Os seus Imaculados.

— O primeiro Aegon tomou Westeros sem eunucos — disse Lysono Maar. — Porque não poderá o sexto Aegon fazer o mesmo?

— O plano...

— Qual plano? — disse Tristan Rivers. — O plano do gordo? Aquele que muda sempre que a Lua dá a volta? Primeiro era *Viserys* Targaryen que

vinha se juntar com cinquenta mil guerreiros dothraki atrás de si. Depois o Rei Pedinte morre, e ia ser a irmã, uma manejável rainha criança que ia a caminho de Pentos com três dragões acabados de eclodir. Em vez disso, a menina aparece na Baía dos Escravos e deixa uma cadeia de cidades incendiadas atrás de si, e o gordo decide que nos devíamos encontrar com ela em Volantis. Agora esse plano também está em ruínas.]á me fartei dos planos de Illyrio. Robert Baratheon conquistou o Trono de Ferro sem dispor de dragões. Nós podemos fazer o mesmo. E se me engano e o reino não se erguer por nós, podemos sempre voltar a nos retirar para lá do mar estreito, como o Açamargo fez um dia e outros fizeram depois dele.

Strickland abanou obstinadamente a cabeça.

— O risco...

— ... não é o que era, agora que Tywin Lannister está morto. Os Sete Reinos nunca mais estarão tão maduros para a conquista. Outro rei rapaz ocupa o Trono de Ferro, este ainda mais novo do que o último, há tantos rebeldes em campo como folhas de outono.

— Mesmo assim — disse Strickland — sozinhos não podemos ter esperança de...

Griff já ouviu o suficiente da covardia do capitão-general.

— Não estaremos sozinhos. Dorne se juntará a nós, *tem* de se juntar a nós. O Príncipe Aegon é tão filho de Elia como de Rhaegar.

— É verdade — disse o rapaz — e quem resta em Westeros para se opor a nós? Uma mulher.

— Uma mulher Lannister — insistiu o capitão-general. — A cadela terá o Regicida ao seu lado, conte com isso, e eles terão toda a riqueza de Rochedo Casterly a apoiá-los. E Illyrio diz que aquele rei rapaz está prometido à menina Tyrell, o que quer dizer que também temos de enfrentar o poder de Jardim de Cima.

Lasvvell Peake baseu na mesa com os nós dos dedos.

— Mesmo depois de um século, alguns de nós ainda têm amigos na Campina. O poder de Jardim de Cima pode não ser o que o Mace Tyrell imagina.

— Príncipe Aegon — disse Tristan Rivers — somos seus homens. É este o seu desejo, que velejemos para oeste e não para leste?

— É — respondeu Aegon com ardor. — Se a minha tia quer Meereen, que fique com ela. Eu reclamarei o Trono de Ferro para mim, com as suas espadas e a sua lealdade. Mexendo-nos depressa e atacando com força,

poderemos conquistar algumas vitórias fáceis antes mesmo de os Lannister saberem que desembarcamos. Isso atrairá outros para a nossa causa.

Rivers estava sorrindo de aprovação. Outros trocaram olhares pensativos. Depois Peake disse:

— Eu preferia morrer em Westeros do que na estrada dos demônios. — E Marq Mandrake soltou um risinho e respondeu:

— Quanto a mim, preferia viver, com terras e um grande castelo qualquer. — E Franklyn Flowers deu uma palmada no cabo da espada e disse:

— Desde que possa matar uns quantos Fossoway, estou de acordo.

Quando todos se puseram a falar ao mesmo tempo, Griff compreendeu que a maré mudou. *Esse é um lado de Aegon que eu nunca tinha visto.*

Não era o rumo prudente, mas estava cansado de prudência, farto de segredos, fatigado de esperar. Vencendo ou perdendo, voltaria a ver o Poleiro do Grifo antes de morrer, e seria enterrado na tumba ao lado da do pai.

Um por um, os homens da Companhia Dourada levantaram-se, ajoelharam, e depuseram as espadas aos pés do seu jovem príncipe. O último a fazê-lo foi o Harry Sem Abrigo Strickland, com as bolhas nos pés e tudo.

O Sol estava avermelhando o mar ocidental e pintando sombras escarlates nos crânios dourados no topo das suas lanças quando se retiraram da tenda do capitão-general. Franklyn Flowers ofereceu-se para levar o príncipe numa volta ao acampamento e para apresentá-lo a alguns dos que ele chamava "os rapazes." Griff consentiu.

— Mas lembre-se, no que toca à companhia ele tem de continuar a ser o Jovem Griff até atravessarmos o mar estreito. Em Westeros lavaremos o cabelo e o deixaremos vestir a sua armadura.

— Sim, entendido. — Flowers deu uma palmada nas costas do Jovem Griff. — Comigo. Vamos começar pelos cozinheiros. São bons homens para se conhecer.

Depois de irem embora, Griff virou-se para o Semimeistre.

— Volte à *Tímida Donzela* e regressa com a Senhora Lemore e com Sor Rolly. Também vamos precisar das arcas de Illyrio. Todo o dinheiro e as armaduras. Dê a Yandry e a Ysilla os nossos agradecimentos. O papel deles nisso chegou ao fim. Não serão esquecidos quando Sua Graça subir ao trono do seu reino.

— Às suas ordens, senhor.

Griff deixou-o ali, e penetrou na tenda que Harry Sem Abrigo lhe atribuiu.

A estrada que tinham em frente estava cheia de perigos, bem o sabia, mas e daí? Todos os homens tinham de morrer. Tudo o que pedia era tempo. Esperara durante tanto, que certamente os deuses lhe concederiam mais alguns anos, tempo suficiente para ver o rapaz a que chamou de filho sentado no Trono de Ferro. Para reclamar as suas terras, o seu nome, a sua honra. Para silenciar os sinos que ressoavam tão ruidosamente nos seus sonhos sempre que fechava os olhos para dormir.

Sozinho na tenda, enquanto os raios dourados e escarlates do Sol poente brilhavam pela aba aberta, Jon Connington despiu o manto de pele de lobo, tirou a camisa de cota de malha pela cabeça, instalou-se num banco de campanha e descalçou a luva da mão direita. Viu que a unha do seu dedo médio tinha-se tornado negra como azeviche, e o cinzento subiu quase até ao primeiro nó. A ponta do anelar também começava a escurecer, e quando lhe tocou com a ponta do punhal não sentiu nada.

Morte, bem o sabia, *mas lenta. Ainda tenho tempo. Um ano. Dois anos.*

Cinco. Alguns homens de pedra vivem durante dez anos. É tempo suficiente para atravessar o mar, para voltar a ver o Poleiro do Grifo. Para pôr fim à linhagem do Usurpador de uma vez por todas, e para pôr o filho de Rhaegar no Trono de Ferro.

Depois, o Lorde Jon Connington poderia morrer contente.

O AVENTADO

A notícia percorreu o acampamento como um vento quente. *Ela vem aí. A sua hoste está em marcha. Corre para sul, para Yunkai, para passar a cidade pelo archote e o seu povo pela espada, e nós vamos para norte ao seu encontro.*

Sapo ouviu de Dick Straw que tinha ouvido do Velho Bill Bone, o qual a ouviu de um pentoshi chamado Myrio Myrakis, o qual tinha um primo que servia como copeiro do Príncipe Esfarrapado.

— O primo ouviu-a na tenda de comando, dos lábios do próprio Caggo — insistiu Dick Straw. — Marchamos antes de o dia chegar ao fim, vai ver se não marchamos.

Isso se revelou uma verdade. A ordem veio do Príncipe Esfarrapado através dos capitães e dos sargentos: desmontar as tendas, carregar as mulas, selar os cavalos, marchamos para Yunkai ao romper do dia.

— Não que aqueles bastardos yunkaitas nos queiram dentro da sua Cidade Amarela farejando em volta das filhas — predisse Baqq, o besteiro mirano vesgo cujo nome queria dizer "feijões." — Arranjamos provisões em Yunkai, talvez cavalos repousados, e depois será avançar para Meereen para dançar com a rainha dos dragões. Portanto, pula depressa, Sapo, e põe um bom fio na espada do seu amo. Pode ser que ele precise dela em breve.

Em Dorne, Quentyn Martell foi um príncipe, em Volantis um ajudante de mercador, mas nas costas da Baía dos Escravos era apenas Sapo, escudeiro do grande e careca cavaleiro dornês que os mercenários chamavam Tripas Verdes. Os homens dos Aventados usavam os nomes que quisessem e mudavam-nos sempre que lhes apetecia. Tinham-lhe atribuído o nome de "Sapo" por causa da rapidez com que saltava quando o grandalhão gritava uma ordem.

Até o comandante dos Aventados guardava o seu nome verdadeiro para si. Algumas companhias livres tinham nascido durante o século de sangue e caos que se seguiu à destruição de Valíria. Outras tinham sido formadas ontem e teriam desaparecido amanhã. Os Aventados possuíam uma história de trinta anos, e não haviam conhecido mais do que um comandante, o nobre pentoshi de falinhas mansas e olhos tristes chamado Príncipe Esfarrapado. O seu cabelo e cota de malha eram de um cinzento prateado, mas o manto esfarrapado era feito de pedaços de pano de muitas cores, azul, cinzento e púrpura, vermelho, dourado

e verde, magenta, vermelhão e cerúleo, tudo desbotado pelo sol. Quando o Príncipe Esfarrapado tinha vinte e três anos, segundo a história que Dick Straw contava, os magísteres de Pentos tinham-no escolhido para ser o seu novo príncipe, horas depois de decapitarem o antigo. Em vez disso, ele afivelou uma espada à cintura, montou o seu cavalo preferido e fugiu para as Terras Disputadas, para nunca regressar. Acompanhou os Segundos Filhos, os Escudos de Ferro, e os Homens da Donzela, e se juntou a cinco irmãos-de-armas para formar os Aventados. Desses seis fundadores só ele sobrevivia.

Sapo não fazia a mínima ideia se algo daquilo seria verdade. Desde que se alistou aos Aventados em Volantis só viu o Príncipe Esfarrapado à distância. Os dorneses eram novos ajudantes, recrutas em bruto, carne para setas, três entre três mil. O comandante mantinha-se em companhias superiores.

— Não sou um escudeiro — protestou Quentyn quando Gerris Drinkwater (conhecido ali como o Gerrold Dornês para distingui-lo de Gerrold Costarrubra e do Gerrold Preto, e às vezes como Drinque porque o grandalhão se distraía e lhe chamou disso) sugeriu o ardil. — Conquistei as minhas esporas em Dorne. Sou tão cavaleiro como você.

Mas Gerris tinha razão; ele e Arch estavam ali para proteger Quentyn, e isso queria dizer mantê-lo ao lado do grandalhão.

— Arch é o melhor combatente de nós três — fez notar Drinkwater — mas só você pode ter esperança de casar com a rainha do dragão.

Casando com ela ou combatendo-a, de alguma forma a enfrentarei em breve. Quanto mais Quentyn ouvia falar de Daenerys Targaryen, mais temia esse encontro. Os yunkaitas afirmavam que ela alimentava os dragões com carne humana e se banhava no sangue de virgens para manter a pele lisa e flexível. Feijões ria daquilo, mas apreciava as histórias sobre a promiscuidade da rainha prateada.

— Um dos seus capitães descende de uma linhagem na qual os homens têm picas de trinta centímetros — disse-lhes — mas nem ele é suficientemente grande para ela. Ela acompanhou os dothraki e habituou-se a ser fodida por garanhões, e agora não há homem que consiga enchê-la. — E o Livros, o inteligente espadachim volanteno que parecia andar sempre com o nariz enfiado num qualquer pergaminho se desfazendo, achava a rainha dos dragões tanto homicida como louca.

— O *khal* dela matou-lhe o irmão para fazer dela rainha. Depois ela matou o *khal* para se tornar *khaleesi*. Pratica sacrifícios de sangue, mente tão

facilmente como respira, vira-se contra os seus por capricho. Quebrou tréguas, torturou emissários... o pai também era louco. A loucura corre no sangue.

Corre no sangue. O Rei Aerys II *foi* louco, toda Westeros sabia. Exilou dois dos seus Mãos e queimou um terceiro. *Se Daenerys for tão homicida como o pai, continuarei a ter de casar com ela?* O Príncipe Doran nunca falou dessa possibilidade.

Sapo ficaria contente por pôr Astapor para trás das costas. A Cidade Vermelha era a coisa mais semelhante ao inferno que esperava ver em toda a vida. Os yunkaitas tinham selado os portões quebrados para manter os mortos e moribundos dentro da cidade, mas as coisas que viu ao percorrer aquelas ruas de tijolo vermelho assombrariam Quentyn Martell para sempre. Um rio afogado de cadaveres. A sacerdotisa com as vestes rasgadas, empalada numa estaca e rodeada por uma nuvem de reluzentes moscas varejeiras. Moribundos cambaleando pelas ruas, ensanguentados e emporcalhados. Crianças lutando por cachorrinhos meio cozidos. O último rei livre de Astapor gritando nu na arena enquanto era atacado por uma dezena de cães esfomeados. E incêndios, incêndios por todo lado. Quando fechava os olhos ainda conseguia vê-los; chamas rodopiando em pirâmides de tijolo, maiores do que qualquer castelo que ele tivesse visto, colunas de fumo sebento se enrolando para cima como grandes serpentes negras.

Quando o vento soprava do sul, o ar cheirava a fumo mesmo ali, a três milhas da cidade. Por trás das suas muralhas de tijolo vermelho em ruínas, Astapor ainda estava em brasa, embora por aquela hora a maior parte dos grandes incêndios tivesse se apagado. Cinzas flutuavam preguiçosamente na brisa como gordos flocos de neve cinzenta. Seria bom ir embora.

O grandalhão concordava.

— Já é mais que tempo — disse, quando Sapo o encontrou jogando dados com Feijões, Livros e o Velho Bill Bone, e perdendo mais uma vez. Os mercenários adoravam Tripas Verdes, que apostava tão destemidamente como combatia, mas com muito menos sucesso. — Vou querer a minha armadura, Sapo. Esfregou a cota de malha para tirar o sangue?

— Sim, sor. — A cota de malha do Tripas Verdes era velha e pesada, remendada e voltada a remendar, muito usada. O mesmo era verdade no que tocava ao seu elmo, ao gorjal, às grevas e às manoplas e ao resto da placa de aço desemparelhada que ele tinha. O conjunto de Sapo era só ligeiramente melhor, e o de Sor Gerris era notavelmente pior. O amieiro chamou-lhe *aço da companhia.*

Quentyn não perguntou quantos outros homens tinham usado antes dele, quantos homens tinham morrido ao envergá-lo. Tinham abandonado as suas armaduras de boa qualidade em Volantis, junto com o ouro e os nomes verdadeiros. Cavaleiros ricos de casas antigas em honra não atravessavam o mar estreito para vender as espadas, a menos que tivessem sido exilados por alguma infâmia.

— Prefiro me fazer de pobre do que fazer de mau — declarou Quentyn quando Gerris lhes explicou o estratagema.

Os Aventados precisaram de menos de uma hora para desmontar o acampamento.

— E agora cavalgamos — proclamou o Príncipe Esfarrapado de cima do seu enorme cavalo de batalha cinzento, num alto valiriano clássico que era a coisa mais próxima que tinham de uma língua da companhia. Os quartos traseiros malhados do garanhão estavam cobertos com pedaços esfarrapados de tecido arrancados aos sobretudos de homens que o seu dono matou. O manto do príncipe foi feito com mais do mesmo. Era um velho, com mais de sessenta anos, mas ainda se mantinha direito e alto na sela elevada, e a voz era suficientemente forte para chegar a cada canto do campo de batalha. — Astapor não passou de um aperitivo — disse — Meereen será o banquete — e os mercenários soltaram uma ruidosa aclamação. Flâmulas de seda azul clara flutuavam nas suas lanças, enquanto bandeiras bifurcadas azuis e brancas esvoaçavam mais acima, os estandartes dos Aventados.

Os três dorneses deram vivas com todos os outros. O silêncio teria chamado a atenção. Mas quando os Aventados avançaram para norte ao longo da estrada costeira, logo atrás do Barba Sangrenta e da Companhia do Gato, Sapo pôs-se ao lado do Gerrold Dornês.

— Em breve — disse, no idioma comum de Westeros. Havia outros westerosianos na companhia, mas não eram muitos e não estavam por perto. — Precisamos fazê-lo em breve.

— Aqui não — avisou Gerris, com um sorriso vazio de saltimbanco. — Conversamos sobre isso esta noite quando acamparmos.

Eram cem léguas de Astapor a Yunkai pela velha estrada costeira ghiscariota, e mais cinquenta de Yunkai a Meereen. As companhias livres, bem montadas, podiam chegar a Yunkai em seis dias de dura cavalgada, ou em oito a um ritmo mais brando. As legiões de Velha Ghis levariam uma vez e meia esse tempo, marchando a pé, e os yunkaitas e os seus soldados escravos...

— Com os generais que têm é um espanto que não marchem para o mar — disse Feijões.

Aos yunkaitas não faltavam comandantes. Um velho herói chamado Yurkhaz zo Yunzak detinha o comando supremo, embora os homens dos Aventados só o vislumbrassem à distância, a ir e vir num palanquim tão gigantesco que precisava de quarenta escravos para transportá-lo.

Mas não podiam evitar ver os seus subordinados. Os fidalgos yunkaitas andavam por todo lado, como baratas. Metade deles parecia chamar-se Ghazdan, Grazdan, Mazdhan ou Ghaznak; distinguir um nome ghiscari de outro era uma arte que poucos dos Aventados tinham dominado, portanto, atribuíam-lhes nomes trocistas de sua própria invenção.

O primeiro entre eles era o Baleia Amarela, um homem obscenamente gordo que usava sempre *tokars* de seda amarela com debruns dourados. Pesado demais até para estar em pé sem ajuda, não conseguia reter água, por isso cheirava sempre a mijo, um fedor tão penetrante que nem mesmo perfumes fortes logravam ocultá-lo. Mas dizia-se que ele era o homem mais rico de Yunkai, e tinha uma paixão por aberrações; os seus escravos incluíam um rapaz com as pernas e os cascos de uma cabra, uma mulher barbuda, um monstro de duas cabeças de Mantarys e um hermafrodita que lhe aquecia a cama à noite.

— Caralho e boceta ao mesmo tempo — disse-lhes Dick Straw. — Baleia também era dono de um gigante, gostava de vê-lo foder as escravas. Depois morreu. Ouvi dizer que Baleia dá um saco de ouro por um novo.

Depois havia a General Menina, que andava por aí montada num cavalo branco de crina vermelha e comandava uma centena de robustos soldados escravos que foi ela própria a criar e a treinar, todos eles jovens, esguios, repletos de músculos e nus, à parte as tangas, os mantos amarelos e longos escudos de bronze com embutidos eróticos. A dona não podia ter mais de dezesseis anos e julgava-se a Daenerys Targaryen de Yunkai.

O Pombinho não era propriamente um anão, mas podia passar por um com luz fraca. No entanto, pavoneava-se por todo o lado como se fosse um gigante, com as suas perninhas rechonchudas bem abertas e o peitinho rechonchudo inchado. Os seus soldados eram os mais altos que qualquer dos membros dos Aventados viu na vida; o mais baixo tinha dois metros e dez, o mais alto aproximava-se dos dois metros e quarenta. Todos tinham caras e pernas longas, e as andas acrescentadas às pernas das suas ornamentadas armaduras tornavam-nos ainda mais altos. Escamas esmaltadas de rosa cobriam-lhes os

torsos; nas cabeças estavam empoleirados elmos alongados, com bicos pontiagudos de aço e uma crista de oscilantes penas cor-de-rosa. Cada homem usava uma longa espada curva à cintura, e todos traziam na mão lanças tão altas como eles, com lâminas em forma de folha em ambas as extremidades.

— Pombinho cria-os — informou-os Dick Straw. — Compra escravos altos vindos de todo o mundo, acasala os homens com as mulheres, e fica com os descendentes mais altos para as Garças. Tem esperança de um dia poder dispensar as andas.

— Algumas sessões no potro podem acelerar o processo — sugeriu o grandalhão.

Gerris Drinkwater riu.

— Um grupo temível. Nada me assusta mais do que homens de andas com escamas e penas cor-de-rosa. Se um viesse atrás de mim, ria-me tanto que podia largar-me da bexiga.

— Há quem diga que as garças são majestosas — disse o Velho Bill Bone.

— Só se o seu rei comer rãs em pé numa perna só.

— As garças são covardes — interveio o grandalhão. — Houve uma vez em que eu, Drinque e Cletus estavamos caçando, e deparamos com umas garças andando pelos baixios, a banquetearem-se com girinos e peixes pequenos. Eram bonitas de se ver, sim, mas depois um falcão passou-lhes por cima, e levantaram todas voo como se tivessem visto um dragão. Levantaram tanto vento que me derrubaram do cavalo, mas Cletus encaixou uma seta na corda e abaseu uma. Tinha gosto de pato, mas com menos gordura.

Até o Pombinho e as suas Garças empalideciam ao lado da loucura dos irmãos que os mercenários chamavam os Senhores dos Tinidos. Da última vez que os soldados escravos de Yunkai tinham enfrentado os Imaculados da rainha dos dragões, tinham quebrado e fugido. Os Senhores dos Tinidos haviam concebido um estratagema para prevenir tal coisa; acorrentaram as suas tropas em grupos de dez, pulso com pulso e tornozelo com tornozelo.

— Nenhum dos pobres sacanas pode fugir a não ser que todos eles fujam — explicou Dick Straw, rindo. — E se fugirem todos, não correrão lá muito depressa.

— E também não marcham lá muito depressa, raios os partam — observou Feijões. — Consegue-se ouvi-los tinindo a dez léguas de distância.

Havia mais, quase tão loucos ou mais ainda; Lorde Bochechas de Baloiço, Conquistador Bêbado, Domador, Cara de Pudim, Coelho, Quadrigueiro, Herói Perfumado. Alguns tinham vinte soldados, alguns duzentos ou dois mil, todos escravos que tinham treinado e equipado pessoalmente. Todos eles eram ricos, todos eram arrogantes, e todos eram capitães e comandantes e não respondiam perante ninguém além de Yurkhaz zo Yunzak, todos desdenhavam meros mercenários e eram dados a questiúnculas sobre precedências que eram tão infindáveis como incompreensíveis.

No tempo de que os Aventados precisaram de cavalgar três milhas, os yunkaitas ficaram duas milhas e meia para trás.

— Uma matilha de idiotas amarelos e malcheirosos — protestou Feijões. — Ainda não conseguiram perceber porque foi que os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos se passaram para a rainha dos dragões.

— Por ouro, acham eles — disse Livros. — Porque julga você que nos estão pagando tão bem?

— O ouro é bom, mas a vida é melhor — disse Feijões. — Em Astapor estivemos dançando com aleijados. Quer enfrentar verdadeiros Imaculados com aquele bando ao nosso lado?

— Combatemos Imaculados em Astapor — disse o grandalhão.

— Eu disse *verdadeiros* Imaculados. Cortar os tomates de um rapazinho qualquer com um cutelo de carniceiro e entregar-lhe um chapéu pontiagudo não faz dele Imaculado. Aquela rainha dos dragões tem o artigo verdadeiro, do tipo que não quebra e foge quando você larga um peido mais ou menos na direção deles.

— Imaculados e também dragões. — Dick Straw deu uma olhadinha ao céu, como se pensasse que a mera menção a dragões podia ser suficiente para fazê-los cair sobre a companhia. — Mantenham as espadas afiadas, rapazes, que vamos ter um combate a sério em breve.

Um combate a sério, pensou Sapo. As palavras ficaram-lhe atravessadas no papo. O combate à sombra das muralhas de Astapor parecera-lhe bastante a sério, embora soubesse que os mercenários pensavam de outro modo.

— Aquilo foi um massacre, não uma batalha — ouvira-se o bardo guerreiro Denzo D'han declarar depois. Denzo era um capitão, e veterano de uma centena de batalhas. A experiência de Sapo limitava-se aos pátios de treinos e aos terrenos de torneios, portanto não lhe parecia que lhe coubesse contestar o veredito de um guerreiro tão experiente.

Mas pareceu uma batalha logo quando começou. Lernbrou-se de como o estômago lhe apertou quando foi acordado com um pontapé, à alvorada, com o grandalhão erguendo-se acima dele.

— Para dentro da armadura, dorminhoco — trovejou. — O Carniceiro vem nos dar batalha. A pé, a menos que queira ser a carne dele.

— O Rei Carniceiro está morto — protestou Sapo com sonolência. Era essa a história que todos tinham ouvido ao saírem dos navios que os tinham trazido até ali de Velha Volantis. Um segundo Rei Cleon tomou a coroa e morreu também, supostamente, e agora os astapori eram governados por uma rameira e por um barbeiro louco, cujos seguidores andavam lutando uns com os outros pelo controle da cidade.

— Talvez tenham mentido — replicou o grandalhão. — Ou então este é outro carniceiro qualquer. Pode ser o primeiro retornando aos gritos da tumba para matar uns quantos yunkaitas. Não interessa pra nada, Sapo. *Enfia-se na armadura*. — Na tenda dormiam dez homens e todos estavam já de pé por aquela hora, enfiando-se em calças e em botas pondo longos brigões de cota de malha sobre os ombros, afivelando placas de peito, apertando correias em manoplas ou braçais, agarrando em elmos, escudos e cinturões da espada. Gerris, rápido como sempre, foi o primeiro a ficar totalmente equipado, com o Arch logo atrás. Juntos ajudaram Quentyn a envergar a sua armadura.

A trezentos metros de distância, os novos Imaculados de Astapor tinharn jorrado dos portões, formando em fileiras à sombra das arruinadas muralhas de tijolo vermelho da sua cidade, com a luz da aurora reluzindo nos seus capacetes de bronze com espigões e nas pontas das suas longas lanças.

Os três dorneses saíram juntos da tenda para irem se juntar aos combatentes que corriam para as linhas de cavalos. Batalha. Quentyn treinou com lança, espada e escudo desde que teve idade suficiente para caminhar, mas isso agora não queria dizer nada. *Guerreiro, dê-me coragem*, rezou Sapo, enquanto tambores batiam à distância, *BUM bum BUM bum BUM bum.* O grandalhão indicou-lhe o Rei Carniceiro, sentado rígido e alto em cima de um cavalo couraçado com uma armadura de escamas de cobre que relampejavam brilhantemente ao sol da manhã. Lembrava-se de Gerris deslizando para perto logo antes de a luta começar.

— Fique junto de Arch, aconteça o que acontecer. Lembra-se, é o único de nós que pode ficar com a menina. — Por aquela hora, os astapori já avançavam.

Morto ou vivo, o Rei Carniceiro apanhou na mesma os Sábios Mestres de surpresa. Os yunkaitas ainda andavam correndo de um lado para o outro enfiados em *tokars* esvoaçantes, tentando organizar os seus soldados escravos semitreinados em algo que se assemelhasse a ordem, quando as lanças dos Imaculados lhes trespassaram com estrondo as linhas de cerco. Se não fossem os aliados e os desprezados soldados contratados, podiam perfeitamente ter sido derrotados, mas os Aventados e a Companhia do Gato puseram-se a cavalo em minutos, e caíram trovejando sobre os flancos dos astapori enquanto uma legião de Nova Ghis avançava através do acampamento yunkaita, vinda do outro lado, e enfrentava os Imaculados lança contra lança e escudo contra escudo.

O resto foi carnificina, mas daquela vez foi o Rei Carniceiro a estar do lado errado do cutelo. Foi Caggo quem finalmente o abateu, ultrapassando os protetores do rei no seu monstruoso cavalo de batalha e abrindo Cleon, o Grande, do ombro à cintura com um golpe do seu curvo *arakh* valiriano. Sapo não o viu, mas aqueles que viram afirmavam que a armadura de cobre de Cleon se rasgou como seda, e de dentro saiu um fedor horrível e uma centena de vermes contorcendo-se. Cleon afinal estava morto. Os desesperados astapori tinham-no tirado da tumba, tinham-no enfiado numa armadura e tinham-no atado a um cavalo, na esperança de dar coragem aos seus Imaculados.

A queda do Cleon morto pôs fim a isso. Os novos Imaculados jogaram fora as lanças e os escudos e fugiram, apenas para irem encontrar os portões de Astapor fechados atrás deles. Sapo fez a sua parte no massacre que se seguiu, atropelando os assustados eunucos com os outros Aventados. Cavalgou bem junto da anca do grandalhão, golpeando à esquerda e à direita enquanto a cunha penetrava nos Imaculados como a ponta de uma lança. Quando saíram pelo outro lado, o Príncipe Esfarrapado os fez dar meia volta e levou-os a mergulhar outra vez nas fileiras. Fora só no regresso que Sapo olhou bem para as caras que estavam por baixo dos capacetes de bronze com espigão e percebeu de que a maioria não era mais velha do que ele. *Rapazes verdes gritando pelas mães*, pensou, mas matou-os na mesma. Quando abandonou o campo de batalha tinha a espada vermelha de sangue escorrendo e o braço tão cansado que quase não conseguia erguê-lo.

E, no entanto, aquilo não foi um verdadeiro combate, pensou. O *verdadeiro combate estará conosco em breve, e temos de partir antes de ele chegar; senão daremos por nós combatendo do lado errado.*

Naquela noite, os Aventados montaram o acampamento junto à costa da Baía dos Escravos. Sapo ficou com o primeiro turno de vigia e foi-lhe ordenado que guardasse as linhas de cavalos. Gerris foi lá falar com ele logo depois do pôr-do-sol, enquanto uma meia Lua brilhava nas águas.

— O grandalhão também devia estar aqui — disse Quentyn.

— Ele foi à procura do Velho Bill Bone para perder o resto da sua prata — disse Gerris. — Deixe-o fora disso. Ele fará o que nós dissermos, embora não vá gostar muito disso.

— Pois não. — Havia muito naquilo de que o próprio Quentyn não gostava. Viajar num navio superlotado, atirado de um lado para o outro pelo vento e pelo mar, comendo pão duro repleto de gorgulhos e bebendo negro rum de marinheiro até perder os sentidos, dormindo em pilhas de palha mofada com o fedor de estranhos nas narinas... tudo isso já esperava quando pôs a sua marca naquele pedaço de pergaminho em Volantis, prometendo ao Príncipe Esfarrapado a sua espada e serviço durante um ano. Havia que suportar dificuldades, aquilo de que são feitas todas as aventuras.

Mas o que tinha de acontecer em seguida era clara traição. Os yunkaitas tinham-nos trazido de Velha Volantis para combater pela Cidade Amarela, mas agora os dorneses pretendiam virar as casacas e passarem para o outro lado. Isso também significava abandonar os seus novos irmãos-de-armas. Os Aventados não eram o tipo de companheiros que Quentyn teria escolhido, mas atravessou o mar com eles, partilhou a sua comida e bebida, combateu ao seu lado, trocou histórias com os poucos cuja fala entendia. E se todas as suas histórias eram mentiras, bem, esse era o preço da passagem para Meereen.

Não é aquilo em que chamaria honroso, avisou Gerris lá na Casa dos Mercadores.

— Daenerys pode já estar a meio caminho de Yunkai agora, com um exército atrás — disse Quentyn enquanto caminhavam por entre os cavalos.

— Pode estar — disse Gerris — mas não está. Já antes ouvimos dessas conversas. Os astapori estavam convencidos de que Daenerys vinha para sul com os seus dragões para quebrar o cerco. Ela não veio, e não virá agora.

— Não podemos saber isso, pelo menos não podemos ter certeza. Temos de escapulir antes de acabarmos combatendo a mulher que eu fui enviado para cortejar.

— Espera até Yunkai. — Gerris indicou as colinas com um gesto. — Estas terras pertencem aos yunkaitas. Não é provável que alguém queira alimentar ou dar abrigo a três desertores. Ao norte de Yunkai é terra de ninguém.

Ele não se enganava. Mesmo assim, Quentyn sentiu-se inquieto.

— O grandalhão fez muitos amigos. Sabe que o plano sempre foi escapulirmos e alcançarmos Daenerys, mas não se sentirá bem por abandonarmos os homens com quem combaseu. Se esperarmos muito, vai parecer que estamos a abandoná-los na véspera da batalha. Ele nunca fará isso. Conhece-o tão bem como eu.

— É deserção, façamos quando o fizermos — argumentou Gerris — e o Príncipe Esfarrapado vê desertores com maus olhos. Vai mandar caçadores atrás de nós, e os Sete nos protejam se nos apanharem. Se tivermos sorte, cortam-nos só um pé para terem a certeza de que nunca mais fugimos. Se não tivermos sorte, dão-nos à Linda Meris.

Aquela última ideia fez Quentyn vacilar. A Linda Meris assustava-o. Uma mulher de Westeros, mas mais alta do que ele, só um pouco abaixo do metro e oitenta. Após vinte anos entre as companhias livres nada havia nela de lindo, por dentro ou por fora.

Gerris pegou-lhe no braço.

— Espere. Mais alguns dias, só isso. Atravessamos metade do mundo, seja paciente durante mais algumas léguas. Em algum lugar ao norte de Yunkai, chegará a nossa oportunidade.

— Se assim o diz — disse Sapo em tom de dúvida...

... Mas por uma vez os deuses estavam à escuta, e a oportunidade deles chegou muito mais cedo do que isso.

Foi dois dias mais tarde. Hugh Hungerford refreou o cavalo junto da fogueira deles e disse:

— Dornês. Querem-no na tenda de comando.

— Qual de nós? — perguntou Gerris. — Somos todos dorneses.

— Então é todos. — Amargo e sombrio, com uma mão estropiada, Hungerford foi durante algum tempo o tesoureiro da companhia até que o Príncipe Esfarrapado o apanhou roubando dos cofres e removeu três dos seus dedos. Agora era só um sargento.

O que pode ser isto? Até àquele momento, Sapo não fazia a mínima ideia de que o comandante soubesse que estava vivo. Hungerford já se foi

embora, contudo, portanto não havia tempo para perguntas. Tudo o que podiam fazer era ir buscar o grandalhão e apresentarem-se conforme ordenado.

— Não admita nada e estejam preparados para lutar — disse Quentyn aos amigos.

— Eu estou sempre preparado para lutar — disse o grandalhão.

O grande pavilhão de lona cinzenta em que o Príncipe Esfarrapado gostava de chamar o seu castelo de tela estava repleto de gente quando os dorneses chegaram. Quentyn precisou apenas de um momento para perceber de que a maior parte dos homens ali reunidos provinham dos Sete Reinos, ou se gabavam de possuir sangue de Westeros. *Exilados ou filhos de exilados.* Dick Straw afirmava que havia três vintenas de homens de Westeros na companhia; um bom terço deles encontrava-se ali, incluindo o próprio Dick, Hugh Hungerford, a Linda Meris e o louro Lewis Lanster, o melhor arqueiro da companhia.

Denzo D'han também se encontrava lá, com Caggo, enorme, ao seu lado. Os homens andavam agora lhe chamando "Caggo Mata-Cadáveres," embora não na sua frente; era rápido a se enfurecer, e aquela sua espada curva e negra era tão perigosa como o seu dono. Havia centenas de espadas longas valirianas no mundo, mas só uma mancheia de *arakhs* valirianos. Nem Caggo nem D'han eram de Westeros, mas ambos eram capitães, e ocupavam posições elevadas na estima do Príncipe Esfarrapado. O *braço direito dele e o esquerdo. Prepara-se alguma coisa de grande.*

Foi o próprio Príncipe Esfarrapado que falou.

— Chegaram ordens de Yurkhaz — disse. — Os astapori que ainda sobrevivem saíram engatinhando das suas tocas, ao que parece. Nada resta em Astapor além de cadáveres, portanto, estão jorrando para o campo, às centenas, talvez aos milhares, todos esfomeados e doentes. Os yunkaitas não os querem perto da sua Cidade Amarela. Foram-nos dadas ordens para os caçarmos e afastarmos, para os empurrarmos de volta para Astapor ou para norte, para Meereen. Se a rainha dos dragões quiser acolhê-los, que lhe façam bom proveito. Metade deles tem a fluxão sangrenta, e mesmo os saudáveis são bocas a alimentar.

— Yunkai fica mais perto do que Meereen — objetou Hugh Hungerford. — E se eles não quiserem ser afastados, senhor?

— É por isso que você têm espadas e lanças, Hugh. Embora arcos talvez lhe servisse melhor. Fique bem longe dos que mostram sinais da fluxão.

Vou mandar metade das nossas forças para as colinas. Cinquenta patrulhas, de vinte cavaleiros cada. Barba Sangrenta tem as mesmas ordens, e os Gatos também vão estar em campo.

Olhares cruzados percorreram os homens, e alguns resmungaram em surdina. Embora os Aventados e a Companhia do Gato estivessem ambos sob contrato com Yunkai, um ano antes, nas Terras Disputadas, tinham estado em lados opostos das linhas de batalha, e ainda continuava existindo inimizade. Barba Sangrenta, o selvagem comandante dos Gatos, era um trovejante gigante com um feroz apetite para o massacre que não fazia segredo do seu desdém por "velhos grisalhos em farrapos".

Dick Straw pigarreou.

— Com a sua licença, mas nós aqui nascemos todos nos Sete Reinos. O senhor nunca tinha dividido a companhia por sangue ou por língua. Por quê mandar o nosso grupo junto?

— Justa questão. Vocês devem cavalgar para leste, penetrando profundamente nas colinas, e depois dar uma volta larga em torno de Yunkai, dirigindo-se para Meereen. Se encontrarem alguns astapori, empurre-os para norte ou mate-os... mas fiquem sabendo que não é esse o objetivo da sua missão. Para lá da Cidade Amarela é provável que encontre as patrulhas da rainha dos dragões. Segundos Filhos ou Corvos Tormentosos. Ambos servirão. Passem para o lado deles.

— Passarmos para o lado deles? — disse o cavaleiro bastardo, Sor Orson Stone. — Quer que viremos os mantos?

— Quero — disse o Príncipe Esfarrapado.

Quentyn Martell quase soltou uma gargalhada. *Os deuses são loucos.*

Os westerosianos mexeram-se, constrangidos. Alguns fitaram as taças de vinho, como se esperassem encontrar aí alguma sabedoria. Hugh Hungerford franziu as sobrancelhas.

— Acha que a Rainha Daenerys nos acolherá...

— Acho.

— ... Mas se acolher o que fazemos? Somos espiões? Assassinos? *Emissários*? Está pensando em mudar de lado?

Caggo franziu a carranca.

— Essa decisão cabe ao príncipe, Hungerford. A sua parte é fazer o que lhe é dito.

— Sempre. — Hungerford ergueu a mão de dois dedos.

— Sejamos francos — disse Denzo D'han, o bardo guerreiro. — Os yunkaitas não inspiram confiança. Seja qual for o resultado dessa guerra, os Aventados devem obter parte dos despojos da vitória. O nosso príncipe é sensato em manter todas as estradas abertas.

— Meris irá comanda-los — disse o Príncipe Esfarrapado. — Ela sabe o que eu penso sobre isto... e Daenerys Targaryen pode aceitar melhor outra mulher.

Quentyn deu uma olhadela à Linda Meris. Quando os olhos mortos e frios dela se cruzaram com os seus, sentiu um arrepio. *Não gosto disto.*

Dick Straw também continuava com dúvidas.

— A menina seria uma tola em confiar em nós. Mesmo com Meris. *Especialmente* com Meris. Raio, *eu* não confio em Meris e já a fodi algumas vezes. — Sorriu, mas ninguém riu. Especialmente a Linda Meris.

— Acho que se engana, Dick — disse o Príncipe Esfarrapado. — Vocês sois todos de Westeros. Amigos vindos da pátria. Falam a mesma língua que ela fala, adoram os mesmos deuses que ela adora. Quanto ao motivo, todos vocês sofreram desfeitas às minhas mãos. Dick, eu o chicoteei mais vezes do que a qualquer outro homem na companhia e tem as costas que o provam. A minha disciplina custou ao Hugh três dedos. Meris foi violada por meia companhia. Não por *esta* companhia, é verdade, mas não precisamos fazer menção a isso. Will dos Bosques, bem, você é só escumalha. Sor Orson culpa-me por mandar o irmão para as Mágoas e Sor Lúcifer ainda continua fervendo por causa daquela menina escrava que Caggo lhe roubou.

— Ele podia tê-la devolvido depois de tê-la tido — queixou-se Lúcifer Long. — Não tinha razão nenhuma para matá-la.

— Ela era feia — disse Caggo. — Isso é razão suficiente.

O Príncipe Esfarrapado prosseguiu como se ninguém tivesse falado.

— Webber, você alimenta exigências quanto a terras perdidas em Westeros. Lannister, eu matei aquele rapaz de que você tanto gostava. Vocês, os três de Dorne, pensam que lhes menti. O saque de Astapor foi muito menor do que lhes foi prometido em Volantis, e eu fiquei com a parte de leão dele.

— A última parte é verdadeira — disse Sor Orson.

— As melhores fraudes contêm sempre alguma semente de verdade — disse o Príncipe Esfarrapado. — Cada um de vocês tem amplos motivos para querer me abandonar. E Daenerys Targaryen sabe que os mercenários são uns tipos volúveis. Os seus próprios Segundos Filhos e Corvos Tormentosos

receberam ouro yunkaita, mas não hesitaram em juntar-lhe quando a maré da batalha começou a fluir para o lado dela.

— Quando devemos partir? — perguntou Lewis Lanster.

— Imediatamente. Tenham, cautela com os Gatos e com qualquer Longas Lanças que possam encontrar. Além de nós, nesta tenda, ninguém saberá que a sua deserção é um estratagema. Se virarem as pedras cedo demais, seão mutilados como desertores ou estripados como vira-casacas.

Os três dorneses permaneceram em silêncio ao sair da tenda de comando. *Vinte cavaleiros, todos falando o idioma comum*, pensou Quentyn. *Murmurar acabou de se tornar bastante perigoso.*

O grandalhão deu-lhe uma forte palmada nas costas. — Então? Isto é bom, Sapo. Uma caçada ao dragão.

A NOIVA DESOBEDIENTE

Asha Greyjoy estava sentada no salão de Galbart Glover, bebendo do vinho de Galbart Glover, quando o meistre de Galbart Glover lhe trouxe a carta.

— Senhora. — A voz do meistre soou ansiosa, como soava sempre que falava com ela. — Uma ave vinda de Vila Acidentada. — Pôs-lhe o pergaminho na frente como se não pudesse esperar para se ver livre dele. Estava bem enrolado e selado com um botão de dura cera cor-de-rosa.

Vila Acidentada. Asha tentou lembrar-se de quem governava em Vila Acidentada. *Um senhor nortenho qualquer, não um amigo meu.* E aquele selo... os Bolton do Forte do Pavor partiam para a batalha sob estandartes cor-de-rosa salpicados com gotinhas de sangue. Fazia sentido que também usassem cera cor-de-rosa para selos.

Isto que tenho na mão é veneno, pensou. *Devia queimá-lo.* Mas em vez disso, partiu o selo. Um pedaço de couro flutuou até pousar em seu colo. Quando leu as palavras secas e castanhas, a sua má disposição tornou-se ainda pior. *Asas escuras, palavras escuras.* Os corvos nunca traziam notícias alegres. A última mensagem enviada para Bosque Profundo fora de Stannis Baratheon, exigindo obediência. Aquilo era pior.

— Os nortenhos tomaram Fosso Cailin.

— O Bastardo de Bolton? — perguntou Qarl, a seu lado.

— *Ramsay Bolton, Senhor de Winterfell,* é como assina. Mas também há outros nomes. — A Senhora Dustin, a Senhora Cerwyn, e quatro Ryswell tinham acrescentado as suas assinaturas por baixo da dele. Ao lado das assinaturas estava desenhado um gigante rudimentar, o sinal de um Umber qualquer.

As assinaturas tinham sido escritas com tinta de meistre, feita de fuligem e alcatrão de hulha, mas a mensagem que tinham por cima fora rabiscada a castanho, numa letra enorme e pontiaguda. Falava da queda de Fosso Cailin, do regresso triunfante do Protetor do Norte aos seus domínios, de um casamento a ser celebrado em breve. As primeiras palavras eram "*Escrevo esta carta com o sangue de homens de ferro*" as últimas" *Envio a cada um de vocês um bocado de príncipe. Permaneçam nas minhas terras, e partilharão o seu destino."*

Asha julgara o irmão mais novo morto. *Antes morto do que isto.* O bocado de pele caíra-lhe no colo. Levou-o à vela e viu o fumo enrolar-se para

cima, até a pele ter sido totalmente consumida e a chama lhe começar a lamber os dedos.

O meistre de Galbart Glover demorava-se, expectante, a seu lado.

— Não haverá resposta — informou-o.

— Posso partilhar essas notícias com a Senhora Sybelle?

— Se lhe agradar. — Asha não saberia dizer se Sybelle Glover encontraria alguma alegria na queda de Fosso Cailin. A Senhora Sybelle praticamente vivia no seu bosque sagrado, rezando pelo regresso em segurança dos filhos e do marido. *Outra prece que é provável que fique sem resposta. A árvore coração dela é tão surda e cega como o nosso Deus Afogado.* Robett Glover e o irmão Galbart tinham cavalgado para sul com o Jovem Lobo. Se metade das histórias que tinham ouvido sobre o Casamento Vermelho fossem verdadeiras, não era provável que regressassem para norte. *Ao menos os filhos dela estão vivos, e isso é graças a mim.* Asha deixara-os em Dez Torres ao cuidado das tias. A filha mais nova da Senhora Sybelle ainda mamava, e julgara a menina muito delicada para ser exposta aos rigores de outra travessia tempestuosa. Asha enfiou a carta nas mãos do meistre. — Tome. Ela que encontre aqui algum consolo, se puder. Tem a minha licença para ir embora.

O meistre inclinou a cabeça e partiu. Depois de o homem ter ido embora, Tris Botley virou-se para Asha.

— Se Fosso Cailin caiu, Praça de Torrhen seguirá em breve. Depois será a nossa vez.

— Ainda vai demorar algum tempo. O Boca-Fendida irá fazê-los sangrar. — Praça de Torrhen não era uma ruína como Fosso Cailin, e Dagmar era ferro até ao osso. Morreria antes de se render.

Se o meu pai ainda fosse vivo, Fosso Cailin nunca teria caído. Balon Greyjoy soubera que o Fosso era a chave para dominar o Norte. Euron também sabia; simplesmente não lhe interessava. Tal como não lhe interessava o que acontecia a Bosque Profundo ou à Praça de Torrhen.

— Euron não tem qualquer interesse nas conquistas de Balon. O meu tio partiu à caça de dragões. — O Olho de Corvo chamara todas as forças das Ilhas de Ferro a Velha Wyk e zarpara para as profundezas do mar do poente, com o irmão Victarion seguindo-o como um rafeiro chicoteado. Não restava em Pyke ninguém a quem apelar, exceto o senhor seu marido. — Estamos sozinhos.

— Dagmar vai esmagá-los — insistiu Cromm, que nunca conhecera uma mulher por quem sentisse metade do amor que nutria pela batalha. — Eles são só lobos.

— Os lobos estão todos mortos. — Asha arranhou a cera cor-de-rosa com a unha. — Estes são os esfoladores, que os mataram.

— Devíamos ir até Praça de Torrhen nos juntar à luta — instigou Quenton Greyjoy, um primo afastado e capitão da *Menina Salgada.*

— Verdade — disse Dagon Greyjoy, um primo ainda mais afastado. Os homens chamavam-lhe Dagon, o Bêbado, mas tanto bêbado como sóbrio adorava combater. — Porque haverá o Boca-Fendida de ficar com toda a glória para si?

Dois dos criados de Galbart Glover trouxeram o assado, mas aquele bocado de pele roubara o apetite de Asha. *Os meus homens desistiram de toda a esperança de vitória*, compreendeu sombriamente. *Tudo o que procuram agora é uma boa morte.* Não duvidava de que os lobos lhes dariam essa morte. *Mais cedo ou mais tarde, virão reconquistar este castelo.*

O Sol estava afundando-se por trás dos grandes pinheiros da mata dos lobos quando Asha subiu os degraus de madeira que levavam ao quarto que pertencera em tempos a Galbart Glover. Bebera muito vinho e sentia a cabeça latejando. Asha Greyjoy gostava dos seus homens, tanto dos capitães como das tripulações, mas metade deles eram idiotas. *Idiotas corajosos, mas idiotas na mesma. Ir até o Boca-Fendida, pois sim, como se pudéssemos...*

Entre Bosque Profundo e Dagmar estendiam-se longas léguas de montes acidentados, densas florestas, rios caudalosos e mais nortenhos do que aqueles em que gostaria de pensar. Asha tinha quatro dracares e não chegava a dispor de duzentos homens... incluindo Tristifer Botley, que não era digno de confiança. Apesar de toda a sua conversa sobre amor, não conseguia imaginar Tris correndo para Praça de Torrhen a fim de morrer com Dagmar Boca-Fendida.

Qarl seguiu-a para dentro do quarto de Galbart Glover.

— Saia — disse-lhe. — Quero estar sozinha.

— O que você quer sou eu. — E tentou beijá-la.

Asha afastou-o com um empurrão.

— Se me tocar outra vez, eu...

— O quê? — puxou pelo punhal. — Despe-se, mulher.

— Vai se foder, rapazinho sem barba.

— Preferia foder você. — Um golpe rápido desatou-lhe o justilho. Asha estendeu a mão para o machado, mas Qarl deixou cair a faca e pegou-lhe no

pulso, torcendo-lhe o braço até a arma cair dos seus dedos. Empurrou-a para a cama de Glover, beijou-a com força, e arrancou-lhe a túnica para deixar que os seios se derramassem para fora. Quando Asha tentou dar-lhe uma joelhada nas virilhas, ele torceu-se, esquivando-se, e forçou-a a abrir as pernas com os joelhos. — Vou lhe possuir agora.

— Faça isso — cuspiu ela — que te mato durante o sono.

Estava ensopada quando ele a penetrou.

— Raios lhe partam — disse. — Raios lhe partam raios lhe partam raios lhe partam. — Ele chupou-lhe os mamilos até que ela gritou, meio de dor, meio de prazer. A sua rata transformou-se no mundo. Esqueceu-se de Fosso Cailin, de Ramsay Bolton e do seu bocadinho de pele, esqueceu a assembleia de homens livres, esqueceu o seu fracasso, esqueceu o exílio, os inimigos e o marido. Só as mãos dele importavam, só a sua boca, só os seus braços à sua volta, a sua pica dentro dela. Ele fodeu-a até a pôr a gritar, e depois fodeu-a de novo até a pôr a chorar, antes de finalmente despejar a sua semente no ventre dela.

— Sou uma mulher casada — lhe fez Asha lembrar, depois. — Me violou, meu rapazinho sem barba. O senhor meu marido vai cortar-lhe os tomates e enfiar-lhe num vestido.

Qarl rolou de cima dela.

— Se conseguir sair da cadeira dele.

O quarto estava frio. Asha levantou-se da cama de Galbart Glover e despiu a roupa rasgada. O justilho precisaria de ataduras novas, mas a túnica estava estragada. *De qualquer maneira nunca gostei dela.* Atirou-a às chamas. O resto deixou num montinho junto da cama. Tinha os seios duros, e a semente de Qarl estava escorrendo-lhe pelas coxas abaixo. Precisaria de fazer um pouco de chá de lua, senão se arriscaria a trazer ao mundo outra lula gigante. *O que importa? O meu pai está morto, a minha mãe está moribunda, o meu irmão está sendo esfolado e não há nada que eu possa fazer a respeito de nada disso. E estou casada. Casei e fiz amor, embora não com o mesmo homem.*

Quando voltou a enfiar-se sob as peles, Qarl estava dormindo.

— Agora a sua vida é minha. Onde pus o punhal? — Asha encostou-se às costas do homem e enfiou os braços em volta dele. Nas ilhas, era conhecido como Qarl, o Donzel, em parte para distingui-lo do Qarl Pastor, do Estranho Qarl Kenning, do Qarl Machado-Ligeiro e do Qarl, o Servo, mas mais devido à cara lisa. Quando Asha o conhecera. Qarl estava tentando arranjar uma barba. —

Penugem de pêssego — chamara-lhe, rindo. Qarl confessara que nunca vira um pêssego, então ela dissera-lhe que tinha de juntar-se a ela na vez seguinte que viajasse para o sul.

Nessa altura ainda era verão; Robert ocupava o Trono de Ferro, Balon matutava na Cadeira de Pedra do Mar, e os Sete Reinos estavam em paz. Asha levara o *Vento Negro* pela costa abaixo, fazendo comércio. Aportaram na Ilha Bela e em Lanisporto e numa vintena de portos menores até chegarem à Árvore, onde os pêssegos eram sempre enormes e doces.

— Vê? — dissera ela, da primeira vez que encostara um à bochecha de Qarl. Quando o obrigara a experimentar dar-lhe uma dentada, o sumo escorrera-lhe pelo queixo abaixo e ela tivera de limpá-lo com beijos.

Tinham passado essa noite devorando pêssegos e devorando-se um ao outro, e quando a luz do dia regressara Asha estava saciada, peganhenta e mais feliz do que alguma vez estivera. *Isso foi há seis anos ou há sete? O* verão era uma recordação que se desvanecia, e tinham-se passado três anos desde a última vez que Asha desfrutara de um pêssego. Mas ainda desfrutava de Qarl. Os capitães e os reis podiam não tê-la desejado, mas ele desejava.

Asha conhecera outros amantes; alguns partilhavam a sua cama durante meio ano, outros durante meia noite. Qarl agradava-lhe mais do que todos os outros juntos. Podia não fazer a barba mais que uma vez por quinzena, mas uma barba peluda não faz um homem. Gostava de sentir a pele lisa e suave dele sob os seus dedos. Gostava do modo como o longo cabelo liso que ele tinha lhe roçava nos ombros. Gostava do modo como ele beijava. Gostava de como sorria quando ela roçava os polegares pelos mamilos dele. Os pelos entre as suas pernas eram de um tom mais escuro de areia do que o cabelo que tinha na cabeça, mas eram finos como penugem quando comparados com o expesso matagal preto que rodeava o seu sexo. Asha também gostava disso. Ele tinha um corpo de nadador, longo e esguio, sem uma cicatriz.

Um sorriso tímido, braços fortes, dedos inteligentes e duas espadas seguras. O que mais poderá querer uma mulher? Teria casado com Qarl, e de bom grado, mas era filha do Lorde Balon e ele era de nascimento plebeu, neto de um servo. *Muito mal nascido para que me case com ele, mas não muito baixo para que lhe chupe a pica.* Bêbada, sorridente, se arrastou para dentro das peles e tomou-o na boca. Qarl mexeu-se no sono, e passado um momento começou a endurecer. Quando o conseguiu pôr de novo duro, ele estava acordado e ela molhada. Asha enrolou as peles em volta dos seus ombros nus e montou-o,

enfiando-o tão profundamente dentro de si que não conseguia distinguir quem tinha a pica e quem tinha a boceta. Daquela vez, chegaram os dois ao auge juntos.

— Minha querida senhora — murmurou ele depois, numa voz ainda empastelada pelo sono. — Minha querida rainha.

Não, pensou Asha, *eu não sou rainha nenhuma nem nunca serei.*

— Volte a dormir. — Beijou-lhe a cara, atravessou descalça o quarto de Galbart Glover e abriu as janelas. A Lua estava quase cheia, a noite tão límpida que conseguia ver as montanhas, os seus picos coroados de neve. Frias, ermas e inóspitas, mas belas ao luar. *Os cumes reluziam, pálidos e denteados como uma fileira de dentes aguçados. Os sopés e os picos mais baixos estavam perdidos na sombra.*

O mar estava mais próximo, apenas a cinco léguas para norte, mas Asha não conseguia vê-lo. Havia muitas colinas no caminho. *E árvores, tantas árvores.* Os nortenhos chamavam à floresta mata dos lobos.

Na maioria das noites conseguia ouvir os lobos, a chamarem-se uns aos outros na escuridão. *Um oceano de folhas. Bom seria se fosse um oceano de água.*

Bosque Profundo podia ficar mais perto do mar do que Winterfell, mas ainda ficava longe demais para o seu gosto. O ar cheirava a pinheiros em vez de sal. A nordeste daquelas sombrias montanhas cinzentas ficava a Muralha, onde Stannis Baratheon içara os seus estandartes. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*, diziam os homens, mas o outro lado dessa moeda era: *o inimigo do meu amigo é meu inimigo.* Os nascidos no ferro eram os inimigos dos senhores nortenhos de que aquele pretendente Baratheon necessitava desesperadamente. *Podia oferecer-lhe o meu belo e jovem corpo*, pensou, afastando uma madeixa dos olhos, mas Stannis era casado e ela também, e ele e os nascidos no ferro eram velhos inimigos. Durante a primeira rebelião do pai, Stannis esmagara a Frota de Ferro ao largo da Ilha Bela e subjugara Grande Wyk em nome do irmão.

As muralhas cobertas de musgo de Bosque Profundo cercavam uma colina larga e arredondada com um cume achatado, coroado por um cavernoso palácio com uma torre de vigia numa das pontas, erguendo-se quinze metros acima da colina. Por baixo da colina ficava o cercado exterior com os seus estábulos, cercado para cavalos, ferreiro, poço e curral, defendido por uma profunda vala, um dique inclinado de terra e uma paliçada de troncos de árvore. As defesas exteriores formavam uma oval, seguindo os contornos do terreno.

Havia dois portões, cada um protegido por um par de torres quadradas de madeira, e com passadiços ao longo do perímetro. No lado sul do castelo, o musgo crescia denso em cima da paliçada e trepava até metade da altura das torres. Para leste e oeste havia campos vazios. Cevada e centeio cresciam aí quando Asha capturara o castelo, apenas para serem esmagados sob o seu ataque. Uma série de duras geadas tinha matado as colheitas que haviam plantado depois, deixando apenas lama e cinzas e caules murchos e apodrecidos.

Era um castelo antigo, mas não um castelo forte. Ela capturara-o aos Glover, e o Bastardo de Bolton o capturará dela. Mas não a esfolaria. Asha Greyjoy não tencionava ser capturada viva. Morreria como vivera, de machado na mão e com uma gargalhada nos lábios.

O senhor seu pai dera-lhe trinta dracares para capturar Bosque Profundo. Restavam quatro, contando com o seu *Vento Negro,* e um deles pertencia a Tris Botley, que se juntara a ela quando todos os seus outros homens estavam fugindo. *Não. Isto não é justo. Eles velejaram para casa para prestar fidelidade ao seu rei. Se alguém fugiu, fui eu.* A memória ainda a envergonhava.

— Vá — instigara o Leitor, enquanto os capitães carregavam com o seu tio Euron pela colina de Nagga abaixo a fim de lhe pôr na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar.

— Diz o corvo ao melro. Venha comigo. Preciso de você para recrutar os homens de Harlaw. — Nessa altura pretendia lutar.

— Os homens de Harlaw estão aqui. Aqueles que contam. Alguns estavam gritando o nome de Euron. Não vou pôr Harlaw contra Harlaw.

— Euron é louco. E perigoso. Aquele corno do inferno...

— Eu ouvi-o. *Vai,* Asha. Depois de Euron ser coroado, irá à sua procura. Não se atreva a deixar que o seu olho caia sobre você.

— Se eu resistir com os meus outros tios...

— ... Morrerão proscritos, com todas as mãos contra vocês. Quando pôs o seu nome à consideração dos capitães, submeseu-se ao seu julgamento. Não pode se revoltar agora contra esse julgamento. Só por uma vez foi derrubada a escolha de uma assembleia de homens livres. Lê Haereg.

Só Rodrik, o Leitor, falaria de um livro antigo qualquer quando as suas vidas se equilibravam no gume de uma espada.

— Se você vai ficar, eu também ficarei.

— Não seja palerma. Esta noite Euron mostra ao mundo o seu olho sorridente, mas ao chegar a manhã... Asha, você é filha de Balon, e a sua pre-

tensão ao trono é mais forte do que a dele. Enquanto respirar, continua sendo um perigo para ele. Se ficar será morta, ou casada com o Remador Vermelho. Não sei o que seria pior. *Vai.* Nunca voltará a ter uma oportunidade.

Asha dera o *Vento Negro* à costa do outro lado da ilha, precisamente para tal eventualidade. Velha Wyk não era grande. Podia estar a bordo do seu navio antes de o Sol nascer, a caminho de Harlaw antes de Euron perceber que ela desaparecera. Mas hesitara, até que o tio dissera:

— Faça pelo amor que sente por mim, filha. Não me obrigue a lhe ver morrer.

Portanto ela partira. Primeiro para Dez Torres, para dizer adeus à mãe.

— Pode passar-se muito tempo até que eu regresse — prevenira Asha. A Senhora Alannys não compreendera.

— Onde está o Theon? — perguntara. — Onde está o meu bebezinho? — a Senhora Gwynesse só quisera saber quando regressaria o Lorde Rodrik.

— Sou sete anos mais velha do que ele. Dez Torres devia ser meu.

Asha ainda estava em Dez Torres embarcando provisões quando lhe chegaram notícias do seu casamento.

— A minha sobrinha desobediente precisa de ser domada — constava que o Olho de Corvo dissera — e eu conheço o homem capaz de domá-la. — Casara-a com Erik Ferreiro e nomeara o Quebra-Bigornas para governar as Ilhas de Ferro enquanto ele perseguia dragões. Erik foi um grande homem nos seus tempos, um destemido saqueador que podia se gabar de ter velejado com o avô do avô dela, o mesmo Dagon Greyjoy em honra do qual Dagon, o Bêbado, fora batizado. As velhas da Ilha Bela ainda assustavam os netos com histórias sobre Lorde Dagon e os seus homens. *Feri o orgulho de Erik na assembleia dos homens livres*, refletiu Asha. *Não é provável que ele o esqueça.*

Tinha de prestar ao tio a justa homenagem. De uma penada, Euron transformara um rival em apoiante e afastara Asha enquanto ameaça. *E desfrutou também de uma bela gargalhada.* Tris Botley dizia que o Olho de Corvo usara uma foca para representá-la no casamento.

— Espero que Erik não tenha insistido numa consumação — dissera ela.

Não posso ir para casa, pensou, *mas não me atrevo a ficar aqui muito mais tempo.* A quietude da floresta a enervava. Asha passara a vida em ilhas e em navios. O mar nunca estava em silêncio. O som das vagas batendo numa costa rochosa estava-lhe no sangue, mas não havia vagas em Bosque Profundo... só as

árvores, as infindáveis árvores, pinheiros marciais e árvores sentinela, faias, freixos e antigos carvalhos, castanheiros e pau-ferro e abetos. O som que as árvores faziam era mais suave do que o mar, e ela só o ouvia quando o vento soprava; então, os suspiros pareciam vir de todos os lados, como se as árvores estivessem murmurando umas com as outras em alguma língua que Asha não conseguia compreender.

Naquela noite, os murmúrios pareciam mais sonoros do que antes. *Uma torrente de folhas mortas e castanhas*, disse Asha a si própria, *ramos nus a ranger ao vento.* Afastou-se da janela, afastando-se da floresta. *Preciso de voltar a ter um convés debaixo dos pés. Ou, à falta disso, alguma comida na barriga.*

O luar estava suficientemente brilhante para encontrar a roupa. Vestiu espessas calças pretas, uma túnica acolchoada e um justilho de couro verde coberto de placas sobrepostas de aço. Deixando Qarl com os seus sonhos, desceu a escada exterior da torre, fazendo ranger os degraus sob os pés descalços. Um dos homens que estava de sentinela nas muralhas viu-a fazer a descida e ergueu a lança na sua direção. Asha respondeu-lhe com um assobio. Enquanto atravessava o pátio interior até às cozinhas, os cães de Galbart Glover puseram-se a ladrar. *Ótimo*, pensou. *Vão submergir o som das árvores.*

Estava cortando uma cunha de queijo amarelo de uma rodela tão grande como uma roda de carroça quando Tris Botley entrou na cozinha, envolto num grosso manto de pele.

— Minha rainha.

— Não goze comigo.

— Você irá sempre governar o meu coração. Nenhuma quantidade de palermas gritando numa assembleia de homens livres pode alterar isso.

O que vou fazer com este rapaz? Asha não podia duvidar da devoção dele. Não só se apresentara como seu campeão na colina de Nagga e gritara o seu nome, como até atravessara o mar para se juntar a ela depois, abandonando rei, família e lar. *Não que se tenha atrevido a desafiar Euron na sua cara.* Quando o Olho de Corvo levara a frota para o mar, Tris deixara-se simplesmente ficar para trás, só mudando de rumo quando perdera de vista os outros navios. Mas mesmo isso requeria uma certa coragem; nunca mais poderia regressar às ilhas.

— Queijo? — perguntou-lhe. — Também há presunto e mostarda.

— Não é comida que eu quero, senhora. Sabe disso. — Tris deixara crescer uma espessa barba castanha em Bosque Profundo. Afirmava que o ajudava a manter a cara quente. — Vi-a da torre de vigia.

— Se está de turno, o que estás você fazendo aqui?

— Cromm está lá em cima, com Hagen, o Corno. De quantos olhos precisamos para ver folhas restolhar ao luar? Temos de conversar.

— Outra vez? — suspirou. — Conhece a filha de Hagen, a do cabelo ruivo. Conduz um navio tão bem como qualquer homem, e tem uma cara bonita. Dezessete anos, e a vi a olhar para você.

— Não quero a filha de Hagen. — Quase tocou-a, antes de pensar melhor. — Asha, é tempo de partir. Fosso Cailin era a única coisa retendo a maré. Se permanecermos aqui, os nortenhos nos matarão a todos, sabe disso.

— Quer que eu fuja?

— Quero que viva. Amo-a.

Não, *pensou ela,* amas uma donzela inocente que vive apenas na sua cabeça, uma criança assustada necessitada da sua proteção.

— Eu não te amo — disse, sem rodeios — e não fujo.

— O que há aqui para você agarrar com tanta força além de pinheiros, lama e inimigos? Temos os nossos navios. Parta comigo, e arranjaremos novas vidas no mar.

— *Como piratas? — era quase tentador.* Deixar os lobos recuperar as suas florestas sombrias e voltar a conquistar o mar aberto.

— Como mercadores — insistiu ele. — Viajaremos para leste como o Olho de Corvo fez, mas regressaremos com sedas e especiarias em vez de um chifre de dragão. Uma viagem ao Mar de Jade e ficaremos ricos como deuses. Podemos arranjar uma mansão em Vilavelha ou em alguma das Cidades Livres.

— Você, eu e Qarl? — Viu-o estremecer quando mencionou o nome de Qarl. — A filha de Hagen talvez goste de percorrer o Mar de Jade contigo. Eu continuo a ser a filha da lula gigante. O meu lugar é...

— ... *Onde?* Não podemos voltar às ilhas. A menos que pretenda submeter-se ao senhor seu esposo.

Asha tentou imaginar-se na cama com Erik Ferreiro, esmagada sob o seu volume, sofrendo os seus abraços. *Antes ele do que o Remador Vermelho ou o Lucas Mão-Esquerda Codd.* O Quebra-Bigornas tinha sido em tempos um gigante trovejante, de terrível força e feroz lealdade, e totalmente desprovido de medo. *Pode não ser assim tão mal. É provável que ele morra da primeira vez que tente cumprir o seu dever de marido.* Isso a transformaria na viúva de Erik em vez de mulher de Erik, o que podia ser melhor ou bastante pior, dependendo

dos netos dele. *E do meu tio. No fim, todos os ventos me sopram outra vez para Euron.*

— Tenho reféns, em Harlaw — fez notar ao rapaz. — E ainda há a Ponta do Dragão Marinho... se não posso ficar com o reino do meu pai, porque não arranjar um meu? — a Ponta do Dragão Marinho nem sempre foi tão escassamente povoada como era agora. Ainda se encontravam velhas ruínas entre os seus montes e pauis, os restos de antigas fortalezas dos Primeiros Homens. Nos lugares elevados havia círculos de represeiros deixados pelos filhos da floresta.

— Está agarrar-se à Ponta do Dragão Marinho como um homem a afogar-se se agarra a um destroço. O que tem o Dragão Marinho que alguém queira? Não há minas, não há ouro, não há prata, nem sequer há estanho ou ferro. A terra é muito úmida para trigo ou milho.

Não planejo plantar trigo ou milho.

— O que há lá? Eu digo-lhe. Duas longas linhas de costa, uma centena de angras escondidas, lontras nos lagos, salmão nos rios, mexilhões ao longo da costa, colônias de focas ao largo, grandes pinheiros para construir navios.

— E quem construirá esses navios, minha rainha? Onde irá Vossa Graça encontrar súditos para o seu reino, se os nortenhos nos deixarem ficar com ele? Ou será que pretende governar um reino de focas e lontras?

Ela soltou uma gargalhada triste.

— Lontras talvez sejam mais fáceis de governar do que homens, admito. E as focas são mais espertas. Não, pode ser que tenha razão. A minha melhor opção talvez ainda seja regressar a Pyke. Há em Harlaw quem acolheria bem o meu regresso. Em Pyke também. E Euron não conquistou amigos em Blacktyde quando matou o Lorde Baelor. Podia encontrar o meu tio Aeron, revoltar as ilhas. — Ninguém viu o Cabelo-Molhado desde a assembleia de homens livres, mas os seus Afogados afirmavam que estava escondido em Grande Wyk e que avançaria em breve para fazer cair a ira do Deus Afogado sobre o Olho de Corvo e os seus lacaios.

— O Quebra-Bigornas também anda à procura do Cabelo-Molhado. Anda caçando os Afogados. O Beron Cego Blacktyde foi capturado e interrogado. Até à Velha Gaivota Cinzenta foram dadas grilhetas. Como irá você encontrar o sacerdote se todos os homens de Euron não conseguem?

— Ele é do meu sangue. Irmão do meu pai. — Era uma resposta débil, e Asha sabia.

— Sabe o que eu penso?

— Estou prestes a ficar sabendo, suspeito.

— Penso que Cabelo-Molhado está morto. Penso que o Olho de Corvo lhe rasgou a goela. A busca do Ferreiro é só para nos levar a crer que o sacerdote escapou. Euron tem medo de ser visto como assassino de parentes.

— Nunca deixe o meu tio lhe ouvir dizer isso. Se disser ao Olho de Corvo que tem medo de matar parentes, ele assassinará um dos seus próprios filhos só para provar que não tens razão. — Asha estava sentindo-se quase sóbria por aquela hora. Tristifer Botley tinha aquele efeito sobre ela.

— Mesmo se encontrasse o seu tio Cabelo-Molhado, ambos falhariam. Ambos *fizeram parte* da assembleia de homens livres, portanto, não podem dizer que foi convocada ilegalmente, como Torgon fez. Estão vinculados à sua decisão por todas as leis dos deuses e dos homens. Você...

Asha franziu o semblante.

— Espera. Torgon? Que Torgon?

— Torgon, o Atrasado.

— Ele foi um rei durante a Era dos Heróis. — Lembrava-se disso a respeito do homem, mas pouco mais. — O que tem ele?

— Torgon Greyiron era o filho mais velho do rei. Mas o rei era velho e Torgon irrequieto, então calhou que quando o pai morreu ele estava pirateando ao longo do Vago, a partir da sua base em Escudogris. Os irmãos não lhe enviaram nenhuma mensagem; em vez disso, convocaram à pressa uma assembleia de homens livres, pensando que um deles seria escolhido para usar a coroa de madeira trazida pelo mar. Mas os capitães e os reis escolheram Urragon Goodbrother para governar. A primeira coisa que o novo rei fez foi ordenar que todos os filhos do velho rei fossem executados, e foi o que aconteceu. Depois, os homens passaram a chamar-lhe Mau-Irmão, se bem que na verdade eles não fossem da sua família. Governou durante quase dois anos.

Asha já se lembrava.

— Torgon voltou para casa...

— ... E disse que a assembleia dos homens livres era ilegal, visto que ele não estivera lá para fazer a sua pretensão. O Mau-Irmão demonstrara ser tão mau como cruel e restavam-lhe poucos amigos nas ilhas. Os sacerdotes o renegaram, os senhores revoltaram-se contra ele, e os seus próprios capitães cortaram-no em pedaços. Torgon, o Atrasado, tornou-se rei e governou durante quarenta anos.

Asha agarrou em Tris pelas orelhas e deu-lhe um beijo em cheio nos lábios. Quando o largou, ele estava corado e sem fôlego.

— O que foi isso? — disse.

— Chama-se beijo. Afoga-me por ser parva, Tris, eu devia ter-me lembrado... — Interrompeu-se de súbito. Quando Tris tentou falar, ela o fez calar, à escuta. — Aquilo foi um corno de guerra. Hagen. — O seu primeiro pensamento foi sobre o marido. Poderia Erik Ferreiro ter percorrido toda esta distância para reclamar a sua esposa desobediente? — o Deus Afogado afinal me ama. Aqui estava eu me perguntando o que fazer, e ele enviou-me inimigos para combater. — Asha pôs-se em pé e voltou a enfiar a faca na bainha. — A batalha veio até nós.

Já trotava quando chegou ao cercado interno do castelo, com Tris mordendo-lhe os calcanhares, mas mesmo assim chegou tarde demais. A luta terminara. Asha descobriu dois nortenhos sangrando junto do portão oriental, não muito longe da poterna, com Lorren Longaxe, o Harl Seis-Dedos e o Linguatriste em pé por cima deles.

— Cromm e Hagen viram-os subindo a muralha — explicou o Linguatriste.

— Só estes dois? — perguntou Asha.

— Cinco. Matamos dois antes de conseguirem saltar, e Harl matou outro no passadiço. Estes dois conseguiram chegar ao pátio.

Um homem estava morto, com o sangue e os miolos cobrindo o machado de Lorren, mas o segundo ainda respirava irregularmente, embora a lança do Linguatriste o tivesse prendido ao chão no meio de uma poça de sangue que se expandia. Ambos estavam vestidos de couro fervido e mantos de retalhos castanhos, verdes e pretos, com ramos, folhas e arbustos entretecidos por cima das cabeças e dos ombros.

— Quem é você? — perguntou Asha ao ferido.

— Um Flint. Quem é você?

— Asha da Casa Greyjoy. Isto é o meu castelo.

— Bosque Profundo é a sede de Galbart Glover. Nã é casa de lulas.

— Há mais de vocês? — perguntou-lhe Asha. Quando o homem não respondeu, pegou na lança do Linguatriste e torceu-a, e o nortenho gritou de dor enquanto mais sangue jorrava do seu ferimento. — Que queria fazer aqui?

— A senhora — disse ele, estremecendo. — Deuses, para. Viemos buscar a senhora. Salvá-la. Éramos só os cinco.

Asha fitou-o nos olhos. Quando viu aí a falsidade, encostou-se à lança, torcendo-a.

— *Quantos mais?* — disse. — Diga-me, senão faço-te durar a morte até à alvorada.

— Muitos — soluçou por fim o homem, entre gritos. — *Milhares*. Três mil, quatro... *aaaaaiii*... por favor...

Arrancou a lança do corpo do homem e espetou-lha com as duas mãos na garganta mentirosa. O meistre de Galbart Glover afirmara que os clãs da montanha eram muito briguentos para algum dia se juntarem sem um Stark a liderá-los. *Podia não ter mentido. Podia simplesmente ter-se enganado.* Ficara conhecendo o que *isso* sabia na assembleia de homens livres do tio.

— Estes cinco foram enviados para abrir os nossos portões antes do ataque principal — disse. — Lorren, Harl, vão buscar a Senhora Glover e o seu meistre.

— Inteiros ou ensanguentados? — perguntou Lorren Longaxe.

— Inteiros e incólumes. Linguatriste, sobe àquela três vezes maldita torre e diz a Cromm e ao Hagen para manterem olhos atentos virados lá para fora. Se virem nem que seja uma lebre, eu quero saber.

O cercado de Bosque Profundo depressa se encheu de gente assustada. Os seus homens estavam lutando para se enfiarem em armaduras, ou trepar aos passadiços. A gente de Galbart Glover olhava-os com rostos medrosos, dirigindo murmúrios uns aos outros. O intendente de Glover teve de ser trazido da cave ao colo por ter perdido uma perna quando Asha tomara o castelo. O meistre protestou ruidosamente até que Lorren lhe deu um forte sopapo na cara com um punho revestido de cota de malha. A Senhora Glover saiu do bosque sagrado apoiada nos braços da sua aia.

— Avisei-lhe de que este dia chegaria, senhora — disse, quando viu os cadaveres no chão.

O meistre abriu caminho em frente, com sangue a pingando do nariz partido.

— Senhora Asha, suplico-lhe, arreie as bandeiras e deixe que eu negoceie pela sua vida. Usou-nos com justiça e com honra. Direi-lhes isso mesmo.

— Os trocaremos pelas crianças. — Os olhos de Sybelle Glover estavam vermelhos, de lágrimas e de noites sem dormir. — Gawen tem agora quatro anos. Perdi o dia do seu nome. E a minha querida menina... devolva os

meus filhos, e não é preciso que nenhum mal lhe aconteça. Nem aos seus homens.

Asha sabia que a última parte era mentira. *Ela* podia ser trocada, talvez, enviada de volta para as Ilhas de Ferro, para os braços cheios de amor do seu marido. Os primos também seriam resgatados, bem como Tris Botley e mais alguns membros do seu grupo, aqueles cujas famílias tivessem dinheiro suficiente para comprá-los de volta. Para os outros seria o machado, o laço ou a Muralha. *Ainda assim, eles têm direito a escolher.*

Asha subiu para um barril para que todos pudessem vê-la.

— Os lobos vão cair sobre nós com os dentes à mostra. Estarão junto dos nossos portões antes de o Sol se erguer. Jogamos fora as lanças e machados e suplicamos-lhes que nos poupem?

— Não. — Qarl, o Donzel, puxou pela espada.

— Não — ecoou Lorren Longaxe.

— *Não* — trovejou Rolfe, o Anão, um autêntico urso, que era uma cabeça mais alto do que qualquer outra pessoa na sua tripulação. — *Nunca.* — E o corno de Hagen voltou a soar lá de cima, ressoando pelo cercado fora.

AAuuuuuuuuuuumuUy soou o chifre de guerra, longa e gravemente, um som capaz de coagular sangue. Asha começara a odiar o som dos chifres. Em Velha Wyk, o chifre infernal do tio fizera soar um dobre afinados pelos seus sonhos, e agora Hagen estava soprando aquela que podia perfeitamente vir a ser a sua última hora na terra. *Se tenho de morrer, morrerei de machado na mão e com uma praga nos lábios.*

— Às muralhas — disse Asha Greyjoy aos seus homens. Virou os passos para a torre de vigia, com Tris Botley logo atrás.

A torre de vigia de madeira era a coisa mais elevada daquele lado das montanhas, erguendo-se seis metros acima das maiores sentinelas e pinheiros marciais na floresta circundante.

— Ali, capitã — disse Cromm, quando ela chegou à plataforma. Asha só viu árvores e sombras, as colinas iluminadas pelo luar e os picos cobertos de neve mais atrás. Depois percebeu de que as árvores estavam se aproximando.

— O-ho — riu — aquelas cabras montesas esconderam-se com ramos de pinheiro. — A floresta estava em movimento, aproximando-se do castelo como uma lenta maré verde. Recordou-se de uma história que ouvira quando criança, sobre os filhos da floresta e as suas batalhas com os Primeiros Homens, quando os videntes verdes transformavam as árvores em guerreiros.

— Não podemos combater tantos — disse Tris Botley.

— Podemos combater tantos quantos vierem, cachorrinho — insistiu Cromm. — Quanto mais eles forem, maior será a glória. Os homens cantarão sobre nós.

Sim, mas cantarão sobre a sua coragem ou sobre a minha loucura? O mar ficava a cinco longas léguas de distância. Fariam melhor em resistir e lutar por trás das profundas valas e muralhas de madeira de Bosque Profundo? *As muralhas de madeira de Bosque Profundo pouco ajudaram os Glover quando eu tomei o seu castelo*, recordou. *Porque haveriam de me ser mais úteis a mim?*

— Ao chegar a manhã, nos banquetearemos debaixo do mar. — Cromm afagou o machado como se não conseguisse esperar.

Hagen baixou o chifre.

— Se morrermos com os pés secos, como é que encontramos o caminho até aos salões aquáticos do Deus Afogado?

— Estes bosques estão cheios de pequenos riachos — assegurou-lhe Cromm. — Todos eles levam a rios, e todos os rios ao mar.

Asha não estava pronta para morrer, não ali, ainda não.

— Um homem vivo pode encontrar o mar mais facilmente do que um morto. Os lobos que fiquem com a sua floresta sombria. Vamos nos dirigir para os navios.

Perguntou-se quem estaria no comando do inimigo. *Se fosse eu, tomaria a costa e passaria os nossos dracares pelo archote antes de atacar Bosque Profundo.* Mas os lobos não achariam isso fácil sem disporem de dracares seus. Asha nunca encalhava mais de metade dos seus navios. A outra metade estava em segurança no mar, com ordens para içar a vela e rumar à Ponta do Dragão Marinho se os nortenhos tomassem a costa.

— Hagen, sopra o corno e faz tremer a floresta. Tris, vista cota de malha, está na altura de por à prova essa sua linda espada. — Como viu como ele estava pálido, deu-lhe um beliscão na bochecha. — Esparrinha comigo algum sangue sobre a Lua e prometo-lhe um beijo por cada morte.

— Minha rainha — disse Tristifer — aqui temos as muralhas, mas se alcançarmos o mar e descobrirmos que os lobos conquistaram os nossos navios ou os afastaram...

— ... Morreremos — concluiu ela em tom alegre — mas pelo menos morreremos com os pés molhados. Os nascidos no ferro combatem melhor com maresia nas narinas e o som das ondas atrás de si.

Hagen soltou três curtos sopros em rápida sucessão, o sinal que enviaria os nascidos no ferro de volta para os navios. De baixo vieram gritos, o tinir de lanças e espadas, o relinchar de cavalos. *Cavalos a menos e cavaleiros a menos.* Asha dirigiu-se para a escada. No cercado foi encontrar Qarl, o Donzel, à espera com a sua égua cor de avelã, com o seu elmo, e com os seus machados de arremesso. Homens de ferro estavam tirando cavalos dos estábulos de Galbart Glover.

— Um *aríete* — gritou uma voz das muralhas. — *Eles têm um aríete!*

— Em que portão? — perguntou Asha enquanto montava.

— No norte! — vindo de trás das muralhas de madeira cobertas de musgo de Bosque Profundo soou o súbito som de trombetas.

Trombetas? Lobos com trombetas? Aquilo estava errado, mas Asha não tinha tempo para pensar no assunto.

— Abra o portão sul — ordenou, no instante em que o portão norte estremecia com o impacto do aríete. Puxou um machado de arremesso de cabo curto do cinturão que tinha ao ombro. — A hora da coruja fugiu, irmão. Agora chega a hora da lança, da espada, do machado. Formação. Vamos para casa.

De uma centena de gargantas saíram rugidos de "*Casa*/" e *"Asha"* Tris Botley veio a galope até junto dela num grande garanhão ruão. No cercado, os seus homens juntaram-se, erguendo escudos e lanças. Qarl, o Donzel, que nada tinha de cavaleiro, ocupou o seu lugar entre o Linguatriste e Lorren Longaxe. Estava Hagen descendo a escada da torre de vigia quando uma seta dos lobos o apanhou na barriga e o fez mergulhar de cabeça até ao chão. A filha correu para ele, chorando.

— Tragam-na — ordenou Asha. Aquele não era momento para luto. Rolfe, o Anão, puxou a menina para cima do seu cavalo, fazendo esvoaçar o seu cabelo ruivo. Asha ouviu o portão norte gemendo quando o aríete voltou a colidir com ele. *Talvez vamos precisar de abrir caminho através deles*, pensou quando o portão sul se escancarou na sua frente. O caminho estava livre. *Por quanto tempo?*

— Para fora! — Asha encostou os calcanhares aos flancos do cavalo.

Homens e montarias trotavam quando chegaram às árvores do outro lado do campo ensopado onde caules mortos de trigo de inverno apodreciam sob a Lua. Asha reteve os cavaleiros no fim da coluna, como retaguarda, a fim de manter os retardatários em movimento e se assegurar de que ninguém era deixado para trás. Grandes pinheiros marciais e velhos carvalhos nodosos

fecharam-se à volta deles. Bosque Profundo tinha um nome adequado. As árvores eram enormes e escuras, de certa forma ameaçadoras. Os seus ramos entrelaçavam-se uns aos outros e rangiam a cada aragem de vento, e os ramos mais elevados arranhavam a face da Lua. Quanto *mais depressa nos virmos livres disto, mais contente ficarei*, pensou Asha. *As árvores odeiam-nos a todos, nas profundezas dos seus corações de madeira.*

Continuaram a avançar para sul-sudoeste até deixarem de ver as torres de madeira de Bosque Profundo e os sons das trombetas serem engolidos pela floresta. *Os lobos têm o seu castelo de volta*, pensou, *talvez se contentem em deixar-nos ir.*

Tris Botley aproximou-se dela a trote.

— Vamos na direção errada — disse, indicando com um gesto a Lua que espreitava através'da abóbada de ramos. — Precisamos de virar para norte, para chegarmos aos navios.

— Primeiro para oeste — insistiu Asha. — Para oeste até o Sol nascer. Depois para norte. — Virou-se para Rolfe, o Anão, e para Roggon Barba-ferrugenta, os seus melhores cavaleiros. — Batam o terreno em frente e assegurem-se de que o nosso caminho está livre. Não quero surpresas quando chegarmos à costa. Se encontrarem lobos, voltem para junto de mim com essa informação.

— Se tiver de ser — promeseu Roggon através da sua enorme barba ruiva.

Depois dos batedores desaparecerem entre as árvores, o resto dos nascidos no ferro reatou a marcha, mas o avanço era lento. As árvores escondiam deles a Lua e as estrelas, e o solo da floresta sob os seus pés era negro e traiçoeiro. Antes de avançarem meia milha, a égua do seu primo Quenton tropeçou numa cova e estilhaçou a pata da frente. Quenton teve de cortar a garganta ao animal para impedi-lo de gritar.

Deveríamos fazer archotes — sugeriu Tris.

— Fogo fará os nortenhos cair sobre nós. — Asha soltou uma praga na surdina, perguntando-se abandonar o castelo teria sido um erro. *Não. Se tivéssemos ficado e lutado, podíamos estar todos mortos por esta hora.* Mas andar aos tropeções na escuridão também não seria. *Estas árvores nos matarão, se puderem.* Tirou o elmo e puxou para trás o cabelo ensopado em suor. — O Sol nascerá dentro de algumas horas. Paramos aqui, e descansamos até ao romper do dia.

Parar mostrou ser fácil; o descanso chegou com dificuldade. Ninguém dormiu, nem mesmo o Dale Pendedelas, um remador que se tornara conhecido por adormecer entre remadas. Alguns dos homens partilharam um odre do vinho de maçã de Galbart Glover, passando-o de mão em mão. Aqueles que tinham trazido comida partilharam-na com os que não o haviam feito. Os cavaleiros alimentaram os cavalos e deram-lhes de beber. O seu primo Quenton Greyjoy mandou três homens subir às árvores, para procurar qualquer sinais de archotes na floresta. Cromm afiou o machado e Qarl, o Donzel, a espada. Os cavalos mastigaram erva morta e castanha e ervas daninhas. A filha ruiva de Hagen pegou na mão de Tris Botley para levá-lo para as árvores. Quando ele a recusou, foi com Harl Seis-Dedos.

Bem gostaria de poder fazer o mesmo. Seria bom perder-se nos braços de Qarl uma última vez. Asha tinha uma sensação ruim na barriga. Alguma vez voltaria a sentir o convés do *Vento Negro* por baixo dos seus pés? E se sentisse, para onde rumaria com ele? *As ilhas me estão fechadas, a menos que queira dobrar os joelhos e abrir as pernas e aguentar os abraços de Erik Ferreiro, e não é provável que algum porto em Westeros acolha a filha da lula gigante.* Podia tornar-se mercadora, como Tris parecia querer, ou então dirigir-se para os Degraus e juntar-se lá aos piratas. *Ou...*

— *Envio a cada um de vocês um bocado de príncipe — murmurou.*

Qarl fez um sorriso.

— Preferia ter um bocado de ti — sussurrou — o doce bocado que está...

Algo voou dos arbustos para ir aterrar com um ruído surdo entre eles, saltando e ressaltando. A coisa era redonda, escura e úmida, com longos cabelos que lançavam chicotadas enquanto rolava. Quando parou entre as raízes de um carvalho, o Linguatriste disse:

— Rolfe, o Anão, já não é tão alto como foi um dia. — Metade dos homens de Asha já estava de pé a essa altura, estendendo as mãos para escudos, lanças e machados. *Eles também não acenderam archotes*, teve Asha tempo para pensar, *e conhecem esta floresta melhor do que nós algum dia poderíamos conhecer.* Depois as árvores entraram em erupção a toda a volta, e os nortenhos jorraram delas aos uivos. *Lobos*, pensou, *eles uivam como o raio dos lobos. O grito de guerra do Norte.* Os seus nascidos no ferro gritaram-lhes de volta e o combate teve início.

Nunca nenhum cantor faria uma canção sobre aquela batalha. Nunca nenhum meistre escreveria um relato para um dos amados livros do Leitor. Nenhum estandarte voou, nenhum corno de guerra gemeu, nenhum grande senhor reuniu os homens à sua volta para ouvirem as suas últimas palavras ressonantes. Combateram na escuridão que antecedia a aurora, sombra contra sombra, tropeçando em raízes e pedras, com lama e folhas putrefatas debaixo dos pés. Os nascidos no ferro estavam vestidos de cota de malha e couro manchado pelo sal, os nortenhos de peles e ramos de pinheiro. A Lua e as estrelas desciam os olhos para o combate, filtrando a sua luz pálida no emaranhado de ramos nus que se retorciam por cima das cabeças dos homens.

O primeiro homem a vir ao encontro de Asha Greyjoy morreu a seus pés com o machado de arremesso dela espetado entre os olhos. Isso deu-lhe suficiente folga para enfiar o escudo no braço.

— *A mim!* — gritou, mas Asha não poderia ter dito com certeza se estava gritando aos seus homens ou aos inimigos. Um nortenho com um machado ergueu-se na sua frente, brandindo a arma com ambas as mãos enquanto uivava numa fúria inarticulada. Asha ergueu o escudo para bloquear o golpe, após o que se aproximou para espetá-lo com o punhal. Os uivos do homem tomaram outro tom quando ele caiu. Asha girou sobre si, descobriu outro lobo atrás de si, e golpeou-o na testa por baixo do elmo. O golpe que ele dera apanhou-a abaixo do peito, mas a cota de malha defletiu-o, de modo que ela lhe enfiou a ponta do punhal na garganta e deixou-o a afogar-se no próprio sangue. Uma mão pegou-lhe no cabelo mas, curto como este era, o homem não conseguiu agarrar suficientemente bem para a obrigar a virar a cabeça. Asha atirou-lhe o calcanhar contra o peito do pé, e soltou-se quando ele gritou de dor. Quando se virou, o homem estava caído e morrendo, ainda agarrado a uma mecha do seu cabelo. Qarl estava em cima dele, com a espada pingando e o luar brilhando-lhe nos olhos.

O Linguatriste ia contando os nortenhos à medida que os matava, gritando "Quatro" quando um caiu e "Cinco" um segundo mais tarde. Os cavalos berravam e escoiceavam e rolavam os olhos de terror, enlouquecidos pela carnificina e pelo sangue... todos menos o grande garanhão ruão de Tris Botley. Tris subira para a sela e a sua montaria estava empinando e girando enquanto ele golpeava em volta com a espada. *Talvez lhe deva dois ou três beijos antes de a noite acabar*, pensou Asha.

— Sete — gritou Linguatriste, mas a seu lado Lorren Longaxe estatelou-se com uma perna torcida debaixo de si e as sombras continuaram a vir, gritando e restolhando. *Estamos combatendo arbustos*, pensou Asha enquanto matava um homem que tinha em si mais folhas do que a maior parte das árvores em redor. Isso a fez rir. A gargalhada atraiu mais lobos para ela, e também os matou, perguntando-se deveria dar início a uma contagem sua. *Sou uma mulher casada, e aqui está o meu bebê de peito*. Enterrou o punhal no peito de um nortenho, através de pele, lã e couro fervido. A cara dele estava tão próxima da dela que sentia o fedor amargo do seu hálito, e a mão do homem subira-lhe à garganta. Asha sentiu ferro a raspar em osso quando a ponta do punhal deslizou sobre uma costela. Depois, o homem estremeceu e morreu. Quando o largou estava tão fraca que quase caiu em cima dele.

Mais tarde, viu-se costas contra costas com Qarl, escutando os gemidos e pragas a toda a sua volta, ouvindo os homens corajosos que gatinhavam pelas sombras chorando pelas mães. Um arbusto arremeseu contra ela com uma lança suficientemente longa para lhe atravessar a barriga e também as costas de Qarl, prendendo-os um ao outro enquanto morriam. *Antes isso do que morrer sozinha*, pensou, mas o primo Quenton matou o lanceiro antes de chegar a ela. Um segundo mais tarde, outro arbusto matou Quenton, enfiando-Ihe um machado na base do crânio, por trás.

Atrás dela, o Linguatriste gritou:

— Nove e malditos sejam todos. — A filha de Hagen saltou nua de debaixo das árvores com dois lobos em sua perseguição. Asha soltou um machado de arremesso e o fez voar, rodopiando, para apanhar um deles nas costas. Quando o homem caiu, a filha de Hagen tropeçou e caiu de joelhos e agarrou na espada dele, atravessou o segundo homem e depois voltou a erguer-se, manchada de sangue e de lama, com o longo cabelo ruivo solto, e mergulhou na luta.

Em Algum lugar, nos avanços e recuos da batalha, Asha perdeu Qarl, perdeu Tris, perdeu-os todos. O seu punhal também se fora, bem como todos os machados de arremesso; em vez deles, tinha uma espada na mão, uma espada curta com uma lâmina larga e espessa, quase como o cutelo de um magarefe. Nem para salvar a vida saberia dizer onde a arranjara. Doía-lhe o braço, a boca sabia-lhe a sangue, tinha as pernas tremendo, e colunas da luz pálida da aurora estavam caindo por entre as árvores. *Passou-se assim tanto tempo? Há quanto tempo estamos lutando?*

O seu último inimigo foi um nortenho com um machado, um homem grande, careca e barbudo, vestido com um Camisa de cota de malha remendada e enferrujada que só podia querer dizer que era um chefe ou um capitão. Não ficou satisfeito por descobrir-se combatendo uma mulher.

— *Puta!* — rugia de todas as vezes que a golpeava, umedecendo-lhe a cara com cuspe. — *Puta! Puta!*

Asha queria gritar-lhe de volta, mas tinha a garganta tão seca que não podia fazer mais do que grunhir. O machado dele estava-lhe fazendo tremer o escudo, fazendo estalar a madeira quando o brandia para baixo, arrancando longas lascas claras quando o puxava de volta. Em breve, Asha teria apenas um emaranhado de acendalhas no braço. Recuou e libertou-se do escudo arruinado e depois recuou um pouco mais e dançou para a esquerda e para a direita e de novo para a esquerda, a fim de evitar o machado que caía sobre ela.

E então, as suas costas colidiram com força com uma árvore, e deixou de conseguir dançar. O lobo ergueu o machado acima da cabeça para lhe abrir a cabeça em duas. Asha tentou deslizar para a esquerda, mas os pés estavam emaranhados numas raízes, encurralando-a. Torceu-se, perdeu o equilíbrio, e a cabeça do machado esmagou-se contra a sua têmpora com um grito de aço a bater em aço. O mundo ficou vermelho e negro e de novo vermelho. Dor estalou-lhe na pele como um relâmpago e muito ao longe ouviu o seu nortenho dizer:

— Sua puta de merda — enquanto erguia o machado para o golpe que acabaria com ela.

Soou uma trombeta.

Isto está errado, pensou. *Não há trombetas nos salões aquáticos do Deus Afogado. Sob as vagas, os bacalhaus saúdam o seu senhor soprando em conchas.*

Sonhou com corações vermelhos ardendo e com um veado negro numa floresta dourada, com chamas jorrando das suas hastes.

TYRION

Quando chegaram a Volantis, o céu estava purpúreo a oeste e negro a leste, e as estrelas começavam a surgir. *As mesmas estrelas de Westeros*, refletiu Tyrion Lannister.

Podia ter obtido disso algum conforto, se não estivesse amarrado como um ganso e atado firmemente a uma sela. Já desistira de se contorcer. Os nós que o prendiam estavam muito apertados. Em vez disso, pusera-se flácido como um saco de farinha. *A poupar as forças*, dizia a si próprio, embora não pudesse explicar para quê.

Volantis fechava os portões ao escurecer, e os guardas no portão norte estavam resmungando impacientemente com os retardatários. Juntaram-se à fila atrás de uma carroça carregada de limas e laranjas. Os guardas deixaram a carroça passar acenando-lhe com os archotes, mas examinaram melhor o grande ândalo no seu cavalo de guerra com a espada longa e a sua cota de malha. Foi chamado um capitão. Enquanto ele e o cavaleiro trocavam algumas palavras em volanteno, um dos guardas descalçou a manopla provida de garras para dar uma esfregadela à cabeça de Tyrion.

— Estou cheio de boa fortuna — disse-lhe o anão. — Corta-me as amarras, amigo, e tratarei de que seja bem recompensado.

O seu captor ouviu-o.

— Poupa as suas mentiras para aqueles que falam a sua língua, Duende — disse, quando os volantenos os mandaram passar.

Em seguida, puseram-se de novo em movimento, atravessando o portão e passando por baixo das enormes muralhas da cidade.

— *Você* fala a minha língua. Posso desencaminha-lo com promessas, ou está decidido a comprar uma senhoria com a minha cabeça?

— Eu *era* um senhor, por direito de nascença. Não quero títulos vazios.

— Isso é tudo o que é provável que obtenha da minha querida irmã.

— E eu que tinha ouvido dizer que um Lannister paga sempre as suas dívidas.

— Oh, cada dinheiro... mas nunca um tostão a mais, senhor. Obterá a refeição que negociar, mas não trará molho de gratidão, e no fim de contas não lhe nutrirá.

— Pode ser que eu só queira ver-te pagar pelos seus crimes. O assassino de parentes é maldito aos olhos dos deuses e dos homens.

— Os deuses são cegos. E os homens só veem o que querem ver.

— Eu vejo-te com bastante clareza, Duende. — Algo negro esgueirou-se para o tom do cavaleiro. — Fiz coisas de que não me orgulho, coisas que trouxeram a vergonha à minha casa e ao nome do meu pai... mas matar o próprio pai? Como é possível que algum homem faça tal coisa?

— Dê-me uma besta e baixe as calças que eu te mostro. — *De bom* grado.

— Julga que isto é uma brincadeira?

— Julgo que a vida é uma brincadeira. A sua, a minha, a de toda a gente.

No interior das muralhas da cidade passaram por sedes de guildas, mercados e banhos públicos. Fontanários esparrinhavam e cantavam no centro de vastas praças, onde os homens se sentavam em mesas de pedra, movendo peças de *cyvasse* e bebendo vinho de copos de vidro, altos e estreitos, enquanto escravos acendiam ornamentadas lanternas para manter a escuridão afastada. Palmeiras e cedros cresciam ao longo da estrada empedrada, e monumentos erguiam-se em todas as encruzilhadas. O anão reparou que a muitas das estátuas faltavam cabeças, mas mesmo sem cabeças ainda conseguiam parecer imponentes no ocaso purpúreo.

À medida que o cavalo de batalha foi caminhando para sul ao longo do rio, as lojas foram-se tornando menores e pobres, e as árvores ao longo da rua transformaram-se numa fileira de tocos. O empedrado cedeu lugar a relva sob os cascos do cavalo, e depois a lama mole e úmida da cor dos dejetos de um bebê. As pequenas pontes sobre os riachos que alimentavam o Roine rangiam de forma alarmante sob o peso deles. Onde um forte um dia dominara o rio encontrava-se agora um portão quebrado, escancarado como a boca desdentada de um velho. Vislumbravam-se cabras espreitando por cima dos baluartes.

Velha Volantis, primeira filha de Valíria, matutou o anão. *Orgulhosa Volantis, rainha do Roine e senhora do Mar do Verão, lar de nobres senhores e adoráveis senhoras do mais antigo dos sangues.* E deixemos de lado as matilhas de crianças nuas que corriam as vielas gritando em vozes estridentes, ou os espadachins à porta das tabernas afagando os cabos das espadas, ou os escravos de costas dobradas e caras tatuadas que corriam por todo o lado como baratas. *Poderosa Volantis, a mais grandiosa e populosa das Nove Cidades Livres.*

Antigas guerras tinham despovoado boa parte da cidade, porém, e grandes áreas de Volantis tinham começado a afundar-se de novo na lama sobre a qual se erguiam. *Bela Volantis, cidade de fontanários e flores.* Mas metade dos fontanários estavam secos, metade das piscinas estavam estaladas e estagnadas. Trepadeiras em flor projetavam gavinhas de cada rachadura nas paredes ou pavimentos, e jovens árvores tinham criado raízes nas paredes de lojas abandonadas ou de templos sem telhados.

E depois havia o cheiro. Pairava no ar quente e úmido, forte, fétido, penetrante. *Há nele peixe e flores, e também alguma bosta de elefante. Algo doce e algo terroso e algo morto e podre.*

— Esta cidade cheira como uma velha rameira — anunciou Tyrion. — Como uma desmazelada de carnes descaídas que tivesse ensopado as partes pudendas em perfume para afogar o fedor entre as pernas. Não que esteja me queixando. Com rameiras, as novas cheiram muito melhor, mas as velhas conhecem mais truques.

— Você deve saber mais disso do que eu.

— Ah, claro. Aquele bordel onde nos conhecemos, o confundi com um septo? Era a sua irmã virgem que se contorcia ao seu colo?

Aquilo o fez franzir as sobrancelhas.

Dá descanso a essa sua língua, a menos que prefira que eu lhe dê um nó.

Tyrion engoliu a réplica. Ainda tinha o lábio inchado da última vez que foi longe demais com o grande cavaleiro. *Mãos duras e nenhum sentido de humor dão um mau casamento.* Pelo menos isso aprendera na viagem desde Selhorys. Os seus pensamentos dirigiram-se à bota, aos cogumelos que tinha no dedo. O seu captor não o revistara tão meticulosamente como poderia ter revistado. *Há sempre essa fuga. Pelo menos Cersei não me obterá vivo.*

Mais para sul, sinais de prosperidade começaram a reaparecer. Edifícios abandonados foram vistos com menos frequência, as crianças nuas desapareceram, os espadachins nas entradas pareceram estar vestidos de forma mais suntuosa. Algumas das tabernas por que passaram chegaram mesmo a parecer lugares onde um homem poderia dormir sem medo de que lhe cortassem a goela. Lanternas balançavam de espeques de ferro ao longo da estrada do rio, oscilando quando o vento soprava. As ruas tornaram-se mais largas, os edifícios mais imponentes. Alguns estavam coroados por grandes cúpulas de vidro

colorido. No ocaso que se aprofundava, com fogueiras acesas por baixo, as cúpulas brilhavam azuis, vermelhas, verdes e purpúreas.

Mesmo assim, havia qualquer coisa no ar que deixava Tyrion inquieto. A oeste do Roine, bem o sabia, os molhes de Volantis estavam repletos de marinheiros, escravos e mercadores, e todas as tabernas, estalagens e bordéis os serviam. A leste do rio, forasteiros vindos do ultramar eram vistos com menos frequência. *Não nos querem aqui*, compreendeu o anão.

Da primeira vez que passaram por um elefante, Tyrion não conseguiu evitar ficar olhando. Tinha havido um elefante na coleção de animais de Lanisporto quando ele era rapaz, mas morrera quando ele tinha sete anos... e aquele grande monstro cinzento parecia ter o dobro do seu tamanho.

Mais à frente, puseram-se atrás de um elefante menor, branco como osso antigo, que puxava uma carroça ornamentada.

— Será um carro de bois o carro de bois que não tenha bois? — perguntou Tyrion ao seu captor. Quando aquela saída ficou sem resposta, voltou a cair no silêncio, contemplando a ondulante garupa do alvo elefante anão na frente deles.

Volantis transbordava de elefantes anões brancos. Quando se aproximaram da Muralha Negra e dos bairros repletos de gente das imediações da Ponte Longa, viram uma dúzia deles. Grandes elefantes cinzentos também não eram incomuns; enormes animais com castelos às costas. E, à meia-luz do princípio da noite, as carroças da bosta tinham saído para a rua, servidas por escravos seminus cujo ofício era encher as carroças com pazadas de montinhos fumegantes deixados pelos elefantes, tanto grandes como pequenos. Enxames de moscas seguiam as carroças, e por consequencia os escravos da bosta tinham moscas tatuadas nas bochechas, para identificá-los como aquilo que eram. *Ora aqui está um ofício bom para a minha querida irmã*, matutou Tyrion. *Ela ia parecer tão linda com uma pazinha na mão e moscas tatuadas naquelas adoráveis bochechinhas cor-de-rosa.*

Por essa altura tinham abrandado até quase parar. A estrada do rio estava repleta de tráfego, quase todo ele fluindo para sul. O cavaleiro seguiu com o tráfego, um tronco flutuante apanhado pela corrente. Tyrion olhou a multidão por que passava. Nove homens em cada dez tinham marcas de escravos nas bochechas.

— Tantos escravos... para onde se dirigem todos?

— Os sacerdotes vermelhos acendem as fogueiras noturnas ao pôr-do-sol. O Alto Sacerdote deve estar falando. Eu o evitaria se pudesse, mas para chegarmos à Ponte Longa temos de passar pelo templo vermelho.

Três quarteirões mais à frente, a rua, à frente deles, abriu-se numa enorme praça iluminada por archotes, e ali estava o templo. *Que os Sete me salvem, aquilo tem de ser três vezes maior do que o Grande Septo de Baelor.* Uma enormidade de colunas, degraus, botaréus, pontes, cúpulas e torres, elementos arquitetônicos que fluíam uns para os outros como se tivessem sido esculpidos de um colossal rochedo, o Templo do Senhor da Luz erguia-se como a Colina de Aegon. Uma centena de tons de vermelho, amarelo, dourado e laranja encontrava-se e fundia-se nas paredes do templo, dissolvendo-se uns nos outros como nuvens ao pôr do sol. As suas torres esguias contorciam-se para cima, chamas congeladas dançando enquanto tentavam alcançar o céu. *Fogo transformado em pedra.* Enormes fogueiras noturnas ardiam junto das escadas do templo, e entre elas o Alto Sacerdote começara a falar.

Benerro. O sacerdote estava em cima de uma coluna de pedra vermelha, ligada por uma estreita ponte de pedra a um majestoso terraço onde se encontravam os sacerdotes de categoria menos elevada e os acólitos. Os acólitos estavam vestidos com vestes amarelas claras e de um laranja vivo, os sacerdotes e as sacerdotisas de vermelho.

A grande praça na frente deles estava cheia com uma multidão quase sólida. Eram mais que muitos os adoradores que usavam um farrapo de tecido vermelho pregado às mangas ou atado em volta da cabeça. Todos os olhos estavam postos no alto sacerdote menos os deles.

— Deixe passar — rosnou o cavaleiro enquanto o seu cavalo abria caminho por entre a multidão. — Abram caminho. — Os volantenos davam passagem com relutância, com resmungos e olhares zangados.

A voz sonora de Benerro projetava-se bem. Alto e magro, tinha uma cara crispada e a pele era branca como leite. Chamas tinham-lhe sido tatuadas nas bochechas, no queixo e na cabeça rapada para criar uma máscara vermelha viva que crepitava em volta dos seus olhos e se lhe enrolava em redor da boca desprovida de lábios.

— Aquilo é uma tatuagem de escravo? — perguntou Tyrion.

O cavaleiro confirmou com a cabeça.

— O Templo Vermelho compra-os em crianças e faz deles sacerdotes, prostitutas do templo ou guerreiros. Olha ali. — Apontou para os degraus, onde

uma fileira de homens envergando armaduras ornamentadas e mantos cor de laranja se mantinham em frente das portas do templo, agarrando lanças com pontas que eram como chamas que se contorciam. — A Mão Fogosa. Os soldados sagrados do Senhor da Luz, defensores do templo.

Cavaleiros de fogo.

— E quantos dedos tem esta mão, diga-me?

— Mil. Nunca mais, nunca menos. Uma nova chama é acendida por cada uma que se apaga.

Benerro brandiu um dedo à Lua, fez um punho, abriu muito as mãos. Quando a sua voz se ergueu num crescente, chamas saltaram dos seus dedos com um súbito *uoosh* que fez a multidão prender a respiração. O sacerdote também era capaz de desenhar letras de fogo no céu. *Glifos valirianos.* Tyrion reconheceu talvez dois em dez. Um era *Perdição,* o outro *Escuridão.*

Gritos irromperam da multidão. Mulheres choravam e homens sacudiam os punhos. *Tenho um mau pressentimento sobre isto.* O anão recordou-se do dia em que Myrcella zarpara para Dorne, e do tumulto que arrebentara em fervor quando se dirigiam para a Fortaleza Vermelha.

Tyrion recordou-se de que Haldon Semimeistre falara em usar o sacerdote vermelho para benefício do Jovem Griff. Agora que vira e ouvira pessoalmente o homem, essa pareceu-lhe ser uma ideia muito má. Esperava que Griff tivesse mais sensatez. *Há alguns aliados que são mais perigosos do que inimigos. Mas Lorde Connington terá de entender isso sozinho. Eu é provável que me transforme numa cabeça num espigão.*

O sacerdote apontava para a Muralha Negra por trás do templo, gesticulando para as suas ameias, onde uma mancheia de guardas couraçados estava olhando para baixo.

— O que está ele a dizer? — perguntou Tyrion ao cavaleiro.

— Que Daenerys está em perigo. O olho escuro caiu sobre ela e os lacaios da noite estão planejando a sua destruição, rezando aos seus falsos deuses em templos de enganos... conspirando traições com estrangeiros sem deus...

Os pelos da nuca de Tyrion começaram a pôr-se em pé. O *Príncipe Aegon não encontrará aqui nenhum amigo.* O sacerdote vermelho falava de uma antiga profecia, de uma profecia que previa a chegada de um herói para arrancar o mundo às trevas. *Um herói, não dois. Daenerys tem dragões, Aegon não os tem.* O anão não precisava de ser profeta para prever como Benerro e os seus seguidores poderiam reagir a um segundo Targaryen. *Griff também*

compreenderá isso, certamente, pensou, surpreendido por descobrir como aquilo lhe importava.

O cavaleiro conseguira abrir caminho através da maior parte da multidão ao fundo da praça, ignorando as pragas que lhes eram atiradas enquanto passavam. Um homem pôs-se na frente deles, mas o captor de Tyrion agarrou o cabo da espada e puxou-a só o suficiente para mostrar trinta centímetros de aço nu. O homem desvaneceu-se e, de repente, abriu-se uma viela na frente deles. O cavaleiro pôs a montaria a trote e deixaram a multidão para trás. Durante algum tempo Tyrion continuou a ouvir a voz de Benerro a tornar-se mais fraca nas suas costas, e os rugidos que as palavras provocavam, súbitos como trovões.

Chegaram a um estábulo. O cavaleiro desmontou e depois baseu com força a uma porta até que um escravo fatigado com uma cabeça de cavalo na bochecha apareceu correndo. O anão foi tirado rudemente da sela e atado a um poste enquanto o seu captor acordava o dono do estábulo e regateava com ele um preço para o cavalo e a sela. *É mais barato vender um cavalo do que embarcá-lo mundo fora.* Tyrion detectou a presença de um navio no seu futuro imediato. Afinal talvez fosse mesmo um profeta.

Quando o regateio terminou, o cavaleiro pôs ao ombro as armas, o escudo e o alforge e pediu para lhe indicarem onde ficava o ferreiro mais próximo. Este também estava fechado, mas abriu-se com bastante rapidez com o grito do cavaleiro. O ferreiro deitou uma olhadela enviesada a Tyrion, após o que anuiu e aceitou um punhado de moedas.

— Vem cá — disse o cavaleiro ao prisioneiro. Puxou pelo punhal e cortou-lhe as amarras.

— Muito agradecido — disse Tyrion enquanto esfregava os pulsos, mas o cavaleiro limitou-se a rir e disse:

— Guarda a gratidão para alguém que a mereça, Duende. Não vai gostar do próximo bocado.

Não se enganava.

As grilhetas eram de ferro negro, grossas e pesadas, pesando cada uma um bom quilo, se o anão sabia algo sobre avaliar pesos. As correntes acrescentavam ainda mais peso.

— Devo ser mais temível do que julgava — confessou Tyrion enquanto os últimos elos eram fechados à martelada. Cada golpe transmitia-lhe um choque pelo braço acima, quase até ao ombro. — Ou está com medo que eu largue numa correria em cima destas minhas perninhas atrofiadas?

O ferreiro nem sequer ergueu os olhos do seu trabalho, mas o cavaleiro soltou uma risada sombria.

— É a tua boca que me preocupa, não as tuas pernas. A ferros, é um escravo. Ninguém dará ouvidos a uma palavra que digas, nem mesmo aqueles que falam a língua de Westeros.

— Não há necessidade disto — protestou Tyrion. — Eu serei um bom prisioneirozinho, serei, serei.

— Então prove e fecha a boca.

De modo que ele baixou a cabeça e mordeu a língua enquanto as correntes eram fixadas; pulso com pulso, pulso com tornozelo, tornozelo com tornozelo. *Estas malditas coisas pesam mais do que eu.* Em todo o caso, pelo menos continuava a respirar. O seu captor podia ter-lhe cortado a cabeça com igual facilidade. Afinal de contas, a cabeça era tudo o que Cersei exigia. Não a cortar imediatamente fora o primeiro erro do seu captor. *Há meio mundo entre Volantis e Porto Real e podem acontecer muitíssimas coisas no caminho, sor.*

Percorreram a pé o resto do caminho, com Tyrion a ressoar e a retinir enquanto lutava por acompanhar os longos e impacientes passos do seu captor. Sempre que ameaçava ficar para trás, o cavaleiro agarrava-lhe nas correntes e puxava-as com rudeza, pondo o anão aos tropeções e aos saltos a seu lado. *Podia ser pior. Ele podia estar me incentivando a avançar com um chicote.*

Volantis cobria a foz do Roine, onde o rio beijava o mar, com as suas duas metades unidas pela Ponte Longa. A parte mais antiga e mais rica da cidade ficava a leste do rio, mas mercenários, bárbaros e outros rudes estrangeiros não eram lá bem-vindos, portanto tinham de atravessar para oeste.

A entrada da Ponte Longa era um arco de pedra preta esculpido com esfinges, mantícoras, dragões e criaturas ainda mais estranhas. Atrás do arco estendia-se a grande ponte que os valirianos tinham construído no auge da sua glória, cuja estrada de pedra fundida era suportada por enormes pilares. A estrada tinha apenas largura suficiente para duas carroças lado a lado, e sempre que uma carroça que se dirigia para oeste passava por outra que vinha para leste, ambas tinham de abrandar até quase pararem.

Ainda bem que estavam a pé. A um terço do caminho, uma carroça carregada de melões ficara com as rodas presas noutra carregada com uma grande pilha de tapetes de seda, e tinham imobilizado todo o tráfego de carroças. Muito do tráfego apeado tinha também parado, para ver os condutores gritar e amaldiçoarem-se um ao outro, mas o cavaleiro agarrou na corrente de Tyrion e

abriu caminho à força através da multidão. No meio do aglomerado, um rapaz tentou chegar-lhe à bolsa, mas um cotovelo duro pôs fim à tentativa, e espalhou o nariz ensanguentado do ladrão por metade da sua cara.

Edifícios erguiam-se de ambos os lados; lojas e templos, tabernas e estalagens, casas de *cyvasse* e bordéis. A maioria tinha três ou quatro andares de altura, com cada andar mais largo do que o inferior. Os andares superiores quase se beijavam. Atravessar a ponte era como passar por um túnel iluminado por archotes. Ao longo da estrutura havia lojas e barracas de todos os tipos; tecelões e fabricantes de rendas exibiam os seus artigos ao lado de sopradores de vidro, fabricantes de velas e peixeiros que vendiam enguias e ostras. Cada ourives tinha um guarda à porta, e cada vendedor de especiarias tinha dois, pois os seus bens tinham o dobro do valor. Aqui e ali, por entre as lojas, um viajante podia ter um vislumbre do rio que estava a atravessar. Ao norte, o Roine era uma larga fita negra brilhante de estrelas, com cinco vezes a largura da Torrente da Água Negra, em Porto Real. Ao sul da ponte, o rio abria-se para abraçar o mal salgado.

No vão central da ponte, as mãos cortadas de ladrões e carteiristas pendiam como réstias de cebolas de postes de ferro ao longo da estrada. Três cabeças também estavam em exibição; dois homens e uma mulher, cujos crimes estavam escrevinhados em tabuletas penduradas por baixo. Um par de lanceiros fazia-lhes companhia, envergando elmos polidos e lorigões de cota de malha prateada. Nas bochechas tinham riscas de tigre tão verdes como jade. De tempos a tempos, os guardas brandiam as lanças para espantar os francelhos, gaivotas e gralhas pretas que cortejavam os falecidos. As aves regressavam às cabeças momentos depois.

— O que fizeram eles? — inquiriu Tyrion com inocência.

O cavaleiro deitou uma olhadela às inscrições.

— A mulher era uma escrava que levantou a mão contra a dona. O homem mais velho foi acusado de fomentar a rebelião e de espiar para a rainha dos dragões.

— E o novo?

— Matou o pai.

Tyrion dedicou à cabeça putrefacta um segundo olhar. Ora, *quase parece que aqueles lábios estão sorrindo.*

Mais à frente, o cavaleiro fez uma breve pausa para examinar uma tiara cravejada de jóias em exibição sobre uma base de veludo azul. Deixou essa, mas alguns passos mais à frente voltou a falar para regatear um par de luvas na

barraca de um coureiro. Tyrion sentiu-se grato pelas pausas. O avanço precipitado deixara-o arquejando, e os seus pulsos estavam em carne viva devido às grilhetas.

Desde o outro lado da Ponte Longa foi só uma curta caminhada pelos movimentados bairros da zona ribeirinha da margem ocidental, ao longo de ruas iluminadas por archotes repletas de marinheiros, escravos e foliões bêbados. A certa altura, um elefante passou pesadamente por eles com uma dúzia de jovens escravas acenando do castelo que o animal levava às costas, provocando os transeuntes com vislumbres dos seus seios e gritando: "Malaquo, Malaquo." Eram uma visão tão arrebatadora que Tyrion quase pisou a pilha fumegante de bosta que o elefante deixara a assinalar a sua passagem. Foi salvo no último instante quando o cavaleiro o desviou para o lado, puxando-lhe a corrente com tanta força que o fez cambalear e tropeçar.

— Ainda falta muito? — perguntou o anão.

— É já ali. Praça do Peixeiro.

O destino que levavam revelou ser a Casa do Mercador, uma monstruosidade de quatro andares que se agigantava entre os armazéns, bordéis e tabernas da borda-dagua como se fosse um homem enormemente gordo rodeado de crianças. A sua sala comum era maior do que os grandes salões de metade dos castelos de Westeros, um labirinto mal iluminado com uma centena de nichos privativos e recantos escondidos em cujas vigas enegrecidas e tetos rachados ecoava o burburinho de marinheiros, mercadores, capitães, cambistas, armadores e escravagistas a mentir, praguejar e aldrabarem-se uns aos outros em meia centena de línguas diferentes.

Tyrion aprovou a seleção de hospedaria. Mais cedo ou mais tarde, a *Tímida Donzela* tinha de chegar a Volantis. Aquela era a maior estalagem da cidade, a primeira escolha para marinheiros, capitães e mercadores. Muitos negócios eram feitos naquela cavernosa sala comum que mais parecia uma coelheira. Sabia o suficiente sobre Volantis para saber disso. Bastaria que Griff ali aparecesse com Pato e Haldon, e ele bem depressa voltaria a estar livre.

Entretanto, seria paciente. A sua oportunidade chegaria.

Contudo, os quartos lá em cima mostraram ser bastante menos do que grandiosos, em particular os baratos do quarto andar. Encaixado num canto do edifício sob um telhado inclinado, o quarto que o seu captor alugara possuía um teto baixo, um colchão de penas descaído no meio e com um odor desagradável, e um chão de tábuas inclinado que fez lembrar a Tyrion a sua estadia no Ninho

de Águia. *Pelo menos este quarto tem paredes.* Também tinha janelas; eram estas o seu principal luxo, bem como a argola de ferro presa à parede, tão útil para acorrentar os escravos de que se é dono. O seu captor só parou o tempo suficiente para acender uma vela de sebo antes de prender as correntes de Tyrion à argola.

— Tendes de fazer isto? — protestou o anão, fazendo chocalhar débilmente as correntes. — Para onde iria, pela janela fora?

— Talvez.

— Estamos no quarto andar e eu não sei voar.

— Podes cair. Quero-te vivo.

Sim, mas porquê? Não é provável que Cersei se importe se estou vivo ou morto. Tyrion fez chocalhar as correntes.

— Eu sei quem é, sor. — Não foi difícil deduzi-lo. O urso no seu sobretudo, as armas no escudo, a senhoria perdida que mencionara. — Sei *o que* é. E se sabe quem sou, também sabe que fui Mão do Rei e estive em conselho com a Aranha. Interessaria-lhe saber que foi o eunuco que me enviou nesta viagem? — *Ele e Jaime, mas deixarei o meu irmão fora disto.* — Sou tanto criatura dele como você. Não devíamos estar desavindos.

Aquilo não agradou ao cavaleiro.

— Eu aceitei o dinheiro da Aranha, não o negarei, mas nunca fui criatura sua. E as minhas lealdades residem agora noutro local.

— Em Cersei? Mais tolo ainda. Tudo o que a minha irmã exige é a minha cabeça, e tem uma bela espada afiada. Porque não pôr já fim a esta farsa e poupar-nos a ambos?

O cavaleiro riu-se.

— Isto é algum truque de anão? Suplicar pela morte na esperança de que te deixe viver? — dirigiu-se à porta. — Eu trago-te qualquer coisa das cozinhas.

— Que bondade a sua. Esperarei aqui.

— Eu sei que sim. — Mas quando o cavaleiro saiu, trancou a porta atrás de si com uma pesada chave de ferro. A Casa dos Mercadores era famosa pelas suas fechaduras. *Tão segura como um cárcere*, pensou o anão com amargura, *mas pelo menos há aquelas janelas.*

Tyrion sabia que as possibilidades de escapar às suas correntes eram menos que poucas, mas mesmo assim sentiu-se na obrigação de tentar. Os seus esforços para fazer deslizar uma mão pela grilheta serviram apenas para esfolar mais pele e lhe deixar o pulso escorregadio de sangue, e nem todos os puxões e

torções que fez conseguiram arrancar a argola de ferro da parede. *Merda para isto*, pensou, deixando-se cair para trás, até tão longe quanto as correntes deixaram. Começara a sentir cãibras nas pernas. Aquela ia ser uma noite diabolicamente desconfortável. *A primeira de muitas, sem dúvida.*

O quarto era abafado, por isso o cavaleiro abrira as janelas para deixar entrar alguma brisa. Encaixado num canto do edifício sob os beirais, o aposento tinha a sorte de possuir duas janelas. Uma dava para a Ponte Longa e o coração de muralhas negras da Velha Volantis, do outro lado do rio. A outra abria-se para a praça, lá em baixo. Mormont chamara-lhe Praça dos Peixeiros. Apesar de ter as correntes tão apertadas, Tyrion descobriu que conseguia ver por esta última janela inclinando-se para o lado e deixando que a argola de ferro suportasse o seu peso. *Não é uma queda tão longa como a das celas do céu de Lysa Arryn, mas me deixaria igualmente morto. Talvez se estivesse bêbado...*

Mesmo àquela hora a praça estava cheia de gente, com marinheiros se divertindo, rameiras passeando em busca de fregueses e mercadores a tratar dos seus assuntos. Uma sacerdotisa vermelha atravessou-a apressadamente, acompanhada por uma dúzia de acólitos com archotes cujas vestes lhes rodeavam os tornozelos numa agitação. Noutro ponto, um par de jogadores de *cyvasse* travava uma guerra à porta de uma taberna. Um escravo estava em pé ao lado da sua mesa, segurando uma lanterna por cima do tabuleiro. Tyrion ouviu uma mulher a cantar. As palavras eram estranhas, a melodia suave e triste. *Se eu entendesse o que ela está a cantar talvez chorasse.* Mais perto, uma multidão estava a reunir-se em volta de um par de malabaristas que atiravam archotes ardendo um ao outro.

O seu captor regressou depressa, trazendo duas canecas e um pato assado. Fechou a porta com um pontapé, rasgou o pato em dois e atirou metade da ave a Tyrion. A teria apanhado no ar, mas as correntes prenderam-lhe os *movimentos* quando tentou erguer os braços. Em vez de ser apanhada, a ave atingiu-lhe a testa e escorregou-lhe, quente e gordurenta, pela cara abaixo, e ele teve de se agachar e de se esticar para apanhá-la, fazendo tinir as grilhetas. Apanhou-a à terceira tentativa e mergulhou nela os dentes com alegria.

— Há cerveja para empurrar isto para baixo?

Mormont entregou-lhe uma caneca.

— A maior parte de Volantis está se embebedando, porque não você?

A cerveja também era uma doçura. Sabia a fruta. Tyrion bebeu um saudável trago e soltou um arroto feliz. *Esvazio-a e atiro-a à cabeça*, pensou. *Se*

tiver sorte talvez lhe rache o crânio. Se tiver muita sorte, falho a pontaria e ele espanca-me até à morte com os punhos. Bebeu outro gole.

— Hoje é algum dia santo?

— É o terceiro dia das eleições deles. Duram dez. Dez dias de loucura. Marchas à luz dos archotes, discursos, saltimbancos, menestréis e dançarinos, espadachins travando duelos até à morte pela honra dos seus candidatos, elefantes com os nomes de aspirantes a triarcas pintados nos flancos. Aqueles malabaristas estão a atuar por Methyso.

— Faça-me lembrar para votar noutro qualquer. — Tyrion lambeu gordura dos dedos. Lá em baixo, a multidão atirava moedas aos malabaristas. — Todos estes aspirantes a triarcas oferecem espetáculos de saltimbancos?

— Fazem o que quer que julguem trazer-lhes votos — disse Mormont. — Comida, bebida, espetáculo... Alios mandou uma centena de escravas bonitas para as ruas para se deitarem com votantes.

— Estou por ele — decidiu Tyrion. — Traga-me uma escrava.

— As escravas são para volantenos livres com propriedades suficientes para votar. Há pouquíssimos votantes a oeste do rio.

— E prolonga-se por dez dias? — Tyrion riu-se. — Eu talvez gostasse disso, se bem que três reis sejam dois a mais. Estou tentando imaginar como seria governar os Sete Reinos com a minha querida irmã e o meu valente irmão a meu lado. Um de nós mataria os outros dois em menos de um ano. Surpreende-me que estes triarcas não façam o mesmo.

— Alguns tentaram. Talvez sejam eles os espertos e nós os parvos. Volantis conheceu o seu quinhão de loucuras, mas nunca teve de aguentar um rapaz triarca. Sempre que um louco é eleito, os colegas contêm-no até que o seu ano chega ao fim. Pensa nos mortos que ainda podiam estar vivos se ao menos o Louco Aerys tivesse dois colegas reis para partilhar o governo.

Em vez disso, tinha o meu pai, *pensou Tyrion.*

— Nas Cidades Livres há quem pense que somos todos selvagens do nosso lado do mar estreito — prosseguiu o cavaleiro. — Aqueles que não pensam que somos crianças, chorando pela mão forte de um pai.

— Ou de uma mãe? — *Cersei adorará isso. Especialmente quando ele a presentear com a minha cabeça.* — Parece conhecer bem esta cidade.

— *Passei aqui a maior parte de um ano. — O cavaleiro sacudiu as borras no fundo da caneca. — Quando Ned Stark me levou ao exílio, fugi para Lys com a minha segunda esposa. Braavos teria sido mais conveniente para*

mim, mas Lynesse queria um lugar quente. Em vez de servir os bravosianos, combati-os no Roine, mas por cada moeda de prata que ganhava a minha esposa gastava dez. Quando regressei a Lys, tinha arranjado um amante, que me disse alegremente que seria escravizado por dívidas, a menos que abrisse mão dela e abandonasse a cidade. Foi assim que vim para Volantis... um passo à frente da escravidão, sem possuir nada além da minha espada e da roupa que tinha no corpo.

— *E agora quer fugir para casa.*

O cavaleiro emborcou o resto da cerveja.

— Amanhã arranjarei um navio para nós. A cama é minha. Pode ficar com qualquer bocado de chão a que as correntes te deixem chegar. Dorme se puder. Se não, conta os seus crimes. Isso deve dar-te até de manhã.

Você tem os seus crimes pelos quais responder; Jorah Mormont, pensou o anão, mas parecia mais sensato guardar esse pensamento para si.

Sor Jorah pendurou o cinturão da espada numa coluna da cama, fez voar as botas, puxou a cota de malha pela cabeça e saiu de dentro da lã, do couro e da túnica interior manchada de suor para revelar um torso musculoso e cheio de cicatrizes coberto de pelos escuros. *Se conseguisse esfolá-lo podia vender aquela pelagem fazendo-a passar por um casaco de peles*, pensou Tyrion enquanto Mormont se deixava cair no conforto ligeiramente malcheiroso do seu colchão descaído.

Não demorou tempo algum até o cavaleiro estar ressonando, deixando o prisioneiro sozinho com as suas correntes. Com ambas as janelas escancaradas, a luz da Lua minguante derramava-se pelo quarto. Sons subiam da praça lá em baixo; trechos de canções ébrias, os miados de uma gata no cio, o ressoar distante de aço em aço. *Alguém está prestes a morrer*, pensou Tyrion.

O pulso latejava onde ele rasgara a pele, e as grilhetas tornavam impossível sentar-se, quanto mais deitar-se. O melhor que conseguiu fazer foi torcer-se para o lado para se encostar à parede, e não demorou muito tempo a perder toda a sensibilidade nas mãos. Quando se mexeu para aliviar a tensão, a sensibilidade regressou num jorro de dor. Teve de ranger os dentes para não gritar. Perguntou a si próprio quanto doera ao pai quando o dardo lhe mergulhara nas virilhas, o que Shae sentira quando torcera a corrente em volta da sua garganta mentirosa, o que Tysha sentira enquanto a violavam. O seu sofrimento nada era comparado com os deles, mas isso não fazia com que doesse menos. *Só quero que pare.*

Sor Jorah *rolara* para um lado, de modo que tudo o que Tyrion conseguia ver dele eram umas costas largas, peludas e musculosas. *Mesmo se conseguisse escapar-me a estas correntes, precisava de amarinhar por cima dele para chegar ao cinturão da espada. Talvez se conseguisse libertar o punhal...* Ou então podia tentar chegar à chave, destrancar a porta, esgueirar-se pela escada abaixo e através da sala comum... *e ir para onde? Não tenho amigos, não tenho dinheiro, nem sequer falo a língua local.*

A exaustão finalmente derrotou as dores e Tyrion deixou-se cair num sono irregular. Mas de todas as vezes que mais uma cãibra se enraizava na barriga de uma perna e a torcia, o anão gritava no sono, tremendo nas correntes. Acordou com dores em todos os músculos, e foi encontrar a manhã a jorrar pelas janelas, brilhante e dourada como o leão de Lannister. Vindos lá de baixo, conseguia ouvir os gritos de peixeiros e o trovejar de rodas orladas de ferro no empedrado.

Jorah Mormont estava em pé por cima dele.

— Se te tirar da argola, fazes o que te disser?

— Isso irá incluir dança? Posso achar difícil dançar. Não consigo sentir as pernas. Pode ser que tenham caído. Fora isso, sou sua criatura. Pela minha honra de Lannister.

— Os Lannister não têm honra. — Sor Jorah soltou-lhe as correntes. Tyrion deu dois passos vacilantes e caiu. O sangue que lhe regressava às mãos levou-lhe lágrimas aos olhos. Mordeu o lábio e disse:

— Seja qual for o local para onde vamos, terá de me rolar até lá.

Mas em vez disso, o grande cavaleiro carregou-o, içando-o pelas correntes que lhe prendiam os pulsos.

A sala comum da Casa dos Mercadores era um labirinto mal iluminado de nichos e recantos construído em volta de um pátio central onde uma latada de trepadeiras em flor gerava padrões intrincados no chão de lajes e musgos verdes e purpúreos cresciam entre as pedras. Moças escravas corriam entre a luz e a sombra, transportando jarros de cerveja e vinho e uma bebida verde gelada que cheirava a menta. Uma mesa em vinte estava ocupada àquela hora da manhã.

Uma dessas mesas estava ocupada por um anão. Escanhoado e de bochechas cor-de-rosa, com uma cabeleira castanha clara, uma testa pesada e um nariz metido para dentro, empoleirava-se num banco elevado com uma colher de madeira na mão, contemplando uma tigela de papas de aveia arroxeadas com olhos debruados de vermelho. *Bastardinho feio*, pensou Tyrion.

O outro anão sentiu o seu olhar. Quando ergueu a cabeça e viu Tyrion, a colher escorregou-lhe da mão.

— Ele viu-me — disse Tyrion a Mormont, num aviso.

— E depois?

— Ele *conhece-me.* Sabe quem sou.

— Quer que te enfie num saco para que ninguém te veja? — o cavaleiro tocou o cabo da espada. — Se pretende tentar capturar-te, que tente à vontade.

Que morra à vontade, quer dizer, pensou Tyrion. *Que ameaça pode ele constituir para um grandalhão como você? É só um anão.*

Sor Jorah ocupou uma mesa num canto sossegado e pediu comida e bebida. Quebraram o jejum com pão folha mole e quente, ovas cor-de-rosa, salsichas com mel e gafanhotos fritos, empurrados para baixo com uma cerveja preta agridoce. Tyrion comeu como um homem meio morto de fome.

—Tem um saudável apetite hoje de manhã — observou o cavaleiro.

— Ouvi dizer que a comida no inferno é uma desgraça. — Tyrion deitou um olhar à porta, por onde um homem acabara de entrar. Alto e corcovado, a sua barba pontiaguda estava pintada de um púrpura sujo. *Um mercador tyroshi qualquer.* Uma rajada de som chegou com ele do exterior; os gritos de gaivotas, um riso de mulher, as vozes dos peixeiros. Durante meio segundo, Tyrion pensou ter vislumbrado Illyrio Mopatis, mas era só um dos elefantes anões brancos passando pela porta da frente.

Mormont espalhou um pouco de ovas de peixe numa fatia de pão folha e deu-lhe uma dentada.

— Estás à espera de alguém?

Tyrion encolheu os ombros.

— Nunca se sabe quem o vento pode trazer. O meu verdadeiro amor, o fantasma do meu pai, um pato. — Enfiou um gafanhoto na boca e esmagou-o. — Não é mau. Para bicho.

— Na noite passada só se conversava aqui sobre Westeros. Um senhor exilado qualquer contratou a Companhia Dourada para lhe reconquistar as terras. Metade dos capitães de Volantis estão correndo rio acima para Volon Therys para lhe oferecer os navios.

Tyrion acabara de engolir outro gafanhoto. Quase se engasgou com ele. *Estará a troçar de mim? Quanto poderá ele saber sobre Griffe Aegon?*

— Merda — disse. — Queria contratar a Companhia Dourada para me conquistar o Rochedo Casterly. — *Poderá isto ser algum estratagema de Griff, notícias falsas espalhadas deliberadamente? A menos que...* Poderia o principelho bonito ter engolido a isca? Poderia tê-los virado para oeste e não para leste, abandonando a esperança de casar com a Rainha Daenerys? *Abandonando os dragões... permitiria Griff tal coisa?* — De bom grado lhe contrataria também, sor. O domínio do meu pai é legitimamente meu. Ajuramente-me a sua espada, e quando o reconquistar o afogarei em ouro.

— Eu uma vez vi um homem afogado em ouro. Não foi uma cena bonita. Se alguma vez tiver a minha espada será espetada nas tripas.

— Uma cura segura para a prisão de ventre — disse Tyrion. — Pergunte ao meu pai. — Estendeu a mão para a caneca e bebeu lentamente, para ajudar a ocultar o que quer que pudesse estar deixando transparecer na cara. Tinha de ser um estratagema, destinado a acalmar as suspeitas volantenas. *Pôr os homens a bordo com este falso pretexto e capturar os navios quando a frota estiver no mar. Será esse o plano de Griff?* Poderia resultar. A Companhia Dourada tinha dez mil homens, experientes e disciplinados. *Mas nenhum deles é marinheiro. Griff terá de manter uma espada em cada garganta, e se chegarem à Baía dos Escravos e tiverem de lutar...*

A criada regressou.

— A viúva recebe-o em seguida, nobre sor. Trouxe-lhe um presente?

— Sim. Obrigado. — Sor Jorah enfiou uma moeda na palma da mão da mulher e mandou-a embora.

Tyrion franziu o sobrolho.

— Quem é esta viúva?

— A viúva da borda d'agua. A leste do Roine ainda lhe chamam a rameira de Vogarro, embora nunca o façam na frente dela.

O anão não se sentiu esclarecido.

— E Vogarro era...?

— Um elefante, sete vezes triarca, muito rico, um poder nas docas. Enquanto outros homens construíam os navios e os manobravam, ele construiu cais e armazéns, intermediou cargas, trocou dinheiro, segurou armadores contra os perigos do mar. Também negociava com escravos. Quando se perdeu de amores por uma delas, uma escrava de cama treinada em Yunkai no caminho dos sete suspiros, foi um grande escândalo... e um escândalo maior quando a libertou e a tomou como esposa. Depois de ele morrer, ela continuou os seus negócios.

Nenhum liberto pode viver no interior da Muralha Negra, portanto, foi obrigada a vender a mansão de Vogarro. Estabeleceu residência na Casa dos Mercadores. Isso foi há trinta e dois anos, e permanece aqui até hoje. É ela que está atrás de você, perto do pátio, a conceder audiências na sua mesa habitual. Não, não olhe. Está alguém com ela agora. Quando ele acabar, será a nossa vez.

— E esta velha pega vai ajuda-lo como?

Sor Jorah pôs-se em pé.

— Espera e verá. Ele está indo embora.

Tyrion saltou de cima da cadeira com um retinir de ferro. *Isto deve ser esclarecedor.*

Havia algo de vulpino no modo como a mulher se sentava no seu canto junto ao pátio, algo de reptiliano nos seus olhos. O cabelo branco era tão fino que o rosado do couro cabeludo se via através dele. Sob um olho ainda ostentava ténues cicatrizes no local onde uma faca lhe cortara as lágrimas. Os restos da refeição matinal juncavam a mesa; cabeças de sardinha, caroços de azeitona, bocados de pão folha. Tyrion não deixou de reparar em como a sua "mesa do costume" era bem escolhida; pedra sólida nas costas, um nicho cheio de folhas a um lado para as entradas e saídas, uma perfeita vista da porta dianteira da estalagem, mas tão embebida em sombras que a própria viúva era praticamente invisível.

Vê-lo fez a velha sorrir.

— Um anão — ronronou, numa voz tão sinistra como suave. Falava o idioma comum com não mais que um vestígio de sotaque. — Volantis parece ter sido invadida por anões nos últimos tempos. Este faz truques?

Sim, quis Tyrion dizer. *Dá-me uma besta, e eu mostro-te o meu truque favorito.*

— Não — respondeu Sor Jorah.

—É uma pena. Em tempos tive um macaco que conseguia fazer todos os tipos de truques inteligentes. O seu anão me faz lembrar dele. É um presente?

— Não. Trouxe isto. — Sor Jorah apresentou o par de luvas e baseu com elas na mesa, ao lado dos outros presentes que a viúva recebera naquela manhã; uma taça de prata, um leque ornamentado, esculpido em folhas de jade tão finas que se tornavam translúcidas, e um antigo punhal de bronze marcado com runas. Ao lado de tais tesouros, as luvas pareciam baratas e de mau gosto.

— Luvas para as minhas pobres mãos velhas e enrugadas. Que bom. — A viúva não fez nenhum movimento para lhes tocar.

— Comprei-as na Ponte Longa.

— Um homem consegue comprar quase qualquer coisa na Ponta Longa. Luvas, escravos, macacos. — Os anos tinham-lhe dobrado a espinha e posto uma corcova de bruxa nas costas, mas os olhos da viúva eram brilhantes e negros. — Agora diga a esta velha viúva como é que ela lhe pode ser útil.

— Precisamos de passagem rápida para leste, para Meereen.

Uma palavra. O mundo de Tyrion Lannister virou-se do avesso.

Uma palavra. *Meereen.* Ou teria ouvido mal?

Uma palavra. *Meereen, ele disse Meereen, vai levar-me para Meereen.* Meereen queria dizer vida. Ou esperança de vida, pelo menos.

— Por que vir falar comigo? — disse a viúva. — Não possuo navios.

— Tem muitos capitães como devedores.

Entregar-me à rainha, diz ele. Pois, mas qual rainha? Não está me vendendo a Cersei. Está a oferecer-me a Daenerys Targaryen. Foi por isso que não me cortou a cabeça. Vamos para leste, e Griff e o seu príncipe vão para oeste, os malditos idiotas.

Oh, aquilo tudo era muito. *Planos dentro de planos, mas todas as estradas descem pela goela do dragão.* Uma gargalhada jorrou dos seus lábios, e de súbito Tyrion deixou de conseguir parar de rir.

— O vosso anão está a ter um ataque — observou a rainha.

— O meu anão vai calar-se, senão tratarei de amordaçá-lo.

Tyrion tapou a boca com as mãos. *Meereen!*

A viúva da borda dagua decidiu ignorá-lo.

— Bebemos um pouco? — perguntou. Grãozinhos de poeira flutuaram pelo ar quando uma criada encheu dois copos de vidro verde para Sor Jorah e para a viúva. A garganta de Tyrion estava seca, mas não lhe foi oferecido nenhum copo. A viúva bebeu um gole, fez rolar o vinho na boca, engoliu. — Todos os outros exilados partem para oeste, ou pelo menos foi o que estes velhos ouvidos ouviram dizer. E todos esses capitães devedores estão caindo uns sobre os outros para levá-los para lá e sugar um pouco de ouro dos cofres da Companhia Dourada. Os nossos nobres triarcas prometeram à causa uma dúzia de navios de guerra, para levar a frota em segurança até aos Degraus. Até o velho Doniphos deu o seu assentimento. Que gloriosa aventura. E, no entanto, você quer ir para o outro lado, sor.

— Os meus negócios estão a leste.

— Me pergunto que negócios serão esses. Não são escravos, a rainha prateada pôs fim a isso. Também fechou as arenas de combate, por isso não pode ser gosto por sangue. O que mais poderia Meereen oferecer a um cavaleiro de Westeros? Tijolos? Azeitonas? *Dragões?* Ah, aí está. — O sorriso da velha tornou-se ferino. — Ouvi dizer que a rainha prateada os alimenta com a carne de bebês, enquanto ela se banha no sangue de virgens e escolhe um amante diferente todas as noites.

A boca de Sor Jorah endurecera.

— Os yunkaitas estão a despejar-lhe veneno nos ouvidos. A senhora não devia acreditar em tais imundícies.

— Eu não sou nenhuma senhora, mas até a rameira de Vogarro conhece o sabor da falsidade. Mas isto é verdade: a rainha dos dragões tem inimigos... Yunkai, Nova Ghis, Tolos, Qarth... sim, e Volantis, muito em breve. Quer viajar para Meereen? Espere um pouco, sor. Bem depressa se irão pedir espadas, quando os navios de guerra dobrarem os remos para leste a fim de derrubar a rainha prateada. Os tigres adoram usar as suas garras, e mesmo os elefantes matarão se forem ameaçados. Malaquo anseia por provar a glória, e Nyessos deve muita da sua riqueza ao tráfico de escravos. Se Alios, Parquello ou Belicho conquistarem a triarquia, as frotas zarparão.

Sor Jorah franziu-o cenho.

— Se Doniphos for reeleito...

— Vogarro será reeleito primeiro, e o meu querido senhor está morto há trinta anos.

Atrás deles, um marinheiro qualquer estava a berrar ruidosamente.

— Chamam a isto cerveja? *Foda-se!* Um macaco era capaz de mijar uma cerveja melhor.

— E você a beberia — replicou outra voz.

Tyrion virou-se para olhar, esperando contra a esperança que estivesse a ouvir Pato ou Haldon. Em vez disso, viu dois estranhos... e o anão, que estava em pé a alguns metros de distância, fitando-o intensamente. Parecia de algum modo familiar.

A viúva beberricou delicadamente o vinho.

— Alguns dos primeiros elefantes foram mulheres — disse — aqueles que derrubaram os tigres e puseram fim às velhas guerras. Trianna foi reeleita quatro vezes. Infelizmente isso foi há trezentos anos. Volantis não tem triarcas do sexo feminino desde essa altura, embora algumas mulheres tenham direito de

voto. Mulheres de bom nascimento que habitam em antigos palácios por trás das Muralhas Negras, não criaturas como eu. O Sangue Antigo terá os seus cães e as suas crianças a votar antes de algum liberto faze-lo. Não, será Belicho ou talvez Alios, mas de qualquer maneira haverá guerra. Pelo menos é o que eles julgam.

— O que julga você? — perguntou Sor Jorah.

Muito bem, pensou Tyrion. *É a pergunta certa.*

— Oh, eu também julgo que haverá guerra, mas não da maneira que eles querem. — A velha debruçou-se para frente, com os olhos negros reluzindo. — Julgo que aquele R'hllor vermelho tem mais adoradores nesta cidade do que todos os outros deuses juntos. Ouviu Benerro pregar?

— Ontem à noite.

— Benerro consegue ver o amanhã nas chamas — disse a viúva. — O Triarca Malaquo tentou contratar a Companhia Dourada, sabia? Queria limpar o templo vermelho e passar Benerro pela espada. Não se atreve a usar os mantos de tigre. Metade deles também adoram o Senhor da Luz. Oh, estes são dias terríveis na Velha Volantis, mesmo para velhas viúvas encarquilhadas. Mas não são nem de perto tão terríveis como em Meereen, me parece. Portanto, diga-me, sor... porque vai em busca da rainha prateada?

— Isso é problema meu. Posso pagar pela nossa passagem, e pagar bem. Tenho prata suficiente.

Parvo, pensou Tyrion. O *que ela quer não é dinheiro, é respeito. Não ouviste uma palavra do que disse?* Voltou a dar uma olhada por sobre o ombro. O anão aproximara-se da mesa deles. E parecia ter uma faca na mão. Os pelos na sua nuca começaram a eriçar-se.

— Fique com a sua prata. Eu tenho ouro. E poupe-me aos olhares sombrios, sor. Sou velha demais para me deixar assustar por uma carranca. É um homem duro, bem vejo, e sem dúvida que usa com perícia essa longa espada que tem à cintura, mas estes são os meus domínios. Basta-me dobrar um dedo, e talvez dê por sí a viajar para Meereen acorrentado a um remo no porão de uma galé. — Ergueu o leque de jade e abriu-o. Ouviu-se o restolhar de folhas, e um homem deslizou da arcada coberta de vegetação, pondo-se à esquerda dela. A sua cara era uma massa de cicatrizes, e tinha uma espada na mão, curta e pesada como um cutelo. — Alguém lhe disse: *Procura a viúva da borda d agua*, mas também deviam tê-lo avisado: *Cuidado com os filhos da viúva.* Mas a manhã está tão boa que vou voltar a perguntar. Porque procura Daenerys Targaryen, a qual meio mundo quer ver morta?

A cara de Jorah Mormont estava repleta de ira, mas respondeu.

— Para servi-la. Para defendê-la. Para morrer por ela, se tiver de ser.

Aquilo fez a viúva rir.

— Quer *salvá-la*, é isso? De mais inimigos do que consigo nomear, com espadas sem conta... é *nisso* que quer levar a pobre viúva a crer? Que é um fiel e cavaleiresco cavaleiro de Westeros a atravessar meio mundo para ir em auxílio desta... bem, ela não é donzela alguma, embora ainda possa ser bela. — Voltou a rir-se. — Julga que o seu anão lhe irá agradar? Julga que ela irá querer banhar-se no sangue dele, ou se contentará em lhe cortar a cabeça?

Sor Jorah hesitou.

— O anão é...

— ... Eu sei quem é o anão, e o que ele é. — Os olhos negros da velha viraram-se para Tyrion, duros como pedra. — Assassino de parentes, regicida, homicida, vira-casaca. *Lannister*. — Transformou a última palavra numa praga. — O que planeja *você* oferecer à rainha dos dragões, homenzinho?

O *meu ódio*, quis Tyrion dizer. Mas em vez disso abriu tanto as mãos quanto as grilhetas consentiam.

— Qualquer coisa que ela queira obter de mim. Conselhos sábios, humor selvagem, um pouco de acrobacia. A minha pica, se a quiser. Se não quiser, a minha língua. Liderarei os seus exércitos ou esfregarei os pés, como desejar. E a única recompensa que peço é poder ser autorizado a violar e matar a minha irmã.

Aquilo devolveu o sorriso à cara da velha.

— Este, pelo menos, é honesto — anunciou — mas você, sor... conheci uma dúzia de cavaleiros de Westeros e um milhar de aventureiros da mesma laia, mas nenhum tão puro como você pinta. Os homens são animais, egoístas e brutais. Por suaves que sejam as palavras, há sempre motivos mais tenebrosos por baixo. Não confio em você, sor. — Enxotou-os com o leque, como se não passassem de moscas a zumbir em volta da sua cabeça. — Se quer chegar a Meereen, nade. Não tenho ajuda para lhe dar.

Nesse momento, os sete infernos arrebentaram em simultâneo.

Sor Jorah começou a levantar-se, a viúva fechou o leque num movimento brusco, o seu homem coberto de cicatrizes deslizou para fora das sombras... e atrás deles uma moça gritou. Tyrion girou sobre si mesmo a tempo de ver o anão a precipitar-se para ele. *É uma menina*, percebeu-se de repente, *uma menina vestida com roupa de homem. E quer me espetar com aquela faca.*

Durante meio segundo, Sor Jorah, a viúva e o homem coberto de cicatrizes ficaram imóveis como pedras. Gente ociosa observava de mesas próximas, bebendo cerveja e vinho, mas ninguém fez um movimento para interferir. Tyrion teve de mover ambas as mãos ao mesmo tempo, mas as suas correntes tinham folga apenas suficiente para alcançar o jarro que estava na mesa. Fechou a mão em volta dele, olhou, atirou o conteúdo à cara da anã em arremetida, e depois atirou-se para o lado a fim de evitar a faca dela. O jarro estilhaçou-se por baixo dele quando o chão subiu para atingi-lo na cabeça. Depois, a menina caiu de novo sobre ele. Tyrion rolou para um lado quando ela enterrou a lâmina da faca nas tábuas do soalho, a soltou, voltou a erguê-la...

... E de repente perdeu contato com o chão, com as pernas a sacudirem-se violentamente enquanto lutava contra as mãos de Sor Jorah, que a agarravam.

— Não! — gemeu, no idioma comum de Westeros. — Larga-me! — Tyrion ouviu a túnica da menina a rasgar-se enquanto ela lutava por se libertar.

Mormont pegou-lhe pelo colarinho com uma mão. Com a outra arrancou-lhe o punhal dos dedos.

— Basta.

O dono do estabelecimento fez então a sua aparição, com uma moca na mão. Quando viu o jarro partido, proferiu uma praga cáustica e exigiu saber o que tinha acontecido ali.

— Luta de anões — respondeu o tyroshi da barba púrpura, entre risinhos.

Tyrion olhou, pestanejando, a menina que pingava e se contorcia no ar.

— Porquê? — perguntou. — O que eu lhe fiz?

— Eles mataram-no. — Quando disse aquilo, toda a luta se lhe escoou do corpo. Deixou-se pender sem forças das mãos de Mormont, enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — O meu irmão. Apanharam-no e mataram-no.

— Quem foi que o matou? — perguntou Mormont.

— Marinheiros. Marinheiros vindos dos Sete Reinos. Eram cinco, bêbados. Viram-nos a justar na praça e seguiram-nos. Quando perceberam de que eu era uma menina, deixaram-me ir, mas levaram o meu irmão e mataram-no. *Cortaram-lhe a cabeça.*

Tyrion sentiu um súbito choque de reconhecimento. *Eles viram-nos a justar na praça.* Compreendeu então quem a menina era.

— Montava o porco? — perguntou-lhe. — Ou o cão?

— O cão — soluçou a anã. — Era sempre Oppo a montar o porco.

Os anões do casamento de Joffrey. Foi o espetáculo deles que dera início a todos os problemas naquela noite. *Que estranho voltar a encontrá-los a meio mundo de distância.* Embora talvez não fosse assim tão estranho. *Se tivessem metade dos miolos do porco, teriam fugido de Porto Real na noite em que Joffrey morrera, antes de Cersei poder atribuir-lhes alguma parte da culpa pela morte do filho.*

— Ponha-a no chão, sor — disse a Sor Jorah Mormont. — Ela não nos fará nenhum mal.

Sor Jorah deixou cair a anã ao chão.

— Lamento pelo seu irmão... mas não participamos no seu assassínato.

— Ele participou. — A menina pôs-se de joelhos, apertando a túnica rasgada e ensopada em vinho aos seus pequenos seios pálidos. — Era a ele que queriam encontrar. Julgaram que Oppo era *ele.* — A menina estava agora chorando, suplicando ajuda a qualquer pessoa que lhe quisesse dar ouvidos. — Ele devia morrer, como o meu pobre irmão morreu. Por favor. Alguém que me ajude. Alguém que o mate. — O proprietário agarrou-a rudemente por um braço e a pôs em pé, gritando em volanteno, exigindo saber quem ia pagar por aqueles danos.

A viúva da borda dagua deu a Mormont um olhar frio.

— Dizem que os cavaleiros defendem os fracos e protegem os inocentes. E eu sou a mais bela donzela de toda Volantis. — A gargalhada dela estava cheia de escárnio. — Que nome te dão, pequena?

— Centava.

A velha gritou ao proprietário na língua da Velha Volantis. Tyrion sabia o suficiente para compreender que lhe estava dizendo para levar a anã para os seus aposentos, lhe dar vinho e lhe arranjar alguma roupa para usar.

Quando se foram embora, a viúva estudou Tyrion com os olhos negros a brilhar.

— Os monstros deviam ser maiores, parece-me. Você vale uma senhoria em Westeros, homenzinho. Aqui, temo bem, o seu valor é algo menor. Mas acho que afinal é melhor que lhe ajude. Volantis não é lugar seguro para anões, segundo parece.

— É muito bondosa. — Tyrion dirigiu-lhe o seu sorriso mais simpático. — Talvez tem também a gentileza de me tirar estas encantadoras pulseiras de ferro? Este monstro só tem meio nariz, e ele dá uma comichão

abominável. As correntes são curtas demais para coçá-lo. Posso fazer delas um presente para vós, e de bom grado.

— Que bondade. Mas já usei ferro nos meus tempos, e descobri que agora prefiro ouro e prata. E, entristece-me dizer, isto é Volantis, onde grilhetas e correntes são mais baratas do que pão do dia anterior e é proibido ajudar um escravo a fugir.

— Eu não sou escravo nenhum.

— Todos os homens capturados por escravagistas cantam precisamente essa triste canção. Não me atrevo a ajudar-lo... aqui. — Voltou a inclinar-se para a frente. — Daqui a dois dias, a coca *Selaesori Qhoran* zarpará para Qarth via Nova Ghis, transportando estanho e ferro, fardos de lã e de renda, cinquenta tapetes de Myr, um cadáver em salmoura, vinte jarras de pimentão e um sacerdote vermelho. Esteja lá dentro quando ela zarpar.

— Estaremos — disse Tyrion — e obrigado.

Sor Jorah franziu o sobrolho.

— O nosso destino não é Qarth.

— A coca nunca chegará a Qarth. Benerro viu-o nas suas fogueiras. — A velha fez um sorriso vulpino.

— É como disse. — Tyrion sorriu. — Se eu fosse volanteno, e livre, e tivesse o sangue, teria meu voto para triarca, senhora.

— Não sou senhora nenhuma — respondeu a viúva — só a rameira de Vogarro. Quer estar longe daqui quando os tigres vierem. Se alcançarem a sua rainha, transmita-lhe uma mensagem dos escravos da Velha Volantis. — Tocou a cicatriz desvanecida na sua bochecha enrugada, no local de onde as lágrimas tinham sido cortadas. — Diga-lhe que estamos à espera. Diga-lhe para vir em breve.

JON

Quando ouviu a ordem, a boca de Sor Alliser torceu-se em algo semelhante a um sorriso, mas os olhos permaneceram tão frios e duros como pederneira.

— Então o rapaz bastardo envia-me para a morte.

— *Morte* — gritou o corvo de Mormont. — *Morte, morte, morte.*

Não está ajudando. Jon afastou a ave com uma mão.

— O rapaz bastardo envia-o para uma patrulha. Para encontrar os nossos inimigos e matá-los se for necessário. Tem perícia com uma lâmina. Foi mestre-de-armas aqui e em Atalaialeste.

Thorne tocou o cabo da sua espada.

— Sim. Desperdicei um terço da minha vida tentando ensinar os rudimentos do combate com espadas a rústicos, palermas e patifes. De pouca ajuda isso será para mim naquela floresta.

— Dywen estará com você, bem como outro patrulheiro experiente.

— A gente o ensina o que precisar de saber, sor — disse Dywen a Thorne, casquinando. — Ensina-o a limpar o seu cu bem nascido com folhas, como um patrulheiro deve de ser.

Kedge Olhobranco riu daquilo, e Jack Negro Bulwer cuspiu. Sor Alliser limitou-se a dizer:

— Gostaria que eu recusasse. Depois poderia cortar-me a cabeça, como fez com Slynt. Não lhe darei esse prazer, bastardo. Mas é melhor que reze para que seja uma lâmina selvagem a matar-me. Aqueles que os Outros matam não ficam mortos... e *lembre-se.* Eu volto, Lorde Snow.

— Rezo para que volte. — Jon nunca contaria Sor Alliser Thorne entre os seus amigos, mas não deixava de ser um irmão. *Nunca ninguém disse que se tinha de gostar dos irmãos.*

Não era coisa fácil enviar homens para território selvagem, sabendo que havia boas hipóteses de eles nunca regressarem. *São todos homens experientes*, disse Jon a si próprio... mas o seu tio Benjen e os seus patrulheiros também tinham sido homens experientes e a floresta assombrada engolira-os sem deixar rastro. Quando dois deles finalmente vaguearam de regresso à Muralha, foram como criaturas. Nem pela primeira vez, nem pela última, Jon deu por si a interrogar-se sobre o que tinha acontecido a Benjen Stark. *É possível que os*

patrulheiros deparem com algum sinal deles, disse a si próprio, sem chegar a acreditar realmente nessa possibilidade.

Dywen lideraria uma patrulha, Jack Preto Bulwer e Kedge Olho-branco as outras duas. Estes, pelo menos, estavam ansiosos por esse dever.

— É bom ter outra vez um cavalo por baixo — disse Dywen ao portão, chupando os seus dentes de madeira. — Com o seu perdão, senhor, mas andávamos todos ficando com os cus cheios de lascas de ficarmos sentados por aí. — Nenhum homem em Castelo Negro conhecia a floresta tão bem como ele, as árvores e os ribeiros, as plantas que podiam comer-se, os costumes dos predadores e das presas. *Thorne está em melhores mãos do que merece*.

Jon viu os cavaleiros partir do alto da Muralha; três grupos, de três homens cada, levando cada um um par de corvos. De lá de cima, os garranos não pareciam maiores do que formigas, e Jon não conseguia distinguir os patrulheiros uns dos outros. Mas conhecia-os. Todos os nomes lhe estavam gravados no coração. *Oito bons homens* pensou, *e um... bem, veremos.*

Depois do último dos cavaleiros desaparecer entre as árvores, Jon Snow desceu na gaiola do guincho com Edd Doloroso. Alguns flocos de neve rarefeita estava caindo enquanto eles faziam a sua lenta descida, dançando no vento que soprava com rajadas. Um seguiu a gaiola para baixo, pairando logo para lá das barras. Estava caindo mais depressa do que eles desciam, e de vez em quando desaparecia abaixo deles. Depois uma rajada de vento apanhava-o e voltava a empurrá-lo para cima. Jon podia ter estendido a mão através das barras para apanhá-lo, se tivesse desejado.

— Tive um sonho assustador ontem à noite, senhor — confessou Edd Doloroso. — Você era o meu intendente, ía buscar a minha comida e limpava os meus restos. Eu era senhor comandante, sem um momento de paz.

Jon não sorriu.

— O seu pesadelo, a minha vida.

As galés de Cotter Pyke estavam relatando números cada vez maiores de gente livre ao longo das costas arborizadas a norte e leste da Muralha. Tinham sido vistos acampamentos, jangadas meio construídas, até o casco de uma coca quebrada que alguém começara a reparar. Os selvagens desapareciam na floresta sempre que eram vistos, sem dúvida para voltar a sair logo que os navios de Pyke passassem. Entretanto, Sor Denys Mallister continuava vendo fogueiras à noite a norte da Garganta. Ambos os comandantes pediam mais homens.

E onde vou eu arranjar mais homens? Jon enviara dez dos selvagens de Vila Toupeira a cada um deles; rapazes verdes, velhos, alguns feridos e enfermos, mas todos capazes de executar trabalho de uma forma ou de outra. Longe de ficarem contentes, Pyke e Mallister tinham ambos respondido com queixas. *Quando pedi homens, tinha em mente homens da Patrulha da Noite, treinados e disciplinados, de cuja lealdade não devesse nunca ter motivos para duvidar,* escrevia Sor Denys. Cotter Pyke tinha menos rodeios. *Podia enforcá-los na Muralha como aviso para os outros selvagens se manterem afastados, mas não vejo nenhum outro uso a dar-lhes,* escrevera o Meistre Harmune por ele. *Não confiaria em gente desta para me limpar o penico* e *dez não são suficientes.*

A gaiola de ferro deslocou-se para baixo na ponta da sua longa corrente, gemendo e retinindo, até finalmente parar com um baque trinta centímetros acima do chão na base da Muralha. Edd Doloroso abriu a porta e saltou para baixo, quebrando com as botas a crosta da última neve. Jon seguiu-o.

À porta do armeiro, no pátio, o Emmett de Ferro continuava incentivando os rapazes que tinha a cargo. A canção de aço batendo em aço despertou em Jon uma ânsia. Fez-lhe lembrar dias mais quentes e mais simples, quando foi rapaz em Winterfell e media forças com Robb sob o olhar vigilante de Sor Rodrik Cassei. Também Sor Rodrik caíra, morto por Theon Vira-Casaca e pelos seus homens de ferro quando tentara recuperar Winterfell. O grande forte da Casa Stark era uma desolação chamuscada. *Todas as minhas recordações estão envenenadas.*

Quando o Emmett de Ferro o viu, ergueu uma mão e o combate cessou.

— Senhor Comandante. Como podemos servir-lo?

— Com os seus três melhores.

Emmett sorriu.

— Arron. Emrick. Jace.

Cavalo e Robin Saltitão foram buscar chumaços para o Senhor Comandante, bem como uma camisa de cota de malha para vestir por cima, e grevas, gorjal e meio-elmo. Um escudo negro debruado de ferro para o braço esquerdo, uma espada embotada para a mão direita. A espada reluzia num cinzento prateado à luz da alvorada, quase nova. *Uma das últimas a sair da forja de Donal Uma pena que ele não tivesse vivido o suficiente para lhe pôr um fio.* A lâmina era mais curta do que Garralonga, mas era feita de aço comum, o que a tornava mais pesada. Os seus golpes seriam um pouco mais lentos.

— Servirá. — Jon virou-se para enfrentar os adversários. — Venham.

— Qual de nós quer primeiro? — perguntou Arron.

— Todos. Ao mesmo tempo.

— Três conta um? — Jace estava incrédulo. — Não seria bonito. — Pertencia ao último grupo de Conwy, um filho de sapateiro vindo da Ilha Bela. Isso talvez explicasse aquela ideia.

— É verdade. Vem cá.

Quando o fez, a lâmina de Jon atingiu-o do lado da cabeça, desequilibrando-o. Num piscar de olhos, o rapaz tinha uma bota no peito e a ponta de uma espada na garganta.

— A guerra nunca é bonita ou justa — disse-lhe Jon. — Agora são dois contra um e você está morto.

Quando ouviu gravilha a ser esmagada, soube que os gêmeos estavam arremetendo. *Aqueles dois ainda vão dar patrulheiros.* Girou, parando o golpe de Arron com a borda do escudo e enfrentando o de Emrick com a espada.

— Isso não são lanças — gritou. — Aproximem-se mais. — Passou ao ataque para lhes mostrar como se fazia. Primeiro Emrick. Golpeou-lhe a cabeça e os ombros, à direita, à esquerda e de novo à direita. O rapaz ergueu o escudo e tentou um contragolpe desajeitado. Jon atirou o seu próprio escudo contra o de Emrick e o fez cair com um golpe atirado à perna... e não foi cedo demais, porque Arron estava em cima dele, com um golpe esmagador atirado à parte de trás da sua coxa que o levou a apoiar-se num joelho. *Isto vai deixar uma nódoa negra.* Parou o golpe seguinte com o escudo, após o que se voltou a pôr em pé e empurrou Arron pelo pátio fora. *Ele é rápido*, pensou, enquanto as espadas se beijavam uma e duas e três vezes, *mas precisa se tornar mais forte.* Quando viu alívio nos olhos de Arron, compreendeu que Emrick estava atrás de si. Deu uma volta e atirou-lhe uma espadeirada contra as omoplatas que o fez colidir com o irmão. Nessa altura Jace já se voltara a levantar, portanto Jon voltou a derrubá-lo. — Detesto quando os mortos se levantam. Vais sentir o mesmo no dia em que enfrentar uma criatura. — Recuando, baixou a espada.

— O corvo grande pode dar bicadas nos pequenos — rosnou uma voz atrás dele — mas terá estômago suficiente para combater com um homem?

Camisa de Chocalho estava encostado a uma parede. Uma barba por fazer, irregular, cobria-lhe as bochechas chupadas, e finos cabelos castanhos eram-lhe soprados para frente dos pequenos olhos amarelos.

— Lisonjeie-se — disse Jon.

— Sim, mas a você limpava.

— Stannis queimou o homem errado.

— Não. — O selvagem sorriu-lhe com uma boca cheia de dentes castanhos e quebrados. — Queimou o homem que tinha de queimar para o mundo inteiro ver. Todos fazemos o que temos de fazer, Snow. Até os reis.

— Emmett, arranja-lhe uma armadura. Quero-o vestido de aço, não de ossos velhos.

Depois de vestido de cota de malha e placas de aço, o Senhor dos Ossos pareceu endireitar-se um pouco mais. Também pareceu mais alto, com os ombros mais espessos e poderosos do que Jon teria imaginado. *É a armadura, não o homem,* disse a si próprio. *Até Sam podia parecer quase formidável, vestido da cabeça aos pés com o aço de Donal Noye.* O selvagem recusou com um gesto o escudo que Cavalo lhe ofereceu. Em vez disso pediu uma espada de duas mãos.

— Ora aqui está um belo som — disse, golpeando o ar. — Esvoaça para mais perto, Snow. Quero fazer-lhe voar as penas.

Jon investiu contra ele com dureza.

Camisa de Chocalho deu um passo para trás e enfrentou a arremetida com um golpe a duas mãos. Se Jon não tivesse interposto o escudo, podia ter-lhe amolgado a placa de peito para dentro e partido metade das costelas. A força do golpe o fez cambalear por um momento, fez-lhe percorrer o braço com uma violenta sacudidela. *Ele golpeia com mais força do que eu teria suposto. A* rapidez do adversário era outra surpresa desagradável. Moveram-se aos círculos em volta um do outro, trocando um golpe por outro. O Senhor dos Ossos deu tantos quantos recebeu. A grande espada de duas mãos devia ter sido bastante mais pesada do que a espada longa de Jon, mas o selvagem brandia-a com tanta velocidade que cegava.

Os novatos do Emmett de Ferro aclamaram o seu Senhor Comandante a princípio, mas a implacável velocidade dos ataques de Camisa de Chocalho depressa os reduziu ao silêncio. *Ele não pode continuar com isto por muito tempo*, disse Jon a si próprio quando parou mais um golpe. O impacto o fez soltar um grunhido. Mesmo embotada, a grande espada fez estalar o seu escudo de pinho e dobrou o rebordo de ferro. *Ele se cansará em breve. Tem de se cansar.* Jon atirou uma estocada à cara do selvagem, e Camisa de Chocalho puxou a cabeça para trás. Deitou uma cutelada à barriga da perna de Camisa de Chocalho, só para vê-lo saltar habilmente por cima da lâmina. A grande espada esmagou-se no ombro de Jon, com força suficiente para lhe amolgar a espaldeira e entorpecer o braço, por baixo. Jon recuou. O Senhor dos Ossos veio atrás dele, às

gargalhadas. *Ele não tem escudo*, fez Jon lembrar a si próprio, *e aquela espada monstruosa é pesada demais para paradas. Eu devia estar a dar dois golpes por cada um dos dele.*

Mas, sem que percebesse como, não estava, e os golpes que dava não estavam a fazer efeito. O selvagem parecia estar sempre a afastar-se ou a deslizar para o lado, de modo que a espada de Jon ricocheteava num ombro ou num braço. Não demorou muito tempo a dar por si a ceder mais terreno, tentando evitar os golpes esmagadores do outro e passando metade do tempo falhando. O seu escudo fora reduzido a acendalhas. Sacudiu-o para fora do braço. Tinha suor a escorrer-lhe pela cara e a picar-lhe os olhos por baixo do elmo. *Ele é forte demais e muito rápido*, percebeu-se, *e com aquela grande espada tem vantagem de peso e alcance sobre mim.* Teria sido um combate diferente se estivesse armado com Garralonga, mas...

A sua oportunidade chegou no contragolpe seguinte de Camisa de Chocalho. Jon atirou-se em frente, investindo contra o outro homem, e caíram juntos, com as pernas emaranhadas. Aço estrondeou em aço. Ambos os homens perderam as espadas enquanto rolavam no chão duro. O selvagem enfiou-lhe um joelho entre as pernas. Jon socou-o com um punho revestido de cota de malha. Sem que soubesse como, Camisa de Chocalho acabou por cima, com a cabeça de jon nas mãos. Baseu com ela no chão, depois abriu-lhe a viseira.

— Se eu tivesse um punhal, tinhas um olho a menos por esta altura — rosnou, antes do Cavalo e do Emmett de Ferro o puxarem de cima do peito do Senhor Comandante. — Largem-me, corvos de merda — rugiu.

Jon lutou por se apoiar num joelho. Tinha a cabeça a ressoar e a boca estava cheia de sangue. Cuspiu-o e disse:

— Boa luta.

— Lisonjeias-se, corvo. Nem sequer suei.

— Da próxima vez suará — disse Jon. Edd Doloroso ajudou-o a pôr-se em pé e desprendeu-lhe o elmo. Adquirira várias profundas amolgadelas que não estavam lá quando o envergara. — Liberte-o. — Jon atirou o elmo ao Robin Saltitão, o qual o deixou cair.

— Senhor — disse Emmett de Ferro — ele ameaçou a sua vida, todos o ouvimos. Disse que se tivesse um punhal...

— *Ele tem um punhal. Ali mesmo no cinto.* — Há sempre alguém mais rápido e mais forte, *dissera um dia Sor Rodrik a Jon e a Robb.* Esse é o homem

que quer enfrentar no pátio antes de precisar enfrentar outros semelhantes no campo de batalha.

— Lorde Snow? — disse uma voz suave.

Virou-se para ir dar com Clydas debaixo da arcada quebrada, com um pergaminho na mão.

— De Stannis? — Jon esteve à espera de receber notícias do rei. A Patrulha da Noite não participava, bem o sabia, e não lhe devia importar qual dos reis sairia triunfante. Mas de algum modo importava. — É Bosque Profundo?

— Não, senhor. — Clydas apresentou-lhe o pergaminho. Estava muito bem enrolado e selado, com uma gota de dura cera cor-de-rosa. *Só o Forte do Pavor usa cera rosada para selos.* Jon descalçou a manopla, pegou na carta, quebrou o selo. Quando viu a assinatura, esqueceu o espancamento que sofrera do Camisa de Chocalho.

Ramsay Bolton, Senhor de Boscorno, lia-se nela, numa letra enorme e pontiaguda. A tinta castanha desfez-se em flocos quando Jon a esfregou com o polegar. Por baixo da assinatura de Bolton, Lorde Dustin, a Senhora Cerwyn e quatro Ryswells tinham acrescentado as suas próprias marcas e selos. Uma mão mais tosca desenhara o gigante da Casa Umber.

— Podemos saber o que diz, senhor? — perguntou Emmett de Ferro.

Jon não viu motivo para não lhe dizer.

Fosso Cailin está tomado. Os cadáveres esfolados dos homens de ferro foram pregados a postes ao longo da estrada do rei. Roose Bolton convoca todos os senhores leais a Vila Acidentada, para afirmar a sua lealdade ao Trono de Ferro e celebrar o casamento do filho com... — O coração pareceu parar-lhe por um momento. *Não, isto não é possível. Ela morreu em Porto Real, com o pai.*

— Lorde Snow? — Clydas olhou-o atentamente com os seus turvos olhos rosados. — Está... está se sentindo mal? Parece...

— Ele vai casar com Arya Stark. A minha irmã mais nova. — Jon quase conseguiu ve-la naquele momento, de cara comprida e desajeitada, toda com joelhos nodosos e cotovelos pontiagudos, com a sua cara suja e o cabelo emaranhado. Lavariam aquela e penteariam este, não duvidava, mas não conseguia imaginar Arya num vestido de noiva, nem na cama de Ramsay Bolton. *Por mais assustada que esteja, não o mostrará. Se ele tentar pôr-lhe uma mão em cima. ela lutará.*

— A sua irmã — disse o Emmett de Ferro — que idade tem...

Por esta altura deve ter onze anos, pensou Jon. *Ainda é uma criança.*

— Eu não tenho irmã alguma. Só irmãos. Só tenho a vocês. — A Senhora Catelyn rejubilaria se ouvisse aquelas palavras, bem o sabia. Isso não as tornava mais fáceis de dizer. Os dedos fecharam-se em volta do pergaminho. *Era bom que pudessem esmagar a garganta de Ramsay Bolton com esta facilidade.*

Clydas pigarreou.

— Haverá resposta?

Jon abanou a cabeça e afastou-se.

Ao cair da noite, as nódoas negras que Camisa de Chocalho lhe causara tinham-se tornado roxas.

— Tornarão amarelas antes de se desvanecerem — disse ao corvo de Mormont. — Parecerei tão macilento como o Senhor dos Ossos.

— Ossos — *concordou a ave.* — Ossos, ossos.

— Conseguia ouvir o tênue murmúrio de vozes que vinha lá de fora, embora o som fosse fraco demais para distinguir palavras. *Parecem estar a mil léguas de distância.* Era a Senhora Melisandre e os respetivos seguidores junto da sua fogueira. Todos os dias, ao ocaso, a mulher vermelha liderava os seguidores nas suas preces do pôr-do-sol, pedindo ao seu deus vermelho para acompanhá-los através da escuridão. *Porque a noite é escura e cheia de terrores.* Com Stannis e a maior parte dos homens da rainha longe, o rebanho da mulher estava muito diminuído; meia centena dos membros do povo livre de Vila Toupeira, a mancheia de guardas que o rei deixara com ela, talvez uma dúzia de irmãos negros que tinham adotado o deus vermelho como seu.

Jon sentia-se tão cansado como um homem de sessenta anos. *Sonhos sombrios,* pensou, *e culpa.* Os seus pensamentos não paravam de voltar a Arya. *Não tenho maneira de ajudá-la. Pus de parte toda a família quando proferi as minhas palavras. Se algum dos meus homens me dissesse que a sua irmã estava em perigo, eu lhe diria que isso não era problema seu.* Depois de um homem proferir as palavras, o seu sangue era negro. *Negro como o coração de um bastardo.* Mandara Mikken fazer uma espada para Arya em tempos, uma lâmina de espadachim, feita em ponto pequeno para lhe caber na mão. *Agulha.* Perguntou a si próprio se ela ainda a teria. *Espeta-lhes a ponta aguçada,* dissera-lhe, mas se ela tentasse espetá-la no Bastardo isso poderia custar-lhe a vida.

— *Snow* — resmungou o corvo do Lorde Mormont. — *Snow, snow.*

De súbito, deixou de conseguir aguentar nem mais um momento.

Foi encontrar Fantasma à sua porta, roendo um osso de boi para chegar ao tutano.

— Quando foi que voltou? — o lobo gigante pôs-se em pé, abandonando o osso e seguindo atrás de Jon.

Mully e Barricas estavam em pé, dentro de portas, apoiados às lanças.

— Tá um frio cruel lá fora, senhor — avisou Mully por entre a sua emaranhada barba cor de laranja. — Ficará muito tempo aqui fora?

— Não. Só preciso de respirar um pouco. — Jon saiu para a noite. O céu estava cheio de estrelas, e o vento soprava em rajadas ao longo da Muralha. Até a Lua parecia fria; todo o seu rosto estava em pele de galinha. Foi então que a primeira rajada o apanhou, cortando através das suas camadas de lã e couro para lhe pôr os dentes a bater. Atravessou o pátio a passos largos, penetrando nos dentes desse vento. O manto esvoaçava ruidosamente nos seus ombros. Fantasma vinha atrás dele. *Para onde vou? O que estou eu fazendo?* Castelo Negro estava imóvel e silencioso, com os corredores e as torres escuros. O *meu domínio,* refletiu Jon Snow. O *meu palácio, o meu lar, o meu comando. Uma ruína.*

A sombra da Muralha, o lobo gigante roçou-lhe nos dedos. Durante meio segundo, a noite ganhou vida com um milhar de cheiros, e Jon Snow ouviu o estalar da crosta que se quebrava numa extensão de neve velha. Percebeu-se, de súbito, de que alguém estava atrás de si. Alguém que cheirava quente como um dia de verão.

Quando se virou, viu Ygritte.

Ela estava em pé sob as pedras chamuscadas da Torre do Senhor Comandante, envolta em escuridão e em memória. Tinha o luar no cabelo, no seu cabelo ruivo beijado pelo fogo. Quando o viu, o coração de Jon saltou-lhe para a boca.

— Ygritte — disse.

— Lorde Snow. — A voz era de Melisandre.

A surpresa o fez encolher-se.

— Senhora Melisandre. — Deu um passo para trás. — Confundi-lhe com outra pessoa. — *À noite, todas as vestes são cinzentas.* Mas de súbito a dela era vermelha. Não compreendia como a podia ter confundido com Ygritte. Era mais alta, mais magra, mais velha, embora o luar lhe lavasse anos da cara. Névoa saía-lhe das narinas, e de mãos pálidas expostas à noite. — Vai ficar com os dedos congelados — avisou Jon.

— Se for essa a vontade de R'hllor. Os poderes da noite não podem tocar em alguém cujo coração está banhado no fogo sagrado do deus.

— O seu coração não me preocupa. Só as suas mãos.

— O coração é tudo o que importa. Não se desespere, Lorde Snow. O desespero é uma arma do inimigo, cujo nome não pode ser proferido. A sua irmã não está perdida para você.

— *Não tenho nenhuma irmã. — As palavras eram facas. O* que você sabe do meu coração, sacerdotisa? O que você sabe da minha irmã?

Melisandre pareceu divertida.

— Como se chama, esta irmã mais nova que não tem?

— Arya. — A voz de Jon soou rouca. — Minha meia-irmã, na verdade...

—... Você é de nascimento bastardo. Não me tinha esquecido. Vi a sua irmã nos meus fogos, fugindo deste casamento que lhe arranjaram. Vindo para cá, para junto de você. Uma menina de cinza montada num cavalo moribundo, vi-o tão claramente como se fosse dia. Ainda não aconteceu, mas acontecerá. — Olhou para Fantasma. — Posso tocar no seu lobo?

A ideia deixou Jon inquieto.

— É melhor não.

— Ele não me fará mal. Chama-o de Fantasma, certo?

— Sim, mas...

— *Fantasma.* — Melisandre fez da palavra uma canção.

O lobo gigante avançou para ela. Cauteloso, rodeou-a num círculo, farejando. Quando ela estendeu a mão também a cheirou, após o que lhe encostou o focinho aos dedos.

Jon soltou uma expiração branca.

— Ele não é sempre tão...

— ... Caloroso? O calor chama calor, Jon Snow. — Os olhos dela eram duas estrelas vermelhas, brilhando no escuro. À sua garganta o rubi cintilava, um terceiro olho que brilhava mais vivamente do que os outros. Jon viu os olhos de Fantasma ardendo, vermelhos, como ardiam quando captavam a luz da forma certa.

— *Fantasma* — chamou. — A mim.

O lobo gigante olhou-o como se fosse um estranho.

Jon franziu as sobrancelhas, incrédulo.

— Isto é... estranho.

— Acha que sim? — ela ajoelhou e coçou Fantasma atrás da orelha. — A sua Muralha é um lugar estranho, mas há aqui poder, se quiser usá-lo. Poder em você e neste animal. Você resiste contra ele, e é esse o seu erro. Aceite-o. Use-o.

Eu não sou um lobo, pensou.

— E como faria eu tal coisa?

— Eu posso mostrar-lhe. — Melisandre envolveu Fantasma num braço esguio, e o lobo gigante lambeu-lhe a cara. — O Senhor da Luz, na sua sabedoria, fez-nos macho e fêmea, duas partes de um todo maior. Na nossa junção existe poder. Poder para criar vida. Poder para criar luz. Poder para deitar sombras.

— Sombras. — O mundo pareceu mais escuro quando proferiu a palavra.

— Todos os homens que caminham pela terra deitam uma sombra sobre o mundo. Algumas são esguias e fracas, outras longas e escuras. Devía olhar para trás de você, Lorde Snow. A Lua beijou-lhe e lançou a sua sombra sobre o gelo a uma altura de seis metros.

Jon olhou por sobre o ombro. A sombra estava lá, tal como ela dissera, delineada em luar sobre a Muralha. *Uma menina de cinza num cavalo moribundo*, pensou. *Vindo para cá, para você. Arya.* Voltou a virar-se para a sacerdotisa vermelha. Jon conseguia sentir o calor que ela emanava. *Ela tem poder.* O pensamento chegou sem ser chamado, capturando-o com dentes de ferro, mas aquela não era uma mulher à qual quisesse ficar devedor, nem mesmo pela irmã mais nova.

— Dalla disse-me um dia uma coisa. A irmã de Val, a mulher de Mance Rayder. Disse que a feitiçaria era uma espada sem cabo. Não há maneira segura de lhe pegar.

— Uma sábia mulher. — Melisandre levantou-se, com as vestes vermelhas a agitarem-se ao vento. — Mas uma espada sem cabo continua a ser uma espada, e uma espada é uma bela coisa para se ter quando se está rodeado de inimigos. Escute-me, Jon Snow. Nove corvos voaram para a floresta branca para encontrar os seus inimigos. Três deles estão mortos. Ainda não morreram, mas a morte está lá fora à sua espera, e eles cavalgam ao seu encontro. Você os enviou para serem os seus olhos nas trevas, mas estarão sem olhos quando regressarem para junto de você. Vi as suas caras pálidas e mortas nas minhas chamas. Órbitas vazias, chorando sangue. — Empurrou o cabelo vermelho para trás, e os seus

olhos vermelhos brilharam. — Não acredita em mim. Acreditará. O custo dessa crença será três vidas. Um pequeno preço a pagar pela sabedoria, dirão alguns... mas não um preço que terá de pagar. Lembre-se disso quando contemplar as caras cegas e devastadas dos seus mortos. E quando chegar esse dia, aceite a minha mão. — A névoa erguia-se da sua pele alva, e por um momento pareceu que chamas pálidas e feiticeiras estavam brincando entre os seus dedos. — Aceite a minha mão — voltou ela a dizer — e deixe-me salvar a sua irmã.

DAVOS

Mesmo na escuridão do Covil do Lobo, Davos Seaworth conseguia sentir que havia algo de errado naquela manhã.

Acordou com o som de vozes e rastejou até à porta da cela, mas a madeira era muito grossa e não conseguiu distinguir as palavras. A alvorada chegara, mas não as papas de aveia que Garth lhe trazia todas as manhãs para quebrar o jejum. Isso o deixou ansioso. Todos os dias eram muito iguais dentro do Covil do Lobo, e as mudanças eram normalmente para pior. *Pode ser este o dia em que eu morro. Garth pode estar agora mesmo sentado com uma pedra de amolar, para pôr um fio na Senhora Lu.*

O Cavaleiro da Cebola não esquecera as últimas palavras que Wyman Manderly lhe dissera. *Leve esta criatura para o Covil do Lobo e corte a cabeça e as mãos,* ordenara o gordo senhor. *Não conseguirei comer nem uma dentada até ver a cabeça deste contrabandista num espigão, com uma cebola enfiada entre os seus dentes mentirosos.* Davos adormecia todas as noites com aquelas palavras na cabeça, e acordava todas as manhãs a ouvi-las. E se esquecesse, Garth ficava sempre contente por lhas fazer lembrar. "Morto" era o nome que dava a Davos. Quando aparecia de manhã, era sempre: "Toma, papas para o morto" À noite era: "Apaga a vela, ó morto”.

Uma vez, Garth trouxera as suas senhoras para apresentá-las ao morto.

— A Rameira não tem grande ar — dissera, afagando um bastão de frio ferro negro — mas quando a aquecer até ficar ao rubro e deixar que ela te toque na pica, você há de gritar pela sua mãe. E aqui esta é a minha Senhora Lu. Vai ser ela que te vai cortar a cabeça e as mãos, quando Lorde Wyman enviar a ordem. — Davos nunca vira um machado maior do que a Senhora Lu, nem um machado com um fio mais aguçado. Os outros guardas diziam que Garth passava os dias o afiando. *Não suplicarei por misericórdia,* decidiu Davos. Iria para a morte como um cavaleiro, pedindo apenas que lhe cortassem a cabeça antes das mãos. Esperava que nem mesmo Garth fosse tão cruel que lhe negasse tal coisa.

Os sons que atravessavam a porta eram tênues e abafados. Davos se levantou e percorreu a cela. Enquanto tal, era grande e estranhamente confortável. Davos suspeitava que podia ter sido em tempos o quarto de algum fidalgo. Era três vezes maior do que a sua cabine de capitão na *Betha Negra,* e até era maior do que a cabine de que Salladhor Saan desfrutara na sua *Valiriana.*

Embora a única janela tivesse sido tapada com tijolos anos antes, uma parede ainda ostentava uma lareira suficientemente grande para conter uma panela, e havia uma verdadeira latrina embutida num recanto. O chão era feito de tábuas torcidas cheias de lascas, e a cama em que dormia cheirava a bolor, mas esses desconfortos eram brandos quando comparados com o que Davos esperara.

A comida também fora uma surpresa. Em lugar de papas de aveia diluídas, pão duro e carne podre, a habitual comida de masmorra, os seus guardas traziam-lhe peixe acabado de pescar, pão ainda quente do forno, carneiro temperado, nabos, cenouras, até caranguejos. Garth não ficava nada contente com isso.

— Os mortos não deviam comer melhor que os vivos — protestara, e por mais de uma vez. Davos tinha peles para mantê-lo quente à noite, lenha para alimentar a lareira, roupa limpa, uma gordurosa vela de sebo. Quando pediu papel, penas e tinta, Therry trouxe-os no dia seguinte. Quando pediu um livro, para poder treinar a leitura, Therry apareceu com *A Estrela de Sete Pontas.*

Apesar de todo o seu conforto, porém, a cela não deixava de ser uma cela. As suas paredes eram de pedra sólida, tão grossa que nada conseguia ouvir do mundo exterior. A porta era de carvalho e ferro, e os guardas mantinham-na trancada. Quatro conjuntos de pesados grilhões de ferro pendiam do teto, à espera do dia em que Lorde Manderly decidisse acorrentá-lo e entregá-lo à Rameira. *Hoje pode ser esse dia. Da próxima vez que Garth abrir a minha porta, pode não ser para me trazer papas.*

Tinha a barriga trovejando, um sinal seguro de que a manhã estava passando e continuava a não haver sinal de comida. *A pior parte não é morrer,mas não saber quando ou como.* Davos vira o interior de alguns cárceres e masmorras nos seus dias de contrabando, mas esses tinham sido partilhados com outros prisioneiros, portanto havia sempre alguém com quem falar, com quem partilhar medos e esperanças. Ali não. À parte os guardas, Davos Seaworth tinha o Covil do Lobo para si.

Sabia que havia masmorras verdadeiras nas caves do castelo; *oublitt*es salas de tortura e poços úmidos onde enormes ratazanas negras esgravatavam nas trevas. Os carcereiros afirmavam que estavam todas desocupadas de momento.

— Só aqui estamos nós, Cebolas — dissera-lhe Sor Bartimus. Este era o carcereiro-chefe, um cavaleiro cadavérico e perneta com uma cara coberta de cicatrizes e um olho cego. Quando Sor Bartimus estava com os copos (e Sor Bartimus estava com os copos quase todos os dias), gostava de se gabar de como

salvara a vida do Lorde Wyman na Batalha do Tridente. O Covil do Lobo era a sua recompensa.

O resto de "nós" consistia num cozinheiro que Davos nunca viu, seis guardas na caserna do piso térreo, um par de lavadeiras e os dois carcereiros que vigiavam o prisioneiro. Therry era o mais novo, filho de uma das lavadeiras, um rapaz de catorze anos. O mais velho era Garth, enorme, careca e taciturno, que usava todos os dias o mesmo gorduroso justilho de couro e parecia ter sempre uma carranca na cara.

Os seus anos de contrabandista tinham dado a Davos Seaworth um instinto para quando um homem não era certo, e Garth não era certo. O Cavaleiro das Cebolas tinha o cuidado de ter tento na língua na sua presença. Com Therry e Sor Bartimus era menos reticente. Agradecia-lhes pela comida, encorajava-os a falar das respetivas esperanças e histórias, respondia educadamente às perguntas que lhe faziam, e nunca pressionava muito com suas perguntas. Quando fazia pedidos, eram pedidos pequenos; uma bacia de água e um pouco de sabão, um livro para ler, mais velas. A maioria de tais favores era concedida, e Davos sentia-se devidamente agradecido.

Nenhum dos dois homens queria falar sobre o Lorde Manderly, o Rei Stannis ou os Frey, mas falavam de outras coisas. Therry queria partir para a guerra quando tivesse idade para isso, para combater em batalhas e tornar-se cavaleiro. Gostava também de se queixar da mãe. Ela andava dormindo com dois dos guardas, confidenciara. Os homens estavam em turnos diferentes e nenhum sabia do outro, mas, um dia, um ou outro dos homens iria deduzir o que se passava, e nessa altura haveria sangue. Havia noites em que o rapaz até trazia um odre de vinho para a cela e fazia a Davos perguntas sobre a vida de contrabandista enquanto bebiam.

Sor Bartimus não tinha qualquer interesse no mundo exterior, ou, na verdade, sobre o que quer que tivesse acontecido desde que um cavalo sem cavaleiro e uma serra de meistre lhe tinham levado a perna. Contudo, acabara por se apaixonar pelo Covil do Lobo e não havia nada de que mais gostasse do que de falar sobre a sua longa e sangrenta história. O Covil era muito mais antigo do que Porto Branco, dissera o cavaleiro a Davos. Fora construído pelo Rei Jon Stark para defender a foz da Faca Branca contra atacantes vindos do mar. Muitos filhos mais novos do Rei no Norte tinham tido aí os seus domínios, muitos irmãos, muitos tios, muitos primos. Alguns tinham passado o castelo aos seus próprios filhos e netos, e assim haviam surgido ramos laterais da Casa Stark; os

Greystark tinham sido os que haviam perdurado durante mais tempo, mantendo-se na posse do Covil do Lobo durante cinco séculos, até terem tido a ousadia de se juntar ao Forte do Pavor em rebelião contra os Stark de Winterfell.

Depois da queda dos Greystark, o castelo passara por muitas outras mãos. A Casa Flint defendera-o durante um século, a Casa Locke durante quase dois. Slates, Longs, Holts e Ashwoods tinham ali tido domínio, encarregados por Winterfell de manter o rio seguro. Piratas das Três Irmãs tinham tomado o castelo uma vez, transformando-o na sua testa de ponta no norte. Durante as guerras entre Winterfell e o Vale, fora cercado por Osgood Arryn, o Velho Falcão, e incendiado pelo filho deste, aquele que era lembrado como Garra. Quando o velho Rei Edrick Stark se tornara muito fraco para defender o seu reino, o Covil do Lobo fora capturado por escravagistas oriundos dos Degraus. Marcavam os cativos com ferros quentes e quebravam-nos à chicotada antes de os enviarem para o outro lado do mar, e tinham sido aquelas mesmas paredes negras de pedra a testemunhá-lo.

— Depois caiu um longo e cruel inverno — dissera Sor Bartimus. — O Faca Branca congelou por completo, e até a baía estava coberta de gelo. Os ventos chegaram aos uivos do norte, e empurraram os escravagistas para dentro, aglomerando-os em volta dos seus fogos, e enquanto eles se aqueciam, o novo rei caiu sobre eles. Foi este o *Brandon* Stark, bisneto de Edrick Barba-de-Neve, aquele a quem os homens chamavam Olhos de Gelo. Ele recuperou o Covil do Lobo, despiu os escravagistas, e entregou-os aos escravos que encontrou acorrentados nas masmorras. Diz-se que penduraram as entranhas deles nos ramos da árvore coração, como oferenda aos deuses. Aos deuses *antigos*, não a estes novos vindos do sul. Os seus Sete não conhecem o inverno, e o inverno não conhece a eles.

Davos não podia contestar a verdade daquilo. E, pelo que vira em Atalaialeste-do-Mar, não queria conhecer o inverno.

— A que deuses ora? — perguntara ao cavaleiro perneta.

— Aos antigos. — Quando Sor Bartimus sorria era tal e qual um crânio. — Eu e os meus estávamos aqui antes dos Manderly. O mais provável é que tenham sido os meus antepassados a enrolarem essas entranhas na árvore.

— Nunca tinha ouvido dizer que os nortenhos faziam sacrifícios de sangue às suas árvores coração.

— Há muitas coisas que vocês, os do Sul, não sabem sobre o Norte — respondera Sor Bartimus.

Não se enganava. Davos sentou-se ao lado da vela e olhou para as cartas que arranhara, palavra por palavra, durante os dias do seu confinamento. *Fui melhor contrabandista do que cavaleiro*, escrevera à esposa, *melhor cavaleiro do que Mão do Rei, melhor Mão do Rei do que marido. Tenho tanta pena. Marya, eu te amei. Por favor, perdoa as desfeitas que lhe fiz. Se Stannis perder a sua guerra, as nossas terras também estarão perdidas. Leva os rapazes para Bravos, do outro lado do mar estreito; e ensina-lhes a pensar em mim com gentileza, se quiser. Se Stannis conquistar o Trono de Ferro, a Casa Seaworth sobreviverá e Devan permanecerá na corte. Ele lhe ajudará a colocar os outros rapazes junto de nobres senhores, onde possam servir como pajens e escudeiros e conquistar os seus graus de cavaleiros.* Era o melhor conselho que tinha para lhe dar, embora desejasse que ele soasse mais sábio.

Escrevera também a cada um dos seus três filhos sobreviventes, para ajudá-los a se lembrar do pai que lhes comprara nomes com as pontas dos dedos. As notas para Steffon e para o jovem Stannis eram curtas, rígidas e desajeitadas; em boa verdade, não os conhecia nem de perto tão bem como conhecera os rapazes mais velhos, os que tinham ardido ou tinham se afogado na Água Negra. A Devan escrevera mais, dizendo-lhe como se sentia orgulhoso de ver o filho como escudeiro de um rei e fazendo-lhe lembrar de que, na condição de filho mais velho, era seu dever proteger a senhora sua mãe e os irmãos mais novos. *Diz a Sua Graça que fiz o melhor que pude*, terminava. *Lamento por ter lhe falhado. Perdi a sorte quando perdi os ossos dos dedos, no dia em que o rio ardeu á sombra de Porto Real.*

Davos folheou lentamente as cartas, lendo cada uma até ao fim por várias vezes, perguntando a si próprio se devia alterar uma palavra aqui ou acrescentar uma ali. Pensou que um homem devia ter mais a dizer quando fitava o fim da sua vida, mas as palavras custavam a chegar. *Não me saí assim tão mal,* tentou dizer a si próprio. *Subi do Fundo das Pulgas a Mão de um Rei e aprendi a ler e a escrever.*

Ainda estava debruçado sobre as cartas quando ouviu o som de chaves de ferro a retinir num aro. Meio segundo mais tarde, a porta da sua cela abriu-se.

O homem que entrou não era um dos seus carcereiros. Era alto e macilento, com uma cara profundamente enrugada e uma juba castanha acinzentada. Uma espada longa pendia-lhe da cintura, e o seu manto tingido de escarlate estava preso ao ombro com um pesado broche de prata com a forma de um punho revestido de cota de malha.

— Lorde Seaworth — disse — não temos muito tempo. Por favor, venha comigo.

Davos olhou o desconhecido com prudência. O "por favor" confundia-o. Tais cortesias não eram concedidas com frequência a homens prestes a perder a cabeça e as mãos.

— Quem é você?

— Robett Glover, se agradar ao senhor.

— Glover. O seu domínio era Bosque Profundo.

— O domínio do meu irmão Galbart. Era e é, graças ao seu Rei Stannis. Ele recuperou Bosque Profundo das mãos da cadela de ferro que o roubou, e se oferece para devolver o castelo aos seus legítimos donos. Aconteceram muitíssimas coisas enquanto esteve confinado no interior destas muralhas, Lorde Davos. Fosso Cailin caiu, e Roose Bolton regressou ao Norte com a filha mais nova de Ned Stark. Uma hoste de Freys veio com ele. Bolton enviou corvos, convocando todos os senhores do Norte a Vila Acidentada. Exige obediência e reféns... e testemunhas para o casamento de Arya Stark com o seu bastardo Ramsay Snow, através de cuja união os Bolton pretendem avançar com uma pretensão a Winterfell. E agora vem comigo ou não?

— Que alternativa tenho, senhor? Ir com você ou permanecer com Garth e a Senhora Lu?

— Quem é a Senhora Lu? Uma das lavadeiras? — Glover estava ficando impaciente. — Tudo será explicado se vier.

Davos pôs-se em pé.

— Se eu morrer, peço-lhe que estas cartas sejam entregues.

— Tem a minha palavra quanto a isso... se bem que se morrer não será às mãos dos Glover, nem às do Lorde Wyman. Agora depressa, comigo.

Glover levou-o ao longo de um corredor obscurecido e por um lance de degraus gastos. Atravessaram o bosque sagrado do castelo, onde a árvore coração se tornara tão gigantesca e emaranhada que sufocara todos os carvalhos, ulmeiros e bétulas, e colidira com os ramos nas paredes e janelas que davam para ela. As suas raízes tinham o diâmetro da cintura de um homem, e o tronco era tão largo que a cara nele esculpida parecia gorda e zangada. Atrás do represeiro, Glover abriu um portão de ferro enferrujado e parou para acender um archote. Quando este começou a arder rubro e quente, levou Davos por mais escadas abaixo até uma cave abobadada onde as paredes repletas de umidade estavam brancas de sal, e a água do mar chapinhava em volta dos seus pés a cada passo. Passaram

por várias caves e por fileiras de celas úmidas, pequenas e malcheirosas, muito diferentes da sala onde Davos foi confinado. Depois apareceu uma parede lisa de pedra que se virou quando Glover a empurrou. Atrás dela ficava um longo túnel estreito e ainda mais degraus. Estes subiam.

— Onde estamos? — perguntou Davos enquanto subiam. As suas palavras ecoaram levemente nas trevas.

— Nos degraus por baixo dos degraus. Esta passagem fica por baixo da Escada do Castelo, que leva ao Castelo Novo. Um caminho secreto. Não seria bom que fosse visto, senhor. Supostamente está morto.

Papas para o morto. Davos continuou a subir.

Saíram por outra parede, mas a parte de trás desta era de estuque e ripas. A sala do outro lado era aconchegada e estava quente e mobilada com conforto, com um tapete de Myr no chão e velas de cera de abelha ardendo numa mesa. Davos ouviu flautas e rabecas serem tocadas, não muito longe. Da parede pendia uma pele de ovelha com um mapa do Norte nela pintado em cores desbotadas. Sob o mapa estava sentado Wyman Manderly, o colossal Senhor de Porto Branco.

— Sente-se, por favor. — Lorde Manderly estava ricamente trajado. O seu gibão de veludo era de um suave verde-azulado, bordado em fio de ouro na bainha, nas mangas e no colarinho. O manto era de arminho, preso ao ombro com um tridente dourado. — Tem fome?

— Não, senhor. Os seus carcereiros alimentaram-me bem.

— Há vinho se tiver sede.

— Eu negociarei com você senhor. O meu rei ordenou-me. Não tenho de beber contigo.

Lorde Wyman suspirou.

Tratei-lhe de forma muito vergonhosa, bem sei. Tive os meus motivos, mas... por favor, sente-se e beba, suplico-lhe. Beba ao regresso do meu rapaz em segurança. Wyllis, o meu filho mais velho e herdeiro. Está em casa. Aquilo que ouve é o banquete de boas-vindas. Na Corte do Tritão come-se torta de lampreia e veado com castanhas assadas. Wynafryd está dançando com o Frey com quem vai casar. Os outros Frey estão erguendo taças de vinho para brindar à nossa amizade.

Sob a música, Davos conseguia ouvir o murmúrio de muitas vozes, o retinir de copos e bandejas. Nada disse.

— Acabei de vir da mesa elevada — prosseguiu o Lorde Wyman. — Comi muito, como sempre, e todo o Porto Branco sabe que tenho más tripas. Os meus amigos Frey não estranharão uma demorada visita à latrina, esperamos. — Emborcou a taça. — Pronto, você beberá e eu não. Sente-se. O tempo é curto e há muito para dizer. Robett, vinho para a Mão, se tiver a bondade. Lorde Davos, você não sabe, mas está morto.

Robett Glover encheu uma taça de vinho e a ofereceu a Davos. Este a aceitou, a cheirou, e bebeu.

— Como foi que morri, se posso perguntar?

— Pelo machado. A sua cabeça e as mãos foram montadas acima do Portão das Focas, com a cara virada de maneira que os olhos fitassem o porto. Por esta altura está bem podre, embora tenhamos mergulhado a cabeça em alcatrão antes de monta-la no espigão. Diz-se que gralhas pretas e aves aquáticas lutaram pelos seus olhos.

Davos mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Estar morto dava-lhe uma sensação estranha.

— Se o senhor puder dizer, quem morreu no meu lugar?

— E isso importa? Tem uma cara comum, Lorde Davos. Espero que dizer-lhe isto não o ofenda. O homem tinha as suas cores, um nariz com a mesma forma, duas orelhas que não eram muito diferentes, uma longa barba que podia ser aparada e esculpida como a suaa. Pode ter certeza de que o enchemos bem de alcatrão, e a cebola enfiada entre os seus dentes serviu para retorcer as feições. Sor Bartimus assegurou-se de que os dedos da sua mão esquerda fossem encurtados, tal como os seus. O homem era um criminoso, se isso lhe serve de consolação. A sua morte pode causar mais bem do que qualquer coisa que ele tenha feito enquanto esteve vivo. Senhor, não lhe tenho má vontade. O rancor que lhe mostrei na Corte do Tritão foi uma representação para agradar aos nossos amigos Frey.

— O senhor devia lançar-se numa vida de saltimbanco — disse Davos. — Você e os seuss foram muito convincentes. A sua nora parecia querer-me muito seriamente morto, e a menininha...

— Wylla. — O Lorde Wyman sorriu. — Viu como ela foi valente? Mesmo quando ameacei cortar-lhe a língua, fez-me lembrar da dívida que Porto Branco tem para com os Stark de Winterfell, uma dívida que nunca poderá ser paga. Wylla falou com o coração, tal como a Senhora Leona. Perdoa-lhe se puder, senhor. É uma mulher tola e assustada, e Wylis é a sua vida. Nem todos os

homens têm em si o que é preciso para serem o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, ou Symeon Olhos de Estrela, e nem todas as mulheres podem ser tão corajosas como a minha Wylla e a irmã Wynafryd... a qual *sabia,* mas desempenhou o seu papel destemidamente.Quando lida com mentirosos, até um homem honesto tem de mentir. Não me atrevi a desafiar Porto Real enquanto o meu único filho sobrevivente continuasse cativo. Lorde Tywin Lannister escreveu-me pessoalmente para dizer que tinha Wylis em seu poder. Se eu quisesse que ele fosse libertado incolume, disse-me, tinha de me arrepender da minha traição, render a cidade, declarar lealdade ao rei rapaz no Trono de Ferro... e dobrar o joelho a Roose Bolton, o seu Protetor do Norte. Se recusasse, Wyllis morreria uma morte de traidor, Porto Branco seria assaltado e saqueado, e a minha gente sofreria o mesmo destino dos Reyne de Castamere. Eu sou gordo, e muitos julgam que isso me torna fraco e tolo. Talvez Tywin Lannister fosse um desses homens. Enviei-lhe em resposta um corvo para dizer que dobraria o joelho e abriria os portões depois de o meu filho me ser devolvido, mas não antes. O assunto estava nesse pé quando Tywin morreu. Depois, os Frey apareceram com os ossos de Wendel... para fazer a paz e selá-la com um pacto de casamento, segundo afirmaram, mas eu não lhes ia dar o que queriam até ter Wylis, em segurança e inteiro, e eles não me iam dar Wylis até que eu provasse a minha lealdade. A vossa chegada deu-me os meios para o fazer. Foi esse o motivo da descortesia que mostrei a você na Corte do Tritão, e da cabeça e mãos a apodrecer por cima do Portão das Focas.

— Correu um grande risco, senhor — disse Davos. — Se os Frey tivessem compreendido o seu logro...

— Não corri risco algum. Se algum Frey tivesse decidido escalar o meu portão para examinar de perto o homem com a cebola na boca, eu teria culpado os carcereiros pelo erro e o apresentaria para os apaziguar.

Davos sentiu um arrepio subir-lhe a espinha.

— Estou vendo.

— Espero que sim. Disse que tínha filhos seus.

Três, pensou Davos, *embora tenha gerado sete.*

— Em breve terei de regressar ao banquete para fazer um brinde aos meus amigos Frey — prosseguiu Manderly. — Eles vigiam-me, sor. Têm os olhos postos em mim de dia e de noite, com os narizes farejando alguma baforada de traição. Você viu-os, o arrogante Sor Jared e o irmão Rhaegar, aquele verme afetado que usa um nome de dragão. Atrás de ambos está Symond, fazendo tinir

moedas. Esse comprou e pagou vários dos meus criados e dois dos meus cavaleiros. Uma das aias da mulher conseguiu enfiar-se na cama do meu bobo. Se Stannis se interroga sobre o motivo por que as minhas cartas dizem tão pouco, é porque nem sequer me atrevo a confiar no meu meistre. Theomore é todo cabeça e nada de coração. Ouviu-o no meu salão. Os meistres devem pôr de lado as antigas lealdades quando envergam as suas correntes, mas não me consigo esquecer de que Theomore nasceu entre os Lannister de Lanisporto, e tem um distante parentesco com os Lannister do Rochedo Casterly. Tenho inimigos e falsos amigos a toda a volta, Lorde Davos. Infestam a minha cidade como baratas, e à noite sinto-os a rastejar por cima de mim. — Os dedos do gordo enrolaram-se num punho, e todos os seus queixos tremeram. — O meu filho Wendel entrou nas Gêmeas como hóspede. Comeu do pão e do sal do Lorde Walder, e pendurou a espada na parede para festejar com amigos. E assassinaram-no. Assassinaram-no, digo eu, e que os Frey sufoquem nas suas fábulas. Eu bebo com Jared, gracejo com Symond, prometo a Rhaegar a mão da minha querida neta... mas nunca julgue que isso quer dizer que me esqueci. O Norte lembra-se, Lorde Davos. O Norte lembra-se, e a farsa está quase no fim. O meu filho está em casa.

Algo no modo como o Lorde Wyman disse aquilo congelou Davos até aos ossos.

— Se é justiça que quer, senhor, vire os olhos para o Rei Stannis. Não há homem mais justo.

Robett Glover interveio para acrescentar:

— A sua lealdade honra-o, senhor, mas Stannis Baratheon continua a ser o seu rei, não o nosso.

— O seu rei está morto — fez-lhes lembrar Davos — assassinado no Casamento Vermelho ao lado do filho do Lorde Wyman.

— O Jovem Lobo está morto — concedeu Manderly — mas esse valente rapaz não era o único filho do Lorde Eddard. Robett, traga o moço.

— Imediatamente, senhor. — Glover deslizou porta fora.

O moço? Seria possível que um dos irmãos de Robb Stark tivesse sobrevivido à ruína de Winterfell? Teria Manderly um herdeiro Stark escondido no seu castelo? *Um moço encontrado ou um moço fingido?* Suspeitava que o Norte se levantaria por qualquer um... mas Stannis Baratheon nunca faria causa comum com um impostor.

O moço que entrou atrás de Robett Glover não era um Stark e nunca poderia ter esperança de passar por um Stark. Era mais velho do que os irmãos assassinados do Jovem Lobo, pelo aspecto teria uns catorze ou quinze anos, e os seus olhos eram ainda mais velhos. Sob um emaranhado de cabelo castanho escuro, a sua cara era quase ferina, com uma boca larga, um nariz aguçado e um queixo pontiagudo.

— Quem é você? — perguntou Davos.

O rapaz olhou para Robett Glover.

— Ele é um mudo, mas temos andado ensinando-lhe as letras. Aprende depressa. — Glover tirou um punhal do cinto e deu-o ao rapaz. — Escreve o seu nome para o Lorde Seaworth.

Não havia pergaminho no aposento. O rapaz entalhou as letras numa trave de madeira na parede. W... *E*... *X*. Empurrou a faca com força no *X*. Quando acabou, atirou o punhal ao ar, apanhou-o, e pôs-se a admirar a sua obra.

— Wex é nascido no ferro. Era escudeiro de Theon Greyjoy. Wex esteve em Winterfell. — Glover sentou-se. — O que sabe o Lorde Stannis sobre o que sucedeu em Winterfell?

Davos tentou lembrar-se das histórias que tinham ouvido.

— Winterfell foi capturado por Theon Greyjoy, que tinha sido protegido do Lorde Stark. Ele mandou matar os dois filhos mais novos do Stark e montou as suas cabeças por cima das muralhas do castelo. Quando os nortenhos vieram escorraçá-lo, passou o castelo inteiro pela espada, até à última criança, antes de ser morto pelo bastardo do Lorde Bolton.

— Morto, não — disse Glover. — Capturado e levado para o Forte do Pavor. O Bastardo tem andado a esfolá-lo.

O Lorde Wyman confirmou com a cabeça.

— A história que contou é aquela que todos ouvimos, tão cheia de mentiras como um bolo está cheio de passas. Foi o Bastardo de Bolton quem passou Winterfell pela espada... Ramsay Snow, como se chamava nessa altura, antes de o rei rapaz fazer dele um Bolton. Snow não os matou a todos. Poupou as mulheres, prendeu-as umas às outras com cordas, e fê-las marchar até ao Forte do Pavor por esporte.

— Por esporte?

— Ele é um grande caçador — disse Wyman Manderly — e as mulheres são as suas presas preferidas. Despe-as por completo e solta-as na floresta. Tem um avanço de meio dia antes dele partir atrás delas com cães de caça. De

vez em quando, uma mulher qualquer escapa e sobrevive para contar a história. A maioria tem menos sorte. Quando Ramsay as apanha, viola-as, esfola-as, dá os seus cadáveres de comer aos cães e traz as peles para o Forte do Pavor como troféus. Se lhe deram boa luta, corta-ihes as gargantas antes de esfolá-las. Se não, é ao contrário.

Davos empalideceu.

— Pela bondade dos deuses. Como pode algum homem...

— A maldade está-lhe no sangue — disse Robett Glover. — É um bastardo nascido de uma violação. Um *Snow*, diga o rei rapaz o que disser.

— Nome de neve. Terá alguma vez havido neve tão negra? — perguntou o Lorde Wyman. — Ramsay capturou as terras do Lorde Hornwood casando-se à força com a viúva dele, e depois trancou-a numa torre e esqueceu-a. Diz-se que ela comeu os próprios dedos no seu desespero... e a noção de justiça régia dos Lannister é recompensar o seu assassino com a filha de Ned Stark.

— Os Bolton sempre foram tão cruéis como astuciosos, mas este parece uma besta em pele humana — disse Glover.

O Senhor de Porto Branco inclinou-se para frente.

— Os Frey não são melhores. Falam de *wargs* e troca-peles e asseguram que foi Robb Stark quem matou o meu Wendel. A arrogância! Não esperam que o Norte acredite mesmo nas suas mentiras, mas acham que temos de fingir acreditar, caso contrário morreremos. Roose Bolton mente sobre o papel que desempenhou no Casamento Vermelho, e o seu bastardo mente sobre a queda de Winterfell. E, no entanto, enquanto tiveram Wylis em sua posse não tive alternativa a comer todo este excremento e a elogiar o sabor.

— E agora, senhor? — perguntou Davos.

Teve a esperança de ouvir o Lorde Wyman dizer: E agora declararei o meu apoio ao Rei Stannis, mas em vez disso o gordo fez um estranho sorriso bruxuleante e disse:

— E agora tenho de ir a um casamento. Sou gordo demais para montar a cavalo, como qualquer homem com olhos pode ver claramente. Em rapaz, adorava cavalgar, e em jovem dominava uma montaria suficientemente bem para conquistar alguns elogios nas liças, mas esses dias chegaram ao fim. O meu corpo transformou-se numa prisão mais terrível do que o Covil do Lobo. Mesmo assim, tenho de ir a Winterfell. Roose Bolton quer-me de joelhos, e por baixo da cortesia de veludo mostra-me a malha de ferro. Irei de barcaça e de liteira, acompanhado por uma centena de cavaleiros e pelos meus bons amigos das

Gêmeas. Os Frey chegaram aqui por mar. Não têm cavalos consigo, pelo que presentearei cada um deles com um palafrém como presente de hospedagem. Os anfitriões ainda dão presentes de hospedagem no Sul?

— Alguns dão senhor. No dia em que o seu hóspede parte.

— Então talvez compreenda. — Wyman Manderly pôs-se pesadamente em pé. — Tenho andado há mais de um ano construindo navios de guerra. Você viu alguns, mas há muitos mais escondidos a montante da Água Branca. Mesmo com as perdas que sofri, ainda comando mais cavalaria pesada do que qualquer outro senhor a norte do Gargalo. As minhas muralhas são fortes e os meus cofres estão cheios de prata. Castelovelho e Atalaia da Viúva farão o que eu fizer. Os meus vassalos incluem uma dúzia de pequenos senhores e uma centena de cavaleiros com terras. Posso entregar ao Rei Stannis a lealdade de todas as terras a leste da Faca Branca, de Atalaia da Viúva e Aríete ao Cabeço de Ovelha e às nascentes do Ramo Quebrado. Prometo fazer tudo isto se você aceitar o meu preço.

— Posso levar as suas condições ao rei, mas...

O Lorde Wyman interrompeu-o.

— Se *você* aceitar o meu preço, disse eu. Não Stannis. Não é de um rei que preciso, mas de um contrabandista.

Robett Glover prosseguiu o relato.

— Podemos nunca chegar saber tudo o que aconteceu em Winterfell, quando Sor Rodrik Cassel tentou recuperar o castelo das mãos dos homens de ferro de Theon Greyjoy. O Bastardo de Bolton afirma que Greyjoy assassinou Sor Rodrik durante uma negociação. Wex diz que não. Até que ele aprenda mais letras nunca saberemos metade da verdade... mas ele chegou junto de nós conhecendo o *sim* e o *não*, e com isso pode chegar-se muito longe se se encontrar as perguntas certas.

— Foi o Bastardo quem assassinou Sor Rodrik e os homens de Winterfell — disse o Lorde Wyman. — Também matou os homens de ferro de Greyjoy. Wex viu homens ser abatidos quando tentavam render-se. Quando perguntamos como escapou, pegou num bocado de giz e desenhou uma árvore com uma cara.

Davos refletiu sobre aquilo.

— Os deuses antigos salvaram-no?

— De certo modo. Subiu à árvore coração, e escondeu-se entre as folhas. Os homens de Bolton fizeram duas buscas ao bosque sagrado e mataram

os homens que lá encontraram, mas nenhum pensou em subir às árvores. Foi isso que aconteceu, Wex?

O rapaz atirou ao ar o punhal de Glover, apanhou-o, anuiu.

Glover disse:

— Ele ficou em cima da árvore durante muito tempo. Dormiu entre os ramos, sem se atrever a descer. Por fim, ouviu vozes por baixo de si.

— As vozes dos mortos — disse Wyman Manderly

Wex ergueu cinco dedos, baseu em cada um deles com o punhal, depois dobrou quatro e voltou a bater no último.

— Seis — disse Davos. — Eram seis.

— Dois dos quais, os filhos assassinados de Ned Stark.

— Como pôde um mudo dizer-lhe isso?

— Com giz. Desenhou dois rapazes... e dois lobos.

— O rapaz é nascido no ferro, portanto achou melhor não se mostrar — disse Glover. — Escutou. Os seis não se demoraram muito tempo nas ruínas de Winterfell. Quatro foram para um lado, dois para outro. Wex esgueirou-se atrás dos dois, uma mulher e um rapaz. Deve ter ficado contra o vento, porque o lobo não sentiu o seu cheiro.

— Sabe para onde foram — disse o Lorde Wyman.

Davos compreendeu.

— Quer o rapaz.

— Roose Bolton tem a filha do Lorde Eddard. Para contrariá-lo, Porto Branco tem de ter o filho de Ned... e o lobo gigante. O lobo provará que o rapaz é quem nós dizemos que é, para o caso do Forte do Pavor tentar negá-lo. Esse é o meu preço, Lorde Davos. Contrabandeie de volta o meu suserano, e eu aceitarei Stannis Baratheon como rei.

Um velho instinto fez Davos Seaworth levar a mão à garganta. Os ossos dos seus dedos tinham sido a sua sorte, e de algum modo sentia que teria necessidade de sorte para fazer aquilo que Wyman Manderly estava a pedir-lhe. Mas os ossos tinham desaparecido, então disse:

— Tem ao seu serviço homens melhores do que eu. Cavaleiros, senhores e meistres. Para que precisa de um contrabandista? Tem navios.

— Tenho navios — concordou Lorde Wyman — mas as minhas tripulações são compostas por homens do rio, ou por pescadores que nunca navegaram para lá da Dentada. Para isto tenho de ter um homem que tenha

navegado em águas mais tenebrosas e saiba como passar por perigos sem ser visto e sem ser molestado.

— Onde está o rapaz? — sem que soubesse como, Davos sabia que não gostaria da resposta. — Para onde quer que eu vá, senhor?

Robett Glover disse:

— Wex. Mostra-lhe.

— O mudo atirou o punhal ao ar, apanhou-o, depois atirou-o a rodopiar contra o mapa de pele de ovelha que adornava a parede do Lorde Wyman. O punhal espetou-se, tremendo. Depois, o rapaz sorriu.

Durante meio segundo, Davos pensou em pedir a Wyman Manderly para mandá-lo de volta para o Covil do Lobo, para Sor Bartimus com as suas histórias e para Garth com as suas letais senhoras. No Covil até os prisioneiros comiam papas de aveia de manhã. Mas havia outros lugares neste mundo onde os homens eram conhecidos por quebrar o jejum com carne humana.

DAENERYS

Todas as manhãs, do seu terraço ocidental, a rainha contava as velas na Baía dos Escravos.

Naquela contou vinte e cinco, embora algumas estivessem distantes e em movimento, pelo que era difícil ter a certeza. Ocasionalmente falhava uma ou contava uma duas vezes. *Que importa? Um estrangulador só precisa de dez dedos.* Todo o comércio parou, e os seus pescadores não se atreviam a sair para a baía. Os mais ousados ainda lançavam algumas linhas no rio, embora mesmo isso fosse perigoso; mais eram os que permaneciam amarrados sob as muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen.

Havia também navios de Meereen na baía, navios de guerra e galés comerciais cujos capitães os tinham levado para o mar quando a hoste de Dany pôs a cidade sob cerco, regressados agora para aumentar as frotas de Qarth, Tolos e Nova Ghis.

Os conselhos do seu almirante tinham-se demonstrado menos que inúteis.

— Deixe que vejam os seus dragões — disse Groleo. — Deixe que os yunkaitas provem um pouco de fogo, que o comércio voltará a fluir.

— Aqueles navios estão nos estrangulando, e tudo o que o meu almirante consegue fazer é falar de dragões — disse Dany. — Você é o meu almirante, não é?

— Um almirante sem navios.

— Construa *navios.*

— Navios de guerra não podem ser feitos de tijolo. Os escravagistas queimaram todas as explorações de madeira vinte léguas em redor.

— Então se afaste vinte e duas léguas. Dou-lhe carroças, trabalhadores, mulas, tudo o que lhee for necessário.

— Eu sou um marinheiro, não um construtor naval. Fui mandado trazer Vossa Graça para Pentos. Em vez disso, você nos trouxe para aqui e fez o meu *Saduleon* em pedaços para arranjar pregos e umas tábuas. Nunca mais verei navio como aquele. Posso nunca mais ver a minha casa nem a minha velha mulher. Não fui eu quem recusou os navios que Daxos ofereceu. Não posso combater os qartenos com barcos de pesca.

A amargura dele consternou-a, de tal forma que Dany deu por si interrogando sobre se o grisalho pentoshi poderia ser um dos seus três traidores. *Não, ele é só um velho, longe de casa e cheio de saudades.*

— Tem de haver *alguma coisa* que possamos fazer.

— Sim, e já lhe disse o quê. Aqueles navios são feitos de cordas, piche e tela, de pinho qohorik e teca de Sothoros, de velho carvalho da Grande Norvos, de teixo, freixo e abeto. Madeira, Vossa Graça. A madeira arde. Os dragões...

— Não quero ouvir falar mais sobre os meus dragões. Vá embora. Vá rezar aos seus deuses de Pentos por uma tempestade que afunde os nossos inimigos.

— Nenhum marinheiro reza por tempestades, Vossa Graça.

— Estou farta de ouvir dizer o que não fará. Vá embora.

Sor Barristan se deixou ficar.

— As nossas provisões, por agora, são amplas — fez-lhe lembrar — e Vossa Graça plantou feijão, uva e trigo. Os seus dothraki correram com os escravagistas das colinas e abriram os grilhões dos seus escravos. Eles também estão plantando, e trarão as colheitas para o mercado em Meereen. E você terá a amizade de Lhazar.

Daario me conseguiu isso, tenha o valor que tiver.

— Os Homens Ovelha. Bem gostaria que as ovelhas tivessem dentes.

— Isso tornaria os lobos mais cautelosos, sem dúvida.

Aquilo a fez rir.

— Como passam os seus órfãos, sor?

O velho cavaleiro sorriu.

— Bem, Vossa Graça. É bondade sua perguntar. — Os rapazes eram o seu orgulho. — Quatro ou cinco têm as qualidades de cavaleiros. Talvez cheguem mesmo à uma dúzia.

— Um seria suficiente, se fosse tão fiel como você. — Podia chegar em breve o dia em que teria necessidade de todos os cavaleiros. — Justarão por mim? Eu gostaria disso. — Viserys contara-lhe histórias sobre os torneios que testemunhou nos Sete Reinos, mas Dany nunca viu uma justa.

— Não estão prontos, Vossa Graça. Quando estiverem, ficarão felizes por demonstrar a sua perícia.

— Espero que esse dia chegue depressa. — Teria beijado o seu bom cavaleiro na cara, mas Missandei surgiu nesse preciso momento na soleira arqueada da porta. — Missandei?

— Vossa Graça. Skahaz espera para lhe servir.

— Mande-o subir.

Tolarrapada vinha acompanhado de duas das suas Feras de Bronze. Um trazia uma máscara de falcão, o outro o retrato de um chacal. Só se viam os olhos sob o bronze.

— Radiância, Hizdahr foi visto entrando na pirâmide de Zhak ontem à tardinha. Só partiu bem depois de escurecer.

— Quantas pirâmides visitou? — perguntou Dany.

— Onze.

— E quanto tempo se passou desde o último assassinato?

— Vinte e seis dias. — Os olhos do Tolarrapada transbordavam de fúria. A ideia de pôr as Feras de Bronze seguindo o seu prometido e tomar nota de todos os seus aios foi dele.

— Até agora Hizdahr cumpriu as suas promessas.

— *Como?* Os Filhos da Harpia pousaram as facas, mas por quê? Porque o nobre Hizdahr pediu com jeitinho? Ele é um deles, digo eu. É por isso que lhe obedecem. Pode muito bem ser ele a Harpia.

— Se é que existe uma Harpia. — Skahaz estava convencido de que em algum lugar em Meereen os Filhos da Harpia tinham um suserano de nascimento elevado, um general secreto ao comando de um exército de sombras. Dany não partilhava dessa crença. As Feras de Bronze tinham capturado dúzias dos Filhos da Harpia, e os que haviam sobrevivido à captura tinham fornecido nomes quando interrogados intensamente... muitos nomes, lhe parecia. Teria sido agradável pensar que todas as mortes eram a obra de um único inimigo que podia ser apanhado e morto, mas Dany suspeitava de que a verdade era outra. *Os meus inimigos são uma legião.* — Hizdahr zo Loraq é um homem persuasivo, com muitos amigos. E é rico. Talvez nos tenha comprado esta paz com ouro, ou convencido os outros nobres de que o nosso casamento é do interesse deles.

— Se não é ele a Harpia, conhece-a. Conseguirei descobrir a verdade sobre isso com bastante facilidade. Dê-me licença para sujeitar Hizdahr a interrogatório, e lhe trarei uma confissão.

— Não — disse ela. — Não confio nessas confissões. Me trouxe muitas, e todas inúteis.

— Radiância...

— *Não*, disse eu.

A carranca do Tolarrapada tornou ainda mais feia a sua feia cara.

— É um erro. O Grande Mestre Hizdahr está fazendo Vossa Reverência de idiota. Quer uma serpente na sua cama?

Quero Daario na minha cama, mas mandei-o embora, para seu bem e dos seus.

Pode continuar vigiando Hizdahr zo Loraq, mas não lhe deve acontecer nenhum mal. Entendido?

— Não sou surdo, Magnificência. Obedecerei. — Skahaz tirou um rolo de pergaminho da manga. — Vossa Reverência devia dar uma olhadinha a isto. Uma lista de todos os navios meereeneses no bloqueio, com os seus capitães. Todos Grandes Mestres.

Dany estudou o pergaminho. Todas as famílias governantes de Meereen eram nomeadas: Hazkar, Merreq, Quazzar, Zhak, Rhazdar, Ghazeen, Pahl, até Reznak e Loraq.

— Que vou eu fazer com uma lista de nomes?

— Cada homem nessa lista tem familiares dentro da cidade. Filhos e irmãos, esposas e filhas, mães e pais. Deixe que as minhas Feras de Bronze os capturem. As vidas deles reconquistarão aqueles navios.

— Se eu enviar as Feras de Bronze para as pirâmides, isso significará guerra aberta dentro da cidade. Tenho de confiar em Hizdahr. Tenho de ter esperança na paz. — Dany pôs o pergaminho em cima de uma vela e viu os nomes desaparecer em chamas, enquanto Skahaz a olhava, furioso.

Mais tarde, Sor Barristan disse-lhe que o seu irmão Rhaegar teria se sentido orgulhoso dela. Dany lembrou-se das palavras que Sor Jorah proferiu em Astapor: *Rhaegar lutou com valentia, Rhaegar lutou com nobreza, Rhaegar lutou com honra. E Rhaegar* morreu.

Quando desceu para o salão de mármore púrpura, foi encontrá-lo quase vazio.

— Hoje não há peticionários? — perguntou Dany a Reznak mo Reznak. — Ninguém que anseie por justiça ou por prata por uma ovelha?

— Não, Reverência. A cidade está com medo.

— Não há nada a temer.

Mas havia mais que muito a temer, como ficou sabendo nessa noite. Enquanto os jovens reféns Miklaz e Kezmya estavam servindo-lhe um jantar simples de verduras de outono e sopa de gengibre, Irri veio dizer-lhe que Galazza Galare regressou, com três Graças Azuis do templo.

— Verme Cinzento também veio, *khaleesi*. Suplica para falar com você, com grande urgência.

— Leve-o para o salão. E chama Reznak e Skahaz. A Graça Verde disse qual era o assunto?

— Astapor — disse Irri.

O Verme Cinzento deu início à história.

— Saiu das névoas da manhã, um cavaleiro numa égua branca, moribundo. A égua estava cambaleando quando se aproximou dos portões da cidade, com os flancos rosados de sangue e espuma, os olhos rolando de terror. O cavaleiro gritou "*Ela está ardendo; ela está ardendo*' e caiu da sela. Este foi chamado e deu ordens para o cavaleiro ser levado às Graças Azuis. Quando os seus criados o transportaram para dentro dos portões, ele voltou a gritar:"*Ela está ardendo.*" Por baixo do *tokar* era um esqueleto, todo ele ossos e carne febril.

Uma das Graças Azuis continuou a história.

Os Imaculados trouxeram este homem para o templo, onde o despimos e banhamos com água fria. Tinha a roupa emporcalhada, e as minhas irmãs encontraram metade de uma seta na coxa. Embora tivesse partido a haste, a cabeça continuava dentro dele, e o ferimento tinha gangrenado, enchendo-o de venenos. Morreu menos de uma hora mais tarde, ainda gritando que ela estava ardendo.

— Ela está ardendo — repetiu Daenerys. — Quem é *ela?*

— Astapor, Radiância — disse outra das Graças Azuis. — Ele disse uma vez. Disse: "Astapor está a arder."

— Podia ser a febre falando.

— Vossa Radiância fala sabiamente — disse Galazza Galare — mas Ezzara viu mais uma coisa.

A Graça Azul chamada Ezzara fechou as mãos.

— Minha rainha — murmurou a febre dele não foi causada pela seta. Ele tinha se emporcalhado, não uma, mas muitas vezes. As manchas chegavam-lhe aos joelhos, e havia sangue seco no meio dos excrementos.

—A égua estava sangrando, segundo Verme Cinzento.

— Isso é verdade, Vossa Graça — confirmou o eunuco. — A égua branca estava ensanguentada por causa das esporas do cavaleiro.

— Pode ser verdade, Radiância — disse Ezzara — mas este sangue estava misturado com as fezes dele. Manchou-lhe a roupa de dentro.

— Ele estava sangrando das tripas — disse Galazza Galare.

— Não podemos ter a certeza — disse Ezzara — mas pode ser que Meereen tenha mais a temer do que as lanças dos yunkaitas.

— Temos de rezar — disse a Graça Verde. — os deuses enviaram-nos este homem. Vem como mensageiro. Vem como um sinal.

— Um sinal de quê? — perguntou Dany.

— Um sinal de fúria e ruína.

A rainha não quis acreditar em tal coisa.

— Ele era um homem. Um homem doente com uma seta na perna. Foi um cavalo que o trouxe até aqui, não um deus. — *Uma égua branca.* Dany levantou-se de repente. — Agradeço-lhes pelos seus conselhos, e por tudo o que fizeram por esse pobre homem.

A Graça Verde beijou os dedos de Dany antes de se retirar.

— Rezaremos por Astapor.

E por mim. Oh, reze por mim, senhora. Se Astapor caiu, nada restava evitando que os yunkaitas rumassem a norte. Virou-se para Sor Barristan.

— Envie cavaleiros para as colinas em busca dos meus companheiros de sangue. Chame também o Ben Castanho e os Segundos Filhos.

— E os Corvos Tormentosos, Vossa Graça?

Daario.

— Sim. Sim. — Apenas três noites antes, sonhou com Daario jazendo morto na berma da estrada, fitando o céu sem ver enquanto corvos querelavam por cima do seu cadáver. Noutras noites mexia-se na cama, imaginando que ele a traiu como traiu em tempos os outros capitães dos Corvos Tormentosos. *Trouxe-me as cabeças deles.* E se tivesse levado a sua companhia de volta para Yunkai, a fim de vendê-la por um pote de ouro? *Ele não faria tal coisa. Faria?* — Os Corvos Tormentosos também. Mande imediatamente cavaleiros à procura deles.

Os Segundos Filhos foram os primeiros a regressar, oito dias depois de a rainha enviar as convocatórias. Quando Sor Barristan lhe disse que o capitão queria falar com ela, pensou por um momento que era Daario e o coração saltou-lhe no peito. Mas o capitão de que ele falava era Ben Castanho Plumm.

Ben Castanho tinha uma cara marcada e gasta pelo tempo, a pele da cor de teca velha, cabelo branco e rugas aos cantos dos olhos. Dany ficou tão contente por ver a sua coriácea cara castanha que o abraçou. Os olhos dele enrugaram-se de divertimento.

— Ouvi dizer que Vossa Graça ia arranjar um marido — disse — mas ninguém me disse que era eu. — Riram juntos enquanto Reznak lançava

perdigotos, mas o riso cessou quando Ben Castanho disse: — Apanhamos três astapori. É melhor que Vossa Reverência ouça o que eles dizem.

— Traga-os.

Daenerys recebeu-os na imponência do seu salão, à luz de altas velas que ardiam entre os pilares de mármore. Quando viu que os astapori estavam meio mortos de fome, mandou imediatamente buscar comida. Aqueles três eram o que restava de uma dúzia que tinha partido em conjunto da Cidade Vermelha; um assentador de tijolos, uma tecelã e um sapateiro.

— O que aconteceu ao resto do seu grupo? — perguntou a rainha.

— Foram mortos — disse o sapateiro. — Os mercenários de Yunkai patrulham as colinas ao norte de Astapor, à caça daqueles que fogem das chamas.

— Então a cidade caiu? As suas muralhas eram grossas.

— É verdade — disse o assentador de tijolos, um corcunda com olhos ramelosos — mas também eram velhas e meio arruinadas.

A tecelã ergueu a cabeça.

— Todos os dias dizíamos uns aos outros que a rainha dos dragões iria voltar. — A mulher tinha lábios finos e olhos apagados e mortos, incrustados numa cara macilenta e estreita. — Cleon tinha mandado busca-la, dizia-se, e você vínha a caminho.

Ele me mandou buscar, pensou Dany. *Pelo menos isso é verdade.*

Fora das nossas muralhas, os yunkaitas devoraram as colheitas e massacraram nossos rebanhos — prosseguiu o sapateiro. — Dentro, passamos fome. Comemos gatos, ratazanas e couro. Uma pele de cavalo era um banquete. O Rei Assassino e a Rainha Rameira acusaram-se um ao outro de se banquetear com a carne dos mortos. Homens e mulheres reuniram-se em segredo para tirar à sorte e se empanturrarem com a carne daquele a quem calhasse a pedra negra. A pirâmide de Nakloz foi despojada e incendiada por aqueles que afirmaram que Kraznys mo Nakloz tinha culpa de todos os nossos infortúnios.

— Outros culparam Daenerys — disse a tecelã — mas éramos mais os que ainda lhe amávamos. "Ela vem a caminho," dizíamos uns aos outros. "Ela vem à cabeça de uma grande hoste, com comida para todos."

Quase não consigo alimentar o meu próprio povo. Se tivesse marchado para Astapor teria perdido Meereen.

O sapateiro contou-lhes como o corpo do Rei Carniceiro foi desenterrado e vestido com uma armadura de cobre, depois da Graça Verde de Astapor ter tido uma visão na qual ele os libertaria dos yunkaitas. Couraçado e fétido, o

cadáver de Cleon, o Grande, foi atado ao dorso de um cavalo morto de fome para liderar os restos dos seus novos Imaculados numa surtida, mas avançaram mesmo em direção aos dentes de ferro de uma legião de Nova Ghis, e foram abatidos até ao último homem.

— Depois, a Graça Verde foi empalada numa estaca na Praça da Punição e deixada lá até morrer. Na pirâmide de Ullhor, os sobreviventes tiveram um grande festim que durou metade da noite, e empurraram o resto da sua comida para baixo com vinho envenenado para nenhum deles precisar de acordar ao chegar a manhã. Pouco depois, chegou a doença, uma fluxão sangrenta que matou três homens em quatro, até que uma turba de moribundos enlouqueceu e matou os guardas do portão principal.

O velho fabricante de tijolos interrompeu para dizer:

— Não. Isso foi obra de homens saudáveis, fugindo para escapar à fluxão.

— Será que importa? — perguntou o sapateiro. — Os guardas foram feitos em pedaços e os portões foram escancarados. As legiões de Nova Ghis entraram em torrente em Astapor, seguidas pelos yunkaitas e pelos mercenários montados nos seus cavalos. A Rainha Rameira morreu a combatê-los com uma praga nos lábios. O Rei Assassino rendeu-se e foi atirado para uma arena de combate, para ser dilacerado por uma matilha de cães famintos.

— Mesmo nessa hora alguns diziam que você vínha a caminho — disse a tecelã. — Juravam que a tinham visto montada num dragão, voando bem alto por cima dos acampamentos dos yunkaitas. A procuramos todos os dias.

Não podia ir, pensou a rainha. *Não me atrevi.*

— E quando a cidade caiu? — perguntou Skahaz. — O que aconteceu?

— Começou o massacre. O Templo das Graças estava cheio com os doentes que tinham vindo pedir aos deuses para os curarem. As legiões trancaram as portas e incendiaram o templo com archotes. Antes de se passar uma hora, havia incêndios ardendo em todos os cantos da cidade. À medida que se espalhavam iam-se juntando uns aos outros. As ruas estavam cheias de multidões, fugindo de um lado para o outro para escapar às chamas, mas não havia saída. Os yunkaitas controlavam os portões.

— E no entanto *vocês* escaparam — disse Tolarrapada. — Como aconteceu isso?

O velho respondeu.

— O meu ofício é fabricar tijolos, como era o do meu pai e do pai dele antes de mim. O meu avô construiu a nossa casa encostada às muralhas da cidade. Foi coisa fácil soltar alguns tijolos todas as noites. Quando disse aos meus amigos, eles me ajudaram a escorar o túnel para evitar que ruísse. Todos concordamos que poderia ser bom termos a nossa maneira de sair.

Deixei-os com um conselho para os governar, pensou Dany, *um curandeiro, um erudito e um sacerdote.* Ainda se lembrava da Cidade Vermelha como a viu pela primeira vez, seca e poeirenta por trás das suas muralhas de tijolo vermelho, sonhando sonhos cruéis mas cheia de vida. *Havia ilhas no Verme onde amantes se beijavam, mas na Praça da Punição arrancavam a pele aos homens em faixas e os deixavam pendurados, nus, para as moscas.*

— É bom que tenham vindo — disse aos astapori. — Estarão em segurança em Meereen.

O sapateiro respondeu-lhe com um agradecimento, e o velho fabricante de tijolos beijou-lhe o pé, mas a tecelã fitou-a com olhos duros como ardósia. *Ela sabe que eu minto*, pensou a rainha. *Sabe que não posso mante-los em segurança. Astapor está ardendo, e Meereen arderá em seguida.*

— Vêm mais a caminho — anunciou Ben Castanho quando os astapori foram levados. — Estes três tinham cavalos. A maioria vem a pé.

— Quantos são? — perguntou Reznak.

Ben Castanho encolheu os ombros.

— Centenas. Milhares. Alguns doentes, alguns queimados, alguns feridos. Os Gatos e os Aventados enxameiam as colinas com lanças e chicotes, empurrando-os para norte e abatendo os retardatários.

— Bocas com pernas. E *doentes*, você diz? — Reznak torceu as mãos. — Vossa Reverência não pode permitir-lhes a entrada na cidade.

— Eu não permitiria — disse Ben Castanho Plumm. — Não sou meistre nenhum, atenção, mas sei que é preciso separar as maçãs estragadas das boas.

— Estas pessoas não são maçãs, Ben — disse Dany. — São homens e mulheres, doentes, esfomeados e com medo. — *Os meus filhos.* — Eu devia ter ido a Astapor.

— Vossa Graça não os poderia ter salvo — disse Sor Barristan. — Avisou ao Rei Cleon contra esta guerra com Yunkai. O homem era um idiota, e tinha as mãos vermelhas de sangue.

Mas estarão as minhas mais limpas? Lembrou-se do que Daario dissera; que todos os reis têm de ser ou carniceiros ou carne.

— Cleon era o inimigo do nosso inimigo. Se tivesse me juntado a ele nos Chifres de Hazzat, poderíamos ter esmagado os yunkaitas entre nós.

Tolarrapada discordou.

— Se tivesse levado os Imaculados para sul, para Hazzat, os Filhos da Harpia...

— Eu sei. Eu *sei.* É outra vez Eroeh.

Ben Castanho Plumm mostrou-se confuso.

— Quem é Eroeh?

— Uma menina que eu julgava ter salvo da violação e do tormento. Tudo o que fiz foi tornar-lhe as coisas piores no fim. E tudo o que fiz em Astapor foi criar dez mil Eroehs.

— Vossa Graça não podia saber...

— Eu sou a rainha. Me cabia saber.

— O que está feito, feito está — disse Reznak mo Reznak. — Reverência, suplico-lhe, tome o nobre Hizdahr como rei imediatamente. Ele pode falar com os Sábios Mestres, fazer a paz por nós.

— Em que termos? — cuidado com o senescal perfumado, disse Quaithe. A mulher mascarada previu a chegada da égua branca, teria também razão a respeito do nobre Reznak? — Eu posso ser uma menininha inocente na guerra, mas não sou uma ovelha para entrar balindo no covil da harpia. Ainda tenho os meus Imaculados. Tenho os Corvos Tormentosos e os Segundos Filhos. Tenho três companhias de libertos.

— Isso e dragões — disse Ben Castanho Plumm, com um sorriso.

— No fosso, a ferros — gemeu Reznak mo Reznak. — Para que servem dragões que não se consegue controlar? Até os Imaculados ficam com medo quando têm de abrir as portas para alimentá-los.

— Quê, dos bichinhos de estimação da rainha? — os olhos do Ben Castanho enrugaram-se de divertimento. O encanecido capitão dos Segundos Filhos era uma criatura das companhias livres, um mestiço com o sangue de uma dúzia de povos diferentes correndo-lhe nas veias, mas sempre gostou dos dragões, e os dragões dele.

— Bichinhos de estimação? — guinchou Reznak. — Monstros, isso sim. Monstros que se alimentam de crianças. Não podemos...

— *Silêncio* — disse Daenerys. — Não falaremos disso.

Reznak encolheu-se, estremecendo com a fúria no tom de voz da rainha.

Me perdoe Magnificência, eu não...

Ben Castanho Plumm atropelou-o.

— Vossa Graça, os yunkaitas têm três companhias livres contra as nossas duas, e diz que mandaram emissários a Volantis para trazer a Companhia Dourada. Esses sacanas põem em campo dez mil homens. Yunkai tem também quatro legiões ghiscariotas, se calhar mais, e eu ouvi dizer que enviaram cavaleiros para o mar dothraki para tentar fazer com que algum grande *khalasar* caísse sobre nós. Segundo o modo como eu vejo as coisas, nós *precisamos* dos dragões.

Dany suspirou.

— Lamento, Ben. Não me atrevo a soltar os dragões. — Conseguia ver que não era aquela a resposta que ele queria.

Plumm coçou as suíças mosqueadas.

— Se não houver dragões na balança, bem... deveriamos ir embora antes daqueles sacanas de Yunkai fecharem a armadilha... mas primeiro faça os escravagistas pagar para nos verem pelas costas. Eles pagam aos *khals* para deixarem as suas cidades em paz, por que não a nós? Volte a vender-lhes Meereen e parta para oeste com carroças cheias de ouro, pedras preciosas e coisas dessas.

— Quer que eu saqueie Meereen e fuja? Não, não farei tal coisa. Verme Cinzento, os meus libertos estão prontos para a batalha?

O eunuco cruzou os braços ao peito.

— Não são Imaculados, mas não irão lhe envergonhar. Este podia jurá-lo pela lança ou pela espada, Reverência.

— Bom. Isso é bom. — Daenerys olhou para as caras dos homens que tinha na frente. Tolarrapada, franzindo as sobrancelhas. Sor Barristan, com a sua cara enrugada e tristes olhos azuis. Reznak mo Reznak, pálido, suando. Ben Castanho, de cabelo branco, encanecido, duro como couro velho. Verme Cinzento, de cara lisa, imperturbável, sem expressão. *Daario devia estar aqui, e os meus companheiros de sangue também*, pensou. *Se vai haver batalha, o sangue do meu sangue devia estar comigo.* Também sentia a falta de Sor Jorah Mormont. *Ele mentiu, forneceu informações sobre mim, mas também me amou, e sempre me deu bons conselhos*. — Eu já derrotei os yunkaitas uma vez. Voltarei a derrotá-los. Mas onde? Como?

— Quer os pôr em campo? — a voz do Tolarrapada estava carregada de incredulidade. — Isso seria uma loucura. As nossas muralhas são mais altas e mais espessas do que as muralhas de Astapor, e os nossos defensores são mais valentes. Os yunkaitas não tomarão esta cidade facilmente.

Sor Barristan discordou.

— Não me parece que devamos deixá-los investir contra nós. A hoste deles é, no máximo, uma manta de retalhos. Aqueles escravagistas não são soldados. Se os apanharmos desprevenidos...

— Há poucas hipóteses disso acontecer — disse Tolarrapada. — Os yunkaitas têm muitos amigos dentro da cidade. Eles saberão.

— Conseguimos reunir um exército de que tamanho? — perguntou Dany.

— Não será suficientemente grande, com o seu régio perdão — disse Ben Castanho Plumm. — Que tem Naharis a dizer? Se vamos fazer disto uma batalha, precisamos dos Corvos Tormentosos dele.

— Daario continua em campo. — *Oh, deuses, que fiz eu? Será que o enviei para a morte?*— Ben, vou precisar dos seus Segundos Filhos para recolher informações sobre os nossos inimigos. Onde estão a que velocidade avançam, quantos homens têm e qual a sua disposição.

— Vamos precisar de provisões. E também de cavalos repousados.

— Claro. Sor Barristan tratará disso.

Ben Castanho coçou o queixo.

— Pode ser que consigamos fazer com que alguns deles se passem para o nosso lado. Se Vossa Graça puder dispensar uns sacos de ouro e pedras preciosas... só pra dar aos capitães deles um saborzinho, como se diz... bem, quem sabe?

— Comprá-los, porque não? — disse Dany. Sabia que aquele tipo de coisa andava sempre acontecendo entre as companhias livres das Terras Disputadas. — Sim, muito bem. Reznak, trate disso. Depois dos Segundos Filhos saírem, feche os portões e duplique os vigias nas muralhas.

— Será feito, Magnificência — disse Reznak mo Reznak. — E os astapori?

Os meus filhos.

— Eles vêm para cá em busca de auxílio. Em busca de socorro e proteção. Não lhes podemos virar as costas.

Sor Barristan franziu as sobrancelhas.

— Vossa Graça, eu sei de casos em que a fluxão sangrenta destruiu exércitos inteiros quando foi deixada espalhando sem controle. O senescal tem razão. Não podemos ter os astapori em Meereen.

Dany olhou-o, impotente. Era bom que os dragões não chorassem.

— Então será como diz. Os manteremos do lado de fora das muralhas até que... que esta praga percorra o seu caminho. Monte um acampamento para eles junto do rio, a oeste da cidade. Lhes mandaremos a comida que pudermos mandar. Talvez consigamos separar os saudáveis dos doentes. — Estavam todos a olhá-la. — Querem me obrigar a dizer por duas vezes? Vão fazer o que ordenei. — Dany levantou-se, passou intempestivamente pelo Ben Castanho e subiu os degraus que levavam à doce solidão do seu terraço.

Duzentas léguas separavam Meereen de Astapor, mas parecia-lhe que o céu estava mais escuro a sudoeste, manchado e enevoado com o fumo do falecimento da Cidade Vermelha. *Tijolos e sangue construíram Astapor; e tijolos e sangue fizeram o seu povo.* A velha rima ressoou-lhe na cabeça. *Cinzas e ossos são Astapor e cinzas e ossos são seu povo.* Tentou lembrar-se da cara de Eroeh, mas os traços da menina morta não paravam de se transformar em fumo.

Quando Daenerys finalmente virou costas à paisagem, Sor Barristan estava perto dela, envolto no seu manto para se proteger do frio do início da noite.

— Podemos transformar isso num combate? — perguntou-lhe.

— Os homens podem sempre combater, Vossa Graça. É melhor perguntar se podemos vencer. Morrer é fácil, mas a vitória é difícil de alcançar. Os seus libertos estão meio treinados e ainda não tiveram o batismo de sangue. Os seus mercenários serviram em tempos os seus inimigos, e depois de um homem virar o casaco não terá escrúpulos em voltar a virá-lo. Tem dois dragões que não podem ser controlados, e um terceiro que pode estar perdido para você. Para lá daquelas muralhas, os seus únicos amigos são os lhazarenos, que não têm gosto pela guerra.

— Mas as minhas muralhas são fortes.

— Não são mais fortes do que quando nós estávamos fora delas. E os Filhos da Harpia estão dentro das muralhas connosco. Os Grandes Mestres também, tanto aqueles que não matou, como os filhos dos que matou.

— Eu sei. — A rainha suspirou. — O que aconselha, sor?

— A batalha — disse Sor Barristan. — Meereen está sobrepovoada e cheia de bocas famintas, e você têm muitos inimigos aqui dentro. Temo que não

possamos resistir a um cerco durante muito tempo. Defrontemos o inimigo quando ele vier para norte, em terreno da minha escolha.

— Defrontar o inimigo — ecoou ela — com os libertos que disse estarem meio treinados e sem batismo de sangue.

— Todos estivemos por batizar um dia, Vossa Graça. Os Imaculados ajudarão a enrijecê-los. Se eu tivesse quinhentos cavaleiros...

— Ou cinco. E se eu lhe der os Imaculados não terei ninguém além das Feras de Bronze para controlar Meereen. — Quando Sor Barristan não a contestou, Dany fechou os olhos. *Deuses*, orou, *levou Khal Drogo, que era o meu sol-e-estrelas. Levou o nosso valente filho antes de ele respirar pela primeira vez. Já obteve de mim o seu sangue. Ajude-me agora, suplico-lhes. Dê-me a sabedoria para ver o caminho, que me aguarda, e a força para fazer o que tiver de fazer para manter os meus filhos em segurança.*

Os deuses não responderam.

Quando voltou a abrir os olhos, Daenerys disse:

— Não posso combater dois inimigos, um no interior e outro no exterior. Se quiser conservar Meereen, tenho de ter o apoio da cidade. De *toda* a cidade. Preciso... preciso... — Não conseguiu dizê-lo.

— Vossa Graça? — instou Sor Barristan com gentileza. *Uma rainha não pertence a si, mas ao seu povo.*

— Preciso de Hizdahr zo Loraq.

MELISANDRE

Nunca estava realmente escuro nos aposentos de Melisandre.

Três velas de sebo ardiam no parapeito da janela para manter à distância os terrores da noite. Outras quatro tremeluziam junto da cama, duas de cada lado. Na lareira, um fogo era mantido ardendo de dia e de noite. A primeira lição que aqueles que a serviam tinham de aprender era que nunca, nunca se podia permitir que o fogo se apagasse.

A sacerdotisa vermelha fechou os olhos e proferiu uma prece, após o que voltou a abri-los para encarar a lareira. *Mais uma vez.* Tinha de ter a certeza. Muitos sacerdotes e sacerdotisas antes dela tinham sido derrubados por falsas visões, por verem o que desejavam ver em vez daquilo que o Senhor da Luz enviara. Stannis, o rei que transportava aos ombros o destino do mundo, Azor Ahai renascido, estava marchando para o sul, para o perigo. Decerto que R'hllor lhe concederia um vislumbre daquilo que o aguardava. *Mostre-me Stannis, Senhor*, rezou. *Mostre-me o seu rei, o seu instrumento.*

Visões dançaram na frente dela, douradas e escarlates, tremeluzentes, formando-se, derretendo e dissolvendo-se umas nas outras, formas estranhas, aterrorizadoras e sedutoras. Viu de novo as caras sem olhos, fitando-a com órbitas chorando sangue. Depois as torres junto ao mar, ruindo quando a maré negra se ergueu para varrê-las, subindo das profundezas. Sombras com a forma de crânios, crânios que se transformavam em névoa, corpos unidos em luxúria, contorcendo-se, rolando, esgatanhando-se. Através de cortinas de fogo, grandes sombras aladas rodopiavam num duro céu azul.

A menina. Tenho de voltar a encontrar a menina, a menina cinzenta no cavalo moribundo. Jon Snow esperaria isso dela, e em breve. Não seria suficiente dizer que a menina estava em fuga. Ele iria quer mais, iria querer o quando e o onde, e ela não tinha isso para lhe dar. Só vira a menina uma vez. *Uma menina cinzenta como cinza, e ainda eu observava já ela se desfazia e era soprada para longe.*

Um rosto tomou forma dentro da lareira. *Stannis*?, pensou, só por um momento... mas não, aquelas não eram as suas feições. *Um rosto de madeira, de um branco de cadáver.* Seria aquele o inimigo? Um milhar de olhos vermelhos flutuaram nas chamas que se erguiam. *Ele está a ver-me.* A seu lado, um rapaz com uma cara de lobo atirou a cabeça para trás e uivou.

A sacerdotisa vermelha estremeceu. Sangue escorreu-lhe pela coxa abaixo, negro e fumegante. O fogo estava dentro dela, uma agonia, um êxtase, preenchendo-a, crestando-a, transformando-a. Tremelucências de calor desenharam padrões na sua pele, insistentes como a mão de um amante. Estranhas vozes chamaram-na de dias há muito passados. Ouviu uma mulher chorar: "Melony." Uma voz de homem chamou: "Lote Sete." Ela chorava, e as suas lágrimas eram chamas. Mas mesmo assim continuou a absorvê-lo.

Flocos de neve rodopiaram caindo de um céu escuro, e cinzas ergueram-se ao seu encontro, e o cinzento e o branco giraram em volta um do outro enquanto setas chamejantes arqueavam por cima de uma muralha de madeira e coisas mortas se arrastavam, silenciosas, pelo frio, sob um grande penhasco cinzento onde fogueiras ardiam dentro de uma centena de grutas. Depois, o vento começou a soprar e a névoa branca varreu a cena, impossivelmente fria e, uma por uma, as fogueiras apagaram-se. Depois disso só restaram os crânios.

Morte pensou Melisandre. *Os crânios são morte.*

As chamas crepitavam suavemente, e no seu crepitar ouviu o nome sussurrado de *Jon Snow.* A longa cara dele flutuou na sua frente, retratada com línguas de vermelho e laranja, aparecendo e voltando a desaparecer, uma sombra entrevista por trás de uma cortina esvoaçante. Ora era homem, ora lobo, ora um novo homem. Mas os crânios também ali estavam, os crânios rodeavam-no por completo. Melisandre já antes vira o perigo em que o rapaz se encontrava, tentara preveni-lo desse perigo. *Inimigos a toda a sua volta, punhais no escuro.* Ele não queria dar-lhe ouvidos.

Os incrédulos nunca davam ouvidos até ser tarde demais.

— Que está vendo senhora? — perguntou o rapaz em voz baixa.

Crânios. Mil crânios e outra vez o bastardo. Jon Snow. Sempre que lhe *perguntavam o que via no interior dos seus fogos, Melisandre respondia: "Muito e mais ainda," mas ver nunca era tão simples como aquelas palavras sugeriam. Era uma arte e, como todas as artes, exigia mestria, disciplina, estudo.* Dor. Isso também. *R'hllor falava aos seus escolhidos através do fogo abençoado, numa língua de cinzas e brasas e chamas retorcidas que só um deus podia compreender verdadeiramente. Melisandre praticara a sua arte durante anos sem conta, e pagara o preço. Não havia ninguém, mesmo na sua ordem, que tivesse a sua perícia em ver os segredos semirrevelados e semiocultos no interior das chamas sagradas.*

Mas agora nem sequer parecia ser capaz de encontrar o seu rei. *Rezo por um vislumbre de Azor Ahai¸ e R'hllor envia-tne apenas o Snow.*

— Devan — chamou — uma bebida. — Tinha a garganta dorida e ressecada.

— Sim, senhora. — O rapaz serviu-lhe uma taça de água tirada da bilha de pedra junto à janela e trouxe-a.

— Obrigada. — Melisandre encheu a boca com água, engoliu, e dirigiu ao rapaz um sorriso. Isso o fez corar. O rapaz estava meio apaixonado por ela, bem o sabia. Ele me teme, me deseja e me adora.

Mesmo assim, Devan não estava contente por estar ali. O rapaz tivera grande orgulho em servir como escudeiro de um rei, e Stannis feriu-o quando lhe ordenou para permanecer em Castelo Negro. Como qualquer rapaz da sua idade, tinha a cabeça cheia de sonhos de glória; sem dúvida que andara imaginando a perícia que exibiria em Bosque Profundo. Outros rapazes da sua idade tinham ido para sul, a fim de servirem como escudeiros dos cavaleiros do rei e irem para a batalha a seu lado. A exclusão de Devan devia ter parecido uma censura, uma punição por algum fracasso da sua parte, ou talvez por algum fracasso do seu pai.

Na verdade, estava ali porque Melisandre o pedira. Os quatro filhos mais velhos de Davos Seaworth tinham perecido na batalha da Água Negra, quando a frota do rei fora consumida por fogo verde. Devan era o quinto filho, e estava mais seguro ali com ela do que ao lado do rei. Lorde Davos não lhe agradeceria pelo fato mais do que o próprio rapaz agradecia, mas parecia-lhe que Seaworth já sofrera desgostos suficientes. Apesar de estar tão mal orientado, não se podia duvidar da sua lealdade a Stannis. Ela vira-o nas chamas.

Além disso, Devan era rápido, esperto e capaz, o que era mais do que se podia dizer da maior parte dos seus ajudantes. Quando marchara para sul, Stannis deixara para trás uma dúzia dos seus homens para servirem-na, mas a maioria era inútil. Sua Graça tivera necessidade de todas as espadas, portanto só pudera dispensar grisalhos e aleijados. Um homem fora cegado por um golpe na cabeça durante a batalha da Muralha, outro fora mutilado quando a queda do cavalo lhe esmagara as pernas. O sargento perdera um braço devido à maça de um gigante. Três dos seus guardas tinham sido castrados por Stannis por violarem mulheres selvagens. Também dispunha de dois bêbados e de um covarde. Este último deveria ter sido enforcado, como o próprio rei admitira, mas provinha de uma família nobre e o pai e os irmãos tinham-se mantido firmes desde o início.

A sacerdotisa vermelha sabia que ter guardas à sua volta iria sem dúvida ajudar os irmãos negros a manterem-se devidamente respeitosos, mas não era provável que nenhum dos homens que Stannis lhe dera fosse de grande ajuda se ela se achasse em perigo. Não importava. Melisandre de Asshai não temia por si. R'hllor a protegeria.

Bebeu mais um gole de água, pôs a taça de lado, pestanejou e espreguiçou-se e levantou-se da cadeira com os músculos doloridos e rígidos. Depois de olhar as chamas durante tanto tempo, precisou de alguns momentos para se ajustar à fraca luz. Tinha os olhos secos e cansados, mas se os esfregasse só ficariam pior.

Viu que o fogo enfraquecera.

— Devan, mais lenha. Que horas são?

— É quase alvorada, senhora.

Alvorada. É-nos concedido mais um dia. R'hllor seja louvado. Os terrores da noite recuam. Melisandre passara a noite na cadeira junto ao fogo, como fazia tão frequentemente. Com Stannis por longe, a sua cama tinha pouco uso. Não tinha tempo para dormir, com o peso do mundo sobre os ombros. E temia sonhar. *O sono é uma pequena morte, os sonhos são sussurros do Outro, aquele que quer arrastar a todos para a sua noite eterna.* Preferia ficar sentada, banhada na luz rubra das abençoadas chamas do seu senhor vermelho, com o rosto corado pelo embate do calor como se fosse por beijos de um amante. Em algumas noites dormitava, mas nunca durante mais que uma hora. Um dia, rezava Melisandre, não dormiria de todo. Um dia ficaria livre de sonhos. *Melony,* pensou. *Lote Sete.*

Devan alimentou o fogo com mais lenha até as chamas voltarem a saltar, ferozes e furiosas, afastando as sombras para os cantos da sala, devorando todos os sonhos indesejados de Melisandre. *A escuridão volta a recuar... por um bocadinho. Mas atrás da Muralha, o inimigo se fortalece e, se ele vencer; a alvorada nunca regressará.* Perguntou a si própria se teria sido a cara dele que viu, fitando-a nas chamas. *Não. Decerto que não.* As *suas feições deviam ser mais assustadoras do que aquilo, frias e negras e muito terríveis para alguém as ver e sobreviver.* O homem de madeira que vislumbrara, contudo, e o rapaz com a cara de lobo... eram seus servos, decerto... os seus campeões, como Stannis era o dela.

Melisandre dirigiu-se à janela, abriu as janelas. Lá fora, o leste tinha apenas começado a clarear, e as estrelas da manhã ainda pairavam num céu negro como breu. Castelo Negro já começava a despertar com homens de mantos

negros que abriam caminho pelo pátio a fim de quebrarem o jejum com uma tigela de papas antes de substituírem os irmãos no topo da Muralha. Alguns flocos de neve entraram pela janela aberta, flutuando no vento.

— A senhora deseja quebrar o jejum? — perguntou Devan.

Comida. Sim, eu devia comer. Em certos dias esquecia-se. R'hllor fornecia-lhe toda a nutrição de que o corpo necessitava, mas era melhor esconder isso dos mortais.

Aquilo de que necessitava era de Jon Snow, não de pão frito e bacon, mas não valia a pena mandar Devan buscar o Senhor Comandante. Ele não viria ao seu chamado. Snow ainda preferia viver nas traseiras do armeiro, num par de modestos quartos anteriormente ocupados pelo falecido ferreiro da Patrulha. Talvez não se achasse digno da Torre do Rei, ou talvez não se importasse com isso. Esse era o seu erro, a falsa humildade da juventude que é em si mesma uma espécie de orgulho. Nunca era sensato que um governante renunciasse ao aparato do poder, pois o próprio poder é, em boa medida, gerado por esse aparato.

O rapaz não era inteiramente ingênuo, porém. Sabia que não era boa ideia vir aos aposentos de Melisandre como um suplicante, insistindo que ela devia ir ter com ele se tivesse necessidade de falar com ele. E era frequente que, quando o fazia, ele a mantivesse à espera ou se recusasse a recebê-la. Isso, pelo menos, era astuto.

— Quero chá de urtiga, um ovo cozido e pão com manteiga. Pão fresco, por favor, não frito. Pode também ir à procura do selvagem. Diga-lhe que tenho de falar com ele.

— O Camisa de Chocalho, senhora?

— E depressa.

Enquanto o rapaz andava por fora, Melisandre lavou-se e mudou de roupa. Tinha as mangas cheias de bolsos escondidos, e verificou-os cuidadosamente como fazia todas as manhãs, a fim de se assegurar de que todos os seus pós estavam no lugar. Pós para tornar o fogo verde, azul ou prateado, pós para fazer uma chama rugir, silvar e saltar mais alto do que um homem, pós para fazer fumo. Um fumo para a verdade, um fumo para a luxúria, um fumo para o medo e o espesso fumo negro que podia matar um homem num instante. A sacerdotisa vermelha armava-se com uma pitada de cada um.

A arca entalhada que trouxera do outro lado do mar estreito estava já mais de três quartos vazia. E embora Melisandre tivesse os conhecimentos para fazer mais pós, faltavam-lhe muitos ingredientes raros. *Os meus feitiços devem*

bastar. Era mais forte na Muralha, mais forte mesmo do que em Asshai. Todas as suas palavras e gestos eram mais potentes, e conseguia fazer coisas que nunca antes tinha feito. *As sombras que gerarei aqui serão terríveis, e nenhuma criatura das trevas lhes resistirá.* Com tais feitiçarias sob o seu domínio, poderia deixar em breve de ter necessidade dos débeis truques dos alquimistas e piromantes.

Fechou a arca, fez girar a fechadura e escondeu a chave dentro das saias, noutro bolso secreto. Depois ouviu-se uma batida na porta. O seu sargento maneta, ajuizando pelo som trémulo da batida.

— Senhora Melisandre, o Senhor dos Ossos chegou.

— Deixe-o entrar. — Melisandre voltou a instalar-se na cadeira junto da lareira.

O selvagem usava um justilho de couro fervido sem mangas, salpicado de tachões de bronze, por baixo de um manto quente mosqueado em tons de verde e castanho. *Nada de ossos.* Também estava envolto em sombras, em farrapos de uma irregular névoa cinzenta, entrevistos, que lhe deslizavam pela cara e silhueta a cada passo que dava. *Coisas feias. Tão feias como os ossos.* Cabelo recuado nas têmporas, olhos escuros e muito próximos, cara encovada, um bigode que se contorcia como uma minhoca por cima de uma boca cheia de dentes partidos e castanhos.

Melisandre sentiu o calor na base da garganta quando o rubi despertou com a proximidade do seu escravo.

— Pôs de lado a armadura de ossos — observou.

— A barulheira ia dando comigo em doido.

— Os ossos lhe protegem — fez-lhe lembrar. — Os irmãos negros não gostam de ti. Devan me diz que ontem mesmo discutiu com alguns durante o jantar.

— Alguns. Estava comendo sopa de feijão e bacon enquanto Bowen Marsh não parava de falar sobre superioridade moral. A Velha Granada julgou que eu estava a espiando e anunciou que não toleraria assassinos à escuta das suas reuniões. Disse-lhe que nesse caso talvez não as devessem faze-las junto à lareira. Bowen pôs-se vermelho e fez uns ruídos sufocados, mas não passou disso. — O selvagem sentou-se no parapeito da janela, tirou o punhal da bainha. — Sc algum corvo quiser enfiar-me uma faca entre as costelas enquanto eu estou engolindo o jantar, pois que tente. As papas aguadas do Hobb desceriam melhor com uma gota de sangue a temperá-las.

Melisandre não prestou atenção ao aço nu. Se o selvagem quisesse lhe fazer mal, teria visto nas chamas. O perigo para a sua pessoa foi a primeira coisa que aprendeu a ver, quando ainda era meio criança, uma menina escrava ligada para a vida ao grande templo vermelho. Ainda era a primeira coisa que procurava quando fitava um fogo.

— São os olhos deles que te deviam preocupar, não as facas — avisou.

— O encantamento, pois. — No grilhão de ferro negro que lhe rodeava o pulso, o rubi pareceu pulsar. Baseu-lhe com o gume da faca. O aço tiniu tenuemente contra a pedra. — Sinto-o quando durmo. Quente na pele, mesmo através do ferro. Suave como um beijo de mulher. O seu beijo. Mas às vezes, nos meus sonhos, começa a arder e os seus lábios transformam-se em dentes. Todos os dias penso em como seria fácil arrancá-lo, e todos os dias não arranco. Terei também de usar os malditos ossos?

— O feitiço é leito de sombra e sugestão. Os homens veem o que esperam ver. Os ossos fazem parte disso. — *Terei errado em poupar este tipo?* — Se o encantamento falhar, eles lhe matarão.

O selvagem pôs-se a limpar a porcaria de debaixo das unhas com a ponta do punhal.

— Cantei as minhas canções, combati as minhas batalhas, bebi vinho de verão, saboreei a mulher do dornês. Um homem devia morrer como viveu. Para mim, isso quer dizer de aço na mão.

Será que ele sonha com a morte? Poderá ter sido tocado pelo inimigo? A morte é o seu domínio, os mortos os seus soldados.

— *Terá trabalho para o seu aço bem em breve. O inimigo está em movimento, o inimigo verdadeiro. E os patrulheiros do Lorde Snow regressarão antes do dia acabar, com os seus olhos cegos e ensanguentados.*

Os olhos do selvagem estreitaram-se. Olhos cinzentos, olhos castanhos; Melisandre via a cor mudar a cada pulsação do rubi.

— Arrancar os olhos é obra do Chorão. O melhor dos corvos é o corvo cego, o gosta de dizer. Às vezes, acho que gostaria de arrancar os seus próprios olhos por andarem sempre a lacrimejar e a dar comichão. Snow anda a partir do princípio de que o povo livre vai se virar para Tormund para liderá-lo porque era isso que ele faria. Ele gostava de Tormund, e o velho intrujão também gostava dele. Mas se for o Chorão... não será bom. Nem para ele, nem para nós.

Melisandre anuiu solenemente, como se tivesse acolhido as palavras dele com seriedade, mas esse tal Chorão não importava. Ninguém do seu povo

livre importava. Eram um povo perdido, um povo condenado, destinado a desaparecer da face da terra como os filhos da floresta tinham desaparecido. Mas estas não eram palavras que ele quisesse ouvir, e ela não podia arriscar-se a perdê-lo, não naquele momento.

— Quão bem conhece o Norte?

Ele guardou a faca.

— Tão bem como qualquer patrulheiro. Algumas partes melhor do que outras. Há montes de Norte. Porquê?

— A menina — disse ela. — Uma menina de cinza num cavalo moribundo. Irmã do Jon Snow. — Quem mais poderia ser? Corria para junto dele em busca de proteção, pelo menos isso Melisandre vira com clareza. — Vi-a nas minhas chamas, mas só por uma vez. Temos de conquistar a confiança do Senhor Comandante, e a única maneira de fazer isso é salvando-a.

— Eu ir salvá-la, quer dizer? O Senhor dos Ossos? — riu-se. — Nunca ninguém confiou no Camisa de Chocalho, a não ser os idiotas. Snow não é tal coisa. Se a irmã precisa de ser salva, ele enviará os corvos dele. Era o que eu faria.

— Ele não é você. Proferiu os seus votos e tenciona viver segundo eles. A Patrulha da Noite não participa. Mas você não pertence à Patrulha da Noite. Podes fazer o que ele não pode.

— Se o seu rígido senhor comandante autorizar. Os seus fogos mostraram-na onde encontrar essa menina?

— Vi água. Profunda, azul e parada, com uma fina camada de gelo a formar-se sobre ela. Parecia prolongar-se até ao infinito.

— O Lago Longo. Que mais viu em volta da menina?

— Colinas. Campos. Árvores. Um veado. Pedras. Está se mantendo bem longe das aldeias. Quando pode cavalga ao longo do leito de pequenos riachos, para despistar os perseguidores.

Ele franziu o semblante.

— Isso tornará a coisa difícil. Disse que estava vindo para norte. O lago estava a leste ou a oeste dela?

Melisandre fechou os olhos, recordando.

— A oeste.

— Então não vem pela estrada de rei. Menina esperta. Há menos vigias do outro lado, e mais cobertura. E alguns esconderijos que eu próprio usei de vez... — interrompeu-se ao ouvir o som de um corno de guerra, e pôs-se

rapidamente em pé. Melisandre sabia que por todo o Castelo Negro o mesmo silêncio caíra, e todos os homens e rapazes se viraram para a Muralha, à escuta, à espera. Um sopro longo no corno queria dizer patrulheiros de regresso, mas dois...

Chegou o dia, pensou a sacerdotisa vermelha. *Agora, Lorde Snow terá de me dar ouvidos.*

Depois do longo e fúnebre grito do corno ter se desvanecido, o silêncio pareceu estender-se por uma hora.

— Então é só um. Patrulheiros.

— Patrulheiros mortos. — Melisandre também se pôs em pé. — Vai vestir os seus ossos e espera. Eu regressarei.

— Eu deveria ir com você.

— Não seja pateta. Depois de eles descobrirem o que descobrirão, ver um selvagem irá inflamá-los. Fica aqui até o sangue deles ter tempo para arrefecer.

Devan estava subindo os degraus da Torre do Rei quando Melisandre fez a sua descida, flanqueada por dois dos guardas que Stannis deixara com ela. O rapaz trazia numa bandeja o seu meio esquecido desjejum.

— Esperei até Hobb tirar os pães do forno, senhora. O pão ainda está quente.

— Deixe-o nos meus aposentos. — O selvagem o comeria, provavelmente. — Lorde Snow tem necessidade de mim, do outro lado da Muralha. — *Ele ainda não sabe, mas em breve...*

Lá fora, uma neve ligeira começara a cair. Uma multidão de corvos já se reunira junto do portão quando Melisandre e a sua escolta chegaram, mas abriram alas para a sacerdotisa vermelha. O Senhor Comandante precedera-a atravessando o gelo, acompanhado por Bowen Marsh e por vinte lanceiros. Snow também enviara uma dúzia de arqueiros para o topo da Muralha, para o caso de algum inimigo estar escondido na floresta próxima. Os guardas ao portão não eram homens da rainha, mas deixaram-na passar mesmo assim.

Estava frio e escuro debaixo do gelo, no estreito túnel que se curvava e serpenteava através da Muralha. Morgan foi à sua frente com um archote e Merrel seguiu atrás dela com um machado. Ambos os homens eram uns bêbados sem remédio, mas àquela hora da manhã estavam sóbrios. Homens da rainha, pelo menos em nome, ambos tinham um saudável medo dela, e Merrel podia ser terrível quando não estava bêbado. Não teria necessidade deles naquele dia, mas

Melisandre fazia questão de manter um par de guardas à sua volta, fosse para onde fosse. Isso enviava uma certa mensagem. O *aparato do poder*.

Quando os três emergiram a norte da Muralha, a neve estava caindo continuamente. Uma irregular manta branca cobria a terra rasgada e torturada que se estendia da Muralha ao limite da floresta assombrada. Jon Snow e os seus irmãos negros estavam reunidos em volta de três lanças a uns vinte metros de distância.

As lanças tinham dois metros e meio de comprimento e eram feitas de freixo. A da esquerda tinha uma ligeira curvatura, mas as outras duas eram lisas e direitas. No topo de cada uma estava empalada uma cabeça cortada. As barbas estavam cheias de gelo, e a neve que caía dera-lhes capuzes brancos. Onde os olhos tinham estado, só restavam órbitas vazias, buracos negros e sangrentos que olhavam para baixo numa acusação silenciosa.

— Quem eram? — perguntou Melisandre aos corvos.

— Jack Negro Bulwer, Hal Peludo e Garth Greyfeather — disse Bowen Marsh com solenidade. — O chão está meio congelado. Os selvagens devem ter levado metade da noite cravando as lanças tão profundamente. Ainda podem estar por perto. A observar-nos. — O Senhor Intendente semicerrou os olhos para a fileira de árvores.

— Podia estar uma centena deles ali — disse o irmão negro com a cara severa. — Podia estar um milhar.

— Não — disse Jon Snow. — Deixaram as suas prendas no cerrado da noite, e depois fugiram. — O enorme lobo gigante branco caminhou em volta das hastes, farejando, após o que levantou a pata e mijou na lança que sustentava a cabeça do Jack Negro Bulwer. — Fantasma apanharia o cheiro deles se ainda andassem por aqui.

— Espero que Chorão tenha queimado os corpos — disse o homem severo, aquele a quem chamavam Edd Doloroso. — Senão, podem vir à procura das cabeças.

Jon Snow agarrou na lança que sustentava a cabeça de Garth Greyfeather e arrancou-a violentamente do chão.

— Puxem as outras duas — ordenou, e quatro dos corvos apressaram-se a obedecer.

As bochechas de Bowen Marsh estavam vermelhas do frio.

— Nunca devíamos ter enviado patrulheiros para o exterior.

— Isto não é nem o local nem o momento para remexer nessa ferida. Aqui não, senhor. Agora não. — Aos homens que lutavam com as lanças, Snow disse: — Levem as cabeças e queime-as. Não deixe nada a não ser osso limpo. — Só então pareceu reparar em Melisandre. — Senhora. Venha comigo, por favor.

Finalmente.

— Se aprouver ao senhor comandante.

Enquanto caminhavam sob a Muralha, ela deu-lhe o braço. Morgan e Merrel seguiam à frente deles, Fantasma seguia-os. A sacerdotisa não falou, mas abrandou deliberadamente o passo, e onde passava o gelo começava a pingar. *Ele não deixará de reparar nisto.*

Sob a grade de ferro de um alçapão, Snow quebrou o silêncio, como ela soubera que quebraria.

— E os outros seis?

— Não os vi — disse Melisandre.

— Procurará?

— Claro, senhor.

— Recebemos um corvo de Sor Denys Mallister na Torre Sombria — disse-lhe Jon Snow. — Os seus homens viram fogueiras nas montanhas do outro lado da garganta. Selvagens reunindo-se, na opinião de Sor Denys. Pensa que vão outra vez tentar forçar passagem pela Ponte de Crânios.

— Alguns podem fazê-lo. — Poderiam os crânios na sua visão significar aquela ponte? Sem que soubesse por que, Melisandre achava que não. — Se vier, esse ataque não será mais do que uma manobra de diversão. Vi torres junto ao mar, submersas sob uma maré negra e sangrenta. Será aí que cairá o golpe mais pesado.

— *Atalaialeste?*

Seria? Melisandre vira Atalaialeste-do-Mar com o Rei Stannis. Foi alí que Sua Graça deixara a Rainha Selyse e a filha de ambos, Shireeen, quando reuniram os cavaleiros para a marcha para Castelo Negro. As torres no seu fogo tinham sido diferentes, mas era frequentemente assim que as coisas se passavam com as visões.

— Sim. Atalaialeste, senhor.

— Quando?

Ela abriu as mãos.

— Amanhã. Dentro de uma volta de Lua. Dentro de um ano. E pode ser que se agir possa evitar por completo aquilo que eu vi. — *De outra forma, para que serviriam as visões?*

— Ótimo — disse Snow.

A multidão de corvos do outro lado do portão inchara até duas vintenas quando saíram de debaixo da Muralha. Os homens aglomeraram-se muito juntos à volta deles. Melisandre conhecia alguns pelo nome; o cozinheiro, Hobb Três-Dedos, Mully com o seu oleoso cabelo cor-de-laranja, o rapaz estúpido chamado Owen Idiota, o bêbado Septão Celladar.

— É verdade, senhor? — disse Hobb Três-Dedos.

— Quem é? — perguntou o Owen Idiota. — Não é o Dywen, é?

— Nem Garth — disse o homem da rainha que Melisandre conhecia como Alf de Lamágua, um dos primeiros a trocar os seus sete falsos deuses pela verdade de R'hllor. — Garth é esperto demais pros selvagens.

— Quantos? — perguntou Mully.

— Três — disse-lhes Jon. — Jack Preto, Hal Peludo e Garth.

O Alf de Lamágua soltou um uivo suficientemente sonoro para despertar os dorminhocos na Torre Sombria.

— Põe-no na cama e enfia nele um pouco de vinho com especiarias — disse Jon ao Hobb Três-Dedos.

— Lorde Snow — disse Melisandre em voz baixa. — Quer vir comigo à Torre do Rei? Tenho mais informações a partilhar com você.

Ele fitou-a diretamente durante um longo momento com aqueles seus frios olhos cinzentos. A sua mão direita fechou-se, abriu-se, voltou a fechar-se.

— Como quiser. Edd, leva Fantasma para os meus aposentos.

Melisandre encarou aquilo como um sinal, e mandou também embora a sua guarda. Atravessaram juntos o pátio, só os dois. A neve caía a toda a volta. Caminhou o mais perto de Jon Snow que se atreveu, suficientemente perto para sentir a desconfiança que dele jorrava como um nevoeiro negro. *Ele não gosta de mim, nunca gostará, mas me usará. Muito bem.* Melisandre dançara a mesma dança com Stannis Baratheon, no início. Na verdade, o jovem senhor comandante e o seu rei tinham mais em comum do que qualquer um dos dois estaria algum dia disposto a admitir. Stannis fora um filho mais novo vivendo à sombra do irmão mais velho, tal como Jon Snow, de nascimento bastardo, sempre fora eclipsado pelo irmão legítimo, o herói caído a que os homens chamavam Jovem

Lobo. Ambos os homens eram por natureza descrentes, desconfiados, suspicazes. Os únicos deuses que realmente adoravam eram a honra e o dever.

— Não perguntou sobre a sua irmã — disse Melisandre enquanto subiam a escada em espiral da Torre do Rei.

— Já lhe disse. Não tenho irmãs. Colocamos de lado a família quando proferimos as palavras. Não posso ajudar Arya, por mais que...

Interrompeu-se quando entraram nos aposentos dela. O selvagem estava lá dentro, sentado à mesa, espalhando manteiga com o punhal num bocado irregular de pão morno e castanho. Melisandre ficou satisfeita por ver que o homem vestira a armadura de ossos. O crânio quebrado de gigante que era o seu elmo encontrava-se no banco de janela atrás de si.

Jon Snow ficou tenso.

— Você.

— Lorde Snow. — O selvagem sorriu-lhes com uma boca de dentes castanhos e quebrados. O rubi no seu pulso reluziu à luz da manhã como uma pálida estrela vermelha.

— O que estás você fazendo aqui?

— Quebrando o jejum. Pode partilhá-lo, se quiser.

— Não quebrarei pão com você.

— A perda é sua. O pão ainda está quente. Isso, pelo menos, Hobb consegue fazer. — O selvagem arrancou um pedaço. — Podia visita-lo com igual facilidade, senhor. Aqueles guardas à sua porta são uma piada de mau gosto. Um homem que trepou a Muralha meia centena de vezes consegue subir a uma janela com bastante facilidade. Mas de que me serviria mata-lo? Os corvos só escolheriam alguém pior. — Mastigou, engoliu.

— Ouvi falar dos seus patrulheiros. Devia ter me enviado com eles.

— Para poder denunciá-los ao Chorão?

— Estamos falando de traições? Como se chamava aquela vossa selvagem, Snow? Ygritte, não era? — o selvagem virou-se para Melisandre.

— Precisarei de cavalos. Meia dúzia de bons animais. E isto não é algo que possa fazer sozinho. Algumas das esposas de lanças encurraladas em Vila Toupeira devem servir. Mulheres servirão melhor para isto. É mais provável que a menina confie nelas, e elas me ajudarão a levar a cabo um certo truque que tenho em mente.

— Do que ele está falando? — perguntou Jon Snow.

— Da sua irmã. — Melisandre pousou-lhe a mão no braço. — Não pode ajudá-la, mas ele pode.

Snow afastou o braço bruscamente.

— Acho que não. Não conhece essa criatura. Camisa de Chocalho podia lavar as mãos cem vezes por dia e mesmo assim ficaria com sangue debaixo das unhas. Era mais provável violar e assassinar Arya do que salvá-la. Não. Se foi isto que viu nos seus fogos, senhora, deve ter cinzas nos olhos. Se ele tentar abandonar Castelo Negro sem a minha autorização, eu próprio lhe cortarei a cabeça.

Ele não me deixa alternativa. Assim seja.

— Devan, deixe-nos — disse, e o escudeiro escapuliu-se e fechou a porta atrás de si.

Melisandre tocou no rubi que tinha ao pescoço e proferiu uma palavra.

O som ecoou estranhamente nos cantos da sala, e torceu-se como um verme no interior dos ouvidos deles. O selvagem ouviu uma palavra, o corvo outra. Nenhuma era a palavra que lhe saiu dos lábios. O rubi no pulso do selvagem escureceu, e os farrapos de luz e sombra em volta dele contorceram-se e desvaneceram-se.

Os ossos ficaram; as costelas chacoalhantes, as garras e dentes ao longo dos seus braços e ombros, a grande clavícula amarelada que transportava aos ombros. O crânio quebrado de gigante continuou a ser um crânio quebrado de gigante, amarelelado e rachado, sorrindo o seu sorriso manchado e selvagem.

Mas o cabelo recuado nas têmporas dissolveu-se. O bigode castanho, o queixo nodoso, a pele macilenta e amarelada e os pequenos olhos escuros, tudo derreseu. Dedos cinzentos rastejaram através de longos cabelos castanhos. Rugas de riso apareceram-lhe aos cantos da boca. E de repente surgiu maior do que antes, mais largo de peito e ombros, de pernas longas e esguio, com a cara escanhoada e queimada pelo vento.

Os olhos de Jon Snow abriram-se mais.

— Mance?

— Lorde Snow. — Mance Rayder não sorriu.

— Ela queimou-lhe.

— Ela queimou o Senhor dos Ossos.

Jon Snow virou-se para Melisandre.

— Que feitiçaria é esta?

— Chame-lhe o que quiser. Encantamento, aparência, ilusão. R'hllor é Senhor da Luz, Jon Snow, e é concedida aos seus servos a capacidade de tecer com ela, como outros tecem com fio.

Mance Rayder soltou uma gargalhada.

— Eu também tinha as minhas dúvidas, Snow, mas porque não deixá-la tentar? Era isso ou deixar que Stannis me assasse.

— Os ossos ajudam — disse Melisandre. — Os ossos recordam. Os encantamentos mais fortes são feitos dessas coisas. As botas de um morto, uma madeixa de cabelo, um saco de ossos de dedos. Com palavras murmuradas e orações, a sombra de um homem pode ser puxada de coisas dessas e enrolada em volta de outro homem como um manto. A essência de quem a usa não muda, só a sua aparência.

Fazia com que aquilo parecesse coisa simples e fácil. Eles nunca precisariam de saber quão difícil foi, ou quanto lhe custara. Essa era uma lição que Melisandre aprendeu muito antes de Asshai; quanto mais fácil parecesse um feitiço, mais os homens temiam o feiticeiro. Quando as chamas tinham lambido Camisa de Chocalho, o rubi na sua garganta ficou tão quente que temeu que a sua pele pudesse começar a fumegar e a enegrecer. Felizmente o Lorde Snow a poupou dessa agonia com as suas setas. Enquanto Stannis se irritou com o desafio, ela estremeceu de alívio.

— O nosso falso rei tem um feitio melindroso — disse Melisandre a Jon Snow — mas não lhe trairá. Lembre-se de que nós temos o filho dele. E ele deve-lhe mesmo a vida.

— A mim? — Snow pareceu surpreendido.

— A quem haveria de ser, senhor? Só o sangue da sua vida podia pagar pelos seus crimes, segundo as suas leis, e Stannis Baratheon não é homem para ir contra a lei... mas como disse tão sabiamente, as leis dos homens terminam na Muralha. Eu disse-lhe que o Senhor da Luz ouviria as suas preces. Queria uma maneira de salvar a sua irmã e continuar a manter-se fiel à honra que tanto significa para ti, aos juramentos que proferiu perante o seu deus de madeira. — Apontou com um dedo pálido. — Ali está ele, senhor. O salvamento de Arya. Um presente do Senhor da Luz... e meu.

FEDOR

Ouviu primeiro as mulheres, ladrando enquanto corriam para casa. O tamborilar dos cascos dos cavalos ecoando em lajes o colocou em pé com um salto, com as correntes retinindo. Aquela que tinha entre os tornozelos não tinha mais de trinta centímetros de comprimento, encurtando-lhe o passo até o transformar num arrastar de pés. Assim era difícil mexer-se depressa, mas tentou o melhor possível, saltitando da enxerga num estridor de metal. Ramsay Bolton regressara e quereria o seu Fedor à mão para servi-lo.

Lá fora, sob um frio céu outonal, os caçadores estavam jorrando pelos portões. Ben Ossos seguia à frente, com as mulheres ladrando e latindo a toda a sua volta. Atrás vinha Esfolador, Alyn Azedo e Damon Dança-Para-Mim com o seu longo chicote oleado, e depois os Walders montando os potros cinzentos que a Senhora Dustin lhes dera. Sua senhoria montava Sangue, um garanhão vermelho com uma personalidade que se adequava à do cavaleiro. Estava rindo. Fedor sabia que isso podia ser muito bom ou muito mau.

Os cães caíram-lhe em cima antes de conseguir perceber qual das duas opções era a certa, atraídos pelo seu odor. Os cães gostavam do Fedor; era mais frequente dormir com eles do que não, e por vezes Ben Ossos deixava-o partilhar do jantar deles. A matilha correu pelas lajes ladrando, rodeando-o, saltando para lhe lamber a cara imunda, mordiscando-lhe as pernas. Helicent tomou-lhe a mão esquerda entre os dentes e sacudiu-a com tal violência que Fedor temeu perder mais dois dedos. A Jeyne Vermelha atirou-se-lhe contra o peito e derrubou-o. Era músculo duro e esguio, enquanto Fedor era pele cinzenta e solta e ossos quebradiços, um esfomeado de cabelo branco.

Os cavaleiros estavam desmontando quando ele empurrou a Jeyne Vermelha de cima de si e se pôs de joelhos com dificuldade. Duas dúzias de cavaleiros tinham saído e duas dúzias haviam regressado, o que queria dizer que a busca fora um fracasso. Isso era ruim. Ramsay não gostava do sabor do fracasso. *Ele vai querer magoar alguém.*

Nos últimos tempos o seu senhor forçara-se a se conter, pois Vila Acidentada estava cheia de homens de que a Casa Bolton precisava e Ramsay sabia ter cuidado junto dos Dustin, dos Ryswell e dos outros fidalgos. Com eles era sempre cortês e sorridente. O que era por trás de portas fechadas era outra coisa.

Ramsay Bolton estava trajado como era próprio do senhor de Boscorno e do herdeiro do Forte do Pavor. O seu manto era feito de peles de lobo cosidas umas às outras, e aquilo que o fechava contra o frio de outono eram os dentes amarelecidos da cabeça de lobo que usava ao ombro direito. A uma anca usava uma cimitarra, cuja lâmina era tão grossa e pesada como um cutelo; à outra anca trazia um longo punhal e uma pequena e curva faca de esfolar de ponta em gancho e um fio aguçado como uma navalha. Todas as três lâminas tinham cabos de osso amarelo a condizer.

— Fedor — chamou sua senhoria de cima da grande sela de Sangue — você fede. Consigo cheirar-lhe do outro lado do pátio.

— Eu sei senhor — teve Fedor de dizer. — Peço-lhe perdão.

— Trouxe-lhe um presente. — Ramsay torceu-se, estendeu a mão para trás de si, puxou qualquer coisa da sela e arremessou-a. — Agarra!

Entre a corrente, as grilhetas e os seus dedos em falta, Fedor era mais desastrado do que fora antes de aprender o seu nome. A cabeça atin-giu-lhe as mãos mutiladas, ressaltou nos tocos dos seus dedos e aterrou a seus pés, numa chuva de larvas. Estava tão coberta de sangue seco que se tornava irreconhecível.

— Eu disse-lhe para a agarrares — disse Ramsay. — Apanha-a.

Fedor tentou erguer a cabeça pela orelha. Não resultou. A carne estava verde e pútrida e a orelha rasgou-se-lhe entre os dedos. O Walder Pequeno riu-se, e um momento mais tarde todos os outros homens estavam também a rir.

— Oh, deixa-o em paz — disse Ramsay. — Trata só do Sangue. Cavalguei duramente o sacana.

— Sim, senhor. Eu trato. — Fedor dirigiu-se apressadamente para o cavalo, deixando a cabeça cortada para os cães.

— Hoje cheira a merda de porco, Fedor — disse Ramsay.

— Nele, isso é uma melhoria — disse Damon Dança-Para-Mim, sorrindo enquanto enrolava o chicote.

Walder Pequeno saltou da sela.

— Também pode tratar do meu cavalo, Fedor. E do cavalo do meu primo.

— Eu cuido do meu próprio cavalo — disse o Walder Grande. O Walder Pequeno transformara-se num assistente do Lorde Ramsay, e tornava-se mais parecido com ele todos os dias, mas o Frey menor era feito de outro material e raramente participava dos jogos e crueldades do primo.

Fedor não ligou aos escudeiros. Levou Sangue para os estábulos, saltando para o lado quando o garanhão tentou escoiceá-lo. Os caçadores entraram no palácio a passos largos, todos menos Ben Ossos, que praguejava com os cães para tentar fazer com que parassem de lutar pela cabeça cortada.

Walder Grande seguiu-o para os estábulos, levando a montaria pela arreata. Fedor deitou-lhe uma olhadela enquanto tirava o freio a Sangue.

— Quem era? — disse em voz baixa para que os outros moços de estrebaria não ouvissem.

— Ninguém. — Walder Grande tirou a sela ao seu cavalo cinzento. — Um velho que encontramos na estrada, nada mais. Conduzia uma velha cabra de criação e quatro cabritos.

— Sua senhoria matou-o pelas cabras?

— Sua senhoria matou-o por ter lhe chamado Lorde Snow. Mas as cabras eram boas. Mugimos a mãe e assamos os cabritos.

Lorde Snow. Fedor anuiu, fazendo tinir as correntes enquanto lutava com as correias da sela de Sangue. *Seja qual for o nome que lhe dê, Ramsay não é homem com quem se estar quando está furioso. Ou quando não está.*

— Encontrou os seus primos, senhor?

— Não. Nunca achei que encontrássemos. Estão mortos. Lorde Wyman mandou matá-los. Era o que eu teria feito se fosse ele.

Fedor nada disse. Havia coisas que não era seguro dizer, nem mesmo nos estábulos com sua senhoria no salão. Uma palavra errada podia custar-lhe outro dedo do pé, até um da mão. *Mas a língua não. Ele nunca me cortará a língua. Gosta de me ouvir a suplicar para me poupar à dor. Gosta de me obrigar a dizê-lo.*

Os cavaleiros tinham passado dezesseis dias na caçada, apenas com pão duro e carne salgada para comer, à parte o ocasional cabrito roubado, por isso Lorde Ramsay ordenou que um banquete fosse organizado para celebrar o seu regresso a Vila Acidentada. O anfitrião, um pequeno senhor grisalho e maneta que dava pelo nome de Harwood Stout, sabia que não era boa ideia dizer-lhe que não, se bem que por aquela altura as suas despensas devessem estar praticamente vazias. Fedor ouvira os criados de Stout resmungando sobre o modo como o Bastardo e os seus homens andavam devorando as provisões de inverno.

— Dizem que ele vai dormir com a miudinha do Lorde Eddard — protestara a cozinheira de Stout sem saber que Fedor estava à escuta — mas

quem vai ficar fodido quando as neves chegarem havemos de ser nós, tome nota do que eu digo.

Contudo, Lorde Ramsay decretara um banquete, portanto seria um banquete que teriam de ter. Mesas foram montadas no salão de Stout, um boi foi abatido, e nessa noite, enquanto o Sol se punha, os caçadores de mãos vazias comeram peças de lombo e costeletas, pão de cevada, um purê de cenoura e ervilha, empurrando tudo para baixo com quantidades prodigiosas de cerveja.

Recaiu sobre Walder Pequeno a tarefa de manter cheia a taça do Lorde Ramsay, enquanto Walder Grande servia os outros sentados na mesa elevada. Fedor estava acorrentado junto das portas para que o seu odor não fizesse com que os convivas perdessem o apetite. Comeria mais tarde quaisquer restos que Lorde Ramsay pensasse em enviar-lhe. Os cães, contudo, tinham o direito de percorrer o salão, e forneceram o melhor divertimento da noite quando Maude e a Jeyne Cinzenta se atiraram a um dos cães de caça do Lorde Stout por causa de um osso especialmente rico em carne que o Will Curto lhes atirara. Fedor foi o único homem no salão que não viu os três cães lutar. Manteve os olhos fixos em Ramsay Bolton.

A luta não terminou até que o cão do anfitrião estivesse morto. O velho cão de caça de Stout nunca tivera a menor hipótese. Fora um contra dois, e as cadelas de Ramsay eram jovens, fortes e selvagens. Ben Ossos, que gostava mais dos cães do que o dono, dissera a Fedor que todos tinham os nomes de camponesas que Ramsay caçara, violara e matara na época em que ainda era bastardo e andava com o primeiro Fedor.

— Aquelas que lhe dão boa luta, pelo menos. As que choram e suplicam e não fogem não conseguem voltar como cadelas. — Fedor não duvidava de que a ninhada seguinte a sair dos canis do Forte do Pavor iria incluir uma Kyra. — Ele treinou-as tamêm pra matar lobos — confidenciara o Ben Ossos. Fedor nada disse. Sabia que lobos as meninas se destinavam a matar, mas não tinha qualquer desejo de vê-las a lutar pelo seu dedo cortado.

Dois criados estavam levando para fora do salão a carcaça do cão morto e uma velha foi buscar uma escova, um ancinho e um balde para lidar com a palha ensopada de sangue, quando as portas do salão se abriram num rompante de vento e uma dúzia de homens com cotas de malha cinzentas e meios-elmos de ferro a atravessou a passos largos, passando ao encontrão pelos jovens e macilentos guardas de Stout com as suas brigantinas de couro e mantos dourados e castanhos-avermelhados. Um súbito silêncio dominou os convivas... todos

menos Lorde Ramsay, que deitou fora o osso que estivera roendo, limpou a boca na manga, fez um sorriso gorduroso de lábios úmidos e disse:

— Pai.

— O Senhor do Forte do Pavor deitou um relance ocioso aos restos do banquete, ao cão morto, às colgaduras nas paredes, a Fedor e às suas grilhetas.

— Fora — disse aos convidados, numa voz baixa como um murmúrio. — Já. Todos vocês.

Os homens do Lorde Ramsay afastaram-se das mesas, abandonando taças e trinchos. Ben Ossos gritou às cadelas, e estas seguiram a trote atrás dele, algumas ainda com ossos nas maxilas. Harwood Stout fez uma mesura rígida e abandonou o salão sem uma palavra.

— Libertea o Fedor e leva-o contigo — rosnou Ramsay ao Alyn Azedo, mas o pai acenou com uma mão pálida e disse:

— Não, deixe-o aqui.

Até os guardas do Lorde Roose se retiraram, fechando as portas atrás deles. Quando o eco morreu, Fedor deu por si sozinho no salão com os dois Bolton, pai e filho.

— Não encontrou os nossos Frey desaparecidos. — Da maneira que Roose Bolton o disse, era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Cavalgamos até ao local onde o Lorde Lampreia afirma que se separaram, mas as cadelas não conseguiram encontrar nenhum rasto.

— Perguntou por eles em aldeias e em fortes.

— Um desperdício de palavras. Pelo que se vê, os camponeses bem podiam ser cegos. — Ramsay encolheu os ombros. — Importa? O mundo não sentirá falta de uns quantos Frey. Há fartura deles lá em baixo nas Gêmeas, se alguma vez precisarmos de um.

Lorde Roose arrancou um pequeno bocado de uma côdea de pão e comeu-o.

— Hosteen e Aenys estão preocupados.

— Eles que vão à procura, se quiserem.

— Lorde Wyman culpa-se. Segundo ele diz, tinha ganho particular amizade por Rhaegar.

Lorde Ramsay estava ficando irado. Fedor via-o na sua boca, na posição daqueles lábios grossos, no modo como os tendões se lhe projetavam do pescoço.

— Os idiotas deviam ter ficado com Manderly.

Roose Bolton encolheu os ombros.

— A liteira do Lorde Wyman avança a passo de caracol... e claro que a saúde e tamanho de sua senhoria não lhe permitem viajar durante mais de algumas horas por dia, com paragens frequentes para refeições. Os Frey estavam ansiosos por chegar a Vila Acidentada e reunirem-se à família. Pode censurá-los por cavalgarem em frente?

— Se é que foi isso que fizeram. Acredita em Manderly?

Os olhos claros do pai cintilaram.

— Dei-lhe essa impressão? Seja como for. Sua senhoria está muito perturbado.

— Não tão perturbado que não consiga comer. O Lorde Porco deve ter trazido consigo metade da comida de Porto Branco.

— Quarenta carroças cheias de provisões. Barris de vinho e hipocraz, barricas de lampreias pescadas frescas, um rebanho de cabras, cem porcos, caixotes de camarões e ostras, um monstruoso bacalhau... o Lorde Wyman gosta de comer. Talvez tenha reparado.

— Eu reparei foi em não ter trazido reféns.

— Também reparei nisso.

— Que tenciona fazer a respeito?

— É uma situação difícil. — Lorde Roose descobriu uma taça vazia, limpou-a com a toalha de mesa e encheu-a a partir de um jarro. — Manderly não é o único a organizar banquetes, segundo parece.

— Devía ter sido o senhor a organizar o banquete, para saudar o meu regresso — queixou-se Ramsay — e devia ter sido no Solar Acidentado, não neste penico de castelo.

— O Solar Acidentado e as suas cozinhas não são meus para deles dispor — disse o pai com brandura, — Lá sou apenas um hóspede. O castelo e a vila pertencem à Senhora Dustin, e ela não lhe suporta.

A cara de Ramsay escureceu.

— Se eu lhe cortar-lhe as mamas e as der a comer às minhas cadelas, passará a me suportar? Me suportará se lhe arrancar a pele para fazer um par de botas para mim?

— É improvável. E essas botas sairiam caras. Nos custariam Vila Acidentada, a Casa Dustin e os Ryswell. — Roose Bolton sentou-se à mesa na frente do filho. — Barbrey Dustin é a irmã mais nova da minha segunda esposa, filha de Rodrik Ryswell, irmã de Roger, Rickard e do meu homônimo Roose,

prima dos outros Ryswell. Gostava do meu falecido filho, e suspeita de que desempenhou algum papel no seu falecimento. A Senhora Barbrey é uma mulher que sabe como alimentar rancores. Fica grato por isso. Vila Acidentada é leal aos Bolton em boa parte porque ela ainda culpa Ned Stark pela morte do marido.

— *Leal*[7]. — Ramsay fervia. — Ela não faz nada além de cuspir em mim. Há de chegar o dia em que eu pego fogo à sua preciosa vila de madeira. Ela que cuspa nisso, e ver se apaga as chamas.

Roose tez uma careta, como se a cerveja que estava bebendo tivesse de súbito se tornado amarga.

— Há vezes em que faz com que eu duvide se é realmente da minha semente. Os meus antepassados foram muitas coisas, mas nunca idiotas. Não, agora cale-se, já ouvi o suficiente. De momento parecemos fortes, sim. Temos amigos poderosos nos Lannister e nos Frey, e o apoio pouco entusiástico da maior parte do Norte... mas o que imagina você que vai acontecer quando um dos filhos de Ned Stark aparecer?

Os *filhos de Ned Stark estão mortos*, pensou Fedor. *Robb foi assassinado nas Gêmeas, e Bran e Rickon... mergulhamos as cabeças em alcatrão...* Sentia a cabeça latejando. Não queria pensar em nada que tivesse acontecido antes de saber o seu nome. Havia coisas que doíam muito para recordar, pensamentos quase tão dolorosos como a faca de esfolar de Ramsay...

— Os lobinhos Stark estão mortos — disse Ramsay, despejando mais cerveja na sua taça — e vão ficar mortos. Eles que mostrem as suas feias caras, que as minhas cadelas fazem em bocados aqueles seus lobos. Quanto mais depressa aparecerem, mais depressa volto a matá-los.

O Bolton mais velho suspirou.

— *Voltas* a matá-los? Certamente que se enganou. Você não matou os filhos do Lorde Eddard, esses dois queridos rapazinhos de que tanto gostávamos. Isso foi obra do Theon Vira-Casaca, lembra-se? Quantos dos nossos pouco entusiásticos amigos imagina que conservaríamos se a verdade se soubesse? Só a Senhora Barbrey, a qual gostaria de transformar num par de botas... de botas de *fraca qualidade.* A pele humana não é tão dura como a de vaca e não duraria tanto. Por decreto do rei, é agora um Bolton. Tenta agir como tal. Contam-se histórias sobre você, Ramsay. Ouço-as por todo lado. As pessoas têm medo de você.

— Ótimo.

— Engana-se. Não é ótimo. Nunca houve histórias sobre mim. Acha que estaria aqui sentado se assim não fosse? Os seus divertimentos são seus, não lhe vou ralhar por causa deles, mas tem de ser mais discreto. Uma terra pacífica, um povo calmo. Sempre foi esse o meu governo. Transforma-o em seu.

— Foi para isso que abandonou a Senhora Dustin e a porca da sua esposa gorda? Para poder vir até aqui e aconselhar-me a ficar *calmo?*

— De modo algum. Há notícias que precisa ouvir. Lorde Stannis finalmente abandonou a Muralha.

Aquilo quase pôs Ramsay em pé, com um sorriso reluzindo nos lábios grossos e úmidos.

— Marcha sobre o Forte do Pavor?

— Não, infelizmente. Arnolf não compreende. Jura que fez tudo o que pôde para armar a ratoeira.

— Tenho dúvidas. Coça um Karstark, e encontrará um Stark.

— Depois da coçadinha que o Jovem Lobo deu ao Lorde Rickard, isso pode ser de certa forma menos verdadeiro do que anteriormente. Mas seja como for. Lorde Stannis tirou Bosque Profundo das mãos dos homens de ferro e devolveu o castelo à Casa Glover. Pior, os clãs da montanha juntaram-se a ele, os Wull, os Norrey, os Liddle e os outros. A força dele está crescendo.

— A nossa é maior.

— Agora é.

— Agora é o momento de esmagá-lo. Deixe-me marchar sobre Bosque Profundo.

— Depois de se casar.

Ramsay baseu com a taça na mesa e os restos da cerveja entraram em erupção para cima da toalha.

— Estou farto de esperar. Temos uma menina, temos uma árvore e temos lordes suficientes para servirem de testemunhas. Caso-me com ela amanhã, planto-lhe um filho entre as pernas, e ponho-me em marcha antes de o seu sangue de donzela ter secado.

Ela rezará para lhe por em marcha, pensou Fedor, *e rezará para nunca voltar para a sua cama.*

— Plantará nela um filho — disse Roose Bolton — mas não será aqui. Decidi que vai casar com a menina em Winterfell.

A ideia não pareceu agradar ao Lorde Ramsay.

— Eu devastei Winterfell, será que se esqueceu?

— Não, mas parece que você se esqueceu... foram os *homens de ferro* a devastar Winterfell, e a massacrar toda a sua gente. Theon Vira-Casaca.

Ramsay deu a Fedor uma olhada desconfiada.

— Pois, é verdade, mas ainda assim... um casamento naquela ruína?

— Mesmo arruinado e quebrado, Winterfell continua a ser o lar da Senhora Arya. Que melhor lugar para casar com ela, dormir com ela e afirmar a sua pretensão? Mas isso é só metade da ideia. Seríamos uns tolos se marchássemos contra Stannis. Que Stannis marche contra nós. Ele é muito cauteloso para vir a Vila Acidentada... mas *tem* de ir a Winterfell. Os seus homens dos clãs não abandonarão a filha do seu precioso Ned nas mãos de alguém como você. Stannis tem de marchar, caso contrário os perderá. .. e sendo o comandante cauteloso que é, convocará todos os seus amigos e aliados quando se puser em marcha. Convocará Arnolf Karstark.

Ramsay lambeu os lábios gretados.

— E nós ficaremos com ele na mão.

— Se os deuses desejarem. — Roose pôs-se em pé. — Vai se casar em Winterfell. Informarei os senhores de que nos poremos em marcha dentro de três dias e os convidarei a acompanhar-nos.

— É o Protetor do Norte. Ordene-lhes.

— Um convite terá o mesmo resultado. O poder sabe melhor quando é adoçado pela cortesia. É melhor que aprenda isso se quer ter esperança de governar. — O Senhor do Forte do Pavor deu uma olhada a Fedor. — Ah, e tira as correntes do seu animal de estimação. Vou levá-lo.

— Levá-lo? Para onde? Ele é meu. Não pode ficar com ele.

Roose pareceu divertido com aquilo.

— Tudo o que você tem fui eu que lhe dei. Faria bem em lembrar-se disso, bastardo. E quanto a este... Fedor... se não o arruinou irrecuperavel- mente, ainda pode vir a ter alguma utilidade para nós. Vai buscar as chaves e tira-lhe aquelas correntes antes de fazer com que me arrependa do dia em que violei a sua mãe.

Fedor viu o modo como a boca de Ramsay se torceu, a saliva reluzindo nos lábios. Temeu que ele pudesse pular a mesa de punhal na mão. Mas em vez disso ficou muito corado, afastou os olhos claros dos olhos ainda mais claros do pai, e foi buscar as chaves. Mas quando ajoelhou para desprender as grilhetas que rodeavam os pulsos e tornozelos do Fedor, aproximou-se e murmurou:

— Não lhe diga nada e lembra-se de cada palavra que ele disser. Vou ter-lhe de volta, independentemente do que aquela cadela da Dustin possa lhe dizer. Quem é?

— Sou Fedor, senhor. O seu homem. Sou Fedor, rima com pavor.

— Pois rima. Quando o meu pai lhe trouxer de volta, vou tirar-lhe outro dedo. Deixo-lhe escolher qual.

Sem serem chamadas, lágrimas começaram a correr-lhe pela cara abaixo.

— *Porquê*? — chorou, com a voz se quebrando. — Eu não pedi para ele me levar. Eu faço tudo o que quiser, sirvo, obedeço, eu... por favor, não...

Ramsay esbofeteou-o.

— Leve-o — disse ao pai. — Nem sequer é um homem. O cheiro que deixa me dá volta no estômago.

A Lua estava erguendo-se por cima das muralhas de madeira de Vila Acidentada quando saíram para o exterior. Fedor conseguia ouvir o vento varrendo as planícies onduladas para lá da vila. Era menos de uma milha a distância entre o Solar Acidentado e a modesta fortaleza de Harwood Stout ao lado dos portões orientais. Lorde Bolton ofereceu-lhe um cavalo.

— Consegue cavalgar?

— Eu... senhor, eu... acho que sim.

— Walton, ajude-o a montar.

Mesmo sem grilhetas, Fedor mexia-se.como um velho. A pele pendia solta dos seus ossos, e Alyn Azedo e Ben Ossos diziam que ele tinha tiques. E o cheiro... até a égua que tinham trazido para ele se afastou quando tentou montar.

Mas era um cavalo simpático, e sabia o caminho até ao Solar Acidentado. Lorde Bolton pôs-se a seu lado ao atravessarem o portão. Os guardas deixaram-se ficar para trás a uma distância discreta.

— Como quer que o chame? — perguntou o senhor enquanto trotavam pelas ruas largas e retas de Vila Acidentada.

Fedor, eu sou o Fedor, rima com tambor.

—Fedor — disse — se agradar ao senhor.

— Senhor. — *Os lábios de Roose Bolton separaram-se só o suficiente para mostrar meio centímetro de dentes. Podia ter sido um sorriso.*

Fedor não compreendeu.

— Senhor? Eu disse...

— ... Senhor, quando devia ter dito senhor. A língua denuncia-lhe o nascimento a cada palavra que diz. Se quer soar como um camponês como deve ser, diga a palavra como se tivesse lama na boca ou como se fosse muito estúpido para que percebeba de que existe ali uma vogal.

— Se agradar ao... senhor.

— Melhor. O fedor que deixa *é* bastante horrível.

— Sim, Senhor. Peço-lhe perdão, Senhor.

— Por quê? O modo como cheira é obra do meu filho, não sua. Estou bem consciente disso. — Passaram por um estábulo e por uma estalagem de portadas fechadas, com um molho de trigo pintado na tabuleta. Fedor ouviu música que vinha das janelas da estalagem. — Eu conheci o primeiro Fedor. Ele fedia, mas não era por falta de se lavar. Em boa verdade, nunca conheci criatura mais limpa. Tomava banho três vezes por dia e usava flores no cabelo como se fosse uma donzela. Uma vez, quando a minha segunda esposa ainda estava viva, foi apanhado roubando perfume do seu quarto. Mandei-o chicotear por causa disso, uma dúzia de vergastadas. Até o sangue tinha o cheiro errado. No ano seguinte, ele voltou a tentar. Desta vez bebeu o perfume e quase morreu por causa disso. De nada serviu. O cheiro era uma coisa com que tinha nascido. Unia maldição, segundo os plebeus. Os deuses tinham-no feito feder para que os homens soubessem que tinha a alma apodrecendo. O meu velho meistre insistia que era sinal de doença, mas, tirando o cheiro, o rapaz era forte como um touro jovem. Ninguém conseguia aguentar ficar ao pé dele, portanto dormia com os porcos... até ao dia em que a mãe de Ramsay apareceu aos meus portões exigindo que eu arranjasse um criado para o meu bastardo, que estava crescendo selvagem e indisciplinado. Dei-lhe o Fedor. A ideia era divertir-me, mas ele e Ramsay tornaram-se inseparáveis. Às vezes pergunto-me... terá sido Ramsay a corromper o Fedor ou o Fedor a Ramsay? — Sua senhoria deu ao novo Fedor um relance com olhos tão claros e estranhos como duas luas brancas. — O que estava ele sussurrando quando lhe desacorrentou?

— Ele... ele disse... — *Disse para não lhe dizer nada.* As palavras ficaram-lhe presas na garganta e começou a tossir e a sufocar.

— Respire fundo. Eu sei o que ele disse. Deve me espiar e guardar os segredos dele. — Bolton soltou um risinho. — Como se ele tivesse segredos. Alyn Azedo, Luton, Esfolador e os outros, de onde julga que eles vêm? Poderá realmente acreditar que são homens *seus?*

— Homens seus — ecoou Fedor. Pareceu-lhe que se esperava dele algum comentário, mas não soube o que dizer.

— O meu bastardo alguma vez vos contou como o arranjei?

— Isso ele *sabia*, para seu alívio.

— Sim, se... *senhor*. Encontrou a mãe dele enquanto passeava a *cavalo e ficou encantado pela sua beleza.*

— Encantado? — Bolton riu. — Ele usou essa palavra? Ora, o rapaz tem uma alma de cantor... se bem que se você acredita nessa canção pode bem ser ainda mais obtuso do que o primeiro Fedor. Até a parte do passeio está errada. Andava caçando uma raposa ao longo das Águas Chorosas quando encontrei um moinho e vi uma jovem lavando roupa no ribeiro. O velho moleiro tinha arranjado uma mulher nova, uma menina que não tinha nem metade da idade dele. Era uma criatura alta e esbelta, com um ar muito *saudável*. Pernas compridas e seios pequenos e firmes, como duas ameixas maduras. Bonita, de uma forma comum. No momento em que pus os olhos nela, desejei-a. Era o meu direito. Os meistres dirão que o Rei Jaehaerys aboliu o direito do senhor à primeira noite para aplacar a rabugenta da sua rainha, mas onde os deuses antigos dominam, os velhos costumes resistem. Os Umber também mantém a primeira noite, por mais que possam negar. Alguns dos clãs das montanhas também, e em Skagos... bem, só as árvores coração veem metade do que eles fazem em Skagos.

Este casamento do moleiro tinha sido levado a cabo sem a minha licença e conhecimento. O homem tinha-me aldrabado. Portanto, mandei enforcá-lo, e reclamei os meus direitos à sombra da árvore de onde ele balançava. Em boa verdade, a mulher mal valia a corda. A raposa também escapou e, no caminho de regresso ao Forte do Pavor, o meu corcel preferido ficou coxo, portanto, tudo somado, o dia foi horrível.

Um ano mais tarde, a mesma mulher teve o desplante de aparecer no Forte do Pavor com um monstro de cara vermelha que não parava de guinchar e que ela afirmava ser de minha descendência. Devia ter mandado chicotear a mãe e atirado o filho a um poço... mas o bebê *tinha* os meus olhos. Ela disse-me que quando o irmão do marido morto viu esses olhos baseu-lhe até fazer sangue e correu com ela do moinho. Isso me aborreceu, então dei-lhe o moinho e mandei cortar a língua do irmão, para me assegurar de que não correria para Winterfell com histórias que pudessem perturbar o Lorde Rickard. Todos os anos enviei à mulher uns leitões, umas galinhas e um saco de estrelas, com a condição de ela

nunca dizer ao rapaz quem era o seu pai. Uma terra pacífica, um povo pacífico, sempre foram essas as minhas regras.

— Boas regras, Senhor.

— Mas a mulher me desobedeceu. Veja o que Ramsay é. Foi ela que o fez assim, ela e o Fedor, sempre a murmurarem-lhe aos ouvidos sobre os seus direitos. Ele devia ter-se contentado em moer cereais. Será que pensa mesmo que alguma vez poderá governar o Norte?

— Ele luta por você — disse apressadamente Fedor. — É forte.

— Os touros são fortes. Os ursos. Eu vi o meu bastardo lutar. Não é inteiramente culpa dele. O seu tutor foi Fedor, o primeiro Fedor, e o Fedor nunca tinha sido treinado com as armas. O Ramsay é feroz, isso admito, mas brande aquela espada como um carniceiro cortando carne.

— Ele não tem medo de ninguém, Senhor.

— Devia ter. O medo é o que mantém um homem vivo neste mundo de traições e enganos. Até aqui em Vila Acidentada, os corvos voam em círculos, à espera de se banquetearem com a nossa carne. Os Cerwyn e os Tallhart não são dignos de confiança, o meu amigo gordo, o Lorde Wyman, planeja traições, e o Terror das Rameiras... os Umber podem parecer simplórios, mas não lhes falta uma certa baixa astúcia. Ramsay devia temers a todos, como eu temo. Da próxima vez que o vir, diga-lhe isso.

— Dizer-lhe... dizer-lhe para ter medo? — Fedor sentiu-se doente só de pensar em tal coisa. — Senhor, eu... se eu fizesse isso, ele...

— Eu sei. — Lorde Bolton suspirou. — O sangue dele é mau. Precisa de ser sangrado. As sanguessugas sugam o sangue mau, toda a raiva e a dor. Nenhum homem consegue pensar assim tão cheio de raiva. Mas Ramsay... temo que o seu sangue maculado até sanguessugas envenenaria.

— Ele é o seu único filho.

— Agora é. Tive outro em tempos. Domeric. Um rapaz calmo, mas muito talentoso. Serviu durante quatro anos como pajem da Senhora Dustin, e três no Vale como escudeiro do Lorde Redfort. Tocava harpa vertical, lia histórias e cavalgava como o vento. Cavalos... o rapaz era louco por cavalos, a Senhora Dustin há de dizer-lhe. Nem mesmo a filha do Lorde Rickard conseguia ganhar-lhe em cavalgada, e essa era ela própria meio equina. Redfort dizia que ele se mostrava muito promissor nas liças. Um grande justador tem de começar por ser um grande cavaleiro.

— Sim, Senhor. Domeric. Eu... eu ouvi o nome dele...

— Ramsay matou-o. Uma doença das tripas, segundo diz o Meistre Uthor, mas eu digo que foi veneno. No Vale, Domeric desfrutava da companhia dos filhos de Redfort. Queria um irmão a seu lado, portanto cavalgou até Águas Chorosas para procurar o meu bastardo. Eu o proibi, mas Domeric era um homem feito e achava-se mais sabedor do que o pai. Agora, os seus ossos jazem debaixo do Forte do Pavor com os ossos dos irmãos que morreram ainda no berço, e eu tenho de me contentar com Ramsay. Diga-me, senhor... se o assassino de parentes é maldito, que deve fazer um pai quando um filho mata outro?

A pergunta assustou-o. Em tempos, ouvira Esfolador dizer que o Bastardo tinha matado o irmão legítimo, mas nunca se atrevera a acreditar nisso. *Ele pode estar enganado. Os irmãos às vezes morrem, isso não quer dizer que tenham sido mortos. Os meus irmãos morreram, e eu não os matei.*

— O senhor tem uma nova esposa para lhe dar filhos.

— E o meu bastardo não vai adorar isso? A Senhora Walda é uma Frey, e tem um ar fértil. Ganhei uma estranha amizade pela minha mulherzinha gorda. As duas antes dela nunca faziam um som na cama, mas esta guincha e estremece. Acho isso muito encantador. Se puser filhos aqui fora como enfia tartes lá dentro, o Forte do Pavor depressa ficará enxameado de Boltons. Ramsay matará a todos, claro. Ainda bem. Não viverei o suficiente para acompanhar mais filhos até serem homens, e senhores rapazes são a perdição de qualquer Casa. Mas Walda sofrerá por vê-los morrer.

Fedor tinha a garganta seca. Conseguia ouvir o vento sacudir os ramos nus dos ulmeiros que bordejavam a rua.

— Senhor, eu...

— *Senhor*, lembra-se?

— Senhor. Se puder perguntar... porque foi que me quis? Não presto para ninguém, nem sequer sou um homem, estou quebrado, e... o cheiro...

— Um banho e uma troca de roupa irão melhorar-lhe o cheiro.

— Um banho? — Fedor sentiu as tripas apertadas. — Eu... eu preferia que não, Senhor. Por favor. Tenho... ferimentos, eu... e esta roupa, o Lorde Ramsay me deu, ele... ele disse que eu não podia nunca tirá-la exceto por suas ordens...

— Está usando farrapos — disse Lorde Bolton, com grande paciência. — Coisas imundas, rasgadas, manchadas e fedendo a sangue e urina. E pouco espessas. Deve ter frio. Vamos pôr-lhe dentro de lã de ovelha, suave e quente. Talvez um manto forrado de peles. Gostaria disso?

— Não. — Não podia deixar que lhe tirassem a roupa que Lorde Ramsay lhe dera. Não podia deixar que o *vissem.*

— Prefere vestir-se de seda e veludo? Lembro-me de que houve um tempo em que gostava dessas coisas.

— *Não* — insistiu, esganiçado. — Não, só quero esta roupa. A roupa do Fedor. Eu sou o Fedor, rima com bolor. — Tinha o coração batendo como um tambor, e a voz ergueu-se num guincho assustado. — Não quero banho nenhum. Por favor, Senhor, não me tire a roupa.

— Deixa lavá-las, pelo menos?

— Não. Não, Senhor. *Por favor*. — Apertou a túnica ao peito, com ambas as mãos, e corcovou-se sobre a sela, com medo de que Roose Bolton ordenasse aos guardas para lhe arrancarem a roupa de cima ali mesmo na rua.

— Como quiser. — Os olhos claros de Bolton pareciam vazios ao luar, como se não existisse absolutamente ninguém por trás deles. — Não lhe desejo mal, sabe? Devo-lhe mais do que muito

— Me deve? — uma parte dele gritava: *isto é uma armadilha, ele está brincando contigo, o filho é só a sombra do pai.* Lorde Ramsay andava sempre brincando com as suas esperanças. — O que... o que me deve, Senhor?

— O Norte. Os Stark ficaram feitos e acabados na noite em que tomou Winterfell. — Acenou com uma mão pálida, depreciativo. — Tudo isto não passa de questiúnculas por despojos.

A curta viagem chegou ao fim junto às muralhas de madeira do Solar Acidentado. Esvoaçavam estandartes nas suas torres quadradas, agitados pelo vento; o homem esfolado do Forte do Pavor, o machado de batalha de Cerwyn, os pinheiros de Tallhart, o tritão de Manderly, as chaves cruzadas do velho Lorde Locke, o gigante de Umber e a mão de pedra de Flint, o alce de Hornwood. Pelos Stout, asnado de castanho-avermelhado e dourado, pelos Slate um campo cinzento no interior de uma dupla bordadura de branco. Quatro cabeças de cavalo proclamavam os quatro Ryswell dos Regatos; uma cinzenta, uma preta, uma dourada, uma castanha. O gracejo dizia que os Ryswell nem sequer conseguiam concordar sobre a cor das suas armas. Por cima deles esvoaçava o veado e leão do rapaz que se sentava no Trono de Ferro a mil léguas de distância.

Fedor ouviu as velas girando no velho moinho ao passarem sob o *portão e penetrarem num pátio coberto de erva onde* moços *de estrebaria* saíram correndo para lhes segurar nos cavalos.

— Por aqui, por favor. — Lorde Bolton levou-o para a torre, onde os estandartes eram os do falecido Lorde Dustin e da sua viúva. Os dele mostravam uma coroa cheia de pontas sobre machados cruzados; os dela esquartelavam essas mesmas armas com a cabeça de cavalo dourada de Rodrik Ryswell.

Enquanto subia um amplo lance de escadas de madeira que levava ao palácio, as pernas de Fedor começaram a tremer. Teve de parar para firmá-las, fitando as encostas relvadas do Grande Outeiro. Havia quem afirmasse que se tratava da sepultura do Primeiro Rei, que liderara os Primeiros Homens até Westeros. Outros argumentavam que devia ser algum rei dos Gigantes a estar alí enterrado, para justificar o tamanho. Sabia-se até de alguns que tinham dito que não era sepultura alguma, só uma colina, mas se assim era tratava-se de uma colina solitária, pois a maior parte das terras acidentadas era plana e varrida pelo vento.

Dentro do salão, uma mulher estava em pé junto à lareira, aquecendo as mãos por cima das brasas de um fogo quase apagado. Estava toda vestida de preto, dos pés à cabeça, e não usava nem ouro nem pedras preciosas, mas era bem nascida, isso via-se claramente. Embora houvesse rugas nos cantos da sua boca e mais em torno dos olhos, ainda se mantinha alta, direita e bem aparentada. O cabelo era castanho e cinzento em partes iguais, embora o usasse preso atrás da cabeça num carrapito de viúva.

— Quem é esse? — disse. — Onde está o rapaz? O seu bastardo recusou-se a entregá-lo? Este velho é o... oh, pela bondade dos deuses, que *cheiro* é este? Esta criatura borrou-se?

— Esteve com Ramsay. Senhora Barbrey, permita-me que lhe apresente o legítimo Senhor das Ilhas de Ferro, Theon da Casa Greyjoy.

Não, pensou Fedor, *não, não digas esse nome, Ramsay vai ouvi-lo, ele saberá, ele saberá, ele me magoará.*

A boca dela projetou-se.

— Não é o que eu esperava.

— É aquilo que temos.

— O que foi que o seu bastardo lhe fez?

— Tirou-lhe um pouco de pele, imagino. Alguns bocados pequenos. Nada muito essencial.

— Está louco?

— Talvez esteja. Isso importa?

Fedor não conseguiu ouvir mais.

— Por favor, Senhor, Senhora, houve algum engano. — Caiu de joelhos, tremendo como uma folha numa tempestade de inverno, com lágrimas escorrendo-lhe pela cara devastada. — Eu não sou ele, não sou o vira-casaca, ele morreu em Winterfell. O meu nome é Fedor. — Tinha de se lembrar do seu *nome*. — Rima com ardor.

TYRION

O *Selaesori Qhoran* estava a sete dias de Volantis quando Centava finalmente saiu da cabine, subindo ao convés como se fosse uma tímida criatura da floresta emergindo do longo sono de inverno.

Era ocaso e o sacerdote vermelho acendeu o seu fogo noturno no grande braseiro de ferro a meia-nau, enquanto a tripulação se reunia em volta para rezar. A voz de Moqorro era um tambor grave que parecia ressoar desde algum lugar no interior profundo do seu enorme torso.

— Agradecemos pelo Sol que nos mantém quentes — orou. — Agradecemos pelas estrelas que nos vigiam enquanto velejamos por este mar frio e negro. — Sendo um homem enorme, mais alto do que Sor Jorah e com largura suficiente para fazer dois dele, o sacerdote usava vestes escarlate bordadas na manga, na bainha e no colarinho com chamas de cetim laranja. A sua pele era negra como breu, o cabelo branco como a neve, as chamas tatuadas nas bochechas e testa amarela e cor-de-laranja. O seu bastão de ferro era tão alto como ele próprio e coroado com uma cabeça de dragão. Quando o sacerdote batia com o cabo do bastão no convés, a goela do dragão cuspia crepitantes chamas verdes.

Os seus guardas, quatro guerreiros escravos da Mão Fogosa, lideravam as respostas. Entoavam cânticos na língua da Velha Volantis, mas Tyrion ouviu as preces vezes suficientes para compreender a sua essência. *Ilumine o nosso fogo e nos proteja da escuridão, blá, blá, ilumine o nosso caminho e nos mantenha quentes até torrarmos, a noite é escura e cheia de terrores, salve-nos das coisas assustadoras e mais um bocado de blá, blá, blá.*

Não era suficientemente tolo para verbalizar tais pensamentos. Tyrion Lannister dispensava todos os deuses, mas naquele navio era sensato mostrar algum respeito pelo rubro R'hllor. Jorah Mormont tirou-lhe as correntes e grilhões depois de estarem solidamente a caminho, e o anão não desejava dar-lhe motivo para voltar a prendê-las.

O *Selaesori Qhoran* era uma banheira bamboleante de quinhentas toneladas, com um portão profundo, castelos elevados à proa e à popa, e um único mastro entre ambos. O castelo de proa tinha uma grotesca figura de proa, uma qualquer eminência carunchosa com ar de prisão de ventre e um rolo enfiado debaixo de um braço. Tyrion nunca viu navio mais feio. A tripulação não

era mais bonita. O capitão, um impiedoso homem de língua maligna e barriga de barril com olhos avarentos e muito próximos, era mal jogador de *cyvasse* e pior perdedor. Abaixo dele serviam quatro imediatos, todos libertos, e cinquenta escravos vinculados ao navio, todos com uma versão tosca da figura de proa da coca tatuada numa bochecha. Os marinheiros gostavam de chamar Tyrion de "Sem-Nariz" por mais que ele lhes dissesse que o seu nome era Hugor Hill.

Três dos imediatos e mais de três quartos da tripulação eram fervorosos adoradores do Senhor da Luz. Tyrion tinha menos certezas a respeito do capitão, o qual aparecia sempre para as preces da noite, mas não desempenhava nelas mais nenhum papel. Mas Moqorro era o verdadeiro capitão do *Selaerosi Qhoran*, pelo menos naquela viagem.

— Senhor da Luz, abençoe o seu escravo Moqorro, e ilumine o seu caminho nos lugares escuros do mundo — *trovejou o sacerdote vermelho.* — E defenda o seu honrado escravo Benerro. Conceda-lhe coragem. Conceda-lhe sabedoria. Encha-lhe o coração de fogo.

Foi então que Tyrion reparou em Centava observando aquela farsa da íngreme escada de madeira que levava para baixo do castelo de popa. Estava num dos degraus mais baixos, de modo que só o topo da cabeça se encontrava visível. Sob o capuz, os olhos brilhavam grandes e brancos à luz da fogueira noturna. Tinha consigo o seu cão, o grande cão de caça cinzento que montava em justas fingidas.

— Senhora — chamou Tyrion em voz baixa. Na verdade, ela não era senhora alguma, mas Tyrion não conseguia levar-se articulando aquele seu nome pateta, e não ia chamar-lhe "menina" ou "anã."

Ela retraiu-se.

— Eu... eu não tinha te visto.

— Bem, sou pequeno.

— Eu... eu não estava bem... — O cão ladrou.

Estava doente de desgosto, você quer dizer.

— *Se puder ajudar...*

— *Não.* — *E foi com toda a rapidez que ela voltou a desaparecer, retirando-se para baixo, para a cabine que partilhava com o cão e com a porca. Tyrion não podia censurá-la. A tripulação do* Selaesori Qhoran *ficara bastante satisfeita quando ele subiu a bordo; afinal de contas, um anão dava boa sorte. A sua cabeça foi esfregada tão frequentemente e com tal vigor que era um espanto que não tivesse ficado careca. Mas Centava deparara com uma reação mais*

dúbia. Podia ser anã, mas também era mulher, e as mulheres davam má sorte a bordo dos navios. Para cada homem que tentava esfregar-lhe a cabeça, havia três que resmungavam maldições em surdina quando ela passava.

E me ver só pode ser sal na sua ferida. Cortaram a cabeça do irmão na esperança de ser a minha, mas aqui estou eu como a porcaria de uma gárgula, oferecendo consolos vazios. Se fosse ela não haveria nada que mais desejasse do que de me empurrar para o mar.

Nada sentia pela menina além de pena. Não merecia mais o horror que sobre ela caiu em Volantis do que o irmão mereceu. Da última vez que a viu, logo antes de deixarem o porto para trás, os olhos dela estavam vermelhos de chorar, dois pavorosos buracos vermelhos numa cara abatida e pálida. Quando içaram a vela, trancou-se na cabine com o cão e o porco, mas à noite ouviam-na chorar. Ainda no dia anterior ouviu um dos imediatos dizer que deviam atirá-la borda fora antes que as lágrimas da menina inundassem o navio. Tyrion não tinha absoluta certeza de que o homem estivesse gracejando.

Depois das preces da noite terminar e a tripulação do navio ter voltado a dispersar, alguns para os seus turnos e outros para comida, rum e redes de dormir, Moqorro permaneceu junto ao seu fogo, como fazia todas as noites. O sacerdote vermelho descansava de dia, mas mantinha uma vigília durante as horas escuras, a fim de cuidar das chamas sagradas para que o Sol regressasse à alvorada.

Tyrion acocorou-se na frente dele e aqueceu as mãos contra o frio da noite. Moqorro não reparou nele durante algum tempo. Estava fitando as chamas trémulas, perdido em alguma visão. *Será que ele vê dias vindouros, como afirma?* Se assim fosse, esse seria um dom temível. Passado algum tempo, o sacerdote ergueu os olhos para cruzar olhares com o anão.

— Hugor Hill — disse, inclinando a cabeça num aceno solene. — Veio rezar comigo?

— Alguém me disse que a noite é escura e cheia de terrores. O que vê nestas chamas?

— Dragões — disse Moqorro no idioma comum de Westeros. Falava a língua muito bem, quase sem sinal de sotaque. Sem dúvida que essa era uma razão por que o alto sacerdote Benerro o escolhera para levar a fé de R'hllor a Daenerys Targaryen. — Dragões antigos e jovens, verdadeiros e falsos, brilhantes e escuros. E você. Um homem pequeno com uma grande sombra, rosnando no meio de tudo.

— Rosnando? Um tipo amigável como eu? — Tyrion sentia-se quase lisonjeado. *E sem dúvida é precisamente isso que ele pretende. Qualquer pateta adora ouvir dizer que é importante.* — Talvez tenha sido Centava que ele viu. Somos quase do mesmo tamanho.

— Não, meu amigo.

Meu amigo? Quando foi que isso aconteceu?

— *Por acaso terá visto quanto tempo demoraremos a chegar a Meereen?*

— Está ansioso por contemplar a libertadora do mundo?

Sim e não. A libertadora do mundo pode cortar-me a cabeça ou dar-me aos dragões como petisco.

— Eu não — disse Tyrion. — Para mim, tudo gira em volta das azeitonas. Se bem que tema que talvez envelheça e morra antes de saborear uma. Conseguia nadar nado cão mais depressa do que estamos navegando. Diga-me, Selaerosi Qhoran foi um triarca ou uma tartaruga?

O sacerdote vermelho soltou um risinho.

— Nem uma coisa nem outra. Qhoran é... não um governante, mas alguém que serve e aconselha tais pessoas e as ajuda a conduzirem os seus negócios. Vocês, em Westeros, poderiam falar em intendente ou em magíster.

Mão do Rei? Aquilo divertiu-o.

— E *selaesori?*

Moqorro tocou o nariz.

— Imbuído de um aroma agradável. Aromático, diria você? Florido?

— *Então* Selaesori Qhoran *quer dizer* Intendente Fedorento, *mais ou menos?*

— *Antes* Intendente Aromático.

Tyrion exibiu um sorriso torto.

— Acho que vou ficar com *Fedorento.* Mas agradeço-lhe pela aula.

— Me agrada ter-lhe esclarecido. Algum dia talvez me deixe ensinar-lhee também a verdade de R'hllor.

— Algum dia. — *Quando eu for uma cabeça num espigão.*

Aos aposentos que partilhava com Sor Jorah chamavam cabine só por cortesia; aquele armário úmido, escuro e malcheiroso mal tinha espaço para pendurar um par de redes para dormir, uma por cima da outra. Foi dar com Mormont estendido na de baixo, balançando lentamente com os movimentos do navio.

— A menina finalmente pôs o nariz no convés — disse-lhe Tyrion. — Deitou-me uma olhadela e correu de volta para baixo.

— Você não é uma coisa bonita de se ver.

— Nem todos podemos ser tão bem aparecidos como você. A menina está perdida. Não me surpreenderia se a pobre criatura estivesse se esgueirando até lá acima para saltar pela amurada e se afogar.

— O nome da pobre criatura é Centava.

— Eu sei o nome dela. — Odiava o nome dela. O irmão respondia pelo nome de Tostão, embora o seu verdadeiro nome fosse Oppo. *Tostão e Centava. As moedas menores, as que valiam menos e, o que era pior, eles próprios tinham escolhido os nomes.* Aquilo deixava um amargor desagradável na boca de Tyrion. — Seja o nome qual for, ela precisa de um amigo.

Sor Jorah sentou-se na sua rede.

— Então torne-se amigo dela. Por mim até pode se casar com ela.

Aquilo também lhe deixou um amargor desagradável na boca.

— Semelhante com semelhante, é essa a sua ideia? Quer encontrar uma ursa para você, sor?

— Foi você que insistiu para a trazermos.

— Eu disse que não a podíamos abandonar em Volantis. Isso não quer dizer que queira fodê-la. Ela me quer morto, se esqueceu? Sou a última pessoa que é provável que queira como amigo.

— São ambos anões.

— Sim, e o irmão dela também era. O irmão que foi morto porque uns idiotas bêbados o confundiram comigo.

— Está se sentindo culpado, é?

— Não. — Tyrion irritou-se. — Tenho suficientes pecados por que responder, não quero nenhum papel neste. Posso ter nutrido alguma má vontade para com ela e o irmão pelo papel que desempenharam na noite do casamento de Joffrey, mas nunca lhes quis mal.

— É uma criatura inofensiva, com certeza. Inocente como um cordeiro. — Sor Jorah pôs-se em pé. — A anã é fardo seu. Beije-a, mate-a ou evite-a, como queira. A mim não interessa nada. — Passou por Tyrion com um encontrão e saiu da cabine.

Duas vezes exilado, e pouco admira, pensou Tyrion. *Eu também o exilava, se pudesse. O homem é frio, melancólico, carrancudo, surdo ao humor. E essas são as suas qualidades.* Sor Jorah passava a maior parte das horas de

vigília percorrendo o castelo de proa ou encostado à amurada fitando o mar. *À procura da sua rainha prateada. À procura de Daenerys, tentando fazer com que o navio navegue mais depressa pela força da vontade. Bem, eu talvez fizesse o mesmo se Tysha esperasse em Meereen.*

Poderia ser para a Baía dos Escravos que iam as rameiras? Parecia improvável. Ajuizando por aquilo que leu, as cidades dos escravagistas eram o lugar onde as rameiras eram feitas. *Mormont devia ter comprado uma para si.* Uma escrava bonita podia ter feito maravilhas para melhorar o feitio dele... especialmente uma de cabelo prateado como a rameira que esteve sentada na pica dele em Selhorys.

No rio, Tyrion teve de suportar Griff, mas pelo menos houve o mistério da verdadeira identidade do capitão para distraí-lo, e o companheirismo mais agradável do resto do pequeno grupo do barco de varejar. Na coca, infelizmente, todos eram precisamente o que pareciam ser, ninguém era agradável por aí além, e só o sacerdote vermelho era interessante. *Ele, e talvez Centava. Mas a menina odeia-me, e tem razão para isso.*

Tyrion descobriu que a vida a bordo do *Selaesori Qhoran* era simplesmente um tédio. A parte mais entusiasmante do seu dia era picar os dedos das mãos e dos pés com uma faca. No rio houve maravilhas a contemplar; tartarugas gigantes, cidades arruinadas, homens de pedra, septãs nuas. Nunca se sabia o que podia estar à espera atrás da curva seguinte. Os dias e noites no mar eram todos iguais. Ao abandonar Volantis, a coca velejou a princípio à vista de terra, e Tyrion pode ver os promontórios que iam passando, observar nuvens de aves marinhas que levantavam voo de falésias de pedra e torres de vigia arruinadas, contar ilhas nuas e castanhas ao passar por elas. Via também muitos outros navios; barcos de pesca, pesados navios mercantes, orgulhosas galés com remos que chicoteavam as vagas transformando-as em espuma branca. Mas depois de avançarem para águas mais profundas passou a haver só mar e céu, ar e água. A água parecia água. O céu parecia céu. Às vezes havia uma nuvem. *Muito azul.*

E as noites eram piores. Tyrion dormia mal no melhor dos tempos, e aqueles estavam longe de o ser. Sono normalmente queria dizer sonhos, e nos seus sonhos aguardavam as Mágoas e um rei de pedra com a cara do pai. Isso deixava as miseráveis alternativas de subir para a cama de rede e ouvir Jorah Mormont ressonar por baixo de si, ou permanecer no convés contemplando o mar. Em noites sem luar, a água era negra como tinta de meistre, de horizonte a horizonte. Escura, profunda e sinistra, bela à sua maneira gelada, mas quando a

olhava durante muito tempo, Tyrion dava por si matutando sobre como seria fácil deslizar por cima do talabardão e deixar-se cair nas trevas. Um chape muito pequeno, e a patética historiazinha que era a sua vida depressa terminaria. *Mas e se existir um inferno e o meu pai estiver à minha espera?*

A melhor parte de todas as noites era o jantar. A comida não era particularmente boa, mas era farta, portanto foi para lá que o anão foi em seguida. A cozinha onde tomava as refeições era um local apertado e desconfortável, com um teto tão baixo que os passageiros mais altos estavam sempre em perigo de rachar as cabeças, perigo a que os robustos soldados escravos da Mão Fogosa pareciam particularmente sujeitos. Por mais que Tyrion gostasse de rir disso, acabou por preferir tomar as refeições sozinho. Estar sentado numa mesa sobrelotada com homens que não tinham uma língua em comum com ele, ouvindo-os conversar e gracejar sem compreender nada, depressa se tornou cansativo. Em especial porque dava sempre por si com curiosidade de saber se os gracejos e os risos o teriam como alvo.

A cozinha era também onde se guardavam os livros do navio. Visto que o seu capitão era um homem particularmente amigo dos livros, havia três; uma compilação de poesia náutica que ia de mal a pior, um volume muito folheado sobre as aventuras eróticas de uma jovem escrava num bordel liseno, e o quarto e último volume de *A Vida do Triarca Belicho*, um famoso patriota volanteno cuja sucessão ininterrupta de conquistas e triunfos terminou de forma bastante abrupta quando foi comido por gigantes. Tyrion terminou todos no terceiro dia que o navio passou no mar. Depois, à falta de outros livros recomeçou a lê-los. A história da escrava era o mais mal escrito, mas o mais absorvente, e foi esse que levou para a mesa naquela noite como companhia para um jantar de beterrabas amanteigadas, estufado frio de peixe e biscoitos que podiam ter sido usados para espetar pregos.

Estava lendo o relato da menina sobre o dia em que ela e a irmã tinham sido capturadas por traficantes de escravos quando Centava entrou na cozinha.

— Oh — disse ela — pensei que... não queria incomodar o senhor, eu...

— Não está me incomodando. Não vai voltar a tentar me matar, espero.

— Não. — A menina afastou o olhar, com a cara a enrubescer.

— Nesse caso, acolho bem um pouco de companhia. Há bem pouca a bordo deste navio. — Tyrion fechou o livro. — Vem. Senta-te. Come. — A menina deixou a maior parte das refeições intactas à porta da sua cabine. Por

aquela hora, já devia estar esfomeada. — O estufado está quase comestível. O peixe é fresco, pelo menos.

— Não, eu... uma vez engasguei-me com uma espinha de peixe, não posso comer peixe.

— Então beba um pouco de vinho. — Encheu uma taça e a fez deslizar para ela. — Cumprimentos do nosso capitão. Se parece mais com mijo do que com dourado da Árvore, em boa verdade, mas até o mijo desce melhor do que o rum preto como alcatrão que os marinheiros bebem. Pode ajudar-lhe a dormir.

A menina não fez qualquer movimento para tocar na taça.

— Obrigada, senhor, mas não. — Recuou. — Não devia estar o incomodando.

— Tenciona passar a vida inteira fugindo? — perguntou Tyrion antes de ela ter tempo de se esgueirar pela porta afora.

Aquilo a fez parar. Ficou com as bochechas de um rosa vivo, e Tyrion teve receio de que estivesse prestes a desatar outra vez a chorar. Mas a menina projetou o lábio num desafio e disse:

— Você também está fugindo.

— Sim, estou — confessou o anão — mas eu estou fugindo *para* e você está fugindo *de*, e há aí um mundo de diferença.

— Nós nunca teríamos de fugir, se não fosse você.

Foi precisa alguma coragem, para me dizer aquilo na cara.

— Está falando de Porto Real ou de Volantis?

— Das duas coisas. — Lágrimas reluziram nos seus olhos. — De tudo. Porque não podia simplesmente ter vindo lutar com a gente, como o rei queria? Não o teria ofendido. O que teria custado, senhor, subir para cima do nosso cão e fazer uma investida? Era só um bocadinho de divertimento. Eles teriam rido de você, nada mais.

— *Eles teriam rido de mim* — disse Tyrion. Em vez disso obrigamos a rir de Joff. E não foi um truque esperto?

— O meu irmão diz que fazer as pessoas rir é coisa boa. Uma coisa *nobre*, e honrosa. O meu irmão diz... ele... — As lágrimas caíram nessa hora, rolando-lhe pela cara abaixo.

— Lamento pelo seu irmão. — Tyrion já lhe disse as mesmas palavras, em Volantis, mas ela alí esteve muito submersa em desgosto e ele duvidava de que o tivesse ouvido.

Naquele momento ouviu.

— Lamenta. Você lamenta. — Tinha o lábio tremendo, a cara úmida, os olhos eram covas bordejadas de vermelho. — Abandonamos Porto Real nessa mesma noite. O meu irmão disse que era melhor assim, antes de alguém querer saber se tínhamos desempenhado algum papel na morte do rei e decidir torturar-nos para descobrir. Fomos primeiro para Tyrosh. O meu irmão achou que seria suficientemente longe, mas não era. Conhecíamos um malabarista de lá. Levou anos e anos fazendo malabarismo todos os dias perto da Fonte do Deus Bêbado. Era velho, de modo que as mãos já não eram tão hábeis como tinham sido, e às vezes deixava cair as bolas e corria atrás delas pela praça fora, mas os tyroshi riam-se e atiravam-lhe moedas na mesma. Mas uma manhã, ouvimos dizer que o corpo dele tinha sido encontrado no Templo de Trios. Trios tem tres cabeças, e há uma grande estátua dele ao lado das portas do templo. O velho tinha sido cortado em três partes e enfiado nas bocas triplas de Trios. Só que quando os bocados foram unidos, a cabeça tinha desaparecido.

— Um presente para a minha querida irmã. Era outro anão.

— Um homem pequeno, sim. Como você, e Oppo. Tostão. Também lamenta pelo malabarista?

— Nunca soube que o seu malabarista existia até este momento... mas sim, lamento que esteja morto.

— Ele morreu por você. O sangue dele está nas suas mãos.

A acusação o feriu, tendo aparecido tão pouco tempo depois das palavras de Jorah Mormont.

— O sangue dele está nas mãos da minha irmã e nas mãos das bestas que o mataram. As minhas mãos... — Tyrion virou-as, inspecionou-as, fechou-as em punhos. — ... As minhas mãos estão cobertas de sangue antigo, sim. Me chame de assassino de parentes, e não se enganará. Regicida, também responderei por esse nome. Matei mães, pais, sobrinhos, amantes, homens e mulheres, reis e rameiras. Um sacana de um cantor um dia me aborreceu, portanto mandei estufá-lo. Mas nunca matei um malabarista, nem um anão, e não é culpa minha o que aconteceu ao raio do seu irmão.

Centava pegou na taça de vinho que ele lhe serviu e atirou à cara. *Exatamente como a minha querida irmã.* Ouviu a porta da cozinha bater, mas não a viu sair. Tinha os olhos piscando, e o mundo era uma mancha. *Quanto a tornar-me amigo dela, estamos conversados.*

Tyrion Lannister tinha escassa experiência com outros anões. O senhor seu pai não acolheu bem nada que lhe fizesse lembrar as deformidades do filho, e

saltimbancos que incluíssem gente pequena nas suas trupes depressa aprenderam a manterem-se afastados de Lanisporto e de Rochedo Casterly, para não arriscarem desagradar-lhe. Enquanto crescia, Tyrion ouviu falar de um bobo anão no castelo do dornês Lorde Fowler, de um meistre anão ao serviço nos Dedos, e de uma anã entre as irmãs silenciosas, mas nunca sentiu a mínima necessidade de ir à procura deles. Também lhe chegaram aos ouvidos histórias menos dignas de confiança sobre uma bruxa anã que assombrava uma colina nas terras fluviais, e sobre uma rameira anã em Porto Real, afamada por acasalar com cães. Foi a sua querida irmã que lhe falou dessa última, oferecendo-se mesmo para lhe arranjar uma cadela no cio para ele experimentar. Quando perguntou educadamente se ela estaria se referir a si própria, Cersei atirou-lhe uma taça de vinho à cara. *Esse era tinto, se bem me lembro, e este é dourado.* Tyrion limpou a cara com uma manga. Ainda tinha os olhos piscando.

Não voltou a ver Centava até o dia da tempestade.

O ar salgado estava imóvel e pesado nessa manhã, mas o céu ocidental mostrava um vermelho fogoso, cortado de nuvens ameaçadoras que brilhavam tão vivamente como o carmesim dos Lannister. Marinheiros precipitavam-se de um lado para o outro reforçando escotilhas, prendendo cabos, limpando o convés, amarrando tudo o que não estivesse já amarrado.

— Vento mau vem aí — avisou um. — Sem-Nariz devia descer.

Tyrion se lembrou da tempestade que suportou na travessia do mar estreito, do modo como a coberta saltou sob os seus pés, dos hediondos rangidos que o navio soltou, do sabor a vinho e a vômito.

— O Sem-Nariz vai ficar aqui em cima. — Se os deuses o quisessem, preferia morrer afogado do que engasgado no próprio vômito. E por cima da sua cabeça, a vela de tela da coca ondulou lentamente, como a pelagem de um grande animal despertando de um longo sono, e depois encheu-se com um súbito *crac* que fez virar todas as cabeças no navio.

Os ventos empurraram a coca à sua frente, bem para longe da rota. Atrás deles, nuvens negras encavalitaram-se umas nas outras num céu vermelho como sangue. Pelo meio da manhã já viam relâmpagos tremeluzindo a oeste, seguidos por distantes estrondos de trovões. O mar tornou-se mais encrespado, e ondas escuras ergueram-se para se esmagarem contra o casco do *Intendente Fedorento*. Foi por volta das dez que a tripulação começou a arrear a tela. Tyrion estava servindo de empecilho a meia-nau, por isso subiu o castelo de proa e agachou-se, saboreando o vergastar da chuva fria no rosto. A coca subiu e

desceu, corcoveando mais violentamente do que qualquer cavalo que já tivesse montado, erguendo-se com cada vaga antes de deslizar para dentro da depressão que a separava da próxima, abalando-o até os ossos. Mesmo assim, estava melhor ali onde conseguia ver do que lá em baixo, trancado em alguma cabine sem ar.

Quando a tempestade arrebentou, caiu tudo em cima deles e Tyrion Lannister ficou ensopado até à roupa de baixo, mas sentia-se eufórico sem saber por quê... e mais ainda mais tarde, quando foi descobrir Jorah Mormont bêbado numa poça de vômito na cabine que partilhavam.

O anão deixou-se ficar na cozinha depois do jantar, festejando a sua sobrevivência com a partilha de alguns golinhos de rum negro com alcatrão junto do cozinheiro do navio, um grande, gorduroso e boçal volanteno que só sabia uma palavra no idioma comum *("Jòda")*$_y$ mas jogava furiosamente *cyvasse*, em especial quando estava bêbado. Jogaram três jogos nessa noite. Tyrion ganhou o primeiro, depois perdeu os outros dois. Depois disso, decidiu que já lhe chegava e subiu aos tropeções ao convés para limpar a cabeça tanto de rum como de elefantes.

Foi descobrir Centava no castelo de proa, onde tantas vezes encontrara Sor Jorah, em pé à amurada ao lado da hedionda e meio podre figura de proa da coca, fitando o mar escuro como tinta. Vista de trás, parecia tão pequena e vulnerável como uma criança.

Tyrion achou melhor deixá-la em paz, mas era tarde demais. Ela o ouviu.

— Hugor Hill

— Se quiser. — *Ambos sabemos que não.* — Lamento perturbar-lhe. Vou-me embora.

— Não. — A cara dela estava pálida e triste, mas não parecia ter estado chorando. — Eu também lamento. Aquilo do vinho. Não foi você que matou o meu irmão ou aquele pobre homem em Tyrosh.

— Desempenhei um papel, embora não por minha vontade.

— Tenho tantas saudades dele. Do meu irmão. Eu...

— *Eu compreendo.* — *Deu por si a pensar em Jaime.* Pode se achar sortuda. O seu irmão morreu antes de ter tempo de traí-la.

— Achei que queria morrer — disse ela — mas agora, quando a tempestade chegou e julguei que o navio ia afundar, eu... eu...

— Percebeu que afinal queria viver. — *Também aí estive. Mais uma coisa que temos em comum.*

Os dentes dela eram tortos, o que a tornava tímida com os sorrisos, mas agora sorria.

— Cozinhou mesmo um cantor num estufado?

— Quem, eu? Não. Eu não cozinho.

Quando Centava soltou um risinho, soou como a doce menina que era... dezessete, dezoito, não mais de dezenove anos.

— O que foi que ele fez, esse cantor?

— *Escreveu uma canção sobre mim.* — Porque ela era o secreto tesouro, a sua vergonha e seu prazer. E corrente e forte nada são, comparados com beijos de mulher. *Foi estranho como se lembrou depressa das palavras. Talvez nunca as tivesse esquecido.* Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.

— Deve ter sido uma canção muito má.

— Nem por isso. Não era nenhuma *Chuvas de Castamere*, atenção, mas algumas partes eram... bem...

— Como era?

Ele riu.

— Não. Você *não quer* me ouvir cantar.

— A minha mãe costumava cantar para nós quando éramos crianças. Para mim e para o meu irmão. Dizia sempre que não importava se a voz era boa ou má, desde que se amasse a canção.

— Ela era...

— ... uma pessoa pequena? Não, mas o nosso pai era. O pai dele vendeu-o a um traficante de escravos quando tinha três anos, mas cresceu para se tornar um saltimbanco tão famoso que comprou a liberdade. Viajou por todas as Cidades Livres, e também por Westeros. Em Vilavelha costumavam chamar-lhe Grão-Saltitão.

Claro que sim. Tyrion tentou não estremecer.

— Já morreu — prosseguiu Centava. — A minha mãe também. O Oppo... ele era o último membro da minha família, e agora também se foi. — Virou a cabeça para o lado e olhou para o mar. — O que vou eu fazer? Para onde irei? Não tenho nenhum ofício, só o espetáculo das justas, e para isso são precisos dois.

Não, pensou Tyrion. *Esse não é lugar para onde queira ir, menina. Não me peça isso. Nem sequer pense nisso.*

— Arranja um órfão promissor — sugeriu.

Centava não pareceu ouvi-lo.

— Fazer os combates foi ideia do pai. Ele até treinou a primeira porca, mas nessa altura já estava muito doente para monta-la, portanto Oppo fez no lugar dele. Eu montei sempre o cão. Atuamos uma vez para o Senhor do Mar de Braavos, e ele riu-se tanto que depois deu a cada um de nós um... um magnífico presente.

— Foi aí que a minha irmã os encontrou? Em Braavos?

— A sua irmã? — a menina pareceu perdida.

— A Rainha Cersei.

Centava abanou a cabeça.

— Ela não... foi um homem que veio falar conosco, em Pentos. Osmund. Não, Oswald. Qualquer coisa do género. Foi Oppo que se encontrou com ele, não fui eu. Era Oppo que fazia todos os nossos negócios. O meu irmão sabia sempre o que fazer, para onde devíamos ir de seguida.

— É para Meereen que vamos em seguida.

Ela deu-lhe um olhar confuso.

— Qarth, você quer dizer. Estamos indo para Qarth, com escala em Nova Ghis.

— Meereen. Vai montar o seu cão para a rainha dos dragões e sair de lá com o seu peso em ouro. É melhor começar a comer mais para estar bem rechonchudinha quando justar perante Sua Graça.

Centava não respondeu ao sorriso.

— Sozinha, a única coisa que posso fazer é cavalgar aos círculos. E mesmo se a rainha risse, para onde ia a seguir? Nunca ficamos muito tempo no mesmo local. Da primeira vez que nos veem, riem e riem, mas à quarta ou quinta vez sabem o que vamos fazer antes de o fazermos. Nessa altura param de rir, portanto temos de ir para um novo local. Onde ganhamos mais dinheiro é nas cidades grandes, mas eu sempre gostei mais das vilazinhas. Em lugares como esses as pessoas não têm prata, mas nos dão de comer às suas mesas, e as crianças seguem-nos para todo o lado.

Isso é porque nunca viram um anão nos miseráveis penicos das suas vilas pensou Tyrion. *Os sacanas dos fedelhos eram capazes de andar atrás de uma cabra de duas cabeças se alguma aparecesse. Até se fartarem dos seus balidos e a abaterem para o jantar.* Mas não tinha vontade de fazê-la voltar a chorar. Em vez daquilo, disse:

— Daenerys tem um coração bondoso e uma natureza generosa. — Era o que ela precisava ouvir. — Há de arranjar lugar para você na corte, sem dúvida. Um lugar seguro, fora do alcance da minha irmã.

Centava virou-lhe as costas.

— E você também estará lá.

A menos que Daenerys decida que precisa de algum sangue Lannisterу para pagar pelo sangue Targaryen que o meu irmão derramou.

— Estarei.

Depois daquilo, a anã foi vista com mais frequência no convés. No dia seguinte, Tyrion a eneontrou e à sua porca malhada a meia-nau no meio da tarde, quando o ar estava quente e o mar calmo.

— O nome dela é Bonita — disse-lhe a menina com timidez.

Bonita, a porca, e Centava, a menina, pensou. *Alguém tem bastante* porque responder. *Centava deu a Tyrion umas quantas bolotas, e ele deixou que Bonita as comesse da sua mão.* Não julgue que eu não percebo o que está fazendo; menina*, pensou, enquanto a grande porca foçava e grunhia.*

Depressa começaram a tomar juntos as refeições. Em algumas noites eram só os dois; a outras refeições juntavam-se aos guardas de Moqorro. Tyrion chamou-lhes "os dedos;" eram homens da Mão Fogosa, afinal de contas, e eram cinco. Centava riu disso, um som doce, embora não um som que ele ouvisse com frequência. A ferida dela era muito recente, o seu desgosto muito profundo.

Tyrion depressa a pôs a chamar ao navio *Intendente Fedorento*, embora ficasse algo irada sempre que ele chamava "Bacon" à Bonita. Para expiar essa falta, Tyrion fez uma tentativa de lhe ensinar *cyvasse*, mas depressa percebeu de que essa era uma causa perdida.

— Não — disse, uma dúzia de vezes — é o dragão que voa, não os elefantes.

Nessa mesma noite, ela pôs as cartas na mesa e perguntou-lhe se ele gostaria de investir com ela.

— Não — respondeu. Só mais tarde lhe ocorreu que talvez *investir* não quisesse dizer investir. A resposta seria na mesma não, mas podia não ter sido tão brusco.

De volta à cabine que partilhava com Jorah Mormont, Tyrion levou horas virando-se na rede, adormecendo e acordando. Tinha os sonhos cheios de mãos cinzentas e pétreas que tentavam agarrá-lo do meio do nevoeiro, e de uma escada que levava ao seu pai.

Por fim, desistiu e subiu a fim de respirar um pouco do ar noturno. O *Selaesori Qhoran* enrolara a sua grande vela listada para a noite, e o convés estava praticamente deserto. Via-se um dos imediatos no castelo de popa, e a meia-nau encontrava-se Moqorro sentado junto ao seu braseiro, onde um punhado de pequenas chamas ainda dançava por entre as brasas.

Só as estrelas mais brilhantes estavam visíveis, todas a oeste. Um brilho mortiço e vermelho iluminava o céu a nordeste, a cor de uma mancha de sangue. Tyrion nunca viu uma Lua maior. Monstruosa, inchada, parecia ter engolido o Sol e despertado com febre. A sua gêmea, flutuando no mar fora do barco, cintilava vermelha a cada onda.

— Que horas são? — perguntou a Moqorro. — Aquilo não pode ser o Sol nascente, a menos que o leste tenha mudado de lugar. Porque está o céu vermelho?

— O céu é sempre vermelho por cima de Valíria, Hugor Hill.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Estamos perto?

— Mais perto do que a tripulação gostaria de estar — disse Moqorro com a sua voz profunda. — Conhece as histórias, nos seus reinos do poente?

— Sei que há marinheiros que dizem que qualquer homem que ponha os olhos naquela costa está condenado. — Ele próprio não acreditava mais em tais histórias do que o tio acreditou. Gerion Lannister zarpou para Valíria quando Tyrion tinha dezoito anos, decidido a recuperar a espada ancestral perdida da Casa Lannister e todos os outros tesouros que pudessem ter sobrevivido à Destruição. Tyrion desejou desesperadamente ir com eles, mas o senhor seu pai chamou à viagem a "demanda de um palerma," e o proibiu de participar.

E talvez não estivesse assim tão enganado. Passou-se quase uma década desde que o Leão Sorridente saiu de Lanisporto, e Gerion nunca regressou. Os homens que Tywin enviou em busca dele tinham-lhe seguido o rasto até Volantis, onde metade da tripulação o abandonou e ele comprou escravos para substituí-la. Nenhum homem livre se engajaria voluntariamente num navio cujo capitão falava abertamente da sua intenção de navegar para o Mar Fumegante.

— Então o que estamos vendo são os fogos das Catorze Chamas refletirem nas nuvens?

— Catorze ou catorze mil. Que homem se atreve a contá-las? Não é sensato para os mortais olharem com muita atenção para esses fogos, meu amigo.

Aqueles são os fogos da fúria do próprio deus, e nenhuma chama humana pode lhes comparar. Somos criaturas pequenas, os homens.

— Algumas menores do que outras. — *Valíria.* Estava escrito que no dia da Destruição todos os montes ao longo de quinhentas milhas tinham se despedaçado para encher o ar com cinzas, fumo e fogo, incêndios tão quentes e famintos que mesmo os dragões no céu foram envolvidos e consumidos. Grandes rasgos tinham-se aberto na terra, engolindo palácios, templos, cidades inteiras. Lagos ferveram e transformaram-se em ácido, montanhas arrebentaram, fontes de fogo cuspiram rocha fundida até uma altura de trezentos metros, de nuvens vermelhas choveu vidro de dragão e o sangue negro dos demônios, e ao norte o terreno fraturou-se, ruiu e caiu para dentro de si próprio, e um mar furioso jorrou para onde ele esteve. A mais orgulhosa cidade do mundo inteiro desapareceu num instante, o seu fabuloso império sumiu-se num dia, as Terras do Longo Verão foram queimadas, afogadas e arrasadas.

Um império construído de sangue e fogo. Os valirianos colheram a semente que tinham semeado.

— *O nosso capitão tenciona testar a maldição?*

— O nosso capitão preferia estar cinquenta léguas mais para o largo, bem longe daquela costa maldita, mas eu ordenei-lhe para rumar pela rota mais curta. Há outros que também procuram Daenerys.

Grijf com o seu jovem príncipe. Poderia todo aquele falatório sobre a Companhia Dourada zarpar para oeste ter sido uma simulação? Tyrion pensou em dizer alguma coisa, mas depois pensou melhor. Parecia-lhe que a profecia que guiava os sacerdotes vermelhos só tinha lugar para um herói. Um segundo Targaryen só serviria para confundi-los.

— Viu esses outros nas suas chamas? — perguntou, com cautela.

— Só as suas sombras — disse Moqorro. — Uma em especial. Uma coisa alta e retorcida com um olho negro e dez longos braços, navegando num mar de sangue.

BRAN

A Lua era crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Um Sol pálido nasceu, pôs-se e voltou a nascer. Folhas vermelhas sussurraram ao vento. Nuvens escuras encheram os céus e transformaram-se em tempestades. Relâmpagos caíram e trovões trovejaram e mortos com mãos pretas e brilhantes olhos azuis arrastaram os pés em volta de uma fenda na vertente da colina, mas não conseguiram entrar. Debaixo da colina, o rapaz quebrado estava sentado num trono de represeiro, escutando murmúrios nas trevas enquanto corvos lhe percorriam os braços.

— Não voltará a andar — prometeu o corvo de três olhos — mas voará. — Às vezes, o som de canções chegava-lhe vindo de algum lugar, muito abaixo. *Filhos da floresta*, teria a Velha Nan chamado aos cantores, mas *aqueles que cantam a canção da terra* era o nome que davam a si próprios, no idioma verdadeiro que nenhum ser humano conseguia falar. Mas os corvos conseguiam. Os seus pequenos olhos pretos estavam cheios de segredos, e eles dirigiam-lhe crocitas e bicavam-lhe a pele quando ouviam as canções.

A Lua estava gorda e cheia. Estrelas rodopiavam num céu negro. Chuva caiu e gelou, e ramos de árvores se partiram com o peso do gelo. Bran e Meera inventaram nomes para aqueles que cantavam a canção da terra: Cinza e Folha e Escamas, Faca Preta e Madeixas de Neve e Carvões. Os seus nomes verdadeiros eram longos demais para línguas humanas, segundo afirmava a Folha. Só ela sabia falar o idioma comum, portanto Bran nunca soube o que os outros pensavam dos seus novos nomes.

Após o frio de triturar ossos das terras atrás da Muralha, as grutas eram abençoadamente quentes, e quando o frio exalava da rocha os cantores acendiam fogueiras para voltar a expulsá-lo. Lá em baixo não havia vento, não havia neve, não havia gelo, não havia coisas mortas tentando nos agarrar, só sonhos e velas de junco e os beijos dos corvos. E aquele que murmurava na escuridão.

O último vidente verde, chamavam os cantores, mas nos sonhos de Bran continuava a ser um corvo de três olhos. Quando Meera Reed quis saber qual era o seu verdadeiro nome, ele fez um som pavoroso que podia ter sido um risinho.

— Usei muitos nomes quando era rápido, mas até eu tive em tempos uma mãe, e o nome que ela me deu ao seu colo foi Brynden.

— Tenho um tio Brynden — disse Bran. — É tio da minha mãe, na verdade. Chamam-lhe Brynden Peixe-Negro.

— O seu tio pode ter sido batizado em minha honra. Alguns ainda o são. Não tantos como antes. Os homens esquecem. Só as árvores recordam. — A voz dele era tão baixa que Bran tinha de se esforçar para ouvir.

— A maior parte dele transferiu-se para a árvore — explicou a cantora a que Meera chamava Folha. — Viveu para lá da duração da sua vida mortal, e ainda perdura. Por nós, por você, pelos territórios do homem. Só resta um pouco de força na sua carne. Tem mil e um olhos, mas há muito a observar. Um dia saberá.

— Saberei o quê? — perguntou Bran mais tarde aos Reed, quando eles chegaram com archotes ardendo, brilhantes, nas mãos, a fim de o levarem para uma pequena câmara fora da grande caverna onde os cantores tinham feito camas para eles dormirem. — De que se lembram as árvores?

— Dos segredos dos deuses antigos — disse Jojen Reed. Comida, fogo e descanso tinham-no ajudado a recuperar depois das provações da viagem, mas ele agora parecia mais triste, com uma expressão carrancuda, fatigada e perturbada no olhar. — Verdades que os Primeiros Homens conheciam, agora esquecidas em Winterfell, mas não nas regiões selvagens e úmidas. Nós vivemos mais perto da verdura nos nossos pântanos e pauis, e recordamos. Terra e água, solo e pedra, carvalhos, ulmeiros e salgueiros, tudo estava aqui antes de todos nós, e permanecerá depois de partirmos.

— E você também — disse Meera. Aquilo entristeceu Bran. *Ese eu não quiser permanecer depois de partirem*? quase perguntou, mas engoliu as palavras sem as proferir. Era quase um homem feito, e não queria que Meera o julgasse algum bebê chorão. Em vez disso, disse:

— Talvez vocês também sejam videntes verdes.

— Não, Bran. — Agora Meera soava triste.

— É concedido a poucos o dom de beber dessa fonte verde enquanto ainda residem em carne mortal, ouvir os sussurros das folhas e ver como as árvores veem, como os deuses veem — disse Jojen. — A maioria não é assim abençoada. Os deuses só me deram sonhos verdes. A minha tarefa era trazer-lhe até aqui. O meu papel nisto chegou ao fim.

A Lua era um buraco negro no céu. Lobos uivavam na floresta, farejando coisas mortas entre os montes de neve acumulados pelo vento. Um bando de corvos irrompeu da vertente da colina, soltando os seus gritos penetrantes,

asas negras batendo por cima de um mundo branco. Um Sol vermelho nasceu e se pôs e voltou a nascer, pintando as neves em tons de rosa e lilás. Sob a colina, Jojen matutava, Meera preocupava-se e Hodor vagueava por túneis escuros com uma espada na mão direita e um archote na esquerda. Ou seria Bran que vagueava?

Nunca ninguém pode saber.

A grande caverna que se abria para o abismo era negra como breu, negra como alcatrão, mais negra do que as penas de um corvo. A luz entrava como um intruso, indesejada e inoportuna, e depressa voltava a ir-se embora; fogueiras para cozinhar, velas e juncos ardiam por algum tempo, mas depois se apagavam, com as suas breves vidas no fim.

Os cantores fizeram para Bran um trono seu, semelhante àquele em que Lorde Brynden se sentava, represeiro branco salpicado de vermelho, ramos mortos tecidos a raízes vivas. Colocaram-no na grande caverna perto do abismo, onde o ar negro ecoava com o som de água corrente muito abaixo. De suave musgo cinzento fizeram o assento. Depois de ser descido para o lugar, cobriram-no com peles quentes.

E alí ficou, escutando os sussurros roucos do seu professor.

— Nunca tema a escuridão, Bran. — As palavras do lorde eram acompanhadas por uma tênue restolhada de madeira e folhas, por uma ligeira torção na cabeça. — As árvores mais fortes estão enraizadas nos lugares escuros da terra. A escuridão será o seu manto, o seu escudo, o seu leite materno. A escuridão lhe tornará forte.

A Lua era crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Flocos de neve caíram sem um som para amortalharem de branco os pinheiros marciais e as árvores-sentinela. Os montes de neve tornaram-se tão profundos que taparam a entrada para as grutas, deixando uma parede branca que Verão tinha de escavar sempre que saía para se ir se juntar à sua alcateia e caçar. Por aqueles dias não era frequente que Bran patrulhasse com ele, mas em certas noites observava-os de cima.

Voar era ainda melhor do que escalar.

Enfiar-se na pele de Verão tornara-se tão simples para ele como foi em tempos enfiar-se num par de calças, antes de ficar com as costas partidas. Trocar a sua pele pelas penas negras como a noite de um corvo foi mais difícil, mas não tão difícil como ele temeu, com *aqueles* corvos não foi.

— Um garanhão selvagem empina-se e escoiceia quando um homem tenta montá-lo, e tenta morder a mão que lhe enfia o freio entre os dentes — disse Lorde Brynden — mas o cavalo que tenha conhecido um cavaleiro irá aceitar outro. Jovens ou velhas, estas aves foram todas montadas. Agora escolhe uma, e voa.

Bran escolheu uma ave, e depois outra, sem sucesso, mas o terceiro corvo o fitou com astutos olhos negros, inclinou a cabeça, soltou um *quorc* e foi assim de repente que deixou de ser um rapaz olhando para um corvo para passar a ser um corvo olhando para um rapaz. A canção do rio tornara-se de súbito mais sonora, os archotes arderam um pouco mais brilhantemente do que antes e o ar encheu-se de estranhos cheiros. Quando tentou falar, a voz saiu num grito e o seu primeiro voo terminou quando colidiu com uma parede e acabou dentro do seu corpo quebrado. O corvo não se machucou. Voou para ele e aterrou-lhe no braço. Não muito tempo depois, já voava pela caverna, serpenteando por entre os longos dentes de pedra que pendiam do teto, batendo mesmo as asas por cima do abismo e descendo para as suas frias e negras profundezas.

Então percebeu de que não estava sozinho.

— Estava mais alguém no corvo — disse ao Lorde Brynden, depois de voltar à sua pele. — Uma menina qualquer. Eu a senti.

— Uma mulher, daqueles que cantam a canção da terra — disse o professor. — Há muito morta, mas permanece uma parte dela, tal como uma parte de ti permaneceria no Verão se a sua carne de rapaz morresse amanhã. Uma sombra na alma. Ela não lhe fará mal.

— Todas as aves têm nelas cantores?

— Todas — disse Lorde Brynden. — Foram os cantores que ensinaram os primeiros homens a enviar mensagens por corvo... mas nesses tempos as aves diziam as palavras. As árvores recordam, mas os homens esquecem, e por isso escrevem as mensagens em pergaminho e atam-nas em volta de patas de aves que nunca partilharam a sua pele.

Bran se lembrou de que a Velha Nan lhe contou uma vez a mesma história, mas quando ele perguntou ao Robb se seria verdade, o irmão riu e perguntou se ele também acreditava em gramequins. Desejava que Robb estivesse agora com eles. *Eu lhe diria que conseguia voar.; mas ele não acreditaria, portanto eu teria de lhe mostrar. Aposto que ele também conseguiria aprender a voar, ele e Arya e Sansa, até o bebê Rickon e Jon Snow. Podíamos ser todos corvos e viver na colônia do Meistre Luwin.*

Mas esse era só mais um sonho idiota. Em certos dias Bran perguntava a si próprio se tudo aquilo não seria apenas um sonho. Talvez tivesse adormecido no meio da neve e sonhado para si um lugar seguro e quente. *Tem de acordar*, dizia a si próprio, *tem de acordar agora mesmo senão sonha até morrer.* Uma ou duas vezes beliscou o braço com os dedos, mesmo com força, mas a única coisa que isso fez foi doer-lhe o braço. A princípio, tentou contar os dias tomando nota de quando despertava e adormecia, mas lá em baixo dormir e acordar tinham tendência a fundir-se. Os sonhos tornavam-se aulas, as aulas tornavam-se sonhos, as coisas aconteciam todas ao mesmo tempo ou não aconteciam de todo. Teria ele feito algo, ou teria apenas sonhado?

— Só um homem em mil nasce troca-peles — disse Lorde Brynden um dia, depois de Bran aprender a voar — e só um troca-peles em mil pode ser um vidente verde.

— Julgava que os videntes verdes eram os feiticeiros dos filhos da floresta — disse Bran. — Dos cantores, digo.

— Em certo sentido. Aqueles que você chama filhos da floresta têm olhos dourados como o sol, mas muito de vez em quando, nasce um entre eles com olhos vermelhos como sangue, ou verdes como o musgo numa árvore no coração da floresta. É através desses sinais que os deuses assinalam aqueles que escolheram para receber a dádiva. Os escolhidos não são robustos, e os seus rápidos anos sobre a terra são curtos, pois todas as canções têm de ter o seu equilíbrio. Mas uma vez dentro da madeira, perduram realmente por muito tempo. Mil olhos, cem peles, uma sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas. *Videntes verdes.*

Bran não compreendeu, portanto perguntou aos Reed.

— Gosta de ler livros, Bran? — perguntou-lhe Jojen.

— Alguns. Gosto das histórias de luta. A minha irmã Sansa gosta das histórias de beijos, mas essas são estúpidas.

— Um leitor vive mil vidas antes de morrer — disse Jojen. — O homem que nunca lê só vive uma. Os cantores da floresta não tinham livros. Não tinham tinta, nem pergaminho, nem língua escrita. Em vez disso tinham as árvores, e acima de tudo os represeiros. Quando morriam, transferiam-se para a madeira, para folhas e ramos e raízes, e as árvores recordavam. Todas as suas canções e feitiços, as suas histórias e preces, tudo o que sabiam sobre este mundo. Os meistres lhe dirão que os represeiros são sagrados para os deuses

antigos. Os cantores acreditam que eles *são* os deuses antigos. Quando os cantores morrem, passam a fazer parte dessa divindade.

Os olhos de Bran esbugalharam-se.

— Eles vão me *matar*?

— Não — disse Meera. — Jojen, está só o assustando.

— Não é ele quem tem de ter medo.

A Lua estava gorda e cheia. Verão percorria a floresta silenciosa, uma longa sombra cinzenta que se tornava mais magra a cada caçada, pois não era possível encontrar caça viva. A proteção da entrada da caverna ainda aguentava; os mortos não conseguiam entrar. A neve voltou a enterrar a maior parte deles, mas ainda lá estavam, escondidos, congelados, à espera. Outras coisas mortas vinham se juntar a eles, coisas que tinham sido em tempos homens e mulheres, até crianças. Corvos mortos pousavam em ramos nus e castanhos, com as asas incrustadas de gelo. Um urso das neves abriu caminho à força por entre a vegetação rasteira, enorme e esquelético, com a pele arrancada de metade da cabeça para revelar o crânio por baixo. Verão e a sua alcateia caíram-lhe em cima e fizeram-no em pedaços. Depois, empanturraram-se, embora a carne estivesse podre e meio congelada, e se continuasse a mexer enquanto a comiam.

Sob a colina ainda tinham alimentos. Uma centena de espécies de cogumelos crescia lá em baixo. Peixes cegos e brancos nadavam no rio negro, mas depois de serem cozinhados desciam tão bem como o peixe com olhos. Tinham queijo e leite das cabras que partilhavam as grutas com os cantores, até um pouco de aveia e cevada e fruta seca que tinha sido posta de parte durante o longo verão. E quase todos os dias comiam estufado de sangue, engrossado com cevada e cebolas e pedaços de carne. Jojen pensava que talvez fosse carne de esquilo, e Meera dizia que era ratazana. Bran não se importava. Era carne e sabia bem. Estufá-la tornava-a tenra.

As grutas eram atemporais, vastas, silenciosas. Eram lar de mais de três dezenas de cantores vivos e dos ossos de milhares de mortos, e estendiam-se até muito abaixo da colina oca.

— Os homens não devem andar vagueando por este local — avisou-os a Folha. — O rio que ouvi é rápido e negro, e corre cada vez mais para baixo até um mar sem sol. E há passagens que descem ainda mais fundo, poços sem fundo e súbitas chaminés, caminhos esquecidos que levam mesmo ao centro da terra. Nem o meu povo os explorou a todos, e nós vivemos aqui há milhares dos seus anos de homem.

Apesar dos homens dos Sete Reinos lhes chamarem "filhos da floresta", Folha e o seu povo não se assemelhavam nada a crianças. "Pequenos sábios da floresta" podia ter-se aproximado mais. Eram pequenos quando comparados com o homem, tal como um lobo é menor que um lobo gigante. Isso não quer dizer que seja um lobinho. Tinham uma pele cor de avelã, pontilhada com manchas mais claras como a de um veado, e grandes orelhas que conseguiam ouvir coisas que nenhum homem conseguia ouvir. Os olhos também eram grandes, grandes olhos de gato dourados que eram capazes de ver em passagens onde os olhos de um rapaz só viam negrume. As suas mãos possuíam apenas três dedos e um polegar, com aguçadas garras negras em vez de unhas.

E eles cantavam *mesmo.* Cantavam no idioma verdadeiro, por isso Bran não entendia as palavras, mas as suas vozes eram tão puras como o ar de inverno.

— Onde está o resto de vocês? — perguntou uma vez a Folha.

— Foram para dentro da terra — respondeu ela. — Para dentro das pedras, para dentro das árvores. Antes de os Primeiros Homens chegarem, toda esta terra que vocês chamam Westeros era para nós um lar, mas mesmo nesses tempos éramos poucos. Os deuses deram-nos vidas longas mas não um grande número, para não sobrepovoarmos o mundo como os veados sobrepovoarão uma floresta em que não existirem lobos para os caçar. Isso foi na aurora dos dias, quando o nosso Sol ia nascendo. Agora está se pondo, e esta é a nossa longa queda. Os gigantes também já quase desapareceram, esses que foram a nossa desgraça e os nossos irmãos. Os grandes leões dos montes ocidentais foram mortos, os unicórnios estão praticamente extintos, os mamutes reduziram-se a algumas centenas. Os lobos gigantes perdurarão mais do que todos nós, mas a sua hora também chegará. No mundo que os homens criaram não há lugar para eles, nem para nós.

Ela parecia triste enquanto dizia aquilo, e isso entristeceu também Bran. Foi só mais tarde que pensou: *Os homens não ficariam tristes. Os homens ficariam furiosos. Os homens odiariam e jurariam vingança sangrenta. Os cantores cantam canções tristes, ao passo que os homens lutariam e matariam.*

Um dia, Meera e Jojen decidiram ir ver o rio, apesar das advertências de Folha.

— Eu também quero ir — disse Bran.

Meera dirigiu-lhe um olhar fúnebre. Explicou que o rio ficava duzentos metros mais abaixo e para se chegar lá descia-se ladeiras íngremes e passagens retorcidas, e a última parte exigia descer por uma corda.

— Hodor nunca conseguiria trepá-la contigo às costas. Lamento, Bran.

Bran lembrou-se de uma hora em que ninguém conseguia trepar tão bem como ele, nem mesmo Robb ou Jon. Parte de si desejou gritar com eles por o deixarem sozinho, e outra parte quis chorar. Mas era quase um homem feito, portanto nada disse. Depois de eles partirem, porém, esgueirou-se para dentro da pele de Hodor e seguiu-os.

O grande moço de estrebaria já não o combatia como combateu da primeira vez, na torre do lago durante a tempestade. Como um cão, cuja rebeldia tivessem acabado à chicotada, Hodor enrolava-se e se escondia sempre que Bran tentava alcançá-lo. O seu esconderijo ficava em algum lugar no seu interior profundo, um poço onde nem Bran conseguia tocá-lo. *Ninguém quer lhe fazer mal Hodor*, disse em silêncio ao homem-criança cuja carne roubou. *Só quero voltar a ser forte por um tempinho. Eu lhe devolvo, como devolvo sempre.*

Nunca ninguém sabia quando estava usando a pele de Hodor. Bran só tinha de sorrir, fazer o que lhe diziam, e resmungar "Hodor" de vez em quando, e podia seguir Meera e Jojen, com um sorriso feliz, sem que ninguém suspeitasse de que na verdade era ele. Era frequente acompanhá-los, quer o quisessem consigo, quer não quisessem. No fim de contas, os Reed ficaram satisfeitos por ele ir. Jojen desceu com bastante facilidade a corda, mas depois de Meera apanhar um peixe cego e branco com a sua lança para rãs e ser hora de voltar a subir, os seus braços começaram tremendo e ele não conseguiu chegar ao topo, portanto tiveram de atar a corda à sua volta e deixar que Hodor o içasse

— Hodor — grunhia sempre que dava um puxão. — Hodor, hodor, hodor.

A Lua era crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Verão desenterrou um braço cortado e coberto de geada, com os dedos abrindo e a se fechando enquanto o puxava ao longo da neve gelada. Ainda havia nele carne suficiente para lhe encher a barriga vazia, e depois de ela acabar partiu os ossos para chegar ao tutano. Foi só nessa hora que o braço se lembrou de que estava morto.

Bran comia com Verão e a alcateia, como lobo. Como corvo voava com o bando, aos círculos sobre a colina ao pôr-do-sol, em busca de inimigos, sentindo o toque gelado do ar. Como Hodor explorava as grutas. Descobriu câmaras cheias de ossos, chaminés que mergulhavam profundamente na terra, um lugar onde os esqueletos de gigantescos morcegos pendiam do teto de pernas para o ar. Até atravessou a estreita ponte de pedra que ultrapassava em arco o

abismo, e descobriu mais passagens e câmaras do lado oposto. Uma estava cheia de cantores, entronizados, como Brynden, em ninhos de raízes de represeiro que se entreteciam por baixo, através e em torno dos seus corpos. A maior parte deles pareceram-lhe mortos, mas quando passava à frente deles os seus olhos abriam-se e seguiam a luz do seu archote, e um abriu e fechou uma boca enrugada como se estivesse tentando falar.

— Hodor — disse-lhe Bran, e sentiu o Hodor verdadeiro a agitar-se no seu poço.

Sentado no trono de raízes na grande caverna, meio cadáver e meio árvore, Lorde Brynden parecia-se menos com um homem do que com uma monstruosa estátua feita de madeira retorcida, osso velho e lã podre. A única coisa que parecia viva na pálida ruína que era a sua cara era o único olho vermelho, que ardia como a última brasa de uma fogueira morta, rodeado por raízes retorcidas e farrapos de coriácea pele branca que pendiam de um crânio amarelecido.

Vê-lo ainda assustava Bran; as raízes de represeiro que serpenteavam para dentro e para fora da sua carne mirrada, os cogumelos que brotavam das bochechas, o verme branco de madeira que crescia da órbita onde um dos olhos tinha estado. Gostava mais quando os archotes eram apagados. Na escuridão podia fingir que era o corvo de três olhos que lhe murmurava palavras, e não um medonho cadáver falante.

Um dia serei como ele. A ideia encheu Bran de terror. Já era suficientemente mau estar quebrado, com as suas pernas inúteis. Estaria também condenado a perder o resto, a passar o resto dos seus anos com um represeiro crescer nele e através dele? Folha disse-lhes que Lorde Brynden retirava da árvore a vida que o animava. Não comia, não bebia. Dormia, sonhava, vigiava. *Eu ia ser um cavaleiro*, recordou Bran. *Costumava correr; trepar e lutar.* Parecia ter sido mil anos antes.

O que era ele agora? Só Bran, o rapaz quebrado, Brandon da Casa Stark, príncipe de um reino perdido, senhor de um castelo incendiado, herdeiro de ruínas. Julgava que o corvo de três olhos fosse um bruxo, um velho e sábio feiticeiro que poderia consertar-lhe as pernas, mas percebia agora de que isso era um estúpido sonho de criança. *Sou velho demais para essas fantasias,* disse a si próprio. *Mil olhos, cem peles, uma sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas.* Isso era tão bom como ser um cavaleiro. *Quase tão bom, pelo menos.*

A Lua era um buraco negro no céu. Fora da gruta, o mundo prosseguia. Fora da gruta, o Sol nascia e punha-se, a Lua dava voltas, os ventos frios uivavam. Debaixo da colina, Jojen Reed tornava-se cada vez mais carrancudo e solitário, para aflição da irmã. Ela sentava-se frequentemente com Bran ao lado da sua pequena fogueira, conversando sobre tudo e sobre nada, afagando Verão que dormia entre os dois, enquanto o irmão vagueava sozinho pelas cavernas. Jojen até ganhou o hábito de subir até à entrada da caverna quando o dia estava brilhante. Ficava lá durante horas olhando a floresta, envolto em peles mas tremendo na mesma.

— Ele quer ir para casa — disse Meera a Bran. — Nem sequer quer tentar combater o seu destino. Diz que os sonhos verdes não mentem.

— Está sendo corajoso — disse Bran. *A única hora em que um homem pode ser corajoso é quando tem medo*, lhe disse o pai em tempos, muito antes, no dia em que encontraram as crias de lobo gigante nas neves do verão. Ainda se lembrava.

— Está sendo estúpido — disse Meera. — Eu tinha a esperança de que quando encontrássemos o seu corvo de três olhos... agora pergunto a mim própria por que foi que viemos.

Por mim, pensou Bran.

— Pelos sonhos verdes dele — disse.

— Os sonhos verdes dele. — A voz de Meera soava amarga.

— Hodor — disse Hodor.

Meera começou a chorar.

Naquele momento, Bran odiou ser aleijado.

— Não chore — disse. Quis pôr-lhe os braços em volta, apertá-la bem, como a mãe costumava abraçá-lo em Winterfell quando ele se magoava. Ela estava mesmo ali, só a alguns centímetros dele, mas tão fora de alcance que podia ter estado a cem léguas de distância. Para tocá-la, ele teria de se puxar pelo chão fora com as mãos, arrastando as pernas atrás de si. O chão era áspero e irregular, e o avanço seria lento, cheio de arranhões e pancadas. *Podia vestir a pele de Hodor*, pensou. *Hodor podia abraçá-la e dar-lhe palmadinhas nas costas.* A ideia fez Bran sentir-se estranho, mas ainda estava pensando nisso quando Meera se afastou da fogueira com um salto, penetrando na escuridão dos túneis. Ouviu os passos dela que se afastavam até nada haver para ouvir além das vozes dos cantores.

A Lua era crescente, fina e aguçada como a lâmina de uma faca. Os dias passaram por eles, um atrás do outro, cada um mais curto do que o anterior. As noites tornaram-se mais longas. Nunca nenhuma luz do sol chegava às grutas por baixo da colina. Nunca nenhum luar tocava aqueles salões de pedra. Até as estrelas eram ali estranhas. Essas coisas pertenciam ao mundo lá em cima, onde o tempo corria nos seus círculos de ferro, de dia para noite para dia para noite para dia.

— Está na hora — disse Lorde Brynden.

Algo na voz dele pôs dedos de gelo correndo pelas costas de Bran.

— Na hora de quê?

— Do passo seguinte. Para você ir além da troca de peles e aprender o que significa ser um vidente verde.

— As árvores lhe ensinarão — disse Folha. Chamou com um gesto e outra das cantoras avançou, a do cabelo branco que Meera chamava Madeixas de Neve. Tinha uma tigela de represeiro nas mãos, esculpida com uma dúzia de caras como aquelas que as árvores-coração ostentavam. Lá dentro trazia uma pasta branca, espessa e pesada, com veios vermelhos escuros atravessando-a. — Tem de beber isso — disse Folha. Entregou a Bran uma colher de pau.

O rapaz olhou para a tigela com incerteza.

— O que é?

— Uma pasta de sementes de represeiro.

Algo no aspecto da coisa deixou Bran maldisposto. Supunha que os veios vermelhos fossem só seiva de represeiro, mas à luz dos archotes pareciam-se notavelmente com sangue. Mergulhou a colher na pasta e hesitou.

— Isso fará de mim um vidente verde?

— O seu sangue faz de você um vidente verde — disse Lorde Brynden. — Isto vai ajudar a despertar os seus dons, e vai casar-te com as árvores.

Bran não queria ficar casado com uma árvore... mas quem mais se casaria com um rapaz quebrado como ele? *Mil olhos, cem peles, sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas. Um vidente verde.*

Comeu.

Tinha um sabor amargo, embora não fosse tão amargo como pasta de bolotas. A primeira colherada foi a mais difícil de empurrar para baixo. Quase a vomitou de imediato. A segunda desceu melhor. A terceira pareceu quase doce. As outras devorou avidamente. Porque teria achado a pasta amarga? Descia a

mel, e neve acabada de cair, a pimenta e gengibre e ao último beijo que a mãe lhe deu. A tigela vazia escorregou-lhe dos dedos e retiniu no chão da caverna.

— Não me sinto diferente. O que acontece em seguida?

Folha tocou-lhe na mão.

— As árvores lhe ensinarão. As árvores recordam. — Ergueu uma mão e os outros cantores começaram a deslocar-se pela caverna, apagando os archotes um por um. A escuridão aprofundou-se e aproximou-se deles.

— Feche os olhos — disse o corvo de três olhos. — Saia da sua pele, como faz quando se une ao Verão. Mas desta vez penetre nas raízes. Segue-as através da terra, até às árvores no alto da colina e me diz o que vê.

Bran fechou os olhos e libertou-se da pele. *Para dentro das raízes,* pensou. *Para dentro do represeiro. Transforme-se na árvore.* Por um instante conseguiu ver a caverna no seu manto negro, conseguiu ouvir o rio correndo em baixo.

Depois, de repente, estava de novo em casa.

O Lorde Eddard Stark estava sentado numa pedra ao lado da profunda lagoa negra no bosque sagrado, com as pálidas raízes da árvore-coração a retorcerem-se à volta dele como os braços nodosos de um velho. A espada Gelo estava no colo do Lorde Eddard, e ele limpava a lâmina com um oleado.

— *Winterfell* — murmurou Bran.

O pai ergueu o olhar.

— Quem está aí? — perguntou, virando-se...

... E Bran, assustado, afastou-se. O pai e a lagoa negra e o bosque sagrado desvaneceram-se e desapareceram e ele se viu de volta à caverna, com as pálidas e grossas raízes do seu trono de represeiro embalando os seus membros como uma mãe embala um filho. Um archote ganhou vida na sua frente.

— Diga o que viu. — De longe, Folha parecia quase uma menina, com a idade de Bran ou de uma das irmãs, mas de perto parecia muito mais velha. Afirmava ter visto duzentos anos.

Bran tinha a garganta muito seca. Tentou engolir.

— Winterfell. Estava de volta a Winterfell. Vi o meu pai. Ele não está morto, não está, eu o vi, está de regresso a Winterfell, ainda está vivo.

— Não — disse Folha. — Ele desapareceu, rapaz. Não tente trazê-lo de volta dos mortos.

— Eu *o vi.* — Bran sentia madeira áspera encostada a uma bochecha. — Ele estava limpando Gelo.

— Viu o que desejava ver. O seu coração anseia pelo seu pai e pelo seu lar, portanto foi isso que viu.

— Um homem tem de saber como olhar antes de poder ter esperança de ver — disse Lorde Brynden. — Isso que viu foram sombras de dias passados, Bran. Estava olhando através dos olhos da árvore-coração no seu bosque sagrado. O tempo para uma árvore é diferente do tempo para um homem. Sol, solo e água, são essas as coisas que um represeiro entende, não dias, anos e séculos. Para os homens, o tempo é um rio. Estamos encurralados no seu fluxo, correndo do passado para o presente, sempre na mesma direção. As vidas das árvores são diferentes. Enraízam-se, crescem e morrem no mesmo local, e esse rio não as desloca. O carvalho é a bolota, a bolota é o carvalho. E o represeiro... mil anos humanos são um momento para um represeiro, e através desses portões você e eu podemos olhar o passado.

— Mas — disse Bran — ele *me ouviu*.

— Ele ouviu um sussurro no vento, um restolhar entre as folhas. Não podes falar com ele, por mais que tente. Eu sei. Eu tenho os meus próprios fantasmas, Bran. Um irmão que amei, um irmão que odiei, uma mulher que desejei. Através das árvores ainda os vejo, mas nunca nenhuma palavra minha lhes chegou aos ouvidos. O passado continua a ser o passado. Podemos aprender com ele, mas não podemos alterá-lo.

— Vou voltar a ver o meu pai?

— Depois de ter dominado os seus dons, pode olhar para onde quiser e ver o que as árvores viram, seja ontem ou no ano passado ou há mil eras. Os homens vivem as suas vidas encurralados num eterno presente, entre as névoas da memória e o mar de sombras que é tudo o que conhecemos dos dias do por vir. Certas mariposas vivem as vidas inteiras num só dia, mas para elas esse pequeno intervalo de tempo deve parecer tão longo como a nós parecem anos e décadas. Um carvalho pode viver trezentos anos, uma árvore de pau-brasil três mil. Um represeiro viverá para sempre se não for perturbado. Para eles, as estações passam no bater de uma asa de mariposa, e passado, presente e futuro são um só. Além disso, a sua visão não ficará limitada ao seu bosque sagrado. Os cantores esculpiram olhos nas árvores-coração dos bosques sagrados para despertá-las, e esses são os primeiros olhos que um novo vidente verde aprende a usar... mas ao seu tempo verá bem para lá das árvores propriamente ditas.

— Quando? — quis Bran saber

— Dentro de um ano, ou de três, ou de dez. Isso eu ainda não vi. Chegará ao seu tempo, lhe garanto. Mas agora estou cansado, e as árvores me chamam. Continuamos amanhã.

Hodor levou Bran de volta à sua câmara, resmungando "Hodor" em voz baixa enquanto Folha seguia à frente deles com um archote. Esperara que Meera e Jojen lá estivessem para lhes poder contar o que viu, mas o seu confortável nicho na rocha estava frio e vazio. Hodor depositou Bran na sua cama, cobriu-o de peles, e fez uma fogueira para ambos. *Mil olhos, cem peles, sabedoria profunda como as raízes de árvores antigas.*

Observando as chamas, Bran decidiu que ficaria acordado até Meera regressar. Jojen estaria infeliz, bem o sabia, mas Meera ficaria feliz por ele. Não deu por fechar os olhos.

... Mas então, sem saber como, viu-se de novo em Winterfell, no bosque sagrado olhando o pai. Lorde Eddard parecia muito mais novo desta vez. O cabelo era castanho sem qualquer vestígio de cinzento nele, a cabeça estava baixa.

— ... Permiti que cresçam unidos como irmãos, só com amor entre ambos — rezava — e permiti que a senhora minha esposa encontre no coração capacidade para perdoar...

— Pai. — A voz de Bran era um sussurro no vento, um restolhar de folhas. — Pai, sou eu. É o Bran. Brandon.

Eddard Stark ergueu a cabeça e olhou longamente para o represeiro, franzindo as sobrancelhas, mas não falou. *Ele não consegue me ver*, compreendeu Bran, desesperando. Queria estender a mão e tocá-lo, mas tudo o que podia fazer era observar e escutar. *Estou na árvore. Estou dentro da árvore coração, olhando através dos seus olhos vermelhos, mas o represeiro não pode falar; portanto eu também não.*

Eddard Stark reatou a prece. Bran sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Mas seriam as suas lágrimas ou as do represeiro? *Se eu chorar; a árvore começará a lacrimejar?*

O resto das palavras do pai foram afogadas por um súbito estridor de madeira batendo em madeira. Eddard Stark dissolveu-se, como nevoeiro sob um Sol matutino. Agora duas crianças dançavam pelo bosque sagrado, gritando uma à outra enquanto duelavam com ramos quebrados. A menina era a mais velha e mais alta dos dois. *Arya*, pensou Bran com entusiasmo quando a viu saltar para cima de uma pedra e atirar um golpe contra o rapaz. Mas isso não podia estar

certo. Se a menina fosse Arya, o rapaz seria o próprio Bran e ele nunca usou o cabelo tão longo. *E Arya nunca me ganhou brincando com à espada, como aquela menina está ganhando dele.* Golpeou o rapaz na coxa, com tanta força que ele perdeu o apoio da perna e caiu na lagoa, pondo-se a esparrinhar e a gritar.

— Está calado, estúpido — disse a menina, deitando o ramo fora. — É só *água*. Quer que a Velha Nan ouça e vá a correr contar ao pai? — ajoelhou e puxou o irmão de dentro da lagoa, mas antes de o pôr para fora, ambos desapareceram.

Depois disso, os vislumbres chegaram cada vez mais depressa até Bran se sentir perdido e tonto. Não voltou a ver o pai, nem a menina que se parecia com Arya, mas uma mulher muito grávida saiu nua pingando da lagoa negra, ajoelhou em frente da árvore e suplicou aos deuses antigos um filho que a vingasse. Depois apareceu uma menina de cabelo castanho, esguia como uma lança, que se pôs em bicos de pés para beijar os lábios de um jovem cavaleiro tão alto como Hodor. Um jovem de olhos escuros, pálido e feroz, cortou três ramos do represeiro e transformou-os em setas. A própria árvore minguava, tornando-se menor a cada visão, enquanto as árvores menores se reduziam a rebentos e desapareciam, só para serem substituídas por outras árvores que minguavam e desapareciam por sua vez. E agora os senhores que Bran vislumbrava eram altos e duros, homens severos vestidos de peles e cotas de malha. Alguns tinham caras de que ele se lembrava das estátuas nas criptas, mas desapareciam antes de conseguir ligar um nome a essas caras.

Depois, enquanto ele observava, um homem barbudo forçou um cativo a cair de joelhos perante a árvore-coração. Uma mulher de cabelo branco aproximou-se deles através de um monte de folhas caídas, vermelhas escuras, com uma foice de bronze na mão

— Não — disse Bran — *não, não faça isso* — mas eles não conseguiam ouvi-lo, tal como o pai não o ouviu. A mulher agarrou o cativo pelo cabelo, encaixou a foice em volta da sua garganta e cortou-a. E através da névoa dos séculos, o rapaz quebrado só conseguiu observar enquanto os pés do homem rolavam na terra... mas quando a vida fluiu para fora do seu corpo numa maré vermelha, Brandon Stark conseguiu saborear o sangue.

APÊNDICE

OS REIS E SUAS CORTES

O REI RAPAZ

TOMMEN BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos, um rapaz de oito anos,

— a sua esposa, RAINHA MARGAERY da Casa Tyrell, três vezes casada, duas vezes viúva, acusada de alta traição, mantida cativa no Grande Septo de Baelor,

— as senhoras suas companheiras e primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL, acusadas de fornicação,

— o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,

— a sua mãe, CERSEI da Casa Lannister, Rainha Viúva, Senhora de Rochedo Casterly, acusada de alta traição, cativa no Grande Septo de Baelor,

— os seus irmãos:

— o seu irmão mais velho, {REI JOFFREY BARATHEON}, envenenado durante o banquete do seu casamento,

— a sua irmã mais velha, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma menina de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell em Lançassolar, prometida a seu filho Trystane,

— os seus gatinhos, SOR SALTO, SENHORA BIGODES, BOTAS,

— os seus tios:

— SOR JAIME LANNISTER, dito REGICIDA, gêmeo da Rainha Cersei, Senhor Comandante da Guarda Real,

— TYRION LANNISTER, dito DUENDE, um anão, acusado e condenado por regicídio e assassínato de parentes,

— os seus outros familiares:

— o seu avô, {TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, e Mão do Rei, assassinado na latrina pelo filho Tyrion,

— o seu tio-avô, SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente e Protetor do Território, c. Dorna Swyft,

— os filhos destes:

— SOR LANCEL LANNISTER, um cavaleiro da Sagrada Ordem dos Filhos do Guerreiro,

— {WILLEM}, gémeo de Martyn, assassinado em Correrrio,

— MARTYN, gémeo de Willem, um escudeiro,

— JANEL, uma menininha de três anos,

— a sua tia-avó, GENNA LANNISTER, c. Sor Emmon Frey,

— os filhos destes:

— {SOR CLEOS FREY}, morto por foras-da-lei,

— o seu filho, SOR TYWIN FREY, dito TY,

—o seu filho WILLEM FREY, um escudeiro,

—SOR LYONEL FREY, segundo filho da Senhora Genna,

—{TION FREY}, um escudeiro, assassinado em Correrrio,

—WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO, um pajem em Rochedo Casterly,

—o seu tio-avô, {SOR TYGETT LANNISTER}, c. Darlessa Marbrand,

— os filhos destes:

— TYREK LANNISTER, um escudeiro, desaparecido durante os tumultos por comida em Porto Real,

— SENHORA ERMESANDE HAYFORD, a esposa criança de Tyrek,

— o seu tio-avô, GERION LANNISTER, perdido no mar,

—JOY HILL, a sua filha bastarda,

— o pequeno conselho do Rei Tommen:

— SOR KEVAN LANNISTER, Senhor Regente,

— LORDE MACE TYRELL, Mão do Rei,

— GRANDE MEISTRE PYCELLE, conselheiro e curandeiro,

— SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante da Guarda Real,

— LORDE PAXTER REDWYNE, grande almirante e mestre dos navios,

— QYBURN, um meistre caído em desgraça e reputado necromante, mestre dos segredos,

— anterior pequeno conselho da Rainha Cersei,

— {LORDE GYLES ROSBY}, senhor tesoureiro e mestre da moeda, morto de uma tosse,

— LORDE ORTON MERRYWEATHER, administrador de justiça e mestre das leis, em fuga para Mesalonga após a prisão da Rainha Cersei,

— AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca, grande almirante e mestre dos navios, em fuga para o mar com a frota real após a prisão da Rainha Cersei,

— a Guarda Real do Rei Tommen:

— SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,

— SOR MERYN TRANT,

— SOR BOROS BLOUNT, renomado e três vezes reintegrado,

— SOR BALON SWANN, em Dorne com a Princesa Myrcella,

— SOR OSMUND KETTLEBLACK,

— SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,

— {SOR ARYS OAKHEART}, morto em Dorne,

— a corte de Tommen em Porto Real:

— RAPAZ LUA, o bobo real,

— PATE, um rapaz de oito anos, o vergastado do Rei Tommen,

— ORMOND DE VILAVELHA, o real harpista e bardo,

— SOR OSFRYD KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e de Sor Osney, um capitão da Patrulha da Cidade,

— NOHO DIMITTIS, emissário do Banco de Ferro de Bravos,

— {SOR GREGOR CLEGANE}, dito A MONTANHA QUE CAVALGA, morto de um ferimento envenenado,

— RENIFFER LONG WATERS, subcarcereiro de primeira das masmorras da Fortaleza Vermelha,

— os alegados amantes da Rainha Margaery:

— WAT, um cantor que chama a si próprio O BARDO AZUL, cativo enlouquecido pela tortura,

— {HAMISH, O HARPISTA}, um cantor idoso, morto em cativeiro,

— SOR MARCO MULLENDORE, o qual perdeu um macaco e meio braço na Batalha da Água Negra,

— SOR TALLAD, dito O ALTO, SOR LAMBERT TURNBERRY, SOR BAYARD NORCROSS, SOR HUGH CLIFTON,

— JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, um exilado das Ilhas do Verão,

— SOR HORAS REDWYNE, inocentado e libertado,

— SOR HOBBER REDWYNE, inocentado e libertado,

— principal acusador da Rainha Cersei,

— SOR OSNEY KETTLEBLACK, irmão de Sor Osmund e de Sor Osfryd, mantido cativo pela Fé,

— a gente da Fé:

— O ALTO SEPTÃO, Pai dos Fiéis, Voz dos Sete na Terra, um velho e débil,

— SEPTÃ UNELLA; SEPTÃ MOELLE, SEPTÃ SCOLERA as carcereiras da rainha,

— SEPTÃO TORBERT, SEPIÃO RAYNARD, SEPTÃO LUCEON, SEPTÃO OLLIDOR, dos Mais Devotos,

— SEPTÃ AGLANTINE, SEPTÃ HELICENT, ao serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,

— SOR THEODAN WELLS, dito THEODAN, O FIEL, piedoso comandante dos Filhos do Guerreiro,

— os "pardais," os mais humildes dos homens, ferozes na sua piedade,

— gente de Porto Real:

— CHATAYA, proprietária de um bordel caro,

— ALAYAYA, sua filha,

— DANCY, MAREI, duas das meninas de Chataya,

— TOBHO MOTT, um mestre armeiro,

— senhores das terras da coroa, ajuramentados ao Trono de Ferro:

— RENFRED RYKKER, Senhor de Valdocaso,

— SOR RUFUS LEEK, um cavaleiro maneta ao seu serviço, castelâo do Forte Pardo, em Valdocaso,

— {TANDA STOKEWORTH}, Senhora de Stokeworth, morta de uma anca quebrada,

— a sua filha mais velha, {FALYSE}, morta aos gritos nas celas negras,

— {SOR BALMAN BYRCH}, esposo da Senhora Falyse, morto numa justa,

— a sua filha mais nova, LOLLYS, fraca de espírito, Senhora de Stokeworth,
— o seu filho recém-nascido, TYRION TANNER, o dos cem pais,
— o seu esposo, SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, mercenário armado cavaleiro,
— MEISTRE FRENKEN, ao serviço em Stokeworth,

O estandarte do Rei Tommen exibe o veado coroado de Baratheon, negro sobre ouro, e o leão de Lannister, ouro sobre carmesim, combatente.

O REI NA MURALHA

STANNIS BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, segundo filho do Lorde Steffon Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, Senhor de Pedra do Dragão, chamando a si próprio Rei de Westeros.

— com o Rei Stannis em Castelo Negro:

— SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, dita MULHER VERMELHA, uma sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz,

— os cavaleiros e espadas ajuramentadas:

— SOR RICHARD HORPE, o seu segundo comandante,

— SOR GODRY FARRING, dito MATA-GIGANTES,

— SOR JUSTIN MASSEY,

— LORDE ROBIN PEASEBURY,

— LORDE HARWOOD FELL,

— SOR CLAYTON SUGGS,

— SOR CORLISS CENTAVA,

— homens da rainha e ferventes seguidores do Senhor da Luz,

— SOR WILLAM RAPOLUVA, SOR FREY CLIFTON, SOR ORMUND WYLDE, SOR HARYS COBB, cavaleiros

— os seus escudeiros, DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING

— o seu cativo, MANCE RAYDER, Rei-Para-lá-da-Muralha,

— o filho bebê de Rayder, “o príncipe selvagem,

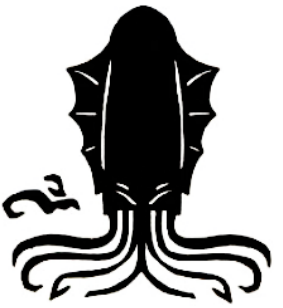
— a ama de leite do rapaz, GOIVA, uma menina selvagem,

— o filho bebê de Goiva, "a abominação," gerado pelo pai dela, {CRASTER},

— em Atalaialeste-do-Mar:

— RAINHA SELYSE, da Casa Florent, sua esposa,
— PRINCESA SHIREEN, filha de ambos, uma menina de onze anos,
— CARA-MALHADA, o bobo tatuado de Shireen,
— o seu tio, SOR AXELL FLORENT, o primeiro dos Homens da Rainha, intitulando-se Mão da Rainha,
— os seus cavaleiros e espadas ajuramentadas, SOR NARBERT GRANDISON, SOR BENETHON SCALES, SOR PATREK DA MONTANHA REAL, SOR DORDAN, O SEVERO, SOR MALEGORN DE PEGORRUBRO, SOR LAMBERT WH1TEWATER, SOR PERKIN FOLLARD, SOR BRUS BUCKLER
— SOR DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei, dito CAVALEIRO DA CEBOLA,
— SALLADHOR SAAN, de Lys, um pirata e mercenário, capitão da *Valiriana* e de uma frota de galés,
— TYCHO NESTORIS, emissário do Banco de Ferro de Bravos.

Stannis escolheu para seu símbolo o coração flamejante do Senhor da Luz um coração vermelho rodeado por chamas laranja em fundo amarelo. Dentro do coração encontra-se o veado coroado da Casa Baratheon, em negro.



REI DAS ILHAS DE FERRO E DO NORTE

EURON GREYJOY, o Terceiro do Seu Nome Desde o Rei Cinzento, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke, capitão do Silêncio, dito OLHO DE CORVO,

— o seu irmão mais velho, {BALON}, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, o Nono do Seu Nome Desde o Rei Cinzento, morto numa queda,

— SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw, viúva de Balon,

— os filhos de ambos:

— {RODRIKJ, morto durante a primeira rebelião de Balon,

— {MARON}, morto durante a primeira rebelião de Balon,

— ASHA, capitã do Vento Negro e conquistadora de Bosque Profundo, c. Erik Ferreiro,

— THEON, chamado THEON VIRA-CASACA pelos nortenhos, cativo no Forte do Pavor,

— o seu irmão mais novo, VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, capitão da Vitória de Ferro,

— o seu irmão mais novo, AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,

— os seus capitães e espadas ajuramentadas:

— TORWOLD BROWNTOOTH, JON CARA-SUMIDA MYRE, RODRIK FREEBORN, O REMADOR VERMELHO, LUCAS MÃO-ESQUERDA CODD, QUELLON HUMBLE, HARREN MEIO-HOARE, KEMMETT PYKE, O BASTARDO, QARL, O SERVO, MÃO DE PEDRA, RALE, O PASTOR, RALF DE FIDALPORTO

— os seus tripulantes:

— {CRAGORN}, que soprou o corno do inferno e morreu,

— os senhores seus vassalos:

— ERIK FERREIRO, dito ERIK QUEBRA-BIGORNAS e ERIK, O JUSTO, Senhor Intendente das Ilhas de Ferro, castelão de Pyke, um velho em tempos renomado, c. Asha Greyjoy,

— senhores de Pyke:
— GERMUND BOTLEY, Senhor de Fidalporto,
— WALDON WYNCH, Senhor de Bosque de Ferro,
— senhores de Velha Wyk:
— DUNSTAN DRUMM, O Drumm, Senhor de Velha Wyk,
— NORNE GOODBROTHER, de Pedrasmagada,
— O STONEHOUSE,
— senhores de Grande Wyk:
— GOROLD GOODBROTHER, Senhor de Cornartelo,
— TRISTON FARWYND, Senhor de Ponta de Pelefoca,
— SPARR,
— MELDRED MERLYN, Senhor de Seixeira,
— senhores de Montrasgo:
— ALYN ORKWOOD, dito ORKWOOD DE MONTRASGO,
— LORDE BALON TAWNEY,
— senhores de Salésia:
— LORDE DONNOR SALTCLIFFE,
— LORDE SUNDERLY,
— senhores de Harlaw:
— RODEIK HARLAW, dito O LEITOR, Senhor de Harlaw, Senhor das Dez Torres, Harlaw de Harlaw,
— SIGFRYD HARLAW, dito SÍGFRYD CABELO-DE-PRATA, o seu tio-avô, dono de Solar de Harlaw,
— HOTHO HARLAW, dito HOTHO CORCUNDA, da Torre Bruxuleante, um primo,
— BOREMUND HARLAW, dito BOREMUND, O AZUL, dono de Monte da Bruxa, um primo,
— senhores das ilhas e rochedos menores:
— GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,
— os conquistadores nascidos no ferro:
— nas Ilhas Escudo
— ANDRIK, O SÉRIO, Senhor de Escudossul,
— NUTE, O BARBEIRO, Senhor de Escudorroble,
— MARON VOLMARK, Senhor de Escudoverde,
— SOR MARRAS HARLAW, Senhor de Escudogris, o Cavaleiro de Jardim Cinzento,
— em Fosso Cailin
— RALF KENNING, castelão e comandante,
— ADRACK HUMBLE, com falta de meio braço,
— DAGON CODD, o qual não se rende a homem algum,
— em Praça de Torrhen
— DAGMER, dito BOCA-FENDIDA, capitão do Bebedor cie Espuma,
— em Bosque Profundo

— ASHA GREYJOY, a filha da lula gigante, capitã do Vento Negro
— o seu amante, QARL, O DONZEL, um espadachim,
— o seu antigo amante, TRISTIFER BOTLEY, herdeiro de Fidalporto, despojado das suas terras,
— os seus tripulantes, ROGGON BARBAFERRUGENTA, LINGUATRISTE, ROLFE, O ANÃO, LORREN LONGA- XE, TRAPAÇAS, DEDOS, HARL SE1S-DEDOS, DALE PENDEDELAS, EARL HARLAW, CROMM, HAGEN, O CORNO e sua bela filha ruiva,
—o seu primo, QUENTON GREYJOY,
— o seu primo, DAGON GREYJOY, dito DAGON, O BÊBADO

Os Greyjoy de Pyke afirmam descender do Rei Cinzento da Era dos Heróis. A lenda diz que o Rei Cinzento governou o próprio mar e tomou uma sereia como esposa. Aegon, o Dragão, pôs fim à linhagem do último Rei das Ilhas de Ferro, mas permitiu que os nascidos no ferro reavivassem o seu antigo costume e escolhessem quem devia deter primazia entre eles. Escolheram o Lorde Vickon Greyjoy de Pyke.

O símbolo Greyjoy é uma lula gigante dourada em fundo de negro.

O seu lema é Nós Não Semeamos.

OUTRAS CASAS GRANDES E PEQUENAS

CASA ARRYN

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, Defensor do Vale, um rapaz enfermiço de oito anos, por vezes chamado PISCO-DOCE,

— a sua mãe, (SENHORA LYSA, da Casa Tully}, viúva do Lorde Jon Arryn, empurrada pela Porta da Lua para a sua morte,

— o seu guardião, PETYR BAELISH, dito MINDINHO, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente, e Senhor Protetor do Vale,

— ALAYNE STONE, filha ilegítima do Lorde Petyr, uma donzela de treze anos, na realidade Sansa Stark,

— SOR LOTHOR BRUNE, um mercenário ao serviço do Lorde Petyr, capitão dos guardas do Ninho de Águia,

— OSWELL, um homem de armas encanecido ao serviço do Lorde Petyr, por vezes chamado KETTLEBLACK,

— SOR SHADRICK DO VALE SOMBRIO, dito RATO LOUCO, um cavaleiro andante ao serviço do Lorde Petyr,

— SOR BYRON, O BELO, SOR MORGARTH, O ALEGRE, cavaleiros andantes ao serviço do Lorde Petyr,

— o seu pessoal e servidores:

— MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

— MORD, um carcereiro brutal com dentes de ouro,

— GRETCHEL, MADDY e MELA, criadas,

— os senhores seus vassalos, os Senhores da Montanha e do Vale:

— YOHN ROYCE, dito BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna,

— o seu filho, SOR ANDAR, herdeiro de Pedrarruna,

— LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua,

— o seu filho e herdeiro, SOR ALBAR,

— a sua filha MYRANDA, dita RANDA, uma viúva, mas pouco usada,

— MYA STONE, filha bastarda do Rei Robert,

— LYONEL CORBRAY, Senhor de Lar do Coração,

— SOR LYN CORBRAY, seu irmão, que brande a afamada espada Senhora Desespero,
— SOR LUCAS CORBRAY, seu irmão mais novo,
— TRISTON SUNDERLAND, Senhor das Três Irmãs,
— GODR1C BORRELL, Senhor de Irmã Doce,
— ROLLAND LONGTHORPE, Senhor de Irmã Longa,
— ALESANDOR TORRENT, Senhor de Irmã Pequena,
— ANYA WAYNWOOD, Senhora de Castelo de Ferrobles
— SOR MORTON, seu filho mais velho e herdeiro,
— SOR DONNEL, o Cavaleiro do Portão Sangrento,
— WALLACE, o seu filho mais novo,
— HARROLD HARDYNG, seu protegido, um escudeiro frequentemente chamado HARRY, O HERDEIRO,
— SOR SYMOND TEMPLETON, o Cavaleiro de Novestrelas,
— JON LYNDERLY, Senhor da Mata de Cobras,
— EDMUND WAXLEY, o Cavaleiro de Tocalar,
— GEROLD GRAETON, o Senhor de Vila Gaivota,
— {EON HUNTER}, Senhor de Solar de Longarco, recentemente falecido,
— SOR GILWOOD, filho mais velho e herdeiro de Lorde Eon, agora chamado JOVEM LORDE HUNTER,
— SOR EUSTACE, segundo filho do Lorde Eon,
— SOR HARLAN, filho mais novo do Lorde Eon,
— pessoal do Jovem Lorde Hunter:
— MEISTRE WILLAMEN, conselheiro, curandeiro, tutor,
— HORTON REDEORT, Senhor de Fortencamado, três vezes casado,
— SOR JASPER, SOR CREIGHTON, SOR JON, seus filhos,
— SOR MYCHEL, seu filho mais novo, cavaleiro acabado de armar, c. Ysilla Royce de Pedrarruna,
— BENEDAR BELMORE, Senhor de Cantoforte,
— chefes de clã das Montanhas da Lua,
— SHAGGA, FILHO DE DOLF, DOS CORVOS DE PEDRA, presentemente na liderança de um bando na mata de rei,
— TIMETT, FILHO DE TIMETT, DOS HOMENS QUFJMADOS,
— CHELLA, FILHA DE CHEYK, DOS ORELHAS NEGRAS,
— CRAWN, FILHO DE CALOR, DOS IRMÀOS DA LUA.

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale. O seu símbolo é a lua e o falcão, de branco, em campo azul celeste. A Casa Arryn não participou na Guerra dos Cinco Reis.

O lema dos Arryn é Alto Como a Honra.

CASA BARATHEON

{ROBERT BARATHEON}, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território, morto por um javali,

— a sua esposa, RAINHA CERSEI da Casa Lannister,

— os filhos de ambos:

— {REI JOFFREY BARATHEON}, o Primeiro do Seu Nome, assassinado no seu banquete de casamento,

— PRINCESA MYRCELLA, protegida em Lançassolar, prometida ao Príncipe Trystane Martell,

— REI TOMMEN BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome,

— os seus irmãos:

— STANNIS BARATHEON, Senhor rebelde de Pedra do Dragão e pretendente ao Trono de Ferro,

— a sua filha, SHIREEN, uma menina de onze anos,

— {RENLY BARATHEON}, Senhor rebelde de Ponta Tempestade e pretendente ao Trono de Ferro, assassinado em Ponta Tempestade, no seio do seu exército,

— os seus filhos bastardos:

— MYA STONE, uma donzela de dezenove anos, ao serviço do Lorde Nestor Royce, dos Portões da Lua,

— GENDRY, um fora-da-lei nas terras fluviais, ignorante da sua ascendência,

— EDRIC STORM, o filho bastardo reconhecido de Robert e da Senhora Delena da Casa Florent, escondido em Lys,

— SOR ANDREW ESTERMONT, seu primo e guardião,

— os seus guardas e protetores:

— SOR GERALD GOWER, LEWIS, dito O PEIXEIRA, SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, OMER BLACKBERRY,

— {BARRA}, filha bastarda de Robert e duma rameira de Porto Real, morto por ordem da sua viúva,

— os seus outros familiares:
— o seu bisavó, SOR ELDON ESTERMONT, Senhor de Pedraverde,
— o seu primo, SOR AEMON ESTERMONT, filho de Eldon,
— o seu primo, SOR ALYN ESTERMONT, filho de Ae- mon,
— o seu primo, SOR LOMAS ESTERMONT, filho de Eldon,
— o seu primo, SOR ANDREW ESTERMONT, filho de Lomas,
— vassalos ajuramentados a Ponta Tempestade, os senhores da tempestade:
— DAVOS SEAWORTH, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei,
— a sua esposa, M ARYA, filha de um carpinteiro,
— os seus filhos, {DALE, ALLARD, MATTHOS, MAR1C}, mortos na Batalha da Água Negra,
— o seu filho DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,
— os seus filhos, STANNIS e STEFFON,
— SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade,
— o seu filho BRYEN, escudeiro do Rei Stannis,
— o seu primo, SOR GODRY FARRING, dito MATA-GIGANTES,
— ELWOOD MEADOWS, Senhor de Fortaleza do Relvado, senescal em Ponta Tempestade,
— SELWYN TARTH, dito ESTRELA DA TARDE, Senhor de Tarth,
— a sua filha, BRIENNE, A DONZELA DE TARTH, também dita BRIENNE, A BELEZA,
— o seu escudeiro, PODR1CK PAYNE, um rapaz de dez anos,
— SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,
— os seus irmãos mais novos, RAYMUND e ALYNNE,
— o seu filho bastardo, RONALD STORM,
— o seu primo, JON CONNINGTON, em tempos Senhor de Ponta Tempestade e Mão do Rei, exilado por Aerys II Targaryen, julgado morto de bebida,
— LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,
— o seu irmão e herdeiro, SOR RICHARD MORRIGEN,
— o seu irmão, {SOR GUYARD MORRIGEN, dito GUYARD, O VERDE}, morto na Batalha da Água Negra,
— ARSTAN SELMY, Senhor de Solar de Colheitas,
— o seu tio-avô, SOR BARRISTAN SELMY,
— CÁSPER WYLDE, Senhor de Casais de Chuva,
— o seu tio, SOR ORMUND WYLDE, um idoso cavaleiro,
— HARWOOD FELL, Senhor de Bosque Cortado,
— HUGH GRANDISON, dito BARBAGRIS, Senhor de Belavista,
— SEBASTION ERROL, Senhor de Solar de Montefeno,
— CLIFFORD SWANN, Senhor de Pedrelmo,

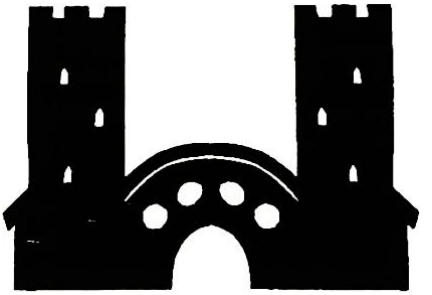
— BER1C DONDARRION, Senhor da Água Negra, dito O SENHOR DO RELÂMPAGO, um fora-da-lei nas terras fluviais, frequentemente morto e agora julgado morto,
— {BRYCE CARON}, Senhor de Nocticantiga, morto por Sor Philip Foote na Água Negra,
— aquele que o matou, SOR PHILIP FOOTE, um cavaleiro zarolho, Senhor de Nocticantiga,
— o seu meio-irmão ilegítimo, SOR ROLLAND STORM, dito O BASTARDO DE NOCTICANTIGA, Senhor pretendente de Nocticantiga,
— ROBIN PEASEBURY, Senhor de Campovagem,
— MARY MERTYNS, Senhora de Matabruma,
— RALPH BUCKLER, Senhor de Portabrônzea,
— o seu primo, SOR BRUS BUCKLER

A mais nova entre as Grandes Casas, a Casa Baratheon nasceu durante as Guerras da Conquista, quando Orys Baratheon, que consta ter sido irmão bastardo de Aegon, o Conquistador, derrotou e matou Argilac, o Arrogante, o último Rei da Tempestade. Aegon recompensou-o com o castelo, terras e filha de Argilac. Orys tomou a menina como noiva e adotou o estandarte, títulos e lema da sua linhagem.

No 283°. Ano após a Conquista de Aegon, Robert da Casa Baratheon, Senhor de Ponta Tempestade, derrubou o Rei Louco, Aerys II Targaryen, a fim de conquistar o Trono de Ferro. A sua pretensão à coroa derivava da avó, uma filha do Rei Aegon V Targaryen, embora Robert preferisse dizer que a sua pretensão era o martelo de batalha.

O símbolo Baratheon é um veado coroado, negro em campo de ouro.

O seu lema é *Nossa é a Fúria.*



CASA FREY

WALDER FREY, Senhor da Travessia,
— da sua primeira esposa, {SENHORA PERRA, da Casa Royce}:
— {SOR STEVRON FREY}, morto após a Batalha de Cruzaboi,
— SOR EMMON FREY, o seu segundo filho,
— SOR AENYS FREY, à frente das forças Frey no Norte,
— o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora-da-lei,
— o filho de Aenys, RHAEGAR, emissário em Porto Branco,
— PERRIANE, a sua filha mais velha, c. Sor Leslyn Haigh,
— da sua segunda esposa, {SENHORA CYRENNA, da Casa Swann}:
— SOR JARED FREY, emissário em Porto Branco,
— SEPTÃO LUCEON, o seu quinto filho,
— da sua terceira esposa, {SENHORA AMAREI, da Casa Crakehall}:
— SOR HOSTEEN FREY, um cavaleiro de grande reputação,
— LYENTHE, a sua segunda filha, c. Lorde Lucias Vypren,
— SYMOND FREY, o seu sétimo filho, contador de moedas, emissário em Porto Branco,
— SOR DANWELL FREY, o seu oitavo filho,
— {MERRETT FREY}, o seu nono filho, enforcado em Pedravelhas,
— a filha de Merrett, WALDA, dita WALDA GORDA, c. Roose Bolton, Senhor do Forte do Pavor,
— o filho de Merrett, WALDER, dito PEQUENO WALDER, oito anos, um escudeiro ao serviço de Ramsay Bolton,
— {SOR GEREMY FREY}, o seu décimo filho, afogado,
— SOR RAYMUND, o seu décimo primeiro filho,
— da sua quarta esposa, {SENHORA ALYSSA, da Casa Blackwood}:
— LOTHAR FREY, o seu décimo segundo filho, dito LOTHAR COXO,
— SOR JAMMOS FREY, o seu décimo terceiro filho,
— o filho de Jammos, WALDER, dito GRANDE WALDER, oito anos, um escudeiro ao serviço de Ramsey Bolton,

— SOR WHALEN FREY, o seu décimo quarto filho,
— MORYA, a sua terceira filha, c. Sor Flement Brax,
— TYTA, a sua quarta filha, dita TYTA, A DONZELA,
— da sua quinta esposa, {SENHORA SARYA da Casa Whent}:
— nenhuma prole,
— da sua sexta esposa, {SENHORA BETHANY, da Casa Rosby}:
— SOR PERWYN FREY, o seu décimo quinto filho,
— {SOR BENFREY FREY}, o seu décimo sexto filho, morto de um ferimento sofrido no Casamento Vermelho,
— MEISTRE WILLAMEN, o seu décimo sétimo filho, ao serviço em Solar de Longarco,
— OLYVAR FREY, o seu décimo oitavo filho, em tempos escudeiro de Robb Stark,
— ROSLIN, a sua quinta filha, c. Lorde Edmure Tully no Casamento Vermelho, grávida do seu filho,
— da sua sétima esposa, {SENHORA ANNARA, da Casa Farring}:
— ARWYN, a sua sexta filha, uma donzela de catorze anos,
— WENDEL, o seu décimo nono filho, pajem em Guardamar,
— COLMAR, o seu vigésimo filho, onze anos e prometido à Fé,
— WALTYR, dito TYR, o seu vigésimo primeiro filho, dez anos,
— ELMAR, o seu vigésimo segundo e último filho, um rapaz de nove anos por um breve período prometido a Arya Stark,
— SHIREI, a sua sétima filha, uma menina de sete anos,
— a sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
— atualmente grávida,
— filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,
— WALDER RIVERS, dito WALDER BASTARDO,
— MEISTRE MELWYS, ao serviço em Rosby,
— JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS, e outros.

Os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar o seu dever. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança do Lorde Walder com a promessa de desposar uma das suas filhas ou netas. Quando em vez disso casou com a Senhora Jeyne Westerling, os Frey conspiraram com Roose Bolton e assassinaram o Jovem Lobo e os seus seguidores naquilo que ficou conhecido como o Casamento Vermelho.

CASA LANNISTER

{TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Escudo de Lanisporto, Protetor do Oeste e Mão do Rei, assassinado pelo filho anão na sua latrina,

— os filhos do Lorde Tywin:

— CERSEI, gêmea de Jaime, viúva do Rei Robert I Baratheon, prisioneira no Grande Septo de Baelor,

— SOR JAIME, gêmeo de Cersei, dito REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real,

— os seus escudeiros, JOSMYN PECKLEDON, GARRETT PAEGE, LEW PIPER,

— SOR ILYN PAYNE, um cavaleiro sem língua, anteriormente Magistrado do Rei e carrasco,

— SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo, enviado para Lagoa da Donzela com um prisioneiro,

— SOR ADDAM MARBRAND, SOR FLEMENT BRAX, SOR ALYN STACKSPEAR, SOR STEFFON SWYFT, SOR HUMFREY SWYFT, SOR LYLE CRAKEHALL, dito VARRÃO-FORTE, SOR

— JON BETTLEY, dito JON IMBERBE, cavaleiros ao serviço com a hoste de Sor Jaime em Correrrio,

— TYRION, dito DUENDE, anão e assassino de parentes, fugitivo no exílio do outro lado do mar estreito,

— o pessoal da sua casa em Rochedo Casterly:

— MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,

— VILARR, capitão dos guardas,

— SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,

— WAT RISO-BRANCO, um cantor,

— os irmãos do Lorde Tywin e respectivos descendentes:

— SOR KEVAN LANNISTER, c. Dorna, da Casa Swyft,

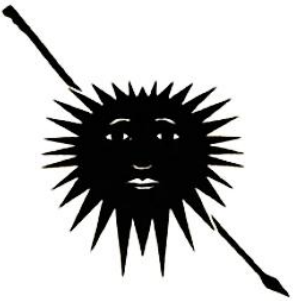
— SENHORA GENNA, c. Sor Emmon Frey, agora Senhor de Correrrio,
— o filho mais velho de Genna, {SOR CLEOS FREY), c. Jeyne, da Casa Darry, morto por fora-da-lei,
— o filho mais velho de Cleos, SOR TYWIN FREY, dito TY, agora herdeiro de Correrrio,
— o segundo filho de Cleos, WILLEM FREY, um escudeiro,
— os filhos mais novos de Genna, SOR LYONEL FREY, {TION FREY}, WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO,
— {SOR TYGETT LANNISTER), morto de varíola,
— TYREK, filho de Tygett, desaparecido e julgado morto,
— SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infantil de Tyrek,
— {GERION LANNISTER}, perdido no mar,
— JOY HILL, filha bastarda de Gerion, onze anos,
— demais família próxima do Lorde Tywin:
— {SOR STAFFORD LANNISTER}, primo e irmão da esposa do Lorde Tywin, morto em batalha em Cruzaboi,
— CERENNA e MYRIELLE, filhas de Stafford,
— SOR DAVEN LANNISTER, filho de Stafford,
— SOR DAMION LANNISTER, um primo, c. Senhora Shiera Crakehall,
— o seu filho, SOR LUCION,
— a sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
— SENHORA MARGOT, uma prima, c. Lorde Titus Peake,
— vassalos e espadas ajuramentadas, os Senhores do Oeste:
— DAMON M ARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
— ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz
— SEBASTION FARMAN, Senhor de Ilha Bela,
— TYTOS BRAX, Senhor de Valcorno,
— QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína,
— SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
— REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira,
— GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro,
— LORDE SELMOND STACKSPEAR,
— TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
— LORDE ANTARIO JAST,
— LORDE ROBIN MORELAND,
— SENHORA ALYSANNE LEFFORD,
— LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
— LORDE PHILIP PLUMM,
— LORDE GARRISON PRESTER,
— SOR LORENT LORCH, um cavaleiro com terras,
— SOR GARTH GREENFIELD, um cavaleiro com terras,

— SOR LYMOND VIKARY, um cavaleiro com terras,
— SOR RAYNARD RUTTTGER, um cavaleiro com terras,
— SOR MANFRED YEW, um cavaleiro com terras,
— SOR TYBOLT HETHERSPOON, um cavaleiro com terra

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Tommen ao Trono de Ferro. Vangloriam-se de descender de Lann, o Esperto, o legen¬dário intrujão da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas.

O símbolo Lannister é um leão dourado num campo de carmim.

O seu lema é Ouça-me rugir!



CASA MARTELL

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,
— a sua esposa, MELLA RIO, da Cidade Livre de Norvos,
— os seus filhos;
— PRINCESA ARIANNE, herdeira de Lançassolar,
— PRÍNCIPE QUENTYN, acabado de armar cavaleiro, educado em Paloferro,
— PRÍNCIPE TRYSTANE, prometido a Myrcella Baratheon,
— SOR GASCOYNE DO SANGUEVERDE, o seu escudo ajuramentado,
— os seus irmãos:
— {PRINCESA ELIA}, violada e assassinada durante o Saque de Porto Real,
— a sua filha {RHAENYS TARGARYEN}, assassinada durante o Saque de Porto Real,
— o seu filho, {AEGON TARGARYEN}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,
— {PRÍNCIPE OBERYN, dito VÍBORA VERMELHA}, morto por Sor Gregor Clegane durante um julgamento por combate,
— a sua amante, ELLARIA SAND, filha ilegítima do Lorde Harmen Uller,
— as suas bastardas, AS SERPENTES DA AREIA:
— OBARA, a mais velha, filha de Oberyn e de uma prostituta de Vilavelha,
— NYMERIA, dita SENHORA NYM, filha de Oberyn e de uma nobre de Velha Volantis,
— TYENE, filha de Oberyn e de uma septã,
— SARELLA, filha de Oberyn e de uma capitã mercante oriunda das Ilhas do Verão,
— ELIA, filha de Oberyn e de Ellaria Sand,
— OBELLA, filha de Oberyn e de Ellaria Sand,

— DOREA, filha de Oberyn e de Ellaria Sand,
— LOREZA, filha de Oberyn e de Ellaria Sand,
— a corte do Príncipe Doran:
— nos Jardins de Água:
— AREO HOTAH, de Norvos, capitão dos guardas,
— MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
— em Lançassolar:
— MEISTRE MYLES, conselheiro, curandeiro e tutor,
— RICASSO, senescal, velho e cego,
— SOR MANFREY MARTELL, castelão em Lançassolar,
— SENHORA ALYSE LADYBRIGHT, senhora tesoureira,
— a sua protegida, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, prometida ao Príncipe Trystane,
— o seu protetor ajuramentado, {SOR ARYS OAKHEART}, morto por Areo Hotah,
— a sua aia e companheira, ROSAMUND LANNISTER, uma prima afastada,
— os seus vassalos, os Senhores de Dorne:
— ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro, Protetor do Caminho de Pedra, o Sangue-Real,
— YNYS, a sua filha mais velha, c. Ryon Allyrion,
— SOR CLETUS, seu filho e herdeiro,
— GWYNETH, a sua filha mais nova, uma menina de doze anos,
— HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
— DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,
— RYON ALLYRION, seu filho e herdeiro,
— DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
— LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
— NYMELLA TOLAND, Senhora de Monte Espírito,
— QUENTYN QORGYLE, Senhor de Arenito,
— SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
— FRANKLYN FOWLER, Senhor de Alcanceleste, dito O VELHO FALCÃO, Protetor do Passo do Príncipe,
— SOR SYMON SANTAGAR, o Cavaleiro de Matamalhada,
— EDR1C DAYNE, Senhor de Tombastela, um escudeiro,
— TREBOR JORDAYNE, Senhor da Penha,
— TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,
— DAERON VAITH, Senhor das Dunas Rubras.

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. O sangue, os costumes, a geografia e a história ajudaram a distinguir os dorneses dos outros reinos. Quando rebentou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não

participou, mas quando Myrcella Baratheon foi prometida ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou o seu apoio ao Príncipe Joffrey.

O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada.

O seu lema é *Insubmissos, não curvados, não quebrados.*

CASA STARK

{ROBB STARK}, Rei no Norte, Rei do Tridente, Senhor de Winterfell, dito O JOVEM LOBO, assassinado no Casamento Vermelho,

— {VENTO CINZENTO}, o seu lobo gigante, morto no Casamento Vermelho,

— os seus irmãos legítimos:

— SANSA, sua irmã, c. Tyrion, da Casa Lannister,

— {LADY}, o seu lobo gigante, morto no Castelo de Darry,

— ARYA, uma menina de onze anos, desaparecida e julgada morta,

— NYMERYA, o seu lobo gigante, a vaguear pelas terras fluviais,

— BRANDON, dito BRAN, um rapaz aleijado de nove anos, herdeiro de Winterfell, julgo morto,

— VERÃO, o seu lobo gigante,

— os companheiros e protectores de Bran:

— RICKON, seu irmão, um rapaz de quatro anos, julgado morto,

— CÃO-FELPUDO, o seu lobo gigante, negro e selvagem,

— OSHA, uma selvagem, outrora cativa em Winterfell,

— o seu meio-irmão bastardo, JON SNOW, da patrulha da Noite,

— FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,

— os seus outros familiares:

— o seu tio, BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha, julgado morto,

— a sua tia, {LYSA ARRYN), Senhora do Ninho de Águia,

— o seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, e Defensor do Vale, um rapaz enfermiço,

— o seu tio, EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado no Casamento Vermelho,

— SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, noiva de Edmure, à espera de bebê,

— o seu tio-avô, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, nos últimos tempos castelão de Correrrio, agora um homem em fuga,
— os vassalos de Winterfell, os Senhores do Norte:
— JON UMBER, dito GRANDE-JON, Senhor da Última Lareira, cativo nas Gêmeas,
— {JON, dito PEQUENO-JON), o filho mais velho e herdeiro do Grande-Jon, morto no Casamento Vermelho,
— MORS, dito PAPA-CORVOS, tio do Grande-Jon, castelão na Última Lareira,
— HOTHER, dito TERROR-DAS-RAMEIRAS, tio do Grande-Jon, também castelão na Última Lareira,
— {CLEY CERWYN), Senhor de Cerwyn, morto em Winterfell,
— JONELLE, sua irmã, uma donzela de trinta e dois anos,
— ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,
— {DOMERIC), seu herdeiro, morto de problemas de barriga,
— WALTON, dito PERNAS DAÇO, seu capitão,
— RAMSAY BOLTON, seu filho ilegítimo, dito O BASTARDO DE BOLTON, Senhor de Boscorno,
— WALDER FREY e WALDER FREY, ditos GRANDE WALDER e PEQUENO WALDER, escudeiros de Ramsay,
— BEN OSSOS, mestre dos canis no Forte do Pavor,
— {FEDOR}, um homem de armas tristemente famoso pelo fedor que deixa, morto enquanto passava por Ramsay,
— os Rapazes do Bastardo, homens de armas de Ramsay:
— PICA AMARELA, DAMON DANÇA-PA- RA-MIM, LUTON, ALYN AZEDO, ESFOLA- DOR, GRUNHIDO,
— {RICKARD KARSTARK}, Senhor de Karhold, decapitado pelo Jovem Lobo por assassinar prisioneiros,
— {EDDARD}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
— {TORRHEN}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,
— HARRION, seu filho, cativo em Lagoa da Donzela,
— ALYS, sua filha, uma donzela de quinze anos,
— o seu tio ARNOLF, castelão de Karhold,
— CREGAN, o filho mais velho de Arnolf,
— ARTHOR, o filho mais novo de Arnolf,
— WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco, muitíssimo gordo,
— SOR WYLIS MANDERLY, seu filho mais velho e herdeiro, muito gordo, cativo em Harrenhal,
— a esposa de Wylis, LEONA, da Casa Woolfield,
— WINAFRYD, a sua filha mais velha,

— WYLLA, a sua filha mais nova,
— {SOR WENDEL MANDERLY}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,
— SOR MARLON MANDERLY, seu primo, comandante da guarnição do Porto Branco,
— MEISTRE THEOMORE, conselheiro, tutor, curandeiro,
— WEX, um rapaz de doze anos, em tempos escudeiro de Theon Greyjoy, mudo,
— SOR BARTIMUS, um velho cavaleiro, perneta, zarolho e frequentemente bêbado, castelão do Covil do Lobo,
— GARTH, um carcereiro e carrasco,
— o seu machado, SENHORA LU,
— THERRY, um carcereiro mais novo,
— MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos, a Ursa,
— {DACEY}, sua filha mais velha, morta no Casamento Vermelho,
— ALYSANE, sua filha, a Jovem Ursa,
— LYRA, JORELLE, LYANNA, as suas filhas mais novas,
— {JEOR MORMONT}, seu irmão, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, morto pelos seus próprios homens,
— SOR JORAH MORMONT, seu filho, um exilado,
— HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,
— a sua esposa, JYANA, dos cranogmanos,
—os seus filhos:
— MEERA, uma jovem caçadora,
— JONJEN, um rapaz abençoado com a visão verde,
— GALBART GLOVER, Senhor de Bosque Profundo, solteiro,
— ROBETT GLOVER, seu irmão e herdeiro,
— a esposa de Robett, SYBELLE, da Casa Locke,
— BENJICOT BRANCH, NED SEM-NARIZ WOODS, homens da mata de lobos ajuramentados a Bosque Profundo,
— {SOR HELMAN TALLHART}, Senhor da Praça de Torrhen, morto em Valdocaso,
— {BENFRED}, seu filho e herdeiro, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,
— EDDARA, sua filha, cativa na Praça de Torrhen,
— {LEOBALD}, seu irmão, morto em Winterfell,
— a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood, cativa em Praça de Torrhen,
— os seus filhos, BRANDON e BEREN, igualmente cativos na Praça de Torrhen,
— RODRIK RYSWELL, Senhor dos Regatos,

— BARBREY DUSTIN, sua filha, Senhora de Vila Acidentada, viúva do Lorde Willam Dustin,

— HARWOOD STOUT, seu vassalo, um pequeno senhor em Vila Acidentada,

— {BETHANY BOLTON}, sua filha, segunda esposa do Lorde Roose Bolton, morta de uma febre,

— ROGER RYSWELL, RICKARD RYSWELL, ROOSE RYSWELL, os seus conflituosos primos e vassalos,

— LYNESSA FLINT, Senhora de Atalaia da Viúva,

— ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,

chefes dos clães de montanha:

— HUGO WULL, dito GRANDE BALDE ou O WULL,

— BRANDON NORREY, dito O NORREY,

— BRANDON NORREU, o Mais-Novo, seu filho

— TORREN LIDDLE, dito O LIDDLE,

— DUNCAN LIDDLE, seu filho mais velho, dito GRANDE LI¬DDLE, um homem da Patrulha da Noite,

— MORGAN LIDDLE, o seu segundo filho, dito LIDDLE DO MEIO,

— RICKARD LIDDLE, o seu terceiro filho, dito PEQUENO LI¬DDLE,

— TORGHEN FLINT, dos Primeiros Flints, dito O FLINT, ou VELHO FLINT,

— DONNEL PRETO FLINT, seu filho e herdeiro,

— ARTOS FLINT, seu segundo filho, meio irmão do Donnel Preto,

A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Ao longo de milhares de anos governaram a partir de Winterfell como Reis do Norte, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Quando o Lorde Eddard Stark de Winterfell foi executado pelo Rei Joftrey, os nortenhos abjuraram a sua lealdade ao Trono de Perro e proclamaram o filho do Lorde Eddard, Robb, como Rei no Norte. Durante a Guerra dos Cinco Reis, ele ganhou todas as batalhas, mas foi traído e assassinado pelos Frey e pelos Bolton nas Gêmeas durante o casamento do tio.

As armas Stark ostentam um lobo gigante cinzento correndo por um campo branco de gelo.

O lema Stark é O Inverno Está a Chegar.

CASA TULLY

EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado no seu casamento e mantido cativo pelos Frey,

— a sua noiva, SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, agora grávida,

— a sua irmã, {SENHORA CATELYN STARK}, viúva do Lorde Eddard Stark de Winterfell, morta no Casamento Vermelho,

— a sua irmã, {SENHORA LYSA ARRYN}, viúva do Lorde Jon Arryn do Vale, empurrada para a morte no Ninho de Águia,

— o seu tio, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, nos últimos tempos castelão de Correrrio, agora um fora-da-lei,

— o seu pessoal em Correrrio:

— MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,

— SOR DESMOND GRELL, mestre-de-armas,

— SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,

— LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,

— UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

— os seus vassalos, os Senhores do Tridente:

— TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Solar de Corvarbor,

— BRYNDEN, seu filho mais velho e herdeiro,

— {LUCAS}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,

— HOSTER, seu terceiro filho, um rapaz dado aos livros,

— EDMUND e ALYN, os seus filhos mais novos,

— BETHANY, sua filha, uma menina de oito anos,

— {ROBERT}, seu filho mais novo, morto de uma soltura de tripas,

— JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,

— BARBARA, JAYNE, CATELYN, BESS, ALYSANNE, as suas cinco filhas,

— HILDY, uma seguidora de acampamentos,

— JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar, prisioneiro no seu próprio castelo,

— PATREK, seu filho, aprisionado com o pai,

— SOR DENYS MALLISTER, tio do Lorde Jason, um homem da Patrulha da Noite,

— CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzelarrosa,
— o seu filho e herdeiro, SOR MARQ PIPER, aprisionado no Casamento Vermelho,
— KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante,
— NORBERT VANCE, o cego Senhor de Atranta,
— THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,
— WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,
— ELEANOR, sua filha e herdeira, treze anos, c. Dickon Tarly, de Monte Chifre,
— SHELLA WHENT, a despojada Senhora de Harrenhal,
— SOR HALMON PAEGE,
— LORDE LYMOND GOODBROOK,

O Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros dos senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O Rei Aegon recompensou-o atribuindo à Casa Tully o domínio sobre todas as terras do Tridente.

O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em campo ondulado de azul e vermelho.

O lema dos Tully é: Família, Dever, Honra.

CASA TYRELL

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,

— a sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,

— os filhos de ambos:

— WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,

— SOR GARLAN, dito O GALANTE, o segundo filho, recentemente nomeado Senhor de Águas Claras,

— a esposa de Garlan, SENHORA LEONETTE da Casa Fossoway,

— SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo, Irmão Ajuramentado da Guarda Real, ferido em Pedra do Dragão,

— MARGAERY, a sua filha, duas vezes casada e duas vezes viúva,

— as companheiras e servidoras de Margaery:

— as suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,

— SENHORA ALYSANNE BULWER,

— SENHORA ALYCE GRACEFORD,

— SENHORA TAENA MERRYWEATHER,

— MEREDYTH CRANE, dita MERRY,

— SEPTÃ NYSTERICA, suas companheiras,

— a sua mãe viúva, SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, dita RAINHA DOS ESPINHOS,

— as suas irmãs:

— SENHORA MINA, c. Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,

— o seu filho, SOR HORAS REDWYNE, dito HORROR,

— o seu filho, SOR HOBBER REDWYNE, dito BARBEIRO,

— a sua filha, DESMERA REDWYNE, dezesseis anos,

— SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,

— os seus tios:

— o seu tio, GARTH TYRELL, dito o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,

— os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,

— o seu tio, SOR MORYN TYRELL, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,

— o tio de Mace, MEISTRE GORMON, ao serviço na Cidadela,

— o pessoal de Mace em Jardim de Cima:

— MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,

— IGON VYRWELL, capitão da guarda,

— SOR VORTIMER CRANE, mestre-de-armas,

— BOSSAS-DE-MANTEIGA, bobo, enormemente gordo,

— os seus vassalos, os Senhores da Campina:

— RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre, ao comando do exército do Rei Tommen no Tridente,

— PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

— SOR HORAS e SOR HOBBER, os seus filhos gêmeos,

— o curandeiro do Lorde Paxter, MEISTRE BALLABAR,

— ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,

— M ATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,

— LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,

— HUMFREY HEWETT, Senhor de Escudorroble,

— FALIA FLOWERS, a sua filha bastarda,

— OSBERT SERRY, Senhor de Escudossul,

— GUTHOR GRIMM, Senhor de Escudogris,

— MORI BA LD CHESTER, Senhor de Escudoverde,

— ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,

— SENHORA TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,

— RUSSEL, o seu filho, um rapaz de seis anos,

— LORDE ARTHUR AMBROSE,

— LORENT CASWELL, Senhor de Pontamarga,

— os seus cavaleiros e espadas a ele ajuramentadas:

— SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.

— SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, embora digam descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens. Quando o último rei da Casa Gardener foi morto no Campo de Fogo, o seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon outorgou-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. Mace Tyrell declarou o seu apoio a Renlly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis, e deu-lhe a mão da sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima fez aliança com a Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva.

O seu lema é: Crescendo Fortes.

OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE

JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, nongentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite,
— FANTASMA, o seu lobo gigante branco,
— o seu intendente, EDDISON TOLETT, dito EDD DOLOROSO,

— em Castelo Negro
— MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cento e dois anos de idade,
— o intendente de Aemon, CLYDAS,
— o intendente de Aemon, SAMWELL TARLY, gordo, e dado aos livros,
— BOWEN MARSH, Senhor Intendente,
— HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,
— {DONAL NOYE}, armeiro e ferreiro, maneta, morto ao portão por Mag, o Poderoso,
— OWEN, dito IDIOTA, TIM LÍNGUA-ENREDADA, MULLY, CUGEN, DONNEL HILL, dito DOCE DONNEL, LEW MÃO ESQUERDA, JEREN,TY, DANNEL, WICK PALITO, intendentes,
— OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,
— BOTA EXTRA, HALDER, ALBETT, BARRICAS, ALF DE LA-MÃGUA, construtores,
— SEPTÃO CELLADOR, um devoto ébrio,
— JACK PRETO BULWER, Primeiro Patrulheiro,
— DYWEN, KEDGE WHITEYE, BEDWYCK dito GIGANTE, MATTHAR, GARTH PENA-CINZA, ULMER DA MATA DE REI, ELRON, GARRETT GREENSPEAR, FULK, O PULGA, PYPAR, dito PYP, GRENN, dito AUROQUE, BERNA RR, dito BERNARR PRETO, TIM STONE, RORY, BEN BARBUDO, TOM BARLEYCORN, GOADY LIDDLE GRANDE, LUKE DE VILA- LONGA, patrulheiros,
— COUROS, um selvagem transformado em corvo,
— SOR ALLISER THORNE, antigo mestre-de-armas,
— LORDE JANOS SLYNT, antigo comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,
— EMMETT DE FERRO, anteriormente de Atalaialeste, mestre-de-armas,
— HARETH, dito CAVALO, os gêmeos ARRON e EMRICK, CETIM, PISCO-SALTITÃO, recrutas em treino,

— na Torre Sombria

— SOR DENYS MALLISTER, comandante,
— o seu intendente e escudeiro, WALLACE MASSEY,
— MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.
— {QHORIN MEIA-MÃO, ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos para lá da Muralha,
— COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava apeado,

— em Atalaialeste-do-Mar
— COTTER PYKE, um bastardo das Ilhas de Ferro, comandante,
— MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,
— VELHO FARRAPO SALGADO, capitão do Melro,
— SOR GLENDON HEWETT, mestre-de-armas,
— SOR MAYNARD HOLT, capitão do Garra,
— RUS BARLEYCORN, capitão do Corvo de Tempestade

OS SELVAGENS, OU O POVO LIVRE

MANCE RAYDER, Rei-para-lá-da-Muralha, um cativo em Castelo Negro,
— a sua esposa, {DALLA}, morta de parto,
— o filho recém-nascido de ambos, nascido em batalha, por enquanto sem nome,
— VAL, a irmã mais nova de Dalla, "a princesa selvagem", uma cativa em Castelo Negro,
— {JARL}, o amante de Val, morto numa queda,

— os seus capitães, chefes e assaltantes:
— O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, um assaltante e chefe de um bando de guerra, cativo em Castelo Negro,
— {YGRITTE}, uma jovem esposa de lanças, amante de Jon Snow, morta durante o ataque a Castelo Negro,
— RYK, dito LANÇA-LONGA, membro do seu bando,
— RAGWYLE, LENYL, membros do seu bando,
— TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRA- DOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE HOSTES,
— os filhos de Tormund, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, a sua filha MUNDA,
— O CHORÃO, dito O HOMEM QUE CHORA, um notório assaltante e líder de um bando de guerra,
— {HARMA, dita CABEÇA DE CÃO}, morta junto da Muralha,
— HALLECK, seu irmão,
— {STYR}, Magnar de Thenn, morto durante o ataque a Castelo Negro,
— SIGORN, filho de Styr, o novo Magnar de Thenn,
— VARAMYR, dito SEIS-PELES, um troca-peles e warg, chamado GRUMO em rapaz,
— UM-OLHO, MATREIRA, FURTIVO, os seus lobos,
— o seu irmão,{BOSSA}, morto por um cão,
— o seu pai adotivo, {HAGGON}, um warg caçador,
— THISTLE, uma esposa de lanças, dura e rústica,
— {BRIAR, GRISELLA}, troca-peles, há muito mortos,
— BORROQ, dito O JAVALI, um troca-peles, muito temido,
— GERRICK SANGUEDERREI, do sangue de Raymun Barbavermelha,

— as suas três filhas,
— SOREN QUEBRASCUDOS, um afamado guerreiro,
— MORNA MÁSCARA BRANCA, a bruxa guerreira, uma assaltante,
— YGON PAI VELHO, um chefe de clã com dezoito esposas,
— A GRANDE MORSA, líder na Costa Gelada,
— MÃE TOUPEIRA, uma bruxa da floresta, dada às profecias,
— BROGG, GAVIN, O MERCADOR, HARLE, O CAÇADOR, HARLE, O BELO, HOWD VADIO, DOSS CEGO, KYLEG DA ORELHA DE MA¬DEIRA, DEVYN ESFOLAFOCAS, chefes e líderes entre o povo livre,
— {ORELL, dito ORELL, A ÁGUIA}, um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,
— {MAG MAR TUN DOH WEG, dito MAG, O PODEROSO}, um gigante, morto por Donal Noye ao portão de Castelo Negro,
— WUN WEG WUN DAR WUN, dito WUN WUN, um gigante,
— ROWAN, HOLLY, ESQUILA, WILLOW OLHO-DE-BRUXA, FRENYA, MYRTLE, esposas de lanças, cativas na Muralha.

PARA LÁ DA MURALHA

— Na Floresta Assombrada
— BRANDON STARK, dito BRAN, Príncipe de Winterfell e herdeiro do Norte, um rapaz aleijado com nove anos,
— os seus companheiros e protetores:
— MEERA REED, uma donzela de dezesseis anos, filha do Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,
— JOJEN REED, seu irmão, treze anos, amaldiçoado com a visão verde,
— HODOR, um rapaz simplório, com dois metros e dez de altura,
— o seu guia, MÃOS-FRIAS, vestido de negro, talvez em tempos um homem da Patrulha da Noite, agora um mistério,
— na Fortaleza de Craster
— os traidores, em tempos homens da Patrulha da Noite:
— ADAGA, que assassinou Craster,
— OLLO MÃO-CORTADA, que matou o Velho Urso, Jeor Mormont,
— GARTH DE VIAVERDE, MAWNEY, GRUBBS, ALAN DE ROSBY, antigos patrulheiros,
— KARL PÉ-TORTO, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, antigos intendentes,
— nas cavernas sob um monte oco
— O CORVO DE TRÊS OLHOS, também chamado O ÚLTIMO VIDENTE VERDE, feiticeiro e caminhante de sonho, em tempos um homem da Patrulha da Noite chamado BRYNDEN, agora mais árvore do que homem,
— os filhos da floresta, aqueles que cantam a canção da terra, os últimos da sua raça moribunda:
— FOLHA, CINZA, ESCAMAS, FACA PRETA, MADEIXAS DE NEVE, CARVÕES.

ESSOS

PARA LÁ DO MAR ESTREITO

EM BRAAVOS

FERREGO ANTARYON, Senhor do Mar de Bravos, enfermiço e débil,
— QARRO VOLENTIN, Primeira Espada de Bravos, seu protector,
— BELLEGERE OTHERYS, dita PÉROLA NEGRA, uma cortesã descendente da rainha pirata homônima,
— A SENHORA VELADA, A RAINHA BACALHAU, A SOMBRA DE LUA, A FILHA DA PENUMBRA, O ROUXINOL, A POETISA, cortesãs famosas,
— O HOMEM AMÁVEL e A CRIANÇA ABANDONADA, servos do Deus de Muitas Caras na Casa do Branco e Negro,
— UMMA, a cozinheira do templo,
— O HOMEM BONITO, O GORDO, O FIDALGO, O DA CARA SEVERA, O VESGO e O ESFOMEADO, servos secretos do Deus das Muitas Caras,
— ARYA da Casa Stark, uma noviça ao serviço na Casa do Preto e Branco, também conhecida como ARRY, NAN, DONINHA, POMBINHA, SALGADA e GATA DOS CANAIS,
— BRUSCO, um peixeiro,
— as suas filhas, TALEA e BREA,
— MERALYN, dita DIVERTIDA, proprietária do Porto Feliz, um bordel próximo do Porto do Trapeiro,
— A ESPOSA DO MARINHEIRO, uma prostituta no Porto Feliz,
— LANNA, sua filha, uma jovem prostituta,
— ROGGO VERMELHO, GYLORO DOTHARE, GYLENO DOTHARE, um escriba chamado PENA, COSSOMO, O PRESTIDIGITADOR, fregueses do Porto Feliz, TAGGANARO, um carteirista e ladrão das docas,
— CASSO, O REI DAS FOCAS, a sua foca treinada, S'VRONE, uma prostituta das docas com inclinações assassinas, A FILHA BÊBADA, uma prostituta de temperamento instável,

NA VELHA VOLANTIS

— Os triarcas reinantes:

— MALAQUO MAEGYR, Triarca de Volantis, um tigre,
— DONIPHOS PAENYMION, Triarca de Volantis, um elefante,
— NYESSOS VI IASSAR, Triarca de Volantis, um elefante,

— pessoas de Volantis:

— BENERRO, Alto Sacerdote de R'hllor, o Senhor da Luz,
— o seu braço direito, MOQORRO, um sacerdote de R'hllor,
— A VIÚVA DA BORDA DÃGUA, uma liberta rica da cidade, também chamada RAMEIRA DE VOGARRO,
— os seus ferozes protetores, OS FILHOS DA VIÚVA,
— CENTAVA, uma menina escrava e saltimbanca,
— a sua porca, PORCA BONITA,
— o seu cão, TRINCÀO,
— {TOSTÃO}, irmão de Centava, um saltimbanco anão, assassinado e decapitado,
— ALIOS QHAEDAR, um candidato a triarca,
— PARQUELLO VAELAROS, um candidato a triarca,
— BEL1CHO STAEGONE, um candidato a triarca,
— GRAZDAN MO ERAZ, um emissário de Yunkai.

NA BAÍA DOS ESCRAVOS

— Em Yunkai, a Cidade Amarela:

— YURKHAZ ZO YUNZAK, Supremo Comandante dos Exércitos e Aliados de Yunkai, um escravagista e nobre idoso de impecável nascimento,

— YEZZAN ZO QAGGAZ, escarnecido como BALEIA AMARELA, monstruosamente obeso, enfermo, imensamente rico,

— ENFERMEIRO, o seu capataz escravo,

— DOCES, um escravo hermafrodita, o seu tesouro,

— CICATRIZ, um sargento e soldado escravo,

— MORGO, um soldado escravo,

— MORGHAZ ZO ZHERZYN, um nobre frequentemente com os copos, escarnecido como O CONQUISTADOR BÊBADO,

— GORZFIAK ZO ERAZ, um nobre e escravagista, escarnecido como CARA DE PUDIM,

— FAEZHAR ZO FAEZ, um nobre e escravagista, conhecido como O COELHO,

— GHAZDOR ZO AHLAQ, um nobre e escravagista, escarnecido como SENHOR BOCHECHAS DE BALOIÇO,

— PAEZHAR ZO MYRAQ, um nobre de baixa estatura, escarnecido como O POMBINHO,

— CHEZDHAR ZO RHAEZN, MAEZON ZO RHAEZN, GRAZDHAN ZO RHAEZN, nobres e irmãos, escarnecidos como OS SENHORES DOS TINIDOS,

— O QUADRIGUEIRO, O DOMADOR, O HERÓI PERFUMADO, nobres e escravagistas,

— cm Astapor, a Cidade Vermelha:

— CLEON, O GRANDE, dito O REI CARNICEIRO,

— CLEON II, seu sucessor, rei durante oito dias,

— REI ASSASSINO, um barbeiro, cortou a goela a Cleon II para lhe roubar a coroa,
— RAINHA RAMEIRA, concubina do Rei Cleon II, reivindicou o trono após o seu assassinato.

A RAINHA DO OUTRO LADO DO MAR

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira do Seu Nome, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhora dos Sete Reinos, Protetora do Território, Khaleesi do Grande Mar de Erva, dita DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO-QUEIMADA, MÃE DOS DRAGÕES,

— os seus dragões, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

— o seu irmão, {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão, morto por Robert Baratheon no Tridente,

— a filha de Rhaegar, {RHAENYS}, assassinada durante o Saque de Porto Real,

— o filho de Rhaegar, {AEGON}, um bebê de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,

— o seu irmão, {VISERYS}, o Terceiro do Seu Nome, dito o REI PEDINTE, coroado com ouro derretido,

— o senhor seu esposo, {DROGO}, um khal dos dothraki, morto de um ferimento gangrenado,

— filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, {RHAEGO}, morto no ventre pela maegi Mirri Maz Duur,

— os seus protetores:

— SOR BARRISTAN SELMY, dito BARRISTAN, O OUSADO, em tempos Senhor Comandante da Guarda Real do Rei Robert,

— os rapazes deste, escudeiros em treino para serem armados cavaleiros:

— TUMCO LHO, das Ilhas Basilisco,

— LARRAQ, dito CHICOTADA, de Meereen,

— O OVELHA VERMELHA, um liberto lhazareno,

— os RAPAZES, três irmãos ghiscariotas,

— BELWAS, O FORTE, eunuco e antigo escravo de combate,

— os companheiros de sangue dothraki:

— JHOGO, o chicote, sangue do seu sangue,

— AGGO, o arco, sangue do seu sangue,
— RAKHARO, o arakh, sangue do seu sangue,
— os seus capitães e comandantes:
— DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, ao comando dos Corvos Tormentosos, uma companhia livre,
— BEN PLUMM, dito BEN CASTANHO, um mercenário mestiço, ao comando dos Segundos Filhos, uma companhia livre,
— VERME CINZENTO, um eunuco, ao comando dos Imaculados, uma companhia de infantaria eunuca,
— HERÓI, um capitão Imaculado, segundo comandante,
— ESCUDO VIGOROSO, um lanceiro Imaculado,
— MOLLONO YOS DOB, comandante dos Escudos Vigorosos, uma companhia de libertos,
— SYMON DORSOLISTADO, comandante dos Irmãos Livres, uma companhia de libertos,
— MARSELEN, comandante dos Homens da Mãe, uma companhia de libertos, um eunuco, irmão de Missandei,
— GROLEO de Pentos, anteriormente capitão da grande coca Saduleon, agora um almirante sem frota,
— ROM MO, um jaqqa rhan dos dothraki,
— a sua corte meerenesa:
— REZNAK MO REZNAK, seu senescal, careca e untuoso,
— SKAHAZ MO KANDAQ, dito O TOLARRAPADA, de cabeça raspada, comandante das Feras de Bronze, a sua patrulha da cidade,
— as suas aias e criados:
— IRRI e JHIQUI, jovens dos dothraki,
— MISSANDEI, uma escriba e tradutora de Naath,
— GRAZDAR, QEZZA, MEZZARA, KEZMYA, AZZAK, BHAKAZ, MIKLAZ, DHAZZAR, DRAQAZ, JHEZANE, crianças das pirâmides de Meereen, seus copeiros e pajens,
— gente de Meereen, bem-nascida e plebeia:
— GALAZZA GALARE, a Graça Verde, alta sacerdotisa no Templo das Graças,
— GRAZDAM ZO GALARE, seu primo, um nobre,
— HIZDAHR ZO LORAQ, um rico nobre meereenês, de antiga linhagem,
— MARGHAZ ZO LORAQ, seu primo,
— RYLONA RHEE, liberta e harpista,
— {HAZZEA}, filha de um agricultor, com quatro anos de idade,
— GOGHOR, O GIGANTE, KHRAZZ, BELAQUO QUEBRA-OSSOS, CAMARRON DA CONTAGEM, DESTEMIDO ITHOKE, GATO MALHADO, BARSENA CABELOPRETO, PELEDAÇO, combatentes nas arenas e escravos libertos,

— os seus aliados incertos, falsos amigos e conhecidos inimigos:
— SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos,
— {MIRRI MAZ DUUR}, esposa de deus e maegi, criada do Grande Pastor de Lhazar,
— XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
— QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
— ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,
— CLEON, O GRANDE, rei carniceiro de Astapor,

— pretendentes da rainha
— na Baía dos Escravos:
— DAARIO NAHARIS, oriundo de Tyrosh, um mercenário e capitão dos Corvos Tormentosos,
— HIZDAHR ZO LORAQ, um rico nobre meereenês,
— SKAHAZ MO KANDAQ, dito O TOLARRAPADA, um nobre de Meereen, de inferior estatuto,
— CLEON, O GRANDE, Rei Carniceiro de Astapor,

— em Volantis:
— PRÍNCIPE QUENTYN MARTELL, filho mais velho de Doran Martell, Senhor de Lançassolar e Príncipe de Dorne,
— os seus protetores ajuramentados e companheiros:
— {SOR CLETUS YRONWOOD}, herdeiro de Paloferro, morto por corsários,
— SOR ARCHIBALD YRONWOOD, primo de Cletus, dito O GRANDALHÃO,
— SOR GERRIS DRINKWATER,
— {SOR VVILLAM WELLS}, morto por corsários,
— {MEISTRE KEDRY), morto por corsários,

— no Roine:
— JOVEM GRIFF, um rapaz de cabelo azul com dezoito anos,
— o seu pai adotivo, GRIFF, um mercenário nos últimos tempos da Companhia Dourada,
— os seus companheiros, professores e protetores:
— SOR ROLLY CAMPOPATO, dito PATO, um cavaleiro,
— SEPTÃ LEMORE, uma mulher da Fé,
— HALDON, dito SEMIMEISTRE, seu tutor,
— YANDRY, dono e capitão da Tímida Donzela,
— YSILLA, sua esposa,
— no mar:

— VICTARION GREYJOY, Senhor Capitão da Frota de Ferro, dito O CAPITÃO DE FERRO,

— a sua aquecedora de cama, uma mulher morena sem língua, presente de Euron Olho de Corvo,

— o seu curandeiro, MEISTRE KERWIN, proveniente de Escudo-verde, presente de Euron Olho de Corvo,

— a sua tripulação no Vitória de Ferro:

— WULFE UMA-ORELHA, RAGNOR PYKE, AGUA-LONGA PYKE, TOM TIDEWOOD, BURTON HUMBLE, QUELLON HUMBLE, STEFFAR GAGO

— os seus capitães:

— RODRIK SPARR, dito O ARGANAZ, capitão da Des¬gosto,

— RALF VERMELHO STONEHOUSE, capitão do Bobo Vermelho,

— MANFRYD MERLYN, capitão do Milhafre,

— RALF, O COXO, capitão do Lorde Quellon,

— TOM CODD, dito TOM EXANGUE, capitão do Lamentação

— DAEGON SHEPHERD, dito PASTOR NEGRO, capitão do Adaga,

Os Targaryen são do sangue do dragão, e descendem dos grandes senhores da antiga Cidade Livre de Valíria, identificando-se o seu legado por olhos lilazes, índigo ou violeta e cabelo de um louro prateado. A fim de preservar o seu sangue e mantê-lo puro, a Casa Targaryen casou frequentemente irmão com irmã, primo com prima, tio com sobrinha. O fundador da dinastia, Aegon, o Conquistador, tomou ambas as irmãs como esposas e foi pai de filhos varões com ambas. A bandeira Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro, representando as três cabeças Aegon e as irmãs.

O lema Targaryen é Fogo e Sangue.

OS MERCENÁRIOS

HOMENS E MULHERES DAS COMPANHIAS LIVRES

— A COMPANHIA DOURADA, dez mil homens, de incerta lealdade:
— HARRY SEM-ABRIGO STRICKLAND, capitão-general,
— WATKYN, seu escudeiro e copeiro,
— {SOR MYLES TOYNE, dito CORAÇÃO NEGRO}, morto há quatro anos, o anterior capitão-general,
— BALAQ PRETO, um ilhéu do verão de cabelo branco, comandante dos arqueiros da companhia,
— LYSONO MAAR, um mercenário oriundo da Cidade Livre de Lys, mestre dos espiões da companhia,
— GORYS EDORYEN, um mercenário oriundo da Cidade Livre de Volantis, tesoureiro da companhia,
— SOR FRANKLYN FLOWERS, o Bastardo de Solar de Cidra, um mercenário oriundo da Campina,
— SOR MARQ MANDRAKE, um exilado fugido da escravatura, marcado pelas bexigas,
— SOR LASWELL PEAKE, um senhor exilado,
— os seus irmãos, TORMAN e PYKEWOOD,
— SOR TRISTAN RIVERS, bastardo, fora-da-lei, exilado,
— CASPOR H1LL, HUMFREY STONE, MALO JAYN, DICK COLE, WILL COLE, LORIMAS MUDD, JON LOTHSTON, LYMOND PEASE, SOR BRENDEL BYRNE, DUNCAN STRONG, DENYS STRONG, CORRENTES, JOVEM JON MUDD, sargentos da companhia,
— {SOR AEGOR RIVERS, dito AÇAMARGO}, um filho bastardo do Rei Aegon IV Targaryen, fundador da companhia,
— {MAELYS I BLACKFYRE, dito MAELYS, O MONSTRUOSO}, capitão-general da companhia, pretendente ao Trono de Ferro de Westeros, membro do Bando de Nove, morto durante a Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros,

— OS AVENTADOS, duzentos homens de cavalaria e infantaria, ajuramentados a Yunkai,
— O PRÍNCIPE ESFARRAPADO, um antigo nobre da Cidade Livre de Pentos, capitão e fundador,
— CAGGO, dito MATA-CADÁVERES, seu braço direito,
— DENZO DTIAN, o bardo guerreiro, seu braço esquerdo,

— HUGH HUNGERFORD, sargento, antigo tesoureiro da companhia, multado em três dedos por roubar,
— SOR ORSON STONE, SOR LÚCIFER LONG, WILL DOS BOSQUES, DICK STRAW, JACK CENOURA, mercenários oriundos de Westeros,
— LINDA MERIS, a torturadora da companhia,
— LIVROS, um mercenário volanteno e notório leitor,
— FEIJÕES, um besteiro, oriundo de Myr,
— VELHO BILL BONE, um idoso ilhéu do verão,
— MYRIO MYRAKIS, um mercenário oriundo de Pentos,

—A COMPANHIA DO GATO, três mil homens, ajuramentados a Yunkai,
— BARBA SANGRENTA, capitão e comandante,
— AS LONGAS LANÇAS, oitocentos cavaleiros, ajuramentados a Yunkai,
— GYLO RH EGAN, capitão e comandante,

— OS SEGUNDOS FILHOS, quinhentos cavaleiros, ajuramentados à Rainha Daenerys,
— BEN CASTANHO PLUMM, capitão e comandante,
— KASPORIO, dito KASPORIO, O ASTUCIOSO, um espadachim, segundo comandante,
— TYBERO ISTARION, dito TINTEIROS, tesoureiro da companhia,
— MARTELO, um ferreiro e armeiro bêbado,
— o seu aprendiz, chamado PREGO,
— ARREBATO, um sargento maneta,
— KEM, um jovem mercenário oriundo do Fundo das Pulgas,
— BOKKOKO, um machadeiro de formidável reputação,
— UHLAN, um sargento da companhia,

— OS CORVOS TORMENTOSOS, quinhentos cavaleiros, ajuramentados à Rainha Daenerys,
— DAARIO NAHARIS, capitão e comandante,
— O ENVIUVADOR, o seu segundo comandante,
— JOKIN, comandante dos arqueiros da companhia.

Patricia Vázquez Ibáñez 2008